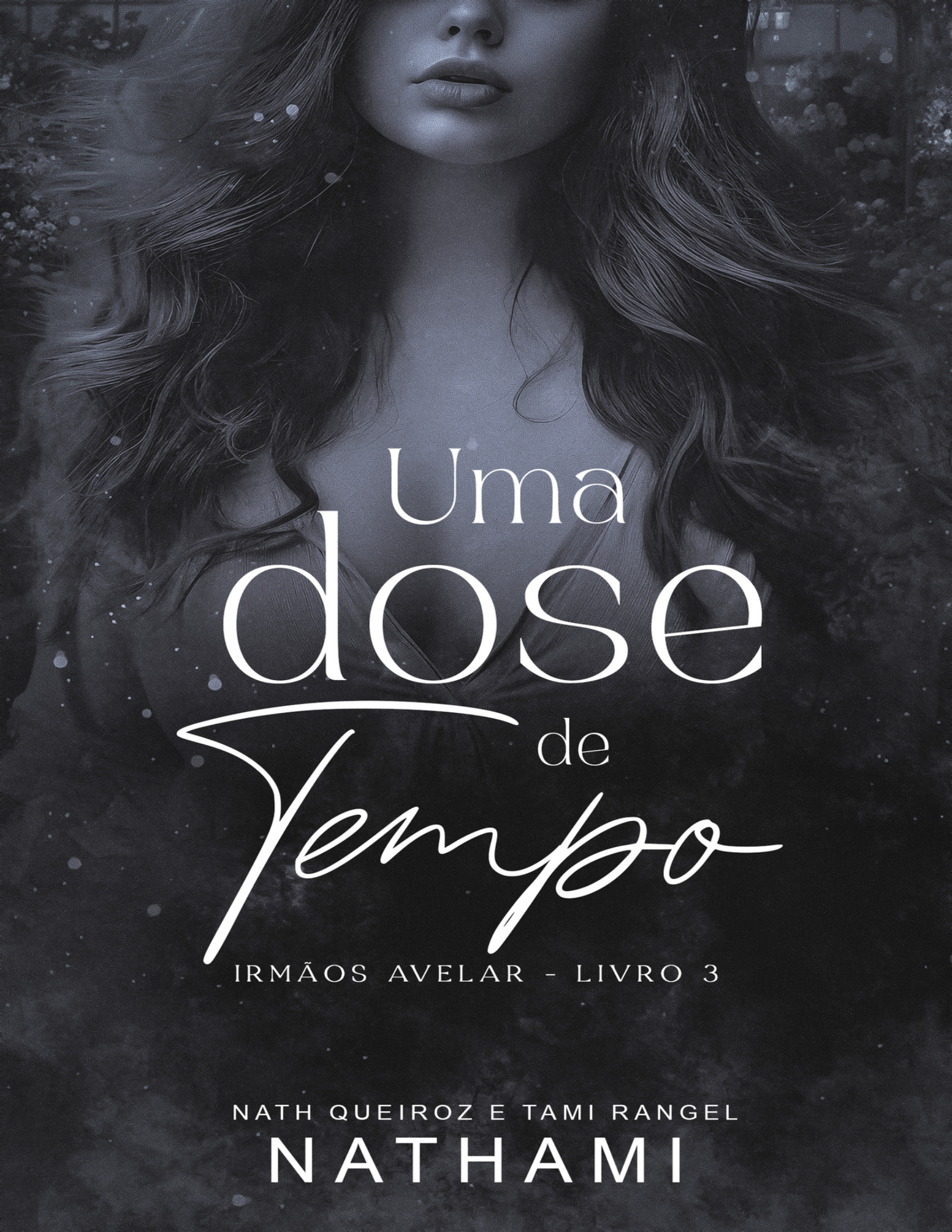

Uma
dose
de
Tempo
IRMÃOS AVELAR - LIVRO 3
NATH QUEIROZ E TAMI RANGEL
NATHAMI

Uma dose de Tempo

IRMÃOS AVELAR - LIVRO 3

NATH QUEIROZ E TAMI RANGEL

NATHAMI

Direitos Autorais © 2024 Nath Queiroz e Tami Rangel

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito das autoras.
É importante ressaltar que o livro a seguir apresentará concessões propositais à norma culta visando tornar a narração em primeira pessoa o mais próxima possível da fala e pensamentos cotidianos.

Diagramação: Tami Rangel
Revisão: Aline Paixão (Panda) @pandalendo
Betagem: Bibi, Bea, Lule, Lau, Pry, Lu Torres, Deia, Talita, Let
Capa: LA Designer de Capas
Ilustração: Leo Comixo

Site: www.nathqueirozetamirangel.com.br
E-mail: nathamiautoras@gmail.com
Instagram: @nathamiautoras
Assessoria: pandalendo@gmail.com (@pandalendo)

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38

Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Epílogo

Para todas que carregam no peito saudades impossíveis de superar.



Quer ler escutando a *playlist* oficial do livro? Clique aqui ou clique na barra de busca do Spotify e selecione o ícone de câmera. Clique em ESCANEAR. Aponte sua câmera para o código abaixo e pronto, agora é só curtir!

Aproveita que tá recheada de música boa selecionada a dedo pela nossa especialista em playlist @pandalendo.

Nota das Autoras

Queridas leitoras,

Lara e Ian são um casal marcante. Aquele tipo de casal com selo protagonista estampado bem no meio da testa dos dois.

Eles são intensos, falhos, decididos e, se querem a nossa opinião, perfeitos.

O romance entre eles não é rápido (perdão para as haters de slow burn), mas cada página é necessária para que vocês compreendam que além de um casal, eles também são pessoas individuais em busca de suas próprias histórias.

Eles precisaram de uma pequena dose de tempo para finalmente ficarem juntos e agora vocês vão ter uma grande dose dos dois. Ah, e de Alice também, é claro. Preparem-se para conhecer a melhor criança literária do mundo (alerta de gatilho: esse livro não é nada anticoncepcional).

Mais do que o amor entre eles, Uma Dose de Tempo quer te contar uma história sobre perdão, sobre recomeços, sobre erros e sobre acertos. Nem tudo que acontece na nossa vida é preto no branco e tá tudo bem.

Este livro vai trazer alguns gatilhos (embora leves) de relacionamento tóxico, problemas familiares e distorção da imagem corporal. Se em algum momento, a leitura não te fizer bem, por favor, interrompa.

É a última (será?) vez que voltamos para o universo dos Irmãos Avelar, então leia com calma e deguste cada página. Quem estamos querendo enganar? Sabemos bem que vocês vão ler tudo em horas.

Estamos de portas abertas para recebermos vocês na nossa casa novamente.

Podem entrar e fiquem à vontade.

Com amor,

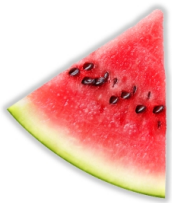
Nathami





"E quando for o momento de encontrarmos nosso lar, saberemos o caminho."

(Moana)



Capítulo 1.

LARA AVELAR

ANOS ATRÁS

Eu não sei ao certo quando os meninos deixaram de ser chatos, insuportáveis e ter boca apenas para falar besteira e passaram a ser interessantes, engraçadinhos e ter uma boca que dava vontade de colar na minha em um beijo.

Acho que foi mais ou menos no meio do ano, durante a festa junina da minha escola, quando Igor disse que eu ficava bonita de trança. Até o ano passado, ele adorava implicar com elas. Depois desse dia, eu definitivamente queria colar a minha boca na dele. Aquelas covinhas eram tão lindinhas...

Parece que nossa vida inteira muda quando completamos treze anos de idade!

Mas foi na confraternização de final de ano da minha turma, quando fomos passar o dia no sítio da família da Suzane, que o nosso beijo aconteceu. Ele sentou ao meu lado no ônibus durante todo o trajeto até lá e, quando a gente estava dentro da piscina, disse no meu ouvido que eu era a menina mais bonita da escola. Achei que meu coração fosse explodir de felicidade. Mas o dia, que já estava incrível, ficou ainda melhor quando, quase no fim da tarde, ele perguntou se eu queria dar um passeio com ele. Eu disse que sim, é claro.

Aproveitando que nossos colegas de turma estavam ocupados nadando ou jogando vôlei, Igor e eu caminhamos, de mãos dadas, até a parte do sítio onde o ônibus que nos levou para o passeio estava estacionado. Só

tínhamos nós dois ali e comecei a sentir a palma da minha mão suar um pouco.

— Que bromélias lindas — falei, observando as plantas que decoravam aquela parte do sítio e tentando controlar as batidas desritmadas do meu coração.

— Você é mais linda que todas as flores desse jardim — ele disse com o olhar fixo ao meu. E eu, completamente apaixonada por flores, não poderia receber um elogio melhor. — Lara? — chamou em um tom de pergunta.

— Igor? — respondi no mesmo tom.

Ele se aproximou ainda mais de mim e colocou alguns fios soltos do meu cabelo atrás da orelha.

— Posso te dar um beijo?

Ah, meu Deus. A essa altura, eu já tinha desistido de fazer meu coração bater no ritmo certo. Era meu primeiro beijo, o primeiríssimo de todos.

— P-pode — minha voz saiu em um sussurro.

O tempo pareceu congelar quando Igor se aproximou de mim e grudou seus lábios nos meus. Sua língua invadiu minha boca de maneira meio desengonçada e eu não sabia muito bem o que fazer com minhas mãos. Mas tudo que se passava pela minha cabeça era a frase "Ai, meu deus! Estou beijando na boca de um menino."

Domingo, 15 de dezembro, 17h45: o momento em que Lara Vianna Avelar perdeu o seu BV.

Infelizmente, depois desse dia, nossas férias da escola começaram oficialmente e Igor viajou com a família para a Costa dos Corais, onde passaria as férias de verão... E eu não fazia ideia de quando o veria de novo. E nem se ele iria me dar mais beijos quando voltasse.

Era uma manhã ensolarada da primeira semana de janeiro e eu estava deitada na minha cama, mexendo no celular, quando vi que Igor tinha postado uma nova foto em sua rede social. Cliquei no mesmo segundo

para ver o que era e me deparei com uma foto dele, sem camisa e de cabelos molhados, ao lado de uma prancha de surf na beira de uma praia.

Eu deveria responder? Ou deveria ignorar e me fazer de difícil? Depois de muitos minutos travando uma batalha interna, decidi mandar uma mensagem.

***lara.avelar**: amei a foto! feliz ano novo! curte bastante suas férias!*

Encarei a tela do meu celular praticamente sem piscar durante um bom tempo esperando por uma resposta. Pareceu durar uma eternidade até que a palavra "visto" apareceu no nosso chat, indicando que ele tinha lido minha mensagem. Meu coração acelerou, esperando uma resposta dele, mas... Uma curtida. Tudo que ganhei foi a droga de um like na mensagem que eu tinha enviado.

Mas é claro que dava para ficar pior do que isso.

Porque, segundos depois, ele postou uma nova foto. Dessa vez, o menino que me beijou dias atrás e prometeu que iria me ligar e nunca ligou, estava ao lado de uma garota, com a mão ao redor da cintura dela. A menina tinha cabelos loiros, pele queimada de sol e um corpo que parecia ter nascido para usar o biquíni cortininha que ela vestia. E, como se isso não fosse ruim o suficiente, ele ainda escreveu na legenda: "na melhor companhia para me divertir nas férias, amo você, gatinha" e um emoji de coração.

Senti minha garganta queimar. Aquelas palavras me assombrariam para sempre. Respirei fundo, sem entender porque tudo ao meu redor, do mais absoluto nada, parecia ter sido tingindo de vermelho.

Era difícil demais ser uma garota de treze anos de idade!

Quer saber? Meninos são idiotas. Eles podem envelhecer, ter bocas completamente beijáveis, mas seguem sendo idiotas. E por que eu estava triste por causa de um menino que beijei apenas uma vez e não passa de um bobo? Silenciei o perfil de Igor no aplicativo, não querendo mais receber nenhuma atualização das férias idiotas dele.

Iria curtir minhas férias e encontrar um garoto que soubesse me valorizar. Talvez eu devesse investir em caras um pouquinho mais velhos... Será que o Murilo do 9º ano está solteiro? Antes que eu fosse stalkear o perfil dele, mamãe apareceu na porta do meu quarto.

— Filha, você está pronta?

— Estou... Só vou pegar minha bolsa — falei.

Nós duas iríamos ao shopping porque eu precisava de um biquíni novo para usar mais tarde no churrasco na casa da tia Mel. Eu amava quando os almoços eram na casa dela porque ela e o tio Henri tinham uma piscina que, além de ser gigante, era aquecida. Os meus pais e os meus tios sempre se reuniam para almoçar, jantar ou fazer qualquer coisa, desde que estivessem juntos. Nós éramos uma grande família, ainda que nem todos compartilhassem o mesmo sangue. Esse era só um pequeno e desimportante detalhe.

Guardei meu celular na bolsinha transversal que ganhei de Gabi no meu último aniversário e saí com minha mãe em direção ao shopping.

— Está tudo bem, Lara? — mamãe perguntou no meio do caminho.

— Sim — falei.

Minha mãe me encarou com as sobrancelhas erguidas. Ela parecia ter algum superpoder porque sempre sabia quando eu não estava sendo completamente honesta.

— Não vou te obrigar a me contar nada, mas quero que você se lembre que estarei sempre pronta para te ouvir, querida — disse.

— É só bobeira...

— Nada que faça você se sentir mal é bobeira, meu amor — falou.

Mamãe era a minha melhor amiga e eu confiava nela mais do que em qualquer outra pessoa. Mas isso não a impedia de me dar broncas quando necessário, infelizmente.

— Lembra do Igor? — Mamãe assentiu. Ela foi uma das primeiras a saber sobre o meu primeiro beijo. — Achei que a gente ia continuar ficando, mas pelo visto ele está com outra garota e já me esqueceu.

Senti meu olho arder, mas eu não choraria. Me recusava a chorar por um garoto qualquer.

— Ah, querida, sinto muito. Se você nunca sangrar, nunca irá crescer — disse uma das suas frases filosóficas que adorava escrever em seus livros e a encarei um pouco confusa. — Isso quer dizer que você ainda passará por muitos corações partidos ao longo da vida, Lara. Faz parte da jornada.

— Que saco! — reclamei, fazendo a mamãe soltar uma risada.

— Quer saber a parte boa? — Assenti. — Não há evidências científicas, mas posso te garantir que um sorvete de brigadeiro cura um pouquinho dessa dor. E, além disso, eu vou estar sempre aqui para te confortar quando precisar.

— Obrigada, mãe — disse, abraçando-a.

Assim que chegamos ao shopping, fomos direto para minha loja favorita em busca do biquíni perfeito para passar a tarde inteirinha na piscina sem pensar em garotos idiotas. A vendedora nos mostrou vários modelos e, depois de experimentar pelo menos uns quinze, acabei optando por um de cor lilás e com a parte de baixo no estilo hot pant.

— Tem certeza que não quer levar o de estampa floral também? Você ama flores — mamãe disse quando nos aproximamos do caixa para pagar pelo produto.

— Não achei que ficou bom em mim — respondi. A parte inferior do biquíni possuía laterais finas demais que não valorizavam em nada meu corpo.

Mamãe pagou pelo biquíni e, antes de voltarmos para casa, passamos na sorveteria para tomar um sorvete.

O churrasco estava marcado para começar dentro de meia hora e eu estava sentada na minha penteadeira, terminando de passar um corretivo para esconder uma espinha que tinha teimado em aparecer no meu rosto.

— Por que você está passando esse caralho no rosto se vai entrar na piscina? — Caio, meu irmão, perguntou.

— Pra demorar ainda mais e fazer a gente chegar atrasado — Nick, meu outro irmão, respondeu.

— Vocês dois são muito chatos — falei. — E isso daqui é a prova d'água. Não vai sair quando eu entrar na piscina.

Os dois adoravam implicar comigo, mas, ainda assim, não me imagino sendo filha única. Eles me irritam, mas daria a minha vida por eles e sei que eles fariam isso por mim também. Mas é claro que, só de raiva, passei meu corretivo ainda mais devagar enquanto os dois ficavam falando sem parar.

Minutos mais tarde, Nick estacionou o carro em frente à casa em que meus tios moravam. Desde que ele tirou a habilitação, fazia questão de dirigir sempre que saímos. E Caio, por sua vez, sempre nos seguia em sua moto.

— Cheguei, família! — papai avisou ao entrar pelo portão, sem nem sequer apertar a campainha antes, como sempre fazia. — Henri, já colocou as carnes pra queimar? Estou com fome.

— Se você reclamar menos e ajudar mais, a carne sai mais rápido — tio Henri respondeu.

— É por isso que eu prefiro quando o Gui é anfitrião, ele é muito mais legal que você — papai revidou.

— Como você aguenta esse cara chato todo dia, lindinha? — tio Henri me perguntou.

— O pior é que eu tenho que aguentar a versão original e as duas cópias dele lá em casa — falei.

— Coitada de você, Larinha.

— Eu tô aqui ainda ouvindo essa conversa, sabia? — papai reclamou.

Deixei os dois conversando e fui atrás da tia Mel, que estava na cozinha conversando com mamãe e tia Sara. Cumprimentei minhas tias com um beijo e um abraço. Eu admirava muito essas mulheres e torcia para me tornar como elas quando fosse uma adulta.

— Lindinha, pode levar essa travessa para a mesa lá de fora? — tia Mel me pediu.

— Claro — respondi.

— Onde está o Pedro? — mamãe quis saber.

— Ah, ele foi buscar o... — ouvi tia Sara começar a responder enquanto saía do cômodo.

Caminhei lentamente até a parte de fora da casa, tomando cuidado para não derrubar a travessa de vidro. Eu não era desastrada, mas nunca se sabe. Estava tão concentrada no objeto em minha mão que quase não reparei quando o portão abriu. E quase não reparei nas duas pessoas que entraram por ele.

Congelei no lugar ao ver Ian Diniz, e seu sorriso que poderia iluminar uma cidade inteira. Ao contrário dos outros garotos, Ian sempre foi interessante. Ele sempre foi legal, engraçado e parecia ter uma espécie de campo magnético à sua volta que fazia todo mundo gostar dele. Até as meninas que achavam garotos chatos, como eu quando era mais nova.

Tinha quase um ano que a gente não se via, e caramba... Ian conseguiu ficar ainda mais bonito durante todo esse tempo. Ele estava mais forte? E a boca dele estava... Ah, meu Deus. Como seria sentir o gosto da boca de Ian?

Senti meu coração acelerar no peito enquanto o observava conversar com meus irmãos e, quando ele olhou na minha direção, bem nos meus olhos, um exército de borboletas invadiu meu estômago. Eu já tinha sentido isso antes, mas, dessa vez, parecia mais... intenso.

— Oi, Larinha. — Ele estava tão próximo de mim que conseguia sentir o calor da sua pele. E, para minha surpresa, Ian se inclinou e depositou um beijo bem no topo da minha cabeça.

— O-oi, Ian — respondi tentando conter o nervosismo súbito que tomou conta de mim.

— Deixa que eu carrego isso para você — disse, pegando a travessa pesada da minha mão e levando até a mesa.

— Obrigada — falei.

— E aí, bora pra piscina? — Nick gritou.

— Tô dentro — Gabi respondeu na mesma hora. Nem tinha reparado que ela e os pais haviam chegado. Fiquei distraída demais com os outros convidados.

Gabi, Nick e Caio apostaram uma corrida até a piscina e tia Betina gritou para que eles tivessem cuidado para não escorregar e se machucarem.

— Tô indo também — Ian disse. — Você vem também, né, Larinha? — me perguntou.

Não era nem maluca de negar um pedido vindo dele.

— Eu vou, vou sim. Só preciso trocar de roupa antes — falei.

— Show. — Ele deu uma piscadinha em minha direção e achei que fosse desmaiar ali mesmo.

Peguei minha mochila e fui até o banheiro vestir o meu biquíni. Fiquei um tempo encarando meu reflexo no espelho. Será que Ian me acharia bonita?

Fala sério, Lara, um cara três anos mais velho jamais daria chances para você, a voz da razão berrou em um lado do meu ouvido.

Mas não custa nada tentar, a voz da emoção rebateu.

Respirei fundo antes de sair do cômodo e ir até a piscina, onde todos estavam se divertindo.

— Você é um bobo, Nick — ouvi Gabi gritar para o meu irmão, que jogava água nela.

Mergulhei de uma vez só na água gelada e nadei até onde eles estavam.

— Ian, você precisa vir com a gente nessa festa. Vai ser foda — Caio disse.

— Mas eles não vão encrencar com minha idade? — Ian perguntou.

— Eu tenho alguns contatos — Nick respondeu com um sorriso.

— Eu também quero ir na festa — falei.

— Nem fodendo. Você não vai — Caio disse.

— Por que não? Todo mundo vai — rebati.

— Você não é todo mundo, pirralha — foi a vez de Nick dizer.

— E você está parecendo a mamãe falando assim — respondi.

— O que seus irmãos querem dizer, Lara, é que você é nova demais para frequentar essas festas. Você nem acharia graça, não teria ninguém da sua idade lá — Gabi explicou.

Eu nem precisava me olhar no espelho para saber que um biquinho havia se formado em meu rosto.

— Não fica triste, Larinha, você poderá ir em várias outras festas quando for mais velha — Ian disse para me consolar.

— Mas eu queria me divertir com vocês.

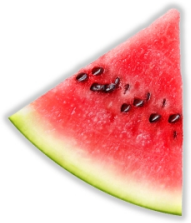
— A gente pode fazer algo juntos depois, tipo...

— Tipo a noite de filmes — Gabi sugeriu, interrompendo Ian. — Você pode até escolher o filme que quiser. Eu cedo a minha vez de escolha para você. O que você acha?

Bom, eu faria qualquer coisa para passar nem que fosse uma pequena dose de tempo com Ian. Então, só tinha uma resposta possível.

— Eu vou amar. Já estou contando os segundos para isso.

E não era mentira.



Capítulo 2.

IAN DINIZ

— Isso não tá muito parecido com a cauda da Ariel — Alice reclamou, encarando a saia longa que eu tinha cortado para tentar imitar um rabo de peixe.

Minha filha tinha até mesmo sido gentil em dizer que não estava muito parecido. A frase mais honesta seria dizer que aquela atrocidade que eu realizei dificilmente poderia ser chamada de roupa. Mas como eu poderia arranjar uma fantasia de sereia em menos de três horas?

Quando Alice comentou que a escola faria um dia à fantasia, esqueceu de me avisar que a data era… Bem, hoje. E era uma das últimas oportunidades que ela teria para se divertir com os amigos de São Paulo antes da nossa mudança. Eu não poderia falhar.

— Desculpa, princesa, o papai não é muito bom costureiro — justifiquei. — E se a gente tentar uma versão da Ariel humana?

Minha pequena franziu a testa, seus olhos castanhos se fechando conforme cogitava minha sugestão. Ela era tão parecida comigo que era como me ver em um espelho na versão feminina.

— Mas aí não vai ter graça. — Sua boca se firmou em um biquinho que fez meu coração se apertar. Porra, odiava decepcioná-la.

Envolvi meus braços ao redor da sua cintura pequena e a ergui até a pia do banheiro, colocando-a sentada na minha frente. Dobrei um pouco os joelhos para ficar na sua altura.

— Claro que vai. Qual era o maior sonho da Ariel? — perguntei, tentando buscar na minha mente um jeito de convencer minha filha de que aquela era uma boa ideia.

Ela deu de ombros, mexendo no top roxo que usava na intenção de parecer com o da personagem da Disney.

— Ir na superfície?

Assenti, ajeitando um pedaço da sua trança que teimava em escapar do elástico. Talvez o problema fosse as minhas habilidades em fazer penteados que continuavam péssimas.

— Mas mais importante do que isso… — Bati de leve o indicador na ponta do seu nariz, como sempre costumava fazer. — Ela sonhava em ser humana. Então se você for fantasiada na versão Ariel humana, vai ser ainda *mais* legal do que a versão sereia.

Ela ficou me encarando com os olhinhos piscando como se considerasse a minha ideia, mas antes que pudesse tomar uma decisão, meu celular tocou sobre a bancada da pia.

— É a titia Cora! — Alice anunciou, atraindo minha atenção para a tela do aparelho, onde uma imagem de Cora aparecia.

Cora e eu tínhamos nos aproximado tanto no curto período que moramos sob o mesmo teto, que nossa relação, apesar de não ser sanguínea, estava muito além disso. Ela tinha se tornado não só uma irmã, como a minha melhor amiga e conselheira. Possivelmente uma das únicas pessoas no mundo com quem eu me permitia desabafar sobre tudo. Até sobre os assuntos não resolvidos do meu passado que ninguém imaginava.

Alice tomou o celular em mãos e deslizou na tela com seu dedinho pequeno, atendendo a vídeo chamada da tia.

— Oi, tia Cora! — O celular estava próximo demais do seu rosto, mostrando nada além de um pedaço da sua trança que começava a se desfazer e os grandes olhos castanhos com cílios longos.

— Oi, princesinha! — Cora acenou através da tela. Toquei no braço de Alice, posicionando-o de modo que nós dois aparecêssemos na tela. — Oi, maninho!

— Tia Cora, é verdade que eu vou ganhar uma priminha?

Antes que ela pudesse responder, Caio surgiu por trás da esposa, colocando um beijo no seu pescoço e acenando para a tela do celular.

— É verdade sim, Alice.

— Oi, tio Caio!

— A gente ainda não sabe se é priminho ou priminha, querida, mas prometo que assim que soubermos, você será a primeira a saber — Cora prometeu. — Eu não vejo a hora de vocês virem pra cá.

— O papai falou que vai ser muito divertido. — Alice tinha gostado da ideia de ir morar perto do resto da nossa família, mas ela não estava muito feliz em deixar os amigos da escola e Sol para trás.

Eu também sentiria falta de Sol. Ela tinha sido minha única rede de apoio fixa desde que nos mudamos para São Paulo e eu tinha plena consciência de que boa parte das coisas que eu havia conseguido conquistar era, em grande parte, porque tive alguém de confiança para me ajudar com Alice.

— Nosso primeiro passeio vai ser pra cachoeira, o que você acha?

— Você acha que a Ariel humana gostaria de ir para a cachoeira? — Ela não tinha esquecido da minha justificativa fajuta para tentar fazê-la aceitar uma nova fantasia improvisada.

Cora franziu o cenho confusa com a pergunta e eu interrompi para explicar antes que, no final das contas, Alice encrencasse ainda mais com a roupa que deveria parecer com a pequena sereia.

— Alice tem um dia à fantasia hoje na escola e quis ir de Ariel — expliquei, aparecendo na tela do celular e lançando um olhar à Cora que implorava por ajuda.

— Ah, eu amo a Ariel! Me deixa ver sua roupa, Ali — pediu.

Minha filha desceu da bancada da pia e eu cliquei na tela para alternar a câmera, focando na minha pequena enquanto girava para mostrar a atrocidade que eu chamava de cauda de vários ângulos. O rosto de Cora se torceu em uma careta, mas ela forçou um sorriso no rosto.

— Você é a sereia mais linda do mundo.

— Papai disse que talvez eu possa ir de Ariel humana usando minha saia de babados verde-água.

— Eu acho que essa é uma ótima ideia! A Ariel sempre quis ser humana. — *Obrigado, Deus.*

— Foi o que eu disse! — praticamente gritei de felicidade. Recebi um olhar de avaliação de Alice. Essa pequena quando ficasse mais velha, certamente me daria trabalho. Ela era inteligente e observadora demais para o próprio bem.

— Por que você não vai rapidinho no seu quarto e coloca a saia pra eu ver como vai ficar? — Cora pediu.

Alice ainda parecia reticente com a ideia, mas depois de refletir por alguns segundos, saiu correndo em direção ao próprio quarto, me deixando sozinho com o celular.

— Como estão as coisas com a minha gravidinha preferida? — perguntei.

Não fazia muito tempo que ela tinha me dado a notícia de que eu seria tio. E embora Caio tivesse plena convicção de que o bebê era uma menina, cientificamente nenhum de nós sabia ainda. Mas até mesmo eu já estava convencido de que Alice teria uma prima muito em breve.

— Tudo bem por aqui. Pra ser bem sincera, na maioria do tempo, nem lembro que estou grávida. — Observei Cora se mover para a área externa do antigo terraço do BarVelar que tinha sido transformado na sua casa, deixando Caio para trás dentro do cômodo. — E você? Como estão os preparativos para a mudança?

Cocei a cabeça, torcendo os lábios enquanto era invadido por uma série de pensamentos. Se fosse qualquer outra pessoa do outro lado da tela, eu os teria guardado para mim. Mas não era qualquer outra pessoa.

— A mudança em si já está encaminhada. Hoje vou pedir demissão e talvez as coisas não sejam tão boas, mas estou pouco me fodendo, se você quer saber. Tenho coisas mais importantes para me preocupar…

— E essa preocupação, por acaso, é com uma garota Avelar que não sou eu?

Abri um sorriso, mas assenti.

Depois da merda que fiz comprando o trevo de quatro folhas na floricultura que pertencia à Lara e a consequente ligação que ela tinha me feito, eu estava preocupado com o que me receberia quando dividíssemos a mesma cidade. Porra, não só a mesma cidade como a mesma *família.*

— Ela me odeia, Cora.

Boa parte do motivo pelo qual eu confiava tanto na minha quase irmã era o fato de que ela não mentia para mim, mesmo quando a verdade era dura o bastante para me fazer fraquejar.

— Por enquanto.

Bufei, irritado. Isso não era nada promissor.

— Para de surtar e curte o momento, Ian. Você vai voltar pra casa, vai ficar perto da nossa família. As coisas com a Lara… — Ela deu de ombros. — Vão se ajeitar. De um jeito ou de outro.

Esse é o meu medo. Eu não queria que se ajeitasse de *outro* jeito. Queria o jeito que sempre foi.

Mas a julgar pela ligação nada amistosa de Lara quando soube do trevo… Estávamos longe do que eu desejava.

— Eu não sei se ficou bom… — a vozinha infantil de Alice surgiu na porta do banheiro. Seus olhos encaravam a saia de babado enquanto ela tocava o tecido como se o investigasse.

— Eu achei que você ficou linda, querida — Cora falou do outro lado da tela. — A Ariel ficaria orgulhosa dessa fantasia.

— Mas não tem nada de fundo do mar…

— É claro que tem — interrompi. — Esqueceu que fiz bolinhos em formato de concha?

Minha lembrança fez seu rosto se acender animado. Apesar de não ter talento com penteados e figurinos solicitados em cima da hora, na cozinha eu era imbatível. Tinha passado uma parte da madrugada assando pequenos bolinhos doces e salgados e decorando em formato de concha.

— Eu posso comer um deles antes de ir pra escola? Por favorzinho — pediu com um biquinho que sempre me convencia a fazer qualquer coisa. Não que ela precisasse de muito esforço para isso.

Eu assenti com um sorriso, respirando aliviado. Aparentemente a saga da fantasia de sereia estava superada.

— Aproveita e come um por mim, Ali — Cora pediu, gritando enquanto Alice desaparecia rumo à cozinha. — Não vou mais te prender, maninho, sei que você deve estar enrolado pro trabalho. Só queria mesmo saber como estavam as coisas.

— Sabe o que é doido? — perguntei de forma retórica. — Que semana que vem poderemos ter conversas como essa pessoalmente.

— E que você nunca mais vai precisar escutar alguém chamando biscoito de bolacha — brincou.

— Esse é um ponto ainda mais positivo.

— Qualquer coisa que precise, você sabe que estou a uma mensagem de distância, né?

Eu sabia. E isso tinha sido de extrema importância para mim nos últimos anos. Não só o apoio dela como dos meus tios. Eu devia muito a eles.

— Pode deixar. E digo o mesmo. Faça aquele cuzão do Caio realizar todos os seus desejos malucos.

Ela soltou uma gargalhada estridente e mandou um beijo pela tela, desligando logo em seguida. Não demorou nem cinco minutos para que Alice voltasse com o rosto lambuzado dos bolinhos que roubou.

— Pronta para irmos, pequena sereia? — perguntei, limpando o canto da sua boca sujo de cobertura cremosa de queijo.

Alice assentiu e em poucos minutos nós dois estávamos dentro do carro rumo à escola. A julgar pela forma como uma de suas amigas sorriu para a fantasia de Ariel humana, eu tinha vencido mais essa batalha.

Acenei pela janela do carro e aguardei até que entrasse na escola antes de respirar fundo e seguir até o *Le Bon Vivant.* Tinha sido um sonho virando realidade quando consegui uma vaga logo após terminar a faculdade de gastronomia. Pena que o sonho durou pouco e rapidamente se transformou em um pesadelo. Aprendi da pior forma que estar em um local renomado não era o mesmo que estar em um bom lugar para trabalhar.

O trânsito já estava caótico no caminho até o local, mas dessa vez, não dei a mínima quando olhei para o relógio e percebi que estava seis minutos atrasado. Eu sabia que comentar sobre o meu pequeno atraso seria a primeira frase que me diria assim que eu atravessasse o salão até a cozinha e, ainda assim, esse seria o menor dos motivos para suas reclamações no dia de hoje.

— Atrasado mais uma vez, Diniz. — *Bingo.*

Mantive minha estratégia de olhar para baixo e convencer meu olho de que era melhor encarar o chão do que revirar os olhos na frente do meu chefe.

— Não irá se repetir. — *Não ia mesmo.*

— Preciso do seu apoio no *mise en place* de hoje, temos previsão de casa cheia no almoço e…

— Pierre, eu preciso falar com você hoje ao final do expediente — avisei de uma vez. Para variar, recebi em resposta seu semblante enviesado em uma expressão julgadora.

— Se for mais um daqueles pedidos para sair mais cedo por alguma besteira de evento infantil…

Babaca.

— Não é — cortei.

Senti internamente uma confirmação de que eu tinha tomado a decisão certa ao aceitar voltar para Teresópolis. Eu tinha decidido há cinco anos que mudaria toda a minha vida e tudo que acreditava sobre mim mesmo em prol da pessoa mais importante da minha vida: Alice. Mas nos últimos tempos… Sentia como se estivesse falhando na missão que me propus. Eu trabalhava demais e tinha tempo *de menos* para ser o pai que eu planejava ser.

— Então nos falamos mais tarde. Comece a trabalhar.

Quando Pierre parava de falar diretamente comigo e me permitia ficar imerso no que eu amava fazer, quase me fazia amar o *Le Bon Vivant.* Estar imerso na mistura de aromas era o meu cheiro preferido no mundo inteiro. Na verdade, o meu *segundo* cheiro preferido.

Passei a manhã inteira picando cebolas em corte *brunoise* e temperando *magrets* com sal, pimenta e ervas finas. O peito de pato era o carro chefe do restaurante e pessoas de todo o estado de São Paulo vinham nos visitar para experimentar o prato.

Praticamente não vi a hora passar, com a adrenalina correndo na veia e o salão lotado de clientes durante boa parte da tarde. Quando o relógio marcou 16h, fechei a torneira da pia e enxuguei as mãos no pano branco. Era o momento oficial que a cozinha fechava após o turno do almoço e começava a se preparar para a noite. Mas hoje eu não seria uma dessas pessoas.

O *chef* Pierre estava de pé em um escritório anexo ao local onde realizamos o *mise en place.* A porta do local sempre ficava aberta mesmo quando ele estava no telefone com alguém ou em alguma reunião importante por videoconferência. Era o seu jeito de checar o que cada funcionário fazia e ser o "*olho que tudo vê"*, nas suas próprias palavras.

Andei até ele e dei duas batidinhas na porta.

— Podemos conversar?

— Agora estou ocupado, mas depois do turno da noite podemos conversar. — Ele nem se deu ao trabalho de erguer os olhos do celular para me responder.

— Hoje não é meu dia no turno da noite.

— Precisamos de você aqui. Viu como estava o almoço?

— Chefe, eu não posso ficar — fui firme.

Ele andou até mim, as sobrancelhas grossas se franzindo em desgosto conforme me puxava para dentro e fechava a porta atrás de nós.

— Seu comprometimento vem me decepcionando, Ian.

Se a frase viesse de qualquer outra pessoa, poderia ter me afetado, mas não de Pierre. Não do cara que associava comprometimento com trabalhar fora do expediente sem nunca receber nada em troca, nem mesmo um obrigado.

— Sinto muito que se sinta assim, Pierre — disse de forma seca. — Inclusive, é sobre isso que preciso falar com você. Vou voltar para a minha

cidade.

— Para o Rio de Janeiro? — seu tom de voz se alterou para desprezo imediatamente.

— Para Teresópolis. Para perto da minha família.

Uma risada crua e áspera encheu o ambiente, me fazendo engolir em seco de raiva pela sua reação. Em outros tempos, eu já teria acertado um murro na cara desse imbecil. Mas ser jovem e rebelde me ensinou lições o suficiente para que eu aprendesse que resolver as coisas de forma impulsiva nem sempre era uma boa ideia.

— Quando?

— Em breve, mas ainda posso cumprir os últimos dias do… — Pierre jogou o próprio corpo na cadeira do escritório, me interrompendo sem se dignar a me olhar.

— Não é necessário. Não queremos por aqui quem não vai permanecer com a gente.

Pois então vá tomar bem no olho do seu cu, foi o que pensei.

— Certo. — Foi o que eu disse.

— Passe aqui amanhã para assinar a rescisão.

— Ok.

A conversa estava sendo ruim, mas até que menos ruim do que fantasiei na minha cabeça.

— Está dispensado.

Anuí rapidamente, virando-me para a porta e segurando a maçaneta, pronto para me libertar desse idiota. Mas antes que pudesse sair, sua voz me chamou, me fazendo encará-lo novamente. Dessa vez, ao contrário dos últimos minutos, ele me olhava bem direto nos olhos.

— Sinto muito que esteja jogando sua carreira no lixo indo para essa cidadezinha.

Meu sangue inteiro ferveu, mas ao invés de explodir na forma de violência, abri um sorriso mais agressivo do que qualquer soco.

— Não sinta. — Andei até sua mesa e peguei um dos papéis esquecidos sobre o tampo de madeira, tomando a caneta da sua mão logo em seguida.

Escrevi uma única palavra e voltei até a porta como se nada tivesse acontecido.

— O que é isso? — perguntou.

Foi a minha vez de não o encarar ao responder:

— O nome do lugar que vai estar em todas as revistas de culinária do país daqui a uns meses. Pode guardar.

Não esperei por nenhuma resposta, só girei a maçaneta e saí enquanto escutava o som de um papel sendo amassado.



— Ela acabou de pegar no sono — Sol avisou, fechando discretamente a porta do quarto de Alice.

Sol, a senhora que me ajudava com a minha filha desde que me mudei para São Paulo, era responsável por boa parte da forma como consegui me manter são desde então. É difícil estar sozinho em uma cidade desconhecida com dezenove anos de idade, um bebê recém-nascido e nenhuma rede de apoio. Foram meses complicados em que precisei entender como minha vida tinha mudado tão drasticamente sem poder vacilar.

— Obrigado, Sol. Não precisava ter vindo hoje.

Ela gesticulou com a mão do jeito carinhoso que sempre fazia quando queria que eu me calasse. Abri um sorriso.

— Eu não ia deixar vocês sozinhos nesses últimos dias.

Senti meu peito apertar. Eu sentiria falta dela. Talvez fosse a única coisa que eu realmente sentiria falta nessa cidade.

— O que vamos fazer sem você por lá? — perguntei, caminhando até ela e a abraçando forte.

— Vão ser felizes — devolveu. — E vão sentir minha falta também.

— Você é uma exibida — brinquei. — Promete que vai vir visitar a gente quando puder?

Ela arfou, me dando um tapinha de leve no braço como se me julgasse.

— E desde quando eu conseguiria ficar tanto tempo sem ver minha florzinha? — falou, apontando com a cabeça para o quarto de Alice. Abri um sorriso. — Agora vê se você descansa também, essa semana já foi desgastante e a próxima vai ser ainda mais.

Concordei, caminhando com ela até a porta do meu apartamento e vendo seguir em direção ao elevador.

Talvez Sol tivesse razão e eu pudesse, pelo menos só hoje, ignorar minhas obrigações e me jogar no sofá, vendo um filme com humanos de verdade e não versões animadas pela primeira vez em muitos meses. Talvez até fazer aquela pipoca de micro-ondas perdida no fundo do meu armário que eu julgava toda vez que via o pacote.

Olhei para a TV. Olhei para o sofá. Olhei para o corredor que levava para o quarto da minha pequena, completamente silencioso.

Eu merecia esse momento, certo?

Andei até o estofado, deitando com os pés para cima e procurando o controle perdido entre as almofadas. Mas, aparentemente, minha sorte duraria pouco, já que meu celular começou a vibrar no bolso e o nome na tela não era um que aparecia muito frequentemente.

Respirei fundo, massageando minha têmpora antes de deslizar o dedo na tela para atender a ligação.

— Oi, mãe — cumprimentei com um sorriso.

— Oi, querido.

Eu não conhecia o lugar em que ela estava, mas isso não significava muita coisa. Nos últimos anos, eu vinha conhecendo cada vez menos sobre tudo relacionado a ela. Desde que tinha se mudado para a Escócia, minha mãe parecia estar vivendo a vida dos sonhos. Trabalhando no consulado do Brasil na Escócia, viajando aos finais de semanas pela Europa e parecendo livre como nunca se sentiu enquanto eu crescia.

Não era justo culpá-la por todos os problemas entre nós. Eu não fui uma criança tranquila e, muito menos, um adolescente. Me sentia tão desesperado por chamar sua atenção que, qualquer coisa que a fizesse ficar

comigo por um tempo maior, se tornava uma boa opção. Mesmo que na maioria das vezes isso fosse sinônimo de problema.

Beatriz tinha engravidado de mim com exatamente a mesma idade que descobri que era pai. Dezenove anos. Ninguém sabe nada da vida com dezenove anos. Exatamente por isso eu não a julgava por não ter sido a mãe que sonhei. Assim como os pais idealizam os filhos, eu tinha consciência de que os filhos também idealizavam os pais. E ela, assim como eu, não fazia ideia do que estava fazendo quando se viu sozinha com um bebê.

Meu pai acreditava que dinheiro depositado na conta corrente seria a resolução de todos os problemas. Não era.

Minha mãe se sentia presa a uma vida que nunca escolheu. E, por mais que eu soubesse que ela me amava, não conseguia deixar de culpá-la. Também não planejei ser pai de Alice, mas prometi a mim mesmo que jamais a deixaria se sentir como uma pedra no meu caminho.

— Como estão as coisas por aí? Muito frio? — perguntei.

— Ontem nevou, acredita? E ainda nem estamos no inverno.

Nossas conversas sobre o clima eram tão esquisitas quanto todas as outras, mas era melhor assim do que as discussões que não levavam a lugar nenhum. Em que ela argumentava que eu e Alice deveríamos nos mudar para…

— Alice ia adorar a neve. — *E lá vamos nós.*

— Vou me planejar pra levá-la até aí no ano que vem.

— Você continua com a ideia de se mudar para Teresópolis de novo, não é? Falei com seu tio ontem, ele disse que estava tudo certo.

Balancei a cabeça, colocando a tela afastada do meu rosto.

— Pedi demissão hoje.

— Tem certeza que é uma boa ideia, filho? Você batalhou tanto pra se estabelecer em São Paulo… — *Nada disso com a sua ajuda, é claro.* Revirei os olhos, sem conseguir me conter. — Alice adora a escola, os amigos do prédio…

— Alice sente falta de ter família por perto, mãe. E eu estava trabalhando demais e com pouco tempo pra ficar com ela. Você sabe que ela

é a minha prioridade.

Como se eu tivesse dito a última frase para atingi-la, Beatriz Diniz bufou, torcendo os lábios na expressão que desde criança eu conhecia bem.

— Você é capaz de conciliar as duas coisas. Não é justo precisar abrir mão de uma delas.

O que ela não entendia é que eu não estava abrindo mão de nada. Na verdade, eu estava exatamente escolhendo as duas coisas. Minha carreira e Alice. Estar em um restaurante premiado e ao lado de um *chef* renomado não é o que me motivava a levantar da cama todos os dias. Não era para isso que eu tinha feito gastronomia.

Eu queria prover experiências através da comida. Queria que lembrassem que estavam comendo as minhas iscas de filé ao molho de mostarda enquanto uma amiga contava sobre ter passado no vestibular. Que conseguissem recordar do aroma da páprica doce que cobria o frango que comeram no dia que os pais estavam comemorando bodas de ouro. Que praticamente sentissem a crocância das batatas fritas que compartilharam com o namorado no primeiro encontro.

Queria transformar o comum em extraordinário.

Queria que minha comida significasse *mais*.

E isso só seria possível se eu voltasse para o lugar onde sempre pertenci.

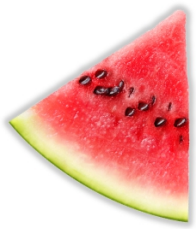
— A gente já conversou sobre isso, mãe.

Ela balançou a cabeça em uma repreensão silenciosa, mas não disse mais nada. Pequenas vitórias.

— Tudo bem, eu só quero reforçar que você e Alice poderiam vir morar comigo. Eu ia adorar ter minha neta pertinho.

— Nós vamos te visitar, tá bom? — sugeri. — E prometo tentar ser em breve.

No passado, uma pessoa me disse que eu era péssimo cumprindo promessas. E talvez essa fosse mais uma daquelas que eu não conseguiria cumprir tão cedo.



Capítulo 3.

LARA AVELAR

O movimento na floricultura não estava sendo dos melhores. Passei a maior parte do dia me sentindo entediada. Pior ainda, me sentindo desocupada. E, como dizem, mente vazia é oficina do diabo. No meu caso, se tornou a oficina da Madame Clara.

Um tempo atrás, minhas cunhadas e eu resolvemos consultar uma cartomante para descobrir um pouco mais sobre o nosso futuro. Madame Clara previu a gravidez de Cora, que me daria um sobrinho ou sobrinha daqui alguns meses. Ela também acertou quando viu nas cartas que Gabi daria um passo adiante no seu relacionamento amoroso e na sua carreira.

E, quanto ao meu futuro, ela fez um discurso sobre recomeços e segundas chances, além de deixar bem claro que uma figura feminina iria influenciar no meu relacionamento. E eu não conseguia parar de pensar nisso desde então. Será que meu namorado me trairia e eu iria perdoá-lo? Será que eu perdoaria uma traição? Como não acreditar nas palavras dela quando ela acertou o futuro das minhas cunhadas? Tentava distrair a minha cabeça desses pensamentos que não me levariam a lugar algum, mas eles sempre voltavam a me atormentar.

Ainda faltava uma hora para declarar meu expediente como encerrado, e eu estava cogitando fechar antes do horário de costume, quando um garoto que parecia ter por volta dos dezessete anos entrou na floricultura, parecendo tímido e deslocado.

— Olá, eu sou a Lara. Posso te ajudar com alguma coisa? — perguntei.

— Eu... É... — Ele estalava os dedos das mãos em um claro sinal de ansiedade. — Eu queria comprar algumas flores. Nunca fiz isso, não sei por

onde começar.

— Você veio ao lugar certo, não se preocupe. Para quem são as flores? É alguma ocasião especial?

— As flores são para a minha futura namorada. Bom, eu estou planejando pedir a garota que eu gosto em namoro hoje e li na internet que garotas gostam de receber flores, então pensei em comprar algumas para ela — contou, parecendo um pouco mais à vontade.

— Você tem ideia de que tipo de flores ela gosta?

— Nunca conversamos sobre isso — falou, pensativo. — Mas ela é do tipo de garota alegre, que gosta de cores vibrantes. Tem algo assim?

— Tenho o buquê perfeito para você. — Senti a habitual empolgação tomar conta do meu corpo. Sempre me sentia assim quando estava prestes a criar o arranjo perfeito para um cliente. — Vamos começar com as rosas cor de laranja. Elas são vibrantes, representam a alegria e também o romance.

— São bem bonitas — ele elogiou enquanto eu colhia algumas.

Andei pela floricultura até encontrar o que eu precisava e o menino me seguiu.

— Essas são chamadas de gérberas e simbolizam não apenas o sucesso, mas também os novos começos — expliquei, pegando algumas em tons de vermelho, rosa e amarelo.

— Eu nem sabia que as flores tinham tantos significados assim — ele comentou.

— Elas têm o poder de expressar emoções de uma maneira que as palavras muitas vezes não conseguem. As flores têm a capacidade de transformar um momento comum em algo extraordinário. Um simples buquê pode iluminar o dia de alguém, trazer conforto em tempos difíceis ou celebrar uma ocasião especial, que nem este que estou fazendo para você.

É por isso que sempre coloco todo o meu coração nos arranjos que faço, porque sei que cada flor possui o poder de transmitir uma mensagem única e especial.

Para completar o buquê, coloquei algumas *delphiniums* azuis, estátices roxas e astromélias na cor lilás. Acrescentei algumas folhagens verdes

brilhantes para dar volume e um toque de frescor ao arranjo. Fiz os ajustes finais para que todas as flores estivessem dispostas de maneira harmoniosa e encarei o resultado final com um sorriso no rosto.

— Então, o que você achou? — perguntei.

— Não entendo de flores igual a você, mas achei muito bonito. Tenho certeza que Ester vai gostar. — O sorriso em seu rosto era toda a aprovação que eu precisava para saber que arrasei nas minhas escolhas.

— Depois de receber um buquê assim aposto que a resposta para o pedido de namoro será um belo *sim* — garanti.

— Saber beijar bem também garante um *sim* das gatinhas. — Antes mesmo de olhar na direção da voz, eu sabia a quem ela pertencia. — Assim como ter o *shape* em dia também ajuda. Mais até do que dar flores.

— Não escute ele, o Mauro não sabe o que está falando — provoquei.

— É claro que sei, afinal, foi assim que conquistei você — disse, se inclinando para me dar um selinho.

Mauro e eu estamos juntos há quase um ano. Nos conhecemos através de uma rede social, assim como vários casais modernos. As trocas de *likes* logo viraram mensagens privadas e, não muito tempo depois, tivemos nosso primeiro encontro. Lembro de ter sido um dia caótico. Quase desisti do *date* porque odiava cada peça de roupa que vestia. Mas, com a ajuda de Gabi e Cora, consegui montar o *look* perfeito, que evidenciava as minhas partes favoritas do meu corpo, e, no fim, deu tudo mais do que certo. Nosso encontro foi incrível e, desde então, não nos separamos mais.

— Ah, porra. Você é o Mauro Capri? — o adolescente perguntou com brilho nos olhos. Eu já tinha visto essa reação um milhão de vezes antes, mas sempre achava engraçado. Além de ser meu namorado, Mauro também é um influenciador digital *fitness* com milhares de seguidores em suas redes sociais.

— Em carne, osso e muita massa magra — meu namorado respondeu.

— Me amarro em acompanhar seus treinos. Você é uma inspiração para mim, cara — o adolescente continuou falando.

— Boa, parceiro. Lembre-se de que o segredo para o *shape* perfeito é a consistência e trabalho duro. Você tem uma boa base aí, cara — disse, analisando de cima a baixo o garoto. — Se continuar treinando certinho, vai conseguir ótimos resultados.

— Você é foda, Mauro. Será que posso tirar uma foto contigo? — pediu.

— Claro que sim. — Meu namorado abriu um sorriso gigante na mesma hora, ele amava essa parte da fama que o tornava o centro das atenções.

O adolescente tirou o celular do bolso e fez uma *selfie* com Mauro. Em seguida, pagou pelo buquê e se despediu da gente.

— Moleque foda, gostei dele. Tomara que a garota aceite o pedido de namoro — falou assim que ficamos sozinhos na Pétala & Flor.

— É claro que vai aceitar, o buquê está lindo — falei.

— Lindo igual a você — respondeu. Senti um friozinho na barriga ao ouvi-lo me elogiando. Aproveitando que estávamos sozinhos na floricultura, trouxe sua boca em direção à minha para um beijo. — Te mandei uma mensagem mais cedo, mas você não respondeu...

— Foi mal, gatinha. Eu estava treinando e, quando fui te responder, a bateria tinha acabado.

— Meus irmãos me chamaram para jantar com eles. Vão testar opções para montar o novo cardápio do BarVelar. Quer ir? — perguntei.

— Não dá, Lalá, estou fazendo *cutting*, esqueceu? Preciso seguir minha dieta à risca.

Tentei não revirar os olhos com a resposta, porque sabia que isso o irritava, mas era quase inevitável. Eu amava o meu namorado, mas às vezes desejava que ele fosse menos obcecado pelo mundo *fitness*. Perdi as contas de quantas vezes ele levou marmita com frango e ovo para os almoços da minha família, deixando o tio Pedro completamente irritado e sem paciência. E quase sempre acabamos discutindo quando ele "*me dá um toque*" sobre os alimentos que estou ingerindo. Mas, no final do dia, acabávamos fazendo as pazes porque sei que, no fundo, ele apenas quer

cuidar de mim na melhor das intenções. E, além disso, nenhum relacionamento é perfeito, certo? Todo mundo briga ou tem desentendimentos... Faz parte.

Mauro chegou na minha vida em um momento que eu estava desacreditada do amor e me fez perceber que, apesar de tudo que passei, ainda tinha um coração em perfeito estado dentro do peito, pronto para se apaixonar e ser feliz de novo. *Ele* pode ter destruído meu coração, mas foi Mauro quem catou os cacos e o reconstruiu.

— Bom, eu vou mesmo assim. Já confirmei minha presença — avisei.

— Achei que a gente ia namorar um pouquinho essa noite.

— Posso passar na sua casa depois do jantar — sugeri.

— Mas aí vai ser tarde e amanhã preciso acordar cedo para treinar. É dia de série nova de superiores. — Ele soltou um suspiro, parecendo triste. — Que tal a gente fazer algo juntos amanhã à noite? Estou com saudades de ficar agarradinho na minha gatinha.

— Amanhã à noite serei toda sua — prometi.

Mauro e eu ficamos juntos por mais algum tempo, até que deu a hora de fechar a Pétala & Flor. Nos despedimos com um beijo e, enquanto meu namorado foi para casa, atravessei a rua que separava a minha floricultura do bar dos meus irmãos.

Chegando lá, fui direto para a nova área do bar e entrei na cozinha recém-construída onde meus irmãos gêmeos e Cora, uma das minhas cunhadas, já me aguardavam sentados em uma mesa improvisada que estava ali apenas para facilitar nossa degustação.

— Oi, pessoal. — Cumprimentei cada um deles com um beijo e um abraço e me sentei no lugar vazio ao lado de Cora. — Cadê a Gabi?

— Tem um evento de trabalho hoje, não pode vir — Nick respondeu.

— E cadê o Lauro? Você não disse que ele viria? — Caio quis saber.

Nick era um tanto quanto indiferente a Mauro. Os dois eram fãs de esportes, academia e atividade física, então acabavam sempre tendo assuntos em comum para conversar. Por outro lado, Caio nem sequer

tentava disfarçar o que sentia pelo meu namorado. E uma prova disso era o fato dele errar, propositalmente, o nome de Mauro.

— Você sabe que o nome dele não é esse — reclamei.

— Foda-se. Por mim o nome dele poderia ser *cuzão*. Combinaria mais — Caio disse.

— Amor! — Cora repreendeu o marido com um olhar de desaprovação.

— Esse ciúmes bobo precisa acabar, Caio. Ele me faz bem, você sabe disso.

— Não é ciúmes, é cuidado. Ele não merece você, simples assim. O dia que você arrumar um namorado decente, aí será outra história — argumentou. — Aquela porra de homem chato só sabe falar de academia, caloria e uma caralhada de coisas que ninguém se importa.

— Porra, isso aí é *marombafobia* — Nick reclamou.

— Chega desse papo. Eu estou grávida, não quero ficar ouvindo discussão de vocês e estou com fome. Qual será o primeiro prato? — Cora interrompeu a briga antes mesmo dela começar.

— Bom, como vocês sabem, com a expansão do bar, vamos ter um cardápio de almoço. A *chef* Giovanna montou um cardápio com algumas sugestões. Nossa missão é experimentar o prato e dizer se ele combina com menu do almoço, se achamos que vai ser bem vendido e, claro, se a receita está saborosa — Caio explicou.

— Giovanna, pode trazer o primeiro prato — Nick pediu.

A cozinheira nos serviu um frango grelhado com molho barbecue. O cheiro estava incrível, mas o sabor estava ainda melhor.

— Isso está perfeito — falei.

— Esse molho é o melhor que já comi — Cora disse.

Depois de cada um dar a sua opinião, Giovanna apresentou a segunda opção da noite, uma carne de porco desfiada com molho de maçã. Confesso que torci o nariz para a combinação exótica, mas mudei de ideia assim que dei a primeira garfada. A junção de sabores era dos deuses.

— O próximo prato é um *coq au vin*. O escolhi porque o senhor Avelar sugeriu ter algumas opções mais sofisticadas no cardápio. A culinária

francesa não é minha especialidade, mas segui à risca a receita enviada pelo *chef* Diniz. Por favor, sejam críticos ao experimentar e me digam se sentem falta de algo — pediu Giovanna.

— Não acredito que o tio Pedro topou compartilhar alguma receita dele — falei.

— Ah, não é a esse chef Diniz que ela está se referindo. É ao Ian — Nick comentou.

Só de ouvir a menção ao nome dele tive dificuldades em engolir o pedaço de carne que estava na minha boca.

— Você não soube da novidade? — Caio perguntou e eu neguei com a cabeça. — Aquele filho da puta finalmente aceitou nosso convite.

— Q-que convite? — perguntei.

— De trabalhar no BarVelar — Nick respondeu. — A gente precisava de um novo chefe de cozinha e nada melhor do que ter mais alguém da família com a gente.

Ah, meu Deus. Isso quer dizer que...

— Então, ele está voltando para Teresópolis? — me ouvi perguntar.

— Sim. Ele e Alice vão voltar para Terê e será como nos velhos tempos. Quer dizer, agora com uma pirralha a mais para fazer parte do nosso bonde. Ela está super empolgada e...

Nick continuava falando, mas era como se meus ouvidos não fossem mais capazes de captar nenhum sinal. Ian estava voltando para Teresópolis. O cara que mais amei em toda minha vida e também o cara que mais me fez sofrer em toda minha existência. Ele voltaria para a mesma cidade que eu e... Caramba, eu acho que estou prestes a vomitar.

— Preciso ir ao banheiro. Lara, vem comigo! — Cora disse já me puxando pelo braço.

Eu ainda estava aérea, tentando processar o que tinha acabado de ouvir.

— Você parecia prestes a colapsar, precisava te tirar de lá — Cora falou assim que nos afastamos dos meus irmãos.

— Como ele teve coragem? Eu disse para ele se manter afastado de mim e, ainda assim, ele decidiu voltar — despejei, furiosa. Sabia que estava

sendo mimada, mas estava pouco me importando. Ian não pensou em mim quando foi embora, então eu também não pensaria nele nesse momento. E em nenhum outro.

Um tempo atrás, recebi um pedido *online* de um trevo de quatro folhas na floricultura. Achei diferente, mas, por sorte, eu tinha uma unidade disponível para enviar para o comprador, que morava em São Paulo. Imagina a minha surpresa ao descobrir, depois de fuxicar sem querer o telefone de Cora, que o comprador era Ian Diniz. Deixei a raiva me dominar e liguei para ele. Foi a primeira vez, em cinco anos, que ouvi sua voz. Foi doloroso, reabriu feridas que eu achei que estavam curadas há tempos. Disse para ele me deixar em paz, mas, pelo visto, ele decidiu fazer o completo oposto do que eu pedi.

Algumas pessoas dizem que, quando o amor acaba, ele vira saudades. Outras preferem acreditar que ele cai em um limbo, em um universo paralelo onde se finge que aquele sentimento nunca existiu. No meu caso, ele virou raiva. Eu sentia tanta raiva de Ian Diniz que parecia prestes a explodir...

— Larinha, respira fundo — Cora pediu.

— Não quero respirar fundo, quero cortar a cabeça do idiota que teve a ideia de trazê-lo de volta pra minha vida — Eu soava como uma adolescente petulante. — Como eu vou evitá-lo, Cora? Essa cidade é pequena demais para nós dois.

Nos últimos cinco anos eu criei estratégias para evitá-lo quando, raramente, ele estava visitando Teresópolis. Mas seria impossível fazer isso todos os dias durante o resto da minha vida.

— Sem querer bancar a advogada do diabo, mas seus irmãos não sabem o que aconteceu entre vocês. Se eles soubessem, talvez não tivessem feito o convite, ainda que Ian seja mesmo a melhor opção para levar o BarVelar ao patamar que os dois sonham.

Ninguém, além de Cora e da minha mãe, sabia o que tinha acontecido entre nós dois. Quando Ian foi embora, e fiquei visivelmente mal, inventei para os meus irmãos que o culpado tinha sido um peguete qualquer do

cursinho pré-vestibular. Era melhor assim. Se eu contasse a verdade, toda a nossa família seria obrigada a escolher um lado dessa guerra e eu não queria isso. Não queria carregar essa culpa.

— Desculpa, Cora, eu meio que surtei — disse, depois de respirar fundo por um tempo e tentar controlar minhas emoções. — Eu só... fui pega de surpresa.

— Acho que, no seu lugar, eu teria a mesma reação. Sinto muito que você tenha descoberto dessa forma — ela disse.

— Sei que isso é o melhor para os meus irmãos e me sinto uma grande egoísta mimada de desejar que eles voltem atrás no convite. Eu só... Não sei como vou conseguir conviver com ele de novo, sabe? — confessei. Ian era a minha pessoa menos favorita no mundo inteiro. Como vou fingir que nossa história nunca aconteceu? Como vou fingir que ele nunca partiu meu coração por inteiro e me deixou aqui sangrando? — Mas, ao mesmo tempo, era óbvio que isso teria que acontecer em algum momento. Nós somos todos família, afinal de contas. Era só uma questão de tempo até a gente ter que se esbarrar em algum evento como, sei lá, o casamento de Nick e Gabi.

Só de pensar em esbarrar com Ian senti meu estômago revirar. Como ele iria reagir ao me ver? Como *eu* iria reagir ao vê-lo? Será que ele se arrependia de ter quebrado todas as promessas que fez para mim? Será que ele chamava alguma outra mulher de... Não. Não iria deixar meu pensamento vagar para esse lugar.

— Você não precisa conviver com ele o tempo inteiro, Lara. E, se precisar da minha ajuda para fugir de alguma situação, você sabe que pode contar comigo.

— Eu sei... Só preciso de um tempo para assimilar isso tudo.

— Sei que você vai tirar isso de letra. Além disso, vocês agora são dois adultos, muita coisa muda em cinco anos. — Assenti, ainda que soubesse que a raiva que sinto dele jamais iria mudar. E, para ser sincera, era apenas uma consequência das escolhas dele mesmo. — Quer inventar uma desculpa para ir embora dessa degustação?

— Não. Já está tudo bem — menti. Tudo que eu não queria agora era ficar sozinha com meus próprios pensamentos. — Obrigada por tudo, Cora.

— Está vendo só? Você já está tirando isso de letra — minha cunhada elogiou ao me abraçar.

Eu não estava, só era boa demais em fingir.

Voltei para a cozinha, colocando o meu sorriso mais falso no rosto, e continuei a degustação. Mas, infelizmente, todo o sabor pareceu sumir das comidas. Pior, tudo parecia ter ficado amargo quando eu colocava na boca. Assim como minha vida ficou quando ele foi embora.



Capítulo 4.

IAN DINIZ

Os últimos dias foram uma correria sem fim. Entre resolver as pendências da minha demissão e da entrega do meu apartamento em São Paulo, ainda precisei pesquisar sobre escolas em Teresópolis para Alice e embalar tudo para nossa mudança.

Sol, como sempre, foi uma grande ajuda e preciso confessar que parte de mim estava com medo de como seria a nossa nova vida sem ela.

— Você vai nos visitar, não vai? — perguntei pela milésima vez nos últimos tempos, depois de colocar a última caixa no porta-malas do meu carro. Boa parte da nossa mudança já tinha sido enviada por uma transportadora no dia anterior e ficariam guardadas em um depósito até que eu arranjasse uma casa em Teresópolis.

— Mas é claro que sim. Assim que as coisas estiverem mais calmas, pode ter certeza que irei aparecer por lá — Sol respondeu antes de me abraçar.

O sol nem tinha nascido por completo, mas a minha parceira dos últimos anos fez questão de ir se despedir da gente antes da viagem.

— Tchau, tia Sol — minha filha se despediu.

— Tchau, florzinha. — Ela abraçou e deu um beijo no topo da cabeça da minha garotinha. — Quando sentir saudades, pode me ligar, tá?

— Tá bem — minha filha respondeu.

Alice ainda não entendia muito bem o que significava fazer uma mudança dessas, mas ficou animada quando eu contei que poderia pintar a parede do seu novo quarto da cor que ela quisesse.

Depois de nos despedirmos de Sol, coloquei Alice na cadeirinha que ficava no banco traseiro do meu carro e afivelei seu cinto de segurança. Seriam longas horas de estrada, mas contava com a ajuda da maior cantora de todos os tempos, e a favorita da minha filha, a Galinha Pintadinha, para distraí-la.

Alice não demorou muito para cair no sono no banco de trás. Abaixei o volume da música, tornando-a quase inaudível, o que fez com que meus pensamentos parecessem ainda mais altos dentro da minha cabeça.

Será que eu estava mesmo fazendo a escolha certa para nós dois? Olhei para Alice através do retrovisor do carro e a sombra de um sorriso estampava seu rosto adormecido. Eu, com certeza, estava fazendo o certo. A pequena estava há dias comentando empolgada o quão legal seria fazer uma festa do pijama na casa do vovô Pedro e da vovó Sara.

Mas esse não era o único questionamento que não saía da minha cabeça.

Será que ela sabia que eu estava voltando? Provavelmente alguém deve ter comentado alguma coisa com *ela*, as fofocas eram espalhadas rapidamente em Teresópolis. Me admira muito que até hoje ninguém tenha descoberto sobre o que rolou entre nós dois e, talvez, seja bem melhor assim.

Minha cabeça gerou um milhão de possibilidades de como poderia ser o nosso reencontro pessoalmente. E nenhuma delas tinha um final muito favorável para mim.

— Papai? — a voz sonolenta chamou meu nome. — Preciso fazer xixi.

Olhei para o *GPS* ligado na tela do meu aparelho celular, colado no painel do carro.

— Vamos parar daqui a cinco minutinhos, filha — avisei.

Dirigi um pouco mais rápido que o habitual para chegar logo na lanchonete onde Alice poderia ir ao banheiro e eu poderia beber mais um café para aguentar o restante da viagem. Pelo menos metade do trajeto já tinha sido percorrido.

Depois de levar a pequena para fazer xixi, decidimos comer alguma coisa antes de prosseguir viagem. Peguei o maior café que eles vendiam e um pão de batata superfaturado, enquanto minha filha escolheu uma fatia de bolo que jamais seria tão boa quanto um bolo da tia Sara.

— Posso pintar um trevo de quatro folhas na parede do meu quarto novo? — perguntou.

— Claro que pode, pequena — respondi.

Ela sorriu, satisfeita com minha resposta, e deu mais colherada em seu bolo. Alice estava obcecada com trevos de quatro folhas há algumas semanas e queria incluir sua nova obsessão em tudo.

— Na casa nova vai ter crianças para brincar comigo? — continuou seu interrogatório.

— Ainda não sei onde vamos morar, pequena, mas na escolinha nova você terá vários amiguinhos.

Alice continuou com suas perguntas enquanto lanchávamos e, depois de mais um tempo, voltamos para o carro para continuar nossa viagem. Mais uma vez minha copilota me deixou na mão e dormiu poucos minutos depois que saímos da lanchonete.

O resto da viagem transcorreu de maneira tranquila, a não ser por um ou outro pensamento que teimava em brotar na minha cabeça sem ser convidado. Mas eu era bom em afastá-los. Tinha feito isso nos últimos cinco anos. Quando comecei a subir a serra, senti meu coração se aquecer dentro do peito. Eu estava, oficialmente, de volta na minha casa.

— *Você chegou ao seu destino* — a voz do GPS anunciou quando estacionei o carro na garagem do prédio dos meus tios.

Saí do veículo e abri a porta traseira para liberar Alice da sua cadeirinha.

— Acorda, pequena. Chegamos em casa — avisei. Um sabor doce atingiu meu paladar ao me referir a Teresópolis como *casa* depois de tanto tempo.

Com Alice no colo, entrei no elevador que nos levaria até o andar em que meus tios moravam. Para minha surpresa, encontrei a porta apenas

encostada. Será que eles tinham saído para trabalhar e esquecido ela aberta?

Usando a minha mão livre, apertei o interruptor que ainda me lembrava muito bem de onde ficava e...

— Surpresa! — ouvi a tia Sara e o tio Pedro gritarem. Ela, é claro, parecia empolgada. E ele parecia estar sendo obrigado pela esposa a fazer aquilo, o que tornava tudo mais engraçado.

— Mas que susto do caralh... caramba — falei. — Não acredito que vocês fizeram mesmo isso.

— Oba, uma festa! — Alice, agora, parecia estar completamente sem sono.

Meus tios espalharam balões coloridos pela sala de estar e ainda penduraram uma faixa com as palavras "Bem-vindos, Ian e Alice!" em uma das paredes. Além disso, a mesa estava repleta de comidas que, com toda certeza do universo, tinham sido preparadas pelos dois.

— Esse é um grande momento, a gente precisava comemorar de alguma forma. Eu estou tão feliz de ter vocês aqui.

Tia Sara foi a primeira a vir nos abraçar e o tio Pedro veio logo em seguida.

— Como foi a viagem? — ele quis saber.

— Melhor do que eu esperava, apesar da minha copilota ter dormido a maior parte do tempo e me deixado sozinho — brinquei.

— Ela é uma garotinha esperta — Tio Pedro pegou a neta do meu colo e sentou-se com ela no sofá, brincando de fazer cosquinhas na pequena, que parecia estar nas nuvens de tão feliz com tudo.

— Vocês devem estar cansados da viagem. Por que não comem e aproveitam para descansar um pouquinho? O Pepe fez o *coq au vin* que você gosta.

— Ousado da sua parte cozinhar pra mim um dos pratos que é minha especialidade — impliquei.

— Ah, vai tomar no...

— Criança no recinto! — a tia Sara gritou.

— Vai tomar um banho, Ian. E vê se assim você cresce — ele disse. — Tá com fome, pequena?

— Estou — minha filha respondeu.

— Então, vamos comer a comida maravilhosa que o vovô Pedro fez para você. Vai ser a melhor refeição da sua vida — disse apenas para me provocar.

Porra, eu sentia falta disso para um caralho.

Era bom demais estar em casa.

Sentamos à mesa com meus tios e Alice parecia radiante em ter tantas pessoas à sua volta durante uma refeição. Ela parecia tão empolgada que, quem olhasse de fora, jamais diria que a garotinha passou as últimas sete horas trancada em um carro. São a esses momentos que eu vou me agarrar quando a dúvida sobre a minha decisão surgir em meus pensamentos.

— Quer conhecer seu quartinho, Alice? — tia Sara perguntou.

— Quero, vovó! — respondeu com os olhos brilhando.

— Vamos lá então...

Tia Sara pegou a minha garotinha pela mão e caminharam juntas até o quarto que costumava pertencer a Cora.

— Achei que iríamos ficar no meu antigo quarto — falei.

— Você vai, mas a Alice... — Tia Sara fez um suspense antes de abrir a porta por completo.

— Espero que você goste, pequena — tio Pedro falou.

— Isso é uma cabaninha? Ah! Olha só, papai, tem um fogão de brinquedo! — Alice estava sem saber no que focar primeiro e começou a falar pelos cotovelos.

Os avós babões tinham preparado um quarto para a pequena com direito a mais brinquedos do que os milhões que ela já possuía, uma cama infantil com lençóis na cor rosa e a porra de uma cabaninha com pisca pisca pendurado do lado de fora. Alice estava em sua própria Disneylândia.

— Gostou? — O tio Pedro quis saber.

— Eu amei! Obrigada, vovô e vovó — agradeceu correndo para dar um abraço neles.

A tia Sara se aproximou de mim enquanto o tio Pedro estava sendo puxado por Alice para brincar com ela na sua cozinha de mentirinha.

— Você está fazendo um ótimo trabalho criando ela, Ian. Espero que você saiba disso. — Acho que nunca fiquei tão feliz com um elogio como agora.

— Obrigado, tia Sara. Eu tive bons exemplos no tempo que morei aqui — falei. E, dessa vez, foram os olhos dela que marejaram. Meus tios nunca quiseram ter filhos, mas a vida os tornou uma espécie de pais para Cora e para mim. Além disso, perdi as contas de quantas vezes, ao longo desses cinco anos, liguei para os dois em busca de ajuda e conselhos e, em todas as vezes, eles conseguiram me acalmar e me ensinar o que fazer. — Não precisava ter se preocupado em fazer um quarto para ela.

— É claro que minha neta teria um quarto aqui em casa. Assim ela pode vir dormir aqui em alguns finais de semana e você pode curtir um pouquinho o seu *vale night.*

— Eu nem sei como agradecer a vocês por tanto — falei.

Tia Sara me deu um abraço apertado.

— Por que você não vai dormir um pouco para descansar? A gente fica com a gatinha e mantemos ela ocupada e cansada para poder dormir de noite sem atrapalhar a rotina de sono — sugeriu.

— Tem certeza? Não quero dar trabalho para vocês.

— Olha bem para o Pepe... — Ela levou o olhar para onde o marido estava e olhei na mesma direção. — Ele parece estar tendo trabalho? Aposto que está se divertindo mais do que a pequena.

Soltei uma leve risada ao ver os dois brincando. Alice obrigou o tio Pedro a usar um avental e um *toque blanche* na cor rosa e ele o fez sem pensar duas vezes. Meus tios não queriam ser pais, mas, pelo visto, nasceram para ser avós.

— Se precisar de qualquer coisa, me acorde — avisei.

— Não vamos precisar. Pode relaxar, Ian. Nós agora estamos aqui para te ajudar.

Saí do antigo quarto de Cora e percorri o trajeto já conhecido até o meu antigo quarto. Assim que abri a porta, foi como voltar no tempo. Os móveis estavam na mesma disposição de cinco anos atrás, os quadros que nunca levei para São Paulo continuavam pendurados na parede e até a roupa de cama parecia com uma que eu costumava usar.

Coloquei uma das minhas malas de roupa no canto e a abri apenas para pegar uma muda de roupa limpa. Tomei um banho rápido e deitei na cama, pronto para descansar pelas próximas horas. Antes de me entregar ao sono por completo, peguei meu celular e mandei uma mensagem para Sol avisando que já estávamos em Teresópolis e aproveitei para mandar uma mensagem no grupo que compartilhava com Nick e Caio.

***Ian**: Já estou em terras teresopolitanas, porra*

***Caio**: Caralho, até que enfim*

***Nick**: O pai tá on demais rapaziada*

***Nick**: Vc precisa brotar no barvelar hj, cara, vamos comemorar!*

***Ian**: Vou tentar, mas tô cansado pra caralho.*

***Caio**: O bar só abre mais tarde, dá tempo de vc dormir e aparecer por lá depois*

***Caio**: Talvez vc se sinta mais animado em vir ao saber que o fogão novo foi instalado na cozinha... Na sua cozinha!*

***Ian:** Porra, agora sim um argumento bom. Vejo vcs mais tarde*

***Caio:** Cuzão*

Deixei o celular de lado e fechei o olho, sendo levado para mais uma memória...

ANOS ATRÁS

— Acorda, cuzão! Levanta! — ouvi a voz de Caio sussurrar no meu ouvido. Porra, por que ele estava invadindo meu sonho?

— Sai do meu sonho, caralho — falei para ele. A única pessoa com o sobrenome Avelar que eu queria ver em meus sonhos era a Lara.

Especialmente se fosse um sonho erótico, mas não dava para ter um sonho assim se o irmão dela também participasse. Era estranho para caralho.

— Do que você está falando, porra? Acorda, seu cuzão, preciso de ajuda. — Dessa vez, senti alguém me balançar. Os sonhos estão ficando cada vez mais reais. Será coisa de inteligência artificial? Será que eles aprenderam a invadir nossos sonhos? — Porra, Ian, levanta logo.

Abri os olhos, muito contra minha vontade, e descobri que não era um sonho. Caio estava mesmo no meu quarto. Porra, não era nem sete horas da manhã ainda.

— O que você está fazendo aqui tão cedo e por que está me acordando? Errou de quarto, é? — reclamei.

— Eu passei a noite aqui.

— Como é que é? Não acredito que o tio Pedro liberou a Cora para trazer convidados, mas eu não posso trazer nenhuma gata. — Não que eu fosse trazer Lara para dentro da casa dos tios dela, mas, ainda assim, queria direitos iguais.

— Esse é o problema, caralho, ele não liberou.

— Ah, porra. Vocês viraram adolescentes agora, é? Ficam entrando escondido em casa para trepar... Por que você não a levou para sua própria casa?

— Caralho, você fala demais. Não é da sua conta o porquê eu dormi aqui, só quero sua ajuda para sair daqui sem o tio Pedro perceber que quebramos as regras estúpidas dele.

— Por que sua namorada quebradora de regras não te ajuda? — perguntei.

— Porque ela foi tomar banho e, quando eu estava prestes a fugir, a porta do quarto do tio Pedro abriu. E aí eu entrei aqui correndo antes que ele me visse. E, agora, você precisa parar de me interrogar e me ajudar, porra.

— O que você quer que eu faça?

— Sei lá, caralho. Ele deve estar na cozinha. Vai lá e puxa algum assunto pra distrair ele enquanto eu saio de fininho.

— Caio, essa merda não vai funcionar.

— Vai sim, porra. Anda logo.

Levantei, ainda resmungando um pouco e dizendo ao Caio que ele me devia uma, e saí do meu quarto, deixando a porta propositalmente aberta para facilitar a fuga do quebrador de regras alheias.

— O que caralhos aconteceu para você já está acordado? — tio Pedro disse assim que me viu.

— Bom dia para você também, tio Pedro. Sempre tão bem-humorado — impliquei. — O que você está fazendo?

— Vitamina, exatamente igual eu faço todos os dias pela manhã quando você está desmaiado demais para ouvir o barulho do liquidificador.

Caio, pela fresta da porta, movimentava os lábios em minha direção como quem diz "faz algo logo".

— Me ensina a fazer essa parada aí — pedi.

— Você não sabe fazer vitamina, porra? Até uma criança de cinco anos saber fazer.

— Eu duvido muito que crianças de cinco anos tenham essa habilidade. Talvez as de dez anos até tenham, mas... Não sei nada sobre pirralhos — falei.

— Você fala demais pela manhã — reclamou.

— Vai me ensinar ou não?

— Você vai calar a boca se eu disser que sim?

— Posso tentar — respondi com um sorriso.

— O que caralhos eu fiz para merecer isso? — Tio Pedro externalizou o pensamento que eu sabia que passava pela cabeça dele mais vezes que o saudável. — Primeiro, pega o leite na geladeira.

Caminhei até a geladeira e abri a porta, me enfiando dentro do eletrodoméstico. Precisava pensar rápido, fazer alguma coisa logo e... De repente, me veio uma ideia. Não tinha como dar errado. Peguei o leite mas, ao invés de entregá-lo ao tio Pedro, o escondi na gaveta de legumes.

— Não tem leite aqui — informei.

— É claro que tem. Eu bebi ontem.

— Não estou achando nada. Nenhuma caixa. — Porra. Eu deveria ser ator.

Como esperado, o tio Pedro veio até a geladeira para olhar com os próprios olhos.

— Onde será que Sara escondeu a porra do leite? — questionou com os olhos analisando as prateleiras da geladeira.

Fiz sinal para Caio aproveitar a distração para sair, mas, quando meu primo estava no meio do caminho, tio Pedro ameaçou se levantar e eu precisei pensar rápido.

— Procura mais — disse, segurando sua cabeça de modo que ele continuasse com ela dentro da geladeira.

— Que porra você está fazendo, Ian?

Bom, eu tentei. Mas, pelo visto, o tio Pedro não comprou meu teatro e conseguiu se desprender de mim. Como um homem daquela idade tinha tanta força, porra?

— O que caralhos você está fazendo na minha casa? — questionou quando se virou e deu de cara com Caio e sua cara amarrada por ter sido pego em flagrante. Antes que Caio tentasse se defender, ele continuou. — Eu já disse que não quero você passando a noite aqui. São as regras da casa.

— Talvez eu tenha acabado de chegar aqui — Caio disse.

— Porra, você acha que sou otário?

— É mesmo pra responder? — Caio provocou.

— Vaza da minha casa, caralho — tio Pedro disse por fim, colocando Caio para fora. — E, se eu te pegar dormindo escondido aqui de novo, você vai se foder. E não da forma como você gostaria — ameaçou.

Não sei ao certo quando peguei no sono, mas já estava próximo das sete horas da noite quando acordei, me sentindo renovado.

— Cadê todo mundo? — perguntei em voz alta para a casa silenciosa, mas não obtive resposta.

Um papel grudado na porta da geladeira me chamou atenção e caminhei até lá para ver o que estava escrito. Reconheci a caligrafia do tio Pedro à primeira vista: *"Saímos com a pequena para a pracinha e depois vamos levá-la para jantar. Aproveite seu vale night. É bom ter você de novo em casa"*

Ter uma rede de apoio como a deles seria uma novidade bem fácil de me acostumar. Amo minha filha mais do que tudo no mundo e destruiria o que fosse preciso se isso fosse o melhor para ela, mas porra... Eu sentia saudades de fazer as coisas sozinho, de ter uma vida só minha também. Não pensei duas vezes antes de me arrumar para ir até o BarVelar encontrar os meus primos.

— Fala, parceiro! — cumprimentei Nick, que, como de costume, trabalhava atrás do balcão.

— Ah, caralho, finalmente você chegou! — Ele saiu do balcão apenas para me dar um abraço. — Nem acredito que você vai mesmo trabalhar aqui com a gente.

— Finalmente esse lugar vai ter comida boa de verdade — impliquei. O BarVelar era um dos mais famosos da região e não era à toa. — Onde está a outra versão sua?

— Deve estar trepando com Cora em algum lugar — disse.

— Está preocupado demais com minha vida sexual, cuzão — ouvi a voz de Caio dizer. Algumas coisas não mudavam nunca. Ainda bem. — Como foi a viagem, irmão?

— Foi tranquila, felizmente. A pequena dormiu a maior parte do tempo, a mudança já está no depósito e, agora, só falta mesmo uma casa para chamar de minha. Mas tenho tempo. Até lá, estamos felizes morando com o tio Pedro e a tia Sara — contei.

— Só não vai poder levar nenhuma garota para dormir lá — Caio provocou. Ele nunca superaria essa regra, mas aposto que iria entendê-la melhor quando sua filha nascesse.

— Mas aí eu posso trazê-la para fodê-la na minha cozinha — provoquei de volta.

— Porra, Ian, nada de transar na cozinha onde você prepara a comida dos meus clientes — Caio avisou.

— Eu já transei com Gabi neste balcão — Nick disse com um sorriso no rosto. — Algumas vezes.

— Ah, caralho, eu preferia não saber disso — Caio reclamou.

— E daí, porra? Você transa com Cora o tempo inteiro na sua sala.

— Mas é a *minha* sala — argumentou.

— E esse é *meu* balcão. E a cozinha será de Ian. Não vejo diferença.

— Quer saber? Chega desse papo. Quer conhecer sua cozinha? — Caio quis saber.

— E você ainda pergunta?

Caio e eu fomos até a parte nova do bar, que eu ainda não conhecia. Ele me explicou rapidamente as mudanças que foram feitas e, em seguida, fomos para a parte que realmente importava: a nova cozinha.

— O que achou? — perguntou.

Meus olhos viajaram pelo ambiente, o analisando com atenção. Cada detalhe da cozinha me causava uma mistura de excitação e admiração. O espaço amplo e bem iluminado, com equipamentos reluzentes e bem-organizados nas prateleiras, a geladeira espaçosa. Tudo estava incrível. O cheiro de temperos frescos que tomava conta do ar já estava fazendo minha imaginação pensar em todos os pratos incríveis que eu criaria naquele espaço, naquele fogão industrial que parecia um sonho em formato de eletrodoméstico. Era o *meu* espaço.

— Ficou foda, irmão. Mal vejo a hora de começar — falei.

Passei mais um tempo ali admirando o lugar, e todos os equipamentos que eu estava ansioso para usar, e depois voltamos para o bar, onde Nick já havia preparado um *drink* para cada um de nós.

— Ao novo começo — ele disse erguendo seu copo.

— Ao novo começo — Caio e eu repetimos e imitamos o gesto.

— Caralho, isso está bom demais — elogiei depois do primeiro gole. — Você conseguiu ficar ainda melhor nisso, Nick.

— Cuidado, Ian, se o ego do Nick crescer mais um centímetro vai explodir esse bar — Caio implicou.

Depois do meu segundo *drink*, precisei ir ao banheiro. Assim que voltei, meus primos conversavam animados com um casal que estava sentado no balcão e me aproximei do grupo.

— Eu já disse que aqui não tem essa porra de *drink* sem caloria. Bebe o *drink* normal e amanhã você treina — ouvi quando Nick disse para o homem.

— Ou você pode simplesmente beber água — disse Caio, parecendo impaciente.

— Ah, olha só quem voltou. Ian, esse aqui é Maumau. Namorado da... — Nick começou a dizer.

Imaginei um milhão de vezes como seria encontrar com *ela* pessoalmente. *Ela* continuava linda, é claro. Os cabelos longos, as bochechas rosadas, o braço coberto por tatuagens de flores que pareciam deixá-la ainda mais sensual, o corpo voluptuoso que minhas mãos sempre adoraram explorar, apertar e acariciar. Mas os olhos... Os olhos castanhos, que já me fitaram com admiração, agora eram pura dor. E perceber isso, estando frente a frente com ela, me causou uma dor física no peito. Eu sou um cuzão do caralho.

— Oi, Lara — as palavras saíram da minha boca de forma automática.

— E-eu, eu... — Seu olhar estava fixo no meu e eu daria um membro do corpo para ser capaz de ler o que se passava na mente dela neste momento. — Eu acabei de lembrar que preciso me encontrar com a Cora.

E, sem mais nenhuma explicação, ela saiu andando em direção à escada que dava acesso aos apartamentos dos irmãos. Lara não gritou comigo, não me bateu e muito menos jogou o líquido que estava no seu copo na minha cabeça, como imaginei uma centena de vezes que poderia acontecer. Ela apenas agiu com indiferença, me deixando plantando ali como o idiota que sou. Porra, e o pior é que eu merecia isso.

— Acho que vou querer a água mesmo — o imbecil do namorado dela, que com certeza usava bomba, disse para Nick e vi quando Caio revirou os

olhos, respirando fundo. — Então, Ian, né? Engraçado, nunca ouvi falar de você.

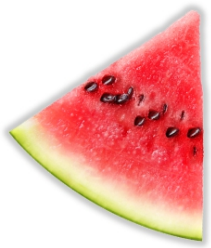
— Ele é nosso primo — foi Nick quem respondeu. Se dependesse de mim, o otário continuaria sem saber quem eu era. E, porra, eu o conhecia há menos de cinco minutos e já desejava apagar sua existência da minha vida. Ou melhor, da face da Terra.

— Galera, valeu pela recepção, mas preciso ir — falei. Não queria ficar nem mais um minuto na presença do imbecil e queria menos ainda estragar a noite de Lara. Eu já tinha causado estragos demais em sua vida.

— Mas já? Toma pelo menos uma saideira — Nick disse.

— Não dá, irmão. A pequena está me esperando em casa para colocá-la para dormir. Tio Pedro acabou de mandar mensagem avisando — menti.

Me despedi dos meus primos e, sem me preocupar em ser educado, não troquei uma palavra com o marombeiro idiota. Eu sabia que percorreria todo o trajeto até em casa pensando em Lara e em todas as coisas que eu gostaria de dizer a ela, mas, para isso, ela teria que estar disposta a ouvir. Não sei como eu faria para conseguir isso, mas estava disposto a descobrir. Custe o que custar.



Capítulo 5.

LARA AVELAR

Acho que fantasiei reencontrar com Ian desde o minuto que ele me deixou sozinha tantos anos atrás. Imaginei que doeria, que sentiria meu coração se partir mais uma vez como um *flashback* do que tinha acontecido. Pensei que o ar deixaria de entrar nos meus pulmões, travado de um jeito que tornaria impossível continuar respirando. Até supus que poderia chorar, sem conseguir controlar as lágrimas que provavelmente estavam presas há cinco anos.

Mas em nenhum dos cenários imaginei que sentiria meu coração disparar. Bater tão forte e tão acelerado que conseguia senti-lo na minha garganta.

Inferno! Eu o odiava na mesma intensidade que sabia que ele mexia comigo.

Corri do BarVelar sem olhar para trás, fingindo seguir para a escada que levava até o apartamento dos meus irmãos, mas mudando o trajeto no último segundo para ir até a saída. Torci para que Cora não aparecesse por lá tão cedo e estragasse minha desculpa. Eu precisava ficar sozinha. Precisava me dar o tempo de digerir o que significa tê-lo de volta em casa.

Casa. Essa não era a casa dele, porra. Era a *minha*.

Na primeira vez, o transformei no meu lar e fiz de Ian o meu templo. A troco de quê? Ele não pensou duas vezes antes de apagar nossa história, me trair e me fazer questionar tudo que eu acreditava.

Perdi as contas de quantas vezes pensei que se eu fosse mais velha na época as coisas seriam diferentes. Que se eu fosse madura como *ela*, talvez

nada tivesse acontecido. Demorei até conseguir acreditar que a culpa de ter sido apunhalada não era minha e sim de quem segurou o punhal.

Nem o ar puro do lado de fora me fez conseguir voltar a respirar.

Ele parecia tão… diferente. Mais velho, mais forte, com mais tatuagens… Infelizmente, mais bonito.

Senti meus olhos arderem. Ao mesmo tempo, ele parecia tão igual. Tão parecido com o mesmo Ian que tinha me feito sorrir, suspirar, gemer com as minhas primeiras vezes e… Chorar. Chorar tanto que tinha me trancado no quarto por duas semanas sem conseguir sair.

Eu poderia perdoá-lo pelo que fez, mas nunca pela forma como tinha me tratado.

Fechei os olhos, encostando a cabeça contra a parede de tijolos amarronzados que faziam parte da fachada do bar dos meus irmãos. Escutei a porta de sair abrir mais uma vez e acompanhei o movimento com os olhos, vendo a silhueta do homem que tinha virado minha noite do avesso e continuaria fazendo isso enquanto dividisse a mesma cidade que eu.

Seus olhos encontraram os meus e foi como se tudo parasse ao redor. Eu não sentia mais a brisa fria da serra, nem o som da música alta vinda do lado de dentro e nem o barulho de trânsito. Tudo que eu era capaz de notar era a forma como seus olhos pareciam intensos enquanto varriam meu rosto, focado em mim como se pudesse me decifrar. Mas ele não podia mais.

Ian abriu a boca e eu senti minha pele arrepiar antes mesmo que alguma palavra saísse.

— Você está… linda — o idiota teve a capacidade de dizer.

Se algum pedaço de mim ainda tinha uma parcela de raiva adormecida, o elogio foi responsável por ativá-la. Meus olhos queimaram, minha garganta ardeu e eu dei um passo à frente, me arrependendo no segundo seguinte quando seu cheiro masculino me atingiu em cheio.

— E você continua péssimo em cumprir promessas — ataquei. Queria ser madura, me mostrar superior e fingir que ele não me afetava. Mas eu era péssima em atuar quando se tratava de Ian Diniz. Ele despertava o meu lado

juvenil, o lado da adolescente que teve o coração tão dilacerado e que, desde então, nunca mais se sentiu tão segura quanto antes.

— Lara… — Odiava ouvi-lo chamar meu nome. Me despertava lembranças que eu gostava de deixar guardadas.

— Por que você voltou?

— Porque sou o novo *chef* do BarVelar.

Bufei, irritada com a sua resposta.

Eu sabia a resposta *técnica* da coisa. Mas não era isso que eu queria saber.

— Qual a resposta verdadeira, Ian? — pressionei.

Ele se recostou na parede onde eu estava há alguns minutos e olhou para o céu. Não repeti seu gesto, mas sabia que a noite de hoje parecia uma pintura de tão bonita. Sem nenhuma nuvem e com estrelas brilhando tão intensamente que alertavam um dia de sol na manhã seguinte.

— Porque eu sentia falta de casa.

Eu poderia dizer que sua declaração não fez meu estômago revirar, mas estaria mentindo. Parecia honesta, dolorida.

— Pelo que eu me lembro, você disse que nunca mais voltaria — acusei, sentindo um punhado de palavras se acumularem na minha boca. E eu não as guardaria para mim. — Que Teresópolis desde o início tinha sido só uma aventura enquanto você tentava recuperar sua vida. *"Tudo aqui foi passageiro desde o início"* — falei, gesticulando aspas com as mãos e repetindo o discurso que fez para mim no passado.

Ele balançou a cabeça em negativa, mas ao invés de me retrucar, ficou em silêncio. O que só me irritou ainda mais.

— Espero que seja passageiro novamente. — Eu estava sendo uma babaca e não me importava nem um pouco. Do mesmo jeito que ele não se importou em me machucar quando teve a chance.

A porta de saída do BarVelar reabriu mais uma vez e, como se minha noite não estivesse péssima o suficiente, foi Mauro que surgiu através dela. Segurando o celular na frente do rosto enquanto gravava algo para as redes sociais. Ele levou alguns segundos até notar minha presença e seu olhar

vagou de mim até Ian, que o encarava de braços cruzados e com uma expressão irritada.

— Amor, achei que você estava indo encontrar com a sua cunhada. — O tempo inteiro congelou quando o escutei me chamar pelo mesmo apelido que Ian costumava me chamar. Foi inevitável que meus olhos vagassem para o do homem que tinha partido meu coração e nada me preparou para o que encontrei refletido ali.

Dor. A mais profunda dor.

Mas ele não tinha o direito de sentir dor quando tinha feito muito pior.

— Eu ia, mas… — *Pense em algo, Lara.*

— Boa noite pra vocês — Ian me cortou, caminhando entre Mauro e eu e seguindo até um dos veículos estacionados bem ao lado do BarVelar. Meus olhos ainda estavam nele quando o vi me encarar de volta antes de entrar no carro.

— O que acha da gente ir lá pra casa agora? — meu namorado sugeriu, completamente alheio à minha clara apatia.

— Eu ia adorar, mas não tô me sentindo muito bem, acho que comi algo que me fez mal — menti.

— Aposto que foi aquele pastel que você comeu mais cedo. Já cansei de te falar que fritura não faz bem, amor. Além de entupir as artérias, ainda engorda.

Ótimo, que noite incrível para Lara Vianna Avelar.

— Já pedi para não me chamar mais de amor, Mauro. — Ele deu de ombros, como se meu pedido fosse sem sentido. — A gente se vê amanhã, pode ser?

Fiquei na ponta dos pés e me inclinei para colocar um beijo rápido nos seus lábios. O movimento pareceu estranho, mas afastei a sensação e atravessei a rua, caminhando em direção ao prédio que morava com os meus pais.

O trajeto era relativamente curto, mas ainda assim me dava a possibilidade de ficar sozinha com os meus próprios pensamentos.

Ian Diniz estava de volta.

Ele e *a filha*.

A última vez que procurei por informações sobre a menina eu tinha acabado de completar dezessete anos e me senti a pior pessoa do mundo por ter passado os meses anteriores com raiva não só de Ian como dela também. E da mãe. Que ótima pessoa eu era por sentir raiva de uma mulher morta e uma bebê! Mas no minuto que vi sua foto no celular dos meus tios, toda ira que pensei que sentiria dela, se dissipou. Ela era tão linda e tão parecida com o pai que fazia meu coração doer.

Eu precisava dar um jeito de aprender a lidar com as mudanças recentes. Eu tinha tomado a decisão no passado de não contar para ninguém sobre a nossa história e agora precisava arcar com as consequências.

Não me arrependia da minha decisão, para ser sincera. Sabia que era o certo a se fazer quando nossas famílias eram tão misturadas que contar o que havia acontecido só complicaria desnecessariamente a vida de todos os outros.

Cumprimentei o porteiro no prédio em que eu morava desde que nasci e entrei no elevador, seguindo até o andar que eu morava. A ausência de barulho enquanto eu colocava minha digital no leitor biométrico indicava que ou meus pais não estavam em casa ou já tinham ido deitar. Pelo menos uma pequena dose de sorte depois da noite repleta de azar que tive.

A sala estava totalmente escura a não ser por um abajur que mamãe costumava deixar aceso para que não ficasse um completo breu. Deixei meus sapatos no tapete ao lado da porta e, nem me dei ao trabalho de trocar de roupa antes de seguir para o único local que eu gostaria de estar.

Abri a porta da antiga área de serviço e o cheiro de terra me atingiu antes mesmo de eu a atravessar. Quando fiz dezoito anos, meus pais me fizeram a surpresa de construir uma pequena estufa dentro do nosso apartamento. Era um espaço de cinco metros quadrados mas era um dos meus lugares preferidos no mundo. Peguei o avental que deixava pendurado em um suporte logo atrás da porta e prendi o cabelo em um coque, indo até o canto onde deixava a terra adubada separada.

Quando eu estava feliz, gostava de plantar girassóis.

Quando eu estava triste, gostava de plantar dormideiras.

E quando eu estava com raiva, era o momento das suculentas.

Exatamente por isso me vi separando pequenas mudas de dormideiras e suculentas e decidindo colocá-las no mesmo vaso, por mais que soubesse que isso seria um atestado de óbito para uma das espécies. Suculentas precisavam de solo mais seco, enquanto as dormideiras dependiam da umidade para sobreviver.

Talvez Ian fosse como um cacto e eu como a dormideira. Ele não precisava do mesmo que eu e me deixou secar.

Ah, Deus, eu estava enlouquecendo.

— Querida? Está tudo bem?

Pulei de susto quando escutei a voz da minha mãe parada bem no batente que separava a minha estufa do restante da casa. Evitei encará-la, porque sabia que seria o suficiente para que ela entendesse que eu não estava nada bem.

— Tudo sim, mãe — menti. — Só quis mexer um pouquinho em alguns vasos que tinha separado mais cedo.

Escutei os passos se aproximando, mas nem olhei para trás. Senti sua sombra me cobrindo conforme ela se debruçava sobre mim para encarar o que eu tinha separado na bancada em que costumava trabalhar.

— Cactos e dormideiras? — questionou. Senti suas mãos tocarem o meu ombro e me impulsionarem para virar, ficando de frente para ela.

Sempre senti um orgulho gigante quando me diziam que eu era igualzinha à minha mãe. Mas embora nós duas compartilhássemos o mesmo cabelo e olhos escuros, pele clara e corpo mais curvilíneo, eu estava longe de ser tão forte quanto ela. Mamãe tinha superado tantas coisas ao longo da vida e eu… Me sentia mal por conta de uma decepção adolescente.

— Quis testar uma combinação nova — menti. Ou não. Quer dizer, era mais ou menos mentira e mais ou menos verdade.

— Você só planta dormideiras quando está triste.

Como raios Olívia Avelar tinha percebido isso?

— Não é verdade. Teve aquela vez que… — Tentei buscar na minha mente por qualquer ocasião em que eu tivesse plantado dormideiras e nenhum sentimento estivesse envolvido, mas é claro que nada me veio à cabeça. Era como uma página em branco.

Minha mãe cruzou os braços em uma expressão divertida e se recostou contra a minha bancada, me fazendo encará-la.

— Eu te conheço, Lara Avelar.

— Não é nada demais… — desconversei, voltando a mexer na terra com o pequeno ancinho para misturar os nutrientes e aerar o solo antes de seguir com o plantio. — Tive uma discussão boba com Mauro.

— Sobre o quê? — insistiu.

Ótimo, agora eu precisaria inventar uma discussão fictícia com meu namorado. Dei de ombros, fingindo ser algo sem nenhuma importância.

— Ele queria que eu fosse para um evento de fisiculturismo com ele e eu não estava a fim. — Não aconteceu, mas era algo tão realista que eu duvido que mamãe duvidasse.

Eu continuava observando a terra sob minhas mãos, mas vi pela visão periférica a forma como estreitou os olhos e ficou em silêncio estudando minha expressão.

— Então quer dizer que não tem nada a ver com Ian estar de volta a Teresópolis?

O ancinho despencou da minha mão e fiquei imóvel por alguns segundos me xingando mentalmente por ter sido burra o suficiente por acreditar que poderia enganar dona Olívia.

— Como você sabe? — perguntei, mesmo que a resposta fosse óbvia.

— Sua tia Sara me falou mais cedo. — Mamãe ergueu a mão na minha direção, acariciando minha bochecha e me fazendo encará-la. — Como você está com isso?

Desviei os olhos. Se ficasse olhando para ela, não conseguiria controlar a vontade de chorar. E eu odiava chorar por Ian.

— Já faz cinco anos. — Eu sabia que não era uma resposta à pergunta que ela havia me feito, mas era o melhor que eu poderia oferecer.

— E ainda assim você está plantando cactos e dormideiras — ponderou.

Bufei, irritada pelo fato de que ela me conhecia tão bem. Mamãe sempre foi a minha melhor amiga, mas nem mesmo com ela gostava de falar sobre esse assunto.

— Por que me deixou inventar uma briga com Mauro? — questionei, tentando mudar de assunto.

Ela deu de ombros, ajeitando a faixa de cetim do robe que usava ao redor da cintura.

— Porque queria que você se sentisse confortável para me contar a verdade. — *Ai.*

Senti uma fisgada de culpa e limpei as mãos no pano que deixava pendurado, finalmente virando-me de frente para ela.

— É só que… Não é o meu assunto preferido — confessei. Ela esticou um braço e passou ao meu redor, me trazendo para perto como se eu continuasse a mesma garotinha que sempre buscava seu colo.

— Você guarda tudo isso pra si mesma faz tempo, Lara, se continuar escondendo como se sente, em algum momento vai explodir.

Ela tinha razão, mas…

— Não é justo levar meus problemas para o resto da família. Eu tomei a decisão certa, mãe.

— Sei disso. — Sua mão veio para o meu cabelo, os dedos passeando entre os fios em um carinho que me fez respirar mais tranquila pela primeira vez essa noite. — Mas você fica tanto tempo pensando no resto da família que, às vezes, não pensa em si mesma.

Senti meu coração aquecer.

— Eu estou bem, só não esperava encontrar com ele essa noite.

E, de súbito, ela me afastou de si, segurando-me pelos ombros para que me estudasse.

— Você *encontrou* com ele? — Assenti com a cabeça. — Isso explica essa combinação. — Apontou para as suculentas e dormideiras que eu tinha separado quando cheguei.

— Não conversamos muito. Foi melhor assim — falei.

— E como você se sentiu?

Não queria mais mentir para ela. Estava cansada depois da noite caótica e confusa com todos os sentimentos que rodeavam meu corpo. Então, fiz a única coisa possível. Suspirei e confessei tudo que tinha passado pela minha cabeça.

— Como se tivesse dezesseis anos novamente. — Abaixei os olhos, mexendo nas minhas unhas enquanto o turbilhão de palavras se formava na minha garganta. — Ele parece diferente. Mais sério, mais adulto, mais…

— Bonito? — Mamãe piscou um olho para mim. Deixei uma risada escapar.

— Você não vale nada, dona Olívia — brinquei. — Mas sim, ele também está bonito. — Isso me fez lembrar… — Acredita que o idiota teve a coragem de dizer que eu estava linda? Depois de tudo, a primeira coisa que me disse, é que eu estava linda.

Eu estava revoltada. Com ele e, principalmente, comigo mesma. Porque o elogio apesar de ter me trazido ira também me fez bem. E odiava isso.

— Ele só estava falando a verdade, querida.

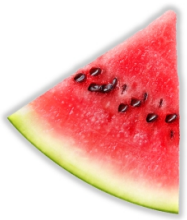
Lancei um olhar acusador para a pessoa que deveria estar do meu lado nesse momento e xingando meu ex junto comigo. Ela ergueu as mãos no ar, em um gesto de inocência.

— O que você pretende fazer?

Aí estava: a pergunta que eu vinha me fazendo desde que soube que ele se mudaria para a mesma cidade que eu.

— Nada. Ian não significa mais nada para mim, então eu não vou fazer nada.

O olhar que recebi de Olívia Avelar replicava o que eu sabia bem no fundo da minha alma. Eu estava mentindo, mas era o melhor que eu poderia fazer nesse momento.



Capítulo 6.

IAN DINIZ

ANOS ATRÁS

— Pois diga para ele que é urgente! — minha mãe berrou em seu inglês perfeito para a coitada da secretária que estava do outro lado da ligação.

Não acredito que ela iria incomodar o meu genitor por causa de uma palhaçada. Ele nem sequer se importava comigo a esse ponto.

— O que foi agora, Bea? — a voz entediada do homem que doou o espermatozoide para que eu fosse concebido saiu pelo viva voz do celular, que estava apoiado em cima da mesa da cozinha, entre minha mãe e eu.

— O Ian foi expulso da faculdade.

— E? — ele questionou e dava para notar a impaciência em seu tom de voz. — Ele já é maior de idade. — Ergui as sobrancelhas para ela, como quem diz "eu te avisei", porque, de fato, tinha dito isso para ela.

— Mas enquanto somos nós que bancamos a vida dele, isso também é um problema nosso — disparou.

Deu para ouvir o longo suspiro que meu pai deu do outro lado da linha.

— Bea, vou entrar em uma reunião importante agora e preciso desligar. Ian é adulto e sabe que toda ação gera uma consequência. No mais, confio em você para decidir o que será feito. Você tem o meu aval para tomar qualquer decisão, se é isso que quer ouvir. Preciso ir agora. Depois nos falamos. — Ele encerrou a ligação e, dessa vez, quem precisou respirar fundo foi a minha mãe.

O que ela esperava? Que ele mandasse um cartão de "parabéns por ter sido expulso da faculdade", igual aos que ele mandava de "boas festas" e de "feliz aniversário"? Ele nunca se importou comigo quando era menor de idade, isso não mudaria agora.

— Acabou nossa reunião familiar? — perguntei.

Eu fui expulso da faculdade, mas e daí? Existe mais um monte de faculdades de Gastronomia por aí e certamente alguma delas vai me aceitar. Eu sou um bom aluno, minhas notas são altas, eu só cometi um erro: ser pego comendo uma das professoras. Mas, lição aprendida: não vou mais transar na sala de aula da faculdade.

— O que eu faço com você, Ian? — Minha mãe refletiu, me fitando com o olhar repleto de decepção e raiva. — Você sempre teve tudo do bom e do melhor, sempre batalhei muito para isso. E, ainda assim, sempre foi um garoto rebelde. Achei que era uma só fase, que isso iria passar quando você ficasse adulto. Mas você ficou ainda mais inconsequente! Isso é para chamar atenção do seu pai?

Não foi, mas, se tivesse sido, claramente não teria funcionado.

— Acho que para chamar a atenção do senhor Miller só se eu jogasse uma bomba no pentágono ou algo do tipo — bufei.

— Não é hora de falar gracinhas, Ian. Sabe quantas pessoas queriam estar no seu lugar?

Transando com a professora Cristiane? Provavelmente todos os homens do curso de Gastronomia e algumas das mulheres também. Mas é claro que eu não falaria isso para minha mãe. Ela estava irritada de um jeito que nunca vi antes e, acredite em mim, eu já a vi irritada um milhão de vezes ao longo desses dezenove anos.

— Como eu vou embora para a Escócia e te deixar morando aqui sozinho? — ela questionou. Embora provavelmente fosse uma pergunta retórica, resolvi responder.

— Eu tenho dezenove anos, mãe, sei me virar sozinho. — Para ser sincero, eu me virava sozinho há muitos anos, ela só estava ocupada demais para perceber isso.

— E se comporta como se tivesse nove! Não tem a menor condição de te deixar morando sozinho nessa casa. É capaz de eu receber uma ligação dizendo que você colocou fogo em tudo, ou pior ainda, que você está preso sabe lá Deus o porquê — disse.

— Mãe, você está sendo exagerada. O que você quer que eu faça?

— Você vai para a Escócia comigo — falou.

— Ah, mas nem fodendo. Meu lugar é no Brasil — rebati.

— E eu gosto demais desse apartamento para deixá-lo sob os cuidados de um cara irresponsável como o que você vem sendo — argumentou.

— Prometo que vou ser um novo Ian a partir de agora.

— Já ouvi essa promessa um milhão de vezes antes. — Não era mentira. Mas, agora, estava disposto a cumpri-la porque não existia a menor chance de eu sair do Brasil. Mamãe pareceu pensar em uma solução por alguns instantes antes de declarar. — Você vai morar com o seu tio Pedro.

— É o que? — Eu amava o meu tio Pedro e amava ir para Teresópolis curtir as férias, mas porra... Morar lá era outra história. Eu não me via morando na serra.

— Eu não falei com ele ainda, é claro, mas tenho certeza que meu irmão vai aceitar. Você pode ficar morando lá por um tempo e, se eu notar que você está de fato um homem mais responsável, te devolvo as chaves do apartamento do Rio e você pode vir morar aqui sozinho.

— Mãe...

— É pegar ou largar, Ian. A escolha é sua.

E foi assim que, uma semana depois, desci do ônibus na rodoviária de Teresópolis em uma noite fria.

— Como foi a viagem, Ian? — tio Pedro perguntou enquanto me ajudava a colocar as malas no bagageiro do seu carro.

— Foi tranquila. É bom estar de volta à cidade — falei. E estava sendo sincero, eu amava Terê. Só que eu via a cidade mais como um destino de férias e não como o meu lar.

— Quer me contar a sua versão do que aconteceu? — ele perguntou enquanto dirigia em direção a casa dele. Ou melhor, a minha nova casa.

— Eu vacilei... — comecei a dizer, mas ele me interrompeu.

— Você precisa pensar mais com a sua cabeça de cima e não com a de baixo.

— Eu vacilei de ter sido pego, isso sim — completei.

— Porra, Ian.

— Somos dois adultos que queriam transar um com o outro. Não tem nada de errado nisso — argumentei.

— E você não poderia ter esperado ela deixar de ser sua professora pra transar com ela?

— E eu ia lá saber que nas normas da faculdade tinha algo sobre não poder foder com os alunos? Quem trabalhava lá era ela, não eu. Além disso, ela estava ocupada demais gemendo meu nome para se preocupar com regras estúpidas.

— Só tenta não se meter em confusão enquanto está aqui, tá beleza? Prometi a sua mãe que cuidaria de você e te manteria na linha.

— Boa sorte tentando — impliquei e recebi um olhar de desaprovação. — Estou brincando, caralho. Cadê o seu senso de humor, hein?

Assim que cheguei ao apartamento, fui recepcionado pela tia Sara e, claro, uma mesa posta. Os dois amavam cozinhar quase tanto quanto amavam um ao outro. Talvez eu tenha herdado deles o meu amor pela cozinha.

— Bem-vindo, Ian! — ela me recepcionou com abraço.

Nós nos sentamos à mesa para comer e conversar. Meus tios, ainda que morando em outra cidade, sempre foram próximos a mim. Porra, eles sabiam mais da minha vida que meus pais, para ser sincero. O que não era muito difícil. Tia Sara e o tio Pedro nunca quiseram ter filhos, mas todas as vezes que passei as férias aqui, eles cuidavam de mim como se eu fosse filho deles. E eu sabia que agora não seria diferente.

— Acho melhor você ir descansar, amanhã terá que acordar cedo — tio Pedro disse.

— Por quê? As aulas só começam no próximo semestre — falei.

Eu estava decidido a voltar a cursar Gastronomia, só que agora em Teresópolis. Estar na cozinha era o que me animava e eu não renunciaria a isso por causa de um pequeno mal-entendido na minha antiga universidade.

— Você acha que vai ficar aqui o dia inteiro coçando o saco, seu cuzão? Você vai trabalhar no Petite Poirot comigo e com a Sara — meu tio falou.

— Ah... Mas não posso começar a trabalhar no turno da tarde? — perguntei.

— Ian, você não está em condições de negociar nada depois da besteira que fez — tio Pedro disse.

— Pensa pelo lado positivo, Ian, você poderá aprender com um dos melhores chefs do Brasil — tia Sara disse, puxando o saco do marido.

— Ué, vocês contrataram um cozinheiro novo? — impliquei, fazendo a tia Sara soltar uma gargalhada.

— Vai se foder, moleque — meu tio reclamou.

— Também amo você, tio Pedro — falei. — E obrigado, vocês dois, por me receberem aqui. Vocês não precisavam...

— Nossa casa é e sempre será sua casa também, Ian. Só queremos que você seja feliz — foi a tia Sara que disse.

E, talvez, eu fosse conseguir mesmo ser feliz ali.



— O outro é por conta da casa, gatinha — falei para a ruiva gostosa que estava no balcão comprando cupcakes.

— Obrigada, você tem um coração muito bom — Ela disse me secando e percebendo que não era apenas o meu coração que era bom. — Que tal você me passar o seu telefone para eu te mandar um agradecimento mais tarde pela sua boa ação?

— Com certeza. — Peguei um pedaço de papel e anotei meu número, entregando a ela, que o guardou no bolso da calça antes de ir embora.

— Se você continuar dando coisas grátis para todas as meninas que flertam com você, esse lugar vai à falência — Cora disse.

Era meu segundo dia trabalhando no Petite Poirot e, hoje, eu tinha sido colocado para ajudar na parte da padaria. Cora, por sua vez, tinha recebido a incumbência de ser minha supervisora e garantir que meu trabalho fosse de excelência, igual ao de todos os outros funcionários.

— Você viu o sorriso dela? Só quero agradar os clientes para que eles voltem mais vezes — falei em um falso tom de inocência.

Eu disse que me manteria longe de problemas, mas beijar na boca das gatinhas da cidade não era um problema e sim uma solução. Bom, desde que elas fossem solteiras e não fossem minhas professoras.

— Você não existe, Ian — Cora disse com um sorrisinho no rosto.

Coraline era gata, mas, pela forma como Caio a olhou ontem, quando dei carona para ela até o BarVelar, eu sabia que a garota estava fora dos limites para mim. Ela era um território já dominado por Caio Avelar e eu respeitaria isso. Mas, pelo menos, podemos ser bons amigos.

— Ah! Preciso ir falar com a senhora Diniz sobre um pedido. Consegue ficar aqui um tempinho sem minha supervisão?

— Confia no pai, Corinha — respondi.

— Você mal chegou e já está até parecendo o Nick — disse antes de sair.

Estava distraído mexendo no celular e nem percebi quando a próxima cliente se aproximou do balcão até que ouvisse sua voz.

— Oi, boa tarde, eu queria um... — Ergui meus olhos e senti minha boca abrir ao perceber quem estava na minha frente.

— Ian? Não sabia que você estava por aqui — ela disse com um sorriso travesso que me atingiu com mais potência do que imaginei que fosse possível.

— Oi, Larinha — falei usando seu apelido de infância, mas de criança a garota da minha frente não tinha mais nada. — Cheguei ontem, vou

passar uma temporada morando em Terê — contei e notei seus olhos ganharem um brilho a mais.

Lara estava... Bom, ela definitivamente não estava mais parecendo uma criança. Fiz as contas mentalmente e, se a garota é três anos mais nova que eu, então agora ela tinha dezesseis. Não era uma diferença de idade tão grande, certo?

E, caralho, ela estava uma gata!

Sempre achei Lara bonita, assim como sempre achei a minha mãe, a tia Sara e todas as outras mulheres da família bonitas. Mas, agora, era um bonita diferente...

A Lara versão adolescente tinha uma beleza que me atraía e me fazia lembrar que tinha duas cabeças no meu corpo. E, porra, ia ser difícil fazer a minha cabeça de baixo não pensar nela como uma garota de dezesseis anos que poderia facilmente ser uma das minhas peguetes. Conseguia visualizar minha mão se agarrando em seus cabelos longos ou deslizando pelas curvas do seu corpo. E aquele olhar... Era o olhar de quem me colocaria em problemas e eu ainda agradeceria por isso.

— Isso quer dizer que você agora vai morar aqui? — perguntou parecendo animada com a novidade.

— Sim. E por um tempo indeterminado — falei.

— Vai ser como nos velhos tempos quando você passava férias aqui. A gente deveria marcar de fazer algo juntos qualquer dia, posso te apresentar todas as novidades da cidade. Muita coisa mudou desde a última vez que você esteve aqui.

— É, muita coisa mudou mesmo — falei com o olhar fixo ao dela e notei quando suas bochechas se tingiram de vermelho em poucos segundos. — E eu vou adorar sair com você. Te mando uma mensagem para combinarmos alguma coisa.

— Perfeito — respondeu, mordendo seu lábio inferior logo em seguida e fazendo minha cabeça pensar em como seria se eu o mordesse.

Porra. Eu sabia que flertar com Lara poderia ser um problema, mas eu não conseguia evitar. Ia ser foda para caralho resistir a essa garota e eu

não estava me ajudando em nada. Foco, Ian, foco. Você não pode se meter em mais confusão.

— E você veio comprar alguma coisa específica? — perguntei, mudando de assunto.

— Ah, a mamãe quer um éclair de chocolate. Se eu chegar em casa sem isso, é capaz de começar a terceira guerra mundial — brincou.

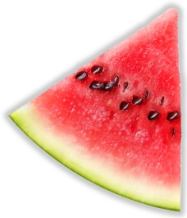
— Vou preparar um no capricho pra ela — falei.

Coloquei um doce a mais no pacote para viagem, para que Lara pudesse comer também. Tio Pedro poderia descontar esse presente do meu salário se quisesse. Ela pegou o saco de papel da minha mão e pagou a conta.

— Então... Nos vemos depois para fazer algo?

— Pode apostar que sim, Larinha.

Ela abriu mais um daqueles sorrisos que eu sabia que me foderia mais cedo ou mais tarde. Talvez beijar algumas gatinhas seja sim um problema. Mas e daí, porra? Acho que mudei de ideia sobre morar aqui. Talvez a serra combine comigo mais do que eu imaginava.



Capítulo 7.

IAN DINIZ

Estava de volta a Teresópolis há quatro dias, mas era como se eu nunca tivesse nem sequer saído daqui. Embora algumas coisas na cidade estivessem um pouco diferentes, a sensação de pertencimento me preenchia a cada passo que eu dava pelas ruas, a cada canto novo que descobria e a cada lugar antigo que me despertava memórias. Lara, é claro, estava envolvida na maior parte dessas lembranças, seja nos lugares em que nos beijamos escondidos ou no lugar em que discutimos uma última vez.

Nós não nos vimos de novo desde o nosso rápido encontro no BarVelar no dia da minha chegada. Naquela noite, quando ela repetiu para mim em voz alta a frase que me ouviu dizer anos atrás, senti como se tivesse levado um soco na boca do estômago.

Como faria para limpar essa bagunça que eu mesmo criei, porra? Sabia que seria uma tarefa difícil e que Lara não facilitaria em nada. Além disso, ainda tem aquele namorado cuzão para atrapalhar ainda mais a minha vida. Será que esse era meu *karma* por ter sido um babaca com ela?

O elevador chegou até o andar onde ficava o estacionamento no prédio dos meus tios e deixei meus pensamentos se dissiparem conforme as portas abriam. Hoje eu levaria Alice para conhecer sua nova escola. Para ser sincero, eu estava mais apreensivo por esse momento do que a minha pequena. Queria que ela gostasse do lugar tanto quanto eu gostei, queria que ela se sentisse feliz com sua nova vida e todas as novidades que estavam acontecendo.

— Pronta para conhecer a escolinha? — perguntei ao afivelar o cinto da sua cadeirinha.

— Minha professora nova vai ser legal? — quis saber.

— Ouvi dizer que ela é a melhor de Teresópolis.

Assim como em São Paulo, escolhi uma escola que ficava próximo ao BarVelar e estava torcendo para encontrar um apartamento que ficasse pela

região também, mas não estava tendo muita sorte nos últimos dias.

Dirigi até a escola e os muros coloridos da sua fachada foram o suficiente para deixar Alice completamente empolgada para estudar ali.

— Uau, aqui é tão lindo! — ela disse animada, aproveitando para acenar, ainda de dentro do carro, para a diretora da escola que nos aguardava no portão de entrada.

— Sejam bem-vindos, Ian e Alice — a diretora Silvana cumprimentou sorridente. — Prontos para conhecer nosso espaço?

— Sim! Vocês têm parquinho? — minha filha quis saber. Porra, as preocupações são muito melhores quando somos crianças.

— Nós com certeza temos. Que tal a gente começar por lá?

Dona Silvana começou nosso *tour* pelo parquinho de madeira, com brinquedos tão coloridos quanto a entrada da escola, e os olhos da minha filha não paravam de brilhar de empolgação. Alice era feliz na antiga escola, mas aqui parecia muito mais. Era como se ela tivesse nascido para esse lugar e, a cada novo ambiente que conhecíamos, essa certeza aumentava dentro de mim. Ver minha filha se adaptando tão rápido fez meu coração transbordar de alegria e de certeza de que fiz a escolha certa ao voltar para casa.

Quando estávamos saindo da nova escola, recebi uma mensagem da minha corretora de imóveis.

***Helen**: Achei o apartamento perfeito. Acha que consegue visitá-lo hoje?*

Será que hoje era meu dia de sorte? Os últimos apartamentos que visitei eram ou velhos demais ou longe demais da região que eu queria. O que visitei ontem, apesar de bem localizado e reformado recentemente, possuía uma sacada com uma proteção quase inexistente, assim como janelas sem grades. Quando você é pai de uma garotinha arteira, você aprende que a segurança está sempre em primeiro lugar, e, por isso, ele foi eliminado.

***Ian**: Pode ser agora mesmo?*
***Helen**: Sim. Vou te enviar o endereço.*

— Pequena, vamos fazer uma parada rápida antes de ir para casa dos vovós, tá bem? — avisei a Alice, que estava completamente entretida na sua cadeirinha enquanto mexia nas sacolas com seus livros escolares.

— Tá bem, papai — respondeu.

Quando a mensagem com o endereço chegou, nem sequer precisei colocá-lo no GPS. O apartamento era localizado em um dos prédios construídos em uma das ruas que ficam nos arredores da praça da cidade, praticamente em frente ao BarVelar. Estacionei o carro na frente da construção e, de mãos dadas com Alice, subimos de elevador até o andar indicado por Helen.

— Você vai adorar, Ian, tenho certeza — ela garantiu.

A corretora abriu a porta de entrada para mim e assim que coloquei meu pé dentro do apartamento, senti algo diferente. Era quase como se existisse ali, naquelas paredes, um ímã me atraindo para ele.

— Uau, aqui é grandão! — Alice falou correndo pelo espaço.

A primeira coisa que chamou minha atenção foi a luz natural que inundava o cômodo, ainda vazio, através de uma porta de vidro que o ligava até uma varanda externa. A varanda, por sua vez, era toda cercada com telas. O lugar era bastante espaçoso e as paredes pareciam recém-pintadas.

— Vem conhecer a cozinha — Helen chamou, sabendo que esse era o meu ponto fraco.

Assim como a sala, a cozinha era bem iluminada. Além disso, contava com um armário embutido que parecia incrível, com amplo espaço de armazenamento para utensílios de cozinha, mantimentos e até eletrodomésticos. O fogão de indução com seis bocas fez meu coração palpitar dentro do peito. E, para melhorar ainda mais, contava com uma bancada feita de quartzo, grande o suficiente para que duas pessoas trabalhassem ali com tranquilidade ou, como uma parte mais suja do meu cérebro pensou, para se divertirem de outra forma.

— Você está gostando não está? — a corretora perguntou com um sorriso de satisfação. — Espere até ver a vista da suíte principal.

— Vamos lá então — pedi, empolgado.

Ela caminhou até a porta da suíte principal e a abriu.

— Olha só essa vista incrível da cidade — disse, apontando para as portas de correr de vidro que davam acesso a uma sacada.

Mas não foi a vista do verde das montanhas e nem da imponente Igreja Matriz que fez com que o meu coração batesse mais acelerado. Mas dali, da sacada do que poderia vir a ser o meu futuro quarto, eu conseguia ver a casinha redonda e verde que funcionava como a floricultura de Lara Avelar. A Pétala & Flor ficava localizada em uma das praças mais famosas da cidade e praticamente em frente ao BarVelar.

Talvez o *karma* tenha mudado de ideia e esteja me dando uma segunda chance para fazer as coisas da maneira certa. E, talvez por isso, ouvi as palavras escaparem da minha boca antes mesmo de conhecer o restante da casa.

— Pode preparar a papelada, Helen. Vamos ficar por aqui.

— Eu sabia que você ia adorar aqui, Ian. É um apartamento concorrido, que bom que conseguimos visitar antes de todo mundo.

— Ele é perfeito para mim. É perto do meu trabalho, da escola da minha filha e tem a vista dos meus sonhos — falei, ainda com o olhar vidrado na Pétala & Flor. Eu parecia a porra de um *stalker*.

— Vou te explicar os trâmites do aluguel enquanto visitamos o resto da instalação — ela disse antes de continuar com o *tour* pelo apartamento.

Levamos Alice para conhecer o quarto que seria o dela e a pequena já começou a imaginar como ele ficaria com um trevo de quatro folhas pintado em uma das paredes. Assim como eu, minha filha amou nosso novo lar. *Lar*. Acho que é a primeira vez, em cinco anos, que sinto que a minha casa, o espaço que escolhi morar, é de fato um lar.

Helen e eu terminamos de acertar os últimos detalhes do aluguel e ela disse que dali alguns dias, quando toda a papelada estivesse *ok*, nós poderíamos pegar as chaves para finalmente realizar a mudança.

Dirigi mais uma vez, agora até o *Petite Poirot*, para encontrar os meus tios e contar a novidade. Eu tinha combinado de almoçar com eles, que ficariam cuidando de Alice para que eu fosse até o BarVelar organizar algumas coisas para a inauguração de mais tarde.

— Tenho uma péssima notícia para dar para vocês — falei assim que nos sentamos em uma das mesas do restaurante.

— Ah, Deus. O que aconteceu agora? — tia Sara perguntou.

— Vocês não terão mais a honra de morar comigo — contei com um sorriso no rosto.

— Por...caria, Ian. — Tio Pedro estava se esforçando para falar menos palavrão agora que Alice era uma presença constante em sua vida. — Achei que algo sério tinha acontecido — reclamou.

— Mas é claro que é sério, eu sou um excelente companheiro de quarto — provoquei, o fazendo revirar os olhos. — Mas, a parte boa, é que não estaremos muito longe. Achei um apartamento perfeito bem perto do BarVelar. Devo pegar as chaves no começo da próxima semana. — Contei aos dois mais detalhes do apê que tinha alugado e, como sempre, eles

ficaram mais felizes do que eu pela minha conquista. Era bom ter alguém que ficava feliz pelas minhas vitórias comigo.

Depois do almoço, passei em casa para tomar um banho rápido e trocar de roupa antes de ir para o bar. Meu primeiro dia de trabalho oficial seria na segunda-feira, mas eu tinha combinado de ir até lá hoje para alinhar algumas coisas com Giovanna, a outra cozinheira, e também começar a me familiarizar com a cozinha e o cardápio do lugar.

Giovanna era alegre, divertida, comunicativa e ótima cozinheira. Ela era talentosa, mas reconhecia seus pontos fracos e estava sempre disposta a ouvir dicas de como melhorar. Nós nos demos bem logo de cara e eu já podia sentir que seria muito mais agradável compartilhar a cozinha com ela do que era no meu antigo emprego.

Quando o BarVelar abriu as portas, dando início ao seu funcionamento, uma pequena fila já se formava do lado de fora. O estabelecimento dos meus primos sempre foi bombado, mas, especialmente hoje, para comemorar a reinauguração do espaço, seria servido dose dupla de qualquer bebida a noite inteira, o que fez com que ainda mais pessoas viessem para cá.

Henri, Mel, Betina e Guilherme já estavam sentados em uma das mesas bebendo e conversando. Eu tinha acabado de ir até lá cumprimentá-los quando avistei tio Pedro, tia Sara e Alice entrarem pela porta. Assim que a pequena me viu, veio correndo em minha direção.

— Oi, papai! — Ela abraçou minhas pernas assim que me alcançou. — Olha que linda a minha trança. Foi a tia Oli que fez. Você gostou? — Só então percebi que, atrás dos meus tios estavam Olívia e Leonardo.

— Você está muito linda, pequena.

— Oi, Ian! — Olívia me cumprimentou, me puxando para um abraço. Eu tinha quase certeza que ela sabia sobre Lara e eu, e, exatamente por isso, fiquei com medo de qual seria sua reação ao me ver. Achei que ela me odiaria, assim como a filha, mas, talvez, eu estivesse errado. — Você está criando uma princesinha. A Alice é maravilhosa — elogiou. Nada me deixava mais orgulhoso do que ser elogiado por ser um bom pai.

— Ela que criou uma versão melhorada minha. E obrigado pela trança. Ela sempre me pedia para fazer uma dessas, mas nunca tive talento — contei.

— Ah, eu posso te ensinar qualquer dia, se você quiser. A Lara também era apaixonada por tranças quando criança, foi assim que aprendi a fazer —

disse. Como a minha filha era tão parecida com a mulher que mais amei mesmo sem nascer dela?

— Eu vou adorar ter umas aulas — falei.

— Papai, estou com sede — Alice disse.

— Vamos até o bar ver se o tio Nick te arranja algo para beber.

Peguei minha filha no colo e caminhamos até o bar, ocupando o banco vazio ao lado de Gabi.

— Essa mini cliente está com sede — falei para Nick.

— Foi mal, pirralha, aqui não tem bebida em mamadeira — ele implicou.

— Não tomo mamadeira, isso é coisa de bebezinho. Eu já tenho cinco anos! Uso meu copinho das princesas — minha filha respondeu e Nick soltou uma gargalhada.

— O que você quer beber? — Alice pensou por alguns instantes.

— Suquinho de uva! — pediu.

— É pra já, parceirinha. — Nick pegou um suco dentro da geladeira e serviu em um copo de plástico. Para completar, colocou um canudo e um guarda-chuva colorido para enfeitar a borda, assim como fazia nos drinks. — Um suquinho de uva para minha mini cliente favorita — disse ao entregar a bebida a ela.

— Obrigada, tio Nick.

Aproveitei que Gabi e Nick estavam ali para contar que tinha achado um apartamento e me mudaria em breve.

— A gente precisa fazer um *open house*! Ou melhor, um *open* apartamento — Nick declarou.

— Espera eu me mudar oficialmente e a gente combina isso — falei, me sentindo animado com a ideia de reunir meus primos na minha casa nova. Era exatamente por momentos assim que eu tinha voltado. — E com direito a competição no FIFA.

— Porra, eu tô pronto pra acabar com você no videogame — ele respondeu.

— Olha a boca, Nick! — Gabi chamou atenção do namorado, lembrando-o da presença de Alice. Por sorte, minha pequena estava distraída demais para prestar atenção na nossa conversa.

— Está incomodada com minha boca é, Gabizinha? — provocou.

— Só com as besteiras que você fala — ela rebateu.

— Então por que você não vem me calar pra eu parar de falar besteira? — sugeriu.

— Não acredito que vocês estão flertando na minha frente — falei, forjando uma cara de nojo.

— Vai ver assim você aprende como que flerta e arruma uma gatinha pra você, parceiro. — *Ah, se ele soubesse...*

Gabi se inclinou no balcão e beijou os lábios do namorado.

— Eu te pago pra beijar na boca ou para fazer *drinks*? — Caio apareceu perto de onde estávamos.

— Eu sou tão dono quanto você. E se você pode pegar a Cora no horário do expediente, eu também posso pegar a Gabizinha — Nick rebateu.

— Pelo visto só eu não pego ninguém no meu horário de trabalho — brinquei.

— Ah, isso vai mudar em breve. Aposto que as solteiras de Teresópolis já estão sabendo do novo *chef* de cozinha gato do BarVelar — Gabi disse.

— Você deu sorte que o barista mais gostoso da cidade já está na coleira e agora todas as solteiras podem ficar para você — Nick falou.

Felizmente, eu não queria todas as solteiras. Infelizmente, a única mulher que fazia meu coração acelerar no peito estava comprometida e, pior do que isso, me odiava.

— Papai, preciso ir ao banheiro. Quero fazer xixi — Alice pediu.

— Vamos lá, pequena.

Peguei minha garotinha pela mão e a guiei até o corredor onde ficavam os banheiros. Como de costume, uma das portas possuía uma figura masculina pendurada no seu centro e a outra uma figura feminina. Em geral, sempre levava Alice nos banheiros da família, mas, quando o estabelecimento não possuía um desses, eu checava se o banheiro masculino estava sem ninguém e a levava lá. Ameacei caminhar em direção ao banheiro dos homens, para fazer minha checagem de sempre, mas Alice congelou no lugar.

— Não vou fazer xixi aí, papai. É banheiro de menino, é sujo e nojento — falou. — E eu sou menina.

— Pequena, o papai já entrou aí e viu que não é sujo... — tentei argumentar.

— Eu quero ir no banheiro de menina, papai.

Ah, porra. Como eu entraria no banheiro feminino? Estava sentindo meu cérebro queimar em busca de uma solução para o problema, quando alguém esbarrou em mim sem querer.

— Desculpa, eu... — Antes mesmo de ouvir sua voz, reconheci seu cheiro. A fragrância de melancia continuava igual, mesmo depois de cinco anos. Não era a primeira vez que via Lara desde que voltei, mas meu coração acelerou como se fosse. Será que algum dia isso mudaria?

— Oi, Lara — ouvir seu nome escapar através dos meus lábios fazia um sabor agridoce atingir meu paladar. O semblante da garota mudou em questão de segundos assim que percebeu em quem tinha esbarrado.

Lara parecia querer fugir dali ao mesmo tempo em que parecia querer me esganar com as próprias mãos.

— Por que você está suja de terra? — Ouvi a voz curiosa de Alice perguntar.

Foi só então que Lara pareceu notar que não estávamos sozinhos. Pela expressão em seu rosto, sua cabeça também estava explodindo de pensamentos. Ela abria e fechava a boca, parecendo procurar as palavras certas para dizer. Era errado querer saber o que se passava na cabeça dela? Eu costumava decifrá-la como ninguém, mas, agora, Lara mais parecia um idioma completamente desconhecido para mim.

— Você não tem chuveiro? Você pode tomar banho na nossa casa, não pode, papai? A água é quentinha e o papai sempre canta músicas da Galinha Pintadinha para deixar o banho divertido.

— Alice — repreendi. — Desculpe, ela...

— Não, não tem problema. — Lara desviou o olhar do meu e abriu um sorriso em direção a minha filha. Nunca tinha parado para pensar em como me sentiria quando as duas se conhecessem. Porra, nunca nem sequer imaginei que as duas um dia iriam se conhecer. Lara foi, sem dúvidas, a garota que mais amei. Até a minha filha surgir na história. E, para ficar com uma das garotas que mais amo, precisei abandonar a outra. O roteirista da minha história era um sádico do caralho. — Eu estava em um curso de jardinagem. Você sabe o que é?

— Não — minha filha respondeu.

— É um lugar onde a gente aprende a plantar flores — explicou.

— Você já plantou um trevo de quatro folhas? O papai comprou um para mim, eu queria muito. Eles são muito lindos — minha filha contou e percebi quando Lara mordeu o lábio inferior, ainda evitando olhar em

minha direção. Seu rosto ficou levemente avermelhado, não sei se de vergonha ou raiva. Mas apostaria mais na segunda opção.

— Na verdade, eu já plantei um. Para uma pessoa muito especial — declarou, me pegando de surpresa com a resposta. — Espero que ela tenha ficado feliz com o presente.

— Ela ficou — falei.

Apesar de cada parte do seu corpo parecer querer evitar nosso contato visual, Lara ergueu os olhos na direção dos meus e nos encaramos em silêncio por poucos segundos, que pareceram uma eternidade. Eu tinha tanta coisa que queria falar para ela, mas não agora. Não assim.

— Ela se parece muito com você — ouvi Lara dizer, apesar de parecer reticente.

E ela também me lembra você em vários momentos, pensei.

— Papai, eu tô ficando com *mais* vontade de fazer xixi — minha filha disse.

— Então vamos ao banheiro...

— Mas eu não quero ir no de menino. Eu sou menina — repetiu.

Lara, que ainda estava parada observando tudo, decidiu intervir.

— Eu posso te levar ao banheiro de menina. Se estiver tudo bem para vocês — ofereceu.

— Você não precisa fazer isso, Lara — falei.

— Não estou fazendo por você, estou fazendo por ela. — Sempre que falava comigo, seu tom era mais rude, mais afiado. Um lembrete de que ela até poderia tratar bem a minha filha, mas que eu não teria o mesmo privilégio. — E, além disso, o banheiro dos homens é nojento — ela disse em um tom mais suave, me fazendo entender assim que não estava se dirigindo a mim.

— Viu só, papai, eu te falei.

— Não vai te incomodar? — perguntei.

— Já passei por incômodos maiores e sobrevivi — respondeu e senti a acidez das palavras me atingir em cheio. Lara estava sendo educada com minha filha, mas estava longe de me perdoar.

— Vamos, Alice? — Ela esticou a mão em direção a minha filha, pegando a sua mãozinha.

As duas caminharam de mãos dadas em direção ao banheiro e me peguei imaginando como as coisas teriam sido se eu tivesse agido diferente.

Será que Lara teria ido para São Paulo comigo?

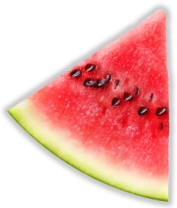
Será que eu teria vindo com Alice para Teresópolis?

Será que eu poderia ter feito Lara feliz, seja no Rio de Janeiro ou em São Paulo?

Será que nós três teríamos sido felizes juntos?

Nossa história tinha cerca de um milhão de perguntas que começavam com a palavra *será* e eu não tinha resposta para nenhuma delas. Cheguei à conclusão de que existem respostas que só surgem depois de um tempo. E, talvez, eu ainda precise de uma dose de tempo para entender o porquê nossa história aconteceu assim.

Mas, mesmo em meio a tantos *serás*, eu carregava uma certeza: precisava mostrar a Lara que eu não era o mesmo cara de cinco anos atrás.



Capítulo 8.

LARA AVELAR

Eu sabia que seria muito mais difícil evitar Ian a partir do momento que ele se tornou, mais uma vez, morador de Teresópolis. Por mais que estivesse me preparando psicologicamente para nossos encontros inevitáveis, ainda sentia um misto de calafrio com sangue fervendo pelas veias quando esbarrava com ele.

Só queria que sua presença se tornasse algo indiferente na minha vida. Será que é pedir demais?

Eu só não esperava que durante a reinauguração do BarVelar eu fosse encontrar outra pessoa além de Ian.

— Por que você está suja de terra? — A voz infantil interrompeu meu surto de pensamentos.

Eu já tinha visto fotos da menina, mas era a primeira vez que a via pessoalmente. E, por alguns segundos, o ar pareceu não alcançar meus pulmões. Os olhos castanhos, grandes e expressivos, eram uma cópia fiel dos do pai. Alice aparentava ser uma criança feliz, bastante curiosa, e, enquanto ela me fitava com um sorriso no rosto, eu me vi rendida pela menininha. Confesso que tive certo receio ao pensar como iria me sentir ao conhecê-la, mas, agora, todo medo que eu tinha em relação a isso havia se dissipado do meu corpo. Parecia impossível não gostar de Alice, ainda que, em partes, ela me lembrasse de uma parte triste do meu passado.

Voltei a ignorar Ian, mas continuei a minha conversa com a menina. E, por fim, acabei me oferecendo para levá-la até o banheiro feminino. Não sei o que aconteceu comigo, mas as palavras pularam da minha boca sem minha permissão e, quando percebi o quão grata ela havia ficado, eu soube que precisava acompanhá-la até lá.

— Você é amiga do papai? — ela perguntou enquanto caminhávamos até o banheiro.

Eu definitivamente não era e nem queria ser amiga de Ian Diniz.

— Eu sou... — O que eu era, afinal de contas? — Sou irmã do tio Nick e do tio Caio — optei pela explicação mais segura. Ao contrário de mim, meus irmãos se faziam presentes na vida da garotinha desde o seu nascimento, ainda que através de chamadas de vídeo e ligações.

— Você também é uma gênia? — ela quis saber.

— Gênia?

— É. Papai me disse que o tio Nick e o tio Caio são irmãos gênios. — *Ah.*

— Acho que você quis dizer gêmeos. — Deixei uma risadinha escapar. — E não, eu não sou gêmea. Eles são mais velhos do que eu.

— Eu não tenho irmãozinho — falou parecendo triste. — Uma vez eu pedi um para o papai porque a minha amiga Valentina ganhou um dos pais dela e disse que era mais legal do que brincar de boneca. Mas o papai disse que não tinha como me dar um irmãozinho ainda.

Por que a visão de Ian, ao lado de uma mulher grávida, brotou na minha cabeça sem a minha autorização? E por que subitamente comecei a me sentir enjoada? Se ele quisesse namorar, casar e ter outros filhos, não era da minha conta. Nada mais era da minha conta. E, além do mais, eu tinha o Mauro. Eu amava o Maumau, ele me fazia feliz e, um dia, também construiria uma família com ele. Era com isso que eu devia me preocupar e não com o futuro do meu *ex*.

Entramos no banheiro e abri a porta de uns dos reservados para que Alice entrasse.

— Vou te esperar aqui fora, tá bem? Qualquer coisa você pode me chamar — avisei.

Esperei que Alice terminasse e a ajudei a lavar as mãos antes de voltar para onde Ian estava nos aguardando. Assim que saímos do banheiro o avistei recostado a uma das paredes. Eu sentia seu olhar me escrutinar, quase queimando cada canto do meu corpo por onde passava. Eu odiava todas as sensações confusas que Ian me causava.

— Como que se fala, Alice? — Ian perguntou.

— Obrigada, tia Lara.

Tia Lara. Era estranho ser chamada assim pela filha do homem que, um dia, sonhei que seria o pai dos *meus* filhos.

— De nada, Alice.

— Te devo uma, Lara — Ian disse.

Sempre que Ian se dirigia diretamente a mim, sentia como se minha pior versão fosse despertada. E ele era o único culpado pela existência dessa Lara.

— Você não me deve nada porque nós dois sabemos que você é péssimo em cumprir promessas — rebati de forma ríspida.

Me despedi de Alice e fui à procura dos meus irmãos para parabenizá-los.

— Até que enfim você chegou, porra! — Nick disse se inclinando no balcão para me abraçar. — Agora sim a família está completa.

— Onde está seu namorado? — Gabi perguntou.

— Ele foi para a capital gravar umas publicidades e só volta amanhã — contei.

— Poxa, que pena — o tom de voz de Caio deixava claro que ele não estava triste com isso.

— Para de implicar com ele, Caio — pedi.

— Quando ele sumir da sua vida eu paro — respondeu.

— Coitada da minha sobrinha que vai ter um pai ciumento assim — impliquei.

— Espero que minha filha saiba fazer boas escolhas quando ela tiver idade para namorar.

— E qual seria essa idade, *papai*? — Cora perguntou.

— Lá pelos trinta anos.

— Parceiro, se ela for igual a você já vai ter beijado metade de Teresópolis aos quinze anos — Nick provocou.

— Pior do que ser igual ao Caio é pegar um cara igual ao Caio — entrei na provocação.

Quando solteiros, Caio era quase tão mulherengo quanto Nick, mas Caio preferia suas conquistas em segredo. De qualquer forma, os dois estavam completamente comprometidos agora e isso ficou no passado.

— Alguém já mandou vocês se foderem hoje? — Caio disse para Nick e eu.

Nick e eu trocamos um olhar satisfeitos por termos irritado Caio, o que não era muito difícil.

— Quer beber o quê? — meu irmão quis saber.

— Acho que hoje tô a fim de um Garota Esperta — pedi.

Pela minha visão periférica notei Ian e Alice se aproximando do nosso grupo. Cada parte do meu corpo queria fugir dali antes deles chegarem, mas

é claro que isso levantaria perguntas demais.

— Aqui está, maninha — Nick disse me entregando a bebida.

— Eita, caralho, vai com calma — Nick comentou quando me viu virar quase metade do líquido do copo de uma vez. Só assim para conseguir sobreviver nas próximas horas.

— Estava com sede — menti, tentando ignorar o sabor amargo que tomou conta do meu paladar enquanto Ian puxava um banco para sentar ao lado de Gabi.

Eu odiava tanto os efeitos que ele ainda causava em mim. Sentia como se a nossa história já tivesse sido encerrada, mas partes de mim continuavam insistindo em escrevê-la.

— Agora que todos estão aqui, tenho um convite a fazer. Nick e eu compramos uma televisão nova que já está instalada no apartamento dele — Gabi começou a dizer, mas logo foi interrompida pelo namorado.

— Que será *nosso* apartamento daqui a pouco tempo — meu irmão disse com orgulho.

— E, para estrear a nossa primeira compra de noivos, vamos fazer uma noite de filmes da família no *nosso* apartamento amanhã à noite. — Nick abriu um sorriso ao ouvir o pronome. — A presença de todos é obrigatória, claro.

— Eu posso ir ver filme na sua casa, tia Gabi? — Alice quis saber.

— É claro que sim. Você também está convidada.

— O que acha de escolher o filme para a gente assistir, pirralha? — Nick sugeriu e os olhos de Alice brilharam.

— Qualquer filme? Até de princesa? — ela perguntou.

— Qualquer um que você quiser — Nick garantiu.

— Não acredito que vamos ver filme de princesa — Caio reclamou.

— Vai se acostumando, parceiro, porque em breve você só assistirá programas assim — disse Ian.

— Você vai, não vai, Lara?

Caio, Nick e Gabi sempre tiveram a tradição de fazer uma noite de filmes, desde pequenos. Eu participava algumas vezes, claro, mas não era bem uma tradição minha. Ainda assim, sabia que Gabi não aceitaria um não como resposta.

— Eu marquei de sair com Maumau amanhã e... — tentei arrumar uma desculpa.

— Leva ele também. Ele é quase da família — Gabi sugeriu.

Notei quando Ian revirou os olhos e fingiu não prestar atenção na conversa.

— É, você tem razão. — Parte de mim gostou da ideia de deixar Ian irritado com nossa presença. Mas, a outra, estava se questionando o porquê eu me importava tanto com os sentimentos dele. — Maumau e eu vamos sim. A gente pode jantar fora outro dia.

— Ah, perfeito! — Gabi bateu palminhas, parecendo animada. — Vai ser incrível ter todo mundo reunido amanhã.

— Vou falar com a mamãe e o papai, ainda não os vi hoje — falei, arrumando uma desculpa para sair dali.

Já teria que ficar na presença de Ian tempo demais amanhã à noite, então estava decidida a passar a menor dose de tempo possível na presença dele hoje.



— Desculpe a demora, a gente precisou ir comprar os salgadinhos — falei assim que Gabi abriu a porta para nos recepcionar na noite de filmes.

Minha cunhada realmente estava empolgada para a nossa social. Gabi colocou colchões no chão da sala para que pudéssemos sentar ou deitar e espalhou uma quantidade excessiva de almofadas pelo lugar. Parecia bastante aconchegante.

Caio e Cora já ocupavam um espaço no sofá, abraçados. Ian estava sentado na outra ponta do sofá, enquanto Alice e Nick brincavam nos colchões.

— Eu sou o rei da *almofadalandia* — meu irmão gritava enquanto jogava almofadas para o alto e fazia Alice gargalhar.

— De novo, tio Nick, de novo — a pequena pediu.

— Pode colocar o salgadinho na mesa — Gabi disse.

Ela não tinha exagerado só nas almofadas, mas também na variedade de comidas para nossa noite. Minha boca salivou ao notar os *éclairs* de chocolate da tia Sara no meio de tanta opção.

— Achei que era só uma confraternização de família — Mauro disse olhando a mesa.

— E é — respondi.

— Parece ter comida para um exército aqui — ele falou e senti o tom de crítica em sua voz.

— Nós gostamos de ter bastante opção para comer — Cora entrou na conversa.

— Abre espaço aí para colocar os salgadinhos, Mau — pedi.

— Eu tentei convencer *ela* a trazer salgadinhos *fitness* assados, mas ela preferiu esses — comentou enquanto abria espaço na mesa para eu colocar a caixa que segurava.

— Todo mundo sabe que salgadinho frito é muito melhor que os assados — Ian disse e eu reconhecia seu tom de voz: julgamento e impaciência.

— Mas são menos prejudiciais à saúde — argumentou o meu namorado. — Eu já li alguns estudos que...

— Salgadinho é para ser gostoso, não para ser saudável — Ian o interrompeu.

— Agora que a Lara chegou, podemos comer — Gabi disse tentando mudar de assunto.

Os que estavam sentados se levantaram e caminharam em direção a mesa para começar a preparar os pratos para comer.

— Quer que eu arrume para você? — Ian perguntou para a filha.

— Não, papai, eu já sou grandinha — Alice respondeu, ficando de joelhos em cima de uma das cadeiras para alcançar melhor as comidas.

Eu conseguia enxergar Ian em vários detalhes de Alice: seus olhos, a cor dos cabelos, a determinação... Mas o que será que ela tinha da mãe? Esse questionamento não saía da minha cabeça desde que a vi pela primeira vez. Balancei a cabeça, na intenção de afastar os pensamentos que teimavam em aparecer na pior hora possível, bem a tempo de ouvir Mauro perguntar:

— Você não acha que tem doce demais no seu prato?

— Eu gosto muito de chocolate — Alice respondeu.

— Mas você é criança e...

— Se eu quisesse alguma opinião sobre a alimentação da minha filha, eu perguntaria ao médico dela — Ian o interrompeu.

— Só queria ajudar, cara — meu namorado respondeu, forçando um sorriso.

— Não preciso de ajuda para saber como criar a minha filha.

— Não está mais aqui quem falou — Mauro rebateu.

Lancei um olhar fulminante em direção a Ian, que fez questão de ignorar. Não bastava ele tirar a minha vida dos trilhos, também estava se

esforçando para estragar a noite de Mauro. O celular do meu namorado tocou e ele se afastou alguns passos até a cozinha para atender.

— Vê se cresce, Ian — falei baixinho para o meu ex antes de também seguir em direção a cozinha.

— Não, irmão, vou aí buscar agora mesmo. Já é, parceiro. Falou, *tamo* junto — ouvi meu namorado dizer, encerrando a ligação.

— Você vai embora? — perguntei.

Ian, é claro, escolheu esse momento para entrar na cozinha em busca de algo na geladeira. Será que ele não tinha mais o que fazer?

— Foi mal, gatinha, mas o Jeferson levou umas paradas pra mim lá na academia e preciso ir buscar.

— Não pode pegar amanhã? Você já vai estar lá de qualquer forma — eu disse.

— Não dá, Lalá, sabe como a galera da academia é. Se eu deixar para amanhã, algum cuzão pode pegar minhas paradas e vou ter que ficar mais uns dias sem suplemento até chegar a nova remessa. Meu *shape* não aguenta.

— Tá, tudo bem. — Talvez fosse melhor assim. Pelo menos ele não iria ser atacado por Ian a cada cinco segundos. E eu achando que Caio e o papai eram os mais rudes com meu namorado... Os dois ao menos eram motivados por ciúmes, já Ian era só um implicante gratuito. — A gente se vê amanhã? — perguntei.

— Passo na floricultura assim que sair do meu treino da manhã — prometeu.

Maumau me puxou para um beijo, mais demorado do que os que ele costumava me dar quando estávamos em público, não que seja uma reclamação. Ele finalizou nosso beijo com um selinho, se despediu rapidamente do pessoal e foi embora.

— Tão preocupado com a alimentação da minha filha, mas enche o cu de bomba — Ian provocou, tirando a cara de dentro da geladeira. — Imbecil.

A implicância de Ian fez meu sangue queimar e ferver dentro das veias.

— Qual o seu problema, Ian?

— Qual é o *seu* problema, Lara? Achei que você soubesse escolher melhor seus namorados.

Soltei uma risada de escárnio.

— Levando em consideração que você foi um deles... — Notei o exato momento em que minhas palavras o atingiram em cheio e o que parecia dor surgiu em seus olhos.

— Papai, papai... Vamos, o filme vai começar! — Alice apareceu na cozinha, interrompendo nossa conversa. Se é que podemos chamar assim. — Vem também, tia Lara.

Ela usou uma das mãos para segurar a minha e a outra para segurar a do pai. Respirei fundo enquanto caminhávamos para a sala, tentando disfarçar o que realmente estava sentindo depois dos últimos acontecimentos.

— Papai, senta aqui do meu lado — Alice pediu, se jogando no colchão. Comecei a caminhar em direção ao sofá, quando ela voltou a dizer. — Pode sentar aqui também, tia Lara, é mais legal que no sofá.

— Acho que vou ficar no sofá mesmo, minhas costas estão doendo — inventei.

— Ah, nem pensar. Aqui já está lotado, fica por aí mesmo — Nick disse, esticando as pernas para deitar no sofá enquanto a cabeça ficava no colo de Gabi.

Cora e Caio ocupavam o outro sofá e eu não iria impedir minha cunhada grávida de ficar deitada de maneira confortável.

— Se você se sentar, eu vou caber aí — falei.

— Eu sou o mais velho, Lara, eu que mando — disse exatamente o que dizia quando éramos crianças.

— Você é um bebezão — reclamei.

Sem muita opção, me sentei no colchão, ficando do outro lado de Alice e tentando me manter o mais longe possível de Ian.

— Vamos ver Enrolados — Alice nos contou assim que Gabi deu *play* no filme. — Eu amo a Rapunzel. Ela tem um cabelão e também tem um amigo camaleão muito fofinho. E tem uma parte muito legal que ela bate com a panela na cabeça do José Bezerra!

— Você vai nos contar o filme inteiro, pirralha? — Nick perguntou.

— Não, só as minhas partes favoritas. Eu já vi várias vezes esse filme, sabia? — ela respondeu.

— Dá para perceber — Nick falou.

Assim que a Rapunzel apareceu na tela Alice ficou em silêncio, com os olhos vidrados na tela gigantesca da nova televisão de Nick e Gabi. Eu tentei imitar seu gesto, mas estava difícil me concentrar. Ainda mais quando cada parte do meu corpo sentia o olhar de Ian sobre mim.

Ou será que era coisa da minha cabeça?

Disfarçadamente olhei em direção a ele e odiei a forma como meu coração disparou quando o peguei me fitando.

Será que eles achariam estranho se eu simplesmente inventasse uma desculpa para sair dali? Estava prestes a correr esse risco quando a cabecinha de Alice repousou em meu colo, deitando. Ah, droga! Eu não poderia levantar agora de forma alguma. Respirei fundo e tentei me concentrar no desenho na tela, torcendo para o tempo passar bem rápido.

Quando o filme chegou ao fim, Alice tinha adormecido em meu colo.

— Quer colocar *ela* no meu quarto? — Nick perguntou para Ian.

— Nada acorda essa baixinha, pode deixá-la dormindo aqui no colchão mesmo — Ian disse, tirando-a do meu colo com cuidado para deitá-la de maneira mais confortável. Odiei a forma como cada pelo do meu corpo se arrepiou quando sua pele encostou na minha durante o processo.

Deixamos Alice dormindo e voltamos para a mesa da sala de estar para comer mais algumas coisas. Eu definitivamente precisava de uma das bombas de chocolate depois das últimas horas.

— O que vocês acham da gente fazer uma trilha qualquer dia? — Caio que sugeriu, é claro.

— Não sei se me odeio o suficiente — Gabi respondeu dando uma mordida em uma bolinha de queijo.

— Vamos, Gabi, vai ser legal — Cora disse. Depois que começou a namorar meu irmão, ela acabou adquirindo a mesma paixão que ele por trilhas. E motos. E ele, por sua vez, ia correr na rua com a esposa de vez em quando. Além de continuar comprando caixas do seu chocolate favorito para que ela sempre os tivesse para comer.

— Eu topo. Posso deixar Alice com a tia Sara e tio Pedro, ela vai amar um dia com os avós e eles também — Ian respondeu.

— Acho meio chato ficar andando no meio do mato, mas se é chato comigo, imagina sem a minha presença. Então, para alegria geral da nação, eu estou dentro dessa porra — Nick disse.

— Qual trilha você quer fazer, amor? — Cora perguntou.

— Se for alguma que termina em uma cachoeira eu topo de ir — Gabi disse.

— Vou colocar no grupo algumas opções depois e vocês podem votar em qual vamos — Caio disse.

— Porra, falando nisso, o Ian precisa ser enfiado no cu — Nick disse.

— Que caralhos você está falando? — Ian perguntou.

— É o nome do nosso grupo. *Enfia o nome no cu*. Precisamos te colocar lá — Nick completou. — Ou melhor, te enfiar.

Gabi, Cora e eu soltamos uma risadinha, enquanto Caio revirou os olhos.

— E você, Lara, vai também, né? — Caio quis saber.

— Preciso ver com o Maumau se... — falei.

— Vocês nasceram grudados, porra? Um só faz o que o outro também faz? — Caio perguntou.

Ian nem sequer tentou conter uma risada.

— Quando você está apaixonado, Caio, quer fazer as coisas com seu namorado — me defendi.

Caio e Ian reviraram os olhos, como se tivessem ensaiado o movimento.

— Nem Caio e eu, que somos gêmeos, fazemos tudo juntos. Acho que você consegue sobreviver a uma trilha sem o Maumau — Nick disse. — Vocês podem se encontrar depois, porra. Temos que aproveitar que agora moramos todos na mesma cidade de novo.

O sonho de uns era, de fato, o pesadelo de outros. E, nesse caso, era o meu pesadelo.

— Acho que o que eles querem dizer, Lara, é que você pode fazer coisas com o Mauro depois e curtir a trilha com a gente — Cora disse.

— Não vai ter graça sem você — Gabi completou.

E, mais uma vez, mesmo cada parte do meu corpo gritando para eu dizer não, o que eu disse foi...

— Tudo bem, eu vou.

Esperava não me arrepender dessa decisão.



Capítulo 9.

IAN DINIZ

Por que raios eu não estava conseguindo respirar? Forcei o ar para dentro dos meus pulmões e senti uma cosquinha no meu nariz. Que caralho estava acontecendo aqui?

Abri os olhos devagar, o breu completo fazendo com que minha visão demorasse a se acostumar com o local. Porra, que horas eram? Tentei me mexer para alcançar o celular sobre a mesa de cabeceira, mas voltei a sentir um peso sobre mim. Assim que meus olhos começaram a distinguir silhuetas entre as sombras, notei que era Alice estirada em cima do meu corpo.

Ela não costumava fugir para o meu quarto no meio da noite, mas desde que nos mudamos para esse novo apartamento, vinha sendo um comportamento recorrente. Meus tios insistiram que era uma fase de adaptação, mas minha filha andava reclamando muito de pesadelos sempre que deitava para dormir.

Segurei seu corpinho pequeno e virei discretamente na cama, tentando não a acordar, mas, assim que suas costas tocaram o colchão, seus olhos castanhos se arregalaram como se não estivesse completamente apagada há um segundo.

— Já tá na hora de acordar? — perguntou com a voz embebida de sono.

Peguei o celular na mesa de cabeceira encarando o relógio. Porra, eram quatro horas da manhã. Alice não voltaria a dormir nem tão cedo e, consequentemente, eu estava fodido.

— Ainda não, princesa. Pode voltar a dormir. — O que aparentemente era o mesmo que dizer: “pode sentar na cama e ficar bem acordadinha”.

— Eu não estou mais com sono, papai.

Como esse pequeno ser humano podia em poucos segundos passar de adormecida para totalmente acordada? Suspirei, sabendo que o restante do meu dia seria mais um daqueles longos após privação de sono.

— Vem cá — chamei, esticando o braço para o lado para que ela se encaixasse em um abraço. — Por que você veio de novo para o meu quarto, pequena? — perguntei, acariciando seu cabelo. Ela escondeu o rosto na minha barriga, evitando me responder.

Esperei um tempinho, sabendo que, apesar do silêncio inicial, Alice não era o tipo de criança que guardava como estava se sentindo.

— Eu tenho medo do monstro da janela — confessou em um tom de voz baixinho que não era nada usual no seu comportamento espevitado. — E eu também sempre sonho coisas ruins quando fico sozinha.

— Que tipo de coisas ruins? — questionei.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro várias vezes, me apertando com mais força enquanto negava.

— Não quero falar, papai.

— Tudo bem, pequena, mas se você quiser me contar, posso te ajudar a não ter mais medo. — Ela ergueu os olhinhos brilhantes para mim, parecendo ponderar minha sugestão.

— É?

— Tenho certeza que posso acabar com qualquer monstro no seu quarto. Papai é um cara forte — brinquei. Ela curvou os lábios em um sorrisinho que, por algum motivo, me lembrava Lara.

Talvez tudo me lembre Lara.

— O monstro fica aparecendo na minha parede e ele é desse tamanhão. — Alice abriu os bracinhos, esticando-os como o Cristo Redentor para indicar o tamanho.

— O que acha da gente ir juntos até lá?

Ela não parecia muito feliz com a ideia, mas acabou aceitando. Enrolei seu corpo com as mãos e me levantei da cama carregando-a no colo. A porta do seu quarto permanecia entreaberta e a afastei para podermos entrar.

O quarto estava escuro, mas não um completo breu, já que o abajur em formato de trevo de quatro folhas iluminava um dos cantos. Nada parecia fora do lugar e nem amedrontador, mas o que eu sabia sobre os medos de uma menininha de cinco anos, certo?

— É bem ali — sua voz saiu trêmula e, claramente aterrorizada, quando apontou para o lado oposto à janela, onde as sombras do galho da árvore do lado de fora formavam uma imagem na parede.

Bom, de fato era meio assustadora mesmo. Parecia um velho magricelo e alto com dedos finos que balançavam e tentavam te atacar.

— Posso te contar um segredo? — sussurrei no seu ouvido. Ela continuava encarando a sombra, mas balançou a cabeça anuindo. — Sei que parece um monstro horrível, mas… Monstros não existem. Eles são de mentirinha.

— Não existem? — repetiu, parecendo chocada.

— Aquilo ali — Apontei para a parede. — É só a sombra da árvore que a gente vê todo dia quando sai aqui do prédio, lembra?

Seus olhos se arregalaram de leve e caminhei com ela para perto da janela. Afastei o tecido fino da cortina e indiquei o exterior, onde a árvore enorme e cheia de galhos balançava com o vento da madrugada.

— A que suja a calçada com as folhas? — perguntou curiosa.

— Ela mesma.

— Então não tem monstro nenhum? — insistiu.

— Nenhumzinho — prometi.

— E se eu ainda quiser dormir no seu quarto mesmo assim?

Eu sabia o que todos os estudiosos do desenvolvimento infantil falavam sobre permitir que a criança dormisse no quarto dos pais, mas como eu podia negar para essa garotinha quando ela me olhava como se eu fosse sua pessoa preferida no planeta?

— Lembra que menininhas grandes enfrentam seus medos? — falei. — Igual quando você tomou coragem de andar de patinete.

— Mas patinete é muito fácil — replicou, dando de ombros.

— Você não achava fácil antes de tentar. — Encostei de leve a ponta do indicador no seu nariz. — Promete que antes de fugir para o quarto do papai vai tentar se lembrar que nenhum monstro existe?

Ela enrolou uma mecha do cabelo ondulado no próprio dedo e desviou os olhos, mas concordou devagar.

— Papai, por que eu não tenho mamãe?

Merda.

Não era a primeira vez que minha filha me questionava sobre a mãe, mas era muito mais frequente em situações que ela sentia medo.

— É claro que você tem mãe, pequena. Só que sua mãe mora no céu desde que você era um bebezinho.

— Mas eu não queria ter uma mamãe no céu. Queria ter uma mamãe de verdade.

Eu me sentia mal por Cristiane. Nunca fomos um casal ou tivemos sentimentos envolvidos na nossa relação, mas sabia que ela seria uma ótima

mãe para Alice. Por outro lado, já me peguei pensando mais vezes do que o saudável se eu sequer saberia da existência da minha filha se a tragédia não tivesse acontecido.

Eu não a culpava, no fim das contas. Eu era um moleque rebelde, cuja grande contribuição para a vida de Cristiane tinha sido uma exoneração de um cargo que amava. Sabia que as consequências do nosso caso eram responsabilidade dela também, mas… Foi ela quem perdeu muito mais do que eu.

— Que tal uma mamãe no céu e um papai que tá aqui do seu lado o tempo todo? — brinquei, dando um empurrãozinho no seu ombro.

— Por que você não arruma uma mamãe nova pra mim?

Ah, não.

— As coisas não são tão simples assim, princesa.

Subitamente, seu rosto inteiro se iluminou como se uma ideia brilhante tivesse surgido em sua mente.

— Por que você não namora com a tia Lara? A irmã do tio Nick e do tio Caio que não é *gênia?*

— Gêmea — corrigi de forma automática enquanto meu cérebro ainda processava o que essa pequena encrenqueira estava sugerindo.

Eu sabia que mães tinham uma espécie de sexto sentido, mas será que filhas também? Porra, era a única explicação.

— Ela seria uma boa mamãe. Ela até gosta de trevos de quatro folhas igualzinho a mim!

Não era só nisso que as duas se pareciam. E, caralho, isso sempre me aterrorizava.

— A tia Lara tem namorado, filha. Ele estava na casa do tio Nick naquele dia que vimos filme, lembra?

Seu rosto se contorceu em uma cara e contive a vontade de rir.

— Eu não gostei dele. Ele não gosta de doces.

— Eu também não gostei dele — deixei escapar.

— Então por que a gente não pega a tia Lara emprestada pra ser minha mamãe?

Porque Lara Avelar prefere estar com o insuportável contador de calorias do que qualquer lugar perto de mim. E a culpa disso era minha.

— Porque a tia Lara gosta do namorado. — Eu não fazia ideia de que repetir em voz alta algo que eu já tinha a escutado falar poderia doer de novo, mas foi o que aconteceu.

Ela deu de ombros como se isso não tivesse a menor importância.

— Tudo bem, eu vou pedir de presente pro Papai Noel que ela deixe de gostar dele e goste mais de você. — Senti a porra do meu coração se revirar no meu peito. — Posso brincar com a minha boneca até a hora de ir pra escola?

Demorei alguns segundos até recuperar meus pensamentos, ainda dominados por Lara, o imbecil broxa e tudo que tinha acontecido entre nós dois tantos anos atrás.

— O que acha de, ao invés disso, nós dois deitarmos no sofá e eu te contar uma história bem legal?

Talvez, com alguma sorte, ela pegaria no sono e eu poderia descansar mais um pouco antes do dia cheio que eu teria no BarVelar.



Alice não pregou os olhos por mais nenhum minuto naquela noite. Precisei contar três versões diferentes da história da Pequena Sereia, porque toda vez que eu tentava declarar fim, ela pedia por mais informação. No final das contas, Ariel e o príncipe Eric já tinham netos que nasceram metade humanos e metade peixes e, na minha imaginação, todos eles tinham o rosto de Lara e a Úrsula tinha se transformado em uma versão feminina daquele tal Maurício.

Quando estacionei em frente à escola onde ela estava estudando desde a nossa mudança, sua animação era tanta que nem parecia que seu sono tinha deixado de ser completo. Eu, por outro lado, passei o curto trajeto até o BarVelar bocejando incontáveis vezes.

Tinha marcado de me encontrar com Nick e Giovanna pela manhã no BarVelar para conversarmos sobre algumas aquisições para o cardápio. A intenção era criarmos um menu de aperitivos com *drinks* autorais que conversassem com os pratos servidos. Nosso foco seria comidas para compartilhar, ou seja, valorizando as escolhas grupais dos clientes.

— Bom dia, bom dia — cumprimentei os poucos funcionários que já trabalhavam na limpeza do salão para que pudéssemos estar preparados na hora do almoço.

Nicolas estava debruçado sobre o balcão do bar, mexendo no celular com um semblante concentrado. Ele ergueu os olhos assim que me viu chegar e acenou para que eu me aproximasse.

— O que você acha desse terno? — Exposto na tela do celular estava um modelo um tanto quanto extravagante de paletó e gravata em um tom muito forte de azul caneta.

— Se você não for garoto propaganda dos Smurfs, acho que é um pouco azul demais.

Meu amigo bufou irritado e bloqueou a tela.

— Você e Caio são péssimos de moda.

Contive uma risada com a sua expressão frustrada e me recostei contra a madeira.

— Não sabia que você e Gabi já estavam vendo as coisas para o casamento.

— Não queremos demorar. A gente já se conhece a vida inteira, o que mais temos para esperar?

Ele tinha razão. Quando se tem certeza absoluta dos sentimentos por alguém, não há motivo para esperar. Eu sabia bem como era ver as coisas saindo dos trilhos quando menos se esperava e nem sempre era possível colocar tudo de volta no lugar.

A porta do escritório de Caio se abriu e ele veio até nós com a tela do celular acesa em algo que eu não conseguia identificar.

— Porra, olhem isso — falou, apoiando o aparelho no balcão entre nós.

A manchete em letras garrafais dizia: *NOVA EDIÇÃO DO PRÊMIO GASTROBAR ABRE INSCRIÇÕES.* Eu já tinha escutado falar no concurso, embora muito superficialmente, já que, até então, toda a minha experiência era concentrada na alta gastronomia.

— Quando a gente ganhar, vamos ter uma visibilidade no cenário gastronômico e, de quebra, ainda tem um prêmio de cem mil reais para o bar e para o *chef* do prato vencedor — Caio contou.

Cem mil reais era muito dinheiro. Dinheiro o suficiente para que eu pudesse colocar em uma poupança no nome de Alice, um plano que eu tinha há muitos anos e nunca conseguia colocar em prática.

— Como podemos nos inscrever? — questionei.

— É só pra comida? Queria inscrever meus *drinks* — Nick se meteu.

Caio deslizou o dedo pela tela do aparelho, buscando mais informações.

— Aparentemente tem também inscrição para criações de bebidas destiladas, vou te enviar o link. — Ele virou a tela para mim. — A parte da comida requer um prato autoral inédito.

— Eles reforçam que vão premiar a criatividade e inovação — li em voz alta.

— Tem algo em mente? — o gêmeo atrás do bar me questionou.

— E se usarmos PANCs no menu? É uma tendência gastronômica mundial e certamente não muito utilizada no circuito de bares — sugeri, automaticamente lembrando de uma das minhas aulas favoritas na faculdade.

Sempre gostei da culinária pelo que ela representava. Quando o tio Pedro me levava para a cozinha ainda moleque, ficava curioso com a forma como ele sempre tentava fazer uso de todos os elementos de um produto. Se faríamos uma farofa de banana da terra, a casca era usada para produzir picles, por exemplo. Então quando conheci as PANCs foi uma resposta a ideia de extrair da natureza tudo que poderíamos encontrar.

— Isso daí não é um tipo de rock? — Nicolas perguntou. — Como caralhos vamos acrescentar no menu?

— Não, Nick — ri. — É uma sigla para plantas alimentícias não convencionais. Eu posso aperfeiçoar uma ideia antiga de bolinho de feijão fradinho com recheio de *ora-pro-nóbis* e iscas de peixinho de horta empanadas. Fiz há um tempo na faculdade e funcionou bem.

— Eu já ouvi falar nessa porra — Caio comentou. — E dá pra agregar o conceito no *drink* do Nick?

— Eu nunca testei em bebidas, mas lembro que um colega usou a erva de borboleta pra tingir uma sobremesa de azul. É uma flor mais comum na Ásia, mas já vi em alguns lugares do Brasil.

— Vou falar com a Lara. — *Ah, porra.* Como eu não tinha previsto isso? É claro que ele falaria com a irmã.

Minha sugestão envolvia o uso de plantas pouco usuais para a gastronomia, ou seja, nem um pouco fáceis de serem encontradas em cada esquina. A opção mais adequada seria pedir a ajuda de Lara com a parte do cultivo. Ela era a especialista em botânica, afinal de contas.

Caralho, Ian, até que você tinha umas ideias boas de vez em quando.

— Ah, Giovanna chegou! — Nick indicou a porta com a cabeça.

A cozinheira, apesar de mais velha que todos nós, era relativamente iniciante no mundo da culinária. Era estranho ter alguém mais madura subordinada a mim, mas Giovanna era tão gente boa que fazia meu trabalho parecer mais fácil. Apesar de nos conhecermos há pouco tempo e ainda

estarmos nos habituando a dividir a cozinha, sentia que seria uma parceria de sucesso.

— Bom dia, rapazes — cumprimentou com um sorriso. — Ian, vou te esperar na cozinha para quando quiser começar, tudo bem? — avisou.

Assenti brevemente.

— Vou só terminar aqui e já te encontro por lá.

Giovanna se afastou e seguiu em direção ao corredor estreito que levava a nova cozinha do BarVelar. Quando voltei a encarar os gêmeos, Nicolas me observava com um sorriso nada inofensivo no rosto.

— Que foi? — perguntei confuso.

— Vai pegar a Giovanna?

— Vai pegar caralho nenhum. Já falei que não quero funcionário se pegando no meu bar — Caio se meteu.

— Você pegava a Cora quando ela era funcionária! — o irmão retrucou.

— Eu posso porque sou a porra do chefe.

— Eu também sou *chef* — debochei. — Só que de cozinha.

Nicolas, é claro, não perdeu a oportunidade de irritar ainda mais o gêmeo e soltar uma gargalhada estrondosa.

— Já te mandaram tomar no cu hoje, Ian?

— Ainda não, pode fazer as honras. — Caio revirou os olhos para a minha resposta e deu as costas, voltando para dentro do escritório

— E aí? — Nick insistiu, batucando os dedos sobre o tampo de madeira do balcão.

— E aí o quê?

— Você e Giovanna.

Era só o que me faltava.

Giovanna era uma mulher bonita, mas estava longe de me atrair. Eu não era mais um cara que costumava me envolver com quem me traria problemas. Já tinha aprendido minha lição. Não tinha me tornado um celibatário depois que fui para São Paulo, mas minhas transas tinham se tornado muito menos frequentes. Especialmente porque toda vez que fechava os olhos enquanto comia alguém, o rosto que aparecia na minha cabeça não era o que estava embaixo de mim.

— Não vai rolar nada, Nick, desencana.

— Fala sério, Ian, você já foi melhor. Perdeu a prática depois que virou pai?

Meu olhar enviesado e o dedo médio erguido na sua direção foi a única resposta que ofereci. Mas é claro que Nicolas Avelar não se deu por vencido. Eu devia saber que como filho único não tinha como ganhar de um cara que cresceu importunando dois irmãos.

— Achei que você gostasse de coroa.

Puta que me pariu.

— Nicolas, ela só tem trinta e sete anos.

O sorriso que o desgraçado do meu novo colega de trabalho colocou no rosto era sinal suficiente de que ele continuaria enchendo meu saco.

— Já tá até defendendo? Que fofo. Sabia que ela fazia seu tipo, Ianzão — comentou, me dando um tapa nas costas como se estivesse me dando força para investir.

— Você não sabe qual é meu tipo, Nick.

Senti o aroma de melancia me atingir antes mesmo que meu cérebro pudesse processar a informação. E como se fosse uma resposta automática do meu corpo, senti o sangue circular mais forte no meu pau. Não precisava me virar para saber que ela estava ali. Meu coração já estava me avisando que tinha reconhecido sua presença.

— Oi, Larinha — Nick cumprimentou.

Virei o rosto na direção da mulher que ainda tirava meu sono. *Linda.* Estonteantemente linda. Os cabelos escuros caíam como uma cortina pelas costas e ela usava uma espécie de avental com a logo da floricultura que parecia adornar com as tatuagens de ramos de flor que cobriam todo seu braço.

Ela não me olhou quando se debruçou no balcão de madeira encarando o irmão. Apesar disso, todo seu calor pareceu emanar diretamente para o meu corpo.

— Tá meio cedo pra beber álcool, maninha — Nicolas implicou.

— Caio me mandou mensagem. Ele disse que vocês três — Dessa vez, nossos olhares se encontraram, tão rapidamente que até me perguntei se eu tinha fantasiado. — queriam minha ajuda.

— Nós três? — Nick parecia completamente confuso e, se Caio estivesse aqui, já estaria sem paciência. Bom, não podia negar que eu também estava a caminho de perder a minha.

— Sobre o que conversamos em relação ao GastroBar, Nick — relembrei. O rosto do bartender se iluminou em reconhecimento.

— Ah, é! Queremos sua ajuda com uma parada de plantas esquisitas que o Ian quer colocar no cardápio.

Lara olhou por cima do ombro, dessa vez sustentando o olhar com o meu. O cabelo caiu para o lado, expondo o pescoço claro onde a ponta de mais uma tatuagem aparecia. Quantas ela tinha feito desde que nos separamos?

Como seria seu corpo agora sem nenhuma roupa? Como seria puxar seu cabelo, morder seu pescoço e me enfiar entre as suas pernas com ela desse jeito? Como seria sua voz tão mais madura gemendo meu nome agora? Como ficaria seu rosto contorcido de prazer enquanto gozava pra mim?

— Plantas esquisitas? — devolveu, me encarando.

— Plantas alimentícias não convencionais — expliquei. Ela assentiu só uma vez com a cabeça em compreensão. — Queríamos sua ajuda no plantio. Que me ajude na execução da minha ideia.

Lara cruzou os braços, erguendo a sobrancelha e estudando minha postura. Se ela esperava que eu fraquejasse, estava enganada. Não daria um passo sequer atrás.

— Ajude *você*?

Dei de ombros, como se não fosse nada.

— Preciso de peixinho de horta, *ora-pro-nóbis* e erva de borboleta. Nós dois podemos estudar a melhor forma de plantar para consumo e fazer alguns testes.

Porra, eu estava inventando. Nunca acompanhei nenhum plantio e sabia que minha opinião sobre isso não serviria de droga nenhuma, mas parecia uma ótima desculpa para passar mais tempo com Lara.

— Ian, vai querer que eu amasse a mandioca? — a voz de Giovanna surgiu no corredor, cortando completamente o clima.

Droga, eu já tinha até esquecido que a cozinheira estava me esperando na cozinha.

— Ah, claro. Pode ir adiantando sim. Obrigado, Gio — agradeci.

Senti o olhar de Lara queimar sobre mim e ficar ainda mais fulminante quando Nick soltou uma risadinha assim que Giovanna se afastou de volta pelo corredor por onde tinha vindo.

— Ela quer pegar na sua mandioca, Ian — riu como se estivesse na quinta série e não com quase trinta anos de idade. Eu queria esganar Nicolas.

— Você é mais imaturo que Alice, Nick — devolvi.

— Quem é ela? — o tom de voz ríspido na voz de Lara me pegou desprevenido.

— A nossa cozinheira que faz o tipo do Ian — o imbecil do meu amigo respondeu.

Puta que me pariu.

Pelo olhar da minha ex-namorada, se ela pudesse me matar, eu já estaria morto.

— Para com essa porra, Nicolas — reclamei.

Lara desviou os olhos, afastando o corpo do balcão e consequentemente de mim.

— Ele tem razão, Ian, você sempre gostou de mulheres mais velhas. — Suas palavras me atingiram em cheio. Fria. Cortante. Como a porra de uma faca sendo torcida no meu peito. E o pior, eu merecia. Os olhos dela se ergueram para os meus novamente. — Você deveria investir.

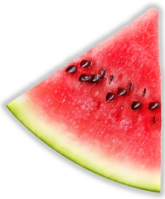
Tudo ao redor pareceu ficar em silêncio enquanto ela me olhava com raiva. Com ódio. Repulsa. E o pior de tudo: dor. Ainda machucava cada uma das palavras que eu tinha dito de forma infantil a ela no passado e eu não sabia se um dia Lara conseguiria superar.

Eu preferia o ódio ou a indiferença? Que merda de situação me coloquei em que o único sentimento que a mulher que eu amava me direcionava era o desprezo?

— Vou falar com o Caio, Nick — falou, virando-se para o irmão e voltando a fingir que eu não existia. — Vou tentar ajudar vocês, mas não garanto nada.

Eu sabia que aquele era um aviso para mim. Se Lara Avelar pudesse, ela preferia que eu continuasse a quinhentos quilômetros de distância.

Mas eu estava aqui. E não ia embora.



Capítulo 10.

LARA AVELAR

ANOS ATRÁS

— Essa roupa está boa? — Apoiei o celular na cômoda e me afastei do aparelho de modo que todo meu corpo aparecesse na tela e dei uma voltinha.

— Você está linda como sempre, Larinha. Essa cor ficou incrível em você — Gabi elogiou. Eu estava usando um vestido sem alças em um tom de amarelo que realçava minha pele. Prendi meus cabelos em um coque alto, coloquei uma papete confortável, uma maquiagem leve e estava pronta para dar um passeio pela cidade. — Aonde você vai tão bonita assim?

— Vou sair com um amigo — respondi tentando parecer casual.

Gabi ergueu as sobrancelhas e me fitou com curiosidade.

— Você acha que eu nasci ontem, Lara? — implicou. — Quem é esse amigo, hein?

— Só um carinha novo que entrou na escola recentemente. Ah, olha só... Ele está me ligando. Preciso ir, amo você, Gabi. — Encerrei a ligação antes que ela fizesse mais questionamentos.

Eu realmente iria sair com um amigo. Mas ele não era da minha escola e, se dependesse de mim, eu o beijaria muito e o transformaria em algo mais.

***Ian**: estou aqui embaixo*
***Lara:** descendo :)*

Apertei em enviar mensagem e passei mais um pouco do meu perfume preferido, com fragrância de melancia, antes de sair de casa.

Ian chegou em Teresópolis há alguns dias. E me ofereci para dar uma volta com ele pela cidade, para conhecer todos os lugares importantes agora que mora aqui e não é mais um turista. Ah, a quem eu estava

querendo enganar? Eu queria mesmo era passar um tempo a sós com ele e achei nisso a desculpa perfeita.

Meu coração parecia mais acelerado que o habitual dentro do peito durante todo o trajeto de elevador até o hall de entrada do meu prédio e precisei respirar fundo algumas vezes para controlar a situação.

Era só o Ian, afinal de contas... Ah, Deus! Eu ia sair com Ian Diniz. Apenas nós dois.

— Não surta agora, Lara — falei com o meu reflexo no espelho do elevador.

Eu conhecia Ian praticamente a vida inteira, mas foi lá pelos meus treze anos de idade, quando comecei a achar garotos interessantes, que surgiu minha quedinha por ele. É claro que ele, nessa época, nem tinha olhos para mim. Eu era só uma pré-adolescente... Mas muita coisa mudou em três anos.

Agora a nossa diferença de idade, de três anos, nem parecia mais tão grande. Para ser sincera, eu já tinha beijado garotos da idade de Ian em algumas festas e matinês em que fui. E, se eu tive chances com eles, por que não teria com Ian Diniz? Eu só precisava encontrar uma forma de fazê-lo perceber que eu não era mais uma pré-adolescente chata e estava mais para... uma mulher.

Saí do elevador e posso jurar que senti meu coração querendo sair pela minha boca quando o avistei: recostado em seu carro, de óculos escuros e braços cruzados que o faziam parecer ainda mais forte.

Deus, ele era tão lindo!

— Bom dia, Larinha. — Ele se inclinou para me cumprimentar com um abraço e um beijo no rosto e torci para que ele não ouvisse meus batimentos cardíacos acelerados. — Onde vamos conhecer hoje?

— O que acha da gente começar indo até a Arabotanica? — perguntei. Meu plano consistia em levar Ian nos meus três lugares favoritos para mostrar a ele o quão legal eu era e, assim, fazê-lo se apaixonar por mim. Não tinha como esse plano dar errado!

— O que caralhos é um aranhabotanica? — questionou.

— É Arabotanica — corrigi em meio a risadas. — É um espaço com diversas orquídeas, flores e plantas ornamentais. Juro que lá é bem legal!

— Você gosta de lá? — quis saber.

— É um dos meus lugares favoritos — contei.

— Se você gosta, então vamos lá. Quero conhecer. — Pelo sorriso em seu rosto, ele parecia empolgado de verdade para o passeio.

Entramos no carro e o guiei pelas ruas até que chegássemos ao nosso destino final.

— Aqui é bem bonito — ele disse assim que descemos do veículo, observando o lugar com atenção. — O que você mais gosta de fazer aqui?

— Visitar as orquídeas. — A resposta já estava na ponta da minha língua. — Além de ter uma grande variedade delas, tem ainda uma exposição incrível das orquídeas campeãs das competições que existem nas exposições do Brasil.

— É sério que tem competição de flor? — Ele fez uma careta e, ainda assim, continuava lindo.

— E por que não teria? Tem de futebol que é muito mais chato — rebati.

— Porra, aí não, Larinha! — A forma como ele falava meu nome no diminutivo fazia com que borboletas invadissem meu estômago. — Futebol é o maior e melhor esporte do mundo. Você precisa ir um dia comigo no estádio assistir o Mengão jogar. Tenho certeza que vai mudar de ideia.

— Acho que o meu pai prefere morrer do que me ver indo ao estádio assistir um jogo do Flamengo — brinquei. Meu pai é vascaíno e, por causa dele, também digo que sou.

— Talvez a gente possa começar aos poucos, então... Que tal uma partida de FIFA? — sugeriu.

— Só se você tiver paciência para me ensinar como se joga.

— Ah, deixa comigo. Sou ótimo professor — garantiu com os olhos vidrados aos meus. E, dessa vez, senti cada pelo do meu corpo arrepiar.

Um pensamento inevitável passou pela minha cabeça: que outros ensinamentos Ian poderia me proporcionar? Eu poderia facilmente pensar em alguns que eu amaria aprender.

— Acho que já sabemos o que fazer no nosso próximo encontro. — Usei a última palavra propositalmente para analisar a reação dele, mas sua expressão se manteve a mesma.

— Você vai viciar em FIFA, Larinha — disse e um sorriso automático brotou em meu rosto.

— Vem, você precisa conhecer a parte da estufa — falei, puxando-o pela mão e fazendo o caminho já bastante conhecido por mim.

Ficamos por ali mais um tempo e, no final do passeio, Ian me surpreendeu comprando uma flor para mim. Como eu não iria me apaixonar por ele? Talvez Ian não sentisse por mim o mesmo que eu sentia por ele, mas isso poderia mudar a qualquer momento. Eu era boa em conseguir o que queria e não iria desistir de fazê-lo enxergar a mulher que eu havia me tornado.

— Qual a próxima parada? — ele quis saber assim que voltamos para o carro.

— O clube, é claro — respondi.

Além de ser o local de várias festinhas, o Clube Terê era um espaço com quadras poliesportivas, campo de futebol, sauna, salão de festas, ambientes recreativos e, claro, uma piscina gigantesca. Era o melhor lugar para se divertir e conhecer pessoas. Dei uma volta pelo lugar com Ian contando a ele sobre alguns dos últimos eventos que aconteceram ali.

— Preciso dar um pulinho no banheiro. A piscina fica no final desse caminho, pode ir andando e depois te encontro lá — disse.

Ian assentiu e seguiu pelo trajeto que eu indiquei. Fui ao banheiro, que felizmente estava vazio, e aproveitei para dar uma retocada de leve na maquiagem que eu usava.

Conforme me aproximava da piscina, meu olhar foi capturado para o exato local em que Ian conversava com uma mulher, que parecia um pouco mais velha que ele, talvez na casa dos 25 ou 26 anos, e isso fez uma sensação de desconforto atravessar todo o meu corpo. Continuei caminhando em direção aos dois com um sorriso falso enfeitando meu rosto enquanto um turbilhão de emoções acontecia no meu interior. Engoli a seco quando a mulher encostou uma das mãos no ombro do meu... Do Ian.

Por que de repente senti vontade de vomitar? Ou, pior ainda, senti vontade de arremessar a mulher na piscina para ver se o sorriso idiota que ela direcionava para ele desaparecia.

— Oi, voltei! — falei, tentando ignorar a sensação de aperto no meu peito.

— Ah, não sabia que você estava aqui com sua namorada — a mulher disse me avaliando de cima a baixo e fazendo com que minhas bochechas esquentassem, não sei se de raiva ou vergonha.

— A Lara não é minha namorada — ele comentou em um tom simpático, mas, ainda assim, senti como se um tiro tivesse atravessado meu coração.

Será que ela era o tipo de Ian?

— Bom, então o convite continua de pé — a desconhecida disse para ele. — Até mais, Ian.

— Até mais, Marcela — respondeu.

— De qual convite ela estava falando? — Me ouvi perguntar antes mesmo de processar que isso não era da minha conta.

— Uma festa que vai ter aqui no final de semana.

— E você vem? — Mais uma vez perguntei, ainda que eu não tivesse nada a ver com o que Ian fazia ou deixava de fazer.

— Não sei ainda — respondeu, dando de ombros. Isso era um bom sinal? — Eu estou com fome. O que acha da gente ir comer algo?

— Eu sei o lugar perfeito!

Alguns minutos mais tarde, Ian estacionou o carro em frente ao Sebo Café. O lugar era uma cafeteria muito aconchegante e fofa. O mais legal do Sebo Café era o fato de que você não precisava comprar o livro, embora todos estivessem à venda. Os clientes podiam simplesmente pegar um dos exemplares para ficar lendo enquanto apreciavam um café, como em uma espécie de biblioteca.

— A minha mãe me traz aqui desde quando eu era uma criancinha. Ela ama esse lugar e eu aprendi a amar também — contei enquanto caminhava para uma das mesas vazias.

— Não sabia que você era tão fã de livros assim.

— Só dos livros que falam de botânica... E dos doces que vendem aqui — confessei.

— Isso combina muito mais com você. — Como palavras tão simples conseguiam arrancar um sorriso bobo de mim?

— Às vezes, quando a mamãe sentava na mesa ali do lado de fora, bem de frente para a praça, eu aproveitava para fugir um pouco para a casinha verde da dona Margarida e ficava horas ali admirando as flores e fazendo um monte de perguntas para ela.

— Acho que trabalhar com flores sempre esteve no seu destino, Lara — disse. Mais cedo, eu havia contado a ele que desejava fazer faculdade de Botânica.

Antes que eu respondesse, uma das atendentes do café se aproximou da nossa mesa.

— Já sabem o que vão pedir?

— Um croque monsieur com um suco de laranja grande — Ian pediu.

— Eu vou querer um brownie — disse, já sentindo minha boca salivar pensando no sabor.

— Nós temos a versão fit e a normal. Qual você vai querer, querida? — a atendente perguntou.

Será que eu deveria pedir a versão fit? Ela não era tão gostosa, mas tinha menos calorias. Talvez...

— A versão normal, não é, Larinha? — Ian respondeu por mim, me pegando de surpresa. — Não tem sentido comer um brownie fit, o sabor não é o mesmo. Melhor comer o original, vale muito mais a pena.

— O normal mesmo. Obrigada — disse para a atendente. Ela anotou os pedidos em seu caderninho e saiu em direção ao balcão.

— Não sei porque inventam de fazer versão fit de tudo — Ian reclamou. — Dá para ser saudável comendo um brownie normal, porra. Não precisa modificar o sabor do prato para isso.

Era engraçadinho, e até um pouco fofo, vê-lo irritado. Ah, Deus! Eu não tinha uma quedinha por Ian, eu tinha um barranco inteiro.

— Quando você descobriu que amava cozinhar? — perguntei.

Ian pareceu pensar uns instantes antes de responder.

— Acho que aconteceu tão naturalmente que nem percebi quando comecei a gostar. Sempre que vinha passar as férias na casa do tio Pedro e da tia Sara, eles me ensinavam receitas diferentes. Acho que os dois tinham um plano de me doutrinar nos caminhos da cozinha e conseguiram. — Ele soltou uma risada. — Minha mãe sempre trabalhou muito e eu gostava de ficar em casa sozinho testando receitas e até mesmo inventando algumas.

— Acho que trabalhar com gastronomia sempre esteve no seu destino, Ian — repeti a mesma frase que ele havia me falado minutos atrás.

— É, acho que você tem razão. Eu me sinto muito feliz quando estou na cozinha e tenho ótimas memórias cozinhando com meus tios — contou.

A garçonete voltou com nossos pedidos e os colocou na mesa.

— O que te trouxe para Teresópolis? — perguntei.

— Eu precisava de uma mudança de cenário — respondeu. — E quer saber? Acho que fiz a escolha certa vindo para cá. O cenário aqui é muito melhor do que me lembrava.

Acho que foi a forma como Ian disse cada palavra daquela frase olhando diretamente nos meus olhos que fez com que arrepios percorressem meu corpo.

— E ainda tem muita coisa para você conhecer — falei. Eu não estava me referindo à cidade, mas a mim. Ian abriu um sorriso como resposta e algo dentro de mim gostou desta resposta silenciosa. Talvez o meu plano de mostrar o quão incrível eu era para conquistá-lo fosse mesmo um bom plano.

Continuamos comendo nosso lanche enquanto conversávamos e quanto mais eu conhecia Ian, mais percebia que não o conhecia tão bem quanto imaginei. E mais desejava conhecê-lo.

Mais tarde, com os pés já doendo do nosso passeio e meu coração aquecido dentro do peito pelo dia incrível, Ian estacionou o carro em frente ao prédio em que eu morava.

— Obrigado pelo dia de hoje, Larinha.

— Quando quiser conhecer mais da cidade, sabe onde me encontrar — respondi.

— Achei que nosso próximo encontro seria jogando FIFA — ele disse.

Tentei não parecer nervosa, mas cada pedacinho do meu corpo parecia prestes a explodir de felicidade. Eu amava a sensação de estar apaixonadinha. Não que eu estivesse apaixonadinha por Ian, eu só... Tinha muita vontade de descobrir se ele beijava bem.

— Mal posso esperar para vencer seu time — impliquei.

— Boa sorte tentando, gatinha — rebateu.

Ian se inclinou no banco e depositou um beijo no meu rosto. Senti meu coração prestes a sair pela boca.

— Até mais, Lara.

— Até mais, Ian.



IAN DINIZ

O barulho das crianças correndo e falando alto pelos corredores da escola até me fez sentir saudade dos tempos de colégio. Nunca me imaginei sendo pai, nem sequer era o tipo de cara que amava estar em companhia de crianças, mas, agora, ser pai é uma das melhores partes de mim.

Enquanto caminhava em direção à sala de Alice, para uma conversa rápida com sua professora, a avistei brincando no parquinho com seus coleguinhas de turma. Assim que me viu, ela abriu um sorriso e acenou.

— É o meu papai! — Ouvi ela dizer para os amiguinhos.

Nunca me senti tão orgulhoso de carregar um título como esse.

Virei no corredor à esquerda e bati na porta decorada com personagens da Turma da Mônica. A professora, que estava sentada à mesa corrigindo alguns cadernos, ergueu os olhos.

— Olá, professora Talita. Eu sou Ian, o pai da Alice Diniz.

— Ah, senhor Diniz. Por favor, entre — pediu. Era estranho para caralho ouvir alguém me chamar de *senhor*.

— Como está a adaptação dela? — perguntei.

— Alice é extremamente comunicativa e, nessas duas semanas, já fez amizade com a turminha inteira. Ela é estudiosa, mas às vezes fala um pouco demais durante a aula e preciso chamar sua atenção. — Tentei controlar uma risada. Essa era mesmo minha garota.

— Que bom ouvir isso, professora. É a primeira vez que Alice muda de escola e eu estava preocupado em como seria.

— Não se preocupe, senhor Diniz. Desde o primeiro dia ela está se saindo muito bem — garantiu. — É um prazer ter Alice em minha classe e saiba que, precisando de qualquer coisa, nós estamos à disposição.

— Obrigado, professora.

Saí da sala com o coração mais leve e fui até onde minha pequena estava para buscá-la. Assim que cheguei perto da entrada do parquinho,

Alice pegou a mochila e, com a ajuda da professora auxiliar, a colocou nas costas. Eu sempre achava engraçado o quanto a mochila parecia grande demais para ela, mas, ainda assim, minha filha insistia em carregar.

— Tchau, tia Fernanda — ela se despediu antes de correr para mim.

Me agachei e abri os braços, recebendo-a com um abraço apertado.

— Eu amo quando você vem me buscar, papai — disse.

— E eu amo vir te buscar, pequena.

Esse tinha sido exatamente um dos motivos que me motivaram a voltar para Teresópolis: ter mais tempo de qualidade com minha filha e ser um pai presente.

— O que você acha da gente ir comer em um lugar diferente hoje? — perguntei.

— Vamos! — ela respondeu empolgada.

Eu tirei o dia de folga para resolver alguns assuntos ainda relacionados à mudança e aproveitaria para passar o restante das minhas horas livres com Alice. De mãos dadas, caminhamos em direção a um lugar que entrei pela primeira vez anos atrás, quando me mudei para Teresópolis aos dezenove anos.

— Aqui parece até aquela biblioteca do filme da Bela e a Fera, papai — Alice disse olhando ao redor do Sebo Café, que, definitivamente, era muito menor do que a biblioteca do filme.

— Gostou? — Ela assentiu.

— É muito legal. Tem livro de colorir? — quis saber.

— Vamos procurar.

Caminhei com a minha pequena por entre as prateleiras lotadas de livros até acharmos a sessão infantil. Depois de um tempo analisando todas as opções, ela optou pelo livro de pintar da Moana. Sentamos em uma das mesas vazias e fizemos nossos pedidos a uma das garçonetes do local. Enquanto esperávamos nossas comidas, Alice pegou o estojo de lápis de cor de dentro da mochila e abriu o livro em uma página aleatória para pintar.

Não coincidentemente, escolhi uma mesa que tinha vista para a rua. Mais especificamente para a praça principal, onde uma casinha verde cheia de flores dominava minha visão. Lara parecia tão feliz ali, no lugar que sempre amou. E eu me sentia a porra de um *stalker*, mas adorava observá-la sendo feliz. Uma parte egoísta de mim gostava de saber que, apesar de tudo que aconteceu entre nós dois, eu não a tinha destruído por completo.

— Eu posso ter um porquinho? — Alice perguntou.

— Como é que é? — questionei, sendo pego de surpresa e saindo dos meus devaneios.

— A Moana tem um amigo porquinho, o Pua. — Ela apontou para o desenho que estava colorindo. — Eu quero ter um amigo porquinho também — pediu.

— Pequena, não acho que seja tão fácil arrumar um porquinho para adotar — falei.

— E um irmãozinho? — Vez ou outra Alice voltava com esse assunto e eu já estava começando a ficar sem argumentos.

— Também não é tão fácil assim, filhota.

— Por que não? A tia Cora não tem um bebê dentro da barriga? É só a gente colocar um bebê na sua barriga também.

— Só as mulheres que podem carregar bebês na barriga — tentei explicar.

— Então eu posso carregar um?

Ah, caralho. Por que minha filha tinha que amar tanto fazer perguntas para as quais eu não estava preparado ainda?

— Só quando você for uma mulher mais velha, igual a tia Cora ou a tia Gabi — continuei tentando explicar de uma maneira que ela entendesse.

— E a tia La... — Mas, felizmente, sua frase foi interrompida pela garçonete que trazia nossos pedidos e o assunto morreu.

Enquanto comíamos, Alice continuou fazendo perguntas, mas agora sobre os ingredientes dos nossos pratos. E sobre isso eu conseguia explicar tranquilamente. Amava vê-la descobrir o mundo, essa também era uma das minhas partes favoritas em ser pai. Não é fácil educar uma criança, mas é recompensador.

— Papai, podemos ir ali? — perguntou quando terminei de pagar a conta para irmos embora. Antes mesmo de me virar em direção ao local em que ela apontava, eu sabia do que tratava. — Tem um monte de flor bonita. Eu quero ver de perto! Vamos, papai, por favor?

Eu era péssimo negando coisas para aquela garotinha. E, além disso, preciso confessar que parte de mim também estava curioso para conhecer de perto a Pétala & Flor. Lara poderia achar ruim que eu fosse até lá sozinho, mas com Alice... Bom, ela continuaria achando ruim, mas iria fingir que não.

— Tudo bem, podemos passar por lá rapidinho — falei.

Atravessamos a rua e caminhamos até a casinha verde cercada de flores. Assim que passamos pela porta, Alice deixou um *uau* escapar, tirou a mochila das costas e correu pelo corredor.

Onde caralhos estava Lara?

— O que você está fazendo aqui? — A voz enraivecida surgiu atrás de mim, como se ela tivesse lido a porra dos meus pensamentos.

— A Alice quis... — Antes que eu me explicasse, minha filha surgiu em nosso campo de visão.

— Oi, tia Lara! — E, como sempre, Lara abriu um sorriso para minha filha.

— Oi, Ali. Está gostando da minha floricultura? — quis saber, ignorando mais uma vez a minha existência. Porra, acho que ser indiferente era tão ruim quanto ser odiado. Talvez seja até pior.

— Aqui tem muita flor linda. São todas suas, tia Lara? — perguntou.

— Mais ou menos. Eu planto, cuido e depois vendo para que elas façam outras pessoas felizes igualzinho fazem comigo — contou. Era nítido o brilho apaixonado no olhar de Lara quando ela falava sobre o que amava.

— Qual a sua favorita? — minha filha perguntou.

— Essa daqui... — Lara andou alguns passos e pegou um vaso com uma flor que eu reconheci ser uma orquídea, bem parecida com a que comprei para ela, anos atrás, no nosso primeiro encontro como *apenas amigos*. — O nome dela é orquídea. Tem de várias cores, mas a minha favorita é a branca que simboliza o amor puro.

— Essa é legal, mas eu gostei mais dessa daqui. — Ela apontou para a flor com miolo alaranjado em uma prateleira próxima. — Qual o nome dela?

— Essa se chama girassol. Ela representa a alegria, mas também a coragem. E acho que ela combina com você, Alice — falou.

— Girassol me lembra a tia Sol. — Alice suspirou. Ao ouvir o nome da antiga babá, Lara pareceu ficar mais rígida em sua postura. — Eu estou com muita saudades dela. Papai, tira uma foto minha com o girassol para mandar pra ela? — pediu.

— Claro, pequena. — Tirei o celular do bolso e abri a câmera, capturando algumas imagens da minha filha ao lado da flor. Lara, ao nosso lado, observava tudo em silêncio. Eu tinha certeza, pelo seu olhar e sorriso forjado, que um milhão de questionamentos se passavam na sua cabeça neste exato momento. — Pronto, filhota. Já mandei todas para ela.

— Você disse para ela que estou com saudades? — perguntou.

— Eu disse.

— A tia Sol sempre me acordava com um beijinho na testa e cantava para eu dormir. E, quando o papai não podia ir na escola, ela ia. Queria que a tia Sol morasse com a gente na casa nova, mas ela teve que ficar na nossa casa antiga — minha filha contou.

A forma como Lara abria e fechava a boca, evitando me olhar, me dizia mais do que qualquer palavra que ela pudesse dizer. Porra, ela provavelmente deve ter interpretado tudo errado. Eu amava que minha filha fosse extremamente comunicativa, exceto quando ela falava demais e deixava seu discurso aberto para interpretações, como agora.

— A Sol era a minha... — Comecei a me explicar porque parte de mim sentia que devia a Lara uma explicação. Mas, como a sorte não parecia estar nunca ao nosso favor, um casal de idosos interrompeu meu discurso ao entrar na floricultura.

— Preciso atender meus clientes, mas fiquem à vontade — disse, saindo dali tão depressa que nem pude dizer mais nada.

Por que caralhos eu me importava tanto em dar satisfação para Lara? Isso não mudaria nada agora. Ela estava feliz com o imbecil do Lauro, certo? Soltei um suspiro frustrado. Parte de mim sabia que o correto seria deixá-la em paz, deixá-la ter a vida que sempre quis ter, mas que eu não pude oferecer a ela. Mas toda moeda tem dois lados. E a minha outra parte insistia em querer consertar as coisas entre a gente. Talvez ir até além disso...

— Vamos para casa, princesa? A gente pode assistir a um filme, o que acha? — perguntei a Alice. Eu já tinha tomado tempo demais de Lara e, pelo visto, isso era ruim para o meu plano de reaproximação.

— Pode ser Moana?

— O que você quiser. — Ela bateu palminhas, comemorando.

Caminhamos até onde Lara estava atendendo os clientes porque Alice queria se despedir dela.

— Tchau, tia Lara.

— Tchau, Ali! Amei te receber aqui. — Ela se agachou e deu um abraço na pequena. — Quando quiser voltar, é só falar para o tio Pedro ou a tia Sara te trazerem aqui.

Caralho. A indireta extremamente direta foi recebida com sucesso e doeu como se eu tivesse levado um tapa na cara.

Ignorando minha existência mais uma vez, ela virou as costas e voltou a trabalhar.

Voltamos para nosso apartamento e, depois de um banho, ficamos deitados no sofá assistindo filmes. Minha cabeça, vez ou outra, pensava em Lara. Precisei de muito autocontrole para não ir até a janela do meu quarto verificar o que ela estava fazendo como a porra de um perseguidor.

Algumas horas mais tarde, senti meu estômago roncar com fome.

— O que acha de ajudar o papai a fazer o jantar? — perguntei.

— Eu quero! — Alice respondeu empolgada.

Fomos para a cozinha e vesti nela o avental infantil que Gabi e Nick a deram de presente no último aniversário, e, em seguida, coloquei o meu. Puxei um banquinho que deixava por ali para que ela subisse e alcançasse não só a pia como também a bancada.

— Vamos começar lavando os tomates, tá bem? Você vai ser a responsável por lavá-los. — Ela assentiu.

Peguei um tomate na geladeira e a entreguei, abrindo a torneira na sequência para que ela o lavasse. Alice parecia focada na tarefa, usando a mãozinha para esfregar com cuidado o fruto.

— Está bom, papai?

— Está perfeito, *sous chef* Alice. — Ela abriu um sorriso satisfeito.

Lavamos mais um tomate e, quando terminamos, peguei uma faca para mim e uma faca infantil que comprei na internet dias atrás para ela.

— Hoje vou te ensinar a cortar tomate, mas você só pode usar essa faca cor de rosa porque é própria para garotas da sua idade — avisei.

Mostrei a ela como se cortava o tomate em pedaços pequenos, segurando na sua mão para ajudá-la a entender melhor o movimento com a faca infantil. Não cortava tão bem quanto uma de verdade, mas essa era justamente a função dela. Alice estava amando a experiência de ser uma *chef* de cozinha com uma faca.

Passamos os minutos seguintes preparando o molho e o macarrão que seria nosso jantar. Alice prestou atenção em todas as minhas instruções e ajudou em todas as tarefas que não eram perigosas para crianças da sua idade. Mais uma vez, senti orgulho de mim por poder proporcionar a ela essas memórias para o futuro.

— Obrigado por me ajudar, meu amor. Você é a melhor *sous chef* que eu poderia pedir — disse, enquanto esperava o macarrão ficar pronto.

— Quando eu crescer do seu tamanho vou ser *chef* de cozinha igual a você?

— Você vai poder ser o que quiser, pequena. O importante é que você seja feliz — respondi.

— E se eu quiser ter uma loja de flores, papai?

Mas, antes que eu respondesse, a campainha tocou. Eu não estava esperando ninguém, então achei estranho. Peguei Alice, que estava sentada na bancada da cozinha, e a coloquei no chão antes de caminhar até a porta.

— Oi. — De todas as pessoas do mundo, eu não esperava vê-la ali. Eu parecia a porra de um adolescente sentindo minha garganta ficar seca de nervoso, ainda mais depois da rápida confusão de mais cedo. — O porteiro é um velho conhecido, ele me deixou subir. A Alice esqueceu isso na loja e vim aqui entregar. — Ela ergueu as mãos e só então percebi que ela segurava a mochila de Alice.

— Nem tinha me dado conta que tinha ficado por lá — falei.

— Quem é, papai? — Alice perguntou enquanto caminhava em direção à porta.

— É a tia Lara, filha — respondi.

— Você veio jantar com a gente? Eu ajudei o papai a fazer o macarrão — contou.

— Hoje não, Ali. Mas tenho certeza que está delicioso — respondeu.

— Pequena, guarda sua mochila lá no quarto, pode ser? — pedi, entregando o objeto para ela. Assim que Alice saiu, perguntei. —Tem certeza que não quer ficar? — Pela forma como ela me fuzilou com o olhar, sabia que a resposta seria negativa.

Lara nem se deu ao trabalho de me responder, apenas virou as costas e ameaçou ir embora. Tomado pela emoção do momento, a segurei pelo punho, impedindo-a de sair dali.

— Lara...

— Me deixe em paz, Ian — pediu.

— Foi você quem veio até a mim — falei.

O rosto de Lara se transformou em uma espécie de careta e, se ela pudesse, teria cuspido fogo em minha direção e me incinerado ali mesmo.

— Vou deixar uma coisa bem clara, Ian. Eu posso tratar a sua filha bem, mas você morreu para mim cinco anos atrás. Não posso evitar te encontrar nessa droga de cidade pequena, mas posso fingir que você não existe. E é exatamente isso que pretendo fazer.

Talvez ser incinerado doeria menos.

— Ela era minha babá — falei. Lara me fitou confusa. — A tia Sol, que Alice falou mais cedo... Era uma senhora que cuidou da Ali desde que ela era um bebê.

— Por que você está me falando isso?

— Achei que te devia uma explicação.

Lara soltou uma risada escárnio e balançou a cabeça como se parecesse incrédula com o que estava ouvindo.

— Você está atrasado demais para explicações, Ian. Eu não preciso delas *agora* — ela enfatizou a palavra. — Não tenho nada a ver com sua vida. Não mais.

Uma buzina de carro soou no ambiente, chamando nossa atenção.

— É o meu namorado. Só... — Ela respirou fundo. — me deixe em paz.

Por mais que cada célula do meu corpo não quisesse, a soltei do meu aperto e a assisti entrar no elevador para ir encontrar o cuzão do caralho que ela chamava de namorado.

Talvez eu nunca tenha superado meus sentimentos por Lara Avelar.

Porra, eu com certeza ainda carregava sentimentos por Lara Avelar.

Mas como eu iria mostrar isso a ela sem estragar toda a sua vida mais uma vez?



Capítulo 12.

LARA AVELAR

— Acordando tão cedo assim em pleno sábado, filhota? — ouvi a voz do meu pai perguntar assim que entrei na cozinha, esfregando os olhos ainda completamente cheia de sono.

Deixei um bocejo escapar, ainda sem acreditar que tinha topado a ideia maluca de Nick de dirigir até o interior de Teresópolis às seis da manhã de um sábado ensolarado para conhecer pequenos produtores que pudessem vender mudas de plantas. Eu amava plantas, mas preferia amá-las depois das oito no final de semana.

— Seu filho me pediu ajuda e eu fui idiota de aceitar — respondi, pegando uma cápsula de café e colocando na máquina.

Eu tinha ido dormir tarde depois de perder pelo menos duas horas me revirando de um lado para o outro na cama pensando em quem não devia. Inferno de homem maldito!

— Caio? — papai perguntou. Neguei, abrindo o armário para buscar a caneca que tinha ganhado de Natal dos meus pais anos atrás. A palavra “caçulinha” estampava minha caneca favorita.

— Nick!? — Franziu o cenho. — Que porra aquele moleque vai fazer acordado a essa hora? Eu achei que o corpo de Nicolas fosse biologicamente programado pra funcionar só depois das nove.

— Eu também, mas ele decidiu que precisávamos ir visitar fornecedores antes da aula de *crossfit*. — Revirei os olhos. — Eu culpo você por esse gene crossfiteiro, pai.

Seu Leonardo soltou um risinho como se estivesse orgulhoso daquela informação. Nick gostava de academia, Caio de escalar e eu… Bom, eu gostava de cuidar de plantas. Isso também poderia ser considerado como atividade física, certo?

Sempre cresci sabendo que, de alguma forma, estaria à sombra dos meus irmãos, mas isso nunca me incomodou. Eles eram as pessoas que eu mais amava no mundo e sempre se destacaram por onde passaram. Mas

ainda assim, meus pais nunca me deixaram sentir como só a irmã de Nick e Caio. Eu era Lara Avelar: extrovertida, estressada, péssima em fazer contas e que adorava perfume de melancia.

— Seu namorado vive vinte horas por dia na academia e você não reclama, senhorita — debochou, levando o pão francês à boca e dando uma mordida.

— Ah, eu reclamo sim. Mas infelizmente pra mim, aquilo ali é o trabalho dele.

Papai bufou com cara de desprezo, nem tentando esconder o desconforto quando o assunto era Mauro. Eu já tinha cansado de discutir com ele e Caio sobre isso, então tinha decidido só fingir que não via quando os dois eram inconvenientes. Nunca julguei as escolhas do meu irmão para namorada, então por que ele deveria julgar as minhas?

— E você não acha que aquele cara lá é… — Mas antes que meu pai pudesse dizer mais alguma coisa que me deixaria irritada, mamãe surgiu na cozinha com a mesma aparência sonolenta que eu tinha.

— Por que você não come seu pão e deixa a Lara tomar as próprias decisões, amor? — O tom de voz da minha mãe era gentil, assim como a forma como se abaixou para colocar um beijo na bochecha do meu pai.

Eu não sabia o que seria de mim se não tivesse Olívia Avelar na minha vida. Aliás, acho que nenhum de nós saberíamos.

— Bom dia, querida — mamãe me cumprimentou com um sorriso.

A cafeteira apitou quase no mesmo momento, indicando que meu café tinha ficado totalmente pronto.

— Passei ontem no BarVelar e vi a garotinha do Ian — papai comentou, me fazendo paralisar com a xícara a caminho dos lábios. O café quente por pouco não derramou no meu corpo, queimando minha pele.

— Ele está fazendo um ótimo trabalho com ela. Nem parece mais o mesmo Ian de anos atrás. — Eu sabia que a fala da minha mãe, apesar de soar inocente, estava longe de ser. Ergui uma sobrancelha na sua direção, mas ela evitou meu olhar.

— Ele não tinha escolha a não ser amadurecer — foi a vez de meu pai comentar. Deus, por que Ian tinha que me perseguir até dentro de casa? — Tá vendo, Larinha — chamou, atraindo minha atenção. — Ainda há esperanças para o Lauro.

Senti a irritação encher meu peito. Sabia que meu pai estava se referindo a amadurecer, mas não liguei.

— Leonardo — mamãe repreendeu, mas eu já estava largando minha xícara na mesa frustrada.

— Não sabia que você queria tanto que eu engravidasse, pai — debochei. — Mas posso fazer um esforço com Mauro.

— Para com isso, Lara — repreendeu, seu semblante franzido com a minha resposta malcriada.

— Você e Caio vivem implicando com o meu namorado! — chiei. Céus, não eram nem sete horas da manhã e meu dia já estava uma grande merda.

— Porque você merece alguém melhor do que ele.

Empurrei a cadeira para trás, perdendo totalmente a vontade de tomar café da manhã.

— Que tal deixar que *eu* faça minhas próprias escolhas, pai? — reclamei. — Nick e Caio dormiam com qualquer mulher que passasse na frente e nunca vi ninguém falar nada.

Esperei que ele retrucasse, mas não foi o que aconteceu. Na verdade, foi a primeira vez que vi meu pai parecer se afetar pelas minhas palavras. Ele sabia que eu tinha razão. Mais do que isso, o olhar no seu rosto e a forma como coçou a tatuagem de flor que tinha no braço em minha homenagem me indicavam que ele estava culpado.

Dei as costas, deixando meus pais na cozinha e indo até o meu quarto para trocar de roupa. Meu pai sempre foi superprotetor, assim como Caio, mas eu sentia que, depois do que aconteceu com Ian, tudo tinha piorado. Não que ele soubesse quem havia sido o culpado pela forma como me afundei por semanas enquanto tentava me reencontrar. E talvez, exatamente por isso, me causava tanta raiva que Mauro fosse a quem ele direcionava essa repulsa.

Ian era o culpado.

Era ele que tinha me feito sentir descartável pela primeira vez na vida.

Abri o armário, procurando por alguma peça que fosse confortável e elegante o suficiente para conversar com os fornecedores, mas o som de batidas na porta do meu quarto me chamou atenção. Suspirei, sabendo que era meu pai quem estaria por ali.

— Posso entrar? — perguntou do lado de fora. Andei devagar até a porta e a abri, cruzando os braços para encará-lo.

— Eu não quero discutir mais, pai.

Ele ergueu as mãos em rendição.

— Não vim discutir, vim te pedir desculpas.

Cedi espaço e ele entrou no meu quarto, sentando na ponta da cama de casal que ocupava o centro do cômodo. Seu Leonardo bateu a mão no colchão, me convidando a ocupar o espaço do seu lado. Por mais chateada que eu estivesse, não negaria esse gesto. Fui até ele e me sentei, ainda evitando encará-lo.

— Você teve razão no puxão de orelha — assumiu. — Nunca me meti na vida amorosa dos seus irmãos e não é justo fazer isso com você. Mas é que…

Pelo canto do olho, vi meu pai balançar a cabeça de um lado para o outro, como se procurasse as palavras certas sobre o que dizer.

— Eu sei, pai — interrompi. — Você tem medo que eu me machuque de novo.

— Você é a minha caçula. — Ele se virou para me olhar e, dessa vez, também o encarei. — Amo seus irmãos pra caralho, Lara, mas você me lembra a sua mãe. E eu sinto um instinto protetor com vocês duas desde o minuto que coloquei os olhos em cada uma.

Respirei fundo, sabendo que, apesar de me irritar com a história toda de Mauro, ele fazia isso porque me amava mais do que eu poderia imaginar.

— Eu preciso lutar minhas próprias batalhas, pai. Eu não tenho mais dezesseis anos.

Ele passou um braço pelas minhas costas, puxando minha cabeça para o seu ombro. E não importava o quão ele me tirasse do sério com o ciúmes e a proteção, sempre que fazia isso, eu me sentia como a mesma garotinha que sempre teve o pai como o maior ídolo.

— É difícil saber que você cresceu. Não importa sua idade, Lara, se depender de mim, nunca mais quero te ver sofrendo daquele jeito.

Ergui a cabeça e dessa vez o encarei com o rosto sério, mas um leve sorriso nos lábios.

— Por mais que eu ame o meu namorado, ele não tem o poder de me machucar daquela forma. Acho que ninguém mais tem.

Ninguém nunca mais teria o meu coração do jeito que Ian teve. Eu tinha aprendido a lição no passado.

— Não sabia que estava rolando uma reunião familiar — escutei a voz da minha mãe perguntar em um tom divertido na porta do quarto. — Me diz que ele não estava te contando pela milésima vez a história de como nos conhecemos.

Soltei uma risada.

— Ei, eu não faço isso tantas vezes assim, Oli — papai chiou.

— Faz sim — nós duas falamos ao mesmo tempo. Ele soltou uma reclamação indiscernível e caminhou até onde mamãe estava.

— Não é culpa minha que a gente tenha uma história de amor foda. É inevitável. — Seus braços envolveram minha mãe e ele colocou um beijo rápido em seus lábios.

Acho que a melhor parte de crescer com pais tão apaixonados quanto os meus é acreditar que existe um amor tão forte que seria capaz de superar todos os obstáculos só para estar junto de quem ama. A pior parte, por outro lado, é a mesma.

— Seu irmão interfonou — dona Olívia avisou, ainda dentro dos braços do meu pai. — Tá lá embaixo te esperando.

Assenti, levantando para terminar de me arrumar o mais rápido possível. Antes de sair do quarto, meu pai deu uma piscadinha que eu sabia o que significava. *Desculpa.*

Puxei as roupas do meu armário e tranquei a porta, colocando o vestido midi alaranjado que eu sempre considerava como o meu visual mulher de negócios. Penteei o cabelo e mal tive tempo de passar maquiagem no rosto antes de sair.

Desci os andares do elevador até encontrar meu irmão mexendo no celular parado no *hall* do prédio já com a mesma roupa que usaria na academia mais tarde. Seus olhos me viram andando na sua direção e na mesma hora ele me chamou com as mãos enquanto deixava uma gargalhada alta escapar.

— Larinha, olha só isso! — Ele virou a tela do celular para mim onde um vídeo de um homem de meia idade andando pela rua e deixando um sorvete cair no próprio rosto passava. Meu irmão aparentemente já tinha visto a cena algumas vezes e, ainda assim, estava rindo como se fosse a primeira.

— Você sabe que isso com certeza é combinado, né? — perguntei, mas pela forma como seu rosto se esvaiu em uma expressão surpresa, ele não sabia. Balancei a cabeça, ainda me surpreendendo com o quanto meu irmão podia ser lerdo. — Vamos?

— Ah! — exclamou, lembrando de algo. — Precisamos ir no seu carro. O meu tá na oficina.

— Você vai encher meu tanque, espertinho — reclamei, dando meia volta com Nick às minhas costas me acompanhando até a garagem do prédio.

Passamos a maior parte do percurso escutando música e tentando não nos perder ao usarmos o GPS. Tanto eu quanto Nick não conhecíamos bem a localidade do fornecedor que visitaríamos, mas por sorte, conseguimos chegar com facilidade.

A chácara era gigante, com campos abertos de plantio de hortaliças e árvores frutíferas espalhadas pelo local. Uma casa de campo enorme com estrutura colonial e janelas venezianas parecia ser o lugar onde o proprietário morava.

Senti meu coração se apertar. Sempre me imaginei passando o resto da vida em um lugar assim. Uma fazenda onde eu pudesse plantar minhas flores e Ian pudesse… *Ah, puta merda.* Esse idiota estava invadindo meus pensamentos e confundindo minha cabeça.

— Nicolas, muito prazer te conhecer! — Um homem de cabelos brancos e blusa xadrez nos recebeu me salvando da minha própria mente contaminada por Ian Maldito Diniz. — E você é a famosa Lara. — Virou-se para mim. — Seu irmão me falou muito sobre você. É quem entende de plantas, não é?

— Trabalho mais com ornamentais, mas dessa vez, vou ajudar com as PANCs também — falei, esticando a mão para cumprimentá-lo.

— Aqui nosso foco são as árvores frutíferas e o plantio de verduras, mas também temos pequenos espaços que dedicamos para outras espécies. Venham, vou levar vocês até lá.

Nick e eu seguimos o dono da chácara até um lugar afastado atrás da casa colonial. Passamos por plantações de abóbora, alface e até um pé de jabuticaba que me lembrou o quanto eu adorava subir nesse tipo de árvore quando era criança.

Rente ao chão, eu já reconhecia as mudas de peixinho de horta e *ora-pro-nóbis*.

— Minha filha é nutricionista, foi ela que me fez abrir os olhos e plantar essas duas aqui. Nossas mudas crescem bem e são resistentes, vocês poderão ficar tranquilos no cuidado com elas.

— O senhor nunca pensou em aumentar a quantidade para vender? — questionei.

Quando Caio encontrou o senhor Abel, ele imediatamente avisou que poderia nos vender algumas mudas, mas que não poderia fornecer as PANCs constantemente. Então, a princípio, eu seria a responsável por plantar e cuidar de cada uma delas em um espaço reservado nos fundos do BarVelar. Estava longe de ser o ideal, mas pelo menos elas receberiam luz solar e teriam um espaço bem arejado para crescerem saudáveis.

Eu já tinha plantado salsa, cebolinha, hortelã, coentro, mas nunca com a responsabilidade de fazer dar certo. Nesse primeiro momento, o objetivo era viabilizar a execução das ideias de prato e drink para a competição, tendo consciência que seria impossível continuar tendo somente o espaço dos fundos como plantio se a intenção fosse colocar no cardápio com mais frequência.

— Só tenho pra consumo próprio. Minha filha falou que essa aqui — Apontou para a *ora-pro-nóbis*. — Tem um monte de vitamina.

— Porra, isso parece mato — Nick deixou escapar e eu dei uma cotovelada nada discreta. Por sorte, seu Abel não pareceu se importar e soltou uma gargalhada.

— Você tem razão, filho. Parece mesmo.

Continuamos conversando com seu Abel por pelo menos uma hora enquanto ele nos apresentava todo o resto da chácara. Nossos planos iniciais eram de levarmos somente as mudas de *ora-pro-nóbis* e peixinho, mas por coincidência, seu Abel também tinha erva de borboleta na sua coleção.

— Me deixa lá na academia — Nick pediu, assim que nos sentamos no carro, prontos para pegar a estrada de volta ao centro de Teresópolis.

— E se eu não quiser? — impliquei, só pelo prazer de implicar.

— Você não seria má com seu irmão favorito.

Revirei os olhos em resposta, acelerando o carro e tomando cuidado com cada quebra-molas que passávamos para que as mudas não fossem afetadas no banco traseiro. Nick olhou para trás, conferindo se estava tudo sob controle.

— Não faço ideia de como Ian pretende transformar esse mato em comida.

E mais uma vez, meu ex-namorado se tornava tópico de um assunto do meu dia.

— Ian e a outra cozinheira. — A insinuação escapou da minha boca sem que eu conseguisse controlar. Por sorte, era Nick que estava sentado no

banco do carona do meu carro, porque qualquer outra pessoa teria percebido o tom de desprezo na minha voz.

— Giovanna é boa, mas Ian é quem inventa as comidas. Ele é tipo eu, só que com comidas, o que é bem menos divertido — completou.

— Não sabia que vocês tinham voltado atrás na regra do Caio. — *O que raios eu estava fazendo, droga?*

— Que regra?

— De envolvimento entre os funcionários.

Nicolas soltou um muxoxo exasperado, como se nosso irmão tivesse inventado a ideia mais estúpida do mundo.

— Caio é um cuzão. Tem que deixar a galera se curtir.

Senti meu coração paralisar dentro do peito e nem sabia explicar porque. Odiava o fato de que Ian tinha algum poder sobre mim mesmo que eu o odiasse.

Tentei com todas as forças impedir que a pergunta fugisse da minha boca, mas não consegui.

— Então Ian e a tal cozinheira estão mesmo juntos? Achei que ele teria mais receio de se envolver com alguém agora que tem a Alice e…

— Ah, não, não, Ian não tá nem aí pra Giovanna. — Odiei que essa frase me fez respirar aliviada. — Papo reto? Acho que ele não fica com ninguém há um bom tempo, se você quer saber.

Respiração presa. Nó na garganta. Coração acelerado. Mãos suadas apertando o volante com mais força do que deveria. Porra, eu conhecia todos esses sinais e detestava que meu corpo ainda respondesse a Ian Diniz mesmo depois de tanto tempo.

Era só um reflexo do passado. Só isso.

— Por que você acha isso?

Nick deu de ombros, sem nem mesmo parecer se ligar no fato de que eu estava insistentemente interessada na vida pessoal de Ian.

— Porque a vida toda dele é em função da pirralha.

Alice certamente era a melhor coisa que já tinha acontecido na vida de Ian. O que de certa forma também significava que tudo que fez comigo também tinha sido sua melhor escolha. O que me doía na mesma intensidade que me reconfortava. Porque, por mais que eu tenha sofrido, pelo menos Alice ganhou um bom pai.

Será que Ian pensava no que tinha me dito? Na forma como me destruiu? Será que alguma vez se questionou o que suas palavras

significaram pra mim?

Não percebi que estava há tanto tempo em silêncio até que atravessamos o limite entre o interior da cidade e o centro. Nick parecia totalmente entretido mandando memes para Gabi e nem se deu conta de como meu semblante parecia ter ficado abatido desde que o assunto Ian Diniz surgiu.

Dobrei na rua já conhecida da academia onde Nick praticava *Crossfit* e Mauro costumava malhar. Já tinha perdido as contas de quantas vezes meu namorado havia tentado me convencer a me matricular com ele, mas eu nunca quis. Não gostava do ambiente e da forma como estar ali dentro me fazia sentir. Embora eu entendesse o lado positivo e benéfico das academias, me sentia sufocada, observada e julgada.

— É aqui que eu parto — Nick se despediu, esticando o corpo para estalar as costas antes de sair do carro. — Você vai levar os matos lá pro BarVelar, né?

— Para de chamar de mato, seu besta — impliquei. — Mas sim, vou levar.

— Beleza. — Ele abriu a porta do carro e abaixou-se para se despedir. — Valeu pela carona, maninha, te devo essa.

Assisti meu irmão entrar na academia, cumprimentando pelo menos umas cinco pessoas pelo caminho. Sempre fui um meio termo entre Nick e Caio nesse sentido. Nem era a miss simpatia como Nicolas e nem a odiadora de pessoas como Caio.

Duas mulheres com roupas justas de academia passaram pela frente do meu carro no exato minuto que eu levei a mão à ignição. As duas ostentavam barrigas chapadas e músculos tonificados que me faziam sentir uma leve pontada de inveja. Respirei fundo, afastando o pensamento exatamente da mesma forma que minha mãe tinha me ensinado desde criança.

Estava pronta para dar a partida quando escutei um toque diferente soar dentro do carro. Não era o meu celular, então o que… *Ah, é claro.* O celular de Nick estava tocando e vibrando no chão do carro com o rosto de Gabi aparecendo na tela. Soltei o cinto de segurança e me estiquei para alcançar o aparelho. Deslizei para atender e levei ao ouvido, mas antes que pudesse falar qualquer coisa, a voz de Gabi já estava me traumatizando para o resto da vida.

— Amor, você pode trazer aquele lubrificante…

— É a Lara! — praticamente berrei em desespero com as informações que eu preferia não saber.

— *Ah, oi, Larinha* — minha cunhada cumprimentou como se nada tivesse acontecido.

— Nick esqueceu o celular no meu carro, vou entregar pra ele e peço pra ele te ligar, tá bom? — avisei.

— Aproveita e pede pra ele trazer o lubrificante que esquenta e…

— Tchau, Gabi, foi ótimo falar com você! — Rapidamente desliguei antes que novos pesadelos pudessem se formar no meu cérebro.

Balancei a cabeça, tentando apagar a informação envolvendo meu irmão e o lubrificante da minha mente. Desliguei o carro e saí em direção à academia com o aparelho em mãos.

— Oi, meu irmão acabou de passar por aqui e esqueceu o celular no meu carro, será que eu posso entregar pra ele rapidinho? — pedi ao recepcionista.

O homem, que deveria ter a minha idade, sorriu simpático e digitou algumas coisas no computador, desbloqueando a catraca de acesso para que eu pudesse entrar. Agradeci e entrei na academia, percorrendo o espaço com os olhos à procura de Nick.

Sons de halteres largados no chão, gemidos de homens malhando daquele jeito totalmente vergonha alheia, *personais* dando em cima de alunas… Aparentemente tudo normal ali dentro. Até que uma silhueta familiar capturou minha atenção bem no final da primeira coluna de aparelhos. Demorei a processar o que estava acontecendo. Mauro, debruçado naquele tipo de aparelho em que se malha as pernas, segurava a coxa de uma garota que torcia todo o rosto em um esforço para empurrar a placa onde apoiava os pés.

Senti meu corpo inteiro paralisar, sem reação. Olhei seus dedos na perna dela, logo acima do joelho. Olhei sua boca se mexendo enquanto dizia algo que pareciam palavras de incentivo. Olhei para a forma como seu rosto se acendeu em admiração quando a garota concluiu o exercício. Ele nunca tinha me olhado desse jeito.

Minha garganta pareceu fechar e todos os espelhos do lugar pareceram crescer ao meu redor. Me senti deslocada com o vestido que eu usava no meio daquelas pessoas. Senti como se vários olhares se virassem na minha direção e as bocas se mexendo estivessem falando de mim. E, como se não pudesse piorar, Mauro me viu. E para me foder ainda mais, acenou na

minha direção, me chamando para ir até ele enquanto ele continuava com a mão na coxa da garota.

Não sabia porque meus pés resolveram voltar a funcionar e andaram até ele. Não sabia porque meus olhos pareciam arder e o sorriso falso que coloquei no rosto doía na face.

— Oi, Lala. — Ele se esticou, grudando a boca na minha em um selinho. — Tá fazendo o que aqui?

Meus olhos foram da mulher até ele e nenhum dos dois parecia achar nada estranho naquela situação. Será que eu estava enlouquecendo?

— Nick esqueceu o celular no meu carro — foi tudo que respondi.

— Você que é a famosa Lara — a garota sorriu simpática em reconhecimento. — Você não malha por aqui, né?

É claro que ela sabia que eu não malhava. Quem olharia pra mim e pensaria o contrário?

Meus lábios murcharam na boca, o sorriso diminuindo até se transformar em uma linha fina.

— Lara não malha — Mauro se meteu e, por algum motivo, essa frase me fez sentir humilhada.

— Eu vou procurar o Nick — avisei antes que eu me desestabilizasse ainda mais na frente dos dois.

Não me despedi do meu namorado e nem olhei novamente para a garota na qual a mão dele repousava. Eu nem sabia dizer como tinha encontrado meu irmão sem nem saber para onde eu andava. Entreguei o celular nas mãos de Nick e nem sei o que respondi a ele. Eu só… precisava sair dali.

Coloquei os pés do lado de fora, torcendo para conseguir voltar a respirar, mas o problema não era a academia, era eu. Andei até o carro e me joguei no banco, puxando o cinto e sentindo como se, de repente, ele tivesse se tornado muito mais apertado, como se eu fosse grande demais para caber naquele banco.

Mauro nunca me olhou daquele jeito.

Mauro nunca pareceu me admirar.

Talvez se eu tivesse visto só um olhar de desejo enquanto ele olhava para ela, fosse menos ruim. Mas não era só isso.

De repente, fui teletransportada para a minha adolescência. Pra cada vez que precisei do apoio da minha mãe para me olhar no espelho e entender que eu nunca seria como as meninas do Instagram. E estava tudo bem com isso, até chegar nos dias que não estava mais. Vivenciei mais uma vez o

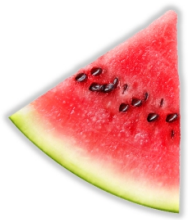
pavor e a sensação degradante que eu tinha sentido na última vez que estive com Ian enquanto tínhamos um relacionamento. Eu era descartável.

Só um passatempo até que ele se cansasse de mim.

Já não sabia mais em quem eu estava pensando.

O rosto de Mauro se misturava com o de Ian na minha cabeça e a sensação de ser trocada me atingiu em cheio.

Eu tinha vinte e um anos, mas neste momento tudo que eu mais precisava era da minha mãe.



Capítulo 13.

IAN DINIZ

Estar de volta em Teresópolis também significava estar de volta em todos os eventos familiares, sejam eles grandes ou pequenos. Minha família, os de sangue e os de coração, amavam fazer coisas juntos.

Hoje era aniversário do Henri e estávamos todos juntos na casa dele. Minha filha estava com a tia Sara curtindo a piscina e eu estava assistindo o campeonato de FIFA que rolava na sala de estar.

— Porra, Léo, você não tem vergonha de já ser avô e ainda ficar roubando no videogame? — Guilherme questionou com o cenho franzido.

— Primeiro, eu sou um avô que dá de dez a zero em vários novinhos solteiros. Porra, olha só o *shape* do pai todo em dia... — Léo disse erguendo a camisa.

— Já sabemos de onde vem a autoestima do meu gêmeo — Caio implicou enquanto o tio Pedro apenas revirava os olhos.

— E, segundo, eu não roubei.

— Você sempre rouba, porra. Seja no *poker* ou no FIFA — acusou Gui.

— Você está me acusando sem provas, parceiro.

— Eu não preciso de provas, te conheço há anos. Eu sei! — Guilherme continuou argumentando.

— Os anos passam e vocês continuam discutindo pela mesma coisa — Henri implicou. — Bom, parabéns pela vitória, Léo!

— Vitória roubada! Eu exijo VAR! — Gui reclamou.

Henri, tentando ser justo, colocou o nome de todos nós em um potinho e estava sorteando quem enfrentaria quem. Antes da disputa entre Guilherme e Léo, Nick enfrentou o tio Pedro e agora seria a vez de uma nova dupla.

— O próximo jogador é o Ian — Henri anunciou e colocou a mão no pote de novo para sortear meu adversário. — E o Mauro.

Ah, porra.

— Eu prefiro academia, mas acho que consigo mandar bem no *fifinha* também — disse, me fazendo respirar fundo para não mandar ele tomar no cu.

Mas, em minha defesa, eu sempre mando ele tomar no cu nos meus pensamentos. Ainda que ele esteja só respirando perto de mim. Moleque chato *pra porra.* Lara não poderia ter arrumado um cara menos cuzão?

Pegamos os controles e sentamos lado a lado no sofá, para minha infelicidade. O imbecil conseguia estragar até mesmo um dos meus programas favoritos: jogar FIFA.

A partida já começou acirrada e não desviei os meus olhos da tela da TV nem um segundo sequer enquanto meus dedos ágeis manipulavam com precisão os botões do controle.

— Você não vai passar da defesa dele tão facilmente, irmão — Nick avisou ao imbecil.

Mauro era tão competitivo quanto eu e estava com o cenho franzido desde que começamos a jogar, completamente focado em tentar me vencer. Ele estava buscando uma forma de driblar os meus jogadores, mas, para o azar dele, eu era bom demais em FIFA.

— Tenho certeza que vou conseguir fazer um gol incrível que vai fazer você mudar de ideia — Mauro respondeu.

Conforme a partida se desenrolava, a tensão na sala parecia crescer cada vez mais. Vez ou outra, Mauro e eu trocávamos farpas nada amigáveis, especialmente quando algum lance era perdido.

— É gol, porra! — gritei quando consegui marcar o ponto que encerrou a partida. — É assim que se joga, Lauro.

O imbecil revirou os olhos.

— Isso não significa nada, *Kainan*. — O filho da puta errou meu nome de propósito. Cuzão do caralho. — O que importa é a vida real. Enquanto você é fodão no videogame, eu estou treinando para ser fodão para o mundo real.

— Eita porra, acho que alguém ficou sentido — Nick disse.

— E eu vou...

— Tá bom, rapazes, já chega dessa discussão boba. Ian, parabéns, você venceu essa rodada. Henri, sorteia a próxima dupla aí — Léo falou. Eu sabia que ele não gostava do imbecil tanto quanto eu, mas também sabia que ele não queria que fizéssemos uma cena no dia do aniversário do seu melhor amigo e iria respeitar isso.

Henri colocou a mão no pote para sortear os próximos jogadores.

— O primeiro sou eu mesmo e meu adversário é... — Ele fez um suspense antes de abrir o papel. — Caio.

— Não vou ter pena só porque é seu aniversário, tio Henri — Caio provocou.

— Boa sorte tentando me vencer, pirralho — revidou Henri no mesmo tom.

A partida dos dois foi quase tão acalorada quanto a minha, e, por fim, Henri venceu Caio no último minuto.

— É, preciso admitir... Até que você tem bons reflexos pra um senhor de idade, tio Henri — Caio implicou.

— Vai se foder, Caio — Henri respondeu com um sorriso no rosto.

— Galera, as pizzas chegaram! — ouvimos Mel gritar.

Tio Pedro e eu nos oferecemos para fazer as comidas da festa, mas Henri disse que queria pedir pizza para que todos pudessem curtir juntos, sem ninguém precisar ficar na cozinha ou na churrasqueira. O bolo, no entanto, havia sido preparado pela tia Sara.

Fomos em direção à área gourmet, que ficava no quintal da casa dos Dinucci, e as pizzas já estavam todas dispostas na grande mesa de madeira, apenas aguardando para serem comidas.

— Esse cheirinho está muito bom — Alice disse quando tia Sara levantou a tampa de uma das caixas.

— Os pratos e talheres estão ali no balcão. Podem se servir, pessoal — Mel avisou.

— Qual sabor você vai querer, pequena? — perguntei.

Alice analisou o conteúdo de todas as caixas e, no fim, escolheu a de queijo. Estendi a mão para pegar uma fatia de pizza ao mesmo tempo que Lara, fazendo com que nossos dedos se tocassem de maneira sutil por milésimos de segundos. E, mais uma vez, parecia a porra de um adolescente sentindo faíscas de excitação percorrerem meu corpo graças a um simples toque.

— Foi mal — falei, mas Lara só me lançou um olhar rápido antes de pegar um pedaço e voltar a se sentar na cadeira ao lado do seu namorado.

Ela prometeu que iria fingir que eu não existia e estava sendo muito bem-sucedida. E isso estava me deixando louco *pra porra*. Eu preferia tirar qualquer reação dela que não fosse a mais completa indiferença. Ainda que essa reação fosse o ódio. Pelo menos eu a faria sentir algo.

— Papai, a piscina estava muito legal. Você vai entrar um pouquinho comigo? — Alice perguntou antes de morder a pizza.

— Quando a gente terminar de comer eu dou um mergulho com você — prometi.

Todos conversavam animados ao redor da mesa, comendo suas pizzas, mas óbvio que Nick não deixou um detalhe passar despercebido.

— Caralho, eu tô vendo coisas ou você vai mesmo comer um pedaço de pizza? — implicou com Mauro.

— Papai, o que é *caralho?*

— Nick, olha a boca! — Gabi repreendeu quase ao mesmo tempo.

— Eu disse *carvalho*, pirralha... É... É o sabor da pizza que o Maurão vai comer — Nicolas disse. — É muito ruim, você não vai querer experimentar. Tem gosto de madeira de árvore.

— Prefiro a de queijo — minha garotinha respondeu e voltou a comer, deixando a conversa entre os dois continuar.

— Hoje é o meu dia de lixo, *brother.* — Eu revirei os olhos com força, mordendo os lábios para evitar dar um fora nele. Odiava para caralho quando alguém se referia a comidas mais gordurosas como lixo. Como amante da culinária, isso era um grande pecado para mim. E, vindo da boca do cuzão, era um pecado ainda mais grave. — Além disso, frango é proteína — completou, apontando para o pedaço de pizza de frango no prato. — É só treinar o dobro amanhã e fica tudo certo.

— Você não cansa de viver enfurnado naquela academia? — foi Caio quem perguntou em um tom de crítica.

— Não, na verdade...

Felizmente o discurso do bombado artificial foi interrompido pelo celular de Cora tocando. Minha irmã pegou o aparelho da mesa, se desculpando, e seu olho se arregalou ao notar o que estava na tela. Ela apontou o aparelho para o marido que não demorou muito para ficar com o brilho no olhar idêntico ao da esposa.

— Eu disse! Eu falei, car... caramba! — Caio comentou antes de puxar Cora em sua direção para um beijo.

— Tem crianças aqui, arrumem um quarto vocês dois — Nick implicou.

— O que aconteceu? Por que vocês dois parecem estar comemorando? — tia Sara perguntou curiosa.

— A clínica acabou de mandar o resultado do meu exame de sexagem fetal. Eu estou grávida de uma garotinha — Cora contou. — Nós vamos ter

uma filhinha.

— Essa é a melhor notícia do mundo! — Levantei de onde estava e abracei minha irmã. Esperava que nossas filhas se tornassem tão próximas quanto nós dois nos tornamos ao longo dos anos.

Um a um, as pessoas foram parabenizar Cora e Caio. Até Alice, embora ela não entendesse muito bem o que estava acontecendo. Ela só sabia que em breve teria uma amiguinha nova e foi o suficiente para ficar feliz.

— Não acredito que não vou poder usar minha camisa metade azul e metade rosa no chá revelação porque vocês não farão chá revelação agora que todos nós já sabemos — Nick reclamou, parecendo chateado.

— Você pode usar no chá revelação do seu filho — Caio revidou. Em defesa de Caio, era mesmo a cara de Nick e Gabi fazer uma festa daquelas bem... bregas, por falta de adjetivo melhor.

— Mas isso ainda vai demorar um pouco, primeiro nós vamos casar e... — Nick começou a dizer e lançou um olhar para Gabi, que acenou com a cabeça em confirmação. — Bom, já que estamos todos aqui e falando disso... Gabi e eu decidimos a data do casamento.

— Nós vamos nos casar daqui há exatos seis meses! — Gabi contou.

— Ah, meu Deus. Isso é muito pouco tempo. Como vamos planejar tudo? — Betina disse, já assumindo seu papel de mãe de noiva.

— Precisamos urgente começar a pensar no vestido de noiva, Gabi — Mel opinou.

— As flores são por minha conta — Lara entrou no assunto.

— E se vocês escolherem outra pessoa para fazer o bolo que não seja eu, considerem-se deserdados — tia Sara completou.

— Com uma família igual a vocês, tenho certeza que arrumaremos tudo em seis meses, pessoal. Não se preocupem — Gabi, que deveria ser a pessoa nervosa, tranquilizou os outros. — Tudo vai dar certo.

— Essa comemoração de aniversário virou uma comemoração tripla agora — Henri disse com um sorriso no rosto.

— Mais algum filho Avelar quer dar uma notícia? — Gui perguntou e todos os olhares viajaram em direção a Lara.

— Bom... — Ela pareceu pensar um tempo. — Eu me matriculei na academia — contou.

— Mas você odeia academia — minha voz escapou em formato de opinião sem que eu a controlasse. E, como era de se esperar, Lara me

fuzilou com os olhos. Parece que atualmente eu só era digno desse tipo de olhar.

— Ninguém odeia academia — disse Mauro. — Minha gatinha só não teve um *personal* bom igual a mim ao lado dela. Tenho certeza que ela vai passar a gostar depois de ver que treinar é divertido. — Ele puxou Lara em sua direção e deu um beijo em sua bochecha, o que atingiu diretamente meu estômago, me fazendo querer vomitar.

— Os sentimentos mudam. Você pode amar algo em um dia e no outro odiá-lo com todas as suas forças. Ou vice-versa. — Lara disse e eu sabia que ela não estava se referindo apenas ao que sentia pela academia. — Mas essa novidade não é nada comparada a dos meus irmãos — Lara completou em um tom de brincadeira que eu sabia que era falso.

— Todas as novidades são válidas, Larinha. E se você está feliz, é claro que vamos comemorar — Henri disse.

Olívia puxou um assunto aleatório logo em seguida e nunca me senti tão grato.

Assim que terminamos de comer, minha filha me chamou mais uma vez para ir à piscina com ela.

— Só vou ajudar a vovó Sara na cozinha rapidinho e já vou, pequena — falei.

— Eu posso te fazer companhia enquanto isso, Ali — Caio sugeriu e minha filha logo aceitou.

Ajudei minha tia a guardar os pedaços restantes de pizza e a lavar louça. Assim que voltei para a área externa, me deparei com Caio e Alice se divertindo dentro da piscina, enquanto Cora, Gabi e Lara conversavam sentadas na espreguiçadeiras.

— Vem, papai! — Alice gritou, atraindo a atenção do trio para mim.

— Estou indo, pequena.

Tirei a camiseta que usava para poder entrar na água e a joguei em uma das espreguiçadeiras. Não pude deixar de notar a forma como Lara analisou cada pedaço desnudo do meu peitoral. Podia não ser um rato de academia bombado artificialmente como o namorado imbecil dela, mas tinha plena consciência dos músculos que formavam meu corpo.

Reconhecia o olhar que recebi dela porque era o mesmo que eu tinha lançado sobre ela mais cedo: era uma mistura de saudade, desejo e... culpa. Enquanto ela se culpava por se atrair por mim, eu me culpava por ter fodido nossa história.

Abri um sorriso convencido na direção dela. Talvez não fosse tão fácil ignorar minha existência quando eu estava sem camisa. Lara fechou a cara ao notar que eu tinha percebido seus olhares furtivos e virou-se de costas para mim. Tenho certeza que ela estava me xingando mentalmente.

— De novo, tio Caio, de novo — Alice pediu, nadando em direção a Caio, que a pegou no colo e a jogou para cima enquanto gritava *bomba*.

— Já deve ser a milésima vez que eu faço isso e ela ainda não se cansou. A bateria dessa pirralha é infinita? — perguntou. Soltei uma risada.

— Eu diria que ela não gastou nem 10% da bateria ainda, parceiro.

— Será que a minha filha vai ter essa energia?

— Conhecendo os seus genes, talvez ela tenha até mais — brinquei.

— Eu estou muito fodido, não estou? — quis saber, aproveitando que Alice estava longe para soltar o palavrão.

— Ah, irmão, você está. Mas quer saber? Vale muito a pena. Quando você vê esse sorriso no rostinho deles... Tudo vale a pena.

— Você é um paizão, Ian. Espero conseguir ser igual a você — disse.

— É claro que você será, Caio. Porra, não tenho nem dúvidas disso. Você é um irmão incrível, um marido espetacular, um chefe pau no cu... — impliquei.

Ele soltou uma risada e usou a mão para jogar um pouco de água na minha cara.

— Vai se foder, porra — disse.

— Você terá que aprender a falar menos palavrão perto da criança, mas com certeza será um pai foda — falei.

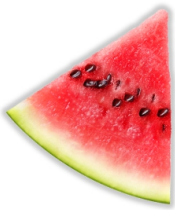
Caio ficou pensativo por um tempo, com o olhar fixo em Cora que, agora, estava com os pés dentro da água enquanto conversava com Alice.

— Você não sentiu medo quando descobriu que ia ser pai?

— Para caralho. Acho que nunca senti tanto medo em toda minha vida quanto no dia que descobri que seria responsável pela vida de um ser tão pequeno e indefeso. Porra, eu mal sabia cuidar de mim naquela época e teria que cuidar de outra pessoa, um mini ser humano. Os primeiros dias foram trágicos, caóticos e nunca me senti tão perdido. Mas, aos poucos, as coisas foram se ajeitando. E quer saber? Eu não mudaria nada.

— Pelo menos eu já estou habituado com o caos — ele disse.

— E vai se habituar ainda mais rápido com o papel de pai.



Capítulo 14.

IAN DINIZ

ANOS ATRÁS

O som do choro invadiu meu sono e torci para ser um pesadelo.

Seja um pesadelo, por favor, seja um pesadelo. Porra, seja o caralho de um pesadelo.

O choro não só continuou como aumentou de intensidade. Apertei o travesseiro contra o meu rosto, pensando que me sufocar com a fronha nem parecia uma ideia tão ruim. Pelo menos o barulho de Alice esperneando pararia.

Esperei por um minuto inteiro, implorando mentalmente para que ela parasse de chorar e eu pudesse voltar a dormir, mas obviamente não aconteceu. Levantei da cama, ainda inundado pelo completo breu. O relógio de led que eu deixava no chão ao lado da cama marcava duas da manhã. Eu tinha dormido quarenta e cinco minutos. A merda de quarenta e cinco minutos.

Fui até o berço onde minha filha berrava como se sua vida dependesse disso.

Minha filha.

Que porra eu tinha arrumado para minha vida?

Não me preocupei com caralho da camisinha enquanto fodia minha professora no intervalo das aulas e agora aqui estava o resultado. Um resultado bastante escandaloso que tinha transformado minha vida em uma confusão nas últimas semanas.

Peguei a bebê no colo, ainda me acostumando a aninhá-la nos meus braços. Nunca tinha segurado um bebê antes e comecei justamente com um que dependia inteiramente de mim. Ótimo, Ian, seu filho da puta.

— O que você quer, Ali? Eu não consigo entender com você berrando assim — falei, sacudindo seu corpinho de um jeito que eu tinha aprendido

que a acalmava. Na maioria das vezes, pelo menos. Hoje, aparentemente, era uma exceção.

O choro continuava intenso e ininterrupto, parecendo ecoar dentro da minha cabeça como um alto-falante ambulante. Levantei seu corpo na direção do meu nariz, cheirando a fralda para ter certeza de que estava limpa. O choro aumentou. Andei com Alice pela casa indo até a cozinha sem nenhum móvel além de geladeira e fogão. Peguei a mamadeira e levei a sua boca. Ela empurrou o objeto com as mãos, lançando-o no chão e espalhando leite por todos os lugares.

— Puta que me pariu, caralho! — xinguei, sentindo a irritação e o desespero me consumirem. Decidi ignorar a sujeira e focar no mais urgente.

Eu não sabia mais o que fazer para Alice parar de chorar. Eu estava prestes a perder a cabeça, porra. Aninhei seu corpo contra o meu, balancei enquanto andava pela casa, tentei colocá-la de volta no berço e nada funcionava. Até as músicas daquele animal falante que ela tanto parecia gostar não tinham efeito. Eu não sabia mais o que fazer.

Peguei o meu celular e ignorei o fato de que estávamos de madrugada, clicando em cima do contato do meu tio. Demorou uns três toques para que o rosto da tia Sara aparecesse na tela, completamente sonolento.

Caralho, eu era um merda. Por que estava acordando meus tios em plena madrugada?

— Ian, tá tudo bem? Aconteceu alguma coisa? — sua voz soou preocupada. Mesmo na escuridão completa eu conseguia enxergá-la se mexendo para acordar meu tio. — Pepe, acorda, é o Ian.

— Desculpa acordar vocês, eu só… não sei mais o que fazer — confessei. A voz saiu arranhando minha garganta.

Conseguia perceber a movimentação do outro lado da tela mesmo sem olhar diretamente para o aparelho. Tia Sara e o tio Pedro estavam se sentando na cama, ligando o abajur e colocando o celular em uma posição que eu conseguisse visualizar os dois.

— O que tá acontecendo, Ian?

— Ela não para de chorar. Eu não sei mais o que fazer.

Eu estava exausto. Tinha dormido cinco horas, somando todas as minhas horas de sono dos últimos dois dias, tinha tentado deixar meu currículo em vários lugares carregando Alice comigo sem ter com quem deixá-la. Eu sentia falta da minha vida de antes, porra. Sentia falta de

dormir e de tomar banho despreocupado e de poder cozinhar sem escutar choro infantil.

— Já olhou a fralda? — Tia Sara questionou. Eu assenti. — Mamadeira? — Confirmei mais uma vez.

— Pode ser algum dente nascendo… — foi a vez do tio Pedro sugerir.

— E que porra eu deveria fazer com essa informação? — me exaltei. Eu sabia que eles estavam tentando ajudar, mas eu estava descompensado.

— Primeiro, você vai se acalmar, caralho.

— Ian, tem só algumas semanas que a Alice perdeu a mãe — tia Sara falou. — Sei que tá difícil pra você, mas imagina pra ela. Ela nem sabe quem você é.

Olhei para aquele pedacinho de gente no meu colo, com os olhos vermelhos e molhados por lágrimas que escorriam sem parar pelas suas bochechas. Tia Sara tinha razão. Alice tinha sido colocada no meio desse turbilhão de acontecimentos sem conseguir entender o que caralhos estava acontecendo. Senti a culpa me encher.

Não tive tempo de falar nada porque a voz nada afinada da tia Sara encheu minha sala vazia, ecoando pelo espaço com nenhum móvel além de uma poltrona. Eu não conhecia a música, mas sabia que era de algum filme da Disney. Como um milagre, o choro de Alice começou a diminuir. Fiquei em silêncio, rígido, com medo de que qualquer movimento fizesse toda a sinfonia recomeçar.

Em dois minutos, minha filha parecia enfeitiçada. Seus olhos tinham se fechado, a respiração estava regular e o sono a tinha dominado. Porra, eu precisava assistir filmes da Disney urgente.

Fiz um gesto na tela, ficando completamente em silêncio, e indicando que colocaria Alice no berço. Cada movimento em direção ao quarto dela parecia como estar em um campo minado que uma bomba poderia explodir a qualquer instante. Quando finalmente apoiei sua cabecinha no acolchoado de bolinhas cor de rosa, me permiti respirar aliviado. Voltei para a sala onde tinha abandonado meu celular, mas só o tio Pedro estava na tela.

— Desculpa ter atrapalhado vocês, eu não sabia o que fazer.

— Não precisa se desculpar — tio Pedro sussurrou. Ergui uma sobrancelha. — Sua tia dormiu, ela tinha passado o dia com Caio resolvendo a surpresa da faculdade da Cora. Ficou exausta.

Meu peito se apertou com a saudade do único lugar que parecia como meu lar.

Odiei sair de Teresópolis.

Odiei deixar meus tios, meus primos, Cora.

Odiei o que fiz com Lara.

Odiei ter visto a forma como parti seu coração propositalmente. Não sabia se um dia ela poderia me perdoar. Não sabia se um dia ela conseguiria se curar de mim.

— Estou tentando conseguir um emprego, talvez possa achar uma creche ou alguém pra me ajudar com Alice…

— Bia me disse que te ofereceu de pagar.

Bufei, irritado. Falar sobre a minha mãe não era um tema que eu gostava. Era um dos únicos momentos que eu me desentendia de verdade com meu tio. Eu entendia que ele sempre a defenderia, afinal era sua irmã mais nova. Mas o tio Pedro tinha dificuldade de enxergar que mesmo que ela fosse uma irmã maravilhosa, tinha sido uma mãe muito longe de ser perfeita.

— Não quero que ela pague nada. — Meu tom de voz deixava claro que isso não estava aberto à discussão. — Ela sugeriu que eu deixasse Alice ser criada pela tia avó, porra.

— E ela estava errada pra caralho, mas talvez agora fosse uma boa você ter alguma ajuda. Não é fácil cuidar sozinho de uma criança, Ian.

Eu sabia que ele tinha razão, mas eu não daria o braço a torcer. Eu precisava fazer isso.

— Eu sei, mas eu vou dar um jeito sem precisar da ajuda dela.

Tio Pedro suspirou, resignado. Ele sabia que não adiantava insistir nesse aspecto.

— Você sabe que eu posso te ajudar também, não sabe? Não foi só a sua mãe que ofereceu de pagar alguém pra te ajudar.

Meus tios eram a família que eu tinha como exemplo do que gostaria de ser. Foram eles que sempre me acolheram nas férias e me ofereciam os momentos que serviam de gás para o restante do meu ano. Contava os segundos para ir para Teresópolis e receber a atenção que raramente tinha em casa. E quando me mudei em definitivo nos últimos meses… Percebi que sempre tinha pertencido àquele lugar.

Assim que recebi a notícia sobre Alice, surtei. Mas só não surtei mais porque o tio Pedro segurou meus ombros e me mandou me recompor. Na

verdade, as palavras exatas foram “para com essa porra e cresce, caralho”. Não foram palavras fáceis, mas eram as que eu precisava naquele momento. Eles foram duros, mas estenderam a mão assim que precisei. Exatamente por isso não aceitei quando ofereceram dinheiro para me ajudar com Alice. Eles já tinham feito muito por mim, era o meu momento de me virar sozinho. Eu precisava mesmo crescer. Só não achei que seria tão difícil.

— Eu vou tentar dar um jeito — repeti. — Vocês já fizeram muito.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Você não é meu filho de sangue, mas é como se fosse, idiota — disse com seu jeito carinhoso. — Vou fazer o que estiver ao meu alcance por você, porra.

— Eu sei, mas não quero abusar.

Tio Pedro respondeu com nada além de um dedo médio erguido na minha direção.

— Vai dormir, Ian, você precisa descansar antes que a pequena acorde de novo.

Balancei a cabeça em concordância, um bocejo escapando da minha boca em resposta. Me despedi brevemente e desliguei o celular, me ajeitando na poltrona mesmo para tentar pegar no sono.

Quando meus olhos ameaçaram fechar, o choro de Alice soou novamente.

Não, não, não, não. Que inferno do caralho!

Fiquei estirado olhando para o teto por vários segundos antes de aceitar que aquilo estava mesmo acontecendo e que eu deveria me levantar para acudir minha filha. Cada passo até o quarto onde ela berrava parecia um pesadelo.

Queria estar em Teresópolis. Queria estar com Lara. Queria fazer planos para o futuro como fizemos naquela noite que fugimos escondidos. Queria apagar as últimas semanas da minha vida, porra.

Parei na frente do berço e peguei Alice, trazendo-a para o meu corpo. Sem que eu esperasse, ela parou de chorar. Não só parou, como pareceu se encolher para ficar ainda mais grudada em mim.

Eu era um inútil. Um filho da puta.

Senti a culpa me corroer conforme andava até o meu quarto com ela. Me deitei na cama, mantendo aquele bebê que parecia tanto comigo, bem aconchegado entre os meus braços.

— Desculpa, princesa — sussurrei, sentindo minha garganta arder. — Você merecia um pai melhor do que eu.

Como se respondesse a minha pergunta, Alice abriu um sorriso, parecendo finalmente feliz e relaxada por estar comigo na cama. Acariciei sua cabeça, me permitindo pensar que talvez eu pudesse dar conta. Que Alice e eu ficaríamos bem.



Não percebi que tinha pegado no sono até acordar com o som de um choro estrangulado ainda mais forte do que das últimas vezes. Sentei assustado, demorando a entender o que tinha acontecido. Onde ela estava? Alice tinha dormido comigo na cama e… Ah, caralho.

Quando me debrucei para o lado e vi seu corpinho caído no chão, senti meu mundo inteiro paralisar. Meu coração pareceu parar de bater dentro do peito, minha respiração travou nos pulmões e tudo ao redor escureceu. Fiquei dois segundos completamente imóvel olhando para Alice caída no chão. Dois segundos sem reação. Dois segundos sem que um pensamento sequer passasse pela minha cabeça.

Seu rosto estava virado para baixo, o som do choro parcialmente abafado pelo piso do apartamento. Olhei para a mesa de cabeceira. Porra, e se ela tivesse batido com a cabeça na quina? Olhei para a cama, alta demais para um bebê rolar para o chão. Ela estava acordada, chorando, mas e se fosse pela adrenalina? E se algo tivesse acontecido internamente?

Corri até a minha filha, trazendo-a para o alto enquanto observava seu rosto. Uma marca avermelhada bem na testa era cortada por um pequeno corte vermelho de onde escorria um pequeno fio de sangue. O piso de taco deve ter cortado na queda.

Eu era um péssimo pai, porra. Peguei no sono e nem percebi quando ela rolou para longe de mim.

— Shhh, está tudo bem, princesa — falei para acalmá-la. Ou para me acalmar. Eu já não sabia mais. — Papai vai cuidar de você.

O choro parecia dolorido, desesperado e me senti um merda completo. Acho que nunca na vida tive uma sensação tão ruim quanto a que eu sentia nesse momento. Atravessei o quarto, com Alice pendurada em mim enquanto tentava me vestir com qualquer peça de roupa que visse pela frente.

Desci com ela até o estacionamento e quebrei umas vinte regras de trânsito diferentes enquanto seguia em direção ao hospital. Ainda fui imbecil o suficiente para errar o caminho que o GPS mostrava. Cidade de merda!

Quando entrei na emergência, fui direto até o balcão principal, com Alice ainda chorando copiosamente no meu colo. Alguém precisava me ajudar, porra. Eu não ia me perdoar se algo acontecesse. Eu já tinha errado com todas as pessoas da minha vida. Não poderia me permitir errar com mais uma.

— Eu preciso de um médico — falei. O olhar nada impactado da recepcionista veio até mim e voltou para a tela.

— O senhor precisa pegar uma senha e aguardar ser chamado e…

— Minha filha de meses de idade bateu com a cabeça, porra. Eu não vou pegar caralho de senha nenhuma — me exaltei.

A mulher ao lado dela, virou-se na nossa direção. Com o meu destempero, Alice pareceu ficar ainda mais desesperada.

— Senhor, é protocolo de atendimento…

Bati com a mão livre em cima do balcão, sabendo que estava perdendo a razão. Eu não estava nem aí, porra! Eu precisava que Alice fosse vista por alguém. Eu não podia estragar a vida da minha filha. Não podia.

— Essa porra não é uma emergência, caramba? Ela precisa de um atendimento com urgência!

Pela visão periférica vi um segurança se aproximar. Eu estava pronto para discutir com ele também. Estava pronto para brigar com todo mundo nesse lugar. Mas, por algum milagre, a porta que dava acesso aos consultórios de atendimento se abriu e um médico de meia idade apareceu. Ele carregava uma prancheta com algum prontuário, mas recolheu embaixo do braço assim que me viu com Alice no colo.

— O que está acontecendo aqui? — questionou. Me virei para ele, sem orgulho nenhum para suplicar por ajuda.

— Minha filha caiu da cama e bateu a cabeça, abriu um corte na testa e ela precisa de atendimento, doutor. Por favor — minha voz saiu esganiçada de um jeito que nem mesmo me reconheci.

O homem deu a volta para observar melhor o rosto de Alice e gesticulou com a cabeça.

— Pode me acompanhar. — Ele se virou para as recepcionistas. — Ele preenche a ficha depois.

Nunca tinha acreditado em Deus e essas porras, mas naquele momento tive certeza de que o homem era uma espécie de anjo da guarda no meu caminho.

Ele nos levou até um dos consultórios e pediu que eu colocasse Alice em um dos berçários específicos para atendimento de bebês. Não fazia ideia do que ele estava fazendo enquanto limpava o curativo e observava com uma espécie de lanterna à procura de alguma coisa.

— Ela vai precisar de um ponto no corte. Vamos também fazer uma tomografia pra ter certeza de que não tem nenhuma lesão ou sangramento interno — explicou.

Eu concordei, mesmo ainda processando tudo que estava acontecendo.

Em três minutos, tinham levado Alice para dentro da sala de tomografia enquanto eu ficava bem ao lado da porta, esperando até que fosse concluída. Pela forma como a luz do sol entrava na janela, já tinha amanhecido. Eu não fazia ideia de quanto tempo ela tinha ficado no chão chorando até que eu acordasse. Não fazia nem ideia se ela tinha desmaiado.

Eu não podia fazer isso. Eu nunca seria um bom pai pra ela.

Senti meu telefone vibrar no bolso e atendi antes mesmo de ver o nome na tela.

— Alô?

— Oi, querido, como estão as coisas por aí?

Em nenhum outro momento da minha vida, me senti confortável em me abrir com a minha mãe. Sabia que ela achava que eu estava cometendo um erro ao decidir criar Alice. Mas naquele minuto, entre o desespero, a falta de sono e a sensação de que eu era um lixo, cometi o erro de falar o que passava pela minha cabeça.

— Mãe, eu não posso fazer isso. — Um soluço escapou da minha garganta sem que eu conseguisse controlar. Nem percebi que o som estrangulado que o acompanhou vinha de mim. Era eu que estava chorando.

— Ian, o que está acontecendo?

Não consegui falar por um minuto inteiro, sentindo o choro me consumir e a sensação de fracasso me dominar. Minha mãe sempre me tratou como um fracasso. O filho rebelde. O filho que a impediu de seguir seus sonhos. O filho que a fazia ser chamada na escola toda semana. O filho que foi expulso da faculdade. O filho que preferia morar com os tios.

O filho que engravidou a professora. O filho que com dezenove anos cometeu os mesmos erros que ela. Ela tinha razão, porra. Eu era um fracasso.

— Eu não posso cuidar da Alice, mãe. Ela merece mais do que alguém como eu — confessei. Escutei seu suspiro do outro lado.

— Se acalma. Eu disse que daríamos um jeito. — Escutei o som de teclas sendo apertadas em um computador. — Você quer que eu ligue para a Valéria? A proposta dela ainda está de pé.

Valéria, a tia avó de Alice. Ela tinha oferecido criar a minha filha e eu poderia visitar quando quisesse.

Eu não queria visitar quando eu quisesse. Queria assumir responsabilidade por ela. Queria ser uma pessoa melhor por ela. Queria ser para ela o que o tio Pedro foi para mim. Mas eu era um fracasso.

Eu precisava fazer o que era melhor para minha filha. E eu estava muito longe de ser o melhor.

— Quero — falei em meio às lágrimas.

— Sabia que você ia tomar a decisão correta, filho. Eu vou ajustar tudo e… — Parei de escutar. As palavras da minha mãe perderam o sentido dentro da minha cabeça e viraram um amontoado de sons irreconhecíveis.

Só percebi que ela tinha desligado quando a porta da sala de tomografia se abriu e me permitiram pegar Alice.

Quando a aconcheguei nos meus braços, me senti ruir por completo. O que eu estava fazendo?

Fui levado até o lugar onde ela levaria o ponto. Minha filha seria costurada por minha irresponsabilidade. Ela podia ter morrido. Por minha culpa.

Ela pegou no sono enquanto esperávamos pelo médico se aproximar. Fiquei sozinho, completamente alheio a tudo, com ela no meu colo por pelo menos meia hora até que meu celular voltou a tocar.

Eu me sentia apático. Mais uma vez, nem olhei o nome na tela antes de atender, mas reconheci a voz exaltada dos meus tios antes mesmo de dizer alô.

— Ian, caralho, que porra tá acontecendo? — tio Pedro berrou assustado. — Sua mãe me ligou e falou que você falou com ela sobre Alice e…

— Eu sou um merda, tio — confessei, voltando a sentir minha garganta embargar.

— Para com isso! — tia Sara interveio. — Fala pra gente o que tá acontecendo e a gente vai poder te ajudar.

— Alice caiu da cama. — Olhei para o machucado gigante na sua testa enquanto ela dormia no meu colo. — Bateu a cabeça no chão e teve um corte na testa. Nós estamos na emergência.

O silêncio do outro lado pareceu levar uma eternidade, mas provavelmente não durou mais do que quinze segundos.

— Ela está bem? — a voz do meu tio soou preocupada.

— Não sei. — Olhei ao redor, vendo outros pais com seus filhos na ala pediátrica, a maioria com algum acompanhante. Me senti sozinho pra caralho. — Fizeram uma tomografia e agora estamos esperando pelo médico que vai dar um ponto no corte.

— Filho, por que você falou pra sua mãe ligar pra tal Valéria? — Meu tio não era a pessoa mais paciente do mundo, muito pelo contrário, mas neste momento eu reconheci o tom de voz paternal que ele usou para falar comigo e nunca fiquei tão agradecido.

— Eu não posso fazer isso com ela… — Balancei a cabeça, mesmo que ele não pudesse me ver. — Eu sou um péssimo pai e Alice merece coisa melhor.

— Ian, cala a boca e me escuta — foi a vez da tia Sara intervir. — Sabe quantos bebês levam tombos da cama porque os pais estão cansados demais pra perceber? Muitos. Sabe quantos pais desses bebês decidem deixar os filhos serem criados por outra pessoa depois disso? Nenhum.

— É diferente, tia Sa… — Ela me cortou antes que eu tivesse chance de concluir.

— Não, não é diferente. Você é tudo que a Alice tem agora e se você desistir no primeiro problema, você nunca vai se perdoar. Ela nunca vai te perdoar.

De repente, meu cérebro foi inundado com as minhas próprias memórias de infância. De todas as comemorações de Dia das Mães e Dia dos Pais que meu genitores estavam ocupados demais para comparecer. Me lembrei de um cartão que fomos obrigados a fazer na escola escrito "Melhor Pai do Mundo" que escondi dentro da mochila com vergonha de não ter para quem entregar.

Alice não me perdoaria por desistir.

— Ian, escuta a sua tia. Sabemos que não é fácil ser pai e, porra, você tem só dezenove anos e recebeu a notícia não tem nem um mês. Se dá uma

chance, caralho! Para de se cobrar desse jeito. Você tá indo bem e…

— Precisa aprender a aceitar nossa ajuda também — tia Sara incluiu. — Fica muito mais fácil se você tiver uma rede de apoio. Deixa a gente te ajudar.

— Eu não quero dar mais trabalho. Eu e Alice não deveríamos ser responsabilidade de vocês dois.

— Foda-se! — A paciência do tio Pedro durou pouco, aparentemente. Pela primeira vez na noite, senti vontade de rir. — Você fez sua escolha quando se mudou pra São Paulo, não fez? Deixa a gente fazer a nossa de te ajudar, mesmo que à distância.

— Pra começar, você vai aceitar que a gente pague uma pessoa de confiança pra te ajudar com Alice — tia Sara pontuou.

— E uma creche — meu tio completou.

— Eu vou pagar a vocês de algum jeito. — Como? Eu não fazia ideia. Mas daria um jeito. Eu não podia decepcionar as únicas pessoas que sempre acreditaram em mim.

— Paga a gente sendo um bom pai pra essa pequena.

Assenti para mim mesmo, engolindo o resquício do choro que ainda estava entalado na minha garganta. Eu faria o meu melhor. Eu ia mudar tudo. A partir de hoje, eu seria o melhor pai possível para Alice.

— Minha mãe já deve ter ligado pra Valéria.

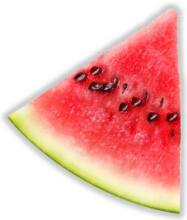
— Deixa que eu me entendo com a Beatriz — tio Pedro falou. — Não se preocupa com isso. Termina de cuidar da Alice no hospital e quando chegar em casa, liga pra gente.

— Tudo bem — concordei.

— Ian? — tia Sara chamou, a voz parecendo mais distante. — Você não é um merda. Você vem fazendo um ótimo trabalho. A vida não tem manual de instrução pra ninguém. Vocês dois vão ficar bem.

Senti o ar encher os meus pulmões pela primeira vez desde que acordei com o choro de Alice caída no chão. Eu precisava escutar isso.

Nós íamos ficar bem.



Capítulo 15.

LARA AVELAR

Já estava acordada quando meu despertador tocou, mais cedo do que o habitual. Mauro queria que eu fosse para academia às dez horas da manhã, porque, segundo ele, esse era o melhor horário para treinar por ser mais vazio. Mas, ao contrário dele, eu tinha uma vida fora daquele lugar e precisava estar na minha floricultura nesse horário.

Respirei fundo antes de levantar da cama em um pulo e ir em direção ao banheiro. Talvez um banho fosse o suficiente para me deixar mais animada para encarar esse novo... desafio. Liguei o chuveiro na água morna e, enquanto as gotas caíam pelo meu corpo, me peguei pensando onde eu estava com a cabeça quando me matriculei na academia.

— Surtada! — respondi em voz alta ao meu próprio questionamento.

Mas eu não iria desistir. Além de já ter espalhado a novidade no almoço de família, também me pegava pensando no olhar de adoração que recebi do meu namorado quando disse que poderia me pegar hoje de manhã para irmos juntos treinar. Não que Mauro não me olhasse assim antes, só que dessa vez pareceu mais... intenso. Mais orgulhoso de ter me escolhido.

Terminei meu banho, vasculhei minha gaveta atrás de uma roupa de academia e achei um conjunto de calça legging e top na cor preta. Peguei uma camiseta para compor o *look*, *coloquei* meu tênis esportivo e encarei meu reflexo no espelho: talvez dessa vez fosse diferente. Enquanto prendia meu cabelo em uma trança embutida, me recordei da primeira vez que estive em uma academia, aos dezesseis anos de idade.

ANOS ATRÁS

— Vou pra academia com você — anunciei assim que Nick abriu a porta do apartamento que dividia com Caio.

Às vezes eu era um pouco impulsiva.

— Porra, meus sonhos estão ficando cada vez mais reais — Nick disse coçando o olho, parecendo sonolento. Dei um beliscão no seu braço. — Ai, caralho! Até a dor está mais real.

— É porque é real, Nicolas — falei.

— E desde quando você gosta de academia, Lara? — ele quis saber.

— Desde agora — falei.

Algumas meninas da minha escola tinham começado a treinar e, de tanto falarem sobre isso, eu decidi que iria experimentar também. E quem melhor do que meu irmão mais velho e viciado em academia para me fazer companhia?

— Já que você me acordou antes do esperado... — Abri um sorriso satisfeito. — Espera aí um pouco enquanto troco de roupa pra gente ir.

Sentei no sofá e fiquei mexendo no celular enquanto esperava Nick vestir a sua roupa de treino e preparar algo para comer, ou melhor, para beber. Ele jogou um monte de frutas dentro do liquidificador e bateu tudo com leite e um pózinho que, pelo que li na embalagem, se chama creatina. Nick me ofereceu um pouco da bebida, mas recusei. Um passo de cada vez e, o passo de hoje, era descobrir se eu gostaria ou não de frequentar uma academia.

Entramos no carro do meu irmão e ele dirigiu até o local. Ao chegar lá, me apresentou para a menina da recepção e disse que eu faria uma aula experimental.

— Por que não posso me matricular logo? — questionei ele assim que passamos pela catraca de entrada.

— Porque primeiro você precisa saber se é isso mesmo que você curte, Larinha. E, se não curtir, tudo bem... Mas é melhor você descobrir isso antes de gastar seu dinheiro fazendo a matrícula. — Nick podia ser bem lerdo às vezes, mas em outras ele era a voz da razão.

Nick me levou até um dos cantos para fazer uma série de exercícios para aquecer o corpo antes de começar o treino de verdade. Parte de mim estava concentrada no que ele ensinava e, a outra parte, não conseguia parar de olhar para um grupo de mulheres que estava ali. Eu gostava do meu corpo, mas, ao mesmo tempo, também desejava ficar parecida com elas: coxas torneadas, braços firmes, bunda grande e cintura fina.

Quase conseguia ouvir a voz da mamãe na minha cabeça discursando sobre a pressão estética.

— Quando fica divertido? — perguntei enquanto caminhávamos para mais um aparelho, dessa vez para fortalecer o tríceps. Seja lá o que isso significa.

— Porra, mas já está divertido — Nick disse.

— Ah... — foi tudo que respondi.

Enquanto Nick parecia se divertir, eu só achava tudo... monótono demais. Que graça tem em levantar um peso quinze vezes seguidas e repetir isso por mais quatro vezes? Eu me achava meio boba fazendo isso. E, para ser sincera, todos ao meu redor pareciam me achar igualmente boba com meu pezinho de dois quilos. Esse pensamento fez uma sensação horrível dominar meu peito. Apesar disso, respirei fundo e continuei fazendo o que Nick me ensinava.

— E aí, vai virar uma marombeira igual ao seu irmão favorito? — Nick perguntou no final do treino.

Eu estava suada, descabelada, cansada e entediada. Só existia uma resposta possível.

— Não vai ser dessa vez — admiti.

— Poxa, Larinha, pensei que teria companhia pra treinar — brincou.

— Pelo que vi ali dentro, Nick, não vai faltar mulher querendo te fazer companhia — provoquei.

— Mas você é a minha favorita. — Ele me puxou em sua direção para me abraçar e deu um beijo no topo da minha cabeça.

— Eca, você está todo suado! — reclamei.

— E daí, caralho? Você também está. — Ele bufou. — Muito difícil ser um irmão carinhoso. Você não me valoriza.

— Quanto drama — impliquei, o empurrando com o ombro. — Você me acha uma derrotada? — perguntei.

— Por que eu acharia isso?

— Porque eu não gostei da academia. — Igual a todas as minhas colegas da escola, pensei, mas não tive coragem de falar em voz alta.

— Larinha, gostar ou não de academia não te faz uma derrotada. Você é a garota mais incrível que eu conheço com ou sem treino. A academia é pra ser um hobby legal, mas, se você não gosta, tem mais um milhão de hobbies legais no mundo pronto para serem descobertos por você.

Com um suspiro de alívio, concordei. Talvez meu irmão tivesse razão. Talvez a academia não fosse um lugar para mim, pelo menos não nesse momento.

— Eu amo você, Nick — falei e, dessa vez, quem o abraçou fui eu.

— Eca, você está toda suada! — reclamou brincando, enquanto me apertava ainda mais forte.

Uma batida na porta do quarto me trouxe de volta para a realidade.

— Pode entrar!

A porta se abriu e mamãe apareceu em meu campo de visão.

— Podemos conversar rapidinho ou você já está de saída?

— Sempre tenho tempo para conversar com você, mãe — falei.

Minha mãe se sentou na minha cama e, pelo longo suspiro que ela soltou, já imaginei que seria uma conversa difícil.

— Tem certeza que você *quer* fazer isso, filha? — Ela enfatizou a palavra e eu sabia o que estava sendo questionado nas entrelinhas.

— Por que eu não iria querer? — rebati, talvez porque no fundo fosse difícil mentir para a pessoa que mais me conhece no mundo.

— Porque você sempre disse que odeia academia. — Mamãe suspirou fundo. — Olha, Lara, eu sempre vou te apoiar em todas as suas decisões. E, se você estiver fazendo isso só porque está se sentindo pressionada de alguma forma...

— Não estou, mãe — disse, a interrompendo. — Mauro nunca me cobrou de ir treinar com ele.

— Nem sempre a cobrança vem de fora, Larinha, às vezes vem de dentro. — Ela abriu um sorriso compreensivo. — Você sabe o quanto eu me cobrava quando comecei a sair com seu pai. Sempre achava que eu precisava ser mais e que nunca era o suficiente e isso... Isso quase destruiu nós dois. Por sorte, seu pai sabe ser bem insistente quando quer.

Minha mãe, quando era um pouco mais velha do que eu, recebeu o diagnóstico de transtorno alimentar não especificado. Em resumo, toda a carga emocional que isso causava nela quase a fez não ficar junto do papai. É até estranho imaginar um mundo em que Olívia e Leonardo não são um casal. E, exatamente por isso, ela sempre me ensinou sobre amor-próprio e sobre não ceder às pressões estéticas que estão sempre ao nosso redor, embora isso nem sempre seja fácil.

Sentei-me ao lado dela na cama.

— Só estou pensando em ocupar meu tempo com coisas diferentes, mãe. Além do mais, quando você está em um relacionamento com alguém, é comum que os interesses da pessoa se tornem os seus também, certo? Nick agora vive indo em shows, Caio corre na rua e Cora se aventura em

fazer trilhas. Então, por que eu não deveria tentar curtir o hobby do meu namorado?

— Eu só não quero que você caia nas mesmas armadilhas que eu, querida — ela disse.

— Você fez um ótimo trabalho me criando, dona Oli. — E ela fez mesmo. Mas nem sempre eu conseguia seguir ao pé da letra tudo que havia aprendido. — Não se preocupe comigo, está tudo bem.

Meu celular tocou com uma mensagem de Mauro avisando que estava me esperando.

— O Maumau chegou. Te vejo mais tarde, está bem? — Me inclinei para depositar um beijo em seu rosto.

— Se divirta, Larinha. E, se não for divertido, lembre-se que existe mais um milhão de *hobbies* que vocês podem fazer juntos.

Assenti antes de levantar da cama e descer para encontrar meu namorado.

— Você vai ser a mais gata da academia, estou até com ciúmes. Ainda bem que não vou sair do seu lado — meu namorado disse assim que entrei no carro, antes de se inclinar para me beijar, e senti meu coração acelerar. — Trouxe isso aqui para você beber. — Ele ergueu uma garrafinha em minha direção.

— Eu trouxe a minha água — falei, mostrando a ele a garrafa que eu mesma segurava.

— Não é água, gatinha, é um *shake* pré-treino.

— Mauro, eu...

— Bebe, linda. É gostoso e vai te dar energia. Por favor, vai? Só prova um pouquinho. — Ele me fitou com os olhos brilhando e, bom, já que eu já estava na chuva, por que não me molhar? Peguei a garrafinha da mão dele e Mauro abriu um sorriso orgulhoso. Era errado querer ser admirada assim pelo próprio namorado? Dei um gole na bebida torcendo para o gosto ser melhor do que o cheiro.

— Até que não é tão ruim. — Mas continuava sendo ruim. Só que eu não iria confessar isso em voz alta. Queria que ele sentisse orgulho de mim, queria fazer parte do mundo dele. Ainda que, para isso, eu precisasse beber um *shake* idiota.

Não iria ser descartada de novo.

— Eu disse que você ia gostar, gatinha. — Dei mais um gole na mistureba e fingi um sorriso. — Estou muito feliz porque você decidiu

começar uma nova vida, sabia? Sempre soube que te dar um bom exemplo era a melhor forma de te convencer a ser mais saudável e a cuidar mais de você. Eu sinto muito orgulho de você, Lara.

Um sabor agridoce atingiu minha boca e eu tinha certeza que não vinha do *shake*. É óbvio que ouvir isso me deixava feliz, mas, ao mesmo tempo, me sentia um pouco mal por estar fingindo gostar de algo.

Deixa de ser boba, Lara. Às vezes é preciso fingir até começar a gostar de verdade. Não há nada de errado nisso, uma vozinha disse no fundo da minha cabeça.

— Nem acredito que vamos *marombar* de casal. Vamos ser o casal maromba mais foda daquele lugar, Lalá — disse.

Mauro parecia feliz na mesma intensidade que eu me sentia apreensiva. Durante todo o trajeto tentei me lembrar dos motivos pelos quais estava fazendo isso, mas nenhum deles diminuiu a intensidade da ansiedade que dominava meu corpo. *Às vezes é preciso fingir até começar a gostar de verdade. Não há nada de errado nisso,* repeti mentalmente meu novo mantra.

Mauro estacionou na porta da academia e entramos juntos no lugar. Não pude deixar de notar os olhares que recebemos. Enquanto ele parecia dominar o lugar, eu me sentia pequena e deslocada. As luzes muito fortes, os sons que saíam dos aparelhos sendo usados, a música alta demais e o cheiro de suor misturado com produtos de limpeza me deixavam um pouco... tonta. *Às vezes é preciso fingir até começar a gostar de verdade. Não há nada de errado nisso.*

Mas precisava tentar. Eu queria isso. Era importante para Mauro e era importante para mim. Me agarrei à garrafa d’água como se ela fosse uma espécie de salva-vidas em meio a um oceano desconhecido.

Às vezes é preciso fingir até começar a gostar de verdade. Não há nada de errado nisso.

— Vamos começar com exercícios de mobilidade. Não queremos que você se lesione logo no primeiro dia, gatinha — meu namorado disse, pegando um colchonete e colocando no chão para que eu usasse.

Meu namorado começou a me orientar sobre quais os movimentos eu deveria fazer e tentei com muito afinco prestar atenção apenas nele e ignorar os olhares que estava recebendo das outras pessoas que estavam no mesmo espaço que a gente.

Será que elas estavam me julgando porque não sei fazer os movimentos da maneira certa?

Será que elas estão se perguntando o que Mauro viu em mim?

Será que elas conseguem ver que não pertenço a esse ambiente?

Respirei fundo em uma tentativa de afastar esses pensamentos. Não é a primeira vez que deixo minha mente me carregar para esse lugar sombrio e, como das outras vezes, tentei pensar em todas as conversas que tive com mamãe ao longo dos anos, em busca de algum conselho gravado em meu subconsciente que me tiraria dessa espiral de pensamentos. Mas minha mente se tornou um grande pedaço de papel em branco.

Respirei fundo mais uma vez e tentei imaginar que estava na floricultura ao invés de na academia. Imaginei o cheiro das plantas ao meu redor, a textura delas tocando minha pele e, aos poucos, os pensamentos abandonaram minha cabeça. Pelo menos por um tempo.

— Vamos fazer uns agachamentos agora, o que acha? Deixar essa perna turbinada.

Será que Mauro odiava as minhas pernas?

Forcei um sorriso, ainda que meu coração estivesse martelando com ansiedade.

Estava tentando me concentrar no exercício, embora as inseguranças brotassem na minha mente vez ou outra, mesmo sem serem convidadas, quando um gemido masculino chamou minha atenção.

— Mas o que... — Deixei a frase morrer no meio quando ouvi mais um gemido atingir meus ouvidos.

Por Deus, será que tinha alguém transando ali? Disfarçadamente olhei em direção ao barulho e me deparei com um homem, quase tão grande quanto Mauro, levantando mais pesos do que imaginei ser humanamente capaz. Ele estava com o rosto completamente vermelho e sempre que levantava a barra, deixava um gemido escapar. Como se eu fosse uma adolescente que acabou de descobrir sobre sexo, soltei uma risada da cena, ao mesmo tempo em que sentia uma vergonha alheia me atingir.

— O que foi? — Mauro perguntou com um semblante sério.

— Você não está ouvindo o gemido? — sussurrei segurando a risadinha.

— Isso é normal aqui, gatinha.

— Normal? — Fiz uma careta. A academia era um lugar muito mais estranho do que eu me recordava. Mauro pareceu incomodado com meu

comentário, quase como se eu o tivesse ofendido de alguma forma.

— O Rodrigão leva o treino a sério, cara focado, *sheipado*. Você não entenderia mesmo... — E, mais uma vez, me senti atacada. Deslocada. Insegura. — Sua execução está muito boa, gatinha, é isso aí — elogiou, mudando de assunto.

Às vezes é preciso fingir até começar a gostar de verdade. Não há nada de errado nisso.

No fim, o treino foi menos pior do que eu esperava. Ainda estava longe de amar academia, mas pelo menos eu sobrevivi, certo? Encarei meu reflexo no espelho: suada, descabelada e com cara de acabada. Mauro, por outro lado, parecia que tinha acabado de chegar, ainda que ele tenha feito o triplo do esforço que eu fiz.

Será que a garota que vi com ele outro dia termina o treino tão acabada quanto eu?

— Gostou? — Mauro perguntou, me trazendo de volta para o presente.

— Gostei de passar um tempo com você — respondi.

— Eu também, Lalá. Amei esse tempinho com você, e, porra, você parece radiante. — Ele me fitou de cima a baixo e senti cada pelo do meu corpo se arrepiar. — Eu sempre disse que a atividade física é boa para o corpo e também para a mente. Aposto que você está mais feliz do que quando acordou, não está? Dá para notar pelo seu rosto.

Eu estava mesmo feliz, mas só porque o treino tinha finalmente acabado.

— Você é um ótimo *personal* — falei, fazendo-o estufar o peito de orgulho próprio. Deus, eu era ótima em fugir de dar respostas sinceras, mas Mauro felizmente não parecia reparar.

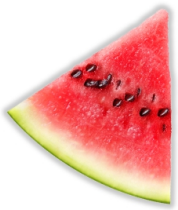
— Vamos, Lalá, vou te dar uma carona até em casa e depois preciso voltar para fazer mais uma horinha de cardio — ele disse.

Voltamos para o carro e Mauro dirigiu até o prédio em que eu morava, ainda comentando sobre como nossa manhã tinha sido produtiva e quão orgulhoso ele estava de mim.

— Mesma hora amanhã, gatinha?

Às vezes é preciso fingir até começar a gostar de verdade. Não há nada de errado nisso.

— Com toda certeza, Maumau — respondi.



Capítulo 16.

IAN DINIZ

— Por que estamos fazendo isso mesmo? — Gabi perguntou abrindo a boca em um bocejo.

Era domingo, o sol nem sequer tinha aparecido no céu, mas nós já estávamos acordados. Ou quase isso, levando em consideração a quantidade de vezes que estávamos bocejando por minuto.

— Porque fazer trilha é divertido para caralho — Caio argumentou, ajeitando a mochila em suas costas.

— E porque depois vamos poder relaxar tomando um banho de cachoeira — Cora completou, acariciando a barriga já levemente protuberante.

Às vezes sinto uma pontada no coração quando penso que não vivi essa fase de Alice. Por mais que Cristiane e eu não fôssemos um casal, gostaria de ter tido a experiência de sentir o bebê se mexer dentro da barriga da mãe, de ouvir seu coraçãozinho bater pela primeira vez, de escolher um nome e até mesmo de ver o parto, ainda que eu ache que essa porra me deixaria um pouco traumatizado. Talvez em uma outra oportunidade eu consiga viver isso.

— Ah, agora sim me lembrei da verdadeira vantagem — Gabi falou.

De todos nós, Caio era o verdadeiro apaixonado por trilhas. O restante tinha topado o passeio apenas pela diversão de fazer algo juntos. Ontem à noite levei Alice para dormir na casa dos meus tios, que estavam tão empolgados quanto a pequena para a noite do pijama. Foi estranho para caralho dormir sem Ali, mas hoje eu precisava acordar cedo para vir encontrar com Caio, Nick, Gabi, Cora e...

— Cadê a Lara? — Nick questionou ao mesmo tempo em que um carro virou a esquina.

Eu já morava na cidade há tempo suficiente para saber quem era o dono daquele veículo. Franzi o cenho, já incomodado por ter que aturar o cuzão durante um dia que supostamente era para ser relaxante. O carro parou bem

em frente ao nosso grupo e a porta do lado do carona se abriu, revelando Lara.

— Demorei, mas finalmente cheguei — ela disse descendo do veículo.

Deixei meus olhos percorrem pelo seu corpo, a roupa de academia marcando todas as suas curvas fez descargas elétricas irem diretamente para o meu pau. Eu parecia um adolescente cheio de hormônios quando se tratava de Lara Avelar. Ainda estava distraído admirando a garota quando o veículo deu partida, seguindo com a viagem.

— Lauro não vai? — Caio perguntou. Lara revirou os olhos, mas não corrigiu o erro do irmão.

— Ele tem um *shooting* pra fazer hoje.

— *Shooting* de cu é rola — murmurei e Cora me deu uma cotovelada.

Mas eu que não iria reclamar da ausência do imbecil bombado. O dia sem ele seria muito mais proveitoso.

— Agora que todos já chegaram, vamos lá — Caio anunciou.

Caio e Cora subiram na moto para seguir em direção ao local em que faríamos a trilha. Minha irmã postiça aparentemente tinha convencido o marido superprotetor de continuar dirigindo a moto mesmo com a gravidez. Nick iria no próprio carro com Gabi, Lara e eu. Minha ex e eu ocupamos o banco traseiro do veículo e o clima de tensão que se instaurou ali era palpável. Todas as palavras não ditas entre nós dois pairavam no ar enquanto Lara tentava ao máximo evitar contato visual comigo, mantendo seu olhar fixo na janela.

— Que silêncio da porra — Nick comentou enquanto dirigia. — Vamos fazer alguma coisa para alegrar essa viagem...

— Já sei! — Gabi disse animada. — Ian, trepa, casa ou mata: Sabrina Carpenter, Lana Del Rey e Ciara.

Não precisei pensar muito antes de responder.

— Trepo com Sabrina Carpenter, caso com Lana Del Rey e mato a Ciara.

— Resposta errada, porra. Não tem como matar a Ciara — Nick se intrometeu.

— Ainda bem que a pergunta não foi para você, cuzão — rebati em tom de brincadeira.

— Eu gostei das escolhas, Ian. Acho a Lana Del Rey linda... — Ela virou-se para trás no banco do carona. — Aliás, ela me lembra muito uma versão mais velha da Lara, vocês não acham?

Nick soltou uma gargalhada.

— O Ian gosta das mais velhas mesmo — ele implicou. Por sorte, os dois não conseguiram ver a expressão que tomou conta do rosto de Lara. Por azar, eu não apenas vi como senti uma dor atingir meu peito no mesmo instante.

— Gabi, por que você não coloca uma música aí pra gente ouvir? — pedi, querendo encerrar aquela brincadeira idiota antes de complicar ainda mais as coisas.

— Ah, já sei... — Ela pegou o celular e começou a mexer no aparelho. — Vocês vão ouvir com exclusividade o próximo lançamento da banda Pane.

— Ah, meu Deus! É sério? — Lara falou pela primeira vez, com um brilho no olhar que eu não via há tempos. Ela sempre foi fã dessa banda e, se conheço uma música ou outra, é por culpa dela. — Não acredito que você tinha acesso a isso esse tempo todo e não dividiu comigo, Gabi!

— Em minha defesa, eles me mandaram apenas ontem à noite. Você vai amar, Larinha, eu ajudei nessa composição também — contou.

A parceria de Gabi com a banda Pane tinha realmente dado certo e eles trabalhavam juntos na composição de músicas com frequência. Ela colocou a música para tocar através do sistema de som do carro e, pela primeira vez desde que cheguei aqui, vi Lara se divertindo de verdade, balançando o corpo ao som da melodia, com os olhos fechados, como se isso fosse intensificar seus sentimentos, e um sorriso no rosto.

Porra, era dessa Lara de quem eu sentia falta: alegre, sorridente, leve... É uma ironia do caralho saber que o cuzão que destruiu essa versão dela que eu tanto sinto falta foi eu mesmo.

Não demorou muito para que chegássemos ao parque que abrigava a trilha que faríamos.

— É o seguinte: a trilha não é complicada, mas é um pouco longa. Vocês quiseram vir, então não aceito ouvir reclamação durante o trajeto — Caio, paciente como sempre, falou.

— Porra, já estou arrependido de ter vindo. Por que eu aceitei acordar cedo para me embrenhar no meio do mato cheio de inseto mesmo? — Nick reclamou e recebeu um olhar fuzilante do irmão gêmeo. — Qual é, porra, você disse que não podia reclamar durante o trajeto, então estou reclamando antes mesmo de começar.

Ajeitamos nossas mochilas nas costas e entramos pelo local que indicava o começo da trilha, tendo Caio como nosso guia. O caminho por entre as árvores altas era bonito e o cheiro de ar puro invadiu meus pulmões nos primeiros minutos do trajeto. A trilha sonora, uma do som dos pássaros e o farfalhar das folhas secas sob nossos pés, também era relaxante.

O tempo parecia até passar mais rápido enquanto conversávamos e caminhávamos.

— Vai demorar muito para chegar? — Lara perguntou depois de algum tempo. Seu rosto estava completamente vermelho e a respiração ofegante.

— A gente está mais ou menos na metade do caminho — disse Caio.

Ele e Cora estavam próximos da gente, mas Nick e Gabi tinham se empolgado e já estavam há alguns metros de distância.

— Eu preciso descansar um pouco, minhas pernas já estão doendo. Acho que aumentar o peso de ontem na academia não ajudou muito, mas Maumau disse que...

— Porra, você está mesmo na academia? — deixei a pergunta sair em voz alta e recebi um olhar repreensivo de Cora. Minha irmã seria mesmo uma excelente mãe, já estava até se comportando como uma.

— Não enche o saco, Ian — Lara reclamou. — Vou ficar aqui descansando um pouco, depois encontro com vocês.

— Não vamos deixar você aqui sozinha — Cora disse. — A gente te espera.

— Você não estava agora mesmo dizendo que precisava chegar logo na cachoeira porque queria fazer xixi, esquentadinha? — Caio entregou a esposa.

— Eu posso segurar minha vontade mais um pouco. — Caio franziu o cenho e, antes que eles começassem a discutir, resolvi intervir.

— Eu espero aqui com a Lara, vocês continuam a trilha. Já fiz esse caminho antes com o tio Pedro, sei chegar lá.

— Não precisa ficar aqui só por minha causa — Lara comentou, sendo uma cabeça dura orgulhosa do caralho.

— Não enche o saco, Lara — repeti a mesma frase que ela havia me dito minutos atrás e ela revirou os olhos como resposta. Isso não era de todo ruim, certo?

Por fim, Cora e Caio continuaram a trilha, deixando nós dois ali, sozinhos, no meio das árvores. Lara sentou em uma das pedras que tinha ali e eu ocupei o espaço vazio ao lado dela. Era a primeira vez, desde que

voltei, que estávamos tão próximos um do outro. O ar puro do meio do mato fazia seu perfume de melancia parecer ainda mais acentuado.

— Você não pretende me matar e esconder meu corpo no meio desse mato, né? — brinquei, mesmo sabendo que, na lista de pessoas favoritas de Lara Avelar, eu ocupava o último lugar. A altitude devia estar afetando o cérebro dela porque posso jurar que a sombra de um sorriso apareceu em seu rosto por alguns segundos.

— Motivos para cometer esse crime não me faltam — rebateu, no seu típico tom de voz ácido. — E foi você quem se ofereceu para ficar aqui comigo, eu estava muito bem sem você.

Por que algo dentro de mim dizia que ela não estava se referindo apenas à trilha?

— Lara, eu...

— Acho que vou comer algo, mal tive tempo de tomar café da manhã — ela disse antes que eu completasse minha fala. Não precisava ser muito inteligente para saber que ela não estava a fim de conversar comigo.

Lara tirou a mochila das costas e, para minha surpresa, pegou uma barrinha de proteína. Ela abriu a embalagem e deu uma mordida pequena na barrinha, como se só estivesse comendo aquilo por falta de opção. O que poderia muito bem ser verdade. Embora cada célula do meu corpo tenha tentado impedir meus movimentos, eu a peguei de suas mãos.

— Por que caralhos você está comendo essa porra, Lara? Você odeia essas coisas — falei.

— Quem você acha que é para dizer o que gosto ou deixo de gostar, Ian?

Sou seu ex-namorado, porra. Eu sei tudo sobre você, cada detalhe seu. Mas é claro que eu não poderia falar isso.

— Você sempre implicou com Nick dizendo que essas comidas tinham gosto de terra — respondi.

— Muitas coisas mudam com o passar do tempo. — Mais uma *direta* sendo lançada como uma faca afiada na direção do meu peito. — E o Maumau disse que essa barrinha me daria energia para fazer a trilha.

Se ouvisse o apelido idiota do imbecil bombado mais uma vez quem cometeria um crime seria eu. Ela estendeu a mão, em um sinal silencioso de que queria a barrinha de volta, e eu decidi ignorar. Ao invés disso, abri minha própria mochila e peguei um dos sanduíches que havia preparado ontem à noite para trazer.

— Sabe o que também dá energia? Comida saborosa de verdade. — Coloquei o sanduíche na mão dela.

— Não quero isso, quero a barrinha. — Teimosa do caralho. Ela não costumava ser tão teimosa assim nas minhas memórias. — Me devolve, Ian.

E, indo contra todas as regras do meio ambiente, taquei a barrinha de cereal longe, fazendo-a sumir entre as árvores.

— Foi mal, caiu da minha mão.

— Você é ridículo.

— Já fui chamado de coisas piores. Agora coma o sanduíche e não esqueça de beber água. Ainda temos muito caminho pela frente.

Lara murmurou um palavrão, mas abriu o papel laminado que usei para embalar o sanduíche e deu uma mordida no lanche. Ela jamais admitiria que aquilo era muito mais saboroso que a barrinha de marombeiro, mas eu sabia que estava pensando isso pela expressão em seu rosto. Algumas coisas podem até mudar com o tempo, mas várias delas continuam as mesmas.

Lara comeu o sanduíche inteiro em silêncio e depois passou mais alguns minutos se hidratando com o líquido da sua garrafinha, que eu supus ser água. Seu rosto já estava menos vermelho e sua respiração já estava em um ritmo normal, o que encarei como sendo um bom sinal.

— Podemos continuar agora — avisou, guardando a garrafinha e colocando a mochila mais uma vez nas costas. Assenti, me levantando da pedra.

Ainda sem falar um com o outro, continuamos pela trilha até que chegamos ao nosso destino: uma cachoeira de águas cristalinas que caíam em cascata sobre as rochas abaixo dela.

— Até que enfim vocês chegaram, porra. Vem pra água logo, tá bom pra caralho — Nick gritou assim que nos viu chegar.

Os quatro já estavam se divertindo na piscina natural que a cachoeira formava. O local continuava tão lindo quanto eu me recordava e estava contando os minutos para me refrescar na água gelada depois de passar tanto tempo na trilha.

— Ai, que droga! — ouvir Lara reclamar ao meu lado.

Virei para ficar de frente para ela e entender o motivo da reclamação. Lara tinha tirado a legging que usava e porra... Ela estava gostosa para caralho com um biquíni vermelho. Meus olhos continuaram viajando pelo seu corpo e percebi que, ao tirar a blusa que usava, o tecido da roupa se embolou com o biquíni, desfazendo o nó da parte de cima. Lara segurava a

peça com uma das mãos na altura dos seios, impedindo-a de cair, e senti meu pau latejar ao lembrar que, tempos atrás, era eu o sortudo que os segurava.

Mais uma coisa que não mudou com o tempo: a forma como meu corpo reagia ao corpo da garota à minha frente.

— Quer ajuda? — ofereci, ouvindo minha voz sair mais rouca. Lara, mordeu o lábio inferior, parecendo não saber o que fazer. Seu olhar vagou até onde o restante do nosso grupo estava, mas eles estavam entretidos demais para sair da água e ajudá-la. — É aceitar minha ajuda ou ficar sem biquíni — provoquei. E, para ser sincero, as duas opções me agradavam para caralho.

— É só fazer um laço — disse com a voz fraca, virando-se de costas para mim.

Peguei os dois lados do cordãozinho do biquíni que ela vestia. Enquanto meus dedos trabalhavam em fazer um laço, conseguia sentir a quentura da sua pele encontrando a minha quando minha mão encostava de leve em suas costas.

— Pronto — falei, me abaixando para propositalmente sussurrar em seu ouvido. Arrepios percorreram as costas de Lara e abri um sorriso de satisfação. Talvez eu ainda tivesse o poder de causar sensações boas nela, ou, pelo menos, o meu toque tinha esse poder.

Meus olhos continuaram descendo pelo seu corpo até que foram capturados por uma tatuagem específica em sua coxa. Ao longo dos anos, Lara tinha feito várias tatuagens espalhadas pelo corpo, assim como seus irmãos e seus pais. Mas essa, em especial, fez meu coração acelerar.

— Você tem uma orquídea tatuada — falei.

Lara se afastou de mim como se, de repente, nossa proximidade estivesse queimando sua pele.

— Eu tenho várias flores tatuadas, não significa nada — rebateu.

Nós dois sabíamos que era uma mentira. A orquídea era exatamente igual à que dei a ela na primeira vez que saímos juntos em Teresópolis, ainda como amigos. Até a porra dos detalhes do vaso que abrigava a flor eram idênticos.

— Você continua uma péssima mentirosa, Lara.

— E você continua... — Ela respirou fundo, fechando os lábios com força e engolindo a seco o que quer que tenha pensado em me dizer. — Vou pra água.

Enquanto Lara caminhava para a cachoeira, coloquei minha mochila junto com as outras, tirei minha camisa e também fui para a água. Mergulhei na água gelada de uma vez só, torcendo para que isso fosse o suficiente para afastar certos pensamentos que teimavam em aparecer na minha cabeça. Nadei até onde meus amigos estavam e tentei me manter o mais longe possível de Lara, por mais que eu quisesse fazer exatamente o contrário.

— Vai ficar foda, vocês que são sem graça — Nick disse.

— Amor, é sério, não precisa disso. Eu sei que você me ama — Gabi argumentou.

— Do que vocês estão falando? — quis saber.

— O meu gêmeo está querendo tatuar *Garota Esperta* na porra do pescoço.

— Não tenho culpa se você não é romântico como eu, Caio. — Virando-se para mim, completou. — É o nome da bebida que criei em homenagem à minha noiva.

— Mas é brega pra caralho tatuar isso no pescoço. Tem homenagens melhores — Caio opinou.

— É realmente brega, parceiro — falei.

— Você tem a porra de uma melancia tatuada e quer falar de mim? — Nick revidou, apontando para o meu tórax.

Os olhos de todos seguiram o dedo do meu amigo, mas apenas um deles fez com que eu sentisse a tatuagem queimar.

— Você é fã da Magali da turma da Mônica? É uma homenagem pra ela? — Nick perguntou.

Definitivamente era uma homenagem.

— É comida e eu sou *chef* de cozinha. Faz todo sentido — me defendi.

— Vocês dois são estranhos para caralho quando o assunto é escolher tatuagem — Caio declarou.

Lara ainda mantinha os seus olhos em mim. A expressão dela era uma mistura de raiva, incredulidade, tristeza e...

— A bebê e eu estamos com fome. Acho que vou fazer um lanchinho — Cora disse. Ela era a única pessoa ali, além de mim e de Lara, que entendia o significado da melancia no meu tórax, no espaço bem em cima do meu coração.

— Vou com você — Lara falou rapidamente, parecendo sair de um transe.

Passamos o restante do dia curtindo a cachoeira e, felizmente, o assunto tatuagem não voltou a ser discutido. Lara e eu trocamos mais algumas palavras, mas apenas quando era extremamente necessário.

No fim do dia, peguei Alice na casa dos meus tios. A pequena tinha amado ser paparicada pelos dois durante o final de semana e estava tão cansada de passar a tarde inteira brincando no parquinho que apagou praticamente no segundo em que deitou na sua cama. Eu, por outro lado, passei boa parte da noite virando de um lado para o outro na cama pensando no que motivou Lara a escolher uma orquídea para tatuar. Mas, infelizmente, não consegui achar respostas antes de ser vencido pelo sono e apagar.



Tateei a mesa de cabeceira em busca do despertador quando o primeiro toque invadiu meus ouvidos, me acordando. Desliguei o aparelho e, como de costume, passei os olhos pelas notificações que apareciam na tela enquanto ainda estava deitado. Cliquei no e-mail que havia chegado da escola de Alice minutos atrás.

De: *Centro Educacional Teresópolis (ceteresopolis@freemail.com)*
Para: *Ian Diniz (iandiniz@freemail.com)*
Assunto: *Cancelamento de aulas*

Prezados pais e alunos,
Devido à falta de energia elétrica, causada pela queda de um poste na rua da escola, precisaremos cancelar as aulas de todas as turmas da unidade no dia de hoje. O conteúdo programático do dia de hoje será realocado durante as próximas aulas para que nenhum aluno seja prejudicado. Desde já pedimos desculpas pelo inconveniente e nos colocamos à disposição para responder qualquer dúvida.
Atenciosamente,
Direção do CET.

Porra! Isso tinha que acontecer justo hoje quando aceitei cobrir o turno do outro cozinheiro que precisava se ausentar?

Minha primeira reação foi ligar para os meus tios em busca de ajuda. Essa era a parte boa de morar perto da sua rede de apoio. Tia Sara atendeu

no primeiro toque.

— Oi, Ian. Aconteceu algo? — perguntou parecendo assustada.

— Nada de grave, tia Sara, não se preocupe. — Ouvi quando ela respirou aliviada. — A escola da pequena não vai ter aulas hoje e preciso trabalhar o dia inteiro. Tem como algum de vocês ficar de olho nela para mim?

— Ah, querido, o Pepe e eu estamos indo ao Rio resolver algumas coisas hoje... — Pela forma como sua voz parecia um pouco mais distante através da ligação, eu sabia que ela havia ligado o viva-voz.

— Quer que a gente volte para buscar a pequenininha? Podemos levá-la para o Rio com a gente — tio Pedro sugeriu.

— Não, não vou atrapalhar vocês assim. — Eles já faziam demais por mim, não era justo.

— Nos ligue se precisar de alguma coisa e tentaremos ajudar ainda que à distância. Vamos entrar na serra, a ligação vai cair — tia Sara avisou.

— Vou dar um jeito, não se preocupem com a gente. Boa viagem!

Encerrei a ligação ainda pensando no que fazer. Eu ainda não tinha arrumado alguém de confiança, que não fosse um membro da família, para deixar com a minha filha quando precisasse. Acabei deixando isso meio de lado já que, felizmente, aqui há muitas pessoas dispostas a me ajudar. Por fim, decidi que levar Alice para o BarVelar comigo seria a melhor alternativa.

Segui para o banheiro para tomar meu banho, como de costume, e arrumei a mesa de café da manhã antes de ir até o quarto da pequena acordá-la.

— Esse não é meu uniforme da escolinha — falou enquanto eu a vestia.

A peguei no colo e comecei a caminhar em direção à mesa para tomarmos café da manhã.

— Sua escolinha avisou que hoje não vai ter aula. Você e todos os seus amiguinhos vão poder ficar em casa. — Coloquei ela sentada em uma das cadeiras e sentei ao seu lado, como sempre fazia. — O que você acha de passar o dia no trabalho do papai com ele?

— Eu vou poder cozinhar com você? — perguntou com os olhos brilhando.

— Acho que isso vai ser complicado, pequena. — Em casa, eu sempre deixava minha filha ajudar na cozinha quando possível, mas no BarVelar o ritmo da cozinha era outro e, além disso, não era um ambiente muito seguro

para crianças. — Mas você pode levar seu livro de colorir e os lápis de cor. O que acha?

— Eu quero ir para o seu trabalho com você, papai — disse.

Comemos o café da manhã e aproveitei as horas que ainda tinha livre antes de ir para o trabalho para ajeitar algumas coisas em casa. No horário de costume, saímos do prédio em que morávamos e caminhamos em direção ao BarVelar de mãos dadas. O lugar ainda não tinha aberto quando chegamos, mas os funcionários já circulavam por ali.

— Não sabia que hoje teríamos uma funcionária nova — Nick disse quando nos viu. Ele já estava atrás do balcão, preparando as suas coisas. Embora esse horário fosse muito menos movimentado do que a noite, Nick já gostava de deixar tudo o mais adiantado possível.

— Oi, tio Nick. Sabia que a minha escola não tem aula e eu vim trabalhar com meu papai hoje? — Alice disse.

— E o que você sabe cozinhar? — Nick quis saber.

— Eu sei cortar ovinho cozido e colocar na bisnaguinha pra fazer sanduíche de ovinho cozido — disse orgulhosa.

— Cuidado, Ian, ou a pirralha vai roubar seu emprego — Nick brincou.

Fomos até a cozinha e arrumei um cantinho para Ali, onde ela poderia ficar pintando e brincando enquanto eu fazia meu trabalho. O movimento na cozinha começou devagar, mas, conforme o horário do almoço se aproximava, ele logo se intensificou. Pedidos entravam sem parar, e o som das panelas e frigideiras ecoava no espaço. Com o aumento da demanda, e do vai e vem de funcionários dentro da cozinha, ficava cada vez mais difícil manter o olho em Alice e garantir que ela estava segura.

— Vou tirar cinco minutos e já volto — disse ao meu *sous chef*.

Fui até onde Ali estava e me agachei para ficar na altura dela.

— Como você está, gatinha? — perguntei.

— Olha que lindo o vestido da Cinderela que eu pintei, papai. — Uma panela caiu no chão e Alice levou um susto que fez seus olhos se arregalarem.

— Está tudo bem, filha. Só caiu uma panela no chão — disse para acalmá-la.

A cozinha estava cada vez mais barulhenta e cada vez mais caótica. Para ser sincero, eu amava isso. Mas talvez não fosse o ambiente mais confortável para uma criança de cinco anos.

— Vem, vamos lá falar com o seu tio Nick — chamei ela, ajudando-a a pegar suas coisas do chão.

As coisas do lado de fora da cozinha estavam bem mais tranquilas, apesar da casa estar cheia. Nick estava terminando de preparar um drink quando nos aproximamos.

— Posso te pedir um favorzão? — perguntei.

— O que você quiser, parceiro — respondeu.

— Posso deixar Ali com você por um tempo? As coisas na cozinha estão muito caóticas e fico preocupado dela se machucar. Se não for te atrapalhar, é claro...

— Vai ser tranquilo, pode deixar que fico de olho na pirralha — respondeu com um sorriso.

Peguei uma das cadeiras infantis disponíveis no restaurante, aquelas mais altas, e a coloquei em um canto do balcão de maneira que Ali conseguisse ficar ali colorindo seus desenhos sem atrapalhar.

— Quer beber alguma coisa, pessoinha? — Nick perguntou a minha filha.

— Quero suquinho de melancia. Tem, tio Nick?

— Por que a família Diniz é tão obcecada por melancia? — Nick pensou em voz alta. Ah, se ele soubesse... — Mas é claro que tem, Ali. Vou buscar.

Minutos depois, ele voltou com o suco em um copo de plástico das princesas da Disney que já ficava separado ali no balcão para todas as vezes que minha garotinha ia para o BarVelar quando nosso grupo de amigos se reunia por ali depois de um dia de trabalho.

— Tio Nick, qual princesa você gosta? — Ali quis saber.

— Acho que a minha preferida é a Jasmine — Nick respondeu.

— Por quê? — minha garotinha curiosa continuou seu interrogatório.

— A história dela tem um gênio da lâmpada. Isso é legal pra caramba, você não acha? — Ela assentiu, dando mais um gole na bebida.

— Se precisar de algo, me chama, tá bem? — falei.

— Relaxa, irmão. Eu sei cuidar de uma criança. Confia no pai — garantiu, batendo no próprio peito.

— Tio Nick, o que é isso? — Ela apontou para o objeto na mão de Nicolas.

— É uma coqueteleira.

— *Cotelareira?* Que nome estranho — ela disse em meio a risadas.

— É co-que-te-lei-ra — disse mais devagar. — É aqui que eu preparo as bebidas pra galera.

— E como você faz isso? — ela continuou.

Deixei Nick conversando com Alice e voltei para a cozinha, focando minha completa atenção em preparar os pedidos que não paravam de entrar. Não sei quanto tempo havia passado quando Nick apareceu com Alice na cozinha enquanto eu terminava de empratar um carbonara.

— Vamos dar uma voltinha juntos, valeu, Ian? — avisou.

— Não vai te atrapalhar? — perguntei. Não queria que ele largasse o balcão só para levar Alice para dar um passeio, seja lá qual for o motivo que o levou a fazer isso.

— Acredite em mim, irmão, não vai me atrapalhar em nada.

— Tudo bem então. Não tire os olhos dele — falei.

— Você não quis dizer *dela*? — Nick perguntou confuso.

— Eu estava falando com a Ali, não com você. Ela é certamente a mais responsável entre vocês dois — impliquei.

— Ah, vai se fo... ferrar. Seu bundão! — Admirava o esforço dos meus primos e tios em não xingar perto da minha filha.

— Tio Nick, por que você chamou o meu papai de bundão? — Alice perguntou.

— Onde desliga a sua pilha, pirralha? Você faz mais perguntas que o Silvio Santos no Show do Milhão.

Esses dois fariam um passeio bastante interessante juntos.



Capítulo 17.

LARA AVELAR

O turno da tarde costuma ser mais tranquilo do que o da manhã na Pétala & Flor. Em geral, aproveitava o tempo para contabilizar e organizar os pedidos online, organizar as prateleiras de exposição e montar parcialmente alguns arranjos para o dia seguinte. Mas quando, pela janelinha de vidro da construção circular onde funcionava minha loja, eu vi meu irmão de mãos dadas com Alice, tive certeza de que minha tarde estava prestes a mudar.

A forma como Nick olhava para a criança parecendo assustado me dizia que algo tinha saído do seu controle. Ele também passava a mão livre pelo cabelo do mesmo jeito que fazia quando estudava literatura na época de escola. A boca de Alice mexia sem parar, como se estivesse enchendo meu irmão com perguntas para as quais ele não tinha resposta.

Eles caminharam ao redor da floricultura, ainda sem perceberem que eu estava acompanhando cada passo. Quando os dois subiram as escadinhas que davam acesso à porta de entrada, jurei ter escutado Ali perguntar para Nick se podia desenhar mais rabiscos no braço dele. O sino dos ventos soou assim que meu irmão abriu a porta de vidro, entrando com a criança para dentro da loja.

— Oi, tia Lara! — O sorriso gigante que surgiu no rosto de Alice fez meu coração errar um compasso. Era tão genuíno e doce que me senti leve como há muito tempo não me sentia.

— Oi, Ali, veio ver minhas meninas? — brinquei, indicando as flores com a cabeça.

— O tio Nick disse que eu ia ficar aqui com você hoje — comentou, indo até a prateleira mais baixa da floricultura que ficava praticamente da sua altura. Ergui uma sobrancelha para o meu irmão.

— Ah é? O tio Nick disse isso? — Cruzei os braços e recebi um sorriso amarelo em resposta. Ele se aproximou de mim, encostando o corpo contra o balcão e parecendo mais exausto do que após os treinos de *crossfit.*

— Você precisa quebrar essa pra mim, maninha — praticamente me implorou, em um tom de voz que só eu podia ouvir. — Não sei mais o que fazer pra entreter essa pirralha.

— Há quanto tempo ela tá com você? — questionei, observando a forma como Alice caminhava saltitando pela loja parecendo uma princesinha de contos de fada.

— Longas… — Ele puxou o celular do bolso para conferir o relógio. — duas horas e cinco minutos.

— Nicolas — repreendi, balançando a cabeça em negativa e tentando conter uma risada.

— Porra, Lara, ela tem energia demais! Já quis subir no meu balcão pra brincar de desfile, me perguntou porque só adultos podem beber álcool, viu uma foto da minha mãe no celular e perguntou porque a minha mãe estava viva e a dela morta e, depois de tudo isso, ainda me pediu pra fazer uma tal de trança do peixe! E ainda me fez comprar um sorvete de sobremesa e só contou depois que o Ian não deixa ela comer sorvete durante a semana!

Dessa vez, deixei uma gargalhada alta escapar.

— Nick, não acredito que você não deu conta de uma criança de cinco anos — debochei. Ele ergueu a mão e deu um tapa implicante na minha cabeça.

— Você vai ficar com ela, não vai?

Cruzei os braços, virando-me de frente para ele e fingindo pensar. É claro que eu ficaria com Alice, mas se pudesse conquistar algo em contrapartida…

— O que vou ganhar com isso?

— O eterno agradecimento do irmão que você tanto ama? — ofertou. Franzi o cenho, revirando os olhos para ele.

— Acho que não, obrigada — ameacei voltar para trás do balcão e continuar meu trabalho, mas Nick segurou meu braço me olhando em desespero.

— O que você quer?

— Que tal um *voucher* bem caro naquele estúdio de tatuagem que só tem tatuadoras mulheres? — Abri um sorriso falso, sabendo que meu irmãozinho precisaria desembolsar uns dois mil reais para bancar a próxima tatuagem que eu pretendia fazer. Mas pensando bem…

Mauro nunca foi muito fã dos desenhos que eu gostava de gravar no corpo. Se bem me lembro, ele costumava dizer que o corpo dele era um

templo e que templos não precisavam de rabiscos.

Aquela menina da academia não tinha nenhuma tatuagem.

— Fechado. — Nick nem pareceu perceber a forma como meu semblante murchou enquanto eu encarava meu próprio braço repleto de desenhos de flores.

De repente, foi o olhar de Ian na tatuagem de orquídea que eu tinha na minha coxa que ocupou meus pensamentos. Eu nunca o perdoaria pelo passado, mas… Ele me fazia sentir desejada. Ou, ao menos, era bom o suficiente fingindo que ainda sentia alguma atração por mim. Quer dizer, eu estava muito diferente da menina que era aos dezesseis e não só pelas várias tatuagens que tinha colocado no meu corpo. Mas também por todo o resto. Meu quadril tinha alargado, minhas coxas aumentaram e minha barriga, que nunca foi chapada, agora era ainda menos.

— Mais tarde eu passo aqui e pego a monstrinha — Nick avisou, me afastando dos pensamentos inadequados que enchiam a minha cabeça.

Por que raios eu me importava com o fato de Ian se sentir atraído por mim ou não? *Mauro* era o meu namorado. Eu devia me importar com o que ele achava de mim e não Ian.

Em algum lugar no fundo da minha mente ouvi a conhecida voz reflexiva da dona Olívia Avelar falando “a única opinião que deveria importar é a sua sobre si mesma”. Eu sabia que ela tinha razão, mas… Era difícil.

Observei Alice parecendo encantada com as flores nas prateleiras. Como essa menina que até pouco tempo atrás eu nunca tinha visto pessoalmente, podia me lembrar tanto de mim mesma com essa idade?

Aproximei-me devagar, me abaixando para ficar na sua altura.

— E então, o que você quer fazer? — perguntei encarando os olhos curiosos e o sorriso amplo no rosto dela.

— Algo divertido! — Sua voz saiu esganiçada e ela até mesmo complementou a animação com um pulinho empolgado.

Eu não sei onde Ian estava com a cabeça quando pensou ser uma boa ideia deixar Alice aos cuidados de Nick. Meu irmão mal sabia cuidar de si mesmo, que dirá de uma criança espevitada de cinco anos de idade. É claro que ele tinha surtado.

Cruzei os braços e levei um dedo ao queixo fingindo pensar. Era esquisito o quanto eu me sentia confortável com Ali, o sentimento totalmente contrário do que eu sentia na presença do seu pai. E, por algum

motivo, ela parecia se sentir do mesmo jeito comigo. Se um dia eu tivesse uma filha, acho que gostaria que fosse como ela. Aquele tipo de criança que ilumina o ambiente por onde passa.

— O que você acha de me ajudar a arrumar as flores nas prateleiras e depois…

— Depois vamos plantar mais flores? — Seus olhos brilharam em resposta e ela juntou as mãozinhas na frente do rosto como se batesse palmas.

Eu não costumava trabalhar com terra dentro da floricultura, exatamente para evitar a bagunça que normalmente acontecia, mas… Como eu poderia negar esse pedido? Abri um sorriso, me sentindo subitamente tão animada quanto ela.

— Que tal plantarmos trevos?

A forma como a boca de Alice se entreabriu em choque me dizia que ela estava mais do que disposta a embarcar nessa ideia comigo.

— Eu amo trevos! — exclamou. Deixei uma risadinha escapar e dei a volta no balcão, abrindo a porta direita onde guardava os aventais e tiaras que costumava usar na floricultura.

— Bom, Ali, já que você vai ser minha ajudante oficial no dia de hoje, precisa usar um uniforme, o que acha?

O avental claramente era grande o suficiente para que pelo menos quatro Alices coubessem dentro dele, mas nada que alguma dobras e amarrações não pudessem resolver.

— Eu vou poder usar uma roupa igualzinha à sua? — Ela encarou o avental cor de rosa com pequenos detalhes em ramos verdes e a logo da Pétala & Flor bem no centro.

— É claro que sim, você é a mais nova funcionária da Pétala & Flor, senhorita Alice Diniz.

Me abaixei novamente na sua frente e enrolei o avental de modo que não arrastasse pelo chão. Ele continuava longo o suficiente para parecer um vestido de gala, mas pelo menos Alice não teria risco de tropeçar e se machucar. Peguei a tiara e também coloquei na sua cabeça, mas os olhos da menina não saíam da trança que eu tinha no meu próprio cabelo.

— Quer que eu faça uma em você? — ofereci, inclinando a cabeça para indicar o penteado. Ela balançou a cabeça em concordância.

— Meu papai não sabe fazer tranças — respondeu. — Ele já tentou muitas vezes, mas não consegue.

— Bom, eu tenho um segredo… — Coloquei uma mão na frente da boca, fingindo revelar algo muito particular. — Eu sou a melhor do mundo fazendo tranças.

Envolvi minhas mãos na sua cintura e a coloquei sentada no balcão, facilitando para sua cabeça ficar quase da minha altura. Passeei os dedos entre as mechas castanhas onduladas e me perguntei se ela tinha puxado isso de Ian ou da mãe. Eu era péssima por odiar a mãe dessa garotinha? Uma mãe que estava morta há cinco anos, diga-se de passagem.

Queria conseguir enterrar no passado o sentimento de traição que me perseguia quando eu pensava na tal Cristiane. Quando me lembrava de Ian comentando sobre não ter conseguido se controlar. Sobre precisar de mais do que uma adolescente. Mas como eu conseguiria deixar tudo para trás se boa parte de quem me tornei foi pelo que vivenciei?

Eu gostava mais da Lara de antes.

Eu gostava de ser desinibida, confiante, corajosa.

Eu gostava de não estar o tempo todo desconfiada, agindo como se alguém fosse me apunhalar pelas costas a qualquer momento.

— É assim que é ter uma mamãe? — a voz de Alice interrompeu meus pensamentos, mas me senti paralisar por completo.

Minhas mãos, com os dedos travados entre as mechas das duas tranças boxeadoras que eu tinha decidido fazer no seu cabelo, pareceram desaprender o que fazer. Meu coração tinha disparado dentro do peito e eu nem sabia dizer porquê.

— Eu… — O que eu responderia a isso? — Você tem uma mamãe, Ali.

— Eu sei, mas ela é uma estrelinha que mora no céu. — Minha respiração estava presa na garganta, como se qualquer palavra dita pudesse me colocar em uma saia justa. — Estrelinhas não podem fazer tranças no meu cabelo.

Uma risadinha escapou dos meus lábios, mesmo que por dentro me sentisse culpada. Tinha odiado tanto a mãe de Alice ao longo do tempo que me sentia hipócrita de defendê-la de certa forma. Mas eu era adulta o suficiente para entender que ser a mãe de Alice não tinha nada a ver com ser a mulher com quem Ian me traiu. Embora as duas fossem a mesma pessoa, só uma delas me causava raiva.

Dessa vez, fiquei em silêncio, continuando a trançar o cabelo de Alice, concentrada em cada etapa como se minha vida dependesse disso. Se eu focasse nas mechas e no entrelace dos meus dedos, não pensaria em Ian. Ou

no quanto, bem lá no fundo, eu sabia que um dia sonhei que nós dois teríamos uma filha como Ali.

Eu precisava parar de pensar sobre essas coisas.

Peguei dois elásticos que costumava usar para a preparação de arranjos e improvisei como prendedor no final de cada trança.

— Prontinho, quer ver como ficou no espelho? — ofereci. Ela balançou a cabeça freneticamente e a ajudei a descer do balcão para irmos até a porta que levava ao lavabo da floricultura.

Alice era pequena demais para se enxergar no espelho, é claro. Envolvi meus braços ao seu redor e a ergui de modo que conseguisse ver as duas trancinhas.

— Uaaaau! — Sua boca se entreabriu em uma expressão de choque, os dedinhos pequenos brincando com o cabelo. — Ficou linda de morrer!

— Eu disse que tinha um talento especial — brinquei, apertando a pontinha do seu nariz em um gesto carinhoso. Ela soltou um risinho. — Pronta para ser minha ajudante oficial?

— Pronta! — Alice ergueu os bracinhos no ar em um gesto de animação.

Passamos as primeiras duas horas daquela tarde, organizando as prateleiras mais baixas da Flor & Pétala. Eram as mais fáceis de Ali alcançar e, por mais que eu tivesse entrado na academia, ainda não tinha músculos suficientes para carregá-la no colo por um tempo muito longo.

— Tia Lara — chamou. Virei para olhá-la. — Qual é o nome dessa aqui?

Alice apontava para um dos vasos que ocupavam a prateleira do alto e que continha uma das minhas flores preferidas: orquídeas. Eu gostava de acreditar que meu apreço por elas não tinha nada a ver com ter recebido uma de presente na primeira vez que saí com Ian. Preferia me convencer de que amava orquídeas por florescerem em praticamente qualquer lugar do planeta, até mesmo na água e na areia.

Peguei o vaso e desci até o chão, colocando-o na frente dela.

— Essa aqui é uma orquídea. É uma das minhas flores preferidas.

— É uma das minhas preferidas também. — Contive a risadinha com a resposta infantil.

Por algum motivo que eu não sabia explicar, Alice parecia gostar de mim. Mais do que isso, ela parecia querer ser como eu. Talvez seja o fato de gostar de trevos ou de flores, em geral.

— Muitas noivas gostam de usar essa flor aqui nos buquês de casamento. Um dia, quando você for mais velha, pode usar no seu também.

Ela passou a mão pela pétala, interessada na textura aveludada e nos pequenos pontinhos lilás que ocupavam toda a flor.

— Você vai no meu casamento, tia Lara?

Meu Deus, eu estava começando a compreender Nick. Lara realmente fazia perguntas demais para o seu próprio bem.

— Se você me convidar, é claro que eu vou, Ali.

Imaginei Ian mais velho. Casado com alguém que não era eu.

Droga, eu precisava parar com isso.

— A tia Gabi e o tio Nick vão casar. Meu papai me disse.

— É verdade. E sabe quem vai fazer o buquê de noiva da tia Gabi? — perguntei, ampliando meu sorriso. Ela balançou a cabeça em negativa e eu apontei para mim mesma.

— Vai ser um buquê desse tamanhão com um montão de flores coloridas? — perguntou, afastando os bracinhos como se fosse o Cristo Redentor, para indicar o tamanho que esperava ter o buquê.

— Vai ser um pouquinho menor que isso, mas vai ficar muito lindo, eu prometo. — Dei uma piscadinha.

Alice ficou me encarando por longos segundos, como se estudasse meu rosto à procura de alguma coisa. Seu rosto sempre alegre, pareceu neutro.

— O que foi, princesa? — perguntei.

— Se você é irmã não *gênia* do tio Nick e do tio Caio, por que nunca foi na casa do papai?

Ah.

Senti como se uma faca fosse apunhalada no meu peito. A pergunta, o tom de voz, a forma como seu rosto parecia confuso… Droga. Tudo isso era culpa de Ian. E agora eu precisaria inventar uma mentira para Alice. Eu não queria mentir para ela. Mas qual a outra alternativa? *Ah, Ali, é que seu pai me traiu com a sua mãe, ela engravidou de você, ele terminou comigo, me disse coisas horríveis que moldaram tudo que penso sobre mim e por isso não conseguia ficar no mesmo lugar que ele.*

Péssima ideia.

— Eu… — De repente, meu cérebro ficou completamente em branco. Nada parecia vir à minha cabeça. Nenhuma ideia, nenhuma desculpa, nenhuma mísera dose de mentira.

— E aí, Lalá — a voz de Mauro combinada com o som do sino de vento me chamou a atenção e me fez respirar aliviada. Alice também perdeu o interesse na nossa conversa e passou a observar meu namorado com seus olhinhos atentos.

— Oi — cumprimentei, forçando um sorriso no rosto. — Não sabia que você ia passar aqui.

Levantei do chão e fui até ele, ficando na ponta dos pés para dar um selinho em seus lábios.

— Ia tentar te roubar um pouco pra ir pra academia puxar uns ferros. — Tudo na sua expressão corporal indicava que ele realmente achava aquela a melhor ideia de todos os tempos.

— Eu tô no meio do expediente — cuspi as palavras, me sentindo irritada só por ele sugerir algo parecido. Odiava ter que explicar algo óbvio. Especialmente pela quinquagésima quarta vez.

Ele acariciou meus braços, suas mãos ásperas subindo e descendo pela minha pele. Por algum motivo, naquele momento, senti um desconforto.

— Ah, Lalá, olha só — Ele apontou para a floricultura. — Não tem nenhum cliente. Ninguém vai sentir falta se você fechar por algumas horinhas. Prometo te trazer rapidinho depois.

Senti minha garganta fechar com a insinuação de que meu trabalho era menos importante do que ir para a porra de uma academia que eu nem sequer gostava.

— Não — respondi, engolindo todos os palavrões que eu gostaria de falar para não dar um mau exemplo para Alice, que parecia nos assistir de camarote. — Eu estou trabalhando.

Os olhos de Mauro foram até a menina atrás de mim e seu rosto se franziu em uma expressão de desdém.

— Como babá?

— Tia Lara não é minha babá, ela é minha amiga. — Senti meus olhos lacrimejarem e virei o rosto para sorrir para Alice. Quando me voltei para Mauro, minha expressão não era das melhores.

— Eu não vou fechar a floricultura pra ir pra academia, Maumau — falei. — Nem hoje e nem nenhum dia. Isso aqui é o meu trabalho.

— Desse jeito você não vai conseguir atingir bons resultados, Lalá.

E, simples assim, Mauro tinha conseguido destruir meu dia. Senti o avental ficar mais apertado ao redor da minha cintura, senti o vestido que usava por baixo parecer revelador demais. Envolvi meu corpo com meus

próprios braços, mas me arrependi na mesma hora porque era como se esmagasse meus braços contra o meu tórax e os aumentasse ainda mais de tamanho.

— Estou ocupada. — Foi tudo que consegui dizer, o que só me fez ficar pior ainda.

Eu sabia que devia responder. Sabia que precisava ser incisiva e me impor, deixar claro para o meu namorado que o que ele falava me afetava, mas… Não consegui.

— A gente vai se ver de noite? — questionou.

Eu não tinha nenhum compromisso à noite, mas não sentia a menor vontade de reencontrar com Mauro mais uma vez no dia de hoje. E, só dessa vez, não queria fingir.

— Não vai dar — menti. — Preciso… Encontrar com a Gabi hoje, ver algumas coisas sobre o casamento.

Mauro se aproximou de mim, me envolvendo com os braços tonificados e se abaixando para falar no meu ouvido.

— Poxa, tô com saudade de passar um tempo com a minha gatinha. — Suspirei e abri a boca para responder, sentindo meu coração amolecer. — Saudade de apertar essas gordurinhas gostosas. — Sua mão desceu para a minha cintura, apalpando a lateral da minha barriga e me fazendo travar. — Preciso aproveitar enquanto ainda posso, né?

Não respondi. Nem mesmo consegui me mover. Sentia cada pedaço da minha pele queimar do pior jeito possível e nunca me senti tão desconfortável na presença de alguém que deveria ser meu porto seguro.

O pior de tudo é que Mauro nem mesmo percebeu. Ele só colocou um beijo nos meus lábios, completamente imóveis, e não notou que não o correspondi. Mais do que isso, que eu continuava completamente parada no lugar. Meus olhos ardiam tanto que achei que fosse ficar cega, mas eram só lágrimas acumuladas que eu nunca deixaria cair na frente de Alice.

— Tia Lara, por que você ficou triste? — Sua mãozinha puxou meu avental, chamando minha atenção até ela.

Esfreguei os olhos e coloquei meu melhor sorriso no rosto. Eu precisava fingir. Estava ficando mesmo muito boa nisso.

— Não é nada, Ali, não precisa se preocupar. — Passei a mão pelo seu cabelo.

— Você ficou triste quando aquele moço que não gosta de doces falou com você.

Moço que não gosta de doces. Dessa vez, o sorriso no meu rosto não era forçado.

— Agora eu estou feliz porque nós duas vamos plantar trevos.

Ela comemorou com as mãozinhas para o ar do mesmo jeito que tinha feito mais cedo. Estiquei a mão direita e ela agarrou como se fosse um movimento rotineiro. Caminhamos juntas até o pequeno espaço onde eu deixava a bancada de preparo dos arranjos. Era alta demais para Alice, é claro, mas felizmente tinha uma banqueta onde ela podia ficar sentada na altura ideal.

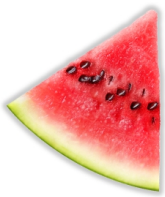
Separei quatro pequenos vasinhos de cerâmica e um saco pequeno de terra adubada. Alice tinha ficado encantada com as sementes de trevo, embora não tenha gostado muito da ideia de que precisaríamos esperar vários dias até que ele finalmente começasse a crescer.

— Tia Lara? — chamou, sem tirar os olhos da terra em que remexia com os dedos. Eu e Alice estávamos imundas nas mãos e no avental, mas nada que a água não limpasse. — Eu sei que já tenho uma mamãe estrelinha, mas eu preferia ter uma mamãe igualzinha a você.

Já tinha passado por várias sensações ao longo da vida. Amor, decepção, insegurança, paixão, lealdade, desespero, medo… Nenhuma delas parecia nomear o que eu senti quando ouvi Alice dizer que gostaria que eu fosse sua mãe.

Sempre quis ser mãe. Acho que ter o melhor exemplo de todos os tempos me motivou a desejar por algo tão significativo quanto com a minha própria filha. Por algum motivo, sempre me imaginei como mãe de menina, desde pequena. E bem aqui, no meu local favorito do mundo, com o cheiro de terra e flores, senti meus olhos lacrimejarem pela segunda vez no dia.

Alice Diniz tinha conseguido me fazer parar de fingir. Eu estava realmente feliz agora.



Capítulo 18.

LARA AVELAR

— O que acha de lavarmos as mãos agora? Já está quase escurecendo e o tio Nick deve vir te buscar a qualquer momento.

Alice e eu tínhamos nos divertido bastante. Mas enquanto ela parecia ter energia e disposição suficientes para mais muitas horas de atividade, eu me sentia exausta. Como Ian conseguia dar conta disso todo dia?

— Eu quero plantar mais, tia Lara! — pediu com aqueles olhinhos castanhos arredondados que faziam qualquer pessoa ceder. Por mais que eu quisesse agradá-la, não era o momento de aceitar seu pedido.

— Vamos fazer o seguinte — propus. — A gente se lava agora pra você ficar bem limpinha pra quando o tio Nick vier te buscar e eu prometo que da próxima vez que você vier, vamos plantar juntas um girassol.

— Girassol é a flor amarela? — Assenti com a cabeça em resposta. — Eu amo girassol!

— Então nós duas vamos ao banheiro agora lavar as mãos e depois vou mandar uma mensagem pro tio Nick perguntando se ele já está vindo.

Alice esticou a mãozinha na minha direção, procurando pela minha. Andei com ela até o banheiro, suspendendo-a no colo para que pudesse usar a pia. Ela esfregou as mãos com o sabonete, deixando a água escorrer marrom pela cuba.

Quando voltamos para a recepção, deixei Alice ficar brincando com as dormideiras enquanto eu ligava para o meu irmão. Quando apresentei a planta, ela tinha ficado uns bons quinze minutos colocando todas para dormir e esperando que acordassem só para que pudesse tocar nelas e fazê-las dormir novamente. Não podia julgar, eu também tinha um fascínio pelas dormideiras desde criança.

O celular de Nick chamou quatro vezes até que meu irmão atendesse. O barulho alto da música do outro lado me indicava que o BarVelar já estava começando a se preparar para o turno da noite.

— Nick, que horas você vem?

— Aonde?

— Buscar a Ali — expliquei.

— Ah, puta que pariu. — *Isso não era um bom sinal.*

— Você esqueceu, não foi? — Suspirei, apoiando a mão no queixo enquanto observava Alice brincando.

— Eu jamais esqueceria, Larinha — o idiota mentiu. — Mas como eu estou começando a trabalhar e você está terminando, nada mais justo do que você quebrar um galho pra mim e levar a Alice em casa.

Ah, droga.

— Na casa do Ian? — perguntei, minha voz saindo mais fraca.

— Você sabe onde fica, não sabe? É aqui pertinho. Eu fiquei de levar ela lá depois do nosso passeio.

— Sei, mas… — Nicolas me interrompeu.

— Beleza! Fico te devendo mais uma por essa!

— Nick, eu acho que não é uma boa ideia eu… — Mas antes mesmo de conseguir completar minha negativa, meu irmão já tinha desligado a ligação. — Que merda.

— Meu papai não gosta que falem *merda*, tia Lara — Alice riu. Levei minha própria mão aos lábios, como se pudesse enfiar de volta o xingamento que tinha deixado escapar.

— Desculpa, princesa, seu pai tem razão. É muito feio dizer isso.

— O que é *merda?*

— É o mesmo que… cocô. Quando algo dá errado, a gente pode dizer "que cocô"! — Não estava mentindo, certo? Esse era o significado literal da coisa.

— Que cocô! — repetiu animada. Eu esperava que ela não continuasse repetindo isso por aí. — O tio Nick está vindo me buscar?

Neguei com a cabeça e andei até o computador do balcão, terminando de desligá-lo completamente para poder fechar a Pétala & Flor.

— O tio Nick não vai poder vir, então… — Ela me interrompeu, praticamente gritando.

— Eu vou dormir aqui? — Os olhos brilhantes e o sorriso animado indicavam que ela queria muito que isso acontecesse. Soltei uma risadinha.

— Infelizmente não. Não tem como dormir aqui, não tem nenhuma cama — expliquei. — Eu vou te levar pra casa, Ali. Vou só terminar de fechar as coisas por aqui.

— Mas eu queria ficar aqui — reclamou, cruzando os bracinhos na frente do corpo.

— Se a gente ficar aqui, as plantinhas não vão conseguir dormir e descansar.

Ela pareceu pensar, cogitando o que eu tinha acabado de dizer. Alice tinha só cinco anos e eu já podia apostar que daria muito trabalho para Ian e os professores enquanto crescia. Ela não era uma daquelas crianças facilmente manipuladas, muito pelo contrário.

— Eu posso voltar amanhã? — Abri um sorriso em resposta.

— Você pode voltar quando quiser.

Terminei de fechar as cortinas da floricultura e desliguei todas as luzes antes de dar a mão para Alice e sair da minha loja. O prédio de Ian ficava perto o suficiente para que eu só precisasse atravessar duas ruas até a sua portaria. Assim que toquei a campainha, fui recepcionada pelo seu Durval, um antigo conhecido dos meus pais que praticamente me viu crescer.

— Boa noite, seu Durval — cumprimentei.

— Oi, tio Durval! — Alice acenou. O porteiro sorriu.

— Boa noite, Lara, boa noite, Alice, vão subir até o apartamento do seu Ian? — Assenti com a cabeça. — Podem ir, ele chegou ainda agora.

Ali me puxou pela mão em direção aos dois elevadores que ocupavam a parede logo atrás do seu Durval. Ela ficou na ponta dos pés para apertar o botão e rapidamente subimos até o andar onde morava com o pai. Há algumas semanas atrás, encontrar mais uma vez com Ian seria o pior dos meus pesadelos, mas agora eu estava começando a me acostumar. O que era péssimo. Eu não queria me acostumar.

Alice escapou da minha mão tão rapidamente que não consegui impedi-la. A pequena saiu correndo em direção à porta do apartamento e girou a maçaneta, entrando em casa sem sequer anunciar. Bom, ela não precisava mesmo, mas eu sim. E, droga, o que eu faria agora? Entraria sem avisar na casa de Ian? Ficaria parada na porta feito uma idiota?

— Papai, eu cheguei! — escutei a voz de Alice sumindo dentro do apartamento.

Entre a opção de entrar sem ser convidada e ficar de pé no batente da porta, optei pela segunda opção. Me mexia de um pé para o outro, trocando meu peso e arrancando as pelinhas das cutículas como se fosse uma adolescente indo ao primeiro encontro. Só que isso não era um encontro.

Estava *muito longe* de ser um encontro. Eu tinha um namorado. Eu detestava Ian. Eu só queria trazer Alice em segurança para casa. Só isso.

— Pequena? Como você… — E para o meu completo desespero, Ian apareceu no corredor, saindo do banheiro com uma calça de moletom e nada além disso. Aliás, uma calça de moletom, um tanquinho definido e gotículas de água que escorriam do seu cabelo até o elástico da calça.

Que merda! Eu devo ter atirado pedra na cruz em alguma outra vida.

— Eu… — gaguejei, tentando retomar a sanidade dos meus próprios pensamentos. *Em vão.* — Nick não pôde ficar com ela e me pediu pra trazer.

Ian assentiu devagar, me olhando como se eu fosse uma miragem. Ele sempre me olhava assim. E eu odiava que isso me fizesse sentir exatamente como a Lara de dezesseis anos tinha se sentido no passado.

Ele caminhou até metade da sala parecendo ridiculamente sexy.

— Você vai ficar parada aí na porta? — perguntou. Balancei a cabeça em concordância mais rapidamente do que o necessário.

— Só vim deixá-la.

Eu estava prestes a escapar e fugir do homem que me atormentava, quando Alice apareceu correndo no corredor segurando um pequeno vasinho de planta.

— Tia Lara, tia Lara, olha o meu trevinho! — Ela veio na minha direção, com um sorriso de orelha a orelha trazendo consigo um vasinho de cerâmica que eu conhecia muito bem.

— Ele é lindo, Ali, você está fazendo um ótimo trabalho cuidando dele.

Meu elogio pareceu deixá-la ainda mais animada. Ela esticou a mão para o pai e puxou de leve a calça de moletom com o objetivo de atrair a atenção dele para si, mas para o meu azar, só fez com que aquele maldito V nos quadris de Ian ficasse ainda mais evidente.

Eu tinha um namorado gostoso, porra. Por que estava me sentindo assim perto do cara que partiu meu coração?

— Papai, eu posso ser *plantadora* de flores igual a tia Lara no futuro?

Senti meu rosto esquentar.

— É claro que pode, princesa. Vou ficar muito orgulhoso se você for tão boa quanto a Lara. — O olhar de Ian veio na minha direção. Firme, intenso, me fazendo sentir os joelhos enfraquecerem e o ar ficar preso na minha garganta.

Desviei os olhos, sem conseguir impedir a forma como meu coração se acelerava quando estava perto dele. Às vezes era de raiva, às vezes de nervosismo, mas dessa vez…

— Preciso ir.

— Não, espera um pouquinho só! — a voz infantil de Alice pediu. — Vem conhecer o meu quartinho, você vai gostar! Eu tenho um fogãozinho de mentira e também tenho um Linguado de pelúcia. — Ela agarrou minha mão, me puxando para dentro sem que eu tivesse como negar.

Ah, meu Deus, eu estava entrando no apartamento de Ian! Onde raios eu tinha me enfiado?

Alice me fez atravessar o corredor e me levou até a porta do lado direito, entreaberta e com a luz acesa. Assim que entrei, abri um sorriso. Ela tinha razão quando disse que eu ia gostar do quarto. Era lindo. As paredes eram pintadas em um tom claro com um jardim de flores pintado pelos rodapés. Não sabia se era papel de parede ou se alguém realmente tinha pintado, mas deixava o ambiente parecendo um conto de fadas. Uma cama montessoriana cor de rosa no centro com um dossel branco transparente era só a cereja do bolo para deixar o quarto simplesmente perfeito.

— Esse aqui é o meu fogãozinho. — Alice mostrou, pegando duas panelinhas e mexendo como se estivesse fazendo comida de verdade. — Ele é de mentira, mas às vezes o papai me deixa usar o de verdade.

— Só quando estou por perto. — Os pelos do meu pescoço se arrepiaram com a presença de Ian bem atrás de mim. Não me virei para encará-lo, era melhor continuar com o meu foco todo em Alice.

— Posso te ajudar a cozinhar hoje, papai? A gente pode fazer o nosso prato especial pra tia Lara!

Ah não. Eu estava fodida.

— Eu não posso…

— Se a Lara jantar com a gente, eu deixo você ajudar na cozinha, pequena.

Eu sabia o que Ian estava fazendo e queria matá-lo. Quando curvei meu rosto, olhando por cima do ombro, o fuzilei com os olhos, mas ele não pareceu se abalar. Na verdade, pareceu gostar. Um sorriso arrogante estampou o seu rosto como se já soubesse cada etapa do que aconteceria a seguir.

— Por favor, tia Lara, por favorzinho! — Alice juntou as mãozinhas na frente do rosto como se estivesse implorando.

— Isso é jogo baixo, Ian — reclamei. Meu ex-namorado deu de ombros, sem se importar.

— Eu prometo que o nosso prato especial vai deixar você feliz e não triste igual aquele moço que não gosta de doces.

A pessoa que estava escrevendo o roteiro da minha vida devia ser sádica. Essa era a única explicação para que, em um só dia, eu me enfiasse em tantas saias justas.

— Que merda é essa, Lara? O que aquele babaca fez? — Ian andou até a minha frente me encarando com o cenho franzido.

— Não pode dizer merda, papai, tem que dizer cocô. — Alice quase conseguiu me fazer rir em uma situação tensa.

— Mas o que… — Ele parecia confuso com a fala da filha, mas logo balançou a cabeça e voltou-se para mim. — Me fala, Lara.

Quem ele pensava que era, porra?

— Não te devo nenhuma satisfação, Ian.

— Eu sei — falou, me pegando desprevenida. — Mas não consigo não me preocupar com você. Não quero que ninguém te faça mal.

— Ninguém além de você? — devolvi, sentindo a mágoa escapulir por cada palavra. Ele engoliu em seco e fechou a boca, sem saber o que dizer. Virei para Alice, me abaixando para ficar da sua altura. — Ali, eu preciso ir pra casa.

Eu estava decidida a ir embora. Não podia ficar dividindo o mesmo teto que Ian Diniz nem que fosse por poucos minutos. Mas então, os olhos de Alice se encheram de água e sua boca ficou trêmula. E cada pedaço do meu coração se apertou de um jeito que parecia que ia explodir dentro do peito.

— Por favorzinho — implorou.

— Não chora — pedi, sentindo minha voz enfraquecer. Eu não queria ceder. Sabia que não seria bom para a minha própria sanidade aceitar ficar para o jantar, mas… — Tudo bem, eu vou ficar pra jantar.

A forma como seu rosto se transformou da completa tristeza para a mais pura alegria me fez respirar aliviada. Nem percebi que estava sorrindo junto com ela até que Alice se jogou nos meus braços e percebi o olhar de Ian sobre nós duas. O que será que ele pensava sobre isso? O quão esquisito devia ser pra ele?

Foda-se. Eu não deveria me importar.

— *Sous chef* Alice, me acompanha pra ajudar no *mise en place?* — Ian chamou. Ali correu na direção da porta e passou pelo pai até a cozinha, nos

deixando completamente sozinhos. — Obrigado.

— Pelo que?

— Por fazer isso por Alice. Ela gosta da sua presença. — Abri a boca para responder, mas antes que eu pudesse falar qualquer coisa, ele completou: — E eu também.

Meu coração não deveria acelerar.

Minha respiração não deveria ficar mais rarefeita.

Meu cérebro não deveria parar de funcionar.

Nada disso deveria estar acontecendo.

— Preciso ir ao banheiro. — Eu não precisava, mas queria escapar.

— Pode usar o do meu quarto, estamos com um probleminha no banheiro social. — Ian indicou o caminho, deixando que eu passasse na frente e me mostrando a porta fechada logo ao lado do quarto de Alice.

Era estranho estar dentro do quarto de Ian depois de tantos anos. Não era mais o mesmo, é claro, mas ainda tinha o cheiro dele. O quarto era simples, com uma cama bem arrumada no centro, uma televisão na parede oposta e uma varanda que ocupava um dos cantos do cômodo. A porta bem ao lado do armário levava à suíte.

Assim que entrei, fiquei parada, encarando meu reflexo no espelho e tentando recobrar a consciência. Eu não devia estar aqui. Isso era errado em tantos níveis que eu nem poderia explicar.

O que eu acharia se Mauro decidisse jantar com uma ex-namorada?

Mauro.

Ele tinha me irritado, mas não era o suficiente para que eu fosse uma idiota.

Por outro lado, eu não estava aqui por Ian. Era por Alice.

— Tudo bem, Lara, você dá conta — repeti em voz baixa para o meu reflexo. — É só um jantar e depois você mete o pé.

Saí do banheiro achando que Ian ainda estaria do lado de fora, mas a julgar pelos sons de risadas e talheres na cozinha, ele já tinha ido encontrar Alice. Me permiti ser curiosa e observar ainda mais o quarto. Caminhei até a cômoda, logo ao lado da varanda, onde alguns porta-retratos ocupavam o espaço. Ian com Alice, Ian com tio Pedro e tia Sara… O último fez meu coração errar um compasso. Uma fotografia em que estávamos todos juntos naquele último ano antes que tudo fosse para o ar.

Deixei meus olhos vagarem para a varanda aberta, onde o vento gelado do início da noite já dava as caras. Andei até lá, aproveitando para olhar o

centro da cidade com as luzes começando a se acender. Mas assim que dei um passo para frente, o choque atingiu meu corpo.

Não era uma visão do centro da cidade. Quer dizer, até era, mas… Era mais específico do que isso.

Ian tinha uma vista perfeita da Pétala & Flor na varanda do seu quarto.

Será que tinha sido proposital? Não… Não podia ser.

— Tia Lara, você quer me ajudar a cortar os tomates com a minha faquinha? — Meu corpo inteiro estremeceu de susto e fugi da varanda tão rápido quanto entrei, como se tivesse sido pega no flagra.

— Claro, vamos até lá. — Fechei a porta da varanda, preocupada que Alice pudesse ir até lá sozinha sem que Ian percebesse.

Andei com Alice até a cozinha, onde Ian já estava debruçado na bancada de pedra cortando o que parecia ser cebola enquanto uma panela fervia no fogo. Seu olhar veio até o meu, me fazendo atingir a mesma temperatura da água na panela.

— Ainda gosta de macarrão com queijo? — Ian perguntou, sem tirar os olhos da faca enquanto fatiava as cebolas.

— E tem como não gostar de macarrão com queijo?

Ele sorriu e… Droga, como eu gostava do sorriso dele. A forma como pequenas covinhas se formavam nas bochechas e, mesmo através da barba cerrada, ainda eram visíveis.

Passei os minutos seguintes ajudando Alice a cortar tomates em quadradinhos pequenos. Por mais estranho que fosse, estava me sentindo estranhamente confortável dividindo a cozinha com meu ex-namorado e a filha dele. Eu devia mesmo estar enlouquecendo.

— Você devia colocar telas na varanda — comentei, sem tirar os olhos do recipiente onde eu despejava a última porção de tomates.

Alice tinha ido ao banheiro e nós dois estávamos sozinhos pela primeira vez desde que começamos a cozinhar.

— Já contratei uma empresa, mas ainda não vieram instalar. Mas Alice é boazinha, ela sabe que só pode ir na varanda se estiver comigo.

— Mesmo assim. Ela é criança. Crianças aprontam. — Eu sabia que não devia me meter. Talvez Ian ficasse irritado por eu estar opinando sobre algo que não era da minha conta. Talvez ele…

— Você tem razão. Obrigado, Lara.

Não esperava por essa resposta.

— Eu fechei a porta, não sei se você se importa, mas estava aberta e pensei… — Ele me interrompeu.

— Não tem problema, eu já devia ter feito isso. Mas como Alice não estava em casa, quando saí de lá, não me atentei em fechar.

Não pergunte, Lara.

Não pergunte.

Não.

— Você fica muito na varanda? — *Ótimo. Você é uma idiota, Lara Vianna Avelar.*

Ian tirou os olhos da frigideira onde refogava as cebolas e me olhou tão intensamente que precisei firmar minhas mãos na bancada para me segurar no lugar.

— Gosto da vista que tenho. É a minha preferida.

Pequenos arrepios percorreram cada pedaço do meu corpo e deixei o pote cheio de tomates picados quase cair dos meus dedos. Ian continuava com os olhos em mim, como se pudesse ver através de cada camada que eu tinha erguido para se impor entre nós dois.

O que ele queria de mim? Por que fazia essas coisas? Por que agia como se eu ainda tivesse alguma importância depois de tudo que fez no passado? Por que nunca tinha se desculpado?

"Oi, Lara, me desculpa por tudo" não era tão difícil assim. Sonhei com essas exatas palavras por tantas vezes que quase podia escutar a voz dele dentro da minha cabeça em uma ilusão tão real que quase me fazia esquecer que ele nunca havia dito.

Senti meu celular vibrar sobre a bancada e esfreguei a mão no pano de prato, pegando o aparelho e vendo a foto de Mauro aparecer na tela. Senti meu estômago se revirar mesmo antes de comer, o sentimento de culpa me atingindo de forma ácida.

— Oi, Maumau — atendi. Ian revirou os olhos sem nem disfarçar o desprezo e jurei o ouvir resmungar alguma coisa parecida com *"bombado broxa do caralho"*.

— Tô indo tomar um shake proteico naquela Suplementaria que abriu. Quer que eu passe pra te pegar?

Não consegui evitar de fechar os olhos e torcer o nariz, irritada por sequer existir um lugar que se intitulava *Suplementaria.*

— Não vai dar. — Senti os olhos de Ian sobre mim e meu rosto ficou afogueado antes mesmo que a mentira deixasse meus lábios. — Tô indo

encontrar a Gabi.

— *Tem certeza que não quer que eu…*

— Tenho — cortei. — A gente pode se falar amanhã? Prometo que fazemos algo juntos.

Eu estava queimando. De nervosismo, de angústia e, principalmente, de culpa. Que porra eu estava fazendo?

— *Vou cobrar, gostosa*.

Fiquei encarando meu celular mesmo depois da ligação ser encerrada. Estava me sentindo péssima. Eu não devia ter mentido para o meu namorado. Especialmente não estando no lugar que eu estava.

— Alice — Ian chamou. Ela veio correndo, segurando nas mãos um dos seus ursinhos de pelúcia. — Por que você não leva a tia Lara pra brincar com você enquanto o papai termina de preparar o jantar?

Ergui meus olhos até ele, entendendo exatamente o que tinha acabado de fazer. Ele tinha me oferecido uma rota de fuga. Mesmo desgostando do meu namorado, Ian tinha percebido que eu não tinha gostado das mentiras que escaparam da minha boca durante a ligação. Não agradeci. Eu não estaria nessa situação se não fosse por ele, para início de conversa.

Passei aproximadamente uma hora dentro do quarto com Alice. Ela tinha me apresentado todos os seus bichinhos de pelúcia pelo nome, assim como as bonecas que ocupavam uma prateleira branca rente ao chão.

O cheiro de queijo vindo da cozinha já tinha invadido o quarto e meu estômago roncava tão alto que Alice tinha se assustado com o barulho. Não demorou muito para que Ian aparecesse na porta.

— Meninas, o jantar está na mesa.

Uma travessa fumegante ocupava o centro da mesa de madeira. Ian sempre tinha sido talentoso para a culinária, mas os anos pareciam ter o tornado uma espécie de *expert.* Até uma receita aparentemente simples, como macarrão com queijo, tinha a apresentação parecida com a de restaurantes mundialmente famosos. Ele fez questão de servir meu prato, colocando uma porção generosa e ralando queijo parmesão fresco por cima.

Levei uma primeira garfada aos lábios, os sabores atingindo meu paladar tão intensamente que nem notei que tinha fechado os olhos e deixado um gemido escapar. Ian se engasgou com a própria saliva e precisou beber um gole de água para conseguir se recuperar.

— Acho que esse som é uma aprovação — falou, com as pupilas dilatadas me observando.

— Que som? — devolvi.

— Seu gemido. — Foi a minha vez de quase engasgar. Fechei as pernas com força, impedindo que meu corpo respondesse a ele de forma automática. — Ainda me lembro do que significa.

— Papai, o que é gemido?

Soltei uma gargalhada, sem conseguir controlar. Ian também riu, coçando a cabeça como se tentasse encontrar alguma explicação que não nos comprometesse.

— É… o som que a gente faz quando gosta de alguma coisa, pequena.

— Tia Lara, você vai dar muitos gemidos com o papai! A comida dele é muito boa!

Se na paleta de cores, existem cem tons de vermelho, meu rosto provavelmente tinha acabado de atingir o tom cento e um. Fiquei com tanta vergonha que minha vontade era me esconder embaixo da mesa e só sair muito tempo depois.

Sim, a comida de Ian era muito boa. E não só no sentido que Alice estava pensando.

Continuamos jantando em silêncio, para a minha sorte. Quando Ian ameaçou recolher os pratos, eu o impedi.

— Você cozinhou, nada mais justo do que eu lavar a louça — disse.

— Você é a convidada. Não precisa fazer isso.

— Eu faço questão — insisti, mas o cabeça dura tomou os pratos da minha mão.

— Senta na mesa que eu vou servir a sobremesa. A louça eu lavo depois.

Alice parecia ainda mais empolgada com o momento da sobremesa do que estava quando Ian serviu a refeição principal. Eu sabia que o seu ponto forte eram as comidas salgadas, mas alguém que cresceu com influência da tia Sara não teria como não ser ótimo também em confeitaria.

— É tortinha de chocolate, papai? — Ali perguntou.

Observei Ian na cozinha abrindo o congelador para retirar um refratário de vidro. Ele trouxe até a mesa e apoiou bem no centro, no mesmo lugar que o macarrão com queijo tinha ocupado há minutos atrás.

Quadradinhos de chocolate estavam espalhados pela travessa e um cheiro conhecido me atingiu. Isso era…

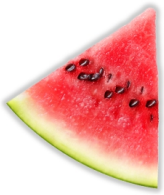
— É bombom de melancia. — Embora a resposta fosse para Alice, era nos meus olhos que ele olhava.

Não era nenhuma coincidência. Ian tinha feito de propósito porque sabia o que isso significava. E eu, ao invés de ficar com raiva do idiota que parecia ter prazer em me deixar confusa, só consegui me sentir derreter. E me sentir culpada no processo.

— Eu adoro melancia! — Alice comemorou. — Tia Lara, você sabia que melancia é a fruta mais melhor de todas?

Fiquei em silêncio por alguns segundos, ainda processando todas as informações dos últimos minutos. Das últimas horas, na verdade. Porra, estava mais para das últimas *semanas*.

— Ela sabe, pequena. A tia Lara sabe.



Capítulo 19.

LARA AVELAR

ANOS ATRÁS

Senti meu coração acelerar quando o nome dele apareceu na tela do meu celular. Há tempos vinha me sentindo assim quando o assunto era Ian Diniz.

***Ian**: Tá fazendo o q agora?*
***Lara**: Deitada na cama vendo vídeo no tiktok. E vc?*

Ian e eu acabamos nos aproximando desde que ele se mudou para Teresópolis. Às vezes íamos ao cinema ou a um restaurante que ele queria experimentar. Às vezes íamos visitar o Jardim Botânico e Ian me deixava explicar sobre as flores que tinham ali. Era divertido estar com Ian. Ele era um bom amigo, mas, para ser sincera, eu queria que ele fosse bem mais do que isso. Eu só não tinha certeza ainda se ele queria o mesmo...

***Ian:** Qr vir aqui pra casa? Meus tios foram viajar pra curtir o feriado. Podemos jogar fifa e eu faço algo pra gnt comer depois*
***Ian:** Tem uma sobremesa nova q estou doido pra testar e vc seria a cobaia perfeita :)*

Parecia que eu tinha corrido uma maratona de tanto que sentia meu coração acelerado. Isso parecia muito um encontro, certo? Nós dois estaríamos sozinhos e, caramba, ele ia cozinhar para mim!

***Lara**: E posso saber o sabor da sobremesa?*

Talvez eu estivesse me fazendo um pouco de difícil. A verdade é que aceitaria até ser a cozinheira, ainda que eu odiasse cozinhar.
Enquanto Ian não me respondia, resolvi tirar uma dúvida sobre encontros e homens com um cara esperto que entendia tudo de encontros,

afinal já tinha tido mais ou menos um milhão deles, chutando baixo.

Lara: *Se um cara te convidar pra casa dele e se oferecer pra fazer o jantar, pode ser considerado um encontro?*

Nick: *Depende, mas diria que na maioria das vezes sim*

Nick*: Eu só cozinharia pra uma mulher que quisesse mto pegar*

Nick: *Porra, Lara, quem está querendo pegar vc?*

Nick era muito meu parceiro quando o assunto se tratava de caras que eu queria pegar, ao contrário de Caio, que sempre foi muito ciumento. Mas, ainda assim, não podia contar para ele a verdade. Ian e ele eram amigos, Ian era quase nosso primo... E se ele achasse estranho e começasse a falar coisas que eu não queria ouvir? Acho que é melhor manter esse assunto privado, e, como dizem, o que os olhos não veem o coração não sente.

Lara*: Só estou perguntando para uma amiga*

Nick: *Tá bom, vou fingir que acredito. Vc é uma Avelar, Larinha. Assim como eu e Caio...*

Lara*: Nick, ainda preciso beijar muitas bocas para alcançar vcs. Mas tenho só 16 anos, ainda tenho tempo*

Nick*: Se o Caio ouvir vc falando essa porra vai surtar pra caralho*

Nick*: Talvez eu mande um print dessa conversa pra ele*

Lara*: Pensa direitinho, maninho, pq eu ainda tenho as mensagens do dia q vc "encostou o seu carro sem querer" na moto dele*

Nick*: Lara Vianna Avelar, vc não teria coragem...*

Lara*: Quer pagar pra ver?*

Nick*: Vamos mudar de assunto. Essa sua "amiga" tá a fim desse cara?*

Lara*: Ela tá bastante interessada nele, mas não sabe ainda o q ele quer. Eles têm uma diferença de idade pequena, então ela acha q isso pode estar impedindo ele de fazer um movimento mais direto*

E também tinha a parte de que nós fomos criados como primos, embora não tenhamos o mesmo sangue, mas Nick não precisava saber esse pequeno detalhe.

Lara*: Alguma dica pra dar pra ela?*

Nick*: Ela deveria mostrar pra ele q tá a fim de forma bem direta*

Lara*: Tipo dar em cima dele?*

***Nick**: Exatamente. Se ele for esperto, vai parar de deixar uma bobeira tipo diferença de idade impedir ele de agir*

***Nick**: E se ele for otário com sua "amiga", pode me chamar pra dar uma lição nele com meus músculos. Eu treino pra isso!*

***Lara:** Obrigada pelos conselhos, Nick. Às vzs vc é um irmão mto sábio*

***Nick:** Larinha, eu sou sempre sábio. São vcs que nem sempre conseguem acompanhar minha inteligência*

***Nick**: Boa sorte pra sua "amiga"*

***Lara**: Amo vc, Nick*

***Nick:** Tbm amo vc, pirralha*

Nunca imaginei que fosse dizer isso, mas Nick tem razão. Esse tempo todo eu dei umas indiretas e até provoquei Ian em alguns momentos. E, caramba, ele parecia bom demais em resistir... Mas eu podia ser melhor ainda provocando. Ian me achava bonita, ele já tinha deixado isso claro. Agora eu só precisava mostrar a ele de maneira bem clara que não tem problemas nós dois ficarmos. Não precisa ser nada sério, talvez alguns beijos acompanhados de uma mão boba e...

***Ian**: Tudo que eu posso dizer é que tem melancia na receita*

***Ian**: Mas pra descobrir mais, vc vai precisar vir aqui ver pessoalmente*

***Lara:** Tudo bem, Ian, vc me convenceu*

***Lara:** Até daqui a pouco*

***Ian**: Até daqui a pouco, Larinha*

O sangue correndo pelas minhas veias já tinha se transformado em animação e eu estava ligada nos 220v. Tomei um banho caprichado, com direito a esfoliação da pele com meu novo produto com cheirinho de melancia, e fui para a difícil missão de escolher o que vestir.

Abri o meu armário e encarei todas as peças por um tempo: que imagem eu queria passar para Ian nesse encontro? Bom, obviamente eu queria que ele me visse como uma garota de dezesseis anos e não como a irmãzinha mais nova dos amigos ou, pior ainda, uma priminha mais nova. Depois de muito tempo, acabei optando por um short mais soltinho e um cropped com um decote um pouco maior do que Ian estava acostumado a me ver usando. Talvez assim ele entendesse o recado de uma vez por todas.

Chamei um carro de aplicativo para me levar até lá, já que meus pais também tinham saído para curtir o feriado com o tio Henri e a tia Mel e

mamãe não poderia me dar carona. Ela, como sempre, já desconfiava dos meus verdadeiros sentimentos por Ian. Não dá para esconder as coisas de Olívia Avelar.

Quando desci do elevador no andar em que Ian morava, ele já estava me esperando na porta. E, como sempre acontecia quando eu o via, meu estômago foi tomado por um exército de borboletas.

— Oi, Ian! — O cumprimentei com um abraço demorado para garantir que ele sentisse meu perfume de melancia, minha marca registrada.

Entramos no apartamento e Ian tinha arrumado uma mesa com petiscos no centro da sala.

— Pra gente beliscar enquanto você perde pra mim no FIFA e o jantar não fica pronto — falou.

— O único que vai perder aqui é você, Ian — respondi, pegando um marshmallow da mesa de petiscos e colocando na boca.

— Quer apostar? — sugeriu com um sorrisinho.

— Na verdade, quero sim. — Agora eu que estava sorrindo de orelha a orelha. — Que tal o ganhador da partida poder escolher um prêmio?

— Qualquer prêmio? — ele quis saber.

— Qualquer um, Ian Diniz. É pegar ou largar... — Eu queria que ele me pegasse e não largasse mais.

— Temos então um acordo, Lara Avelar. — Ele ergueu a mão em minha direção para selar nosso trato com um aperto. E posso jurar que seus olhos fitaram meu decote mais tempo que o de costume. — Vem, vamos começar a jogar...

Ian ligou o videogame e me deu um dos controles.

— Ainda lembra como joga? — perguntou. Ele tinha me ensinado alguns truques há um tempo atrás.

— Você vai descobrir em breve que a aluna se tornou muito melhor que o professor — avisei.

Escolhemos nosso time e o jogo foi oficialmente iniciado. Não seria fácil vencer Ian, ele era viciado em FIFA, mas eu daria o meu melhor porque estava de olho no prêmio. Acho que foi essa determinação, e um mole que Ian deu nos minutos finais, que me fez marcar o gol da vitória e levar o título de ganhadora.

— Isso foi sorte de principiante — Ian disse.

— Isso é talento natural — rebati.

— Já sabe o que quer de prêmio? — ele quis saber.

— Já sim — respondi, virando-me no sofá de modo que ficássemos frente a frente.

— Então, o que vai ser, campeã?

Fiquei subitamente nervosa, mas respirei fundo até conseguir me sentir corajosa por cinco segundos. Tempo suficiente para dizer as três palavras que rondavam meu cérebro há semanas.

— Quero um beijo.

Ian me fitou com a sobrancelha erguida e olhar de curiosidade. Para minha surpresa, ele se inclinou e me beijou... na bochecha. Não tentei disfarçar o suspiro frustrado que escapou da minha boca.

— Não era esse tipo de beijo que eu estava falando — minha voz disse quase em um sussurro.

— Então por que você não me mostra qual era o tipo que você queria?

Não sei se foi a voz rouca de Ian, o seu cheiro amadeirado ou a vontade que eu carregava dentro de mim de beijá-lo há mais tempo do que o recomendado para ter uma boa saúde mental. Em questão de segundos, levantei do meu lugar apenas para me sentar de novo, dessa vez bem no colo dele, colocando uma perna de cada lado do seu corpo.

— Era esse tipo de beijo — sussurrei antes de pegar seu rosto com as mãos e trazer em direção ao meu.

Colei minha boca na dele e senti quando a língua de Ian reivindicou espaço dentro da minha boca. Cedi sem nem precisar pensar duas vezes, ansiosa para saber qual seria o meu novo sabor favorito no mundo. Eu já tinha beijado outras bocas, mas dessa vez parecia diferente... Poderia passar o resto da minha vida beijando Ian e ainda assim não seria o suficiente.

Uma das mãos dele, antes na minha cintura, subiu pela lateral do meu corpo até alcançar minha nuca. Ian enrolou seus dedos nos meus fios de cabelo, puxando-os de leve, e achei que eu fosse derreter em seu colo. Talvez eu tenha deixado um gemido de aprovação escapar.

— Porra, Lara, você me deixa maluco — ele disse.

Nem tive tempo de responder antes dele voltar a me beijar. Ele começou depositando beijos em meu pescoço e foi subindo lentamente até alcançar meus lábios. Sua barba cerrada roçava na minha pele fazendo com que arrepios percorressem meu corpo inteiro. Nem nos meus melhores sonhos imaginei que seria bom assim. E, quando eu achava que não dava para

melhorar, suas mãos foram em direção à minha bunda, me apertando ainda mais contra seu corpo e... Meu Deus, Ian estava de pau duro? Por causa do meu beijo? Por minha causa?

Ah, céus, ele definitivamente estava.

— Ian... — chamei seu nome sem nem sequer perceber. Eu estava perdida no meio de tantas sensações boas.

— Lara, eu... — Sua frase foi interrompida pelo barulho do celular tocando. — Ah, caralho, justo agora? — Ele tirou o aparelho do bolso, desligou e jogou no sofá. — Eu...

E, mais uma vez, o aparelho tocou. Dessa vez consegui ver o nome na tela: Beatriz Diniz.

— É sua mãe, não é? Melhor você atender — falei.

— Ela sempre escolhe a pior hora possível para aparecer — reclamou.

— Eu não vou a lugar nenhum, Ian Diniz. — Dei mais um beijo rápido nele enquanto o celular continuava tocando. — Pode atender.

Fiz menção de sair do seu colo, mas ele me segurou no lugar.

— Pode ficar. Vai ser rápido... — Ele pegou o celular. — E eu gosto de você bem aí onde você está.

Um sorriso bobo invadiu meu rosto enquanto Ian atendia a chamada.

— Oi, mãe, eu tô meio ocupado agora. — Ele ficou em silêncio um tempo, mas algo na sua expressão facial estava completamente diferente. — Aham. Certo. Tá. — Acho que nunca vi Ian tão monossilábico. — A gente se fala depois.

— Está tudo bem? — perguntei quando ele encerrou a chamada.

— Tá, é só que... — Ian respirou fundo.

— Você não precisa me falar se não quiser, Ian.

— Minha mãe e eu não somos os melhores amigos do mundo, entende? Ela sempre foi ausente demais, sempre preocupada demais em crescer profissionalmente e, porra, eu sou grato por tudo que o dinheiro dela nos proporcionou... Mas não consigo entender como alguém prefere o trabalho a passar tempo com o único filho. Talvez o problema seja eu não ter sido planejado... — Ele disse como se já tivesse pensado nisso um milhão de vezes antes. — Nem ela e nem meu pai estavam preparados para serem responsáveis por alguém, eu só fui teimoso e vim ao mundo mesmo assim. Ela, ao menos, ficou comigo. Meu pai nem sequer mora nesse continente e só se lembra de mim em aniversários, Natais ou quando faço alguma merda bem grande e mamãe liga para ele — contou.

— Ian, eu sinto muito — falei, sem saber ao certo como deveria agir diante dessa confissão.

— Não precisa sentir, Larinha. — Ele abriu um sorriso que parecia mais triste que feliz. — As coisas são como tem que ser, já me acostumei. Mas, um dia, eu serei pai e vou dar o meu melhor para ser diferente dela. Serei diferente deles dois.

— Você é um cara incrível, Ian Diniz — falei.

Ao invés de me responder com palavras, ele me puxou mais uma vez em sua direção para um beijo. Por mim, todas as nossas conversas poderiam ser silenciosas assim, se isso significasse que nossas bocas estavam sendo usadas para beijar um ao outro.

— O que você teria pedido se tivesse ganhado a partida? — perguntei, depois de um tempo, enquanto recuperava o fôlego antes de beijá-lo mais.

Ian abriu um sorriso que fez tudo dentro de mim arder.

— Quer mesmo saber? — perguntou enquanto colocava uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. Assenti. — Eu também teria pedido por um beijo seu. Mas, porra, ouvir você fazer o pedido foi muito melhor.

— Você queria me beijar também?

— Caralho, Lara, eu sei que talvez a gente não deveria, especialmente porque seus irmãos vão cortar o meu pau fora se descobrirem... — Deixei uma risada escapar porque isso era totalmente verdade. — Mas tem semanas que só penso em descobrir se o sabor da sua boca é tão gostoso quanto seu cheiro.

— E o que você achou? — perguntei em tom sugestivo.

— Acho que vou ter que experimentar mais para dar uma resposta final.

Nós continuamos nos beijando no sofá da sala e continuamos com a sessão de pegação durante todo intervalo possível enquanto Ian preparava nosso jantar. Quando a comida ficou pronta, colocamos no prato e sentamos no sofá para comer enquanto víamos um filme na televisão. Tudo parecia tão fácil, tão simples... Tão certo. Eu já nem me preocupava mais com nossa diferença de idade, meus irmãos ciumentos e menos ainda com o fato de que fomos criados como se fôssemos primos.

— Pronta para a sobremesa? — ele quis saber quando acabamos o jantar.

— Mais do que pronta! — respondi animada.

Ian levantou e foi até a cozinha, voltando de lá com uma travessa repleta de algo que parecia chocolate recheado. E...

— Isso é uma flor de melancia? — perguntei ao notar a planta de pétalas amarelas que enfeitava a travessa.

— É, sim. É pra combinar com o recheio desse bombom... — Ele pegou um quadradinho e levou até minha boca. Caramba, nunca imaginei que ter um garoto colocando um chocolate na minha boca poderia ser tão sexy, e, pela expressão no rosto de Ian, ele estava achando o mesmo.

Mordi o bombom e meu paladar foi tomado pela mistura de sabores de chocolate e melancia. Era perfeito, como tudo em Ian.

— Ian, eu amei! Isso é uma delícia.

— É? — Ele apoiou a travessa na mesa de centro. — Acho que vou ter que experimentar para ter certeza.

Achei que ele fosse pegar um dos bombons, mas, para minha surpresa, ele me beijou, experimentando o sabor diretamente da minha boca. Beijar Ian com gosto de melancia e chocolate era ainda mais gostoso.

— Nunca experimentei algo tão bom — ele disse quando terminamos de nos beijar e senti um frio na barriga porque eu sabia que ele não estava se referindo ao sabor do doce.



IAN DINIZ

Educar uma criança é difícil para caralho.

Na maior parte dos dias, Alice é uma criança fácil de lidar. Mas, assim como qualquer outro ser humano, ela também tem seus dias ruins. E, porra, como eu odeio os dias que essa garotinha acorda de mau humor. Ou, pior ainda, quando ela acorda teimosa, se achando a dona da razão.

— Mas por que eu não posso ir de avental de plantar flores para a escola? — minha adolescente de cinco anos de idade perguntou colocando as mãos na cintura. Seria engraçado, se não fosse o fato de que estávamos atrasados e minha paciência já estava se esgotando. Respirei fundo, repetindo mentalmente que o adulto da relação era eu. Eu tinha o poder de controlar minhas ações.

— Primeiro, você não tem um avental de plantar flores...

— É só a gente pegar emprestado com a tia Lara — argumentou.

Eu adoraria uma desculpa para me encontrar com Lara, ainda mais depois do jantar quando, pela primeira vez em muito tempo, a paz pareceu reinar entre nós dois. Queria estar de volta na vida dela, mas entendia o motivo de encontrar a porta fechada. Contudo, depois do nosso jantar, sentia como se a porta estivesse... encostada. O que, em uma visão geral, já é um excelente cenário.

— E, segundo, porque existem regras na escola, você sabe disso. Na escola é preciso usar uniforme, igual a todos os outros coleguinhas.

— Então não vou para a escolinha — decidiu.

Respira fundo, Ian. Você é o adulto aqui.

— Alice, você sabe que não pode faltar a escola só porque quer. E sabe também que precisa seguir as regras — disse em um tom de voz mais firme que eu usava apenas quando necessário. — Você vai colocar seu uniforme de sempre, nós vamos comer e você vai para a escola.

Alice deu um longo suspiro, resignada. Eu estaria completamente fodido quando essa garotinha entrasse na adolescência, mas isso era um

problema para o Ian do futuro.

— Tá bem — ela respondeu com um bico gigantesco e as sobrancelhas franzidas.

Eu já tinha lido sobre a crise dos cinco anos: a fase em que as crianças desenvolvem sua personalidade e, por isso, há muitas mudanças na forma como elas enxergam a si mesmas e ao mundo ao seu redor. Em algum dos artigos que li, dizia que é nessa fase que elas manifestam de maneiras mais evidentes as suas personalidades únicas. Bom, minha garotinha realmente tem uma personalidade cada vez mais visível.

Mas, apesar da expressão de irritação, ela vestiu o uniforme com a minha ajuda.

— Vamos comer o café da manhã, pequena, já estamos um pouco atrasados — avisei.

Ainda com o biquinho enfeitando os lábios, Ali me seguiu até a cozinha e se sentou na cadeira de sempre.

— Não quero comer fruta, papai — disse empurrando o prato com morangos cortados que eu coloquei em sua frente, fazendo alguns deles caírem na mesa durante o processo. *Respira fundo, Ian. Você é o adulto aqui.* — Quero aquele bolo de chocolate.

Ontem à noite, tia Sara e tio Pedro passaram por aqui para nos visitar rapidinho e, como sempre, trouxeram algumas comidas que haviam feito e o famoso bolo de chocolate da tia Sara estava entre elas.

— Você pode comer um pedaço do bolo depois de comer algumas das frutas — falei, colocando os morangos de volta no prato e o empurrando mais uma vez para perto dela.

— Eu não gosto de morangos — reclamou.

Por Deus, o que tinha acontecido com minha filha hoje? Eu já tinha respirado fundo tantas vezes que parecia que o ar do recinto estava prestes a acabar.

— Ali, foi você quem quis comprar os morangos ontem.

— Mas eu gostava deles ontem, hoje eu gosto de comer maçã!

— Filha — Me inclinei um pouco para ficar com o olhar rente ao dela. — Não tem maçã em casa hoje. Você pode... — Minha frase foi interrompida pelo som da campainha.

— Quem é, papai? — ela quis saber.

— Eu não faço a menor ideia, pequena — falei.

Como se a manhã não estivesse caótica o suficiente, alguém ainda tinha decidido nos visitar sem avisar nada. Achei estranho o porteiro não ter interfonado informando que alguém estava subindo, mas abri a porta mesmo assim e senti minha garganta apertar ao encontrar a silhueta de uma mulher parada do outro lado, com um sorriso no rosto.

— Oi, Ian. — A voz atingiu meus ouvidos e levei alguns segundos para entender que não estava vendo a porra de uma miragem.

Eu imaginei muitas coisas quando abri a porta: que era algum vizinho que estava precisando de algo ou até mesmo que era algum dos meus primos passando para me avisar sobre alguma emergência que tinha acontecido... Mas nada, nada mesmo, me preparou para a realidade.

— Mãe? O que você está fazendo aqui? Como você subiu? — As perguntas saíram da minha boca uma atrás da outra, sendo atiradas em sequência.

— É muito bom te ver depois de tanto tempo também, Ian — o tom de deboche na voz dela era palpável. — Quis fazer uma surpresinha para o meu filho, não posso? — questionou. Eu definitivamente estava surpreso.

— Você pode, só... — Só não me parecia algo que ela faria por livre e espontânea vontade. Minha mãe sempre colocou o trabalho em primeiro lugar, como se ele fosse a narrativa mais importante da sua vida. Não conseguia imaginar ela abrindo mão disso para passar uns dias com a gente. Parecia algo muito fora da realidade de Beatriz Diniz. — E o seu trabalho?

— Precisei vir ao Rio resolver umas coisas e estendi a viagem mais alguns dias para visitar vocês dois na nova casa, ver como as coisas estão. — Ela encarou o espaço sem nem sequer tentar disfarçar. — O apartamento parece... aconchegante. Não vai me convidar para entrar?

Abri espaço para que ela entrasse no apartamento. O olhar da minha mãe estudava minuciosamente cada detalhe do lugar e eu sabia que, dentro da cabeça dela, estava surgindo um milhão de pensamentos sobre como eu deveria ter feito escolhas melhores.

— Ah, minha netinha. Olha só como você está grande... — Ela deixou a mala em um dos cantos da sala e caminhou até onde Alice estava.

— Oi, vovó Beatriz. Você vai morar com a gente?

— Só passei para matar a saudade de vocês, meus amores. — Não consegui conter o som irônico de escapar da minha boca. — Algum problema, Ian?

— É só que você nunca foi o tipo de pessoa que gosta de “matar a saudade” — falei. Ela nem sequer parecia sentir saudades, já que vivia mais no trabalho do que em casa durante toda a minha vida. E, quando estava em casa, era sempre ocupada lendo alguma porra de relatório ou presa no telefone com alguém. Se minha mãe visitou minha casa nos últimos cinco anos um total de três vezes, foi muito. — Achei só... engraçado. — Era quase impossível controlar a acidez na minha voz quando conversávamos.

Nossa relação nunca foi boa, mas uma coisa é certa: ela era menos ruim à distância. Não me orgulho disso, mas parecia que quanto mais próximo fisicamente da minha mãe, mais ressentido eu me sentia. O sentimento invadia e dominava cada parte do meu corpo até que eu ficasse próximo a explodir o que, de fato, acontecia quase sempre.

— As pessoas mudam, Ian. — Elas até poderiam mudar, mas eu não conseguia acreditar em uma mudança em Beatriz Diniz.

— Vovó, quer comer morangos? — Alice ofereceu, erguendo o prato na direção da minha mãe.

— Vou aceitar unzinho, querida — respondeu pegando um pedaço.

— Vou me arrumar porque preciso levar a pequena para a escola e nosso tempo já está curto. Ali, coma todo seu café da manhã. Volto em alguns minutos — disse antes de caminhar para o meu quarto e deixar as duas conversando na cozinha.

Como se as coisas não estivessem caóticas o suficiente na minha manhã, decidi olhar pela varanda do meu quarto e me deparei com a cena de Mauro beijando Lara bem em frente a floricultura.

— Cuzão do caralho — murmurei.

Eu precisava de um banho, ainda que rápido, para colocar a cabeça no lugar. Fui para o meu banheiro e deixei a água fria me atingir em cheio durante dois minutos inteiros enquanto respirava fundo e tentava fazer com que o sangue que circulava pelas minhas veias ficasse menos quente. Esse dia teria que chegar ao fim em alguma hora e eu iria sobreviver. Só precisava aguentar minha mãe, e o mau humor da minha filha, por mais algumas horas. Desliguei o chuveiro, me sequei e coloquei uma roupa limpa antes de voltar para a cozinha.

Enquanto me aproximava do cômodo ouvi a risada de Alice ecoar pelo espaço. Talvez a presença da minha mãe tenha espantado o mau humor dela na mesma intensidade que instalou a mesma emoção em mim. Mas, conforme me aproximava, entendi o motivo das risadas.

— O que você está comendo, Ali? — quis saber.

Alice paralisou por alguns segundos, como se soubesse que estava encrencada. Minha filha estava colocando pedaços do que pareciam ser bombons de chocolate na boca. E, como se isso não bastasse, a latinha de bebida aberta ao seu lado parecia muito com um refrigerante.

Eu não proibia minha filha de comer nada, mas ela tinha apenas cinco anos e algumas regras precisavam ser seguidas. Não exagerar nos doces era definitivamente uma delas por dois motivos. Primeiro, porque comer doces em excesso sempre a deixava com muita energia, mais do que o comum, e isso acabava bagunçando seu horário de dormir e, consequentemente, sua rotina. E, segundo, porque ela sempre passava mal do estômago quando comia muito chocolate, exatamente porque não era algo que comia com muita frequência. E ontem à noite a pequena já tinha comido um pedaço bem generoso do bolo da tia Sara.

— A vovó trouxe de presente para mim e disse que eu podia comer — contou com os olhinhos brilhando com as lágrimas que queriam surgir.

— Você fez isso? — perguntei, me sentindo mais irritado do que o necessário. Como ela podia achar normal chegar na minha casa do nada e autorizar minha filha a fazer coisas sem me consultar antes?

— Ah, qual o problema, Ian? São só doces e um refrigerante, uma vez na vida, não vai fazer mal. Quando você era pequeno, também amava comer doces no café da manhã.

— Como se você estivesse lá para notar isso. — As palavras duras saíram da minha boca e notei quando elas atingiram minha mãe como se fossem pedras. — Agradeço pelo presente, mas não é a hora de Alice comer doces. Ela precisa se alimentar bem ou vai sentir fome na escola antes do horário da merenda — expliquei. Talvez, se ela tivesse sido uma mãe mais presente, saberia uma coisa ou outra sobre a importância da rotina alimentar de uma criança.

Alice ainda me fitava com os olhos arregalados e os lábios levemente sujos de chocolate.

— Termina de comer esse bombom, coma o resto do seu café da manhã e vamos para a escola, tá bem? Você pode comer mais alguns depois do jantar — falei e minha filha assentiu.

Era estranho ter minha mãe dentro da minha casa. Apesar de ter passado dezenove anos morando embaixo do mesmo teto que ela, foi só depois que me mudei para Teresópolis, para morar com meus tios, e depois,

quando aluguei meu primeiro apartamento em São Paulo, que de fato senti que tinha um lar, que pertencia a um lugar. Tê-la aqui parecia um tanto deslocado, como se parte da minha vida estivesse fora do lugar.

O silêncio que pairava entre minha mãe e eu chegava a ser constrangedor. Mas, felizmente, minha filha era uma máquina de perguntas e nunca me senti tão grato por isso.

— Lá onde você mora também tem morangos? — Ali quis saber.

— Tem sim. Tem várias frutinhas diferentes lá também, que não são comuns aqui no Brasil.

— E lá onde você mora tem neve igual em *Frozen*?

— Todo inverno a rua fica branquinha por causa da neve. — Minha mãe abriu um sorriso. — Você e seu pai deveriam ir lá me visitar.

— Papai, nós vamos lá visitar a vovó Bia quando tiver neve caindo do céu?

Eu preferia a morte a correr o risco de ficar preso na casa da minha mãe por causa de uma nevasca.

— Talvez um dia, pequena — menti.

Alice finalmente terminou de comer os morangos e, depois de ir ao banheiro lavar a boca suja de chocolate, ela pegou a mochila e saímos de casa para a escola. Eu estava meio aéreo, ainda tentando absorver a visita inesperada que me aguardava em casa.

Será que estava aqui para me convencer de que eu não deveria estar aqui? Ou pior: será que ela estava aqui para se certificar de que eu não iria envergonhá-la de alguma forma porque está visando uma promoção ou qualquer coisa do tipo no trabalho? Caralho, odiava essa sensação que me preenchia quando o assunto em questão era Beatriz Diniz. Eu só queria que as coisas entre nós dois fossem mais simples.

Deixei minha garotinha na escola, agora com um humor um pouco melhor graças ao chocolate que comeu, e voltei para casa já pensando mentalmente em uma desculpa para sair dali o mais rápido possível. Mas, assim que abri a porta do meu apartamento, fui surpreendido com uma cena inesperada: senti um nó no estômago ao ver que o meu sofá havia sido movido para o outro lado da sala. O tapete, presente de Mel e Henri para nossa casa nova, estava dobrado de maneira descuidada em um canto.

— Mãe, o que você fez? — perguntei, tentando controlar a raiva.

Minha mãe estava parada no meio da sala observando o espaço ao seu redor. Sem olhar diretamente para mim, respondeu com a voz calma:

— Achei que ficaria bem melhor assim. Essa sala precisava de um pouco de organização, não acha? Você nunca foi muito organizado, Ian. Assim a Alice terá mais espaço para brincar e também não terá acesso à tomada. Você sabe o quanto as tomadas são perigosas para crianças curiosas como aquela garotinha?

Mandei o pingo de paciência que tinha sobrado dentro de mim para a casa do caralho.

— Você não pode simplesmente aparecer do nada na minha casa e mudar as coisas de lugar. Ou pior, achar que sabe o que é melhor para minha filha mais do que eu mesmo — falei com a voz elevada.

— Eu só me preocupo com minha neta, Ian. Com vocês dois!

Passei a mão pelo cabelo em um sinal de frustração.

— Ah, não fode! Você foi a primeira a querer se livrar de Ali quando soubemos da existência dela.

— Você sabe que não foi bem assim, Ian. Eu só queria o melhor para você e... — Ela parecia tão frustrada quanto eu. — Não é como se você não tivesse considerado entregar a guarda dela para outra pessoa, né? Mas é bem mais fácil apontar meus erros do que aceitar os seus — falou em um tom de voz tão firme quanto o meu.

Um tapa na minha cara teria doído menos.

— Se em algum momento considerei isso, foi porque você não parava de falar na porra do meu ouvido. — Minha mãe abriu a boca para rebater, mas fui mais rápido. — Se você acha que estragou sua vida ao engravidar de mim, não há nada que eu possa fazer. Mas eu sinto que minha vida só melhorou depois que minha filha entrou nela. Pelo menos agora sei como é ser amado incondicionalmente por alguém.

E, antes que ela pudesse continuar aquela discussão, saí de novo do apartamento, batendo a porta com força atrás de mim. Nem quis esperar o elevador chegar no meu andar e desci pelas escadas mesmo. Assim que alcancei a rua, senti o ar fresco atingir meu rosto, mas não foi o suficiente para aliviar a sensação de sufoco. Era como se eu fosse, de novo, um adolescente. Saí caminhando sem nem sequer prestar atenção para onde estava indo, só queria continuar me movimentando para ver se as coisas dentro de mim voltavam para o lugar.

— Ai! — Ouvi quase ao mesmo tempo em que senti meu corpo bater no de outra pessoa. — Você não olha por onde anda? — A voz conhecida

pareceu me tirar de um transe ao mesmo tempo em que o cheiro de melancia me atingiu em cheio.

— Foi mal, Lara. Péssimo dia — falei.

Minha ex-namorada me fitou com atenção por alguns segundos.

— Você está parecendo o Ian de antigamente — falou. E eu sabia, pelo tom da sua voz, que não era um elogio.

— Deve ser porque o meu passado voltou a me atormentar.

Lara ficou em silêncio por alguns segundos, parecendo pensativa.

— Quer conversar sobre isso? — perguntou, mas dava para sentir a incerteza em sua voz.

— É só... — Soltei um suspiro frustrado, sentindo as palavras presas na minha garganta. Nunca fui capaz de me abrir com facilidade, mas com Lara era diferente. Sempre tinha sido. E, quando os seus olhos castanhos encontraram os meus, me senti como o velho Ian de novo. O Ian que quando tinha um dia ruim, procurava por Lara porque sabia que ela era a melhor pessoa para ouvi-lo... Até que foi idiota o suficiente para estragar tudo. — A minha mãe apareceu do nada de manhã lá em casa e bagunçou tudo.

— A dona Beatriz Diniz está na sua casa? — Lara parecia tão incrédula quanto eu com a informação.

— Dá para acreditar nessa porra, Lara? — Ela negou com a cabeça, ainda boquiaberta com a informação. — Já não estava sendo uma manhã fácil. Ali acordou com um mau humor do caralho e, como se isso não bastasse, minha mãe chegou de surpresa. Ela deu doces de café da manhã para Alice, achou que seria uma boa ideia mudar meus móveis de lugar, além de dar a entender que sabia o que era melhor para Ali, para a *minha* filha — me ouvi contar, para a minha própria surpresa.

— Sinto muito por essa situação, Ian — ela disse e eu sabia que estava sendo sincera.

— Por mais escroto que possa soar, prefiro minha mãe quando ela está em outro continente. Agora só preciso espairecer um pouco antes de voltar para casa e lidar mais um pouco com ela.

— Acho que sei algo que pode te ajudar, ainda que seja um pouquinho. Já volto...

Lara entrou na floricultura e voltou de lá segurando uma garrafinha térmica.

— Bebe.

— O que é isso? — perguntei.

— Você vai saber quando beber.

— Você está tentando me envenenar, Lara? Porque, no dia de hoje, talvez nem seja uma ideia ruim — brinquei.

— É uma ideia tentadora, mas não tem veneno aí. Só para de falar e bebe logo.

Abri a garrafinha e dei um gole generoso no líquido. Primeiro, meu paladar foi dominado pela doçura suave da melancia. O sabor que me lembrava a garota parada à minha frente. Mas não demorou muito para sentir também o toque do limão, cortando a doçura com sua acidez marcante e refrescante.

— Suco de melancia com limão — falei.

Anos atrás, quando estávamos juntos, Lara estava tendo um dia ruim porque tinha ido mal em um simulado de vestibular. Para distraí-la, inventei de testar um sabor novo de suco, misturando nossas frutas favoritas.

— *Essa é minha nova bebida favorita, Ian. Agora, sempre que estiver tendo um dia ruim, vou fazer ela para ficar feliz* — ela disse na época.

O sabor cítrico do limão trazia uma vivacidade ao paladar, uma leveza que fazia com que o sabor da melancia brilhasse ainda mais. Era um contraste perfeito, assim como nós dois. Eu podia ser bem azedo às vezes, especialmente quando mais jovem, mas Lara sempre despertava o meu lado mais doce.

— Por algum motivo, senti vontade de tomar esse suco hoje de manhã e fiz um pouco para trazer para o trabalho. Mas acho que você precisa mais dele do que eu.

É, eu realmente precisava.

Bebi cada gotinha do suco, me sentindo melhor a cada novo gole. Quando todo o líquido chegou ao fim, devolvi a garrafinha para Lara e, foi nessa hora, que nossas mãos se tocaram, ficando uma por cima da outra. Quando Lara estava prestes a quebrar o contato das nossas mãos, usei a minha mão livre para impedir o movimento, fazendo com que sua mão ficasse no meio das minhas, em uma espécie de sanduíche onde o recheio era a mão da garota.

O contato da sua pele na minha, o seu perfume de melancia que parecia dominar meu olfato, eliminando todos os outros cheiros ao meu redor, o seu olhar que parecia queimar o meu. Era uma combinação de sentidos gostosa para caralho. Igual a garota à minha frente.

— Obrigado por me ouvir, Lara. Você...

— O que está acontecendo aqui? — Fui interrompido pela voz do cuzão do caralho. Porra, será que ele tinha um caralho de GPS que o fazia aparecer no meu caminho nos piores momentos possíveis?

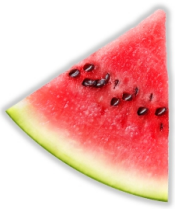
— Ah, oi, Mau — Lara disse enquanto se desgrudava do meu toque. — O Ian veio aqui só para pegar a garrafinha que a Ali esqueceu aqui na floricultura — ela mentiu para ele e, por algum motivo, parte de mim achou isso sexy para caralho.

— Não que isso seja da sua conta, é claro — falei.

— Até mais, Ian — Lara me dispensou, quase me fuzilando com o olhar. Ela devia fuzilar o babaca que nos interrompeu, eu era a vítima aqui!

— Até mais, Lara. Obrigado por guardar a garrafinha — disse com um sorriso.

Fui embora sem ter a chance de dizer a Lara o quanto ela fazia com que eu me sentisse melhor. Me abrir com ela me levava de volta para um lugar do qual senti falta. Estar próximo de Lara era, também, estar em casa. Bem que dizem que lar é onde nosso coração está. E essa garota dominava a porra do meu coração.



Capítulo 21.

LARA AVELAR

Eu me sentia péssima por mentir. Nem sabia porque aquela mentira tinha escapado da minha boca. Estava começando a sair naturalmente quando se tratava de Ian e eu não gostava nada disso. Mauro não fazia ideia da nossa história no passado e eu preferia que permanecesse desse jeito, mas algo o fazia não gostar do meu ex mesmo sem saber o que ele significava para mim. Talvez os homens também possuíssem alguma espécie de sexto sentido.

— Qual é a daquele cara? — Mauro nem esperou que a porta da floricultura fechasse por completo antes de praticamente cuspir as palavras em cima de mim.

— Ian? — É claro que era Ian, mas preferi me fazer de desentendida. Eu não sabia como conduzir essa conversa e qualquer tempo a mais era alguma vantagem para que eu conseguisse pensar.

— É, eu não gosto dele.

Uma vontade inexplicável de defender o homem que tinha partido meu coração se apoderou de mim sem que eu conseguisse conter. Era como se… só eu pudesse não gostar de Ian. Mauro não tinha esse direito.

— E por qual motivo? — Cruzei os braços na frente do peito. — Ian não fez nada para que você não gostasse dele.

Quando Mauro se virou para me encarar, ele tinha um semblante diferente do que costumava apresentar. Ele franziu o cenho como se estivesse me estudando para descobrir alguma coisa. Ele deu um passo à frente, ficando bem na minha direção.

— Ele te olha de um jeito que eu não gosto. E você sabe disso, Lara.

Senti minhas bochechas esquentarem e sabia que estava ficando vermelha. Eu sabia como Ian me olhava. Eu *gostava* de como Ian me olhava. Que tipo de pessoa horrível eu era por gostar disso quando tinha um namorado?

Mauro não me olhava assim. Nunca tinha me olhado.

Neguei com a cabeça, tentando convencê-lo de que aquilo era uma loucura, mesmo que eu também não acreditasse.

— Você está imaginando coisas, Mau. — O apelido deixou meus lábios de forma amarga, como se eu estivesse agindo como uma traidora. — Ian é…

— É por causa desse cara que você decidiu se matricular na academia? — Seu rosto se contorceu em um esclarecimento que só fazia sentido na cabeça dele.

A acusação me pegou desprevenida e torci o nariz com uma expressão confusa.

— O quê? É claro que… — Mais uma vez ele me interrompeu, dessa vez, seu tom de voz ficando um pouco mais elevado.

— Você tá querendo ficar gostosa pra ele?

As palavras me atingiram em cheio. Mauro não disse “ficar *mais* gostosa”. Ele disse “ficar gostosa”. Meu namorado não me achava gostosa. Senti todo meu corpo formigar, como se estivesse triplicando de tamanho. Abracei meus braços, apertando a pele com força para que a dor dos meus dedos fosse maior do que a da minha decepção comigo mesma. Meu próprio namorado não me achava gostosa.

— Eu fui pra academia porque queria passar um tempo com você — sussurrei, sem perceber o quanto minha voz tinha ficado baixa.

— Fala sério, Lara! Você quer que eu acredite mesmo nessa porra? — berrou.

— É a verdade. — Pelo menos agora, eu estava sendo sincera. Desde o início, tudo isso de academia era em função de Mauro.

— Queria passar um tempo comigo, mas nas últimas semanas sempre tem uma desculpa quando te chamo pra ir lá pra casa — acusou. Dei um passo para trás em um reflexo, sendo pega desprevenida pelo tom de voz agressivo. Ele não era assim normalmente.

— Você enlouqueceu? Eu fui jantar com você há poucos dias — devolvi.

— É, e no minuto que tentei tirar sua roupa, você disse que precisava ir embora. Sabe há quanto tempo a gente não transa?

A vergonha me atingiu pela segunda vez. Ou seria terceira? Eu estava começando a perder as contas e isso era um péssimo sinal. Nos últimos tempos, eu não vinha sentindo vontade de transar com Mauro. O que só ficou ainda pior depois do dia que o vi na academia com aquela garota.

Como eu poderia tirar minha roupa e me sentir confortável com alguém que admirava corpos totalmente opostos ao meu?

— Não sabia que era pra contar — reclamei. — Não sabia que estar comigo pra você se resume a sexo.

Eu sabia que estava sendo injusta, mas estava mesmo ofendida. Mauro não reclamou quando há um ano atrás eu tinha pouco tempo pra ficar com ele, mas quando nos encontrávamos, sempre transávamos. O problema não era nosso afastamento, era a falta de sexo.

— Eu sou um homem, tenho necessidades.

Meu coração se apertou tão pequeno dentro do peito que achei que pudesse desaparecer. A conhecida sensação de ser descartável me invadiu. O que mais doeu não foi a leve ameaça de que tinha necessidades a suprir, mas o fato de que Mauro nem tentou negar que estar comigo se resumia a sexo.

Eu não ia ceder. Eu não ia mais aceitar ser tratada do mesmo jeito que fui há cinco atrás. Eu não era descartável.

Juntei tudo que sentia e transformei em raiva. Eu era boa nisso. Apontei um dedo na direção do meu namorado e não medi as palavras quando as despejei sobre ele.

— Eu me matriculei na academia porque queria que você me admirasse do mesmo jeito que admira as mulheres saradas de lá. Eu queria receber de você um olhar que me fizesse sentir bonita! — Minha voz saiu alterada. Mauro abriu a boca, mas o interrompi. Eu estava furiosa. Em um acúmulo de sensações conflitantes que não tinham a ver só com ele. — Talvez se você deixasse de ficar tão preocupado com a forma como Ian me olha, pudesse aprender a me olhar do mesmo jeito.

— Como é que é?

Eu tinha passado dos limites.

Eu não estava nem aí.

— Você não me faz sentir desejada. Eu tenho vergonha de tirar a roupa perto de você.

— E quem te faz sentir desejada é aquele imbecil?

Sim.

— Não tem nada entre mim e Ian, Mauro, pelo amor de Deus! Nós somos… Família. — As pessoas costumavam se referir a nós como primos, mas eu odiava. Ian e eu nunca dividimos o mesmo sangue e, mesmo criados juntos, eu nunca o vi de forma fraternal.

— Essa porra é por que da última vez eu fiquei encarando sua coxa? — Abri a boca para dizer que não fazia ideia do que ele estava falando, mas para o meu azar, ele foi rápido demais em completar. — Eu estava olhando pra sua tatuagem, Lara, eu já nem ligo mais pras suas celulites!

De repente, foi como se todas as paredes da Pétala & Flor se transformassem em espelhos. Meu reflexo pouco nítido nos vidros se tornou a única coisa em que eu conseguia focar. Olhei para o chão, sentindo meus olhos arderem.

— Vai embora — pedi, tão baixo que ele nem pareceu escutar.

Me sentia horrível. Tão, tão horrível que comecei a repassar mentalmente todas as últimas vezes que transamos e qual parte do meu corpo Mauro deve ter reparado de forma negativa. Minha barriga, meu quadril, minhas celulites que eu nunca tinha sequer comentado que me incomodavam.

Eu estava pronta para cair em lágrimas quando fui salva pelo sino de vento na porta. Mauro estava dizendo alguma coisa que nem mesmo consegui escutar. Meus olhos foram até as duas mulheres que tinham acabado de entrar na loja.

— Tudo bem por aqui? — foi Cora quem perguntou, em um tom de voz sério enquanto olhava entre Mauro e eu. Gabi se aproximou logo atrás da cunhada.

Continuei com meus olhos ardendo, mas senti meu coração ficar um pouco mais leve. Quando Mauro deu um passo na minha direção, eu dei um me afastando dele. Seus olhos se arregalaram em um breve choque, mas ele não disse nada sobre isso.

— A gente se fala mais tarde? — perguntou.

Eu não pretendia discutir na frente das minhas cunhadas, então só assenti, sem nem manter meus olhos nos dele. Virei para a janela, esperando que saísse da Pétala & Flor. Quando escutei a porta fechar e um par de mãos tocar meus ombros, me permiti respirar aliviada.

— O que aconteceu, Lara? — Gabi perguntou, seus olhos castanhos varrendo meu rosto à procura de alguma resposta.

Cora deu a volta e veio até a minha frente, seu semblante parecendo preocupado.

— Nada, a gente só discutiu — desconversei. Não queria dar trabalho para as minhas amigas. Tínhamos combinado uma manhã divertida juntas e era isso que faríamos.

Eu só precisava trocar de roupa.

— Tem certeza que foi só isso? — Cora insistiu, tocando minha mão com a sua. Eu balancei a cabeça, forçando um sorriso no rosto.

— Coisa boba, vocês não precisam se preocupar. — Desamarrei o nó do avental às minhas costas e o dobrei para colocar em cima do balcão. — Só vou trocar de roupa e já podemos ir.

Sempre mantive o costume de deixar algumas peças de roupa dentro do armário da Pétala & Flor. Nascida e criada em Teresópolis me fez compreender desde cedo que o clima aqui podia ser imprevisível. Que nem sempre um dia de sol significava calor. Nem sempre um céu azul era indicativo de que não choveria. Dessa vez, porém, as roupas não iam me salvar do clima.

O vestido que eu usava por baixo do avental era mais do que adequado para irmos até a sorveteria, mas eu não conseguia me imaginar saindo com as minhas pernas de fora depois do que Mauro tinha colocado na minha cabeça. No fundo, eu sabia que estava sendo irracional, mas não conseguia evitar a sensação de me sentir inadequada.

Peguei a calça jeans e a camiseta que deixava em uma das prateleiras e me troquei no banheiro. Nem Cora e nem Gabi me fizeram perguntas sobre a minha troca de roupa, mas as duas continuavam com os olhos focados em mim como se estivessem me analisando.

— Será que tem sorvete de morango com laranja? — Cora perguntou assim que passei a chave na floricultura. Evitei encarar meu reflexo na porta de vidro. Eu não precisava disso agora.

— Amiga, eu não acho que exista esse sabor de sorvete — foi a vez de Gabi falar. Andei ao lado das duas, lançando um olhar curioso na direção da minha cunhada.

— Morango com laranja? De onde você tirou isso? — perguntei. Cora deu de ombros, acariciando a própria barriga que, atualmente, já estava bem mais evidente.

— Me deu vontade. Vocês não vão querer que a Celina nasça com cara de sorvete, vão?

Eu e Gabi paramos de andar no mesmo segundo, chocadas com a revelação que tinha deixado a boca de Cora sem que ela nos desse nenhum aviso prévio.

— Celina?! — nossas vozes soaram juntas em uma mistura de euforia e confusão.

Minha cunhada virou o rosto para trás, se dando conta pela primeira vez de que tínhamos parado de caminhar e abriu um sorriso devagar, seus olhos brilhando tão intensamente que senti vontade de chorar. Dessa vez, de felicidade. Se existia uma pessoa no mundo que merecia conquistar tudo que desejasse, essa pessoa era Coraline Avelar.

— Celina — confirmou e subiu a mão para a correntinha que usava ao redor do pescoço. Eu sabia que tinha pertencido ao meu irmão anos atrás, mas soube também que tinha sido de Cora antes de ser dele. Os dois eram esse tipo de casal que tinha uma história recheada de conexões estranhas. — Com o mesmo C de Caio e de Cora. A gente acha que é o nome perfeito.

Encurtei o espaço entre nós e a puxei para um abraço, Gabi se aproximou logo depois. Me sentia tão feliz por ela que todas as sensações que Mauro tinha causado em mim há poucos minutos já pareciam distantes.

— Eu mal posso esperar pra conhecer minha sobrinha Celina.

Gabi puxou a melhor amiga para um abraço e colocou uma mão sobre a barriga.

— Meu Deus, você vai mesmo ser mãe. — Cora soltou uma risada e balançou a cabeça em concordância. — Meu Deus, o Caio vai mesmo ser pai. Isso é… loucura. Ele era um chato implicante de oito anos de idade nem faz tanto tempo assim.

— Agora ele é um chato implicante de quase trinta anos de idade. Não mudou tanta coisa — provoquei.

Gabi soltou uma gargalhada alta e deu um pulinho, sentindo o celular vibrar no bolso. Ela o levou a orelha, andando alguns passos na frente de nós enquanto respondia coisas sobre notas musicais, festivais e coisas complicadas.

— Se ele te escutasse falando isso, ia sobrar pra você — Cora devolveu enquanto voltávamos a andar na direção da sorveteria.

Entrelacei meu braço no seu, lançando meu olhar mais inocente na sua direção.

— Mas você não contaria isso pra ele, não é, Corinha?

Ela empurrou meu ombro em um gesto de carinho e deu uma piscadinha.

— Eu sou ótima guardando segredos. Falando nisso… — Eu sabia bem onde essa conversa nos levaria e não estava nada feliz com isso. — Como estão as coisas com Ian? Ele me falou que você ficou com Alice outro dia.

Desviei os olhos, sentindo meu coração disparar só de escutar o nome dele. Porra, eu andava com sentimentos tão confusos e conflitantes nos últimos tempos. Que inferno!

— Eu gosto de ficar com ela — foi tudo que respondi, mas é claro que Cora não se deu por satisfeita. Eu deveria saber que a mulher responsável por domar Caio, não seria facilmente enrolada.

— Só com ela?

— Cora, eu tenho um namorado.

— Você está falando isso para convencer a mim ou a si mesma? — *Merda, essa foi certeira.*

Eu estava vivenciando um turbilhão de emoções malucas desde que Ian tinha voltado à Teresópolis. Era como vivenciar as cinco fases do luto por algo que não era a morte. Primeiro, foi a negação. Eu estava certa de que ele desistiria da mudança, ele não voltaria para cá, não depois de tudo. Logo depois, foi a raiva. Xinguei mentalmente e amaldiçoei todas as pessoas que o colocaram no meu caminho, o que inclui meus pais e meus tios. Quando a fase da barganha chegou, eu estava abrindo mão da minha dignidade e implorando para Deus que algo o fizesse voltar para São Paulo. Era difícil demais tê-lo aqui. E então, veio a depressão. Voltei a reviver os pensamentos e sensações do dia que ele tinha terminado tudo comigo e me levado para um buraco que demorei a sair. Mas a pior fase de todas, sem a menor sombra de dúvidas, foi a que começou recentemente: a aceitação.

Eu me sentia uma idiota por estar *gostando* de ter Ian de volta. Me sentia ainda mais estúpida por reconhecer que me sentia assim. Que naquele dia que jantamos juntos, me senti mais leve do que em todos os jantares que tive com Mauro até hoje. Tentava me convencer de que era pelo fato de Ian me conhecer há muito mais tempo. É mais confortável estar ao lado de alguém que te conhece do avesso, certo?

Então por que, bem no fundo, eu me sentia uma traidora? Andando cada vez mais na direção do cara que me fez mal?

— Você é assistente social ou psicóloga? — retruquei. Cora deu de ombros, não parecendo cair na minha tentativa de desviar do assunto.

— Namoros terminam o tempo todo, Lara. — Lancei um olhar de repreensão na direção da minha cunhada. — O quê? Só estou dizendo. E não briga comigo, eu estou grávida.

— Essa é a sua sorte, Coraline.

— Você às vezes é estranhamente parecida com o seu irmão.

Sorri, balançando a cabeça em resposta.

— Quem vai terminar com quem? — Gabi perguntou, voltando a atenção para o nosso papo enquanto guardava o celular de volta no bolso.

— A Lara com o Mauro — Cora falou.

— Ninguém vai terminar com ninguém — disse ao mesmo tempo, nossas vozes se misturando.

— Estou um pouco confusa. — Gabi me olhou com as sobrancelhas franzidas. — Se você for terminar com Mauro, me avisa que já corto ele da lista do casamento. Vai ser ótimo, nós precisamos mesmo reduzir os convida…

— Eu não vou terminar com o Mauro! — interrompi, levando as mãos ao rosto, mas não conseguia deixar de ter um mínimo sorriso brincando no meu rosto. — A Cora que enlouqueceu.

— Ah, que pena. — Gabi não tentou esconder a tristeza.

Eu sabia que ninguém da minha família gostava muito de Mauro, mas não tinha percebido que era realmente *ninguém.* O quão irônico era que eu gostava de um que ninguém da minha família gostava e, em contrapartida, minha família inteira parecia amar o outro, que tinha partido meu coração?

— De qualquer forma… — Gabi parou na nossa frente, abrindo um sorriso gigante. — Espero que o Mauro não se importe se você não puder ficar perto dele durante a cerimônia.

— Ele não vai… — comecei a responder. — Espera aí. Por que eu não poderia ficar perto dele durante a cerimônia?

Gabi pegou uma das minhas mãos e uma das mãos de Cora. Não achei que era possível, mas seu sorriso se ampliou ainda mais,

— Eu quero que vocês sejam minhas madrinhas. Não tem mais ninguém que eu gostaria de ter ao meu lado nesse momento e…

— Ai, meu Deus! — Cora se lançou sobre Gabriela, parecendo emocionada. — Eu nunca fui madrinha de casamento antes! O que eu preciso fazer? Devemos planejar algo?

— Uma despedida de solteira com bebidas e *strippers!* — sugeri, entrando na onda.

— Eu não posso beber, mas gosto da ideia dos *strippers.*

— Seu marido não vai gostar nada de saber disso, *Coraline* — Gabi provocou, soltando uma risada.

— E nem o seu noivo, *Gabizinha.*

Mauro nem ligaria.

Ele nem ficaria sabendo.

Até porque a última vez que conversamos sobre algo da minha vida foi… Tentei buscar em algum lugar da minha mente, mas não encontrei resposta.

Porra, eu nem sabia a última vez que tínhamos conversado sobre algo.

— Quando vamos começar a ver os vestidos? — Cora perguntou. — Eu já estou tão empolgada!

Forcei um sorriso no rosto, mas eu já não me sentia mais tão animada quanto antes. Toda vez que eu pensava no meu relacionamento com Mauro, era como se um balde de água fria novo fosse derrubado sobre mim.

Nunca pensei muito sobre o nosso futuro e sei que isso foi um erro meu, mas… Eu gostava dele. Gostava da sua companhia, gostava de quando me fazia rir e gostava do nosso sexo. Na época, pareceu o suficiente. Agora, eu não sabia dizer nem quando tinha sido a última vez que conversamos. Muito menos que ele tinha me feito rir.

— Vamos entrar na sorveteria e conto tudo pra vocês.

Segui as duas para dentro da loja de fachada branca com detalhes em preto que não ficava muito distante da Pétala & Flor. Gabi, Cora e eu seguimos direto para o balcão, analisando os sabores.

— Vocês têm sorvete de morango com laranja? — minha cunhada perguntou. O homem atrás do balcão a olhou com curiosidade.

— Só de morango. Mas temos também de maracujá. Dá pra misturar morango e maracujá se a senhora quiser — ofereceu. Cora torceu o nariz, parecendo frustrada, mas concordou.

— Eu vou querer esse aqui de *Chocolate Chocolatudo* — Gabi apontou.

Meus olhos continuavam varrendo as opções, apesar de quase sempre eu pedir o mesmo: melancia e chocolate. Mas dessa vez, parecia errado por muitos motivos. O primeiro era que essa combinação me lembrava *dele*. E o segundo é que as palavras de Mauro sobre meu corpo e minhas celulites continuavam reverberando meu cérebro.

— Vou querer o de abacaxi com zero açúcar. — Cora e Gabi me olharam com um misto de curiosidade e julgamento.

— Abacaxi zero açúcar? Mas você sempre pede melancia e…

— Quis variar — interrompi, sentindo minhas bochechas aquecerem.

Tinha lido há anos atrás que abacaxi contava como caloria negativa. Dizia que o corpo gastava mais para queimar o abacaxi, do que as calorias

que ele próprio possuía. Na época, minha mãe tinha me dito que comida era comida e não calorias a serem contadas. Queria conseguir manter isso em mente agora, mas tudo que continuava soando dentro do meu cérebro era que eu precisava ser melhor para não me tornar descartável mais uma vez.



Capítulo 22.

IAN DINIZ

Girei a maçaneta da porta de entrada do meu apartamento me sentindo um pouco mais calmo. Talvez fosse o efeito dos minutos que passei com Lara que me deixaram assim. O silêncio que me recepcionou era um indicativo de que o lugar estava vazio. Não demorou muito para eu notar um papel com um recado preso por um ímã bem na porta da minha geladeira: "*Dei uma saída pela cidade. Podemos conversar mais tarde, quando as coisas estiverem mais calmas? Bia*".

Fiquei por um tempo analisando os dizeres naquele papel. Minha manhã foi caótica e acabei descontando bastante na minha mãe, talvez mais do que deveria. Nossa relação nunca foi das melhores e eu estava ciente de que carregava bastante ressentimento dentro do peito. Acho que entendi muita coisa depois que virei pai, mas isso não mudou os sentimentos que carrego comigo, para ser sincero.

Minha mãe tinha colocado os móveis de volta no lugar de sempre e também tinha desfeito a mesa do café da manhã e lavado a louça. Guardei os utensílios limpos nos lugares certos e troquei de roupa para ir trabalhar. Algumas horas imerso na cozinha era o que eu precisava para relaxar antes de ter a conversa com ela.

Enquanto caminhava em direção ao BarVelar já conseguia notar uma pequena fila se formando do lado de fora do estabelecimento, que ainda estava fechado. Nos últimos dias, desde que fomos anunciados oficialmente como um dos participantes do Prêmio GastroBar, o movimento por aqui havia aumentado.

Usei a porta exclusiva para funcionários para entrar no bar e fui direto para a cozinha. Alguns membros da minha equipe já estavam por ali, organizando tudo para mais um dia de trabalho.

— Bom dia, *chef*! Pelo visto teremos mais um dia agitado por aqui — Giovanna disse assim que me viu entrar na cozinha.

— Esses são os melhores dias, Gio — falei.

Amava os dias agitados. O barulho de alimentos sendo cortados, das panelas no fogo, do ir e vir dos funcionários, da água caindo pela torneira da cozinha, a mistura dos cheiros dos temperos. Amava não pensar em nada além de fazer a melhor combinação de sabores para os meus clientes.

Coloquei meu avental e comecei a colocar em ordem algumas das coisas que certamente usaria para preparar as receitas.

— E como está o andamento das plantinhas para as receitas do concurso? — Gio perguntou enquanto fatiava um pedaço de carne.

— Ontem dei uma olhada nelas e tudo parecia dentro do esperado, mas a Lara deve vir aqui para confirmar isso em breve — contei.

— Mal posso esperar para começar a produzir essas receitas. Tenho certeza que será sucesso e esse prêmio será nosso.

— Tomara — falei. Embora cozinhasse por amor, não ia ser nada ruim ter um prêmio para ostentar e confirmar o quão foda sou na cozinha.

Gio, eu e os outros membros da equipe continuamos conversando e trabalhando, como sempre fazíamos. Ao contrário do meu antigo patrão, eu gostava de manter um clima alegre e leve na minha cozinha. Os pedidos não paravam de chegar e, como previsto, seria um dia bastante agitado.

— Jorge, como estão os legumes? — perguntei.

— Já terminei de cortar, *chef* — o auxiliar de cozinha respondeu.

Levantei o olhar para dar uma olhada no trabalho dele.

— Perfeito. Pode verificar a temperatura do forno pra mim? — pedi.

Voltei a trabalhar no prato que estava montando, mas logo fui interrompido pelo toque do meu celular. Antes mesmo de tirar o aparelho do bolso da calça eu sabia, por causa do toque diferenciado, quem estava me ligando.

— Gio, pode finalizar aqui para mim? — pedi.

— Não se preocupe, *chef*.

Me afastei alguns passos da cozinha para atender a ligação.

— Alô?

— *Olá, senhor Diniz. Aqui é a Silvana, da escola da Alice.*

— Aconteceu algo? — perguntei já sentindo a preocupação me consumir. Era estranho pensar que, antes de ser pai, essa emoção era praticamente desconhecida para mim. E, agora, bastava uma ligação da escola para ela dominar meu corpo inteiro.

— *A Alice não está se sentindo muito bem, está reclamando de dor na barriga. Já a levamos na farmacinha da escola, demos um remédio, mas*

ela continua se queixando de desconforto. Por isso, achamos melhor liberá-la mais cedo. Pode vir buscá-la?

Porra... Eu sabia que comer bombom de chocolate como café da manhã traria algum problema, mas é claro que minha mãe não pensou nem dez segundos antes de autorizar que minha filha comesse vários deles.

— Chego aí em breve, diretora — falei.

Encerrei a ligação e guardei o telefone no bolso, já tirando meu avental.

— Gio... — Chamei a minha *sous chef*. — Vou precisar buscar a Ali na escola mais cedo, pode ficar no comando por uma meia hora?

— Claro. Aconteceu algo com ela? Ela está bem?

— Ela só comeu o que não devia de manhã e agora está com dor de barriga — contei.

— Ah, eu sei um chazinho ótimo para isso. Posso fazer para ela — ofereceu.

— Obrigado, Gio. Vou lá buscar a pequena, mas volto bem rápido. Qualquer dúvida, pode me ligar.

Por sorte, a escola de Alice não ficava longe do BarVelar. Durante o curto trajeto até lá, aproveitei para ligar para os meus tios e perguntar se algum deles podia ficar cuidando dela. Por sorte, a tia Sara estava de folga e se ofereceu para ficar de olho na pequena. Não tinha a menor possibilidade de deixá-la sob os cuidados de Nick de novo, ainda mais com ela passando mal. E por mais que eu quisesse cuidar dela eu mesmo, não tinha como abandonar a cozinha sozinha com Giovanna em um dia tão cheio como hoje.

Quando cheguei à escola, minha filha já me aguardava e seu semblante não era dos melhores. Se ela fosse um desenho animado, com certeza estaria com o rosto esverdeado de quem estava prestes a vomitar.

— Minha barriguinha tá doendo, papai — disse assim que me viu, correndo para os meus braços. Odiava ver minha filha passando mal, ainda que não fosse nada grave.

— Sinto muito, pequena. — Me agachei e dei um beijinho em sua barriga. — Isso, junto com o remedinho que você tomou, vai ajudar a passar.

— Acho que já estou um pouquinho melhor — disse.

Peguei Alice no colo e caminhei até nosso apartamento. A primeira coisa que vi ao entrar foram as malas da minha mãe no canto da sala, onde estavam desde a hora que ela chegou. Só então me lembrei que ela estava

ali. Bem, ali na cidade, pelo menos, já que o apartamento não contava com nenhum sinal da presença dela.

— A vovó Sara está vindo para cuidar de você enquanto o papai termina algumas coisas no bar, tá bem, pequena? — falei e ela assentiu.

— E onde está a vovó Bia? — minha filha quis saber.

— Ela está ocupada com o trabalho — menti. A verdade é que nem passou pela minha cabeça ligar para minha mãe e pedir para que ela ficasse com a neta. Isso dizia muita coisa sobre nossa relação.

— Vamos tirar o uniforme e colocar algo mais confortável — falei.

Assim que terminei de ajudar Alice a se trocar, a campainha da minha casa tocou avisando que a tia Sara havia chegado. Embora ela tivesse a chave do lugar, sempre tocava a campainha para avisar que estava entrando.

— Obrigado por mais essa, tia Sara.

— Não se preocupe, Ian, família é para isso.

— Já deixei os remédios separados em cima da bancada da cozinha e meu celular ficará ligado o tempo inteiro. Se precisar de qualquer coisa, me liga. Vou tentar voltar para casa o mais cedo possível.

— Vou cuidar da minha netinha muito bem, pode ficar em paz — falou.

Ela me deu um abraço e dei um mais um beijo na minha filha antes de voltar para o restaurante.

Passei o restante das horas mantendo um olho nos pratos que produzia e um no celular. De hora em hora a tia Sara me dava atualizações sobre o estado de saúde de Alice que, depois de beber o chá que Gio levou para ela no seu intervalo, parecia bem melhor.

Algum tempo mais tarde, quando as coisas na cozinha se acalmaram, deixei Giovanna no comando e fui para casa cuidar da minha pequena. Assim que cheguei na porta do meu apartamento, antes mesmo de colocar a chave na fechadura, uma voz que vinha lá de dentro me fez paralisar.

— Não acredito que por minha causa ela ficou doente — minha mãe disse e era perceptível a amargura em sua voz.

— Você saberia que não se deve dar tanto chocolate para uma criança de cinco anos se tivesse passado mais tempo com seu filho — tio Pedro falou em um tom duro.

— Pepe! — Sara repreendeu.

Eu me sentia a porra de um adolescente ouvindo a conversa escondido atrás da porta, mas estava curioso demais pelo desenrolar dessa história para interromper se entrasse.

— Eu sei que não fui a melhor das mães, Pedro, você não precisa ficar me lembrando disso o tempo inteiro. Eu sou ótima fazendo esse trabalho sozinha.

Senti um incomodo diferente no peito ao ouvir a declaração da minha mãe. Era a primeira vez que a ouvia falar assim tão abertamente sobre o que sentia. Nós dois nunca tivemos a oportunidade de conversar sobre... Bem, sobre tudo. E, para ser sincero, depois que fui pai e comecei a entender algumas coisas para além da perspectiva de filho, várias dúvidas começaram a surgir na minha cabeça. Mas nunca tinha tido a coragem de confrontá-la sobre isso. Talvez isso acontecesse porque parte de mim tinha medo do que iria ouvir como resposta, embora eu adorasse fingir que nada disso me importava.

— Bibi, você fez o que acreditava ser melhor. E, tudo bem, mães erram também... — a tia Sara tentou contornar a situação.

— Mas eu errei muito, Sara — minha mãe confessou e dava para sentir a dor em sua voz. — E só percebi isso tarde demais.

— Me desculpe se me exaltei nas palavras, Bibi — ouvi tio Pedro voltar a dizer, dessa vez parecendo mais calmo. — Olha, o Ian se tornou um homem incrível. E você com certeza tem seu mérito nisso.

Ouvi minha mãe bufar.

— Esse mérito é mais de vocês do que meu. Vocês fizeram mais pelo Ian do que eu pude fazer, pelo menos emocionalmente. E, de verdade, sou muito grata por ter vocês comigo e mais ainda por ter vocês com ele e com a minha neta. Obrigada por tudo que vocês fizeram pelo meu filho ao longo desses anos. Talvez uma parte inconsciente de mim sempre soube que vocês fariam um trabalho muito melhor com ele do que eu. Se hoje o Ian tem essa vida aqui... Bom, isso é muito por influência de vocês.

Senti meus olhos começarem a queimar de leve e respirei fundo para impedir que as lágrimas saíssem. Era uma mistura de tristeza, alívio, ressentimento e alegria, tudo misturado.

— Nós somos família, Bibi. E família é para isso — tia Sara disse.

— Agora eu só queria que... — minha mãe começou a dizer.

O elevador chegou ao meu andar e meu vizinho saiu de dentro dele, deixando cair uma caixa no chão no meio do trajeto até sua porta, que fez com que um barulho alto ecoasse pelo andar.

— Deixa que eu te ajudo, senhor Carlos — falei caminhando em direção a ele e o ajudando a catar os produtos espalhados pelo chão e os

colocando de volta na caixa.

A porta do meu apartamento abriu enquanto eu estava agachado ajudando meu vizinho.

— Está tudo bem? — tio Pedro perguntou.

— Me desculpe pela bagunça, pessoal, eu acabei derrubando umas coisas no chão sem querer — seu Carlos explicou.

— Não tem porque se desculpar, seu Carlos. — Peguei a última latinha que estava no chão e coloquei na caixa.

— Obrigado pela ajuda, rapaz — meu vizinho agradeceu antes de ir para o próprio apartamento.

Levantei do chão e virei em direção aos meus tios e a minha mãe, que ainda estavam parados na porta do meu apê.

— Consegui sair mais cedo do BarVelar. Como está a pequena?

— Agora ela está dormindo. E o Pepe a convenceu a comer um pouco da salada cozida que fez pra ela mais cedo. Amanhã tudo já estará de volta aos trilhos — tia Sara disse.

— Obrigado por terem vindo ajudar com ela — agradeci mais uma vez.

— Não precisa agradecer. E se precisar de qualquer coisa, estamos a uma ligação de distância — tia Sara completou.

Meus tios se despediram e foram embora, deixando-me sozinho com minha mãe e uma dúvida do caralho do que fazer em relação a ela e a tudo que ouvi escondido minutos atrás.

— Será que podemos ter aquela conversinha agora? — perguntou, se referindo ao bilhete que achei mais cedo grudado na geladeira.

— Claro — respondi.

— Ian, eu sinto muito pelo chocolate no café da manhã. Estou me sentindo uma péssima mãe e uma avó pior ainda. É só que... — Ela parecia estar lutando mentalmente para encontrar as palavras perfeitas. — Só queria dar um presentinho para que ela ficasse feliz com minha chegada.

— Mãe...

— Não — ela me interrompeu. — Me deixe continuar, por favor. — Assenti, indicando que ela podia prosseguir. — Eu não estava preparada para ser mãe quando descobri que estava grávida de você. Não quero que pense que eu não te quis, porque, no minuto que ouvi seu coração bater pela primeira vez no ultrassom, sabia que não iria abrir mão de você. Mas, ao mesmo tempo, não queria abrir mão dos meus sonhos. Eu era nova, estava

confusa e achava que poderia abraçar o mundo com as mãos. Achei que conseguiria dar conta das duas coisas, mas hoje, com a maturidade e depois de muitos erros, vi que não foi bem assim que aconteceu. O que quero te dizer, Ian, é que sinto muito por não ter sido a mãe que você esperava. Achei que trabalhar muito iria realizar o meu sonho de ser bem-sucedida profissionalmente e, ao mesmo tempo, te daria uma vida perfeita. Mas, agora, vejo que a vida perfeita não significa apenas ter dinheiro para adquirir bens materiais, embora isso seja muito incrível também.

Fiquei um tempo sem saber como responder a chuva de palavras sinceras que me atingiu de forma inesperada.

— Vou ser sempre grato por todas as oportunidades que tive porque você trabalhou para isso, mãe, mas, para ser sincero, em muitos momentos eu só queria que você me enxergasse. — Exatamente por isso passei grande parte da minha vida sendo visto como um cara rebelde.

— E, sobre o que você falou mais cedo sobre eu querer me livrar da Ali... Eu não queria que você tivesse que fazer as mesmas escolhas difíceis que eu fiz.

— Escolher minha filha foi a minha escolha mais fácil, ainda que em alguns dias seja o trabalho mais difícil — falei.

— Eu sei, eu sei — disse colocando uma das mãos sobre o peito. — Ian, você não era um exemplo de jovem naquela época. E, pensando nisso, realmente achei que a Alice seria melhor educada por outra pessoa. Mas talvez eu só não conhecesse de verdade o meu próprio filho. — Ela se aproximou um pouco mais de mim e pegou minhas mãos. — Eu estava errada. Bom, esse é mais um erro na minha longa lista de erros. Você se tornou um pai incrível desde o momento que pegou aquela garotinha no colo pela primeira vez. Eu não soube dosar meu tempo, mas fico feliz de ver que você sabe fazer isso com maestria. Não sei se vale de alguma coisa ouvir isso de mim, mas sinto muito orgulho do homem que você se tornou.

— Obrigado, mãe — falei. — Nada me deixa mais feliz do que ter me tornado o pai que sempre desejei para minha filha.

— Só passei aqui para ver como a minha neta estava, ter essa conversa com você e pegar as minhas malas. Vou passar o resto dos dias na casa do Pedro, não quero atrapalhar você ainda mais.

Ela soltou minha mão e, dessa vez, eu que segurei as delas.

— Você não atrapalha. Bom, desde que não mude os móveis de lugar ou dê doces de manhã para Ali — falei. — Fica aqui, passa esse tempo com

a gente. A Ali vai gostar da sua presença... E eu também.

— Vou adorar passar um tempo com vocês — respondeu.

— Ah, e mãe, posso te pedir uma coisa?

— O que você quiser, Ian.

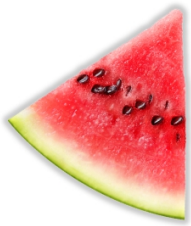
— Sabe qual é uma das minhas memórias favoritas de infância? — Ela negou com a cabeça. — Às vezes em que você fazia aquele empadão de queijo com alho poró pra gente jantar. Acredita que nunca consegui fazer um igual?

— Impossível, Ian, você é um cozinheiro muito melhor do que eu — brincou.

— Menos quando se trata de cozinhar esse empadão. O que acha da gente fazer um juntos para a janta? Vou adorar matar a saudade dele e você finalmente poderá me contar todos os segredos dessa receita.

— Vou amar ter você como meu *sous chef*, filho.

Muito provavelmente, minha mãe e eu não teríamos uma relação próxima, como Lara e Olívia tinham, por exemplo. Mas, pelo menos, podemos encontrar um meio termo nesse caminho que, por muitas vezes, foi tortuoso.



Capítulo 23.

LARA AVELAR

O sábado estava exatamente do jeitinho que eu gostava: frio, mas com o sol brilhando no céu. Era o dia perfeito para dar um passeio no Jardim Botânico, tomar um chocolate quente ou ficar agarrada com meu namorado enquanto assistia a um filme. Mas, infelizmente, Mauro estava marcando presença em um evento *fitness* e só nos veríamos mais tarde.

Nosso relacionamento andava meio... estranho. Nós estávamos discutindo mais do que o comum e isso me incomodava. Mas talvez seja só uma crise comum quando se tem relacionamentos longos. Eu devo estar me preocupando à toa...

Precisava distrair minha cabeça antes que meus pensamentos me levassem para um lugar que eu não queria visitar. Peguei meu celular na mesa de cabeceira e abri meu *Instagram* na intenção de ver vídeos de animais fofinhos. Mas, assim que a tela do aplicativo carregou, o rosto de Mauro foi o primeiro a aparecer na parte superior do aplicativo, indicando que ele havia acabado de postar um *story*. É óbvio que minha curiosidade falou mais alto e cliquei para ver do que se tratava.

— *Fala, marombers! Maurão aqui, falando diretamente da Fit Fest. Se, assim como eu, é um apaixonado por academia e por cuidar do próprio corpo...* — Ele afastou o celular para que a imagem do seu bíceps musculoso pudesse aparecer. — *Então precisa vir conhecer esse evento. Aqui na Fit Fest nós temos vários expositores do mundo fitness, desde a galera que vende roupa até a galera que vende aparelhos para a sua academia ou, quem sabe, para você treinar em casa.*

Mauro ativou a câmera traseira do celular e filmou o ambiente. Se eu já achava sufocante uma academia, aquela imagem me causava trezentos tipos de sufocamentos diferentes.

— *Sabe qual é o meu sonho, Marcola?* — Ele perguntou para o amigo, igualmente musculoso, que estava ao seu lado. — *Ter uma academia foda*

na minha futura casa, cheio de equipamentos da Força&Movimento, que são significado de qualidade. — Ele deu uma piscadinha para a câmera. — *Porra, imagina que irado poder treinar em casa com meus parceiros?*

— *Ia ser do caralho, Maurão* — o amigo respondeu.

— *Talvez isso aconteça em breve...* — Ele disse deixando um ar de mistério no ar e eu sabia que ele fazia isso para despertar a curiosidade dos seus seguidores. — *Marombers, vou mostrar mais para vocês ao longo do dia, então não esqueçam de ligar as notificações para não perder nada. Aqui na Fit Fest eu me sinto em casa. Energia boa do caralho!*

Senti um nó tomar conta da minha garganta. Nos últimos tempos vinha sentindo cada vez mais que não me encaixava no estilo de vida de Mauro. Por mais que eu tentasse me incluir em seu mundo, continuava me sentindo... descartável. E, se eu estava sentindo isso, ele também deveria estar, certo?

Será que eu deveria mesmo me esforçar tanto para ocupar um espaço ali?, ouvi a voz da razão, que por muitas vezes soava exatamente igual à minha mãe, dizer na minha cabeça.

Eu já tinha percebido que, desde a volta de Ian, vários dos meus medos e inseguranças se tornaram ainda mais intensos. Era como se a presença dele funcionasse como um lembrete constante de uma parte de mim, e da minha história, que lutei durante bom tempo para esquecer. Ou, pelo menos, para manter camuflado, escondido nas sombras.

Anos atrás, Ian despertou o melhor de mim e fez com que eu me sentisse a mais incrível das obras de arte. Infelizmente, ele também foi o responsável por me destruir, me transformando em um pedaço rasgado de papel.

Mas eu não queria pensar nos meus problemas com Mauro e, menos ainda, em Ian. Levantei da cama e caminhei até o quarto dos meus pais, batendo na porta antes de entrar.

— Tá a fim de ver um filme? — perguntei para minha mãe.

— Uma comédia romântica? — disse, erguendo os olhos da tela do notebook para me observar.

— Das mais clichês possíveis. — Era exatamente o que eu precisava para me distrair.

— Pode contar comigo. Vou só terminar de escrever o último parágrafo do meu artigo.

— Vou arrumar as coisas na sala enquanto isso para a nossa sessão de cinema.

Abri o sofá para que ele se transformasse em uma espécie de cama e deixá-lo ainda mais confortável. Peguei algumas almofadas e as nossas mantas para deixar ali também. Já tinha algum tempo que não fazíamos um programa assim e eu estava com saudades. Quando mamãe chegou na sala, eu já estava deitada no sofá, enrolada em uma manta quentinha, navegando pelo catálogo do nosso serviço de *streaming* favorito em busca do filme perfeito.

— O que você acha desse? — perguntei à mamãe.

— Sinestesia? — Ela leu o título na tela. — Gostei do nome.

— O caminho de Thomas e Lia se cruza pela primeira vez quando a garota, depois de uma noite de bebedeira, envia um e-mail para o destinatário errado, fazendo com que seu desabafo pós-término vá parar na caixa de entrada do professor de literatura. Depois dessa confusão, os dois começam a conversar até que decidem se encontrar pessoalmente. Era para ser uma aventura de uma noite só, mas mal sabiam eles que seus caminhos se cruzariam de novo, dessa vez no campus universitário. Lia nunca imaginou que o gostoso com o qual foi para a cama depois de um *date* incrível também seria o mais novo professor da disciplina que ela tinha sido eleita como tutora. Agora, eles vão precisar descobrir como fazer o semestre funcionar sem deixar que as lembranças daquela noite fiquem surgindo cada vez que se veem na sala de aula. Nessa comédia romântica de tirar o fôlego, Chay Suede interpreta Thomas e Laura Neiva interpreta Lia — li a sinopse em voz alta.

— Gostei, parece ser bem legal. Vamos assistir esse?

— Eu topo — respondi.

— Perfeito. Mas antes vou fazer um brigadeiro pra gente — mamãe disse.

Enquanto minha mãe foi até a cozinha preparar o doce, não resisti a tentação e abri meu Instagram mais uma vez para ver se Mauro tinha postado algo. Fui imediatamente inundada por uma náusea quando a primeira foto que apareceu no meu *feed* foi a dele ao lado da mesma menina com quem o vi, tempos atrás, malhando na academia. Aparentemente eu gostava bastante de me torturar porque, ao invés de fechar o aplicativo, deslizei o dedo na tela mais um pouco para ler a legenda escrita pelo meu namorado:

“Muito feliz e orgulhoso em ver a evolução da @amandafit. Está ficando cada dia mais monstra, um exemplo a ser seguido! Quem quiser acompanhar um pouco das rotinas de treino que deixaram a Amandinha com esse shape 10/10, é só segui-la no insta que ela está sempre compartilhando por lá. #FitnessModel #FitnessAddict #NoPainNoGain #FitFest #FitnessLifeStyle”

Cada uma das palavras da legenda era um soco no meu estômago. Senti meus olhos arderem, com lágrimas querendo escapar deles, quando o sentimento de ser trocada por alguém que eu não poderia ser, alguém que poderia dar a ele o que eu não podia, me invadiu. Parecia que a história estava se repetindo...

— Está tudo bem? — mamãe questionou ao voltar da cozinha segurando uma panela de brigadeiro e duas colheres.

Bloqueei o aparelho de novo e o joguei ao meu lado no sofá.

— Está, só vi um vídeo de um cachorrinho sendo resgatado que me emocionou — menti.

Dona Olívia Avelar me fitou como se estivesse me estudando. Sempre me senti à vontade para me abrir com minha mãe, mas, dessa vez, eu parecia... confusa demais para falar para ela tudo que estava aqui dentro. Talvez precisasse de um tempo para entender tudo antes de compartilhar com ela. Ou com qualquer pessoa.

— Tenho certeza que um filme de romance e um docinho vão melhorar tudo — disse.

Mamãe se sentou ao meu lado, me entregou uma colher e colocou a panela bem no nosso meio. O cheiro do chocolate me fez salivar, mas a memória da foto de segundos atrás fez o sabor amargo preencher minha boca.

Será que a Amandinha comeria brigadeiro?

O pensamento veio de forma automática e rápida, me pegando de surpresa.

— Não vai comer? — mamãe perguntou, me afastando dos meus pensamentos.

— Vou comer só uma colherzinha, ainda estou cheia do almoço. — Peguei uma quantidade razoável de doce e comecei a degustar bem devagar.

Antes que mamãe fizesse mais perguntas, me fazendo falar a verdade, dei *play* no filme.

A história sendo contada na televisão era legal e eu até soltei uma risada sincera quando os protagonistas estavam indo para o mesmo lugar, em carros diferentes, e ambos acharam que um estava seguindo o outro. Mas, infelizmente, o sentimento pesado no meu peito continuava.

Quando o filme chegou ao fim, mamãe foi se arrumar para sair com papai. Os dois iriam jantar fora com seus amigos e eu ficaria sozinha em casa. Voltei para meu quarto e, assim que deitei na cama, respirei fundo criando coragem para pegar meu celular e ver se meu namorado havia mandado alguma notícia. Meu coração deu um pulo no peito, animado, quando vi suas mensagens preenchendo a tela do aparelho.

***Mauro**: Oi, gatinha! Tô com saudades de vc*

***Mauro:** Queria q vc estivesse aqui comigo, Lalá. Vc ia curtir pra caralho*

Ao mesmo tempo em que estava feliz por ele ter sentido minha falta, parte de mim estava triste porque, se meu namorado achava que eu ia "curtir pra caralho" um evento como aquele, ele não me conhecia tão bem quanto eu imaginava. E, talvez, a culpa fosse minha...

***Lara**: Oi, Maumau. Tava vendo um filme com minha mãe. Estou com saudades tb!*

***Mauro**: Tô indo pra casa em trinta minutos. Só preciso tirar umas fotos com uns parceiros postar no meu instagram e fazer publi*

***Mauro**: Quer jantar cmg? Quero curtir vc um pouquinho hj, aproveitar o resto do sábado com minha gatinha*

***Lara**: Meus pais vão sair, quer vir aqui pra casa? Posso pedir aquele poke que gostamos*

***Mauro**: Chego aí em breve, linda*

Uma noite com meu namorado era exatamente o que eu precisava para tirar da cabeça os pensamentos esquisitos que eu estava tendo em relação a nós dois e ao que ele sentia por mim. Aproveitei o tempo para tomar um banho e me arrumar para nosso jantar em casa.

Cinco minutos depois dos meus pais saírem, o interfone tocou e o porteiro avisou que Mauro estava subindo.

— Oi, linda — disse assim que abri a porta.

Meu namorado me abraçou e me puxou em sua direção para um beijo na boca. Suas mãos deslizaram pela minha cintura indo em direção à minha

bunda. Talvez eu estivesse só vendo problemas onde não tinha e Mauro gostava de mim exatamente como sou.

— Já pedi nosso jantar, deve chegar daqui a pouco — avisei assim que paramos de nos beijar.

Mauro e eu fomos para o sofá e deitei em seu colo. Meu namorado começou a fazer carinho no topo da minha cabeça e senti todos os problemas evaporarem de vez.

— Como foi seu dia? — ele quis saber.

Fiz um resumo rápido, deixando de fora a parte em que não consegui parar de pensar sobre ele e a gostosa da academia. Por mais que parte de mim quisesse trazer o assunto à tona, não queria estragar o clima entre nós dois que, finalmente, estava caminhando na direção certa.

— E o seu, como foi?

— Foi incrível, Lalá. Eu realmente nasci para esse trabalho, para esse mundo. — Os olhos do meu namorado brilhavam ao falar de academia de uma forma que nunca brilharam ao falar de mim. Era errado me sentir triste com isso? — Por falar nisso, trouxe uma coisa para você.

Mauro se inclinou para pegar a bolsa que havia colocado no chão antes de sentar no sofá e tirou um pacote de papel pardo de dentro dela, me entregando. Abri o pacote com ansiedade e...

— Barra de proteína? — A decepção na minha voz era palpável. — Mauro, você sabe que eu... — Antes que eu pudesse dizer que eu odiava aquilo, ele me interrompeu.

— Gatinha, sei que você não curte muito, mas essa daí é diferenciada. Você deveria experimentar, vai te fazer muito bem. Ainda mais agora que você está tentando virar uma marombeira. Você vai conseguir treinar bem melhor com a alimentação certa.

Mauro estava tentando dizer que minha alimentação era ruim?

E que eu não treinava bem o suficiente?

E, com essas poucas palavras, os sentimentos que habitavam o meu interior voltaram a ficar uma confusão que eu não gostava nadinha. Mas, antes que eu ficasse ainda mais estranha, o interfone tocou e o porteiro avisou que o nosso jantar havia chegado.

— Pode deixar que vou lá buscar — disse Mauro.

Aproveitei o tempo sem ele para respirar fundo e tentar colocar as coisas dentro de mim em ordem, mas parecia cada vez mais difícil. Odiava não conseguir lidar bem com isso.

— Porra, esse *poke* tá lindão pra caralho — meu namorado disse assim que voltou e abriu o pacote com os pedidos. — Vou tirar uma foto.

E, como de costume, ele sacou o celular do bolso e capturou uma imagem para postar em suas redes sociais com alguma legenda sobre alimentação saudável ou qualquer droga do tipo.

— Vamos tirar uma nossa também — falei.

— Chega mais pertinho — pediu.

Me aproximei dele, segurando meu *bowl* com *poke* e sorrindo para a câmera. Maumau enquadrou a imagem para que nós dois aparecêssemos e tirou a foto.

— Ficou linda — falei.

Ele continuou mexendo no celular e observei enquanto ele postava a foto do *poke* no *feed* do seu Instagram. Esperei ansiosamente que ele postasse a nossa foto juntos também, mas, para minha decepção, ele só bloqueou o celular e o colocou em cima da mesa.

Dessa vez, eu sabia que não teria respiração nenhuma que faria meus sentimentos se atenuarem.

— Por que você nunca postou foto nossa no seu *feed*? — Me senti ridícula assim que as palavras saíram da minha boca. Desde quando eu me importava com essas coisas?

— Gatinha, você sabe que meu Instagram é mais profissional — explicou.

— Eu vi quando você postou mais cedo a foto com sua amiga da academia — falei, tentando parecer casual e não uma namorada ciumenta.

— Ah, eu estava só ajudando uma amiga que quer virar *influencer fitness* também, Lalá. Afinal, meu *feed* é exatamente sobre o *lifestyle fitness*. Por isso que postar uma foto com você lá não combinaria. — Na mesma hora senti meu coração pesar. Mauro, meu namorado, tinha vergonha de mim. Tinha vergonha de eu não me encaixar em sua vida, ou melhor, em seu *lifestyle*. — Mas não se preocupe, gatinha, todo mundo sabe que eu tenho dona.

Abri um sorriso fingido. Será que sabiam mesmo?

Passei o jantar praticamente inteiro apenas respondendo o que ele me perguntava, mas Mauro nem pareceu notar minha mudança de comportamento. Quando perguntei se ele iria dormir comigo, meu namorado disse que precisava dormir na própria cama, para ter uma noite reparadora de sono, pois iria correr 10km na manhã seguinte.

— E desde quando você corre, Mau? — perguntei.

— Desde amanhã, aparentemente. — Ele sorriu com orgulho. — Está na moda essa parada de correr, né? Aí conheci um parceiro lá no evento que me convenceu a participar dessa corrida de rua amanhã e eu topei. Vai ser conteúdo maneiro pro meu Instagram e, além disso, nunca é demais fazer uma nova atividade física.

Mauro se despediu com um beijo e a promessa de que iríamos ao cinema amanhã. E, para ser sincera, me senti aliviada de ir para cama sozinha durante à noite.



A academia estava estranhamente vazia. Mauro e eu éramos os únicos ali, parados bem ao lado de um aparelho qualquer para malhar braço que eu não faço ideia do nome.

— Você não percebe, Lalá? Não tem espaço na minha vida para alguém como você — o meu namorado disse e sua voz parecia ainda mais alta em meio ao silêncio sepulcral.

— Mauro, espera... — Tentei agarrar seu braço, mas ele se afastou como se meu toque o queimasse.

— Tarde demais, Lara. — Amanda apareceu ao lado dele e meu namorado a envolveu pela cintura. Quando ela chegou aqui? Achei que estávamos sozinhos.

— Quem não se cuida, vira descarte — Amanda disse com um sorriso idiota no rosto.

Descartável.

A palavra que me perseguia. O sentimento de servir apenas por um curto período de tempo, até que algo melhor aparecesse. E sempre aparecia. Eu jurei que nunca mais iria permitir que alguém fizesse eu me sentir assim, mas não era uma tarefa fácil. Não quando todo mundo ao meu redor parecia fazer questão de me lembrar que minha vida útil era mínima, que eu tinha um prazo de validade.

— Você vai deixar que ela fale assim de mim, Mauro? — questionei me sentindo indignada, triste, quebrada.

— Foi mal, Lara. Ela disse apenas a verdade. — Ele olhou no fundo dos meus olhos e fez meu coração dilacerar. — A gente está te falando isso para o seu próprio bem, Lalá. Ainda dá tempo de mudar, de evoluir.

Como ele tinha coragem de me magoar assim? Ah, mas eu não deixaria isso barato. Abri a minha boca para dar a ele uma resposta muito bem dada, mas travei no momento em que senti uma queimação diferente percorrer meu corpo e... Por que minhas mãos estavam se transformando em papel? Por que meu corpo inteiro estava virando um papel sujo, amassado, destruído?

Sem que eu esperasse, me transformei em um pedaço amassado de papel e fui parar diretamente na lixeira da academia. Lá de dentro, completamente imersa na escuridão, conseguia ouvir a risada debochada dos dois.

— Acho que ela finalmente achou o lugar dela aqui — ouvi Mauro dizer.

Abri os olhos em um susto, sentindo minha garganta apertada, meu coração acelerado e uma vontade imensa de chorar. Foi só um pesadelo. Que noite longa e mal dormida! Todas as vezes que eu pegava no sono, sonhava com Mauro terminando comigo e me falando as maiores atrocidades possíveis.

Tateei minha cama em busca do celular para ver a hora. Ainda não eram nem oito horas da manhã de um domingo e eu já estava completamente desperta. Que saco! Como sabia que não conseguiria voltar a dormir, levantei da cama e fui começar meu dia.

Estava sentada à mesa da cozinha, comendo um pão quentinho, quando uma notificação chegou no meu celular. Mauro estava me enviando um vídeo e cliquei para abrir o arquivo.

— *Fala, gatinha, olha só minha medalha nova, ou melhor, minha primeira medalha de corrida de rua.* — Ele mostrou o objeto para a câmera. Mauro nem sequer parecia cansado depois de correr. — *Acabei de correr os 10km num pace ótimo, Lalá. Seu namorado é um sucesso fitness.* — Ouvi uma voz feminina parabenizando meu namorado, ao que ele respondeu com um obrigado sorridente. — *Só queria te mostrar essa belezinha e falar que vou emendar uma pelada com uns parceiros, ok? Você não se importa, né, gatinha? Até porque, quanto mais eu faço atividade física, mais gostoso eu fico pra você mesma. Te amo, Lalá. Até mais tarde.*

Os mesmos sentimentos da noite passada me atingiram. Caramba, não era nem nove horas da manhã de um domingo e meu namorado já tinha corrido 10 km e estava prestes a ir jogar futebol com os amigos. Enquanto

isso, eu estava ainda de pijama e comendo um pão com queijo e presunto enquanto bebia um copão de achocolatado.

A culpa foi crescendo cada vez mais dentro de mim e nem terminei meu café da manhã.

Segui para o meu quarto, arrancando o pijama com força e vestindo um conjunto de *legging* e top no lugar. Peguei a primeira camiseta que vi no armário, arrumei meu cabelo em um coque alto, coloquei os fones de ouvido e saí de casa em direção à academia.

Odiava academia. E odiava ainda mais ir à academia em pleno domingo de manhã. Mas se meu namorado estava fazendo atividade física para ficar mais gostoso para mim, eu deveria fazer o mesmo... Pelo menos era isso que as vozes da minha cabeça não paravam de dizer.

Dei um bom dia meio chocho para a recepcionista assim que cheguei no estabelecimento e segui para a esteira. Coloquei o volume dos meus fones no máximo e tentei focar nas músicas do novo álbum da banda Pane para ver se assim o tempo passava mais rápido.

Vinte minutos depois, que pareceram mais vinte horas, terminei meu aquecimento na esteira e fui para a parte onde ficavam localizados os aparelhos de malhar pernas. Pelo menos a academia estava relativamente vazia, o que já me deixava um pouco mais confortável em estar ali.

— *Leg press* — li o nome do aparelho na minha ficha de treino.

Fui até o aparelho e ajustei o banco da forma como Mauro havia me ensinado. Em seguida, sabia que precisava colocar as placas de peso. Peguei a primeira delas e encaixei sem dificuldade no lugar. Mas, quando fui colocar a segunda placa no espaço indicado, não sei o que aconteceu que acabei derrubando-a no chão, o que fez um barulhão ecoar pela academia e meu coração acelerar com o susto. Me agachei para pegar o peso, mas uma mão masculina fez o serviço na minha frente.

— Obri... O que você está fazendo aqui? — perguntei, sentindo minha voz tremer com a surpresa.

— Malhando — Ian respondeu. Seu olhar me estudava de uma forma que me deixava bastante nervosa. — O que *você* está fazendo aqui? — O tom de julgamento em sua voz era palpável, o que disparou todos os gatilhos dentro de mim.

Será que Ian também achava que eu não era boa o suficiente para este lugar?

— Você acha que eu não posso frequentar a academia, Ian? — perguntei, assumindo uma postura completamente defensiva.

— Você pode frequentar onde quiser, Lara. Só que nós dois sabemos que você odeia esse lugar, então é claro que vou estranhar sua presença aqui, ainda mais em um domingo de manhã.

— Você não me conhece o suficiente para saber o que eu odeio ou deixo de odiar.

— Se acreditar nisso te faz dormir melhor à noite... — Ele deu de ombros e fiquei ainda mais irritada. Por que ele se achava o dono da razão? Idiota. — Você sabe que não precisa malhar só por causa do imbecil, não sabe? Se ele gosta disso aqui, é problema dele. Você não precisa fazer dos *hobbies* dele os seus...

— Quando o meu *hobby* se tornou jogar FIFA, você não parecia tão incomodado.

— É completamente diferente e você sabe disso. — Ele ergueu uma sobrancelha. — Ele está te obrigando a malhar, Lara? Aquele estúpido falou alguma besteira para você? Te ameaçou de alguma forma?

— Estou malhando porque quero, Ian. E não sei porque estamos falando disso, já que não é um assunto da sua conta. Você pode me devolver a anilha agora?

— Lara... — Ele chamando meu nome era um som que sempre fazia meus sentimentos entrarem em colapso.

— A anilha, Ian — pedi, dessa vez mais firme.

— Deixa que eu coloco essa porra no lugar. — Ele encaixou o peso no lugar indicado. — Pronto. Agora você pode continuar fingindo que gosta dessa palhaçada pra agradar o imbecil.

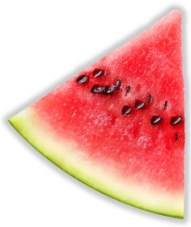
Odiava quando Ian falava como se me conhecesse bem, como se não tivesse passado anos longe de mim. E odiava ainda mais o fato dele estar certo sobre tudo.

— Eu sou ótima fingindo coisas, como, por exemplo, que a minha vida está completamente normal mesmo quando meu coração foi despedaçado pelo idiota por quem eu era apaixonada.

Notei o exato momento em que a raiva e a tristeza invadiram os olhos de Ian. Ele sabia que eu estava me referindo ao nosso passado. Às vezes, o meu ex-namorado conseguia extrair o pior de mim, me fazendo usar as minhas palavras mais duras para feri-lo.

— Vê se não se machuca — ele disse antes de virar as coisas e ir embora.

Quando se afastou, comecei a fazer o exercício. Mas, infelizmente, nem as músicas da Pane estavam conseguindo atenuar o barulho dos meus pensamentos. Como Ian e Mauro podem ser tão diferentes e me causarem sensações tão parecidas?



Capítulo 24.

IAN DINIZ

Minha rotina tinha voltado ao normal depois que dona Beatriz Diniz tinha ido embora. Por incrível que pareça, eu gostei de estar com ela, o que era um tanto inédito para nós dois há uns bons quinze anos.

Eu entendia minha mãe, mas ao mesmo tempo, não conseguia apagar toda a mágoa que carregava comigo. O Ian de agora, adulto e pai, compreendia que ter um filho nas adolescência não é a situação mais fácil do mundo. Todos nós estamos suscetíveis a errar. Mas o Ian de antes… A criança que teve mais babás do que pode contar, porque acreditava que se aprontasse muito e a profissional fosse embora, a mãe voltaria. O adolescente que preferia tirar notas ruins na escola só para tentar chamar alguma atenção. O jovem adulto que nunca se sentiu em casa até se mudar para a mesma cidade dos familiares que mais amava no mundo. *Esse* Ian ainda era parte de mim e talvez fosse por um longo tempo, mas eu estava disposto a tentar ter uma boa relação.

— Hoje eu vou ficar com tio Caio? — Alice perguntou, enquanto eu tentava com muito afinco fazer uma trança embutida nos seus fios ondulados. Como alguém que tinha tanta destreza na cozinha como eu podia ser tão terrível manuseando cabelos?

O dia de Conselho de Classe na escola era sempre um dia complicado enquanto morávamos em São Paulo, pelo menos até que Sol entrou nas nossas vidas. Aqui, tinham tantas pessoas que se disponibilizavam a me ajudar, que não demorou muito até alguém sugerir ficar com a minha pequena no dia de hoje.

— Isso mesmo, ele vem te buscar daqui a pouco e você vai passar o dia com os dois.

Alice soltou uma risadinha e levou as mãos à boca, como se quisesse esconder o sorriso. Ergui uma sobrancelha, inclinando o corpo para frente para enxergar seu rosto atrevido.

— Que cara é essa, senhorita Alice Diniz?

— O tio Caio fala muito palavrão, é engraçado.

— Não aprenda essas palavras feias com ele, pequena. Ele é um bobão — falei, embora eu mesmo também tivesse o costume de falar muitos palavrões. Bom, pelo menos até Alice estar presente na minha vida. Era parte do dialeto do Rio de Janeiro, porra.

— Eu posso falar “que cocô”, não posso? A tia Lara que me ensinou!

Só de ouvir o nome da minha ex-namorada já era o suficiente para sentir a porra do meu coração dar cambalhotas dentro do peito. Tínhamos discutido há não tanto tempo atrás quando a encontrei na porra de uma academia. Aquilo certamente era influência daquele imbecil brocha.

Lara sempre odiou aquele ambiente e não tinha motivo para se forçar a estar naquele lugar quando era mais gostosa do que todas as mulheres de lá somadas.

— Pode — permiti, mesmo que pudesse me arrepender depois.

Não demorou muito para que o interfone tocasse com o porteiro anunciando que Caio tinha chegado. Deixei a porta aberta e voltei a me concentrar na trança. Não satisfeita com uma, Alice tinha me pedido por duas unidades. A primeira não tinha ficado tão ruim, mas estava longe de parecer uma trança embutida.

— Tô entrando — Caio avisou, dando duas batidinhas na porta.

— Estamos aqui no canto — avisei. Alice estava sentada em uma das banquetas altas que costumávamos usar na cozinha para que conseguisse ficar mais próxima da minha altura.

Meu primo surgiu no arco que dividia a cozinha da sala, ainda que as duas fossem integradas. Ele cruzou os braços na frente do peito e tossiu para chamar atenção de Alice. Minha filha virou o rosto para encará-lo e abriu um sorriso gigante.

— Oi, tio Caio! É verdade que nós vamos tomar sorvete hoje?

— Só se você almoçar tudo — ele retrucou. Levantei o polegar em aprovação. Bom começo para um futuro pai.

— Nós vamos encontrar com a titia Cora?

Caio se aproximou de nós colocando um beijo na testa de Alice e se recostando na ilha da cozinha.

— Eu não sei, baixinha, a tia Cora tá no trabalho. — O rosto de Alice murchou na mesma hora. Ela amava minha irmã de consideração tanto quanto eu. — Talvez a gente possa fazer uma surpresa pra ela e ir até lá no horário de almoço, que tal?

Minha filha ergueu os bracinhos no ar e balançou em uma dancinha da comemoração que tinha aprendido recentemente em algum desenho animado. Soltei uma risada.

— O que você tá fazendo no cabelo da Alice? — Caio perguntou, franzindo as sobrancelhas em um olhar de julgamento para a minha trança.

— Tranças embutidas — falei, perdendo um pedaço das três mechas e vendo a segunda trança desmontar quase toda. — Mer… Cocô!

— Sai daí. — Meu primo revirou os olhos e fez um gesto com as mãos para que eu me afastasse.

Cruzei os braços, dando espaço para que Caio se aproximasse e observando meu primo como se fosse uma atração de circo. Ele achava *mesmo* que conseguiria fazer algo melhor?

— O que você vai fazer? — questionei.

— Uma trança, por… caria — disse, paciente como sempre.

— E desde quando você sabe fazer tranças? — Que porra era essa? Como os dedos de Caio pareciam não ter dificuldade nenhuma em segurar três mechas e passar uma sobre a outra?

— Desde que Lara começou a ter cabelo comprido.

Em aproximadamente 48 segundos, Caio conseguiu terminar a segunda trança que eu estava levando uma surra para conseguir deixar minimamente apresentável. Ele desceu Alice do banco alto e eu fiz um gesto com a cabeça para que ela fosse até o quarto buscar a mochila que tínhamos arrumado mais cedo.

— Valeu, cara, eu sou péssimo nessa porra — assumi, andando para trás do balcão para terminar de arrumar os últimos itens do café da manhã.

— Achei que tinha aprendido uma coisa ou outra, já que passava tanto tempo com a minha irmã há uns anos.

Ah.

Porra.

Virei de costas, evitando que ele pudesse ver meu rosto que entregaria todo o nervosismo. Será que Caio sabia sobre o que tinha acontecido entre nós? Não, Cora teria me falado. Ela disse que ele suspeitava de algumas coisas, mas não…

— Dá pra você parar de fingir que tá lavando o caralho do copo? — *Merda.* Virei devagar, balançando a cabeça em uma falsa inocência que não convencia nem a mim mesmo. — Por que você tá agindo como se tivesse sido pego no flagra? Ofende a minha inteligência você realmente achar que

eu não fazia ideia que você e a Lara tiveram um rolo no passado. Eu não sou idiota, Ian.

— Eu… — gaguejei como a porra de um adolescente conhecendo os pais da namorada pela primeira vez. Eu conhecia Caio a vida inteira, droga! — Essa é a parte que você prefere que eu minta ou é melhor pra mim mesmo só assumir a verdade?

Meu primo bufou, perdendo a paciência mais uma vez.

— O que você acha que vai acontecer? Que eu vou quebrar a sua cara por algo que aconteceu há sei lá quanto tempo?

— Honestamente? Sim. — *Especialmente se você ficar sabendo de todos os detalhes do que aconteceu. Não só do término, mas da forma como tirei a virgindade da sua irmãzinha mais nova.*

— Não é uma ideia ruim — fingiu pensar. — Fala sério, porra, não vou te bater agora.

— Obrigado?

Caralho, eu estava totalmente perdido nessa conversa. Quem inventou de chamar Caio para ficar com Alice no dia de hoje? Ah é, eu mesmo.

— Eu estava ocupado demais procurando pela minha mulher na época que você foi um cuzão filho da puta. Que bom que vocês dois botaram a cabeça no lugar antes que as coisas ficassem mais complicadas.

Senti meu coração acelerar dentro do peito com a última frase. Me questionei por muito tempo o que o resto da família acharia da minha relação com Lara. Se tivesse ido para frente, como seria? Gostava de acreditar que teria sido bem recebida. Mas escutar o que Caio tinha acabado de dizer, me destruiu um pouco por dentro. Abaixei os olhos voltando a arrumar a bancada, sem conseguir controlar as palavras que deixaram minha boca.

— Seria tão ruim assim? Se a gente tivesse ficado junto? — *Porra, o que eu estava fazendo?*

Eu não precisava encarar o meu primo para saber que ele tinha erguido uma sobrancelha com curiosidade. Caio se debruçou sobre o balcão, os punhos tatuados fechados perigosamente perto do meu rosto.

— O que tá pegando, Ian?

— Como assim? — devolvi, sentindo o ar travar na minha garganta.

— Caralho, você tá a fim dela.

Ergui os olhos, encontrando seu semblante em uma mistura de confusão e curiosidade. Eu deveria negar? Assumir? Arriscar levar um soco?

— Estou prontinha! — a voz alegre de Alice chamou nossa atenção, com a pequena correndo com a mochila nas costas e um ursinho de pelúcia em mãos.

Respirei aliviado de poder escapar dessa conversa esquisita.

— Depois a gente volta nesse assunto, parceiro — Caio falou. — Pode ficar tranquilo que eu não vou esquecer.

— Caio… — tentei justificar, embora não fizesse a menor ideia do que pretendia falar depois.

— Relaxa, Ian. — Ele se abaixou e pegou Alice no colo. — Respondendo a sua pergunta… Não, não seria tão ruim assim, seu filho da… — Arregalei os olhos em um aviso silencioso sobre o palavrão. — sua mãe.

Alice lançou um olhar esquisito, estranhando a frase, mas não falou nada.

— Eu não seria igual aquele babaca — escapou da minha boca antes que eu pudesse controlar. Porra, eu estava com a língua solta hoje.

— Eu sei que não.

Assenti uma vez com a cabeça, o alívio me percorrendo com aquele breve reconhecimento. Eu podia ter errado com Lara no passado e me arrependia amargamente da situação dia após dia, mas gostava de acreditar que eu tinha me tornado uma pessoa diferente.

— Está pronta pra irmos, baixinha? — ele perguntou para a minha filha, que pelo sorriso gigante no rosto, estava bastante animada.

— Sim, sim, sim! — vibrou. — Até mais tarde, papai.

Sorri, acenando para os dois enquanto atravessavam a minha porta em direção ao elevador. Era sempre esquisito ficar em casa sem Alice. Ficava silencioso demais, calmo demais. Não parecia minha própria casa, para ser bem sincero.

Balancei a cabeça, tentando parar de pensar sobre a conversa com Caio e a forma como me entreguei para caralho. Tomei um banho demorado, aproveitando o tempo sem a pequena para curtir a ducha quente.

Eu tinha algumas horas para curtir em casa sozinho antes de sair em direção ao trabalho. Tinha combinado com Giovanna de nos encontrarmos antes da abertura do bar para alinhar os últimos aspectos sobre um dos pratos recentes que tinha decidido incluir no cardápio de almoço. A linguiça toscana com cebola caramelizada e arroz de açafrão não era um prato de

difícil execução, mas a farofa de alho-poró com nozes era um prato que eu tinha levado um tempo aperfeiçoando até que ficasse perfeita.

— Bom dia, Gio — cumprimentei quando entrei na cozinha do BarVelar horas depois. A minha *sous chef* já estava devidamente vestida com o dólmã e tinha adiantado uma boa parte do *mise en place* do dia. — Madrugou por aqui?

— Bom dia, Ian — devolveu com um sorriso no rosto. — Fiquei com medo de me atrasar no trânsito e acabei chegando cedo demais. Também estava um pouco ansiosa para aprender a sua farofa.

Eu não era burro. Já tinha notado que Giovanna gostava *demais* de trabalhar comigo. Talvez em um outro momento da minha vida eu não teria perdido tempo antes de levá-la para cama, mas agora… As coisas não só eram complicadas por conta de Alice como também eu não tinha olhos para ninguém que não fosse Lara Avelar. Eu nem lembrava há quanto tempo não transava. Porra, o Ian do passado devia estar me achando um lunático.

— Você vai ver que é simples, mas é necessário um preciosismo em algumas medidas — comecei a explicar. — Pode me passar o azeite?

A mulher assentiu e esticou o braço para alcançar a garrafa de vidro verde que deixávamos no lado direito da bancada. Puxei a panela alta de inox que eu mantinha nos armários superiores e liguei a minha boca favorita do fogão industrial. Despejei um fio generoso de azeite e esperei que começasse a aquecer.

— O primeiro detalhe é que a gente só pode entrar com o alho-poró quando a panela atingir 185 graus.

O olhar de Giovanna estava atento na minha panela, praticamente sem piscar. Diferente do antigo imbecil que eu chamava de chefe, eu gostava de passar meu conhecimento adiante. Não era inseguro a ponto de achar que alguém conseguiria fazer minha receita melhor do que eu, então não havia motivos para temer. Eu sempre seria o melhor, no final das contas.

Verifiquei a temperatura do azeite com o termômetro e peguei a tábua com os ingredientes cortados em lascas finas, despejando na panela.

— Quando o alho-poró começar a dou…

Minha frase foi interrompida pelo som de passos vindo na direção da cozinha. Achei que podia ser qualquer um dos funcionários chegando mais cedo do que o de costume, mas a silhueta curvilínea que surgiu no batente e pareceu se assustar com a cena estava longe de pertencer a quem eu esperava.

— Ah, desculpem, eu não sabia que teria alguém por aqui — Lara falou. Meus olhos travaram nela, da forma que faziam sempre que ela entrava no ambiente. — Nick me deu a chave pra vir cuidar das PANCs e… — Seu olhar desviou de nós, o rosto ficando levemente avermelhado.

— Pode ficar à vontade, Lara — me apressei em dizer. — Se a gente te atrapalhar, podemos deixar o que estamos fazendo para depois.

— Ian, o alho-poró está queimando — Gio me chamou atenção. Encarei a panela, onde os pedaços já estavam mais tostados do que deveriam. A farofa teria que ficar para depois, aparentemente.

— Porra — xinguei, tirando a panela do fogo e desligando.

Eu nem tinha percebido o cheiro de queimado enquanto meus olhos estavam focados em Lara, mas agora ele dominava o ambiente. Eu podia contar nos dedos de uma mão quantas vezes na vida eu tinha queimado comida, mas com minha ex-namorada usando uma saia justa que destacava suas pernas, eu facilmente me tornaria o pior cozinheiro do planeta.

— Acho que é melhor a gente começar de novo, senão não teremos tempo — a *sous chef* sugeriu. Voltei a encarar Lara, que fuzilava a mulher ao meu lado com os olhos como se pudesse trucidá-la em pedacinhos. Eu conhecia bem aquele olhar: ciúmes. Minha garota sempre foi uma gostosa ciumenta.

— Vou deixar vocês a sós e sem atrapalhar. — Lara deu as costas, virando-se na direção do espaço onde nossa pequena criação de plantas alimentícias não convencionais vinha sendo mantida.

Ela saiu tão rápido, que mal tive tempo de falar qualquer coisa para impedi-la.

— Vamos continuar? — Giovanna perguntou, tentando novamente capturar minha atenção. Mas eu seguia observando as costas de Lara se movendo enquanto pegava os utensílios que usava nas mudas.

— Me dá um tempinho e já volto — avisei, limpando as mãos no pano que deixava pendurado ao meu lado. — Você pode ir adiantando a linguiça e o arroz.

Andei até o local onde tinha visto Lara desaparecer e dei três batidas na porta, mesmo que ela estivesse aberta. Lara estremeceu, derrubando algumas gotas de água que estava colocando dentro do borrifador.

— Que susto — reclamou, me olhando rapidamente com o cenho franzido e voltando a se concentrar nas plantas. Ou a fingir estar

concentrada, já que levou uns bons segundos tentando encaixar a tampa do borrifador. — O que você quer?

Abri um sorrisinho sem conseguir me controlar. Ela estava com ciúmes. Ciúmes de mim.

— Ver como estão as plantas — menti. Porra, nesse momento, eu não estava dando a mínima para as plantas mesmo que elas fossem essenciais para o concurso.

Lara me olhou por cima do ombro, seu cabelo comprido escorrendo pelas costas e me fazendo ter pensamentos muito sexuais. Parecia do tamanho perfeito para que eu pudesse puxar enquanto a comia de quatro. *Caralho.*

Senti meu pau endurecer. Obrigado a todos os cozinheiros que inventaram um avental no passado. Ele certamente estava me salvando nesse momento.

— Eu sei fazer o meu trabalho, Ian — alfinetou em um tom ácido. — Por que você não vai fazer o seu junto com a sua… amiga?

O sorriso se ampliou ainda mais em meu rosto. Dei um passo na sua direção, permanecendo com o meu corpo próximo o suficiente para que ela sentisse o meu calor sem que eu precisasse encostar um dedo sequer. Minha intenção era provocá-la, mas não contava com a mistura estranhamente excitante do seu cheiro de melancia com o perfume da erva de borboleta.

— Giovanna é minha colega de trabalho.

— Não ligo para o que ela é — falou, apertando o borrifador em direção ao peixinho de horta. — Você não me deve satisfação. O único que me deve satisfação é o meu namorado.

Senti meu rosto murchar em uma expressão enraivecida. Só de escutar uma menção a esse babaca, todo o meu sangue fervia. Cerrei os punhos ao longo do corpo e precisei empurrar o Ian rebelde do passado para o lugar onde eu o mantinha nos últimos tempos.

— Aquele cara é um imbecil, Lara — deixei escapar. É claro que isso a deixaria com raiva, por mais que, às vezes, eu achasse que ela também sabia disso.

Minha ex-namorada se virou, ficando perigosamente próxima de mim. Se tivéssemos a mesma altura, nossos rostos estariam quase se esbarrando, mas ela era uns bons centímetros menor do que eu. Ainda assim, senti minha respiração acelerar.

— Não pedi a sua opinião sobre ele — retrucou.

— Até porque se tivesse me pedido, eu te diria que você merece alguém muito melhor.

Ela semicerrou os olhos e soltou uma risada de escárnio. Se achava que poderia me afastar com um falso deboche, estava muito enganada. Lara podia me atacar de todas as formas, mas eu também tinha uma arma: eu a conhecia. Muitas vezes até melhor do que ela mesma.

— Alguém muito melhor? — insinuou. — Melhor tipo quem? *Você?*

— É. Melhor tipo eu. — A julgar pelo leve arregalar dos seus olhos, ela não esperava que eu fosse confirmar.

Dei mais um passo na sua direção, prendendo seu corpo entre o meu e a bancada onde as plantas ficavam apoiadas. Sua respiração travou na garganta, seu rosto branco se tingindo de um tom intenso de vermelho.

— Você… — gaguejou. Abaixei meu rosto, me aproximando mais do seu.

Porra, se ela não se afastasse… Eu a beijaria. Foda-se aquele bombado brocha, foda-se o fato que eu tinha colocado na cabeça de que esperaria o seu tempo de me perdoar, foda-se o passado. Se dependesse de mim, eu a beijaria. Eu a beijaria e tocaria o corpo com o qual venho sonhando há tantos anos que ainda consigo sentir a textura sob a minha palma.

— Eu o quê? — insisti.

— Você não sabe de porra nenhuma, Ian. — Suas mãos vieram para o meu peito e me empurraram para trás. Lara se virou de costas para mim mais uma vez, mas não me dei por vencido.

Meu pau pulsava dentro da calça jeans, meu coração estava acelerado dentro do peito e o cheiro de melancia que emanava do seu cabelo era uma espécie de entorpecente para os meus sentidos.

— Eu sei que você não tem nada a ver com aquele cara — continuei. — Ele é um otário, caralho. Vocês nem gostam das mesmas coisas e…

— Você não sabe nada sobre o que eu gosto.

É claro que eu sei.

Grudei meu corpo no dela, abaixando meu rosto até o vão do seu pescoço, deixando minha respiração propositalmente aquecer e arrepiar a região. Minha ereção estava quase furando a merda da cueca e tinha certeza de que Lara podia sentir. Um gemido rouco e baixo escapou da sua garganta, o borrifador escapando das suas mãos e rolando até o chão.

— Tem certeza? — sussurrei, deixando meu lábio inferior resvalar no seu lóbulo. Um mínimo movimento da sua cabeça, quase imperceptível,

cedendo um pouco mais de espaço, foi tudo que precisei para continuar a provocação.

Coloquei a ponta da língua para fora, lambendo o espaço que descia da sua orelha até a clavícula. Eu estava sonhando? Isso era mais um dos meus muitos sonhos em que eu me reaproximo de Lara?

— Ian… — gemeu. Meu cacete pulsou com força em um aviso de que não era um sonho. Essa porra era real. Lara tinha gemido o meu nome de novo.

Apertei meus punhos, tentando controlar minha vontade de puxá-la para mim. Deveria fazer isso? Eu deveria empurrar as plantas no chão e a jogar em cima dessa bancada? Ela ia me odiar se eu fizesse isso? Ia voltar a me tratar com indiferença? Porra, eu não queria isso.

Mas ao mesmo tempo…

— Eu sei muito bem o que você gosta, amor. — O apelido carinhoso saiu da minha boca sem que eu pudesse prever. Era só… natural. Estar assim perto de Lara era natural. Era familiar. Era… como estar em casa.

Perdendo minhas batalhas contra mim mesmo, deixei que minha mão fosse até a sua cintura, apertando e trazendo seu corpo para o meu. Caralho, que saudade senti disso!

Fechei os olhos, inspirando sua fragrância enquanto a ponta dos meus dedos buscava o espaço entre a saia e blusa, só para tocar a sua pele.

— Ian, isso não é uma boa…

— Oi, papai! Oi, tia Lara! — Pulei tão assustado para trás que tropecei no borrifador e quase fui de cara em um dos vasos de planta. Porra, o que Alice estava fazendo… *Ah.*

Quando virei para procurar pela minha filha, recebi um olhar nada amistoso de Caio, parado de braços cruzados no batente da porta.

— Estou atrapalhando alguma coisa por aqui?

Lara andou para o canto oposto ao meu, parecendo tão desnorteada que nem sabia como responder ao irmão mais velho. Caio olhava entre nós, com os lábios torcidos em uma linha fina e a expressão de quem pretendia me dar uma surra.

Porra, achei que tínhamos ido bem mais cedo.

Mas talvez ele não quisesse me presenciar pressionando o pau duro na sua irmãzinha. Na sua irmãzinha *comprometida.*

— Eu só vim olhar as plantas e… — Lara tentou se explicar, o que só deixou a situação ainda mais comprometedora.

— O que aconteceu? — perguntei, me abaixando para falar com Alice.

— Surgiu a por… caria de um problemão com um fornecedor e precisei vir resolver. Trouxe a baixinha comigo, mas não sabia que vocês dois estariam *ocupados*. — O tom de voz do meu primo emprestado não deixava margem para dúvidas: eu estava fodido.

— Na verdade, eu já estou de saída pra Pétala & Flor — Lara falou, se abaixando para pegar o borrifador ainda esquecido no chão.

— Papai, eu posso ir com a tia Lara? — Alice puxou meu dólmã, implorando com os olhinhos castanhos brilhando de empolgação.

— A tia Lara vai trabalhar, pequena. Você vai ficar com o papai na cozinha por hoje, tá bem? — A cara emburrada que recebi como resposta me dizia que a notícia não tinha sido bem recebida.

— Por favor, papai!

— Alice, já disse que…

Estava prestes a repreender minha filha, quando Lara interrompeu.

— Eu não me incomodo que Ali fique comigo.

Ergui meus olhos para encará-la, ainda sentindo que estávamos sob os olhos atentos de Caio. Ele não tinha sei lá o quê urgente para resolver, cacete?

— Não precisa, Lara, a Alice…

— Sei que não precisa — me cortou. — Não é um favor, eu gosto de ficar com ela. Ali é minha ajudante, não é? — falou, dessa vez piscando um olho para a minha filha.

De todas as coisas que Lara Avelar podia fazer para me deixar ainda mais apaixonado, ela escolheu o golpe mais baixo. Vê-la amar Alice era algo que fazia com que tudo dentro de mim parecesse colapsar. Positivamente, é claro.

— Eu posso usar o avental de florzinha? — minha pequena pediu. Lara soltou um risinho, mas assentiu.

— Só se você me ajudar a colocar algumas dormideiras para dormir. — Alice já tinha corrido até ela, pegando sua mão e esquecido da minha presença em segundos. Lara andou com ela até a porta e se virou para mim antes de dizer: — Trago ela de volta mais tarde.

Nem percebi que estava a encarando até que escutei uma falsa tosse interromper meus pensamentos.

— Eu não vou nem perguntar nada porque não quero ser obrigado a te dar um soco — Caio falou, esfregando a própria testa. — Mas, caralho, Ian,

que porra vocês dois estão fazendo?

Suspirei, me recostando na bancada para responder.

— Não estamos fazendo nada.

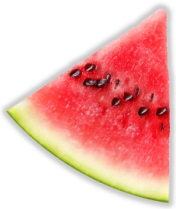
Queria que fosse mentira, mas infelizmente não era.

— Então a cena que flagrei aqui não foi nada? — Assenti, dando de ombros. — A sua sorte é que odeio demais aquele cuzão bombado para dar a mínima, mas vou te dar um aviso… — Caio deu um passo na minha direção, erguendo o dedo na direção do meu rosto. — Se você machucar minha irmã, eu vou te arrebentar.

Porra, ele podia ser bem assustador quando queria.

— Fui claro? — insistiu. Engoli em seco.

— Não vou fazer isso — respondi. *Não novamente.*



Capítulo 25.

LARA AVELAR

Eu estava perdendo o controle.

Ian tinha me levado à beirada do precipício e, por muito pouco, não deixei que me empurrasse.

O que teria acontecido se meu irmão e Alice não tivessem aparecido? Eu teria deixado que continuasse me tocando? Eu teria deixado que me beijasse?

A voz no fundo da minha mente me dizia que sim, eu teria. Eu não podia mais negar que o meu ex-namorado ainda tinha poder sobre mim. Talvez bem lá no fundo, por trás de toda mágoa, eu ainda sentisse algo por ele. Uma sensação de que nossa história tinha recebido um ponto e vírgula e não um ponto final.

Mas eu não podia permitir que as coisas seguissem desse jeito. Precisava cortar Ian antes que eu me tornasse a pessoa que sempre julguei.

— Tia Lara, por que as dormideiras dormem desse jeito e as outras plantinhas não? — Alice perguntou assim que entramos na Pétala & Flor.

Ela tinha desenvolvido uma espécie de adoração pelas dormideiras desde que tinha as tocado pela primeira vez. E, para ser bem sincera, era totalmente compreensível. Quando eu tinha a idade dela também achava mágico. Talvez ainda ache.

Andei até ela e me abaixei ao seu lado. Estiquei o dedo e toquei a planta. Quase imediatamente suas folhas se fecharam, deixando-a como se estivesse dormindo.

— Elas fazem isso pra se proteger — expliquei. — Quando elas estão na natureza, algum inseto pode pousar e comer as folhas, então elas se fecham pra que isso não aconteça.

— Tia Lara — chamou mais uma vez, como se eu não estivesse bem ao seu lado. Prendi uma risadinha. — As plantas têm filhos?

De todas as perguntas sobre plantas que imaginei receber, essa não era uma das mais frequentes. Tecnicamente, eu até sabia um pouco sobre a

reprodução das plantas, mas daí a explicar para uma criança de cinco anos…

— Elas têm. — Não me alonguei, talvez se eu não desse muito assunto, Alice não insistiria e…

— E como é?

— Bom… — Busquei uma forma qualquer de tentar explicar, por mais complicado que fosse. — Normalmente são os passarinhos e os outros bichinhos da natureza que ajudam levando as sementes. — *Ótimo, Lara! Uma resposta objetiva e segura.*

— Os passarinhos também ajudam as pessoas a terem filhos?

Péssimo, Lara. Tinha sido uma péssima ideia entrar no assunto de filhos com uma criança. Se eu falasse alguma besteira, Ian iria me matar.

— Ahn… Não. É diferente.

— E como é? — *Ah, meu Deus…*

— Quando duas pessoas se amam muito… — comecei. — O amor delas faz nascer um filho.

Era uma explicação péssima, mas era o melhor que eu tinha conseguido pensar sob pressão. A forma como as sobrancelhas de Alice se franziram me indicavam que ela não estava nem um pouco satisfeita com a minha explicação.

— Então eu nasci porque meu papai amou muito a minha mamãe estrelinha?

Senti meu coração afundar e a sensação terrível de ter falado algo de errado me atingir. O que eu poderia responder? Entre as duas opções possíveis, uma machucaria Alice e a outra machucaria a mim mesma. Só havia uma escolha possível.

— É, seu pai amou muito a sua mãe e foi assim que você nasceu.

Alice balançou a cabeça em concordância, parecendo ponderar sobre a minha declaração.

Eu odiava pensar sobre Cristiane. Odiava ver as fotos dela, odiava escutar o nome dela e odiava ainda mais a forma como tudo isso me fazia sentir. Me sentia culpada por odiar uma pessoa que nem estava mais viva para se defender. Que tipo de pessoa horrível eu era?

— Eu preferia ter outra mamãe — Ali confessou, me pegando desprevenida.

Enquanto eu mesma me martirizava por pensamentos ruins sobre os quais eu não tinha controle, Alice era sincera sobre como se sentia sem nem

titubear. Ser criança era mesmo maravilhoso.

— Por quê?

Ela afundou o dedo no vaso de terra, brincando de arrastar para um lado e para o outro.

— Todas as minhas amigas da escola têm mamãe que vai buscar na escola e eu não.

Pela segunda vez, senti meu coração apertar, mas agora, parecia doer ainda mais. Virei o corpo de Alice na minha direção, avaliando seu rostinho chateado.

— Mas você tem o seu pai. Tenho certeza que muitas das suas amigas da escola adorariam ter um pai tão incrível quanto o seu. — Nem percebi que as palavras que deixavam a minha boca eram sobre Ian.

Mas estava sendo sincera. Ian e eu podíamos ter todos os problemas do mundo, mas ele era um ótimo pai para Ali. E, por mais que nossa história fosse complicada, eu ainda me orgulhava dele toda vez que pensava sobre isso. Talvez se a Lara de dezessete anos soubesse que todo aquele sofrimento teria pelo menos esse impacto positivo, não tivesse demorado tanto a superar.

Você nunca superou, Lara. Uma voz masculina que parecia pertencer ao meu namorado soou dentro da minha cabeça.

Eu estava enlouquecendo.

Ian Diniz estava me enlouquecendo.

— Mas eu queria ter uma mamãe pra fazer o dia de mãe e filha — falou, fazendo um biquinho.

— E o que é um dia de mãe e filha?

— É quando a mamãe e a filha passeiam e pintam as unhas e também fazem trança no cabelo e usam as mesmas roupas — explicou. — Meu papai nem tem cabelo pra fazer trança.

E, de repente, eu sabia o que queria fazer. Esperava que Ian não surtasse por isso, mas…

— E o que você acha de nós duas fazermos isso hoje? — propus. Os olhos de Alice se arregalaram em uma expressão de choque.

— Um dia de mãe e filha? — perguntou. Balancei a cabeça concordando enquanto meu coração disparava dentro do peito.

Quando Ian voltou para Teresópolis, eu o xinguei de todos os nomes possíveis. Talvez ainda xingue de vez em quando. Mas, por algum motivo,

eu amava essa menina que tinha os mesmos olhos dele com todo meu coração.

— Nós vamos poder usar roupas iguais?

— A gente pode ir no shopping e procurar juntas, que tal? — sugeri. Alice estava tão animada que mal conseguia parar no lugar, inquieta enquanto comemorava com os bracinhos erguidos. — Primeiro, vamos tirar esse avental e eu vou ligar pro seu pai e perguntar se tudo bem a gente dar uma volta.

Ali virou de costas e eu desatei o nó do avental gigante que sempre parecia um vestido nela. Eu precisava comprar uma versão infantil urgente.

— Por que você não rega as orquídeas enquanto eu falo com o seu pai? — sugeri. O sorriso satisfeito surgiu nos meus lábios quando vi Alice pegar o regador e seguir exatamente para o local correto, sem nenhuma dúvida de quais eram as flores certas.

Eu não tinha o número do celular de Ian, mas sabia o do BarVelar de cór há uns bons anos.

— BarVelar, como posso ajudar? — a conhecida voz de Clarissa soou do outro lado da linha.

— Oi, Clarissa! É Lara. Posso dar uma palavrinha com o Ian, por favor? — pedi. Ela prontamente disse que iria chamá-lo. Não levou nem trinta segundos para que eu escutasse a voz dele do outro lado da linha.

— *Lara? Aconteceu alguma coisa com vocês? — Com vocês.* Não com Alice. *Comigo* também. Que merda, por que ele tinha que ser assim?

Mesmo o tom preocupado não me preparou para a sensação de calafrio que senti ao escutar sua voz pelo telefone mais uma vez. Era normal que ele continuasse tendo efeitos sobre mim? Mesmo depois de tanto tempo e… Depois de tudo?

A sensação da sua mão na minha cintura e da sua boca no meu pescoço há poucas horas atrás me fez arrepiar.

Céus, eu precisava parar com isso!

— Não, não se preocupa, tá tudo bem com a gente. — Meu rosto afogueou mesmo falando com ele através do telefone. — Tô ligando porque queria saber se posso levar a Ali no shopping. Nós queríamos comprar…

— *Claro que pode* — interrompeu. — *Lara, eu confio em você. Talvez só…* — Ele pareceu pensar antes de arriscar dizer as próximas palavras. — *Você devesse pegar meu número pra alguma emergência.*

Minha respiração ficou mais acelerada e o suor se acumulou nas minhas têmporas mesmo que não fizesse mais do que vinte graus em Teresópolis.

— Eu… — O que eu deveria fazer? *Para de ser doida, Lara. Pegar o telefone de Ian é o menor dos seus problemas.* — É, me passa seu número.

Peguei o bloquinho que deixava no balcão e anotei o celular do meu ex-namorado.

— *Qualquer coisa, sabe que pode me ligar. A hora que for* — reforçou. E eu sabia que ele não se referia só ao meu dia de hoje com Alice.

Agradeci, sentindo minha voz sair mais fraca e desliguei o telefone, antes que eu me entregasse ainda mais. Não adiantava mentir para mim mesma: eu estava mexida. Talvez fossem os problemas recentes no meu relacionamento com Mauro, ou quem sabe os sentimentos despertados depois que Ian voltou para a cidade. Talvez até mesmo fossem as memórias que ter ele por perto me despertava. As *boas* memórias. Mas eu já tinha aprendido ao longo dos anos que por mais que eu amasse uma memória, uma memória não era capaz de me amar de volta. Era só isso que era: uma lembrança.

Dei a mão a Alice e seguimos em direção ao principal shopping da cidade. Não ficava muito distante da Pétala & Flor. Andamos algumas quadras e em poucos minutos as vitrines das lojas já eram nossas melhores amigas. Eu sabia exatamente onde queria levá-la. No final do corredor do segundo piso, ficava a *Amor de Algodão,* loja que eu amava ir com a minha mãe quando era mais nova. Eles eram especializados em produzir roupas praticamente idênticas na versão adulta e infantil, exatamente para que mães e filhas pudessem se vestir da mesma forma.

— Sejam bem-vindas, meninas — a vendedora nos cumprimentou. — Estão procurando por algo em especial?

— A gente quer ficar igualzinha! — Alice se prontificou a responder. Abri um sorriso.

— Então vieram ao lugar certo. Você tem alguma roupa que goste mais, princesa? Saia, short, vestido…

Deixei que Ali tivesse autonomia para se comunicar. Queria que fosse um momento especial para ela, que pudesse realizar a vontade de ter uma companhia do sexo feminino fazendo as mesmas coisas que suas amigas da escola faziam.

— Eu gosto muito de vestidinhos — falou, os olhos brilhando enquanto olhava para as araras repletas de peças. — E gosto muito de roupinha

vermelha!

A vendedora fingiu pensar, colocando uma mão no queixo.

— Acho que tenho a peça ideal. — A vendedora se virou na minha direção. — Qual o tamanho de vocês?

A pergunta que eu mais odiava responder na vida. Talvez só odiasse menos do que responder meu peso para alguém.

— Ela tem cinco anos — respondi, sem saber ao certo como costumavam ser os tamanhos infantis. — Eu visto 42, mas dependendo pode ser 44 também. Se a forma for pequena talvez seja melhor um…

— Pode ficar tranquila, vou trazer o vestido perfeito — me interrompeu gentilmente com um sorriso no rosto. — Se quiserem esperar no provador, é bem ali.

Segui com Alice o caminho apontado pela vendedora. Quando decidi fazer esse passeio com ela, nem considerei o fato de que comprar roupa em loja era uma tarefa que me deixava ansiosa e tensa na mesma medida. Talvez só hoje eu pudesse esquecer meus pensamentos terríveis e focar no que realmente importa: criar boas memórias com Ali. *Para* Ali, na verdade.

Alice dançava animada dentro do provador enquanto esperávamos a vendedora voltar com as roupas. Não demorou nem cinco minutos para que a mulher aparecesse com dois cabides, um contendo um peça em tamanho adulto e outra em tamanho infantil. O vestido vermelho cereja era de meia manga e justo até a cintura, onde uma saia em formato evasê descia até o meio das pernas. Era lindo, mas… Deixaria muito das minhas coxas de fora. Talvez todos reparassem nas celulites do mesmo jeito que Mauro reparava.

— Prontinho, se precisarem de ajuda para vestir, estarei bem aqui — a vendedora ofereceu.

Fechei a cortina e ameacei ajudar Alice a se despir, mas na mesma hora a pequena adolescente recusou, dizendo saber tirar a roupa sozinha. Ela até mesmo tentou colocar o vestido, mas precisei auxiliá-la com as mangas. O vestido tinha ficado simplesmente perfeito e senti até meus olhos lacrimejarem.

— Você ficou linda, Ali. — Ela segurou na bainha da saia, girando como se fosse uma bailarina.

— Agora é sua vez, tia Lara!

Respirei fundo, fitando meu reflexo no espelho e tirei a blusa pela cabeça. Peguei o vestido do cabide e preferi não olhar a etiqueta antes de

vesti-lo. O coloquei por cima da calça mesmo, só para ser mais rápida. Ainda encarava o tecido quando escutei uma exclamação de Alice.

— Uau! — Quando me virei para olhá-la, seus olhinhos castanhos brilhavam praticamente sem piscar. — Você ficou igualzinha a mim!

Desviei devagar meus olhos para o espelho à nossa frente. Fazia muito tempo desde a última vez que estive em um provador e gostei do que vi, mas hoje… Parecia diferente. A visão de Alice parecendo uma pequena miniatura de mim e a forma como parecia me enxergar de uma forma que eu mesma tinha dificuldade de ver, me fez ficar satisfeita com o meu reflexo. Desci a calça jeans por baixo do vestido, ficando somente com ele.

Como eu podia julgar a minha imagem quando Ali me olhava tão encantada? Como eu podia ver defeitos em mim quando ela parecia uma pequena cópia?

— E aí, meninas? Como ficou? — a voz da vendedora soou do outro lado do provador. Alice puxou a cortina antes que eu pudesse responder, expondo nós duas. — Vocês ficaram perfeitas. — Ela se abaixou na altura de Ali. — Alguém já te disse que você é a cara da sua mãe?

Meu coração disparou dentro do peito e me atrapalhei com as palavras, sem saber exatamente o que dizer e como interferir.

— Nós vamos levar — falei, cortando o assunto enquanto Alice olhava de uma forma engraçada para a mulher.

— Vocês gostariam de ir embora usando? — ofereceu. Nem precisei olhar para a pequena para ver que ela estava eufórica com a ideia.

Assenti e recolhi nossas peças antigas para irmos até o caixa. A vendedora arrancou as etiquetas e nos ajudou a colocar as roupas que usávamos antes na sacola da loja. Alice estava tão animada que assim que paguei, ela já queria sair correndo de volta para o lado de fora.

— Tia Lara, podemos mostrar nosso vestidinho para o papai?

— Seu pai tá trabalhando agora, querida. O que você acha da gente aproveitar o restinho do nosso tempo para pintar as unhas e fazermos tranças? — É claro que minha sugestão foi rapidamente acatada. Alice parecia ter *trança* como palavra mágica.

Andamos todo o caminho de volta até a Pétala & Flor recebendo olhares das pessoas ao redor que achavam curioso a forma como estávamos vestidas idênticas. Entrei na farmácia que ficava logo na esquina e comprei tudo que precisávamos para pintar as unhas.

— Você já pintou as unhas alguma vez? — perguntei, colocando-a sentada no balcão da floricultura alguns minutos depois.

— A vovó Sara já pintou minhas unhas de rosinha.

— Então hoje vamos pintar de verde claro pra combinar com as plantas, o que acha?

Nunca tinha pintado unhas de criança antes e se mostrou uma tarefa muito mais complicada do que imaginei a princípio. Os dedos eram tão pequenos que as cerdas do esmalte eram maiores do que o espaço disponível para pintar. Levei pelo menos meia hora tentando fazer um bom trabalho. No final das contas, não ficou excepcional, mas também não ficou tão ruim. Até me arrisquei a fazer uma mini flor com o palito de unha no dedão de Alice que a deixou completamente animada.

Aproveitamos o tempo que precisávamos esperar as unhas secarem e comecei a trançar o cabelo dela. Tinha decidido fazer duas tranças embutidas simples e, pelo menos nessa parte, tinha conseguido entregar um ótimo resultado.

— Você também vai fazer tranças, tia Lara?

Balancei a cabeça em concordância e a desci do balcão, caminhando até a entrada do banheiro para poder ver meu rosto no espelho enquanto trançava.

O som do sino de vento na porta da Pétala & Flor chamou minha atenção, me fazendo virar o corpo para observar quem entrava. Mas de todas as pessoas que imaginei, ver meu namorado por ali era uma das últimas opções. Eu nem tinha me lembrado dele ao longo do dia. Que pessoa horrível eu tinha me tornado?

— Mau? — cumprimentei confusa. — Não sabia que você vinha.

Andei até ele colocando um sorriso no rosto e terminando de trançar um dos lados do meu cabelo. O olhar de julgamento que ele me lançou me fez murchar um pouco por dentro.

— Você saberia se tivesse me atendido. Tentei te ligar o dia inteiro.

Eu pretendia beijá-lo, mas seu tom de voz me fez parar meu percurso antes de chegar mais próxima.

— Ah, eu e Alice estávamos no shopping e acabei não vendo meu celular.

— Nós fizemos um dia de mamãe e filha! — falou orgulhosa.

O olhar que Mauro lançou para ela me fez dar um passo para frente, tomando a dianteira para proteger Ali. Céus, por que eu fiz isso? Mauro não

era violento, ele…

— Ela não é sua mãe, garota.

E simples assim, senti todo o meu corpo se transformar em raiva no seu estado mais puro. Que porra ele estava fazendo falando assim com uma criança? Falando assim com Alice?

— Mauro! — repreendi, olhando para Ali e vendo seu rosto de desmanchar em uma expressão triste. — Tá maluco, porra?

Ele nem parecia me ouvir. A forma como encarava Ali me dizia que ele não estava vendo só ela. Era quem ela era. O que representava. Tinha a ver com ciúmes de Ian.

Pois ele que enfie os ciúmes no cu.

— Ela não é sua mãe e nem vai ser, entendeu?

Senti o ar sair pelas minhas narinas quente, irado. Meu rosto tinha esquentado e, eu que nunca entrei numa briga, senti vontade de dar um tapa na cara do meu namorado. Coloquei minhas mãos no seu peito e tentei empurrá-lo em um reflexo automático, mas é claro que Mauro nem saiu do lugar.

— Você não tem o direito de falar com ela assim. Que porra deu em você?

— Em *mim?* — devolveu no mesmo tom exaltado que eu usava pra falar com ele. — Você não se enxerga, Lara? Tá usando uma roupa ridícula, um cabelo pior ainda, tudo pra agradar essa criança! Ou será que é pra agradar o pai dela?

Cada palavra me atingiu em cheio mais uma vez. *Ridícula.* Me senti inadequada, desconfortável e com vontade de desaparecer dentro da minha estufa até que todos os sentimentos se esvaíssem. Por que cada vez mais ele parecia me fazer pior?

— Quer saber, Mauro? Não é só pra agradar a Ali, eu estou feliz! Ou *estava* até você aparecer aqui — acusei. Assim como as palavras dele me atingiram, as minhas também fizeram o mesmo efeito.

— Não seja por isso, faço questão de ir embora já que não sou bem-vindo — praticamente cuspiu. — Se você quer ficar assim… — A forma como seus olhos varreram meu corpo quase me fizeram encolher. Mas eu não encolheria na frente dele. — É problema seu.

Ele nem titubeou antes de dar as costas e sair da loja, me deixando acabada no centro da floricultura encarando a porta e pensando o que eu

estava fazendo com a minha vida. Isso não podia continuar. Não tinha sentido continuar com alguém que me destruía um pouco mais a cada dia.

— Tia Lara… — *Porra, eu até tinha esquecido de Alice.* Enxuguei o canto dos meus olhos antes de me virar para encará-la. — Você não tá ridícula. Eu te achei super linda.

Ela nem sabia como escutar isso fazia meu coração parar de doer um pouquinho.

— Obrigada, princesa. — Forcei um sorriso no rosto, mas não consegui impedir que algumas lágrimas caíssem. — Pode me fazer um favor? — Ela assentiu rapidamente. — Pode não contar pro seu papai o que o Mauro falou hoje?

— É pra ser um segredinho?

Balancei a cabeça, concordando.

— O nosso segredinho.

— Você vai parar de chorar, tia Lara?

Eu esperava que sim.

— Se você me ajudar a terminar a minha trança, tenho certeza que vou me sentir melhor.

Sentei no chão e trouxe as mãozinhas pequenas com unhas pintadas de verde na minha direção. Devagar, ensinei a Alice como me ajudar a trançar o outro lado do meu cabelo. Demorou três vezes mais tempo do que teria demorado se eu fizesse sozinha, mas o semblante de satisfação na carinha dela era o suficiente para me fazer ter certeza de que tinha sido ótima ideia.

O gosto amargo permanecia na minha garganta e sabia que demoraria a passar. Eu precisava tomar uma decisão sobre Mauro e eu antes que eu me afundasse ainda mais no processo. Onde tínhamos desandado? Tinha sido a volta de Ian? Tinha sido antes disso?

Nem percebi que o dia estava escurecendo até que o sino de vento anunciou a entrada de alguém mais uma vez. Diferente do que tinha acontecido um tempo atrás, o olhar que recebi do homem na porta fez meu corpo inteiro aquecer. Da ponta do meu pé até os fios do meu cabelo era como se tudo incendiasse.

— Cara…mba — Ian se corrigiu. — Você está linda. — *Linda*, não ridícula.

Dessa vez, não me senti culpada quando mordi o lábio contendo um sorrisinho. Ele nem disfarçou como encarou minhas pernas e subiu pela minha cintura, avaliando cada pedaço de mim.

— Obrigada, Ian.

— Oi, papai! — Alice veio correndo do banheiro e pulou no colo dele. O sorriso de Ian se ampliou ainda mais quando percebeu que ela usava um modelo igual ao meu.

— Vocês duas combinaram de serem as garotas mais lindas de Teresópolis hoje?

Por que ele sempre dizia as coisas certas?

Por que ele fazia meu coração acelerar?

Por que ele fazia parecer que tudo na minha vida estava em *pause* esperando até que ele voltasse?

— A mamãe e eu fizemos um dia de mãe e filha.

Mamãe.

Alice tinha me chamado de mamãe. Os olhos de Ian travaram nos meus, sua boca entreaberta, tão desnorteado quanto eu. Ali nem havia percebido que tinha me chamado desse jeito. Ela continuava tagarelando sobre o esmalte, as dormideiras e as tranças no cabelo. Tinha sido no automático. Ela pensou em mim como mãe.

Alice desceu do colo do pai e foi até as plantas, murmurando algo sobre colocá-las para dormir antes de ir embora.

— Ian… — Me aproximei, temendo que ele estivesse chateado com a forma como me enfiei na vida de Alice sem nem perceber. — Eu não te perguntei se podia pintar as unhas dela e…

— Obrigado — me cortou. — Alice nunca teve uma experiência parecida com essa. Quer dizer, ela tem a tia Sara, mas é diferente.

— Você não está chateado?

— Por você tratar a minha filha como se ela fosse sua também? — Abri a boca, sendo pega desprevenida pela forma como Ian era bem direto quando queria. — Tem outras coisas que me deixam chateado, Lara. Tipo você estar com um cara que claramente não te merece.

— Ian, não é hora pra isso. — *Especialmente hoje.*

— De qualquer maneira, obrigado por hoje. Não sei se um dia vou conseguir te agradecer.

Abaixei os olhos, dando de ombro.

— Eu amo *ela* — confessei.

— Fico feliz que pelo menos um dos Diniz tenha te conquistado nessa volta a Teresópolis — brincou. — Me dá esperança.

Ah.

Ele estava mesmo dizendo o que eu achava que estava dizendo?

— Pequena — chamou, como se não tivesse acabado de me deixar sem chão. — Está na hora de irmos pra casa.

Alice assentiu, dando um beijo na folha das orquídeas antes de correr para dar a mão ao pai. Ian sorriu para mim. Só um simples sorriso que foi o suficiente para fazer minha noite melhorar. Quando ele colocou a mão na maçaneta, não consegui conter as palavras de escaparem.

— Ian — chamei. Ele me olhou. — Se eu pudesse voltar no tempo, eu não mudaria nada. — Indiquei Alice com a cabeça, deixando claro o que eu queria dizer.

Por mais que eu tenha sofrido, por mais que tenha doído, as coisas aconteceram do jeito que tinham que acontecer para que chegassem no agora.

Eu poderia jurar ter visto seus olhos lacrimejarem, mas com a distância, não conseguia ter certeza. Ele só assentiu, parecendo tão agradecido que nem conseguia ter palavras para dizer. Observei os dois se afastarem em direção ao prédio onde moravam e me permiti pensar em uma realidade paralela. Uma realidade onde eu estaria segurando a outra mão de Alice. Onde Ian ainda fosse meu. Onde ele não tivesse sido o responsável por partir meu coração quando saiu da cidade.

E então, me dei conta de algo. Se Ian fosse embora de novo, não seria só dele que eu sentiria falta.



IAN DINIZ

Nem em meus melhores sonhos imaginei que Alice e Lara fossem se dar tão bem. Se alguém me falasse que um dia as duas estariam vestidas exatamente da mesma forma, eu teria soltado uma gargalhada de deboche.

Minha filha é uma criança adorável, pelo menos na maior parte dos dias, mas levando em consideração que o nascimento dela foi o motivo principal para que eu terminasse com Lara, era de se esperar que a minha ex guardasse algum tipo de ressentimento. Ainda mais porque as coisas com Lara não acabaram da melhor forma possível e, para ser sincero, não fui muito honesto com ela durante nossa última briga.

Quando entrei na Pétala & Flor e me deparei com as duas usando o mesmo vestido vermelho, senti meu coração bater descompensado por diversos motivos. Alice estava linda e Lara estava deslumbrante. Minha vontade era continuar o que começamos mais cedo, colocá-la em cima do balcão e beijar aquela boca gostosa. Queria enfiar minhas mãos por baixo daquele vestido e tocar cada canto da sua bunda, do jeito que eu sabia que ela gostava, até ouvi-la gemer meu nome. Porra, só de imaginar essa cena senti meu pau pulsar.

— A mamãe e eu fizemos um dia de mãe e filha — Alice disse.

Mamãe. Minha filha acabou de chamar minha ex-namorada de mamãe com a maior naturalidade do mundo e, por alguns segundos, fiquei sem saber como reagir. De todas as coisas inesperadas que tinham acontecido hoje, essa era, provavelmente, a que ocupava o topo da lista.

Alice continuou contando sobre o dia, mas minha atenção estava toda voltada para a expressão facial de Lara. Seus olhos estavam levemente inchados, as sobrancelhas estavam erguidas e as bochechas estavam quase tão vermelhas quanto o vestido. Ela estava surpresa, envergonhada, mas definitivamente não estava com raiva. Mas foram seus olhos que me chamaram mais atenção. Eles só... não condiziam com o resto que eu estava vendo.

Será que ela tinha gostado de ser chamada assim? Será que ela também imaginava como seria se nós três fôssemos uma família? *Não viaja, caralho. Ela está em um relacionamento sério e não é com você*, a voz idiota da razão berrou dentro da minha cabeça.

Quando estávamos prestes a sair, Lara me chamou. Caralho, eu queria gravar o jeito como ela pronunciava meu nome só para ficar o dia inteiro escutando.

— Se eu pudesse voltar no tempo, eu não mudaria nada — disse.

Já tinha notado o quanto minha ex-namorada ficava feliz quando estava com minha filha e Alice, por sua vez, parecia endeusar Lara. Mas ouvir Lara dizer com a própria boca que não mudaria nada... Porra! Agora, além do meu pau que parecia prestes a explodir, o meu coração parecia querer ir pelo mesmo caminho.

— Papai, podemos plantar uma árvore de melancia em casa? — Ali quis saber enquanto caminhávamos de mãos dadas em direção ao nosso prédio.

— Pequena, as melancias não nascem em árvores. Elas crescem em plantas que ficam no chão. Elas têm uma videira que se estende e a melancia cresce diretamente no solo. — Ali me encarou confusa e tirei o celular do bolso para pesquisar uma imagem para mostrar a ela. — Está vendo só?

— Então podemos ter uma *viseira* de melancia na nossa casa?

— Não temos espaço para isso, pequena. Você já viu o tamanho da melancia?

— Elas são grandonas.

— Exatamente. Não temos como plantar no nosso apartamento. Elas precisam de muito espaço e de luz do sol, é assim que elas ficam grandonas.

Chegamos no nosso prédio e digitei o código no portão para liberar nossa entrada.

— Eu queria muito plantar alguma coisa em casa, igual a tia Lara — Ali disse com um biquinho enfeitando o rosto, claramente desapontada com a descoberta sobre as melancias.

Assim que o elevador chegou ao nosso andar e abri a porta do nosso apartamento, uma ideia me veio à cabeça.

— E se a gente plantar um feijãozinho? — sugeri. — Você vai poder cuidar dele, igual a tia Lara, e vê-lo crescer.

— Cabe uma árvore de feijão aqui, papai? — Seus olhos reluziam com a ideia.

— Na verdade, a gente vai plantar feijão no algodão. — Alice me encarou parecendo confusa.

— No algodão? Igual aquele que tem no banheiro?

— Isso mesmo, pequena. Que tal a gente fazer agora mesmo? — perguntei.

— Eu quero, papai.

— Você pode pegar o algodão enquanto eu pego as outras coisas? — Ali assentiu e correu em direção ao banheiro.

Fui até a cozinha e separei alguns grãos de feijão e um pote pequeno. Coloquei-os na mesa ao mesmo tempo em que Alice voltou com o algodão.

— O que fazemos agora? — perguntou, já subindo na cadeira para alcançar melhor o topo da mesa.

— Primeiro, precisamos deixar o algodão úmido. Se molhar demais, nossa experiência pode dar errado — falei.

Peguei um copo com um pouco de água e entreguei a ela. Alice molhou o pedaço de algodão com cuidado.

— Tá bom assim, papai?

— Perfeito, Ali. Agora, você vai encaixar o algodão no fundo desse pote até que não dê para enxergar o fundo. O algodão tem que cobrir tudo — expliquei.

Ali assentiu e seguiu minhas instruções.

— Agora a parte divertida: você vai escolher alguns grãos aqui e colocar aí, bem em cima da caminha de algodão.

Com muita atenção e cuidado, Ali selecionou alguns grãos e os colocou no algodão.

— E agora, papai? Vai demorar muito a crescer?

— Um pouquinho, querida. Mas, durante esse tempo, precisamos encontrar algum lugar aqui de casa onde o potinho vai pegar um pouquinho de sol.

— A mesinha perto da janela!

— É um ótimo lugar, Ali. E, todos os dias, vamos precisar olhar se o algodão está molhado o suficiente para que o grão comece a crescer.

— A gente vai poder comer esse feijão no almoço?

— Acho que podemos colocar alguns deles na nossa comida sim — respondi.

— Vai ser o feijão mais gostoso do mundo todo, papai. A gente pode chamar a tia Lara para comer?

— Podemos sim. A gente faz um jantar e convida ela, o que acha?

— É a melhor ideia do mundo todo e de todo o universo — disse empolgada. — Posso ligar para ela e mostrar o meu feijãozinho? Por favor, papai! Ela vai ficar feliz.

— Pode sim, pequena. Mas rapidinho porque você ainda precisa tomar banho e jantar — avisei.

Tirei o celular do bolso e procurei pelo contato de Lara, apertando o ícone que realiza uma chamada de vídeo. A ligação chamou uma, duas, cinco vezes até que caiu.

— Ela deve estar ocupada agora, pequena — falei.

Parte de mim imaginou Lara ocupada com o cuzão do Mauro, com ele fazendo tudo que eu gostaria de fazer com ela e a vontade súbita de socar a cara do imbecil me dominou.

— Será que ela ainda está triste, papai? — Ali questionou com um semblante de preocupação.

A pergunta da minha filha me colocou em completo estado de alerta. Mais cedo, quando estive na Pétala & Flor, notei os olhos de Lara levemente inchados. Será que...

— Por que a tia Lara estaria triste, pequena?

Alice olhou para os dois lados, como se estivesse garantindo que ninguém mais estava ali com a gente.

— Posso te contar um segredinho, papai? Mas você não pode contar para ninguém, tá bem?

— Vou guardar o seu segredo, Ali — garanti.

— A tia Lara estava triste porque o namorado dela não gostou das nossas roupas iguais — ela sussurrou e, por um segundo, achei que tinha entendido errado. — Ele disse que a tia Lara estava feia, mas eu falei pra ela que era mentira porque ela é muito linda.

Caralho, como o imbecil brocha do Mauro tinha coragem de falar uma atrocidade dessas para Lara, a garota mais linda que já pisou nesse planeta? Se ela estivesse enrolada no caralho de um saco de lixo, ainda assim estaria deslumbrante. Senti a raiva começar a consumir meu corpo, da ponta dos pés até o topo da cabeça. Por que caralhos a Lara não se livrava desse idiota de uma vez por todas?

— Aquele filho da...

— Não é filho, papai, é o namorado dela! — falou. Se eu não estivesse tão puto, teria até achado engraçado. — Eu não gosto dele — ela confessou e, logo em seguida, colocou a mãozinha na boca, como se tivesse falado alguma besteira.

Mal sabe a minha filha que compartilhamos do mesmo sentimento.

— Por que você não gosta dele, querida? — Se aquele idiota tivesse feito algo para minha garotinha, eu iria quebrar a cara dele.

— Você disse que a gente tem que ser legal com as pessoas, mas ele não é legal comigo. Ele brigou comigo quando eu contei que fizemos um dia de mamãe e filha.

— Como ele brigou com você, Ali?

— Ele disse que a tia Lara não é minha mamãe. — Minha filha soltou um suspiro de tristeza que partiu meu coração. — Eu sei que ela não é porque a minha mamãe está no céu. Mas eu queria que ela fosse minha mamãe porque ela é divertida, bonita e sabe fazer tranças. E agora nós temos vestidos iguais.

Eu já estava enxergando tudo ao meu redor vermelho de tanta raiva que estava sentindo. Meu corpo queimava como se meu sangue fosse, na verdade, fogo. Queria agora mesmo pegar meu carro e dirigir até a casa do idiota para colocá-lo em seu lugar. Quem aquele imbecil pensava que era para falar assim com elas? Mauro tem músculos, mas eu também tenho. E sem precisar tomar bomba, igual ao imbecil.

Mas eu não era mais um adolescente. Não podia mais ceder à minha impulsividade, por mais que eu quisesse mais do que tudo atropelar o otário com meu carro. Apesar de cada parte do meu corpo gritar por vingança pelo que ele fez as minhas garotas passarem hoje, precisava ser responsável. Minhas ações teriam consequências e eu tenho uma garotinha que precisa de mim e do meu bom exemplo.

— Ali, o que a tia Lara fez quando o namorado dela fez essas coisas? — perguntei.

— Ela chorou um pouquinho, mas aí ela disse para ele ir embora. — Alice pareceu pensar por alguns instantes. — Papai, sabe o que eu queria?

— O quê, pequena?

— Queria que o namorado da tia Lara fosse você. Você é muito mais legal que ele.

Porra. Se ela soubesse o quanto eu também queria isso. E agora, mais do que nunca, estava disposto a fazer Lara enxergar o óbvio: ela não

merecia aquele cuzão do caralho.

— Mas é segredo, tá, papai? Ninguém pode saber.

— É nosso segredinho, pequena — garanti. — Que tal você ir tomar um banho agora?

Minha filha assentiu, já caminhando em direção ao banheiro. Tentei distrair minha cabeça enquanto a ajudava com o banho, mas a raiva continuava me consumindo. Não apenas pela forma como ele tratou minha filha, mas também pela forma como ele tratava Lara.

Por que Lara se submetia a isso? A Lara que conheci anos atrás já teria mandado esse cara ir se foder. O que foi que mudou nos últimos anos?

— Papai, posso dormir com a trança no meu cabelo? — Ali perguntou enquanto eu terminava de ajudá-la a vestir o pijama.

— Claro que sim, pequena. — Ela abriu um sorriso satisfeita. — O que acha de me ajudar a fazer o jantar?

Ali aceitou o convite, ela amava me ajudar na cozinha. Eu, por outro lado, precisava distrair minha cabeça e aliviar o sentimento de revolta e frustração que ainda me consumia. E nada melhor do que cozinhar com minha filha para me sentir bem de novo. E, se isso não funcionasse, talvez eu socasse uns travesseiros mais tarde, enquanto imaginava a fuça de Mauro em cada um deles.

Fizemos o jantar juntos e Ali não parou de falar do dia com Lara, das partes boas do dia delas, o que encheu meu coração de alegria. Eu sabia que minha filha sentia falta de ter uma mãe, mas só hoje tive a dimensão do quanto. Embora Ali já tenha tido boas experiências com Sol, Cora e com a tia Sara, essa vez parecia ter sido diferente. Algo transcendental. Tenho certeza que Ali se lembrará desse dia mesmo quando for velhinha. Talvez as duas sejam alguma espécie de almas gêmeas. Talvez eu tenha tanto amor por Lara dentro de mim, que acabei transferindo isso para minha filha de alguma forma.

Ao mesmo tempo, ficava puto quando me lembrava que o dia incrível que as duas tiveram foi estragado em poucos minutos pelo imbecil bombado.

Coloquei a pequena para dormir e fui tomar um banho. Nem a água quente estava fazendo meus músculos relaxarem. Porra, era difícil para caralho não me comportar como um adolescente impulsivo, mas eu precisava tentar.

Saí do banho e, apesar de já ser 23h30 da noite, liguei para a única pessoa que poderia me ajudar nessa situação. Minha irmã atendeu no segundo toque.

— Espero que seja algo importante, Ian — Cora disse ao atender, parecendo ofegante.

— Preciso muito conversar com alguém, Cora, antes que eu cometa uma besteira — desabafei.

Ouvi quando ela sussurrou algo para Caio, que bufou, e, em seguida, ouvi o barulho de uma porta sendo aberta e fechada. Cora enviou uma solicitação para mudar a chamada de voz para uma de vídeo e aceitei. Pelo cabelo bagunçado e a boca inchada da minha irmã, sabia exatamente o que eu tinha atrapalhado.

— Me fala o que aconteceu — pediu, com o semblante preocupado.

— O imbecil do Mauro aconteceu. — Fiz um resumo para ela do que tinha acontecido e senti um sabor amargo tomar conta da minha boca a cada nova palavra que proferia. Porra, eu queria tanto socar a cara do otário. — Não entendo porque ela ainda está com ele, Cora. Ela merece algo muito melhor.

— Não é tão fácil assim terminar um relacionamento, Ian. E, por mais que o Mauro seja um idiota várias vezes, ele ainda tem alguns bons momentos com ela e isso certamente pesa na hora de decisão. Além disso, às vezes as pessoas têm dificuldade de enxergar o que está bem debaixo do nariz delas. Ou de aceitar que são merecedoras de coisas boas. A Lara também tem os traumas dela. — Sei que Cora não havia falado isso para me ferir, mas, ainda assim, senti como se uma faca tivesse atravessado meu peito porque, infelizmente, eu sabia que era o culpado por alguns traumas de Lara.

Eu era um filho da puta hipócrita! Criticava Mauro por ser um imbecil, mas também fui um babaca com Lara não muito tempo atrás.

— Em sua defesa, você era só um jovem rebelde e sem muitos neurônios funcionais — ouvi Cora dizer. Nem percebi que havia falado aquilo em voz alta.

— Eu só queria que as coisas fossem mais fáceis — falei. — Ou, sei lá, voltar na porra do tempo e não ter sido um imbecil. Ou quebrar a cara do Mauro sem que isso me cause problemas.

— Ian, tenho certeza que você dará um jeito nessa situação. Só... não desiste dela, tá? Lara pode estar perdida, mas ela vai encontrar o caminho

de volta para casa. Para você.

Casa. Será que Lara confiaria em mim mesmo depois de tudo? Será que ela conseguiria me deixar ser a morada dela mais uma vez? Porra, se eu tivesse uma segunda chance... Não vacilaria de novo.

Me despedi de Cora e deitei na cama. Fiquei cerca de cinco minutos me revirando de um lado para o outro, esperando o sono aparecer, mas eu ainda estava muito agitado para dormir. Levantei da cama, na intenção de ir até a cozinha beber algo, ao mesmo tempo em que as primeiras gotas grossas de chuva começaram a cair do céu, batendo na porta de correr da sacada do meu quarto. Caminhei em sua direção para fechá-la e, para minha surpresa, notei as luzes da Pétala & Flor ainda acesas.

E essa foi toda a motivação que precisava para ir atrás de Lara. E se algo tivesse acontecido? E se ela estivesse precisando de ajuda? Eu não estava sendo impulsivo, apenas cuidadoso e preocupado com uma amiga de longa data.

Vesti um casaco qualquer, coloquei a babá eletrônica no bolso para se caso Ali precisasse de mim e saí do apartamento em direção à floricultura.

Enquanto caminhava até lá, me perguntei o que faria se o babaca estivesse junto com ela. Seria difícil demais me controlar perto do imbecil, ainda mais se ele estivesse, de novo, sendo um imbecil. O que, pelo visto, era um comportamento comum.

Quando cheguei na porta da Pétala & Flor, a encontrei fechada. Mas dava para ver, através do vidro, Lara no balcão mexendo em um vaso de planta. Dei uma batida no vidro e ela ergueu os olhos, levemente assustada. Mas, assim que me viu, sua expressão relaxou e ela caminhou até a porta, destrancando-a.

— O que você está fazendo aqui, Ian? — perguntou enquanto eu entrava na floricultura, fugindo da chuva.

A observei de cima a baixo. Lara ainda usava o vestido vermelho, mas, por cima dele, vestia um avental. As mãos estavam sujas de terra, sua marca registrada. E seus olhos ainda estavam avermelhados e um pouco inchados. Ela provavelmente tinha chorado mais depois que fomos embora.

— O que *você* está fazendo aqui a essa hora? — perguntei de volta.

— Fiquei entretida cuidando de umas plantas e não vi o tempo passar — disse, desviando o olhar do meu. Isso nunca era um bom sinal.

Lara me deu as costas e voltou para trás do balcão, usando-o como uma espécie de escudo de proteção. Mas é claro que não seria a porra de um

balcão que iria me impedir de conseguir o que queria. Segui os passos da minha ex-namorada e a alcancei atrás do balcão. Ela virou-se para ficar de frente para mim e aproveitei para apoiar uma mão de cada lado do seu corpo, impedindo-a de fugir.

Nós estávamos tão perto um do outro que eu conseguia sentir o seu cheiro de melancia e a quentura da sua respiração batendo contra minha pele. Se eu me aproximasse um pouco mais, tenho certeza que ouviria seu coração bater acelerado.

— Ian... — Puta que pariu. Eu amava para caralho ouvir Lara dizer meu nome.

— Me fala a verdade, Lara. Por que você ainda está aqui?

Lara mordeu os lábios, como se estivesse se esforçando para manter as palavras presas dentro dela.

— O que aconteceu com você? — insisti.

— Não foi um dia fácil. — Não demorou nem um segundo para que ela completasse. — Por favor, não pense que isso tem a ver com a Ali. Ela foi a parte boa do meu dia e, se não fosse por ela, talvez eu estivesse pior.

Lara abaixou a cabeça e um pedaço do seu cabelo se soltou da trança, caindo por cima de seus olhos. Usei meus dedos para colocá-los atrás da orelha dela e ergui sua cabeça para que ficasse olho a olho comigo.

— Lara...

— A Ali te contou alguma coisa? — quis saber.

— Ela compartilhou comigo o segredinho de vocês — admiti. — Mas, em defesa dela, sou bem persuasivo. — Lara não parecia chateada com Ali, mas parecia envergonhada com toda a situação.

— Sinto muito, Ian. Se você não quiser deixar mais a Ali comigo, eu...

— Lara... — Coloquei um dedo em cima do seu lábio. — Não será isso que vai me fazer proibir minha filha de ficar com você. Hoje foi, facilmente, um dos dias mais felizes da vida da minha pequena e isso só foi possível por sua causa. Você não precisava amar minha filha, mas ama. E isso significa mais do que qualquer idiotice que aquele imbecil fala.

— O Mauro não devia estar em um dia bom e acabou falando o que não devia com a Ali. Eu estou completamente envergonhada com a situação, sinto muito mesmo, Ian.

— Não foi culpa sua, Lara. Ele é um babaca, não você.

— Ele só está... — Ela interrompeu a frase no meio.

— Por que você ainda tenta defendê-lo, Lara? Esse idiota só te faz chorar, olha só como você está... — falei.

— Você também me fez chorar — devolveu. Seu tom não era acusatório, mas carregava bastante mágoa.

— Porra, e você acha que não me arrependo disso? Não teve um dia, durante esses cinco anos que não me culpei por isso. Fui um cuzão com você e não me orgulho disso. — Ela abriu a boca, mas eu não a deixei falar. Estava cansado de não ir até o fim. Eu precisava ser ouvido, e seria agora. — Você disse mais cedo que, se pudesse, não mudaria nada. Bom, eu não mudaria o nascimento da minha filha. Ali é a coisa mais importante da minha vida e, sem dúvidas, me transformou em um cara melhor. — *O tipo de cara que merece você*, completei mentalmente. — Mas eu certamente mudaria a forma como lidei com a situação toda...

— Ian, eu... — Minhas mãos deslizaram pelos seus braços até alcançarem a sua cintura, puxando-a para ainda mais perto de mim, e meu movimento inesperado fez com que ela não completasse a fala.

Sentir sua pele em contato com a minha me enlouqueceu de vez. E, quanto mais eu sentia as sensações que ela me causava, mais queria sentir. Mais eu *necessitava* sentir.

— Sabe o que eu não mudaria em nossa história, Lara? — Minha voz saiu rouca, já completamente dominado pelo tesão que me consumia.

— O-o quê? — Lara sussurrou tão baixo que o som quase foi abafado pela chuva que caía torrencialmente do lado de fora.

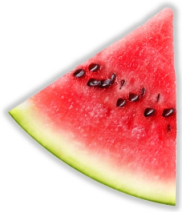
— Não mudaria o fato de que, apesar de tudo, você sempre foi minha. A *minha* Lara. E tudo bem, porque eu sempre fui seu também. E de mais ninguém — admiti.

Minha mão subiu para seu pescoço, em um toque mais possessivo do que imaginei, e a trouxe em minha direção para grudar sua boca na minha. O gosto da minha garota estava ainda mais saboroso do que me lembrava. Nem titubeei ao abrir espaço para invadir com a minha língua, que explorava sua boca matando a saudade de cada pedaço dela. Lara jogou as mãos ao redor do meu pescoço, afundando uma das mãos em meu cabelo e aproximando ainda mais nossos corpos. Meu caralho pulsou dentro da calça.

— Porra, Lara... — murmurei antes de voltar a beijá-la mais.

Não existia prato de restaurante cinco estrelas mais gostoso do que o beijo da minha garota. *Minha.* Lara era minha e eu faria de tudo para tê-la

de volta.



Capítulo 27.

LARA AVELAR

Qual o nome da sensação de nostalgia misturada com reconhecimento? Como se chama o sentimento de chegar em casa depois de um dia exaustivo? De ter uma pessoa no mundo que se torna sua pessoa preferida? A primeira que você pensa em contar algo que aconteça. A primeira que você decide desabafar. Aquela com quem você quer compartilhar uma fofoca, uma piada ou uma notícia boa.

Como era possível que os lábios de Ian me fizessem sentir tudo isso de uma vez? Era como entrar numa máquina do tempo que me levava de volta para o passado ao mesmo tempo que parecia me dar um gosto do que poderia ser meu futuro. Era um beijo com o velho gosto conhecido, aquele que parecia se encaixar tão perfeitamente no meu, mas ao mesmo tempo era… novo. Era maduro e desesperado. Era experiente e visceral.

Não percebi que meus braços tinham ganhado vida própria. Não percebi que me agarrava nele com medo que o momento acabasse. Não percebi que Ian tinha me empurrado até o balcão e seu corpo estava tão grudado no meu que poderia se fundir.

— Porra, eu queria fazer isso há tanto tempo, Lara — gemeu, afastando os lábios dos meus só para descer, beijando meu pescoço e lambendo o vão que levava até o meu colo.

Joguei a cabeça para trás, inebriada com sensações que eu tinha esquecido que poderiam existir. Era normal o coração bater tão acelerado desse jeito? Era saudável que meu corpo inteiro pulsasse em um prazer que eu nem conseguia conceber?

— Ian… — deixei escapar, meus olhos fechados e a sensação de que eu poderia explodir a cada milímetro que a mão dele me explorava.

Senti os dedos de Ian apertarem minha cintura, sua ereção pressionada contra mim sem deixar dúvidas do efeito que eu causava sobre ele. Suas mãos desceram devagar enquanto sua boca roçava pelo meu pescoço, os dentes se fechando de leve em uma mordida áspera. Quando a pele dos seus

dedos encostou na minha perna, um gemido alto escapou da minha garganta. Eu tinha perdido completamente o controle sobre mim mesma. Eu já não era mais regida pelos meus pensamentos sensatos, eu estava sob o comando das minhas emoções e, aparentemente, Ian Diniz era o presidente delas.

— Você é… — falou, subindo a boca de volta para a minha e puxando meu lábio inferior entre os dentes. Arranhei seu pescoço, descendo minhas unhas pelas suas costas cobertas pela camisa. Eu queria sentir a pele dele, eu *precisava* sentir a pele dele. — A mulher mais gostosa — continuou, sugando minha língua dentro da sua boca. — Do planeta.

Sua mão continuou subindo, provocando minhas coxas e tateando pelo interior delas. Não percebi que tinha aberto minhas pernas. Ian desviou da minha calcinha e seguiu para a minha bunda, me erguendo do seu colo de súbito. Envolvi minhas pernas ao seu redor, seu pau perigosamente encaixado sob a minha calcinha. Eu não precisava que ele me tocasse para saber que eu estava molhada. Meu clitóris pulsava e a porra da minha boceta me pressionava por um alívio imediato.

Ian me carregou até a banqueta, me colocando sentada sobre ela e se encaixando entre as minhas pernas. Toquei suas costas por baixo da blusa, sentindo a velha conhecida eletricidade do toque das nossas peles.

— O que a gente está fazendo? — perguntei em voz alta, embora a intenção fosse manter a voz dentro da minha cabeça.

— O que a gente já deveria ter feito há muito tempo, Lara. Eu quero você pra caralho — confessou.

Isso era errado. Isso era *tão* errado. Então por que eu me sentia tão bem? Tão completa?

Ian trouxe uma mão até o meu cabelo, ainda torcido na trança de mais cedo e a puxou para trás, abrindo espaço para que voltasse ao meu pescoço. Eu amava a forma como a sua boca parecia me explorar tão intensamente que era como se ele pudesse devorar minha pele. Eu amava como sua mão apertava minha perna e fazia eu me abrir ainda mais.

Quando senti seu indicador roçar no tecido da calcinha, um gemido rouco escapou da minha garganta sem que eu tivesse controle. Deus, eu não me lembrava da última vez que estive tão perto de gozar com tão pouco. A ponta do dedo me provocou sobre a peça e eu fechei os olhos com força, um desespero incontido estampando cada pedaço do meu rosto.

— Caralho, você já tá molhada desse jeito e eu nem te toquei de verdade — insinuou. Se eu não estivesse tão entregue, teria revirado os olhos. — Isso é saudade de mim, amor?

— N-não — menti. É claro que eu sentia saudade dele. Aparentemente, tudo que eu tinha sentido nos últimos cinco anos se resumia a esse sentimento.

Saudade do seu toque, saudade do seu beijo, saudade da forma como me fazia rir, saudade de como inspirava meu cheiro de melancia, saudade de como parecia ler todas as minhas facetas. Saudade da primeira e única vez que esteve dentro de mim.

— Você é uma péssima mentirosa, Lara Avelar — riu. Sua mão livre veio até o meu pescoço, me enforcando de leve só para que pudesse me olhar. — Quantas vezes você gozou pensando em mim?

Todas.

— É você quem deve ter se tocado pensando em mim — devolvi.

Não esperava que ele confirmasse, mas Ian não parecia cansado de me surpreender.

— É, era o seu rosto que sempre aparecia na minha cabeça. — Sua boca veio até a minha, seus lábios roçando nos meus. — Era o seu corpo que eu continuava desejando. — Seu dedo afastou de leve a minha calcinha e eu estremeci. — Era bem *aqui* que eu queria estar.

E, naquele momento, no meio do lugar que eu mais amava no mundo e com o cara que jurei que nunca iria perdoar, eu me senti derreter. A mão dele tocou o meu clitóris, a sua boca procurou a minha, meus braços envolveram seu pescoço e eu grunhi um som que nem sabia que era capaz de produzir.

— Ian… — gemi. — A gente não deveria… — Ele deslizou o indicador, descendo-o até a minha abertura e mantendo o polegar em meu clitóris.

— A gente deveria *sim.* A gente deveria *muito,* porra.

Quando a ponta do seu dedo se curvou dentro da minha boceta, ele tocou no ponto exato que me fazia enlouquecer. Ou talvez todos os pontos do meu corpo fossem os pontos exatos para me enlouquecer quando se tratava de Ian Diniz. Mordi minha boca, tentando impedir que a vontade de gritar me consumisse. Por mais que eu tenha fechado as janelas da floricultura, a porta ainda era de vidro e estávamos muito longe de ter isolamento acústico.

— Ah, meu Deus, não para — implorei, sem nem reconhecer minha voz.

— Eu não pararia, amor. — Seus olhos estavam vidrados em mim, estudando minha expressão como se eu fosse a exposição mais interessante do mundo. — Quero te ver gozar pra mim de novo. Sonhei com isso por tempo demais, Lara.

Nem percebi que meus quadris estavam rebolando contra a sua mão em uma súplica desesperada. Ian continuava com os lábios próximos a mim, sem me beijar, mas me provocando com a droga daquela respiração quente e intensa que me levava ao precipício.

Senti meus pés começarem a formigar e minhas pernas tentarem se fechar em um reflexo automático. Eu ia gozar. Eu estava prestes a gozar. Na mão de Ian. O que eu estava fazendo? Ian não era meu namorado. Céus, eu tinha um namorado! Eu estava traindo Mauro. Eu estava fazendo o mesmo que Ian tinha feito comigo no passado e me deixado na merda.

A sensação de culpa me inundou, mas não impediu que o prazer me arrebatasse em cheio quando meu ex-namorado pressionou o polegar com mais força sobre o meu clitóris. Explodi em um gemido alto e empurrei meu corpo contra ele, engolindo seus dedos com a boceta perdendo toda a minha dignidade.

O sentimento agridoce do que tínhamos acabado de fazer me invadiu. Não consegui dizer nada enquanto Ian tirava os dedos de dentro de mim, ajeitava minha calcinha e os levava à boca, saboreando meu gosto de olhos fechados como se fosse uma sobremesa.

— Deliciosa pra caralho.

Meus olhos começaram a arder com as lágrimas que estava tentando segurar. Eu não podia acreditar que tinha deixado as coisas chegarem a esse ponto. Eu era uma filha da puta. Eu era tão ruim quanto sempre imaginei que Ian fosse.

— Você precisa ir embora — consegui falar, praticamente saltando da cadeira. Eu nem tinha capacidade de encará-lo.

— Eu não quero ir. — Seu tom era baixo, como se ele soubesse a forma como eu estava me sentindo e precisasse testar o território.

Suas mãos tocaram meus ombros, tentando me reconfortar por algo que eu não merecia ser reconfortada. As mesmas mãos que passearam pelo meu corpo e me fizeram gozar. As mesmas mãos que me transformaram no que eu sempre desprezei: uma traidora.

Andei para longe de Ian, ainda com os olhos baixos, sem querer ver seu rosto.

— Não importa o que você quer — grunhi. Meu coração afundou dentro do peito, a vontade de chorar aumentando exponencialmente. Droga, eu não ia conseguir controlar. — Isso foi um erro. Eu não acredito que fiz isso, eu…

— Lara… — chamou, dando um passo na minha direção. Dei um para trás, me afastando dele novamente. — Não foi um erro. Você sabe que não foi. Sei que as coisas são complicadas e…

— Complicadas? — A palavra deixou a minha boca em um tom esganiçado, sarcástico. — Eu tenho a porra de um namorado, Ian! — gritei. — Que a essa hora tá em casa enquanto eu estava aqui gozando na sua mão! — Levei as mãos ao rosto. Eu não conseguia respirar. Não conseguia pensar. Meu Deus, o que eu tinha feito?

— Você não deve satisfação nenhuma pra esse cara. Ele é um filho da puta. O que a gente fez aqui…

— Eu traí *ele*. — Dizer em voz alta o que eu tinha feito era como chicotear meu próprio coração.

— Não é traição se ele nunca deveria estar com você pra início de conversa. Você merece mais, Lara, você…

— É o seu *modus operandi*, não é? — acusei, sentindo a raiva borbulhar. — Você gosta de foder com tudo. Gosta de trair. — Ian negou com a cabeça, tentando abrir a boca para se explicar.

— Isso não é verdade. Na verdade, a gente precisa conversar e eu posso te explicar tudo…

De repente, não escutei mais o que ele estava dizendo. Eu só conseguia pensar em como tinha me transformado na pessoa que eu mais desprezava no mundo. Se já não bastasse eu detestar meu reflexo no espelho, agora detestava até mesmo o que eu não era capaz de ver a olho nu. Eu estava *me odiando.*

— Por que você gosta tanto de me destruir? — Não era para sair em voz alta, mas não consegui evitar. Assim como não consegui evitar que as lágrimas escorressem descompensadas pelo meu rosto.

O semblante de Ian murchou, como se minhas palavras o tivessem atingido em cheio. *Ótimo,* talvez assim ele conseguisse entender o mínimo de como eu estava me sentindo.

— Isso não é justo, Lara — se defendeu.

— Do mesmo jeito que não foi justo tirar a minha virgindade e ser um idiota alguns dias depois? — Eu queria feri-lo. Eu queria que ele me deixasse em paz. Eu queria terminar o trabalho que Ian começou e continuar me destruindo. — Do mesmo jeito que não foi justo vir aqui sabendo que eu tinha um namorado e me beijar?

— Eu não me arrependo de te beijar. Termina com aquele cara — implorou. — Me dá uma chance.

Enxuguei meus olhos com a mão direita, virando de costas para o meu ex-namorado.

— Sai daqui.

— Lara…

— Me deixe sozinha, Ian. Vai embora.

O silêncio encheu a Pétala & Flor pelo que pareceram horas, mas não passou de alguns segundos. O som da respiração de Ian era tudo que eu conseguia ouvir.

— Eu vou, se é o que você quer. Mas a gente precisa conversar mais cedo ou mais tarde e você sabe disso. — Engoli em seco, sentindo meus lábios tremerem com mais vontade de chorar. — Se precisar de mim, é só me ligar.

Ian Diniz seria a última das minhas opções de ligação se eu precisasse de algo. No momento, tudo que eu precisava é que ele fosse embora.

Escutei seus passos e a porta abrir, o sino de vento soando mais alto do que o de costume com a falta de som do lado de fora. Esperei escutar a porta se fechar, mas não aconteceu. Quando encarei o local, Ian estava parado me observando.

— Toma cuidado se for ficar aqui. Tranca a porta e…

— Eu sei me cuidar — interrompi.

— Sei que sabe, mas eu me preocupo com você.

— Deveria ter pensado isso cinco anos atrás.

Dessa vez, ele não retrucou. Só abaixou a cabeça e fechou a porta de vidro, me deixando completamente sozinha com a minha própria culpa.

Eu tinha traído meu namorado.

Eu tinha feito exatamente o mesmo que tinha me causado tanto mal no passado.

Não importa que nós dois estivéssemos numa fase ruim ou que eu estivesse quase decidida a terminar tudo antes mesmo de tudo com Ian acontecer essa noite. O fato é que eu o traí. Não impedi quando Ian me

beijou. Não impedi quando ele me tocou. Não impedi quando ele me fez gozar. Pelo contrário, *eu gostei.* E talvez isso me torne uma pessoa pior ainda.

Afundei o rosto contra o balcão, deixando o choro copioso me consumir. Eu não sabia o que fazer. Me sentia tão sem chão que nem mesmo sentia vontade de continuar plantando. Escutei meu celular vibrar, me tirando do meu próprio estado de autocomiseração. O nome na tela surgiu como uma luz no fim do túnel.

Mãe: *Tem certeza q vai ficar por aí, querida? Tá tarde. Fico preocupada com vc sozinha*

Se era um sinal divino ou sexto sentido de mãe, eu não sabia, mas aceitei o empurrãozinho. Desbloqueei o aparelho e digitei, vendo minha lágrima cair sobre a tela.

Lara: *Posso te ligar? Mas precisa ser longe do papai*

Esperei que alguma mensagem brilhasse na tela, mas durante pelo menos três minutos, nada aconteceu. Imaginei que minha mãe tivesse dormido ou deixado o celular no modo silencioso e só veria minha mensagem no dia seguinte. Quando estava prestes a desistir, uma ligação de vídeo encheu a tela do aparelho.

Deslizei para atender, já sentindo a vontade de chorar voltar a se acumular.

— Desculpa ter demorado, seu pai estava carente e… — Seus olhos pareceram focar na minha imagem, que não deixava a mínima margem de dúvida sobre como eu estava me sentindo. — Filha, o que aconteceu? Você está bem?

Neguei com a cabeça, tentando colocar em palavras e sentindo meus lábios tremerem com a vontade de chorar.

— Eu não… — tentei começar, mas droga… Cada vez que eu tentava falar era como se meu coração afundasse mais.

— Você tá me deixando preocupada, Lara. Precisa que eu vá até você? — Mamãe estava enrolada no seu robe favorito de cetim e escondida dentro da antiga área de serviço que tinha cedido lugar à minha estufa improvisada.

— Não, não aconteceu nada grave — consegui dizer. Não queria deixá-la preocupada à toa. — Eu cometi um erro, mãe.

Dona Olívia Avelar ergueu a sobrancelha, estudando minha expressão à procura de pistas não-verbais. Era péssimo que minha mãe me conhecesse tão bem.

— Tem a ver com Mauro ou com Ian? — Era *ótimo* que minha mãe me conhecesse tão bem.

— Com os dois? — respondi, embora meu tom tenha saído como uma pergunta. — Eu…

Como poderia contar para ela sobre o que tinha acontecido entre Ian e eu? E se minha mãe me achasse uma pessoa tão ruim quanto eu me achava? E se ela, assim como eu, me odiasse em algum nível?

— Eu não estou aqui pra te julgar, querida. Quero só te ajudar. — Como ela podia ser capaz de ler meus pensamentos desse jeito?

— Eu e Mauro não estávamos muito bem — comecei. — Não *estamos* muito bem. A gente vem brigando muito por conta de ciúmes e outras coisas e…

— Ele fez algo com você? — preocupou-se. Que merda eu vinha fazendo da minha vida a ponto de o primeiro pensamento da minha mãe era que o meu namorado pudesse ter feito algo comigo?

— Não, não desse jeito. Ele só… Sabe como machucar com palavras quando quer — confessei, abaixando o olhar.

Eu sentia vergonha. Vergonha de aceitar a forma como Mauro vinha me tratando e deixar que suas ofensas me afetassem. Vergonha de ter escolhido alguém como namorado que ninguém além de mim parecia gostar. Vergonha que nem eu mesma parecia continuar gostando dele. Vergonha de continuar com Mauro só por ter tanto medo de ser descartável que vinha me contentando com o pouco que ele me oferecia. Vergonha de tentar mudar quem eu sou pra me encaixar na vida de alguém que nunca quis se encaixar na minha. Mas, principalmente, vergonha de ter o traído do mesmo jeito que fui traída anos atrás.

— Palavras podem ser tão ruins quanto ações, meu amor. — *Eu sabia disso.*

— Eu sei, mas… Minhas ações foram piores do que qualquer palavra.

Observei mamãe andar e puxar uma cadeira para se sentar.

— O que você fez?

— Eu tive um dia legal com Alice, Mauro apareceu e nós discutimos feio. Eu o coloquei pra fora e passei o resto da noite plantando pra tentar aliviar minha cabeça. Eu estava decidida de que nós dois precisávamos

terminar, que não estava mais dando pra continuar desse jeito. — Minha mãe me observava através da tela com olhos atentos. — E então… — suspirei. — Ian apareceu aqui.

O semblante de Dona Olívia se anuviou. Ela balançou a cabeça em confirmação, como se soubesse exatamente o que tinha acontecido.

— E vocês se deixaram levar — completou por mim. Assenti, desviando os olhos para baixo.

— A gente se beijou e… — Por mais que minha mãe fosse minha melhor amiga, eu não ia contar para ela que Ian tinha me feito gozar. Eu também tinha limites, pelo amor de Deus. — Eu não impedi. Eu…

— Você gostou.

A parte boa de ter alguém que te conhece tanto assim é que você não precisa completar as palavras que tem vergonha de dizer. A parte ruim é que, por mais que eu quisesse esconder algo, era simplesmente impossível.

— Eu estou me sentindo a pior pessoa do mundo — choraminguei. — Traí meu namorado. Droga, eu nem pensei nele enquanto tudo estava acontecendo.

— Posso te dar minha opinião sincera? — perguntou. Fiz que sim com a cabeça.

— Às vezes, a gente tenta adiar o inevitável, Lara. Mas essa é a graça das coisas… Não dá pra evitar o inevitável. Uma hora ou outra, ia acontecer algo entre você e Ian.

Minha expressão não disfarçou o choque que percorria meu corpo. Era impressão minha ou minha mãe acreditava que Ian e eu deveríamos ficar juntos?

— Eu sou uma traidora, mãe — reforcei. — Eu fiz com Mauro o mesmo que Ian fez comigo no passado. Eu me tornei a coisa que mais detestava na vida.

— Escuta o que eu vou te dizer, querida — falou, sua postura ficando mais séria. — Você errou, não tem desculpa. — Senti meu coração apertar com as palavras mais duras. — Mas não é só porque eu sou sua mãe que vou dizer isso: o namoro de vocês já estava fadado ao fracasso, Lara. Talvez você estivesse com tanta dificuldade de enxergar, que beijar Ian foi uma forma do destino te mostrar que deveria repensar suas escolhas.

— Eu não consigo lidar com a culpa. Me sinto péssima.

— Lembra aquela história que seu tio Gui sempre conta sobre o ex-noivo da sua tia Betina? — mamãe perguntou.

— O francês que ele odiava?

— O próprio — confirmou. — A Betina também teve dificuldade em enxergar que o relacionamento dela com ele tinha chegado ao fim. Ela passou anos longe de tudo que era familiar, longe do Gui. Quando voltou pro Brasil, levou um tempo pra perceber que, por mais que tentasse fugir de certas coisas, quando é pra ser, não tem como evitar.

— Ela… também traiu o noivo?

— Bom, em teoria sim. Mas na opinião de todos nós, ninguém considerou uma traição.

— Por quê? — questionei.

— Porque na verdade a Bê sempre amou o Gui. Um deslize no meio do caminho não muda a história dos dois. — Eu entendia o que ela estava dizendo, mas…

— Eu não amo o Ian. — Meu tom de voz defensivo deixava muitas coisas nas entrelinhas. Coisas que eu mesma não queria confrontar.

— Também não ama o Mauro, querida. — Ela tinha razão. Não amava. Talvez eu pudesse ter passado um tempo achando que sim, mas nos últimos meses, as coisas pareciam ter mudado.

— O que eu faço, mãe? — praticamente implorei, desesperada por alguma ajuda.

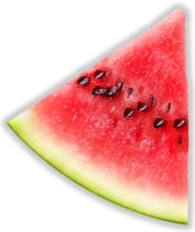
— Você errou e já reconheceu seu erro. Agora é a hora de parar de errar.

— O que você quer dizer?

— Você sabe o que eu quero dizer, querida.

Eu sabia. Só… Era difícil encerrar ciclos.

Eu precisava conversar com Mauro e terminar tudo. Só esperava conseguir perdoar a mim mesma nesse processo.



Capítulo 28.

LARA AVELAR

ANOS ATRÁS

Alguma coisa estranha estava acontecendo e não conseguia afastar a sensação do meu peito. Há três dias eu tinha vivido o melhor momento da minha vida e agora… Tudo parecia esquisito. Ian estava sendo frio de um jeito que não imaginei que ele poderia ser. Achei que estávamos bem, que nosso relacionamento estava evoluindo. Eu transei com ele, porra.

Será que ele tinha me achado ruim? Será que eu estava muito aquém das mulheres com quem estava acostumado? Droga, esses pensamentos não me levariam a lugar algum. Ian não estava me ignorando, só… Não parecia com ele mesmo. Quando eu ligava, sempre surgia algo de importante que o fazia desligar. Quando eu mandava mensagem, só recebia de volta respostas monossilábicas. Nenhuma vez sequer partiu dele a tentativa de falar comigo.

Eu estava levando um ghosting? Eu já tinha sobrevivido a alguns, mas esse certamente doeria mais.

Eu estava apaixonada por ele. Tão apaixonada que doía ficar sem vê-lo. Doía mais ainda imaginar que eu não era o que ele procurava.

Não era possível que as coisas tivessem desandado tão rapidamente em tão pouco tempo. Ele até mesmo disse que me amava, me chamou de amor. Por pior que eu pudesse ter sido no sexo, Ian sabia que eu era virgem. Eu poderia melhorar, poderia aprender.

Algo estava acontecendo e eu descobriria o quê.

Rolei na cama, sentindo os lençóis se enrolarem sob o meu corpo e tateei a mesa de cabeceira em busca do meu celular. Estava cansada de ficar repassando mentalmente tudo que tinha acontecido três dias atrás e procurando algum erro. Eu não tinha feito nada de errado.

Entrei no Instagram e fui até o perfil de Ian procurar se ele tinha postado algum tipo de conteúdo, mas não havia nenhum rastro digital do

meu namorado. Abri o WhatsApp e, como sempre, não tinha nenhuma mensagem nova dele. Quer saber? Não era justo que ele me deixasse no escuro depois de eu ter me entregado de corpo e alma.

Digitei o número que já sabia de cabeça e esperei que ele atendesse. Chamou uma, duas, três, quatro vezes e então… Sinal de ocupado. Ian tinha recusado meu telefonema?

Tentei mais uma vez. "O número que você ligou não recebe chamadas ou está desligado."

— Inferno! — reclamei sozinha, me sentindo tão irritada que até mesmo sentia meu rosto quente.

Levantei da minha cama, pegando o uniforme do colégio e meus itens de beleza para ir até o banheiro. Eu já tinha um plano definido: ia para a escola e, quando saísse, passaria no Petite Poirot para encontrar Ian pessoalmente e ter uma resposta sobre o que raios estava acontecendo.

— Bom dia, princesa — papai me cumprimentou assim que me viu sair do quarto.

Apesar de não estar com o melhor dos humores, eu tinha dificuldade de ser uma adolescente chata quando se tratava do seu Leonardo. Meu pai podia ser ciumento e superprotetor, mas sempre tinha sido o melhor pai do mundo.

— Bom dia, pai. — Inclinei a cabeça, recebendo um beijo no topo da testa.

— Que cara é essa? — perguntou, analisando meu rosto com uma sobrancelha erguida. Por mais que nossa relação fosse maravilhosa, eu não estava nem um pouco disposta a compartilhar a verdade, dessa vez.

— Que cara? — desconversei.

— De quem quer cometer um assassinato. — Eu estava mesmo irritada, mas sua frase me fez deixar um sorrisinho estampar meus lábios.

— Eu dormi mal essa noite. — Não era mentira, só não era a verdade completa.

— Que tal uma carona até a escola? Assim você consegue se arrumar com calma e deixar um pouco do mau-humor para trás.

Em geral, eu costumava ir andando até o colégio. Não era perto, mas também não era longe. Eu gostava de usar o tempo que caminhava para despertar antes das aulas do primeiro tempo e, de quebra, gastar algumas calorias. Embora mamãe sempre me repreendesse quando eu falava isso.

Não demorou muito até que eu estivesse de banho tomado e estômago cheio em cima da moto do meu pai. Sempre gostei de andar com ele na garupa, mas hoje, nem mesmo isso conseguiu melhorar meus ânimos.

Tudo pareceu piorar quando entrei na escola e senti meu celular vibrar dentro da mochila. Meu coração disparou tão forte que até me permiti sorrir ansiosa por alguma mensagem de Ian. Bom, de fato era uma mensagem do meu namorado, mas estava longe de ser o que eu esperava.

Ian: *Vi suas msgs, mas to meio ocupado hj. A gente pode se falar depois?*

Senti meus olhos arderem. Por que ele estava agindo assim? Que inferno! Mais do que nunca eu estava decidida a confrontá-lo assim que saísse da escola. Ian não teria escolha a não ser me falar o que raios estava acontecendo e porque vinha me tratando como se eu não significasse nada. Como se nós dois não significássemos nada.

O sinal do início da aula soou e comecei a caminhar em direção às escadas, mesmo que nem estivesse consciente dos meus próprios movimentos. Passei cada hora da manhã agindo de forma automática, até mesmo quando a professora de Física fez um teste surpresa. Eu pensaria nisso depois, tinha problemas mais importantes agora. Quando finalmente o turno chegou ao fim, lancei todo meu material dentro da mochila, sem me preocupar em organizá-lo e praticamente corri para o lado de fora da escola.

Caminhei até o Petite Poirot sentindo meu coração martelar dentro do peito como se a cada passo que eu me aproximava do restaurante o nó na minha garganta apertasse. A sensação de que algo estava prestes a dar errado, mesmo que eu tentasse afastar os pensamentos catastróficos.

A porta aberta do restaurante indicava que o movimento estava acelerado. A hora do almoço sempre foi a mais cheia no restaurante do tio Pedro e da tia Sara e eu sabia que talvez estivesse chegando em um péssimo momento, mas… Não conseguia mais esperar.

Cumprimentei rapidamente a recepcionista e andei até os fundos, onde a janela retangular separava os garçons dos cozinheiros. Avistei tio Pedro, alguns dos funcionários, mas nem sinal de Ian.

— Preciso de uma redução de vinho tinto aqui — o escutei falar em voz alta, chamando atenção dos outros. Estava pronta para dar meia volta,

quando meu tio me avistou e abriu um sorriso. — Oi, Larinha! Veio almoçar?

Neguei rapidamente.

— Não, eu… — Procurei por uma resposta aceitável dentro da minha cabeça confusa, mas resolvi seguir com a verdade. Ou pelo menos, uma meia verdade. — Vim procurar pelo Ian. — Tio Pedro ergueu uma sobrancelha, me estudando com uma expressão desconfiada. — Nick me pediu para dar um recado.

Ele não parecia totalmente convencido pela minha justificativa, mas assentiu. Desviou os olhos para a frigideira que tinha em mãos por um segundo antes de se voltar para mim.

— Ele tá no refeitório. Pode ir até lá.

Eu já conhecia aquele caminho de olhos fechados, de tantas vezes que tinha percorrido durante toda a minha vida. Principalmente na infância, eu amava passar as tardes escondida no refeitório do Petite Poirot brincando que também era uma chef de cozinha enquanto a tia Sara preparava meus doces preferidos.

Mais uma vez no dia, senti um arrepio esquisito percorrer meu corpo. Eu estava caminhando de encontro ao meu namorado, mas sentia como se estivesse prestes a ser apedrejada em praça pública e nem sabia o porquê.

As portas do refeitório eram de vai e vem, sem nenhum tipo de tranca. Quando empurrei um dos lados, não fez nenhum barulho do lado de dentro. Meu olhar varreu o local à procura da silhueta conhecida de Ian, mas demorou alguns segundos até que eu o avistasse. Ele estava sentado de costas em um dos bancos, com as pernas esticadas na cadeira a sua frente e o olhar perdido na tela do celular.

— Oi — chamei, me aproximando por trás. Ele praticamente pulou da cadeira, bloqueando a tela do aparelho e guardando tão rapidamente no bolso do dólmã que eu mal pude discernir seus movimentos.

— O que você tá fazendo aqui?

Senti meu coração afundar dentro do peito. Ian estava me escondendo algo. A forma como suas sobrancelhas franziram e o rosto se contorceu em uma máscara de pânico falava mais do que qualquer palavra.

— Quero entender o que tá acontecendo — falei de uma vez. Eu não ia ficar medindo minhas palavras depois de levar um gelo de três dias.

— Acontecendo onde?

Cruzei os braços na frente do peito, escutando passos às minhas costas que indicavam que mais alguém tinha entrado no refeitório.

— Você vem me ignorando há três dias. Acho que eu mereço pelo menos uma conversa depois da gente ter… — Os olhos arregalados do meu namorado me indicaram que eu estava falando alto demais. — Você sabe.

A postura de Ian se modificou mais uma vez, seu rosto ficando mais apático à medida que se aproximava de mim. Por algum motivo, eu estava me sentindo boba. Infantil. Como se a forma como eu estava me sentindo nesses últimos dias fosse besteira. Será que eu tinha entendido tudo errado entre nós?

— Não dá pra gente conversar agora. Eu tô no trabalho, Lara.

Lara, não amor.

Eu estava ficando irritada. Mais do que irritada até.

— Você estava mexendo no celular, Ian. Não estava trabalhando — insisti. — Por que você anda me ignorando?

— Eu te mandei mensagem há algumas horas. Não estou te ignorando — devolveu.

Revirei os olhos, arfando um muxoxo contrariado.

— Você não pode estar falando sério — reclamei, mais alto do que esperava.

Ian segurou minha mão, me puxando em direção à saída lateral por onde os funcionários costumavam passar. Aceitei que me levasse até o caminho de árvores, um pouco afastado do Petite Poirot, mas perto o suficiente para que ficássemos atentos em quem estaria por ali.

— O que você quer? — questionou, a voz bem mais rude do que eu estava acostumada.

Nada de bom sairia dessa conversa e eu sabia disso, mas não conseguia mais evitar.

— Saber porque você está me ignorando. Achei que… — Senti minha voz ficar mais aguda e pigarreei, retomando controle das minhas emoções. — Estávamos dando mais um passo no nosso relacionamento.

Minhas palavras pareceram desestabilizá-lo. Como se algo no que eu tinha dito tivesse disparado algum gatilho dentro de Ian que o fez balançar a cabeça e levar as mãos ao rosto.

— Mais um passo no nosso relacionamento — repetiu em um tom esquisito.

Eu estava confiante de confrontá-lo antes de chegar nesse momento, mas agora… Sentia como se estivesse cometendo um erro.

— Eu fiz algo de errado? — deixei escapar minha insegurança em forma de pergunta. Pela primeira vez desde que encontrei com Ian, sua expressão se suavizou e ele voltou a se parecer com o cara por quem eu estava apaixonada.

Um único suspiro cansado escapou da sua boca e, naquele momento, percebi como seus olhos estavam com olheiras profundas.

— Você não fez nada. — Ele não me encarou, manteve os olhos afastados de mim em algum ponto ao nosso redor. — Vai pra casa, Lara.

— Só se você me falar o que aconteceu — pedi, tomando coragem para dar um passo à frente e pegar na sua mão. Ou ao menos tentar, já que ele se afastou de mim como se tivesse levado um choque.

— Sei que o que rolou entre a gente foi legal, mas…

— Legal? — exclamei, não gostando de para onde nossa conversa estava indo. — A gente transou. Eu perdi minha virgindade com você.

Ian virou de lado, continuando sem me olhar. Os segundos de silêncio que antecederam a frase que estava prestes a sair da boca dele pareceram uma eternidade.

— Não dá mais pra gente continuar com isso.

E então, tudo pareceu entrar em câmera lenta. O ar pareceu mais rarefeito, minha garganta ardeu, meus olhos embaçaram e o cheiro de Ian que sempre amei sentir, de repente, parecia me enjoar.

— O que você quer dizer com isso? — Eu precisava escutá-lo dizer com todas as letras. Dizer palavra por palavra. Ian tinha me comido e agora estava me descartando.

— A gente não ia dar certo — falou. — Você é uma adolescente e…

— Isso não te impediu de me comer há três dias! — Eu estava descontrolada e tinha consciência. Mas não conseguia evitar de escorrer em palavras a forma como ele estava me fazendo sentir.

Eu tinha sido tão idiota assim? De não perceber que ele nunca me viu da mesma forma que eu o via?

— Lara…

— Por que você está fazendo isso, Ian? — Não tentei evitar as lágrimas de escorrerem.

— Porque tudo mudou, porra! — gritou de volta, levando mais uma vez as mãos até o rosto.

— Só porque transei com você? Eu era virgem, mas sei que posso melho… — Não consegui completar minha humilhação antes que ele dissesse a última coisa que eu esperava ouvir.

— Porque eu tenho uma filha!

Ian estava tão perturbado que não estava falando coisas com sentido. Será que era alguma expressão que eu não conhecia? Ou uma metáfora que eu não estava compreendendo?

— Eu não estou entendendo — confessei, franzindo o cenho. Isso só pareceu deixá-lo mais descompensado.

— Nem eu, caralho! Mas você acha que eu tenho tempo de entender? Três dias atrás estava tirando a virgindade de uma adolescente de dezesseis anos e agora tenho a porra de uma filha!

— Ian, você não está fazendo sentido.

Naquele minuto, quando ele se virou para mim, estava muito longe de parecer com o cara que eu conhecia. Ele estava perdido. Ian parecia uma bomba relógio. E eu tinha consciência de que quando ele explodisse, eu também iria pelos ares. Não restaria nada de mim.

— Quer saber por que eu venho te ignorando? Porque eu recebi a droga de uma ligação que destruiu a minha vida! Eu tenho uma filha. Uma recém-nascida.

De todas as coisas que esperei escutar, essa com certeza seria a última da lista.

Me peguei em uma série de questionamentos que passavam pela minha cabeça em centésimos de segundos: Ian estava me pregando uma peça? Era algum tipo de piada de mau gosto?

Tentei encontrar o que dizer, mas nada parecia coerente.

— Eu engravidei a porra da professora. Ela pariu uma criança, morreu e agora eu sou um merda de um pai. O único parente da criança.

Dei um passo para trás, assustada com a informação que finalmente começava a ganhar sentido na minha cabeça.

Ian estava falando sério.

Ah, meu Deus. Ian estava falando sério.

Não podia negar que um sentimento de traição se apossou do meu peito mesmo que eu soubesse que o caso dele com a tal professora tivesse sido anterior à sua mudança para Teresópolis. Mas ver o cara por quem eu estava apaixonada tendo uma filha com outra pessoa não era exatamente a minha vida dos sonhos.

Mas eu o amava, certo? Eu amava e adorava Ian com cada parte de mim e estava disposta a sonhar um sonho novo se isso significasse que poderíamos seguir juntos.

— Tá tudo bem, a gente pode dar um jeito nisso. Eu sei que sou nova, mas posso te ajudar nisso. Nós dois podemos…

— Nós dois? Que nós dois, Lara! Não existe nós dois. — Palavras não podiam machucar fisicamente, mas dessa vez pareceram me dilacerar por dentro. — Eu já tenho uma criança para cuidar, não preciso de outra!

Uma criança. Ian estava me dispensando da pior forma possível e, mesmo assim, eu estava considerando me humilhar. Porque eu o amava. Porque sabia que ele estava sofrendo. Porque esperava que essas palavras fossem só pela dor e não pelo que realmente pensava.

— Eu sei que você está tentando me afastar, Ian, mas eu não vou a lugar nenhum. — Vi sua garganta se mexer enquanto digeria minhas palavras. Quando se virou mais uma vez para mim, ele não parecia me enxergar.

— Você não vai, mas eu vou. — Prendi o ar. — Essa porra aqui — Apontou para tudo ao nosso redor. — foi só uma aventura enquanto eu tentava recuperar minha vida. Tudo aqui foi passageiro desde o início.

Uma lágrima solitária escorreu, mas me mantive firme. Por ele. Eu precisava ser forte por ele porque sabia que atacar desse jeito era só uma forma de defesa.

— Ian, você não vai conseguir me afastar. Eu não vou te deixar sozinho, a gente pode falar com as nossas famílias e…

— Caralho, Lara, você não está escutando o que eu falei? Eu vou embora dessa cidade! Eu nunca mais vou voltar!

— Eu posso ir com você. — Eu abriria mão de tudo pra ficar com ele, mesmo que isso significasse enfrentar meus pais, meus irmãos, todo mundo. Eles entenderiam uma hora ou outra.

— Eu não quero você na minha vida! Você tem dezesseis anos, porra!

Fechei os olhos, piscando com força enquanto era atingida mais uma vez pelas suas palavras.

— Eu tenho dezesseis anos e amo você. E sei que você me ama também — afirmei, mesmo que, bem no fundo, eu estivesse com dúvidas. — Eu conheço você. Conheço nosso relacionamento.

Um silêncio sepulcral ocupou o espaço como uma terceira pessoa.

— Como você vai olhar pra minha filha sabendo que é filha da mulher com quem eu te traí?

— Eu sei que você pegou a tal professora antes de vir pra cá, Ian, você nunca me escondeu isso.

— Não foi o que eu disse — falou. — Eu não peguei a professora só antes de vir para Teresópolis.

Por um segundo, senti como se estivesse no meio de um pesadelo. Até belisquei fortemente meu braço, torcendo para acordar, mas nada aconteceu.

— O que você está dizendo?

Não fala.

Não fala.

Não fala.

— Eu te traí com a Cristiane. Todas as vezes que fui ao Rio, encontrei com ela. Trepei com ela.

Existem momentos na vida que você consegue perceber no minuto em que acontecem que serão divisores de águas.

Ouvir Ian falar que me traiu era certamente um desses.

Ouvir Ian falar que me traiu várias vezes.

Eu não conseguia respirar, mesmo que estivéssemos ao ar livre. Eu não conseguia chorar, mesmo que todo o meu ser implorasse para que eu derramasse lágrimas. Eu não conseguia xingar, mesmo que ele merecesse todas as minhas ofensas. Tudo que consegui fazer foi gaguejar. Feito uma boba. Uma inútil. Uma adolescente de dezesseis anos que não servia nem para ser comida.

— P-por quê?

— Não consegui me controlar. — Deu de ombros, como se não fosse nada. Como se não tivesse me destruindo a cada gesto. — Ela já devia estar grávida, mas sempre foi tão magrinha que fiquei um bom tempo sem perceber nada de diferente. E nos últimos meses, ela me evitou. Mas eu tentei procurar por ela.

Magrinha como eu não era.

Madura como eu não era.

Desejada como, aparentemente, eu também não era.

O que eu tinha significado? O quão enganada eu tinha sido?

— Por que você fez isso? — repeti.

— Desculpa, Lara, mas eu precisava de mais do que uma adolescente. Achei que você tivesse percebido.

Coloquei minhas duas mãos no seu peito, empurrando com tanta força que mesmo que Ian fosse muito maior, consegui fazê-lo tropeçar.

— Em que momento eu teria percebido? Quando você me chamava de amor? Quando disse que queria namorar comigo?

Ele permitiu que eu continuasse o socando e eu continuei. Meus punhos não estavam fazendo nem dez por cento do estrago que ele tinha causado dentro de mim.

Ian ficou em silêncio o tempo inteiro, os lábios cerrados em uma linha rígida. Uma dualidade me consumia entre querer que ele dissesse algo e ter medo do que poderia dizer. Eu já tinha sido destruída demais por ele.

O cara que eu amava e que eu tinha entregado tudo de mim tinha me enganado.

Tinha me desprezado.

Tinha me descartado.

— Quer saber, Ian? Bem-feito. — Minha saliva se misturou ao choro que nem percebi que estava escapando. — Tomara que você tenha uma vida de merda. Você me fez um favor sendo esse babaca.

Nenhuma palavra. Silêncio completo.

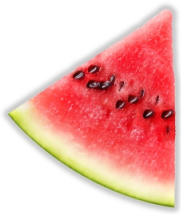
— Você disse que ia embora. Tá esperando o quê? Eu espero nunca mais te ver. Nunca mais ouvir falar de você — gritei. — Pra mim, você morreu.

Cada pedaço de mim estava sofrendo. Cada pedaço de mim queria se afundar e desaparecer. Mas ainda restava um pedaço que implorava dentro da minha cabeça para que ele falasse qualquer coisa. Até mesmo um pedido de desculpas.

E foi esse último pedaço que se desintegrou quando ele não só continuou calado, como deu as costas e voltou a caminhar até o Petite Poirot como se eu fosse só um resto.

E era exatamente o que eu era.

Os restos que ele procurou quando não podia mais ter o que queria.



Capítulo 29.

LARA AVELAR

***Mauro**: Poxa, gatinha, tô tentando te ligar e vc não atende*
***Mauro**: Tô com saudades da minha lindinha*
***Mauro**: Vamos nos ver mais tarde para conversar?*

Meu despertador já tinha tocado há mais de uma hora, mas eu continuava deitada. Imóvel, encarando o teto. Meu quarto estava silencioso, mas minha cabeça estava uma confusão de pensamentos. Queria mesmo era ficar trancada dentro do meu quarto o dia inteiro, sem falar com ninguém.

Não foi uma noite de sono fácil. Aliás, o que menos tive foi sono. Se cochilei durante três horas seguidas, tinha sido muito. Ainda me sentia culpada por ontem. Ainda me sentia péssima por ter me tornado aquilo que eu mais repudiava. E ainda me pegava pensando no gosto do beijo de Ian.

Meu celular vibrou mais uma vez e, antes mesmo de pegar o aparelho, sabia quem estava tentando contato comigo.

***Mauro:** E se a gente sair pra comer fora?*
***Mauro:** Vc pode usar aquele vestidinho florido que te deixa linda*

A culpa se misturou com a raiva dentro de mim a ponto de eu não saber onde começava um e terminava o outro. Deixei escapar um som de frustração. É óbvio que, de todas as peças do meu armário, Mauro sugeriu o vestido folgadinho. Pelo visto, esse era o tipo de roupa que meu namorado não me achava ridícula usando: largas e que cobrem todas as minhas celulites.

Enquanto isso, ontem à noite, Ian sussurrou no meu ouvido que eu era a mulher mais gostosa do planeta. E me permiti acreditar, me permitir voltar a ser a Lara de cinco anos atrás. Meu coração pesou no peito. A Lara de cinco anos atrás jamais teria traído o namorado. Por mais idiota que ele fosse. E pior ainda: ela não teria gostado disso como eu gostei.

***Mauro:** E vc pode dormir lá em casa hj, estou sozinho...*

Mauro: *Saudade de dormir de conchinha com vc, linda*

Meu, até então, namorado tentou me ligar algumas vezes e, quando não atendi, passou a mandar mensagens. E eu não iria responder a nenhuma delas. Parte de mim, ainda estava chateada com ele por conta da nossa briga.

Mauro estava com um comportamento cada vez mais estranho quando se tratava de mim e do nosso relacionamento. A sensação que eu tinha é que, nas últimas semanas, Mauro estava cada vez mais se transformando da água para o vinho. Ele definitivamente não era assim quando começamos a namorar. Quer dizer, ele sempre foi extremamente preocupado com sua aparência e sempre gostou de opinar na minha alimentação, sempre dizendo que era para o meu próprio bem. E, no começo, talvez até fosse. Mas agora, tudo parecia mais intenso. Parecia que ele queria me mudar, me transformar em alguém que nunca fui. E, conforme ele percebia que eu não iria mudar, ele começava a atacar minhas inseguranças ou as pessoas próximas a mim, como Alice. Se ele fazia isso de forma consciente ou não, ainda não sabia. Mas parecia que a presença de Ian em nossas vidas tinha mexido com ele quase tanto quanto tinha mexido comigo. Talvez meu namorado não seja tão seguro de si mesmo quanto parece.

Mas, ainda assim, será que isso era o suficiente para traí-lo? Deus, eu bem que tentei fazer as coisas voltarem ao estado normal entre nós dois, mas pelo visto não foi o suficiente. O nosso navio já estava afundando e continuou cada vez mais. E esse era o outro motivo pelo qual eu estava o ignorando: precisava terminar, eu *queria* terminar com ele. Mas não fazia ideia de como.

Mauro: *Vc ainda deve estar dormindo, mas tô indo treinar. Depois a gente se fala, gatinha.*

Quando começamos a sair, receber uma mensagem de Mauro fazia meu coração acelerar, de uma maneira gostosa. Mas, agora, ver seu nome na tela do meu aparelho me causava sentimentos que ainda tinha dificuldade de nomear. Quando foi que isso começou a acontecer? Eu nem sabia que tinha como se sentir sufocada por alguém através de mensagens no celular, mas, sim, é totalmente possível.

Já sem paciência para receber as mensagens de Mauro, ou de qualquer outra pessoa, desliguei meu celular. Algumas horas de paz, e totalmente

offline, me faria bem.

Por alguma razão, eu sentia que minha vida estava saindo dos trilhos. Mas, ao mesmo tempo, sentia como se estivesse voltando para casa depois de um longo tempo fora. Será que eu estava enlouquecendo? Ou era só esse o efeito de Ian Diniz na minha vida? Precisava de um tempo comigo mesma para pensar nos últimos acontecimentos e tentar desvendar todos os sentimentos que pareciam confusos dentro de mim.

Finalmente decidi levantar da cama e, ao contrário dos outros dias, não me forcei a ir à academia, ainda mais depois da mensagem de Mauro dizendo que estaria por lá. Não fazia sentido, de qualquer forma. Ian tinha razão quando disse que eu não gostava daquele lugar e, talvez, isso fosse também algo que precisava refletir sobre.

Meus pais já tinham saído para trabalhar quando fui até a cozinha tomar o meu café da manhã. Depois de um banho quente relaxante, troquei de roupa e fui direto para a Pétala & Flor.

E foi só colocar os pés dentro da minha casinha verde que as memórias da noite anterior me invadiram com tudo. Na verdade, elas nunca saíram da minha cabeça, mas eu estava dando o meu melhor para mantê-las adormecidas. Pelo menos até agora.

Eu tinha beijado Ian.

Mais do que isso: Ian me fez gozar em cima da banqueta do meu lugar favorito. E eu amei cada segundo em que sua boca estava em contato com minha pele. Vi estrelas quando seus dedos entraram em mim, me dando um dos melhores orgasmos que já tive. Desejei ser preenchida pelo seu pau de uma maneira que beirava a necessidade.

E então o sabor amargo da culpa surgiu em minha boca mais uma vez. Ah, Deus. Eu era uma traidora! Eu não era melhor do que Ian, era exatamente como ele. Mas, se trair meu namorado era uma coisa tão errada, por que parte de mim se sentia... bem?

Chega.

Não iria mais pensar sobre isso. Já tinha passado boa parte da noite me martirizando de todas as formas possíveis, agora eu queria só cuidar das minhas plantinhas. Vesti meu avental, coloquei uma música para alegrar o ambiente e comecei a colocar a mão na massa. Ou, nesse caso, na terra.

— Vocês são muito melhores do que os homens, sabiam? — falei para as minhas hortênsias de cor azul.

Com cuidado, mexia nos galhos das plantinhas, podando folhas secas, enquanto balançava meu corpo ao ritmo da música. O aroma doce e levemente ácido das hortênsias preenchia o ar, me fazendo lembrar dos verões que eu passava na cidade do Rio de Janeiro, na casa do vovô Joca e vovó Simone. Hortênsias eram as flores preferidas da minha avó.

Quando acabei com as hortênsias, passei para os vasinhos de rosas. E, depois, para as camélias. Quando algum pensamento sobre Ian ou Mauro insistia em brotar em minha mente, eu cantava ainda mais alto a música que saía pelos alto-falantes da loja e focava ainda mais no cheiro nas plantas e nas memórias boas que elas me ativavam.

Depois que terminei a primeira prateleira de flores, peguei o regador de metal e comecei a regá-las. A mistura do cheiro terra molhada e do som da água caindo também ajudavam a dissipar as nuvens escuras dos meus pensamentos.

Mas, quando o sino que ficava na porta soou anunciando que alguém tinha entrado na loja, senti as nuvens escuras voltarem com tudo ao notar quem havia chegado.

— Oi, gatinha — Mauro me puxou na intenção de me beijar na boca, mas desviei, fazendo-o beijar minha bochecha.

Como eu poderia beijá-lo com a boca que beijei Ian?

Como eu iria beijá-lo sabendo que não sentiria o mesmo que Ian me fez sentir?

Você precisa terminar, Lara.

— Onde você estava ontem à noite? — Ah, Mauro. Você quer mesmo saber onde eu estava ontem à noite? Você quer mesmo saber como *ele* pareceu me trazer de volta à vida? — Te liguei um tempão, mas você não atendeu. Você ainda está chateada por conta daquela bobeirinha de ontem, gatinha? — perguntou.

— Não foi uma bobeira, Mauro, e você sabe muito bem.

— Você está na TPM, Lara? — perguntou em tom acusatório. — Só isso explica esse estresse todo com coisa boba.

— Você ia gostar se eu te chamasse de ridículo? — revidei.

— Se eu estivesse vestido igual uma pirralhinha de cinco anos...

Como Mauro era tão grande em músculos e, ainda assim, o menor homem de caráter que já existiu? Será que ele foi assim o tempo todo, mas nunca percebi? Lembrei do que mamãe me disse ontem sobre reconhecer os erros e consertá-los. Eu tinha errado com Mauro ao traí-lo, mas também

tinha errado comigo mesma, me permitindo estar em um relacionamento há tempos desgastado por puro medo.

Não ser valorizada como deveria é tão ruim quanto ser descartada.

Estava na hora de consertar os meus erros.

— Mauro, a gente... — Antes que eu continuasse, ele me interrompeu.

— Você devia fazer mais atividade física pra ficar menos estressada.

— Não é sobre isso que precisamos conversar, Mauro. Ontem eu...

— Eu vim aqui de boa conversar, mas você que começou a me atacar porque anda estressada demais. Sério, gatinha, se você...

— Chega! — falei tão alto que Mauro se calou, me fitando com os olhos arregalados. — Não dá mais pra gente continuar juntos, Mauro.

— Mas que porra... O que você quer dizer com isso, Lara?

— Exatamente o que você entendeu. As coisas entre nós já não estão dando certo há um tempo e você sabe disso. É por isso que ontem...

— Lalá, minha linda, ontem foi só uma briga boba. — Ele tentou se aproximar de mim, mas dei alguns passos para trás para me manter distante dele.

— Mauro, não é sobre...

— Quantas brigas bobas a gente já teve? — disse, me interrompendo de novo. Por Deus! Ele não me deixaria completar uma frase?

— Mais do que o saudável — falei. — E é exatamente por isso que quero terminar. Mauro, a gente teve vários momentos felizes. Mas agora, eu...

— Ainda podemos ter mais. Não quero terminar com você, Lara. Não vou deixar você terminar comigo. — A forma como ele disse a última frase me incomodou. Era como se alguém como *eu* não pudesse dar fim a um relacionamento com alguém como *ele*. E, exatamente por me sentir assim, que eu precisava terminar.

— Eu já tomei a minha decisão, Mauro. Não dá mais. Eu só... — *Acho que ainda estou apaixonada pelo meu ex-namorado.* — Eu só acho que vamos ser mais felizes seguindo caminhos separados.

— Você está achando errado. Essa porra deve ser TPM. Vamos dar um tempo, beleza? A gente dá um tempo e depois conversamos de novo para ver se vale a pena continuar com nosso namoro ou não.

— Não quero um tempo, Mauro — falei de forma mais firme. — Eu quero terminar.

Mauro balançou a cabeça de um lado para o outro, ainda em negação com tudo.

— Isso não pode estar acontecendo — murmurou.

— Depois passo na sua casa para pegar as minhas coisas e deixar as suas — avisei.

— Não precisa, Lara. Sabe por quê? Porque a gente não terminou. Você só está tendo um dia ruim. — Ele se aproximou e, antes mesmo que eu pudesse afastá-lo, depositou um selinho na minha boca. — Vou embora antes que a situação piore e a gente não consiga reatar nosso relacionamento.

— Não tem o que reatar, Mauro. Não temos mais um relacionamento — falei, tentando parecer mais confiante do que me sentia. Mas ele me ignorou enquanto caminhava em direção a porta, me deixando sozinha de novo.

A primeira lágrima caiu quando ele saiu completamente do meu campo de visão. Por mais que eu soubesse que estava fazendo o certo, por mais que eu quisesse terminar o nosso namoro, ainda me sentia um pouco mal com toda a situação. Acho que finalizar ciclos, mesmo os ruins, causam uma dorzinha no peito. A parte boa é que, por experiência própria, eu sabia que nenhuma dor era para sempre.

Agora, eu sentia que precisava me reconectar comigo mesma. Fazer as pazes com as minhas partes magoadas e, depois, ser finalmente livre para seguir em frente. Seja com Ian ou com qualquer outra pessoa que realmente me valorizasse.

A tarde na Pétala & Flor foi agitada, o que achei ótimo. Amava cuidar das minhas plantas tanto quanto amava vendê-las para outras pessoas, fazendo com o que dia delas ficasse mais alegre.

Mais tarde, quando o céu já estava quase completamente escurecido, ouvi o sino tocando mais uma vez, anunciando a entrada de alguém.

— Bem-vindo à... — Meu sorriso sumiu do rosto, mas as borboletas do meu estômago ressuscitaram. — O que você está fazendo aqui?

Se Ian tentasse continuar de onde paramos ontem...

— Eu vim conversar com você, Lara. Acho que a gente precisa esclarecer algumas coisas depois do que aconteceu ontem, você não acha?

O homem parado à minha frente podia até lembrar o Ian que partiu meu coração na aparência, mas era evidente o quanto ele estava mudado por dentro, mais maduro. E eu não sabia ainda como lidar com essa versão dele. A verdade é que eu ainda carregava alguma mágoa e, mais do que isso, o

medo de que, mesmo com nós dois mais maduros, a nossa história acabasse tendo o mesmo fim.

Eu precisava de tempo.

Tempo para aceitar que errei e para lidar com minha culpa.

Tempo para entender a minha jornada antes de compartilhá-la de novo com alguém.

As últimas horas foram uma completa confusão na minha vida, mas, a verdade, é que já venho me sentindo confusa há meses. Ontem foi só a última gota d'água que fez o meu copo transbordar. E, agora, precisava de uma dose de tempo para organizar toda a bagunça que tinha ficado.

— Não é uma boa hora agora, Ian — falei.

Ian encurtou o espaço entre nós dois, se aproximando de mim e fazendo com que *flashes* de memória da noite anterior invadissem minha cabeça de forma ainda mais vívida.

— E quando vai ser, Lara? — questionou com os olhos grudados aos meus. — Quando vai ser a hora de conversar sobre nós dois?

— Não tem nós dois, Ian — minha voz saiu bem baixa, nem eu mesma acreditava nas minhas palavras.

— Quando você vai parar de mentir para você mesma, *amor*?

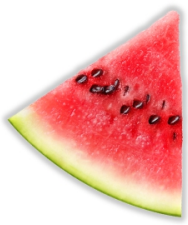
Por que aquela palavra idiota fazia meu coração acelerar tanto?

— Eu tenho muitas entregas para arrumar, Ian. Você precisa ir embora — falei.

Ian me fitou em silêncio durante um tempo que mais pareceu uma eternidade.

— Eu vou embora, Lara, mas vou voltar. Porque, dessa vez, ir embora significa apenas atravessar a rua e esse será o mais longe que estarei de você. Esse é o mais longe que pretendo ficar de você. Sei que muitas coisas aconteceram e você precisa pensar, então vou respeitar o seu tempo. Quando você quiser me ouvir, estarei pronto para falar tudo que tenho pensado. Mas, para isso, você também precisa estar pronta para ouvir. — Ian se inclinou e sussurrou no meu ouvido. — Eu já esperei cinco anos, amor. Posso esperar uma dose de tempo mais.

Ian não me deixou completamente sozinha porque as palavras dele foram uma companhia constante na minha cabeça durante todo o resto do dia.



Capítulo 30.

IAN DINIZ

— Esse tom de rosa combinou perfeitamente com suas tatuagens, parceiro — Nick implicou com Caio, que revirou os olhos.

Caio até tentou convencer a minha filha de usar o esmalte preto nas unhas dele, mas ela insistiu que o rosa com glitter era muito mais lindo e ele não teve outra alternativa a não ser acatar às ordens da dona do salão de beleza.

— Acho que você está com inveja — Caio revidou.

— Não fica triste, tio Nick, você é o meu próximo cliente — Ali garantiu.

Nós tínhamos marcado uma noite só dos caras, uma ideia de Nick, na verdade. Eu topei na hora porque precisava mesmo de distração depois de tudo que aconteceu com Lara. Talvez, se eu tivesse algo a mais para fazer, seria mais fácil controlar a vontade que eu tinha de correr atrás dela. Odiava para caralho precisar ser paciente.

Nossa ideia era beber cerveja e jogar FIFA no videogame até tarde. Talvez uma partida de pôquer também, jogo que, aliás, eu era muito bom graças aos ensinamentos do tio Pedro. Ali ficaria com meus tios, mas ela acordou sentindo um pouco de dor na garganta e, sempre que fica doente, quer ficar grudada comigo. Quando contei aos meus primos que ela não iria para lá, Nick logo sugeriu então que virasse “a noite dos caras e da garotinha”. Agora, enquanto brinca de salão de beleza com nós três na nossa sala de estar, Ali nem parece lembrar que está doente.

— Pronto, tio Caio. Você gostou? — perguntou com os olhinhos brilhando enquanto Caio encarava as unhas, e parte dos dedos, tingidas de rosa.

— Ficou perfeito, Ali. Vou voltar mais vezes ao seu salão. — Minha filha abriu um sorriso satisfeito.

— Próximo cliente — chamou. Caio levantou do chão e Nick ocupou o lugar em que o gêmeo anteriormente estava. — Oi, cliente. O que você

vai querer fazer?

— Um penteado no meu cabelo — Nick pediu.

— Você quer uma maquiagem — Ali sussurrou.

— Não quero, não. Quero um penteado pra fazer a tia Gabi se apaixonar ainda mais por mim — Nick insistiu.

— Você não sabe brincar disso, tio Nick! — Ali reclamou.

Nick bufou, dando-se por vencido.

— Tudo bem, pirralha. Eu vou querer uma maquiagem — disse.

— Eba! Eu amo brincar de maquiagem. Vou no meu quarto pegar as coisas, não sai daqui — Ali instruiu.

Assim que minha garotinha sumiu do nosso campo de visão, foi a vez de Caio implicar com o irmão.

— Agora você se fodeu, parceiro. Eu só tive as unhas pintadas de rosa, você vai ter o rosto inteiro — ele disse.

— E ainda assim vou continuar sendo o gêmeo mais bonito, seu cuzão — Nick respondeu.

Ali voltou com sua maletinha repleta de maquiagens infantis, um presente que ganhou de Cora em seu último aniversário, e ajeitou todo o material ao seu lado no tapete da sala, preparando-se para atender seu cliente.

— Vou começar com a sombra — Ali disse pegando o pincel cor de rosa e arrastando suas cerdas em cima do pó de cor laranja da sua paleta em formato de coração.

— Não dá pra ser outra cor? Laranja não combina comigo — Nick sugeriu.

— Essa é minha cor favorita. Lá na floricultura da tia Lara tem uma flor chamada girassol que é dessa cor. Você vai ficar igual um girassol, tio Nick.

— Era tudo que eu mais queria — Nick disse em um tom debochado que minha filha ainda era nova demais para entender.

Com o semblante concentrado, Ali começou a passar a sombra nas pálpebras de Nick.

— Não se mexe, tio Nick, senão eu vou borrar tudo — Ali repreendeu.

— Foi mal, pirralha, mas essa parada faz cosquinha — ele explicou.

Quando terminou os olhos, minha pequena passou um pó rosa-choque nas bochechas do meu primo. E, para finalizar com chave de ouro, pintou seus lábios com um batom vermelho.

— Você gostou? — Ali perguntou, entregando um espelhinho para que Nick pudesse se olhar.

— Pu… — Nick deixou o palavrão morrer quando lembrou que Alice era apenas uma criança. Caio e eu tentamos segurar nosso riso ao notar o rosto dele ao ver a obra de arte de Ali. — Puxa vida, pirralha. Está incrível. Você é a melhor maquiadora do mundo todo.

Nick puxou a minha pequena para um abraço.

— Você deveria contratar Ali para te maquiar no seu casamento — brinquei.

— Ela vai estar ocupada demais sendo a daminha mais bonita do lugar, não é, Ali? — Nick falou.

— Sabia que eu vou usar um vestido branco igual ao da tia Gabi? E uma tiara de flores na minha cabeça — Ali contou animada.

— Você vai estar linda, pirralha — Nick disse. — E, por falar em casamento, eu tenho um convite para fazer para vocês dois.

— Desculpa, parceiro, não dá para te levar a sério com essa maquiagem — Caio disse.

— Vai se ferrar, Caio. — Nick aproveitou que Ali estava distraída guardando as maquiagens e levantou o dedo do meio para o irmão — Voltando ao assunto, eu quero muito convidar vocês, oficialmente, para serem os meus padrinhos. O dia mais importante da minha vida não será o mesmo sem vocês lá comigo. E aí, vocês aceitam?

— Mas é claro que sim, seu otário — Caio respondeu.

— Se você não me convidasse, eu me convidaria — brinquei. — Será uma honra estar lá assistindo bem de perto você chorar ao ver Gabi vestida de noiva.

— Eu não vou chorar — Nick garantiu.

— É o que veremos em breve — falei. — Vou pegar uma cerveja pra gente comemorar.

Fui até a geladeira e peguei 3 *long necks*, entregando uma para cada um deles. Nós erguemos nossas garrafas em um brinde e bebemos.

— Ah, e como meus padrinhos, é função de vocês organizarem a minha despedida de solteiro — Nick avisou.

— Deixa comigo, irmão. Tenho uns contatos na Costa dos Corais que vão saber me indicar o melhor lugar para isso — Caio garantiu.

Não demorou muito para Ali ficar com sono e fui colocá-la para dormir. Quando voltei, Nick, Caio e eu continuamos nossa conversa de

onde tínhamos parado até que o celular de Caio tocou e ele se afastou para atender. Minutos depois, ele reapareceu na sala com um semblante preocupado.

— Era a Coraline. Ela me ligou para dizer que quer comer pizza de sardinha com cobertura de creme de avelã. Onde caralhos eu vou arrumar essa porra?

Nas últimas semanas, Cora vinha sentindo desejos exóticos, por assim dizer. Sempre achei que era besteira isso de desejo de grávida, até ver minha irmã comer um pratão de ovos mexidos com *ketchup* e chantilly. Quem caralhos em sã consciência comeria isso?

— Espero que em lugar nenhum porque parece nojento pra porra — Nick disse fazendo uma careta.

— Você é cozinheiro, Ian, faça alguma coisa — Caio disse.

— Eu me recuso a cozinhar essa atrocidade — falei.

— Eu sou seu chefe, caralho, estou mandando — Caio, paciente como sempre, declarou.

— Você é meu chefe no BarVelar, porra, não aqui na minha casa — rebati. Caio me fitou com o cenho franzido. — Sua sorte, parceiro, é que eu amo a Cora.

E o que eu não fazia pela minha irmã?

Fui até a cozinha e comecei a separar os ingredientes para fazer a pizza mais asquerosa já criada. Por sorte, eu tinha sardinha em casa por conta de uma receita que estava pensando em criar para o mês temático de frutos do mar no BarVelar. Depois de deixar a massa descansar por um tempo, a abri em um círculo em cima da bancada e comecei a montar a pizza. Espalhei uma fina camada de molho de tomate sobre a massa e, em seguida, distribui pedaços de sardinha de maneira uniforme.

— Porra, não acredito que estou mesmo fazendo isso — falei enquanto abria o pote de creme de avelã.

Adicionei pequenas colheradas do creme entre as sardinhas, garantindo que os sabores se misturassem, mas não se sobrepusessem completamente. Para finalizar, polvilhei uma mistura de queijos por cima, criando uma camada que ajudaria a unir todos os ingredientes. Caralho, eu estava me sentindo enojado com essa maluquice. Mas, com sorte, Cora ficaria feliz e, no fim, é isso que importava. Coloquei a pizza no forno e, agora, só nos restava esperar.

— Sabe, talvez essa pizza não seja tão ruim — Nick disse mais tarde quando o aroma da pizza começou a se espalhar pela cozinha. Uma estranha mistura de doce, salgado, peixe e chocolate.

O *timer* apitou avisando que a pizza estava pronta e coloquei as luvas para tirá-la do forno. A cara não era das melhores e o sabor não deveria ser muito diferente. Mas eu que não iria discutir com a versão grávida de Coraline Avelar.

— Corta um pedaço pra mim aí, parceiro, quero experimentar — Nick pediu.

— Porra, você não pode estar falando sério — falei.

— Acho que o meu gêmeo bebeu demais, só pode — disse Caio.

— Eu gosto de sardinha, de creme de avelã e de queijo... — Nick comentou dando de ombros. — Se eu gosto das três coisas separadas, então por que não gostaria das três juntas?

— Esse foi um dos raciocínios mais idiotas que você já teve, Nicolas, e você tem vários deles — Caio criticou.

— Corta aí, porra, quero experimentar! — pediu de novo.

— Se você insiste... — Peguei a faca e cortei uma fatia generosa da pizza, entregando a ele.

Caio e eu assistimos, com semblante de nojo, enquanto Nick dava uma mordida com vontade na massa. Pensei que meu primo iria colocar tudo para fora em um vômito, mas, para minha surpresa ele não só engoliu como deu uma nova mordida.

— Você gostou mesmo dessa porra? — Caio perguntou incrédulo.

— Já comi coisas piores. — Ele deu uma nova mordida. — Parece que estou comendo um chocolate dentro da água do mar, sacou? Não é ruim. É uma mistura interessante de doce com salgado.

— Acho que eu vou vomitar — falei.

Como chef de cozinha, sempre gostei de experimentar coisas e nunca tive frescura para comer. Mas aquilo dali era demais até para mim. Se eu tinha um limite, era esse.

Nick terminou de comer seu pedaço de pizza enquanto eu embalava o resto para Caio levar para a esposa. Algum tempo depois de irem embora, chegou uma nova mensagem no *Enfia o Nome Cu*.

***Cora**: *enviou um arquivo de foto**

***Cora**: Essa é a coisa mais deliciosa que já comi.*

Cora: *Pode parecer loucura, mas é exatamente o q eu queria. Obrigada, maninho!*

Ian*: De todas as coisas q eu já fiz, essa é a mais deliciosa? Porra! Talvez eu seja um cozinheiro de merda*

Gabi*: Estou até com medo de perguntar, mas o que é isso?*

Caio*: Pizza de sardinha com creme de avelã*

Gabi: **emoji de vômito**

Caio*: O seu noivo provou e adorou, Gabi*

Gabi*: NICOLAS! Não acreditou q vc me beijou depois de comer essa pizza estranha*

Nick*: Minutos atrás, quando minha língua tava dentro da sua boca, vc não parecia se importar*

Nick: *Se me lembro bem, vc pediu até mais*

Nick: *E a pizza nem é ruim assim, vcs são exagerados*

Ian*: A Cora tá grávida, os hormônios dela estão loucos. Qual a sua desculpa?*

Nick*: Sou bom de boca, parceiro. Pode perguntar a Gabizinha*

Ian*: Já chega desse grupo. Vou dormir.*

Cora: *E eu vou comer mais da melhor pizza do mundo!*

Gabi*: Acho que não quero mais engravidar*

Caio: *Todos vcs são estranhos pra caralho!*



O dia da avaliação dos pratos pelos jurados do concurso GastroBar se aproximava e, com isso, decidi organizar um jantar especial na minha casa onde eu cozinharia os pratos que inscrevi no concurso para o jurado mais julgador que conheço: o *chef* Diniz, ou como gosto de chamar, tio Pedro. Ele sempre foi a minha inspiração e o motivo pelo qual escolhi me tornar um *chef*. Se tem alguém que vai me dizer a verdade sobre o prato, além de me dar dicas do que mudar, esse alguém é o tio Pedro.

Arrumei as tigelas com as folhas de peixinho da horta e *ora-pro-nóbis* em cima da bancada da cozinha e abri um sorriso de satisfação com a qualidade dos produtos. Minha garota tinha feito um excelente trabalho no cultivo, como sempre. Lara era incrível em todas as áreas da sua vida e cada dia eu tinha mais certeza disso.

Lara.

Nossa última interação aconteceu poucos dias atrás, mas continuava impregnada na minha mente assim como a tatuagem de melancia na minha pele. Beijar Lara depois de tanto tempo foi como chegar em casa depois de um longo dia de trabalho. E nada no mundo me preparou para a sensação de prazer que me atingiu ao ouvi-la gemer meu nome.

Mas, infelizmente, meus minutos no paraíso não demoraram muito para irem por água abaixo. Embora fosse notável no rosto de Lara o quanto ela tinha gostado de sentir meus dedos dentro dela e de me ver provando o sabor que ficou neles, minha garota se sentiu culpada por estar traindo o cuzão. E, apesar de não me arrepender nem por meio segundo sequer do que tinha rolado entre nós dois, odiava ver Lara sofrendo. Um pouco hipócrita da minha parte, confesso, já que eu mesmo já tinha feito a garota sofrer. Mas eu não era o mesmo cara de cinco anos atrás...

Entendia que a nossa história havia deixado marcas em Lara e que essas feridas não sumiriam tão facilmente. Eu estava disposto a fazê-la enxergar o quanto mudei e, mais do que isso, o quanto eu era capaz de fazê-la feliz de verdade. Não estava mentindo quando disse que respeitaria o seu tempo e estava dando o meu melhor para isso. Mas, porra, era difícil para caralho me conter. E, felizmente, essa promessa não me impedia de acompanhá-la da janela do meu quarto e observá-la em sua floricultura.

O interfone do meu apartamento tocou, me puxando de volta para o presente, e o porteiro avisou que minhas visitas haviam chegado. Não demorou muito uma batida soar na porta do meu apartamento.

— Deixa que eu abro, papai — minha filha disse correndo em direção a porta.

— Oi, pequenininha. O vovô estava morrendo de saudades — tio Pedro falou enquanto puxava Ali para um abraço.

— Eu também estava com saudade, vovô.

— E de mim? — tia Sara perguntou parecendo com ciúmes.

— Também, vovó — ela saiu do aperto do meu tio para abraçar a minha tia.

— Vou começar a preparar o jantar. Por que vocês não fazem companhia a Ali enquanto isso? — sugeri.

— Vem ver meu feijãozinho — minha filha disse já puxando os dois pelas mãos.

Enquanto os três se distraíam juntos, preparei os dois pratos que participariam do concurso. Depois de muito pensar, consegui desenvolver

dois aperitivos perfeitos para participar da competição e estava ansioso para saber a reação dos meus tios, que seriam os primeiros a experimentarem.

— O cheiro está delicioso! — tia Sara disse quando nos sentamos à mesa.

— O sabor também, espero. Vamos começar com o bolinho de feijão fradinho com recheio de *ora-pro-nóbis* — falei.

No centro da mesa, coloquei uma bandeja de bambu em formato redondo com os bolinhos e usei algumas folhas verdes de *ora-pro-nóbis* e tiras de pimentão coloridas para incrementar o visual do prato. Alguns gomos de limão nos cantos completavam a apresentação, prontos para serem espremidos sobre os bolinhos e deixar a receita ainda mais saborosa.

— A apresentação está agradável, agora veremos o sabor — tio Pedro disse em um tom de voz digno de crítico gastronômico. Talvez ele estivesse se recordando do tempo em que tanto ele quanto a tia Sara trabalhavam na Editora Werberg e brigavam para escrever as críticas de vários restaurantes espalhados pelo Brasil.

Cada um dos meus tios pegou um bolinho.

— Posso experimentar também, papai?

— Claro, pequena. Só cuidado para não se queimar porque ainda está um pouco quente — avisei.

Aguardei com ansiedade enquanto os três mordiam seus respectivos bolinhos e o degustavam.

— O que leva na receita? — tia Sara perguntou. Os dois estavam mesmo levando a sério o papel de críticos gastronômicos.

— A massa foi feita com feijão fradinho e alguns temperos. E para o recheio, preparei um refogado de *ora-pro-nóbis*, cebola, azeite e alho.

— E, então, qual o veredito? O que vocês acharam?

— Está uma delícia, papai. Eu amo todas as suas comidas — Ali disse me fazendo sorrir.

— A crosta está dourada e crocante, textura perfeita. E o recheio, Ian, está divino. Bem temperado e um equilíbrio ideal entre o sabor mais terroso da *ora-pró-nóbis* e a suavidade do feijão fradinho — tia Sara avaliou.

— E o que você achou, tio Pedro?

— A crocância está no ponto certo, e o *ora-pro-nóbis*... Você conseguiu manter o sabor autêntico enquanto o integra perfeitamente com o feijão. Ian, eu não digo isso muito, mas estou impressionado com você.

Respirei aliviado. Receber um *feedback* positivo dos dois cozinheiros mais talentosos que conheço era quase tão incrível quanto ganhar o concurso.

— Isso quer dizer que sou um *chef* melhor do que você? — provoquei. Tio Pedro soltou uma risada de deboche.

— Não é para tanto, pirralho. Mas, se você continuar assim, talvez um dia se torne quase tão bom quanto eu — respondeu.

— Talvez você mude de ideia com o próximo prato.

Dessa vez, servi uma bandeja com folhas de peixinho da horta empanadas em massa de cerveja leve e aerada. Para acompanhar, adicionei dois pequenos ramequins com molhos vibrantes, um verde claro de limão e ervas e outro vermelho de pimenta. Para decorar a bandeja de madeira, utilizei ramos de alecrim, tomilho e um pouco de sal grosso polvilhado.

Mais uma vez fiquei ansioso enquanto esperava o *feedback* dos meus críticos particulares. E, mais uma vez, ouvi elogios do quanto eu havia acertado em cheio na crocância e também no sabor do prato.

— Você deveria cozinhar esse prato para a Oli qualquer dia, Ian, ela vai amar — tia Sara disse.

Automaticamente meu cérebro viajou para o cenário perfeito em que Lara e eu voltávamos a namorar e iríamos a um almoço de família dos Avelar, onde eu poderia levar essa receita para minha sogra experimentar. Porra, quanto tempo mais eu teria que esperar para transformar esse sonho em realidade?

— Cozinhar é mais do que apenas seguir receitas, Ian, é colocar sua alma em cada prato. E você sempre soube fazer isso bem, mas hoje... Hoje você fez isso de forma excepcional.

— Obrigado, tio Pedro. Ouvir isso vindo de você vale muito.

— Você mereceu meu elogio — meu tio respondeu. — Esse prêmio já é do BarVelar. Já é seu — falou.

— Espero que os críticos do concurso concordem com a sua opinião.

O prêmio do concurso GastroBar é a segunda coisa que mais quero ganhar nos próximos dias.

O primeiro é o coração de Lara.



LARA AVELAR

Mal pude acreditar que tinha conseguido dormir a noite inteira quando acordei com o toque do despertador. Os últimos dias tinham transformado a minha cabeça em um local caótico de se estar. Essa confusão de pensamentos estava atrapalhando minhas noites de sono e, por consequência, os meus dias.

Sabia que tinha feito a escolha certa ao terminar com o Mauro. Apesar dele ter sido importante em uma etapa da minha vida, as coisas entre nós já não estavam bem há um tempo. Nós fomos bons juntos até que deixamos de ser. Era como se eu não conseguisse mais me encaixar na vida dele e vice-versa. Mesmo assim, não foi fácil encerrar esse ciclo. Ainda mais por conta da culpa que eu carregava.

Às vezes achava que, no lugar de sangue, era a culpa que corria pelas minhas veias. Ela ardia, fazia meu coração parecer apertado e parecia que iria me consumir por inteira a qualquer momento. E talvez eu merecesse isso. Toda vez que olhava meu reflexo no espelho, enxergava a palavra *traidora* tatuada bem no meio da minha testa.

Cinco anos atrás eu juraria de pés juntos que jamais trairia alguém. Para a Lara daquela época, esse era o maior crime que poderia acontecer dentro de um relacionamento. Então... como vim parar exatamente na posição que sempre critiquei? Talvez a vida não seja tão preta e branca como sempre achei que fosse. Talvez ela seja cinza, uma mistura de situações boas, ruins e questionáveis.

Ter um comportamento questionável me transformava em uma pessoa ruim?

"Você errou e já reconheceu seu erro. Agora é a hora de parar de errar", a voz de mamãe ressoava em minha cabeça sempre que os pensamentos culposos começavam a berrar mais alto que o normal.

Eu tinha parado de errar quando terminei com Mauro. Então por que não conseguia me sentir cem por cento bem? Fechei os olhos e respirei

fundo. O rosto *dele* tomou conta da minha mente sem nem sequer pedir licença.

Ian.

As palavras dele também continuavam fazendo morada na minha cabeça. Assim como o gosto do seu beijo, seu toque em minha pele, o jeito como me chamou de *amor*. Quando eu pensava em Ian, algo muito parecido com paixão preenchia meu coração e eu me sentia uma adolescente de novo. Achei que esse sentimento já estava enterrado há séculos, mas foi só a gente voltar a conviver para que eu cavasse a cova e o encontrasse mais uma vez. Mas a certeza que o sentimento por ele ainda existe veio mesmo quando a gente se beijou.

E, junto da certeza, veio também o medo. Medo de ser magoada, enganada, de ter meu coração partido mais uma vez e não conseguir sair do fundo do poço. Com toda a nossa bagagem, não era tão fácil deixá-lo voltar com tudo para minha vida. Minha parte racional sabia que Ian tinha mudado, mas parte do meu coração parecia ter dificuldade em acreditar nisso.

Meu celular vibrou, interrompendo meus pensamentos.

***Gabi**: Amigas, não esqueçam do nosso compromisso hj*

***Cora**: Celina e eu já estamos ansiosas para experimentar comida de casamento*

***Gabi**: Vc tbm está confirmada, né, Larinha?*

***Lara**: Não perderia por nada nesse mundo*

***Gabi**: Vcs são as melhores amigas do universo!*

Gabi nos chamou para participar da degustação de docinhos e bolo para o casamento, que aconteceria em breve, já que Nick teve um contratempo no trabalho e não poderia ir junto. Uma saída com as minhas cunhadas talvez fosse o segredo para melhorar um pouco o meu humor, que não andava muito bom.

Levantei da cama e fui me arrumar para mais uma manhã de trabalho. Assim que cheguei na Pétala & Flor, coloquei um *podcast* para ouvir, e distrair minha cabeça, e foquei em preparar os arranjos que precisariam ser entregues ao longo do dia.

Fui colocar um dos arranjos já prontos na prateleira perto da janela no mesmo instante em que Ian e Alice saíam pelo portão do prédio em que moravam. A garotinha, que usava o uniforme da escola, abriu um sorriso

gigante assim que me viu e usou as mãozinhas para me dar tchau e mandar beijos. Retribuí o gesto e o rosto de Ali pareceu se iluminar ainda mais. Ian também sorriu ao me ver e senti meu coração bater mais rápido dentro do peito. Era gostoso e, ao mesmo tempo, assustador. Os dois continuaram o caminho até a escola e eu voltei a minha atenção para as flores. Eu sabia que precisava tomar uma decisão, mas precisava de um pouquinho mais de tempo.

Eu estava tão imersa no meu trabalho que quase não ouvi quando o sino que ficava na porta de entrada da minha loja tocou.

— Oi, pirralha — a voz de Caio me cumprimentou.

— Você sabe que já sou adulta, não sabe? — impliquei.

— Você vai ser sempre uma pirralha pra mim, Larinha. — Ele se aproximou de onde eu estava e me deu um beijo no topo da cabeça. — Hoje passei em frente àquela cafeteria que você gostava de ir quando era uma adolescente chata e trouxe sua bebida favorita.

Caio estendeu a mão e me entregou um copo que, só pelo cheiro, eu sabia ser chocolate quente com marshmallow. Senti minha boca salivar em antecipação.

— Às vezes você consegue ser o melhor irmão do mundo, Caio — agradeci.

Dei um gole na bebida e me senti no céu. Amava a mistura do gosto do chocolate com o marshmallow. Sempre que eu estava para baixo ou tendo um dia ruim, gostava de ir nessa confeitaria. Caio já havia me levado lá inúmeras vezes ao longo da vida.

— Nós dois sabemos que sou seu irmão favorito — disse, convencido como sempre, me fazendo revirar os olhos.

— Eu amo vocês dois da mesma forma.

— Mas o Nick não trouxe sua bebida preferida — provocou.

— Tudo bem, hoje você ganhou o título de irmão favorito — disse. — Mas amanhã pode ser que Nick o roube de você. Obrigada pelo chocolate. Eu estava mesmo precisando de um docinho.

— Você sabe que pode sempre contar comigo, não sabe? — Assenti. — Ótimo. Então vai me dizer por que caralhos você estava estranha ontem?

— Eu não estava estranha — menti. Ontem à noite meus pais fizeram um jantar em família lá em casa, com meus irmãos e as minhas cunhadas e, para ser sincera, eu estava mesmo mais quieta do que o normal. — Só estava meio cansada.

— Não sabia que Ian agora se chamava cansaço. — Encarei meu irmão mais velho com as sobrancelhas erguidas. — Você acha que sou burro, porra?

— Aquilo que você viu outro dia não foi nada demais — contei mais uma mentira. Talvez eu tenha virado uma viciada em mentir.

— Aquilo definitivamente pareceu algo demais. Vocês estavam praticamente grudados um no outro, porra. — Senti minhas bochechas corarem. — Olha, Lara, você pode beijar quem quiser. Mas se algum idiota te deixar triste, eu...

— Infelizmente, maninho, você não pode impedir as pessoas de me magoarem.

— Mas posso dar uma porrada no imbecil. Mesmo se o imbecil for um parceiro meu, igual o Ian é.

Tirei as luvas que usava e as coloquei no bolso enquanto pensava em como responder ao meu irmão.

— Eu não estou triste por causa do Ian, Caio. Só estou... confusa. Eu sempre tive uma quedinha por ele e não esperava que ela ainda fosse existir mesmo depois de tantos anos longe um do outro — confessei uma meia verdade. Não adiantava mentir para Caio, mas eu podia omitir alguns detalhes. — E, por causa dessa confusão de sentimentos dentro de mim, acabei terminando com Mauro.

— Caralho, até que enfim, porra. Isso sim é uma notícia boa — falou, sem tentar esconder a felicidade. — Por que você não contou isso antes?

Minha mãe sabia do término. Cora e Gabi também. Mas pedi para as três não comentarem com ninguém por um tempo. Eu iria contar a todos assim que estivesse com a cabeça melhor e preparada para responder todos os possíveis questionamentos que aconteceriam, especialmente os que viriam de Ian.

— Eu ainda estou digerindo tudo e tentando encontrar sentido em algumas coisas.

— Você e o Ian...

— Não sei o que vai acontecer entre nós dois, para ser sincera. Isso é algo que preciso pensar — disse, o interrompendo.

Caio me fitou com uma das sobrancelhas erguidas, parecendo analisar cada microexpressão em meu rosto como se fosse a droga de um agente do FBI em busca da solução para um mistério.

— Você está apaixonada por ele, Lara? — quis saber.

Fiquei em silêncio um tempo, olhando para o arranjo de flores à minha frente. O açafrão-do-prado é uma flor linda e que parece inofensiva, mas, a verdade, é que ela é uma planta altamente tóxica se ingerida pelo ser humano. Estar apaixonada por Ian pode parecer inofensivo, mas, no fundo, eu tinha medo de me entregar cem por cento para ele e acabar sendo intoxicada. Algumas coisas são lindas apenas a uma distância segura. E se Ian for o meu açafrão-do-prado? E se eu ingerir demais dele e isso me destruir mais uma vez? Eu conseguiria me recuperar de novo?

— Não sei ainda o que sinto — dessa vez, a mentira era mais para mim do que para o meu irmão. No fundo, eu sabia os meus sentimentos. Só era difícil demais externalizá-los e mais difícil ainda aceitá-los.

— Não posso dizer o que você sente, mas posso dizer o que vi naquele dia no BarVelar. Vocês claramente sentem algo um pelo outro e fingir que isso não existe não vai mudar o que vocês sentem. — Caio se aproximou de mim e deu um beijo no topo da minha cabeça. — Não deixe que o medo te impeça de viver algo incrível, Larinha. Quero te ver feliz e, se Ian é quem vai te fazer feliz, serei o primeiro a apoiar vocês dois.

Senti meu coração se aquecer com aquelas palavras. Nick, Caio e eu já brigamos muito durante a infância, mas eu os amo com tudo que há dentro de mim. Os dois podem até me irritar às vezes, mas a minha vida seria extremamente sem graça se eles não existissem.

— Desde quando você se tornou um cara que dá conselhos profundos? — impliquei.

— Acho que virar pai me deixou assim. Ah, caralho... Acho que estou me transformando numa versão mais jovem do Leonardo Avelar. — Soltei uma risada.

— Então minha sobrinha será uma garota de sorte — falei e, dessa vez, não estava implicando. Caio seria um pai incrível. — Obrigada pelo conselho, Caio.

— Você pode sempre contar comigo, pirralha.

Caio se despediu de mim com um abraço e voltou para o BarVelar. O resto do dia pareceu passar em câmera lenta enquanto eu trabalhava em arranjos infinitos. No horário marcado, minhas cunhadas e eu nos encontramos em frente à floricultura para irmos juntas até o nosso compromisso.

— Estou tão empolgada! Vocês sabiam que foi nesse mesmo lugar que meus pais fizeram o bolo do casamento deles? — Gabi contou enquanto

estacionava o carro na vaga em frente à confeitaria.

Eu conhecia o lugar de vista, já que ficava exatamente na mesma rua da academia que eu costumava vir quando estava tentando ser como as garotas que Mauro admirava. Pensar nisso trouxe um sabor amargo ao meu paladar e reuni todas as minhas forças para jogar esses pensamentos para um canto do meu cérebro. Não queria deixar os fantasmas do meu passado estragarem um momento especial com minhas cunhadas.

Entramos na Confeitaria Santa Casamenteira e deixei um suspiro apaixonado escapar. Era impossível não ser atingida pela atmosfera romântica que tomava conta de todo o lugar: as luzes suaves, os detalhes de coração em vários cantos, as paredes em um tom de rosa queimado, os milhares de doces e bolos expostos nas vitrines, os enfeites de noivinhos que decoravam as mesas.

— Bem-vindas, meninas. Você deve ser a Gabi, certo? — a atendente perguntou.

— Sou eu mesma! — minha cunhada respondeu sorridente.

— Eu sou a Bianca, prazer. Estávamos esperando vocês. A sua mesa é aquela ali... — Apontou para um móvel de madeira que estava próximo a uma das grandes janelas. — Podem vir comigo.

Sentamos à mesa e o sorriso de Gabi, que já estava gigante, ficou ainda maior. Ela estava amando ser uma noiva e estava aproveitando cada segundo dessa fase.

— A Cris, nossa confeiteira, já vem falar com vocês.

— Estou tão empolgada! Mal posso esperar para escolher os doces para o meu casamento. Tudo aqui parece tão delicioso...

— Eu sou *expert* em sabores de doces graças a senhora Diniz. Meu paladar é exigente — Cora brincou enquanto aguardávamos a confeiteira.

— Oi, meninas! Gabi, que bom finalmente te conhecer pessoalmente e não só através de mensagens. — A mulher usando um *toque blanche* disse ao se aproximar da nossa mesa empurrando um carrinho de servir repleto de bandejas. — Preparei tudo com muito carinho para a degustação de hoje, de acordo com o que conversamos. Espero que vocês gostem. Que tal começar pelos bolos?

— Ah, por favor, sim! — Gabi disse.

A confeiteira pegou uma das bandejas repleta de pequenas fatias de bolos decorados e colocou em cima da mesa. Havia várias opções: bolo de

chocolate com recheio de ganache, bolo de baunilha com frutas vermelhas, bolo de nozes com doce de leite, *red velvet*, entre outros.

Mal tínhamos começado a experimentar e eu já sabia que seria uma decisão difícil. Todos estavam absurdamente deliciosos.

— E, por último, o queridinho do momento: bolo de massa branca com recheio e cobertura de pistache — explicou a confeiteira, apontando para uma fatia que parecia um pedaço de céu. — É uma das nossas especialidades.

Cada uma de nós pegou um pedaço com a colher. Quando levei a minha parte até a boca, fechei os olhos ao sentir a textura cremosa e o sabor intenso do pistache invadir meu paladar.

— É maravilhoso! — declarei.

— Definitivamente está na lista dos favoritos — concordou Cora.

— Fico muito feliz que tenham gostado. O bolo de pistache é realmente especial — disse Cris.

— Estou achando que decidir o bolo será mais difícil do que escolher o vestido — brincou Gabi.

Enquanto a noiva ainda ponderava sobre o sabor do bolo, Cris começou a nos apresentar os docinhos: brigadeiros gourmet, *macarons* coloridos, mini *cheesecakes*, docinhos com frutas. No final da degustação, minha barriga estava cheia, mas meu coração parecia bem mais leve graças a toda a diversão que essa experiência me proporcionou.

Gabi e Cris terminavam de acertar todos os detalhes, Cora foi ao banheiro e eu decidi esperá-las do lado de fora, enquanto respirava um ar puro e tentava me sentir menos empanzinada.

— Acho que foi o destino que fez nossos caminhos se cruzarem. — Antes de me virar em direção a voz, sabia quem era o seu dono. — Eu senti tanto a sua falta, gatinha.

Mauro parecia o mesmo de sempre, usando sua regata cavada favorita para malhar, a *shakeira* na mão e a bolsa esportiva pendurada no ombro. Ele tentou se aproximar de mim, mas dei um passo para trás.

— A gente tem muito o que conversar, gatinha.

— Meu nome é Lara, Mauro — falei em um tom ríspido. — E nós já conversamos tudo que tínhamos para conversar.

— Você falou, eu não tive a oportunidade de falar — disse, embora fosse mentira. Ele falou até demais, na minha opinião. — Você não sente a minha falta? Falta dos meus beijos? De conversar comigo? Porra, gata, eu

sinto sua falta todos os dias. Não sei onde a gente se perdeu, Lara, mas ainda te amo. E quero construir um futuro com você. A gente pode...

— Não tem *a gente*, Mauro.

— Eu sinto que ainda temos algo especial. Acredito que ainda temos uma chance de fazer isso funcionar, Lalá.

— Mauro, por favor...

Meu ex-namorado caminhou em minha direção e, dessa vez, eu nem tinha para onde fugir. Fiquei presa entre a parede da confeitaria e o corpo dele.

— De todas as confeitarias de Teresópolis, por que você escolheu justo essa aqui para vir hoje, hein? Justo a que fica perto da minha academia. Aposto que, inconscientemente, você estava torcendo para esbarrar em mim aqui. Admita, Lara, você ainda me quer. Você se arrependeu do término, não se arrependeu? Viu que eu era um partido bom demais para se jogar fora. Não precisa ter vergonha de voltar atrás, gatinha.

— Nem tudo é sobre você! — disparei. Mauro fez uma careta.

— Porra, Lara, já tem dias do seu surto. Já deu tempo de você perceber que errou, que estava fora de si. Olha, eu nem fiquei chateado por *você* terminar comigo e...

— O que está acontecendo aqui? — ouvi Cora indagar. Eu nem percebi o momento em que ela e Gabi saíram da loja. As duas fitavam a nós dois com olhares curiosos. E, bom, um pouco irritados também.

— A gente só estava trocando uma ideia — respondeu Mauro.

— A Lara não parece muito a fim de trocar ideia — Gabi entrou na conversa.

— A Lalá anda muito confusa atualmente, sem saber direito o que quer — ele disse olhando para mim ao mesmo tempo em que afastava seu corpo do meu.

Só então percebi o quão acelerado meu coração batia dentro do peito. Antigamente, Mauro fazia meu coração bater mais rápido por causa da paixão, mas agora... Ele tinha apenas me deixado assustada. Sabia que Mauro não faria nada ruim comigo, mas, ainda assim, não gostava daquela aproximação forçada.

— Já disse que acabou, Mauro. Por favor, só me deixe em paz — pedi.

— Você a ouviu — Cora reafirmou.

Ele encarou minhas cunhadas antes de voltar sua atenção para mim.

— Não vou desistir de você, Lalá. Esse não é o final. Sua palavra não é a final — prometeu antes de ir embora.

— Está tudo bem? Ele te machucou? — Gabi perguntou assim que ficamos sozinhas.

— Está bem, eu estou bem. Mauro é sem noção, mas não me machucaria. — Pelo menos não fisicamente. — Ele só não aceitou ainda que acabou e quer voltar.

— Imbecil do caralho — Cora xingou.

— Nós não vamos voltar e, mais cedo ou mais tarde, ele vai perceber isso. Ou, melhor ainda, ele vai se apaixonar por alguma garota da academia e me esquecer de uma vez por todas. Ele só precisa de um tempo até que a ficha caia e entenda isso.

— O típico homem hétero que se acha bom demais para levar um pé na bunda — Gabi disse, me fazendo rir pela primeira vez depois dos momentos de tensão.

— Já resolveu tudo com a Cris? — perguntei, mudando de assunto.

— Depois de muitas dúvidas, sim. Fechamos o bolo de pistache, tenho certeza que seu irmão iria votar nele. E acabei pedindo uma porção de cada um dos docinhos. Era impossível selecionar só alguns — contou animada.

— Vai ser o casamento mais doce do mundo — Cora implicou.

Nós três voltamos para o carro e, enquanto conversávamos, acabamos decidindo ir ao shopping para assistir a um filme que tinha acabado de ser lançado no cinema. Era tudo que eu precisava para esquecer o que tinha acontecido com Mauro. Eu amava meus irmãos e também amava as irmãs que os dois trouxeram para a minha vida em forma de cunhadas.



IAN DINIZ

Há exatamente uma semana eu tinha escutado Lara gemendo meu nome pela primeira vez depois de um longo tempo. E, porra... O que eu mais queria era poder fazê-la gemer meu nome todos os dias. Prometi a ela que respeitaria o seu tempo, mas também prometi que não iria embora. E, por isso, sempre fazia questão de cumprimentá-la com um sorriso ou um aceno quando passava por ela. Era minha forma de lembrá-la que eu estaria ali até o fim, só esperando que ela deixasse eu me aproximar. E, caralho, estava contando os segundos para isso acontecer porque, para ser sincero, a cada minuto eu estava mais e mais tentado a quebrar minha promessa de respeitar o tempo dela.

— Já estou pronta, papai! — Alice disse fazendo com que eu deixasse meus pensamentos de lado. — Gostou da minha roupa?

— Você está linda, pequena — elogiei. Minha filha estava entrando na fase de querer escolher o que vestir e eu gostava de vê-la sendo tão independente. Ainda que às vezes ela escolhesse umas combinações nada convencionais. — Vamos descer porque o pessoal já deve estar nos esperando.

Hoje era o dia da avaliação final dos pratos que estavam concorrendo ao prêmio GastroBar. A primeira fase do concurso foi decidida através de voto popular. E, os cinco estabelecimentos mais votados seriam julgados hoje em um evento especial que aconteceria na capital do Rio de Janeiro. O BarVelar, é claro, estava entre os cinco melhores. Nossa família combinou de ir todos juntos e, para isso, nos reuniríamos em frente ao bar para encontrar o restante da galera.

— Bom dia, pessoal! — cumprimentei todos de uma vez só.

— Chegou na hora certa, parceiro. Estamos nos dividindo entre os carros — Nick avisou.

— Eu preciso ir no meu carro por conta da cadeirinha da Ali — falei.

— Léo, Oli, Sara e eu vamos juntos — tio Pedro afirmou.

—. Gabi, Cora, Caio e eu vamos no meu carro. Vai ficar faltando só...

— Cheguei! — Lara apareceu onde estávamos. — Só precisava molhar algumas plantas antes de passar o dia fora.

— Tia Lara, você vai no carro com a gente? — minha filha perguntou.

— Ótima ideia, pirralha — Nick disse para minha filha. — Assim nenhum carro vai ficar muito apertado.

— Eu... — Lara começou a dizer, parecendo um pouco incerta de como responderia.

— Eu deixo você escolher uma música, tia Lara — a pequena disse empolgada.

Lara olhou para mim como se estivesse em busca de uma resposta. Abri um sorriso e assenti, em uma forma de dizer, ainda que sem palavras, que por mim estava tudo bem. A decisão final era dela.

— Não tem como recusar seu convite, Ali. Eu vou com vocês — respondeu.

Alice não sabia, mas era a minha melhor cúmplice no quesito reconquistar Lara Avelar. O que era bastante irônico levando em consideração que o nascimento dela foi o que motivou nossa separação.

Com tudo decidido, cada pessoa caminhou em direção ao seu carro. Coloquei Alice na cadeirinha, afivelando o cinto e abri a porta do carona para que Lara entrasse.

— Obrigada — respondeu.

Ocupei o banco do motorista e, finalmente, seguimos viagem em direção ao local no Rio de Janeiro em que o evento aconteceria. Pela primeira vez na vida, desejei pegar um engarrafamento só para ficar mais tempo na presença de Lara.

— Por que aqui tem tanta árvore? — Ali perguntou enquanto descíamos a serra, quebrando o silêncio do carro.

— Porque estamos passando pelo meio da Mata Atlântica e as matas estão repletas de árvores — Lara explicou.

— As árvores moram na mata? — Soltei uma risada.

— É, exatamente isso — Lara respondeu.

Pelo retrovisor, notei Ali com a cara de pensativa.

— Você tem alguma árvore preferida, tia Lara?

— A árvore de cerejeira. Nunca a vi pessoalmente, mas elas são lindas mesmo nas fotos, cheias de florzinhas cor de rosa.

— Eu amo rosa!

Se em algum momento achei que essa viagem aconteceria em silêncio, estava enganado. Ali não ficou quieta um minuto, nos enchendo de perguntas sobre absolutamente tudo e Lara respondeu a cada uma delas pacientemente. Às vezes eu entrava na conversa também, mas, na maior parte do tempo, fiquei ouvindo as duas falarem. Gostava de vê-las interagindo.

— Soube que o evento será transmitido online — Lara disse quando estávamos nos aproximando do estacionamento do local.

Nós estávamos nos tratando de maneira amigável durante todo o percurso, especialmente por causa da presença de Ali no carro. Embora cada parte de mim quisesse questionar Lara sobre como ela estava se sentindo em relação a nós dois, sabia que aquela não era a hora e nem o lugar para isso.

— Eles decidiram transmitir em uma live no *Youtube*.

— Está nervoso porque vai aparecer cozinhando para toda a internet? — quis saber.

— Não preciso ficar nervoso porque sei que sou o melhor de todos — falei.

— Convencido — respondeu com um sorrisinho.

— Talvez eu viralize por causa dessa *live* de hoje e vire um daqueles *influencers* — brinquei. Lara fez uma careta imediatamente e só então percebi a merda que eu tinha falado. — Desculpa, Lara, eu não quis...

— Tudo bem, sei que não. — Pela expressão em seu rosto, sabia que estava sendo sincera. — Mas, se minha opinião importa de algo, acho que você não deveria virar *influencer*. Eu estou farta deles.

Abri um sorriso convencido.

— Isso quer dizer que você não está farta de mim? — perguntei.

— Talvez — admitiu, fazendo a esperança brotar em meu peito. Esse era um bom sinal. Um sinal excelente para caralho.

— Bom saber, *amor* — falei, aproveitando que a senhorita curiosidade no branco traseiro estava entretida demais com um joguinho no *tablet* para prestar atenção em nós dois.

Lara não me respondeu com palavras, mas o rubor que apareceu nas suas bochechas significava um bom sinal.

Parei o carro em uma das vagas livres e descemos do veículo. Ali, imediatamente, entrelaçou a mãozinha na de Lara. Acho que nunca me

cansaria de ver cenas como essa. Me agachei para ficar na altura da minha filha.

— Você vai ficar com a tia Lara enquanto o papai cozinha, tá legal? Se comporte — falei para minha pequena.

— Eu sempre me comporto, papai — falou com um sorriso travesso no rosto. Às vezes, Ali era parecida demais comigo para o meu próprio bem. — Você vai ganhar o prêmio?

— Darei o meu melhor pra isso, pequena — prometi.

— Vou te dar um beijinho de boa sorte. — Minha pequena se inclinou e deu um beijo na minha bochecha. — Agora você vai ganhar!

— Obrigado, pequena. Já me sinto mais sortudo. — Ela abriu um sorriso de satisfação. — Você também vai me dar um beijo de boa sorte? — perguntei a Lara assim que fiquei novamente em pé. Ela mordeu o lábio inferior, parecendo tentar conter uma risada. Sabia que era um movimento arriscado, mas porra... Estava cansado de esperar o tempo dela sem fazer nada. Um pouquinho de provocação poderia ajudá-la a tomar uma decisão.

— Se você ganhar, talvez eu te dê um beijo de parabéns — respondeu.

Eu já estava obstinado a ganhar e essa foi a motivação que faltava.

— Esse prêmio já é meu — afirmei.

Fomos encontrar o restante da nossa família e, depois de receber desejos de boa sorte de todos eles, fui até o local em que os participantes deveriam se apresentar. Fiz o credenciamento e me direcionei para o camarim onde todos os participantes deveriam aguardar. Não demorou muito para que os organizadores viessem nos chamar para entrar no pavilhão onde a competição aconteceria.

— Vocês podem entrar assim que ouvirem o apresentador chamar o respectivo nome — avisou Samanta, uma das organizadoras. — Boa sorte a todos!

Fiquei ali mais uns cinco minutos antes de ouvir chamarem *Chef* Ian Diniz. Assim que entrei no pavilhão principal, todo decorado com cores vibrantes, fui atingido pelo barulho ensurdecedor de palmas e gritos. Além da bancada dos participantes e dos jurados, tinha uma plateia repleta de gente para nos assistir. E câmeras por todos os lados, é claro. Achei que ficaria nervoso, mas foi só procurar pela minha pequena no meio da multidão que o sentimento evaporou. Ainda mais depois de vê-la ao lado de Lara, as duas sorrindo para mim diretamente de uma das primeiras fileiras.

— Se apresenta para gente, Ian, e conta um pouco do que você vai cozinhar hoje — o apresentador pediu.

— Meu nome é Ian Diniz e eu sou *chef* do BarVelar, que fica na cidade de Teresópolis.

— O melhor do mundo! — ouvi a voz de Nick ressoar pelo espaço.

— Pelo visto temos alguns fãs do BarVelar aqui — Celso, o apresentador, brincou, arrancando risadas, gritos e palmas da plateia. — O que vai cozinhar pros jurados hoje, Ian?

— A inspiração para o meu prato foram as plantas alimentícias não convencionais, também chamadas de PANCS. A partir da ideia de usar as PANCS, criei dois pratos: bolinho de feijão fradinho com recheio de *ora-pro-nóbis* e peixinho da horta empanados em massa de cerveja leve e aerada. Minha intenção é mostrar que plantas servem não só para embelezar o ambiente, mas também para tornar alguns pratos muito mais saborosos — expliquei.

— Diferente e ousado. Posso perguntar de onde veio essa inspiração?

— Sempre tive um grande apreço por tudo relacionado às flores e quis mostrar isso às outras pessoas — declarei, deixando meu olhar se fixar em Lara.

— Boa sorte, *Chef* Diniz! — Celso disse antes de chamar o próximo candidato.

Depois da apresentação da última candidata, cada um de nós ocupou sua bancada, já com todos os ingredientes necessários. O apresentador deu o *start* para o começo da competição e, a partir desse momento, esqueci tudo ao meu redor e foquei em cozinhar. Eram apenas meus ingredientes e eu ali e nada mais importava.

Conforme o tempo passava, os juízes circulavam pelo pavilhão, em silêncio, observando atentamente cada detalhe dos nossos pratos. Estava tão seguro da minha escolha que o olhar julgador deles nem sequer me deixou ansioso. Fiz o empratamento das refeições cinco minutos antes do tempo acabar e sorri satisfeito com o resultado final.

— Tempo encerrado, participantes. Deem um passo para trás — ordenou Celso. — Olhando daqui os pratos estão lindos, vocês capricharam. Sinto que não será uma decisão fácil para os nossos jurados.

Um a um, os concorrentes foram chamados à bancada dos jurados com suas criações, experimentando os pratos e fazendo comentários logo em seguida. Quando foi a minha vez, me aproximei deles, segurando meu prato

com firmeza antes de depositá-lo na mesa. Os três trocaram olhares significativos entre si ao provarem minha comida. Eu conhecia aquele tipo de olhar. Era o mesmo que vi no rosto do tio Pedro e da tia Sara quando eles experimentaram. O suspense era palpável enquanto o público observava atentamente cada reação.

— A crocância da empanada contrasta maravilhosamente bem com a maciez do feijão fradinho — Erick, o primeiro jurado, disse.

— A leveza da massa do peixinho da horta empanado é impressionante. Ela é tão aerada que quase derrete na boca, e o peixinho da horta tem um sabor fresco e delicado. É uma empanada que desafia nossas expectativas e redefine o que um prato tradicional pode ser. É inovador e reconfortante ao mesmo tempo — comentou o segundo.

— Concordo com os meus colegas, Ian. Você conseguiu criar uma sinfonia de texturas e sabores! — Paulina, a terceira jurada, comentou.

— Obrigado, *chefs* — agradeci enquanto a plateia aplaudia minha participação e minha família soltava gritos de “já ganhou!”

Após a degustação de todos os pratos, os juízes se retiraram para deliberar. Os minutos que levaram para decidir o vencedor mais pareceram horas. Quando as portas do pavilhão se abriram e eles voltaram para os seus lugares, senti meu coração acelerar em antecipação. Os jurados entregaram um envelope lacrado nas mãos de Celso.

— E agora, o momento que todos aguardavam. Após uma avaliação criteriosa e muitos elogios, temos o prazer de anunciar que o vencedor do concurso gastronômico, que levará para casa o prêmio de cem mil reais, é... — Celso abriu o envelope parecendo mais lento que a porra de uma tartaruga com as patas machucadas. — *Chef* Ian Diniz!

Confetes coloridos caíam do teto enquanto o pavilhão explodia em aplausos. Caralho. Porra. Puta que pariu. Eu consegui! Ganhar aquele prêmio era importante por causa da grana, da fama e, também, da promessa do beijo de Lara. Caminhei em direção ao pequeno palco em que os jurados me aguardavam, ao lado de Celso, que segurava o prêmio.

— *Chef* Diniz, você conseguiu capturar a essência da cozinha brasileira de uma forma que é ao mesmo tempo tradicional e contemporânea. Usar a *ora-pro-nóbis* foi uma ideia brilhante, trazendo um elemento nutritivo e sustentável ao prato. A massa de cerveja é uma escolha ousada, mas foi perfeitamente executada, proporcionando uma leveza que não se vê com frequência. Este prato é uma celebração da nossa cultura e merece ser

apreciado em todas as suas nuances. Parabéns pelo prêmio! — Paulina disse antes de me entregar o troféu.

— Ian, gostaria de dizer algumas palavras? — Celso perguntou e assenti.

— Primeiramente, muito obrigado a todos os *chefs* pelos elogios ao meu prato. Cozinhar é uma das partes mais importantes da minha vida e receber esse reconhecimento só me mostra que estou no caminho certo. Quero também dedicar esse prêmio a pessoa mais importante da minha vida, Ali. Te amo muito, pequena. Quero agradecer a minha família que sempre me apoia e está aqui torcendo por mim, especialmente ao meu tio Pedro que me ensinou a amar a cozinha e a valorizar cada ingrediente. E, por último, gostaria de agradecer a Lara Avelar. Sem você, Lara, eu não teria ingredientes tão perfeitos para o meu prato. Obrigado a todos por acreditarem no meu trabalho.

Com o troféu em mãos, desci do palco e corri em direção à minha família na arquibancada. Tia Sara tinha lágrimas nos olhos, Cora, Gabi e Ali gritavam sem parar, Nick tinha tirado a camisa e a estava girando no ar até que um produtor do evento chamou sua atenção e o fez vesti-la de novo.

— Isso é *gostosofobia*! — reclamou.

Recebi abraços de todos os meus familiares que estavam ali, incluindo o de Lara, que ficou por último.

— Eu sabia que você ia conseguir — ela disse.

— Eu tinha uma excelente motivação — respondi.

— Cem mil é realmente muito dinheiro.

— Não estava falando dessa motivação, *amor.* Já se esqueceu da sua promessa?

Antes que ela me respondesse, fomos interrompidos por Nick sugerindo pararmos em um restaurante no meio do caminho para comemorarmos.

— Claro! Só preciso pegar minhas coisas no camarim antes de ir embora — avisei.

Assim como na vinda, Lara, Ali e eu voltamos juntos. Paramos para comer, como sugerido pelo meu primo, e continuamos nosso trajeto até em casa.

— Tia Lara, é sua vez de escolher uma música que gosta para tocar — Ali disse.

— Já sei qual colocar... — Lara mexeu na tela do próprio celular e, segundos depois, a música Meu Abrigo, da banda Melin, saiu pelos alto-

falantes do carro. — Eu amo essa música, Ali. É linda e sempre preenche meu coração de coisas boas.

Pelo retrovisor observei minha filha balançando o corpinho no ritmo da música.

— Eu também amei essa música, tia Lara — disse em meio a bocejos. Não demoraria muito para minha pequena apagar.

Quando a faixa acabou, Ali pediu para Lara escolher mais uma. Na quarta música, as duas dormiram antes mesmo de ouvi-la até o final. Porra, elas eram péssimas companhias de viagem, deixando o motorista sozinho. Abaixei o volume do rádio e continuei o restante do percurso até Teresópolis. Lara despertou quando passamos pelo portal de entrada da cidade.

— Acho que estava mais cansada do que imaginava — falou.

— Você foi uma péssima copilota, Lara Avelar — brinquei.

— Vou te deixar em casa — avisei.

Ela se virou no banco para checar Alice.

— É melhor você ir para casa colocá-la para dormir na cama, Ian. Ela está exausta. Eu posso pedir um carro de aplicativo.

— De jeito nenhum, Lara. Eu...

Antes de continuar nossa discussão, Ali também despertou.

— A gente já chegou, papai?

— Estamos chegando, pequena — avisei.

— Quero deitar na minha caminha — disse. — Mas foi muito divertido nosso passeio.

— É, eu gostei também — falei.

— Tia Lara, você pode me colocar para dormir hoje? — pediu.

Lara me fitou na mesma hora em busca de uma resposta, como sempre fazia quando em dúvida sobre como proceder quando o assunto era Ali. Dei de ombros, indicando que a escolha era toda dela.

— Posso, Ali. Claro que posso — falou.

Ao invés de ir para o prédio em que Lara morava, fui para o meu. Quando descemos do elevador, já no nosso andar, Ali saiu do meu colo e deu a mão para Lara, caminhando com ela até o próprio quarto. Assisti enquanto Lara a ajudava a escovar os dentes e a vestir o pijama.

— Você pode cantar uma música para eu dormir, mamãe? — minha filha pediu com os olhos quase fechando.

— Não canto muito bem, Ali, mas posso sim — respondeu, sem a corrigir por tê-la chamado de mamãe. Eram esses pequenos detalhes que me faziam amar Lara ainda mais.

— Pode ser aquela do carro? Do abrigo? — pediu.

Lara assentiu e começou a cantar os versos da música e eu continuei assistindo às duas, recostado no batente da porta. Poderia passar o resto da minha vida assistindo as minhas meninas juntas e não me cansaria. Quando a música chegou ao fim, Ali já tinha dormido. Lara depositou um beijo na testa da minha pequena e levantou da cama fazendo o mínimo de barulho possível. Ela saiu do quarto e fechei a porta do cômodo com cuidado.

— Obrigado por tudo hoje, Lara.

— Eu amo ficar com a Ali, não é incomodo nenhum.

— Posso te fazer uma pergunta? — Ela assentiu. — Te incomoda quando ela te chama de mamãe?

Lara deu um respiro profundo antes de me responder.

— Na verdade, não me incomoda. Se eu pudesse, escolheria uma filha exatamente igual a Ali. Mas se isso te incomoda, então...

— Jamais me incomodaria — respondi. — Caso não tenha ficado claro ainda, Lara, o que eu mais quero é você na minha vida. Nas nossas vidas. Sei que você disse que precisava de um tempo e eu disse que iria esperar, mas porra... É difícil para caralho não ter você.

— Ian, não sou mais uma adolescente impulsiva, à mercê das emoções. Se eu dissesse que não sinto nada por você, seria mentira. Mas, preciso ser sincera com nós dois: por mais que eu queira te dar uma segunda chance, tenho medo.

— Lara...

— Não, deixa eu terminar de falar — pediu. — Andei pensando muito nos últimos dias e eu ainda preciso de tempo para acalmar os meus medos. Mas não quero ficar longe de você enquanto isso, então... O que você acha de sermos amigos? Da gente ir se reconstruindo aos poucos enquanto eu também vou me curando?

— Eu aceito tudo o que você estiver disposta a me dar, Lara. Só não aceito te perder.

— Amigos, então? — Ela disse, com um sorriso, estendendo a mão para mim.

— Os melhores amigos — falei, juntando minha mão com a dela para selar nosso acordo com um aperto.

Mas, assim que senti o toque da sua pele quente macia contra a minha, mandei meu autocontrole para a casa do caralho e a puxei em minha direção com força, fazendo nossos corpos se chocarem antes de grudar minha boca na dela. Minhas mãos desceram para a sua cintura ao mesmo tempo em que ela abriu espaço para que minha língua invadisse sua boca. Beijei a minha garota como se minha vida dependesse disso e ela retribuía a minha intensidade colocando sua mão em minha nuca e me mantendo colado a ela.

Beijar a boca de Lara só não era melhor do que fazê-la gozar enquanto gemia meu nome. Mas, antes que eu tivesse a oportunidade de tentar, ela encerrou nosso beijo com um selinho.

— Não sabia que amigos se beijavam assim — disse em um tom de falsa repreensão.

— Não somos apenas amigos, somos melhores amigos — argumentei.

— Isso não é ir com calma, Ian. — Pelo tom da sua voz, sabia que ela não estava chateada de verdade. Estava apenas sendo... cuidadosa.

— Claro que é, porra. Foi só um beijo inocente, não teve nem mão boba direito. Na minha opinião, foi amigável pra caralho. — Lara soltou uma risada.

— Você não mudou nada — brincou.

— Você mudou... — Ela me encarou com as sobrancelhas erguidas em um claro sinal de confusão. — Está ainda mais gostosa.

— Você é um bobo, Ian — disse, dando um tapinha no meu ombro.

Coloquei minhas mãos em sua cintura e a trouxe para ainda mais perto de mim.

— Não sou o mesmo adolescente rebelde de antes, Lara, mas você tem razão sobre uma coisa... Eu não mudei nada quando se trata do que sinto por você. E, caralho, sempre que estamos perto um do outro me sinto a porra de um adolescente apaixonado. É uma sensação boa, para ser sincero.

— Eu me sinto da mesma forma quando estou com você, Ian — admitiu. — Obrigada por esperar por mim, por esperar eu arrumar minha bagunça e...

— Você não precisa agradecer por nada, amor. O único que precisa ser grato aqui sou eu, por você me dar uma segunda chance mesmo depois de tudo que causei.

— Ian, você não terá uma terceira chance. — Sua voz era uma mistura de dor com sinceridade. E isso foi quase como um soco no meu estômago. Odiava ter transformado ela na bagunça que ela acha que é.

— Eu não vou precisar de uma terceira chance, Lara, porque não vou foder com tudo dessa vez.

E eu passaria o resto da minha vida provando para ela que eu a merecia.



Capítulo 33.

IAN DINIZ

ANOS ATRÁS

— Você percebeu que colocou cominho no lugar da pimenta? — a voz do tio Pedro me despertou dos meus pensamentos.

Ok, eu estava nervoso. Para falar a verdade, estava nervoso para caralho. Eu já tinha trepado com vários tipos de mulheres diferentes, mas dessa vez… Porra, era Lara. Não era só por ela ser a garota que vi crescer e que era praticamente família, mas… Ela era virgem. E, mais do que isso, eu estava apaixonado pra cacete por ela.

— Foi mal, tio, me desconcentrei. Vou começar de novo.

Despejei a massa salgada folhada que vinha tentando aprender num recipiente e peguei os ovos para começar novamente. Antes que eu pudesse quebrar o primeiro deles, tio Pedro tocou minha mão, me impedindo.

— Que porra tá rolando com você? — questionou.

Arregalei os olhos de leve por ele ter percebido algo de diferente. Por mais que fizesse já um bom tempo que eu tivesse me mudado para Teresópolis, ainda carregava anos de bagagem nas costas em que nunca me perguntavam o que estava acontecendo.

— Eu conheço você, Ian — completou, como se estivesse lendo meus pensamentos.

Eu confiava no meu tio, mas contar para ele sobre Lara e eu não era algo que eu pretendesse fazer. Ele ia surtar. Talvez me socar. Muito provavelmente me xingar de vários palavrões bastante criativos. E depois, com certeza me perguntaria o que iríamos fazer. Porque esse é o tipo de cara que meu tio é: o que faz o possível e o impossível por quem ama, mesmo que discorde. Se um dia eu tivesse um filho, esperava ser um exemplo tão bom quanto ele era para mim.

— Não é nada — respondi, finalmente quebrando o ovo no recipiente.

— Não é nada significa que é algo que você não quer me contar, então… — Ele se virou na bancada e cruzou os braços na frente do peito. — É uma garota, não é?

— Não — menti. Para o meu azar, aquele foi o segundo exato que tia Sara entrou na cozinha.

— Ian está com problemas com garotas?

— Sim — o cuzão do meu tio respondeu. — E não quer me contar.

Tia Sara se debruçou do outro lado da bancada colocando a cabeça apoiada nas mãos e me observando com um sorriso fofoqueiro.

— Eu sou uma ótima conselheira, Ian.

Revirei os olhos, tentando fugir daqueles dois cozinheiros chatos que eu chamava de tios.

Peguei o fuê para mexer os ovos, torcendo para que eles decidissem prestar atenção em alguma outra coisa, mas não foi o que aconteceu. Tio Pedro e tia Sara estavam decididos a me tirar do sério e pareciam duas estátuas encarando tudo que eu fazia.

— Ai, porra, será que vocês podem parar de me encarar? — reclamei, colocando mais pimenta do que o necessário e precisando jogar a mistura fora pela segunda vez.

— Só quando você contar sobre a garota — tia Sara falou. — Ainda temos dez ovos para você estragar sendo um cabeça-dura.

Larguei o fuê e a bacia na bancada, me dando por vencido e bufei, contrariado.

— Vocês dois são chatos pra caralho — chiei, o que só fez o sorriso deles aumentar. — Tá, é sobre uma garota.

— Isso já sabemos — tio Pedro cortou. — Quero saber porque essa garota está te fazendo destruir minha massa folhada.

Porra, como eu falaria sobre isso com meus tios?

— Porque… Nós dois meio que estamos juntos. E queríamos dar um passo a mais no nosso relacionamento. — Inferno, eu estava parecendo um…

— Por que você tá falando como se fosse um adolescente punheteiro virgem? — tio Pedro franziu o cenho em uma careta de desgosto.

— Ah… — tia Sara suspirou, abrindo ainda mais o sorriso. — Eu já entendi tudo. A gatinha do Ian é virgem, Pepe.

— Você vai transar com uma virgem? — a voz curiosa do tio Pedro me fez sentir a culpa na boca do estômago por saber que a virgem a quem eles

se referiam era Lava Avelar. Porra, quando as pessoas descobrissem isso eu estaria fodido. Tio Pedro ia me matar e, depois disso, Caio ia me esquartejar. E o pior? Se isso significasse ter Lara do meu lado, ainda assim valeria a pena.

— Eu queria que… fosse especial — confessei. — Mas nunca transei com uma virgem. — Virei para tio Pedro. — Como você fez na primeira vez que transou com a tia Sara?

Me arrependi de perguntar no mesmo minuto que as palavras deixaram os meus lábios, porque a gargalhada aguda que deixou a boca da minha tia me indicou que eu não gostaria nem um pouco do caminho para onde essa conversa estava indo.

— Ian, querido, lamento te desapontar, mas eu estava muito longe de ser virgem quando conheci seu tio — tia Sara falou.

O olhar enciumado que ela recebeu do meu tio me fez revirar os olhos. Eles estavam juntos há mais de vinte anos e ainda assim tio Pedro não conseguia superar uma tal história de um cara que tia Sara pegou para fazer ciúmes nele.

— E nossa primeira vez juntos não seria o melhor exemplo do mundo.

— Eu odiava seu tio e achava um grande babaca.

— Tinham outras coisas que você achava grande também, petite. — Ah, pelo amor do meu caralho.

— Ah, porra, tio, vocês podem parar de falar putaria na minha frente? — reclamei, o meu rosto certamente expressando o desespero que eu sentia por dentro.

— Ian, eu e seu tio não somos as melhores pessoas do mundo pra falar sobre romantismo. — Estava pronto para parar de ouvir, com medo do que tia Sara completaria. — Mas eu tenho uma irmã que, pelo que me contou, teve a melhor primeira vez de todos os tempos.

Ok, ela tinha conseguido capturar minha atenção. Especialmente por estar falando da mãe de Lara. Se alguma experiência poderia me inspirar, eu esperava que fosse a da minha sogra.

— Ao que parece, o Léo preparou uma cabana romântica nas montanhas e a levou para olhar as estrelas. Talvez você consiga tirar alguma ideia daí… — tia Sara deu de ombros. — Outra possibilidade é você levar a garota pra uma trilha, encontrar uma cachoeira e transar com ela em uma das pedras.

A forma como um sorriso nada sutil estampou seu rosto me dizia que aquela tinha sido uma experiência própria. Tio Pedro largou os utensílios na bancada e deu a volta para puxar a esposa pela cintura, me fazendo entender que era o meu momento de sair de cena.

— Tudo bem, vou me mandar antes que eu fique traumatizado pro resto da vida — comentei, desatando o nó do avental e jogando em cima da banqueta.

A conversa tinha me trazido mais informações sobre a vida sexual dos meus tios do que eu gostaria, mas ainda assim tinha sido interessante. Talvez a experiência dos pais de Lara pudesse me ajudar a criar o cenário perfeito para a minha garota. E eu sabia exatamente o que fazer.

Peguei o celular, pronto para discar o número do Jardim Botânico da cidade, mas três chamadas perdidas de um número desconhecido me chamaram atenção. O DDD de São Paulo me fez estranhar, mas provavelmente era só alguma tentativa de golpe ou ligação de telemarketing.

Quando a recepcionista do Jardim Botânico me atendeu, precisei de bons quarenta minutos para convencê-la de que eu precisava alugar o orquidário por uma noite, mesmo que ele não estivesse disponível para aluguel. Ela até mesmo chamou a gerente de eventos do lugar para tentar me explicar que não era possível. Mas eu estava determinado e não aceitava não como resposta.

— Tudo bem, Ian, vamos abrir uma exceção exclusiva, mas não poderemos permitir em hipótese alguma que seja gravado qualquer tipo de mídia dentro do nosso espaço, tudo bem?

— Pode confiar, Sandrinha, quando amanhecer vocês nem vão saber que eu e minha convidada estivemos por aí.



— Você vai me contar onde nós estamos? — Lara perguntou, tropeçando nos próprios pés, atrapalhada pelos olhos cobertos por uma faixa de tecido.

Eu e ela sabíamos que esta noite seria a nossa noite, mas minha garota não fazia ideia do que eu tinha planejado. Estava orgulhoso de mim mesmo como não ficava há um bom tempo. Todo o planejamento para uma primeira vez perfeita, do jeito que ela merecia, tinha saído conforme o

esperado. Preparei uma pequena cama, com cobertores e um colchonete inflável bem no centro do orquidário e espalhei almofadas ao redor. Não podia levar comida, muito menos acender velas para deixar o local romântico, então contei com o apoio das flores para conquistar de vez o coração dela.

— Você vai descobrir em poucos segundos, apressadinha — provoquei, dando uma mordiscada na ponta da sua orelha.

Lara tinha dito que passaria a noite na casa de uma amiga da escola e eu, apesar de não precisar mentir para os meus tios, preferi não deixar nenhuma margem para desconfiança. Disse que iria ao Rio resolver algumas últimas coisas da minha antiga matrícula da faculdade. Eles nem estranharam, já que eu ia até a capital carioca com uma certa frequência.

Adentramos no orquidário, com a única luz que iluminava o espaço sendo aquela que vinha da lua no céu. Tetos de vidro cercavam o local e eu mal conseguia distinguir entre as cores das flores, mas podia apostar que Lara as reconheceria mesmo de olhos fechados.

— Por que estou sentindo cheiro de orquídeas?

— Porque… — Toquei sua cintura, erguendo minha mão até o faixa que cobria seus olhos e puxando o nó para que se desfizesse. — Estamos no meio delas, amor.

Nunca tinha me sentido tão ansioso na vida quanto me senti nos segundos em que Lara ficou em silêncio analisando o espaço ao nosso redor. Seus olhos pareciam confusos, como se duvidassem que estivéssemos no meio do seu local preferido na cidade e sua boca se entreabria várias vezes como se não soubesse o que dizer.

— Estamos no orquidário — afirmou, ainda olhando para cada pedaço.

— Estamos.

— À noite.

— Exatamente — confirmei.

— Como…? — Quando ela se virou de frente para mim, puxei sua cintura na minha direção e sorri, sentindo a porra do meu coração bater acelerado dentro do peito.

— Eu dei meu melhor para transformar a noite de hoje em um momento que você e eu pudéssemos lembrar para sempre. — Coloquei uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Lara, sei que eu não sou o cara mais romântico do mundo, mas você me faz querer ser.

Os olhos dela brilharam com lágrimas que eu sabia que ela não deixaria escorrer e o sorriso de orelha a orelha foi toda resposta que eu precisava para ter certeza de que tinha feito a escolha certa. Não só quando planejei tudo para essa noite, mas principalmente quando escolhi Lara.

— Eu… não sei o dizer — confessou. — Não precisava disso tudo, você sabe que eu só queria estar com você e… — Toquei seu lábio com o indicador, calando o que estava dizendo.

— Não precisava, mas eu quis. Eu sempre vou querer quando se trata de você, amor.

Lara envolveu as mãos ao redor do meu pescoço, ficando na ponta dos pés para me alcançar. Quando sua boca tocou a minha, puxei o corpo dela de encontro ao meu e a ergui nos meus braços. Suas pernas grossas circularam minha cintura e a senti se encaixar bem em cima do meu pau, me fazendo soltar um gemido em meio ao nosso beijo.

Mordi seu lábio inferior, apertando de leve sua bunda do mesmo jeito que já tinha feito tantas outras vezes. Nunca tinha me sentido desse jeito antes e não sabia bem como lidar com meus sentimentos, mas porra… Eu estava disposto a descobrir. Queria Lara na minha vida e não abriria mão disso.

— Você não vai… — tentou falar, mesmo que eu continuasse capturando seus lábios com os meus. — me deitar ali? — Sua cabeça se moveu na direção da cama improvisada que eu tinha preparado no chão.

— Tá com pressa, amor? — provoquei, descendo minha boca pelo seu pescoço.

— Tô cansada de esperar. Quero você, Ian.

Ela não precisou dizer mais nenhuma palavra para me convencer. Encurtei o espaço até o colchão e me abaixei devagar, sem tirar meus olhos dos dela por nem um segundo sequer. Eu estava ali com ela e não iria a lugar algum. Lara passou a mão pelo meu braço, querendo se certificar de que tudo era real. Deitei o corpo dela com cuidado e me debrucei por cima.

O emaranhado de beijos, toques, roupas tiradas e coração disparado, não me preparou para a sensação de estar dentro dela pela primeira vez. Minha perda de virgindade tinha sido tão insignificante que eu sentia como se essa, bem aqui, também fosse minha primeira vez. Era a primeira vez que significava algo, era a primeira vez que eu me importava, a primeira vez que eu estava apaixonado para caralho por alguém.

Vi no seu rosto a expressão inicial de desconforto, mas ela assentiu uma aprovação para que eu continuasse. Não demorou muito para que pudesse ver na sua boca entreaberta e olhos fechados o mesmo semblante de prazer que já tinha visto outras vezes. Deslizei minha mão entre os nossos corpos, tentando ampliar ainda mais a forma como ela parecia se contorcer cada vez que meu corpo ia para frente e para trás.

Escutei quando meu nome escapou da sua boca em um som rouco que me fez gozar com mais intensidade do que qualquer outro momento da minha vida. Abracei meu corpo junto ao dela no meio das almofadas e cobertas, tendo certeza de que jamais esqueceria esse momento.



— Ligaram procurando por você — tio Pedro avisou assim que entrei em casa. — Não quiseram falar do que se tratava, mas deixaram um número pra você retornar.

Eu tinha acabado de voltar do Jardim Botânico, deixado Lara em casa e mal consegui esconder o sorriso satisfeito do meu rosto. Eu estava decidido a contar a verdade para os meus tios. Não passaria de hoje.

— Como sabiam que eu morava aqui? — perguntei confuso, já que poucas pessoas sabiam que eu tinha deixado a casa da minha mãe para vir para Teresópolis. Tio Pedro deu de ombros, me entregando um pedaço de papel.

— Não tenho a menor ideia, sua mãe deve ter falado.

Encarei o número no papel e estranhei pela segunda vez nos últimos dias ser procurado por um número de São Paulo. Talvez a ligação no meu celular não tenha sido telemarketing no final das contas.

— Vou dar uma ligadinha pra ver o que é. — Tio Pedro voltou a se concentrar no leitor digital do forno da cozinha. — Tio, será que daqui a pouco posso conversar com você?

Seus olhos se arregalaram na mesma hora e sua postura se tornou mais rígida, virando o corpo devagar para mim. Porra, isso tinha me dado arrepios.

— Que porra você aprontou dessa vez, Ian?

Ergui as mãos no ar em sinal de inocência. Tudo bem, talvez eu não fosse tão inocente assim. Mas caralho, eu também não era um rebelde sem causa, como todos costumavam achar. Só às vezes.

— Por que você acha que eu aprontei algo?

— Porque eu te conheço há dezenove anos.

Revirei os olhos, ignorando sua insinuação. Caminhei em direção ao meu próprio quarto, vendo o de Cora com a porta aberta e minha irmã postiça deitada mexendo no celular. Era bom vê-la tão tranquila depois de tudo que passou.

— Bom dia, maninha — cumprimentei. Ela me olhou por cima do aparelho.

— Deu tudo certo ontem? — perguntou em um tom ansioso. Balancei a cabeça em concordância.

Cora era a única pessoa que sabia tudo sobre Lara e eu. Tinha sido ela a me incentivar a compartilhar com o resto da família sobre nossa situação. Segundo ela, não estávamos cometendo nenhum crime para precisar passar tanto tempo escondidos. E, no fundo, sabia que ela tinha razão.

— Já venho te contar. — O sorriso no meu rosto nem deixava dúvidas de nada, na verdade.

Entrei no quarto, jogando a mochila com tudo que tinha carregado até o Jardim Botânico no chão e puxando o celular do bolso para descobrir o que caralhos alguém de São Paulo poderia querer comigo.

Demorou três toques até que uma voz desconhecida me atendesse do outro lado em um tom nada feliz.

— Oi, meu nome é Ian, alguém nesse número ligou me procurando e… — Antes que eu pudesse concluir, fui interrompido.

— Ian Diniz? — Me peguei confirmando com a cabeça, até me dar conta de que a pessoa não poderia ver.

— Isso. Quem é?

— Ian, meu nome é Valéria, você não me conhece, mas sou tia da Cristiane.

Quem caralhos era Cristiane?

— Quem?

— Cristiane Dias, sua…

— Professora Cristiane? — completei, ainda mais confuso do que antes. Por que raios a tia da Cristiane estava me ligando?

— Ela te registrou como um dos contatos de emergência. Acho que ficou receosa que algo acontecesse com Alice e precisassem do pai para alguma coisa e…

Mas que porra de inferno estava acontecendo?

— Desculpa, eu não estou entendendo nada. Quem é Alice?

Tinha alguma aluna na turma de gastronomia chamada Alice? Eu não lembrava de ninguém com esse nome e, ainda que tivesse, o que caralhos eu tinha a ver com isso?

— Acho que esse não é o melhor jeito pra falar sobre isso, mas não temos opção… — Escutei um suspiro resignado do outro lado da linha. E então, escutei as palavras que nunca imaginei ouvir. — Alice é sua filha, Ian.

Primeiro, soltei uma risada. Porra, o filho da mãe que teve a ideia dessa pegadinha merecia um prêmio pela criatividade. Esperei pelo momento que a tal Valéria se identificaria de verdade e contaria que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto, mas a única resposta do outro lado foi um silêncio esquisito. Caralho, ela estava levando mesmo isso a sério.

— Ian, não é uma piada. Cristiane descobriu a gestação quando estava um pouco mais avançada, mas Alice nasceu saudável e esperta. Ela não pretendia te contar, mas… — Valéria respirou fundo e escutei como inibiu um soluço. — Deixou seu contato para o caso de alguma emergência com Alice em que ela não pudesse estar presente. Acho que o momento chegou, infelizmente.

— Eu acho que não estou te entendendo. Tem certeza que você não ligou para a pessoa errada?

Nada estava fazendo sentido nessa porra.

— Lamento te pegar desprevenido assim, mas Cristiane foi assassinada anteontem. E por mais que seu nome não esteja nos registros em cartório da Alice, sei que ela gostaria que você fosse procurado. — As palavras começaram a deixar de fazer sentido na minha cabeça. Será que eu estava sonhando? Isso explicaria a sucessão de fatos malucos que estavam sendo falados. — Me senti na obrigação de realizar a vontade dela.

Afastei o celular da orelha, encarando a tela como se pudesse ganhar vida própria. Era um engano, não tinha como não ser. Que outra explicação seria possível para a professora com quem eu fodi ter engravidado de mim, morrido e deixado uma filha? Minha filha?

Sem nem pensar, apertei o símbolo vermelho e desliguei a ligação. Permaneci em silêncio por vários segundos, ainda observando a tela

apagada do aparelho.

Não era possível que isso fosse real, certo?

Não tinha a menor condição de ser.

Se for uma pegadinha, a tal Valéria não retornaria à ligação. Daria por encerrada essa piada sem graça e veria de uma vez por todas que eu não ia cair nessa palhaçada. Eu descobriria quem foi o desgraçado que armou essa porra e mandaria para a casa do caralho. Isso tinha cara de Nicolas. Só podia ser.

E então, fazendo a porra do meu peito afundar e minha garganta arder, o telefone tocou novamente. DDD zero onze. O mesmo número que eu tinha discado alguns segundos atrás.

Desliguei pela segunda vez, torcendo para que parasse de tocar, mas não foi o que aconteceu. Quando a ligação soou pela quarta vez, uma voz no fundo da minha mente me sinalizou que eu deveria atender.

A última palavra que falei na vida que costumava conhecer até aquele momento foi "alô". Depois disso… Nada mais seria igual.

Cada vez que Valéria repetia as mesmas palavras confusas que pareciam saídas de um pesadelo, mais eu afundava. Todo o meu cérebro berrava que estava criativo demais para ser uma mentira, mas uma parte pequena ainda implorava por alguma reviravolta que me devolvesse o mundo que eu fazia parte até alguns minutos atrás.

— Se você tiver interesse em conhecer Alice, fazer parte da vida dela, preciso que me comunique. Agora você é o familiar mais próximo dela.

Meu Deus, o que caralhos estava acontecendo com a minha vida?

Senti meu corpo escorrer pelo colchão e toda a sensação boa que eu tinha sentido durante a madrugada evaporar tão rápido que parecia ter acontecido há quase uma década atrás. Que porra eu tinha feito?

— Sei que é muito para digerir, mas você tem meu telefone.

Não escutei as últimas despedidas, nem sequer sabia o que tinha falado. Fiquei com o aparelho colado no meu ouvido por vários segundos mesmo após a ligação terminar.

Eu estava fodido.

Eu tinha fodido com tudo.

Não sabia dizer quanto tempo tinha ficado parado no meu quarto, com o celular em mãos e o olhar perdido na parede em frente. Foi Cora quem me encontrou com os olhos esbugalhados e balbuciando palavras sem sentido que só um tempo depois fui conseguir organizar e verbalizar.

Meus tios quiseram me levar para o hospital, confusos com o que raios estava acontecendo.

Me doía pensar que eu ia decepcioná-los. Eu estava acostumado a decepcionar minha mãe e meu pai, mas tio Pedro e tia Sara… Porra, me destruía fazê-los sofrer. E eu era um filho da puta culpado que sempre agiu sem pensar. Talvez a vida estivesse me dando um castigo depois de todo esse tempo.

Eu era pai de um bebê que nem conhecia.

Eu tinha dezenove anos, porra.

Nem sei como consegui colocar para fora e contar a notícia que tinha recebido pelo telefone. Estava tão arrasado comigo mesmo que os olhos chocados dos meus tios não tinham me causado nenhum efeito. Quando se chega no fundo do poço, não é possível afundar mais. Esperei por palavras sofridas, as mesmas que já tinha escutado da minha mãe tantas vezes. Que eu era uma causa perdida, uma decepção. Dessa vez, eu merecia.

— Ian, eu não sei o que te dizer — foi tia Sara quem falou. — Mas se quer minha opinião… Se essa criança é sua filha, você vai precisar erguer a cabeça e encarar o que vem pela frente.

— Ela disse que se eu tivesse interesse em conhecer, poderia ligar.

— Não — tio Pedro cortou, o rosto franzido em uma carranca séria. — Não é "se você tiver interesse", porra. Não é uma escolha que você pode fazer ou deixar de fazer, Ian. É a sua responsabilidade.

— Eu tenho dezenove anos — repeti o que não parava de passar na minha cabeça. — Eu não quero ter uma filha.

Tia Sara sacudiu a cabeça e pegou minhas mãos, apertando com força enquanto me encarava com olhos carinhosos.

— Lamento te dizer, querido, mas aparentemente, não é mais uma opção.

Horas atrás eu estava planejando contar para os meus tios que estava apaixonado por Lara. Lara, a menina de dezesseis anos, que tinha sido criada como minha prima. E agora… Estava contando para eles que minha vida tinha virado de ponta cabeça.

— Eu não sei o que fazer — confessei, sentindo minha voz embargar.

Tio Pedro esfregou a testa e respirou fundo, mas se debruçou nos joelhos me fazendo encará-lo.

— Você vai se desesperar por algumas horas e então vai se recompor — começou, sem deixar margem para questionamento. — Vai retornar a

ligação para a mulher que te procurou e vai dizer que está de malas prontas para São Paulo. Nós vamos fazer um teste de DNA e, se essa menina for sua filha, você não só vai registrar como vai criar essa criança.

— Eu não consigo fazer isso sozinho, tio. Eu não sou esse cara. Eu sou um filho da puta, um lixo que…

— Para com essa porra, Ian — me cortou. — Você não está sozinho, me escutou? Alguma vez já te deixei sozinho?

Neguei com a cabeça, abaixando os olhos.

Eu merecia ser deixado sozinho.

— A situação é foda, mas você vai passar por isso. Nós vamos passar por isso.

Eu não estava confiante. Muito pelo contrário. Tinha certeza absoluta de que me tornaria uma pessoa ainda pior. Mas o que eu poderia fazer? Tio Pedro tinha razão: não havia escolha.

Eu nem podia sentir raiva de Cristiane por ter me escondido isso tudo por tanto tempo. Talvez ela preferisse que eu me afastasse. Talvez ela soubesse o merda que eu era. Talvez ela tivesse planos de criar a criança completamente sozinha. Sem mim. Mas essa opção nunca mais existiria.

Nem vi meus tios saírem do quarto e minha irmã entrar para me abraçar. Também não a vi sair do cômodo e a noite avançar sem que eu visse a hora passar. Não mexi no meu celular, mesmo que escutasse o toque que tinha programado para Lara várias vezes ao longo do dia. Não preguei os olhos a noite e nem mesmo me sentia cansado no dia seguinte.

Eu estava vivendo no automático, esperando pelo dia que iria para São Paulo e toda essa confusão ganharia forma.

Foram três dias completos que evitei a garota que tinha domado meu coração porque não sabia como encará-la. Como se conta para a garota que você ama que você engravidou outra pessoa? Por mais que tivesse acontecido antes de nos envolvermos, não era justo trazê-la para o meio dessa bagunça.

Como eu poderia abrir mão da melhor coisa que tinha me acontecido? Mas como eu poderia ser egoísta o suficiente para mantê-la perto de mim?

Eu sabia que uma hora ou outra Lara cansaria das minhas desculpas e me procuraria. Só não esperava que nossa conversa fosse tão ruim quanto estava caminhando para ser.

Eu não a merecia.

Não merecia quando ela dizia que queria entender o que estava acontecendo.

Não merecia quando ela me olhava como se me amasse.

Não merecia nem um mísero pedaço do amor dela.

Lara tinha a vida inteira pela frente, porra. Uma vida normal. Ela merecia viver a adolescência e a juventude de um jeito que eu não poderia mais oferecer.

Uma parte muito egoísta de mim queria trazê-la comigo. Ter a melhor parte dos meus dias presente enquanto eu vivia o meu pior momento. Mas então… Meus olhos focaram no seu uniforme escolar. E eu me lembrei do quanto ela ainda era nova. Nova demais para ser arrastada para tudo isso.

Lara era boa demais para mim e, quando disse, que estava disposta a largar tudo para ficar comigo, eu sabia que não tinha opção.

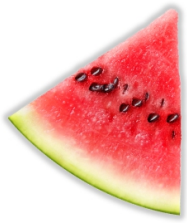
A única forma de forçá-la a seguir sem mim era convencê-la de que nós dois não tínhamos significado nada.

Eu tinha duas opções: machucá-la agora, sabendo que ela me superaria ou machucá-la ao longo de vários anos em que ela perceberia a merda que se enfiou ao escolher estar ao meu lado. Tinham muitas coisas com as quais eu conseguia lidar, mas destruir Lara não era uma delas.

Ela merecia ser feliz, ter uma vida completa. E não seria ao meu lado.

Então, fiz a única coisa que poderia fazer: deixei que me odiasse.

E enquanto partia propositalmente seu coração, me despedi da última parte da minha vida favorita. Lara era minha casa, mas para que ela não fosse demolida por mim, eu precisava ir embora para sempre.



Capítulo 34.

LARA AVELAR

Não era a tarefa mais fácil do mundo dar uma segunda chance a alguém que desperdiçou a primeira. Mas ao mesmo tempo, bem no fundo, eu tinha aprendido na minha própria pele que todos nós estamos sujeitos a errar. Que dirá um adolescente de dezenove anos vivendo o momento mais complicado da sua vida.

Eu ainda me culpava pela traição ao Mauro, mas também estava me permitindo me perdoar. Nem só de beijos é feita uma traição. Na verdade, a quebra de confiança pode surgir de tantos modos que demorei várias semanas para perceber que já fazia algum tempo que Mauro me fazia mais mal do que bem. Talvez eu tenha sido a última a errar no nosso relacionamento, mas meu ex-namorado vinha errando há um bom tempo.

Passei o dia trabalhando na Pétala & Flor de portas fechadas. O feriado na cidade tinha feito praticamente todos os estabelecimentos fechar, inclusive o BarVelar. Mas eu precisava aproveitar o tempo sem movimento para adiantar pedidos online que seriam enviados nos próximos dias. Nem vi a hora passar até o dia se transformar em noite do lado de fora. Já passava das nove da noite quando decidi que era hora de voltar para casa antes que ficasse ainda mais tarde.

Coloquei alguns dos vasos que eu tinha adubado na prateleira inferior e reguei com um filete de água, sorrindo ao analisar o brilho da terra. Eu estava feliz. *Realmente* feliz. Pela primeira vez em muito tempo, eu me sentia quase totalmente completa. Quando andei até o outro lado da floricultura para fechar as cortinas, o brilho da luz acesa nos fundos do BarVelar atraiu minha atenção. Eu sabia que era o local onde ficava a cozinha e, por um segundo, senti meu coração disparar dentro do peito.

Puxei o celular do bolso e abri a conversa com Ian, digitando sem nem pensar.

Lara: *É vc que está no BarVelar?*

Demorou um minuto inteiro até que uma resposta brilhasse na tela.

Ian: *Vim testar umas receitas novas. Quer vir experimentar?*

Mordi meu próprio lábio, me sentindo com uma euforia adolescente só por receber esse convite. Meu Deus, eu estava mesmo ficando doida. Eu sabia bem que o chamado de Ian não tinha nada de inocente. Na verdade, me arriscaria a dizer que não existia a palavra *inocente* no vocabulário de Ian Diniz.

Ao invés de digitar mais uma mensagem, bloqueei o celular e terminei de fechar as cortinas. Meu coração me pedia para ir, mas minha cabeça tentava me convencer a ficar. Fechei os olhos, pressionando-os para não deixar a ansiedade tomar conta. Eu queria ir.

Prendi o cabelo em um rabo de cavalo alto e espirrei meu perfume de melancia antes de fechar a porta da Pétala & Flor e caminhar até o BarVelar do outro lado da rua.

A entrada principal, totalmente escura, não deixava dúvidas de que Ian estava isolado na cozinha. Até as ruas do centro da cidade, normalmente mais cheias, estavam completamente vazias. Dei a volta pela lateral, caminhando até a entrada de funcionários que levava até o vestiário. Apertei o botão do interfone e esperei por vários segundos até que a voz ofegante de Ian surgisse do outro lado.

— Sou eu — avisei, sentindo meu coração bater acelerado em todas as partes do meu corpo. Quando o barulho da porta sendo destrancada soou, eu sabia que não tinha como voltar atrás. Céus, eu nem *queria* voltar atrás.

Entrei no espaço conhecido e fechei a porta atrás de mim, tentando enganar meu cérebro de que eu não estava ali com segundas intenções. Era só um amigo me convidando para experimentar receitas novas, nada além disso.

Andei pelo vestiário apagado e totalmente escuro e segui na direção da única luz acesa. O cheiro de chocolate foi o primeiro a atingir meu olfato. Logo em seguida, reconheci o aroma da melancia. Quando cheguei na porta da cozinha, ainda fechada, olhei pelo visor transparente para ver o que Ian estava fazendo.

Meu ex-namorado estava de costas, com roupas casuais e um avental por cima, nada parecido com os trajes de *chef* que costumava usar nos dias em que o bar estava funcionando. Mordi meu próprio lábio, tentando controlar o sorriso que teimava em surgir. Meu coração batia acelerado

dentro do peito, minha respiração parecia presa na garganta e eu… Droga, eu me sentia a Lara de dezesseis anos de novo.

Ian se virou para buscar uma colher grande de silicone no minuto em que meus olhos estavam vidrados na sua silhueta, me pegando no flagra. Senti minhas bochechas enrubescerem e abri a porta.

— Não sabia que você gostava de me assistir, amor — o idiota provocou, o que só me fez ficar ainda mais quente. E não só na droga das minhas bochechas.

— Eu tinha acabado de chegar — menti. Caminhei até perto da bancada, mas antes que pudesse fazer qualquer coisa, Ian deu a volta, se aproximando das minhas costas.

— Da próxima vez que quiser me bisbilhotar, me avise. Posso fazer algo mais interessante. — O tom insinuante na sua voz nem deixava margem de dúvida do *que* de interessante ele estava sugerindo. E, para ser bem sincera, uma imagem nada inocente de Ian pelado com as mãos ao redor do próprio pau encheu minha mente sem autorização.

Abri a boca para fornecer alguma resposta espertinha, mas meus olhos imediatamente capturaram as formas de bombom sobre a bancada.

— Bombom de melancia? — questionei, pegando um deles e levando até a boca sem pedir autorização. — Achei que estivesse testando alguma receita nova.

Ele deu de ombros, levando a mão ao cabelo e desviando os olhos.

— Imaginei que dizer que eu estava testando uma receita nova pudesse te convencer com mais facilidade a vir até aqui.

— E por que você está aqui e não em casa? — quis saber, sem conseguir impedir as palavras curiosas de deixarem minha boca.

Ian se afastou das minhas costas e se recostou na bancada de inox.

— Ali está passando a noite com tio Pedro e tia Sara. — Apesar de mencionar algo trivial, sua expressão deixava claro um desconforto. Eu estava pronta para abrir a boca e perguntar o que mais estava acontecendo, quando ele mesmo completou. — E eu precisava espairecer antes que surtasse. Vim dar uma volta na rua e quando vi já estava aqui dentro.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, estudando seu rosto preocupado.

Era estranho que mesmo agora, com a nossa decisão relativamente recente de reaproximação, eu ainda pudesse ler o rosto de Ian como a palma

da minha mão. Era mais estranho ainda que, mesmo depois de cinco anos, ele ainda pudesse fazer o mesmo comigo.

— A tia da Alice quer que ela vá passar as férias em São Paulo.

Eram raras as ocasiões em que Ian mencionava qualquer coisa relacionada à Cristiane, mesmo que fosse uma menção a alguém da família. No fundo, eu imaginava que ele preferia evitar o tópico com medo de que isso me trouxesse à tona os mesmos sentimentos de quando nos separamos. E sinceramente? Ele não estava totalmente errado. Eu tinha amadurecido, é claro, mas não ficava feliz em falar sobre ela.

— E isso é ruim? — perguntei.

— Alice não é próxima da família da Cristiane. No início, eu insistia. Mas ela nunca gostou de ficar com eles. — Era estranha a sensação dentro de mim quando escutava falar sobre ela, especialmente ouvir o nome dela saindo da boca dele. — Não tinham outras crianças e ela sempre voltava reclamando que era chato. Um dia, não quis mais ir e eu parei de insistir.

— Eles não devem ter gostado.

Ian soltou uma risada de deboche e balançou a cabeça em negativa.

— Eles tentaram me fazer acreditar que era culpa minha. Valéria nunca quis que eu ficasse com a guarda da Alice. Parecia que ela estava esperando o minuto exato que eu desistiria.

— Então, ela não te conhece — afirmei, atraindo seu olhar. Ian já tinha me olhado de muitas formas, mas desta vez… Era diferente. Como se eu tivesse acabado de proferir o maior de todos os elogios.

— Não me orgulho de dizer que já cogitei desistir, Lara — confessou. — As coisas não foram fáceis assim que fui pra São Paulo. Eu nunca tinha nem sequer segurado um bebê e, de repente, me vi sozinho com um. Eu não entendia os choros, não conseguia dormir, sentia como se estivesse vivendo dentro de um pesadelo. Eu só queria voltar pra vida que eu conhecia.

Eu imaginava que tinha sido complicado. Mesmo lá atrás, quando passei dias na cama chorando pela traição de Ian, ainda assim, me pegava pensando nele. Como estaria? Será que estava bem? Sofrendo? Mas eu não era mais parte daquela nova história.

— O que você pretende fazer? — perguntei. — Sobre a tia da… — Titubeei por um segundo antes do nome dela deixar minha boca. Um único segundo, mas o suficiente para que ele reparasse. — Cristiane.

Ian ficou em silêncio só olhando para mim. Vi o movimento curto dos seus lábios, como se estivessem desenhando as palavras sem de fato dizê-

las. Ele estava em dúvida, mas eu não sabia sobre o quê.

— Lara, ela nunca significou nada.

Eu sabia o que ele estava fazendo, mas não queria falar sobre isso. Não queria falar sobre o passado que eu tinha finalmente conseguido deixar para trás. Balancei a cabeça, tentando me afastar fisicamente para indicar que eu não queria escutar. Não precisava escutar.

— Ian, eu não quero… — tentei dizer, mas senti seu punho me segurar delicadamente pelo braço.

— Eu não te traí. Nunca aconteceu nada com mais ninguém depois que ficamos juntos a primeira vez.

Existem momentos que tudo parece paralisar ao seu redor. O ar fica mais rarefeito, os objetos perdem o foco e as pessoas se movem em câmera lenta. E existem momentos como *este*. Onde *eu* paraliso enquanto tudo ao redor continua se movendo.

Alguma coisa dentro de mim, escondida em um lugar que eu preferia deixar enterrado, acendeu uma luz dentro da minha cabeça. Surgiu como uma voz que me dizia que eu deveria acreditar no que Ian estava me dizendo mesmo que todo o resto de mim teimasse em desacreditar.

Eu acreditei durante cinco anos que ele tinha me traído.

Acreditei que tinha sido uma distração como várias outras que ele tinha encontrado por aí.

Senti minha garganta fechar, minha respiração ficando difícil e meus olhos ardendo.

— Por que você está fazendo isso? — perguntei, quase como em um sussurro.

— Porque estou cansado de mentir pra você. — Quando ergui os olhos para os dele, senti dor no que encontrei estampado ali: verdade. — Nunca existiu mais ninguém além de você.

— Mas você disse que… — Deixei minha frase morrer. Porra, eu nem sabia como concluir. Estava perdida.

— Eu sei. Eu menti pra você e te peço desculpas, mas… — Ele balançou os ombros. — Eu não queria destruir sua vida.

De repente, como uma fagulha perto do fogo, senti a raiva voltar a me consumir. A mesma raiva que eu tinha sentido nas primeiras vezes que o vi quando voltou à cidade.

— E o que você acha que fez, Ian? — bradei, puxando minha mão do seu toque. — Você me destruiu de todo jeito!

— Porra, Lara, eu sei que errei, mas eu não podia deixar você largar tudo por mim — se desesperou. Abri a boca para contestar. — E eu sabia que você faria. Sabia que, se dependesse de você, você não me abandonaria.

Não respondi, sem saber ainda como tudo tinha me atingido.

Ian não tinha me traído.

Ian nunca me traiu.

Tudo que acreditei sobre ele durante cinco anos era uma mentira. Mas ao mesmo tempo… Tudo que acreditei sobre ele a vida inteira também era uma verdade.

— Você me fez te odiar — conclui, sentindo minha voz embargar. Ian deu um passo à frente.

— Era a única forma que pensei de te deixar salva de tudo. Você tinha só dezesseis anos! — exclamou, balançando a cabeça como se estivesse em uma viagem de volta ao passado. Eu conhecia o sentimento. — Não era justo te deixar abrir mão da escola, dos seus amigos, da sua família por um erro que não era seu.

— Ali não foi um erro — a frase escapou da minha boca sem que eu tivesse consciência. Os olhos de Ian brilharam em resposta, a sombra de um sorriso surgindo no seu rosto.

— Eu sei disso agora. Mas o Ian de cinco anos atrás não fazia ideia.

Ian deu mais um passo na minha direção, o corpo dele ficando próximo ao meu, me prendendo entre ele e a bancada.

— Me perdoa, amor.

Esperei durante muito tempo escutar um pedido de desculpas, embora por outros motivos. Era estranho ouvir agora quando eu nem tinha processado direito tudo que ele tinha me falado nos últimos minutos.

— Você me fez te detestar por todo esse tempo — falei, sentindo-o se aproximar ainda mais de mim. — Eu te odiei durante cinco anos.

Ian ergueu as mãos, segurando meu rosto entre elas e me olhando como se eu fosse tudo que existia no mundo.

— Então me ama pelos próximos anos.

Pela segunda vez na noite, deixei meu coração tomar as rédeas. Nem percebi que estava envolvendo o pescoço de Ian com os braços e o puxando na minha direção até que nossas bocas colidiram.

Senti as mãos desesperadas de Ian envolverem minha cintura, os lábios dele abrindo os meus, cedendo espaço para que nossas línguas se

encontrassem. Ele tocou minha pele, suspendendo a blusa o suficiente para que nosso contato causasse calafrios em cada pedaço do meu corpo.

Arranhei seu pescoço, sugando sua boca na minha e prendendo o lábio inferior entre os dentes. Seu corpo duro pressionou o meu e suas mãos desceram até o meu quadril, se movendo para a minha bunda e me erguendo no colo.

Era diferente beijar Ian agora. Eu não me sentia mais culpada. Eu também não sentia que havia algo desconectado entre nós. Era a primeira vez em cinco anos que parecia… completo. Era como voltar de uma viagem longa e encontrar a casa arrumada.

— Eu quero você — confessou, apoiando meu corpo em cima da bancada. — Porra, eu quero você pra caralho.

Joguei a cabeça para trás cedendo espaço para que sua boca passeasse pelo meu pescoço, descendo até o vão entre os meus seios. Todo o meu corpo formigava, fervia.

— Me mostra — insinuei. — Me mostra o quanto você me quer.

Ele nem pensou duas vezes antes de pegar minha mão e descer até a frente da sua calça de moletom. A ereção rígida dentro da cueca era toda resposta que eu precisava. Ian me queria. Me desejava. E eu também o queria. Mesmo depois de tanto tempo e tudo que tinha acontecido, *ele* era tudo que eu queria.

— Deita pra mim. Me deixa ter o melhor banquete do mundo nessa bancada — pediu, empurrando levemente meu corpo para trás.

Obedeci.

Estiquei meu corpo sobre o inox, sentindo os dedos de Ian tocarem minha cintura e descerem para as minhas pernas. Empurrei os sapatos para o chão e deixei que fizesse comigo o que bem entendesse. Suas mãos acariciaram minha pernas, subindo pelas panturrilhas e provocando a região interna da minha coxa.

Estremeci o corpo inteiro, sentindo meus pelos se arrepiarem a cada passeio que ele fazia por mim. Não lembrava a última vez que tinha sentido uma pressão tão forte antes mesmo que qualquer coisa sexual acontecesse. Mas era Ian. E não era possível compará-lo com mais ninguém.

— Se eu tirar sua calcinha, você vai gozar na minha boca, amor?

Estava pronta para responder quando senti seus lábios tocarem minha coxa, tão de leve que parecia uma pena se arrastando sobre mim. Senti meu

clitóris pulsar e ameacei fechar as pernas em um reflexo instantâneo. Ian segurou com força, me prendendo de pernas abertas com as suas mãos.

— D-depende de você — gaguejei, tentando parecer provocadora, mas sendo extremamente malsucedida. Eu não tinha mais controle sobre as minhas reações.

Ian sorriu aquele tipo de sorriso que sempre me destruía. Seu corpo quase desapareceu enquanto se agachava entre as minhas pernas e enrolava os dedos na lateral da calcinha, puxando tão devagar até os meus pés que senti minha boceta piscar em expectativa.

— Quando eu colocar minha língua em você, vai estar molhada pra mim? — Sua mão acariciou minha virilha, passando propositalmente perto da minha intimidade sem tocá-la de fato. O desgraçado sabia como me levar ao delírio.

— Você sabe que vou — confessei.

— Ótimo, é bom saber que ainda sou o único que te faz ficar assim. — E sem que eu esperasse, Ian enfiou dois dedos dentro de mim. Arqueei a coluna, gemendo tão alto que talvez meus irmãos conseguissem escutar dos andares de cima.

Ergui meu corpo, me apoiando sobre os cotovelos e querendo assistir a forma como ele me tocava. Da primeira vez, quando ele me tocou desse jeito na Pétala & Flor, estava embebida pela emoção, agindo num impulso. *Desta* vez, eu estava consciente, racional. Sabia o que nós estávamos fazendo e queria ver. Queria ver o sorriso safado no seu rosto enquanto curvava os dedos dentro de mim, tocando no ponto exato que me fazia revirar os olhos.

— Droga, Ian — gemi mais uma vez, jogando a cabeça para trás e esquecendo dos meus planos de assisti-lo.

— Senti saudade de você gemendo meu nome.

Estava pronta para listar algumas outras coisas que eu também estava com saudade quando senti seu cabelo tocar minha barriga. A boca roçou pelo meu umbigo, descendo em direção ao meu clitóris. Era a primeira vez em muito tempo que eu estava me envolvendo sexualmente com alguém sem sentir receio sobre meu corpo.

Quando seus lábios pressionaram meu ponto mais sensível, eu sabia que estava completamente perdida. Agarrei sua cabeça, empurrando-o com mais pressão contra mim, sem me importar com o que ele poderia pensar. Sua língua empurrou meu clitóris, provocando-o de um lado para o outro com

uma sensação que eu só me lembrava de ter sentido com ele. Era gostoso, era desesperador, era familiar.

Ian continuou movendo os dedos dentro de mim, empurrando e tirando enquanto me chupava e se lambuzava com o quanto eu estava a ponto de gozar. Quando seus lábios me sugaram, eu quase perdi o controle, mas ele parou no momento exato que o orgasmo ia me atingir. Deixei um gemido de frustração escapar.

Ele soltou uma risadinha que vibrou minha boceta e quase reclamei quando Ian removeu os dedos que usava para me estimular. Felizmente, senti quando sua língua começou a descer em direção à minha abertura, se empurrando para dentro de mim enquanto Ian separava meus grandes lábios para que ele pudesse me penetrar com ela com ainda mais profundidade.

Não consegui conter a pressão que se formou mais rapidamente do que deveria ser aceitável no meu baixo ventre e rebolei contra ele, sentindo seu rosto inteiro encaixado entre as minhas pernas e sua língua me fodendo como se a vida dele dependesse disso. Gozei tão forte que, se já não estivesse deitada, teria caído. E mesmo enquanto eu me contorcia com o orgasmo mais intenso que eu já tinha sentido, Ian não parou de me chupar.

Eu estava tão sensível que senti um segundo orgasmo se formar. Meu Deus, o que estava acontecendo comigo?

Ele pareceu perceber e só intensificou a velocidade, trazendo uma das mãos para o meu clitóris e massageando-o com o polegar. Quando o prazer me atingiu pela segunda vez, eu já nem sabia mais meu próprio nome ou quem eu era. Tudo que tinha na minha mente era o nome de Ian e a sensação avassaladora que ele estava me fazendo sentir.

Meu peito subia e descia, tão ofegante que parecia que eu havia corrido uma maratona. Ian se afastou da minha boceta, erguendo o corpo e puxando a própria camisa pela cabeça. Prendi o ar por um segundo. Será que em algum momento eu me acostumaria com essa visão? Com o seu abdômen definido, a tatuagem de melancia em cima do peito e os oblíquos que pareciam levar para a perdição?

— Por mais que eu adore sentir seu gosto na minha língua… — insinuou, lambendo a boca para comprovar o que dizia. — Quero que goze enquanto eu estiver dentro de você.

Ergui meu corpo, ainda sem ar, mas louca de tesão o suficiente para provocá-lo.

— Então tira a roupa e me fode.

Minha fala não pareceu pegá-lo desprevenido. Nossa última vez tinha sido a minha primeira vez. Apesar disso, nunca fui do tipo inibida. Gostava de falar no sexo e Ian parecia saber disso, mesmo que não tivesse presenciado tantas vezes assim.

Tirei minhas próprias roupas enquanto o observava descer a calça de moletom junto com a cueca. Seu pau pulou para fora, duro, rígido. Senti minha boca secar com a visão e me perguntei se continuaria com o mesmo gosto. Será que Ian ainda gemia mordendo o lábio inferior? Será que ainda pressionava os olhos e xingava um "porra" rouco quando chegava ao orgasmo?

— Sabe quantas vezes pensei em você cada vez que fechava os olhos? — perguntou, embora eu soubesse que era de forma retórica. Suas mãos envolveram minhas pernas e me puxaram para a ponta da bancada. Envolvi meus pés ao seu redor, sentindo seu pau tocar com a ponta a minha barriga. — Toda. Vez.

— Eu também — confessei, tocando sua tatuagem de melancia sobre o peito. Ele trouxe a mão para a minha, repleta de orquídeas que cobriam a coxa e o quadril.

— Não quero que isso acabe. Nós dois.

— Não vai acabar. — Meu coração bateu acelerado dentro do peito. — Está só começando.

Minha resposta pareceu abaixar todas as barreiras e receios que Ian ainda tinha em dar mais um passo, em ter certeza do que eu queria. Sua boca grudou na minha e ele encaixou a cabeça do seu pau na minha entrada. Eu estava tão molhada que ele deslizou com a glande para dentro ainda que não fosse a sua intenção.

— Ai, porra — gemi contra os seus lábios.

Ele sorriu e empurrou o resto do pau de uma vez só para dentro de mim. Ian era grande. Droga, ele era bem maior do que eu me lembrava. Como perdi a virgindade com um pau desse tamanho? Senti seu pênis me alargar e levei alguns segundos para me acostumar com o tamanho.

A mão dele subiu para o meu cabelo, puxando o prendedor e desfazendo meu rabo de cavalo.

— Quero ter o que puxar enquanto te como.

Seus dedos se enrolaram nos fios e ele fez cumprir o que prometeu. Puxou meu cabelo, abrindo espaço no meu pescoço para que sua boca depositasse mordidas na região, descendo em direção a minha clavícula.

Seu pau começou a se mexer dentro de mim, devagar, como se quisesse aproveitar cada milésimo de segundo para que não acabasse.

Ele empurrava tão fundo para dentro de mim, que sentia suas bolas batendo na minha boceta e quase implorei por mais. Envolvi minhas pernas com ainda mais força ao seu redor, colando nossos corpos de um jeito que era impossível saber onde eu começava e ele terminava.

Ian trouxe uma mão para o meu peito, empurrando levemente para cima de encontro a sua boca. Seus dentes se fecharam ao redor do meu mamilo e arqueei ainda mais a coluna, querendo que ele ficasse ali para sempre. Quando sugou meu bico, minha boceta respondeu em uma pulsação e foi a vez dele gemer.

— Senti saudade desse som — confessei.

— Senti saudade do seu corpo. — Deslizou a mão até a minha bunda, apertando com força o suficiente para que seus dedos provavelmente ficassem marcados na minha pele clara. — Senti saudade de você, amor.

Puxei sua boca na minha, querendo prolongar nosso beijo o máximo de tempo que eu pudesse. Ian agarrou meus quadris, me deixando praticamente pendurada e puxou o pau todo para fora antes de me foder de novo.

Era diferente transar com a versão adulta de Ian. Era diferente transar com ele sendo a minha versão adulta. Parecia mais selvagem, mais direto, mais prazeroso. Mas ao mesmo tempo… Era igual. Era carinhoso, cheio de desejo, apaixonado.

— Porra, Lara, você é a mulher mais gostosa do mundo.

A melhor parte de receber elogios de Ian é que eu sabia que eram sinceros.

Quando ele largou meu quadril e trouxe a mão para o local onde estávamos conectados, eu sabia que teria o meu terceiro orgasmo na noite. Ele sabia como me tocar e me levar ao precipício do qual eu adorava cair. Quando seus dedos envolveram meu clitóris, apertando e beliscando, soltei um gritinho agudo.

— Ian, meu Deus… — gemi, arranhando suas costas com a ponta das unhas. Se o deixasse marcado, ótimo.

— Goza de novo — mandou. — Me mostra que sentiu saudade do meu pau.

Ele afastou o corpo só o suficiente para socar dentro de mim com mais força. Fechei os olhos, sentindo tudo ao meu redor se transformar em estrelas. Minha visão embaçou e, se eu achava que o orgasmo que Ian havia

me dado com a boca tinha sido o mais intenso de todos, eu estava muito enganada. Perdi completamente os sentidos enquanto gemia o nome dele e fincava minha mão na sua pele, sentindo meu corpo inteiro desvanecer.

— Porra, caralho — xingou. Mesmo em meio ao meu completo torpor, lembrei de abrir os olhos. Eu queria vê-lo gozar. Ian mordeu a boca e pressionou os olhos, afundando o pau dentro de mim uma última vez enquanto atingia o próprio prazer.

Ele deixou a testa recair sobre o meu ombro, tentando restabelecer os próprios batimentos cardíacos. Ian ficou tanto tempo só respirando no meu pescoço, que decidi intervir.

— Você está bem?

Ele ergueu a cabeça, um sorriso de orelha a orelha ocupando sua expressão.

— Eu pareço bem? — devolveu. Contive uma risadinha satisfeita.

— Você parece *ótimo*, na verdade.

— Sinto que só agora voltei pra casa — confessou, fazendo meu coração errar um compasso.

Mordi meu lábio, sentindo meu rosto esquentar. Tínhamos acabado de transar, eu sentia sua porra dentro de mim e, ainda assim, eram suas palavras que me faziam corar.

— Bom… — falei. — Então, seja bem-vindo de volta, Ian.



LARA AVELAR

— Está como você imaginava? — Tia Betina, com olhos já marejados, perguntou à filha.

Gabi usava um vestido branco, com caimento evasê e ombros à mostra. Ela parecia uma verdadeira princesa de contos de fadas e, quando a estilista do ateliê colocou o véu em sua cabeça, minha cunhada ficou ainda mais com o semblante emocionado.

— Está muito mais incrível do que imaginei — respondeu.

O casamento do meu irmão e de Gabi aconteceria nos próximos dias e hoje era a prova final do seu vestido de noiva. Cora e eu também viemos para experimentar pela última vez nossos vestidos de madrinhas.

— Você está uma noiva linda, Gabriela — a estilista elogiou. — O vestido te caiu com uma luva.

— Eu definitivamente vou precisar de maquiagem à prova d'água e nem sou uma pessoa chorona. Imagina como o seu pai ficará... — Tia Bê brincou.

— A gente vai precisar deixar uma ambulância de plantão para atender o senhor Werberg caso ele passe mal — Cora brincou.

— Vamos tirar o vestido e prepará-lo para ser transportado — Ana, a estilista, disse. — Meninas, vocês serão as próximas. Já voltamos. — Ela ergueu a mão para ajudar Gabi a descer no pequeno palco que tinha em frente ao espelho do ateliê e a conduziu até o provador.

— Preciso ir embora porque tenho uma reunião na Werberg em quinze minutos — Tia Betina disse pegando a bolsa do sofá e a colocando no ombro. — Vejo vocês amanhã, minhas queridas.

Tia Bê se despediu com um beijo em cada uma de nós e nos deixou sozinha na sala do ateliê. Um tempo depois, Gabi e Ana voltaram e, dessa vez, foi a vez de Cora ir até o provador experimentar seu vestido.

— Como estão os arranjos? — Gabi quis saber.

— Não se preocupe, noivinha, já está tudo certo para amanhã. — Gabi abriu um sorriso de alívio. — Adiantei o máximo possível, mas vou deixar para fazer os ajustes finais já no local do casamento, é melhor.

— Conseguiu aquelas flores que te pedi para o buquê?

— Consegui, sim. Vou buscar amanhã mesmo, assim que chegarmos na ilha — disse.

— Obrigada, Larinha, não sei o que faria sem você!

Gabi tinha me dado liberdade para criar seu buquê e escolhi usar rosas de jardim, peônias e *lisianthus*, combinadas com ramos de eucalipto e folhas de oliveira. Minha cunhada amou quando mostrei a ela como ficaria o buquê, mas, dias atrás, me perguntou se eu poderia acrescentar lírio do vale ao conjunto. Amei a ideia, deixaria o buquê com um toque delicado e romântico, mas eu não tinha a planta na minha floricultura. Por sorte, uma florista que conheço da Costa dos Corais tinha e consegui comprar com ela.

Cora apareceu onde estávamos já usando seu vestido, mas o fecho traseiro não parecia fechar por completo. Ela subiu no palquinho e se fitou no espelho.

— Acho que a Celina cresceu mais que o esperado — brincou, acariciando a barriga.

— Essas coisas sempre acontecem com as gravidinhas, estamos acostumadas — Ana a tranquilizou. — Ele tem tecido sobrando nas laterais internas exatamente para situações assim. Vamos conseguir deixá-lo mais larguinho para caber você e a Celina com tranquilidade. Hoje à noite ele já estará pronto para você vir buscá-lo — Ana fez anotações no caderninho em sua mão, antes de guardá-lo mais uma vez no bolso traseiro. — Acho que, para você, só essa alteração será necessária.

— Obrigada, Ana. Mais tarde o meu marido passa aqui para buscar — Cora disse.

— Lara, pode me acompanhar até o provador? — pediu.

Assenti, levantando do sofá e indo atrás dela. Não era a primeira vez que experimentava o vestido, mas ainda assim senti um desconforto aparecer dentro de mim sem ser convidado. Às vezes, era quase inevitável me sentir assim em momentos como esse. E, com o estresse dos últimos dias, acabei comendo mais do que deveria e tinha consciência disso. A voz de Mauro ameaçou surgir dentro da minha cabeça e fechei os olhos, respirando bem fundo e soltando o ar lentamente, em uma tentativa de afastá-la da minha mente.

Ana caminhou até as araras e pegou um dos vestidos na cor rosa queimado, me entregando a peça. Tirei a roupa que usava e o coloquei, voltando para a sala em que minhas cunhadas estavam e subindo no palquinho para me olhar no espelho.

— Nós fizemos o ajuste que precisava na fenda, você gostou? — perguntou Ana.

— Está ótimo — respondi. Não era essa parte que me incomodava.

A peça era mais justa na parte de cima e mais fluída embaixo. Tinha uma fenda lateral belíssima, mas eram as alças finas, que deixavam meus braços à mostra, que me deixavam levemente insegura.

— Também deixei um pouco menos justo na cintura, como você pediu. — Abri um sorriso meio forçado, torcendo para que elas não reparassem. Eu não tinha odiado a peça, era um vestido lindo, eu só... queria que meu braço fosse um pouco mais fino. — Acho que o seu não precisa de nenhuma alteração, Lara. O caimento está perfeito e essa cor ficou magnífica com seu tom de pele.

— O vestido é lindo mesmo — disse.

— E você está maravilhosa com ele — Gabi completou, quase como se pudesse ler minhas inseguranças. Talvez eu devesse ouvir mais a voz da minha cunhada e menos a voz do meu ex-namorado que teimava em querer surgir.

— Fico feliz que todas estão saindo daqui satisfeitas. Lara, vou arrumar o seu para que você já o leve — disse.

Voltei com ela para o provador e tirei o vestido de festa, vestindo mais uma vez a minha roupa.

— Precisamos debater um assunto seríssimo — Gabi disse enquanto aguardávamos Ana arrumar nossos vestidos nos suportes para viagem. — A minha despedida de solteira! Nick e os meninos combinaram de sair para comemorar, nós temos que fazer o mesmo. Cora, você que já morou lá na Costa dos Corais, tem alguma ideia do que podemos fazer? — perguntou.

Minha cunhada, alguns anos atrás, passou alguns meses morando na Costa dos Corais.

— Para sua sorte, Gabizinha, eu já me adiantei e perguntei ao Theo se ele tinha alguma indicação do que podíamos fazer. Ele me mandou o nome de alguns lugares e achei esse daqui bem legal — Cora disse mostrando a tela do celular com fotos do local para nós duas. — Theo conhece a dona do lugar, já deu aula de *surf* para a filha dela.

— Eu amei, parece incrível. E tem até aula de *pole dance* particular! — Gabi disse animada. — O que acham da gente fazer lá?

— É você quem manda, noivinha — Cora respondeu. — Só precisamos ligar para agendar o dia e horário.

— Eu posso ligar — avisei. — Me fala o número.

Cora me ditou os números e apertei o ícone verde na tela do meu aparelho para fazer a ligação.

— Theo disse para avisar que somos amigas dele. — Assenti.

Fui atendida no terceiro toque.

— *Adeus de Ouro, sou a Flávia, em que posso ajudar?*

— Oi, Flávia! Meu nome é Lara e eu queria mais informações sobre a festa de despedida de solteira que vocês organizam. Quem me indicou vocês foi o Theo, um amigo...

— *Qualquer amiga do Theo, é nossa amiga!* — A atendente disse e dava para notar o sorriso em sua voz. — *Bom, Lara, aqui no Adeus de Ouro nós somos especialistas em nos despedir da vida de solteira em grande estilo. Nosso espaço é privado, ou seja, nós fechamos o ambiente para que a noiva e as suas convidadas possam se divertir com tranquilidade. Nosso serviço conta com uma sessão de spa para você e suas amigas relaxarem, incluindo massagens e tratamentos faciais, um bar completo com coquetéis personalizados e temos também as aulas de pole dance que são muito populares entre as nossas noivas. É uma atividade divertida e empoderadora, perfeita para criar uma experiência memorável. Nossas instrutoras são altamente qualificadas e garantem que todas se sintam confortáveis e se divirtam. Além disso, é uma ótima maneira de se soltar e rir com as amigas.*

— Parece incrível, Flávia. Vou querer reservar um horário com vocês. Tem disponível amanhã? — perguntei. — Sei que está meio em cima, mas...

— *Você está com sorte, Lara. Nós tivemos uma desistência de última hora e temos o horário da noite livre. Me diz seu nome para fazer a reserva.*

— Lara Avelar — falei.

— *Avelar...* — repetiu enquanto eu ouvia o som de teclas de computador sendo apertadas. — *Prontinho, senhorita Avelar. Sua reserva já está feita. Espero que gostem do nosso espaço e se divirtam bastante amanhã.*

— Obrigada, Flávia. Nos vemos amanhã — falei antes de encerrar a ligação. — Pronto, tudo reservado. Vocês sabiam que eles têm spa? Mal posso esperar para fazer uma massagem relaxante amanhã — falei.

— É exatamente tudo que eu precisava na minha última noite de solteira — Gabi falou com empolgação.

Ana voltou com nossos vestidos já preparados para serem levados na viagem e já os colocamos no carro. Gabi me deixou em casa e aproveitei para tomar um banho quente e deitar mais cedo. Seria um longo final de semana e eu queria estar descansada.



Não era minha primeira vez na Costa dos Corais e, provavelmente, não seria a última. Se eu não amasse tanto Teresópolis, talvez me mudasse para cá. Amava as águas cristalinas que cercavam a ilha e amava o fato de que aqui o sol parecia ainda mais gostoso do que em qualquer outro lugar. E nada me deixava mais feliz do que os dias ensolarados.

Enquanto a balsa se aproximava do porto para atracar, observei um casal de velhinhos sentados na varanda de sua casa, de mãos dadas, olhando a orla. Talvez eu possa me mudar para cá quando me aposentar. Ter uma casa com um quintal bem grande para plantar várias flores e uma varandinha com uma cadeira de balanço para sentar no final de um dia e observar o sol se pondo enquanto ouço o barulho do vai e vem das ondas do mar. Me parece um futuro perfeito, ainda mais se Ian estiver ao meu lado.

As coisas estavam indo bem entre nós dois. Depois da nossa transa na cozinha do BarVelar, Ian e eu estávamos agindo como se fôssemos os mesmos adolescentes de antigamente. Eram beijos roubados aqui, comentários sexuais ali. Era revigorante viver algo leve e divertido depois de tanto tempo.

Eu não sabia o que nós dois éramos e, honestamente, não achava que era o momento de pensarmos sobre isso. Por mais que nossa história complicada tenha sido esclarecida, isso não apagava a forma como me senti nos últimos cinco anos. Eu entendia os motivos de Ian para ter feito o que fez e dito todas as coisas que partiram meu coração, mas isso não mudava o fato de que ele tinha sido o responsável por me trazer boa parte das minhas inseguranças.

Eu confiava que nós dois poderíamos reconstruir algo juntos. Eu *queria* isso. Mas não seria do dia para noite. Tínhamos cinco anos de desentendimentos para ajustar. Felizmente, também tínhamos tempo para isso.

— Aqui tem sereia, papai? — Ouvi quando Ali, sentada entre Ian e eu, perguntou.

— Acho que as sereias gostam mais de morar onde os seres humanos não vão, pequena — Ian respondeu.

— Que pena... — Ela ficou com o semblante um pouco entristecido. — Queria conversar com uma sereia de verdade.

Alice era uma criança sonhadora e imaginativa e eu já tinha percebido que Ian adorava dar corda para esse lado da sua filha. E, em momentos assim, me apaixonava ainda mais pelo homem em que ele tinha se tornado.

— Aqui não tem sereia, mas tem tartarugas marinhas. A gente pode te levar para conhecer algumas, o que acha?

— Eu nunca vi uma tartaruga de verdade! — A animação voltou a tomar conta da garotinha. — Quero virar amiga delas, tia Lara.

— Podemos ir hoje mais tarde, depois de deixarmos as coisas na pousada — falei.

O barco atracou e finalmente descemos na ilha. Como o casamento só aconteceria amanhã, a maioria dos convidados ainda não tinha chegado. Nosso grupo foi até a pousada onde ficaríamos hospedados e fizemos nosso *check-in*.

— Tia Lara, você é nossa vizinha! — Ali disse assim que parei no chalé que ficava bem ao lado do que ela dividiria com Ian.

— Que coincidência — Ian disse com um sorriso sugestivo no rosto que fez tudo em mim queimar, da melhor maneira possível. Era a forma do meu corpo gritar o quanto sentia falta dele, ainda que tenhamos ficado hoje mais cedo, antes da nossa viagem e enquanto Ali ainda dormia no quarto dela.

— O que você aprontou, Ian? — perguntei baixinho depois que Ali entrou no chalé deles e nos deixou sozinhos.

— Eu tenho meus contatos, amor. — Meu coração acelerava sempre que ele me chamava assim. — Talvez a gente possa terminar o que começamos mais cedo.

Como Ian conseguia fazer cada pelo do meu corpo se arrepiar apenas com palavras?

— Papai, vem aqui olhar a cama grandona — Ali chamou de dentro do chalé.

— Nos vemos depois, amor — Ian se despediu de mim com um selinho rápido.

— Até daqui a pouco — respondi.

Abri a porta do meu chalé e fiquei encantada. Ele foi construído com madeira rústica e pintado em tons suaves de azul e branco. Abri as janelas para permitir que a brisa do mar entrasse por elas, trazendo consigo o cheiro salgado e refrescante da praia. Pendurei meu vestido de madrinha no armário que havia ali e tirei da mala mais algumas coisas que usaria ao longo dos dias.

Tomei um banho demorado para espantar o cansaço da viagem e, depois de descansar por um tempinho, coloquei uma roupa mais leve, me preparando para o passeio que havia prometido levar Ali para fazer.

— Já tá na hora de conhecer as tartarugas? — Ali perguntou ao abrir a porta do seu chalé.

— Elas já estão esperando por você — contei para a garotinha, que abriu um sorrisão.

Alice, Ian e eu saímos juntos em direção à praia onde acontecia o TartarugAmar. O projeto fica localizado em uma faixa de praia protegida, conhecida por ser um local de desova das tartarugas marinhas. O centro de visitantes do TartarugAmar é uma estrutura feita de materiais sustentáveis, cercada por dunas de areia e vegetação nativa. Assim que chegamos ao espaço, Ali já estava com os olhinhos brilhando.

— Olá, nós queríamos fazer uma visitação — disse para a menina que estava na recepção. A plaquinha presa ao seu uniforme indicava que seu nome era Iris.

Iris não falou nada, mas abriu um sorriso, apontou para o relógio e fez o número 1 com o dedo.

— Acho que ela quer dizer pra gente esperar um minuto — Ian decifrou e a garota assentiu.

Não demorou muito para outra funcionária aparecer.

— Obrigada por me cobrir, Iris — agradeceu à menina, que fez um sinal com a mão como quem diz “não há de quê” antes de sair dali. — Olá, pessoal. Desculpe, precisei me ausentar rapidinho. Sou a Mariana, como posso ajudar vocês?

— Nós queremos ver as tartaruguinhas — Ali disse.

— Acho que posso te ajudar com isso. Qual é o seu nome? — Mariana perguntou.

— Eu sou a Ali, esse é o papai e a tia Lara — respondeu.

— Sejam muito bem-vindos, pessoal. Ali, você já conheceu alguma tartaruga marinha antes?

— Nunquinha.

— Então se prepare porque vamos conhecê-las agora. Antes, só preciso anotar algumas informações de vocês no sistema — Mariana disse.

Depois de fazer nosso cadastro, a menina autorizou nossa entrada. Mariana nos apresentou a uma outra funcionária que nos acompanhou até a parte de dentro do centro de visitantes, onde havia várias exposições interativas sobre o ciclo de vida das tartarugas marinhas. Ali logo ficou interessada por um grande aquário que abrigava filhotes de tartaruga resgatados.

— Esses são os nossos bebês tartarugas. Eles foram encontrados em perigo e estamos cuidando deles até que estejam fortes o suficiente para voltar ao mar — explicou a mulher enquanto Ali os observava nadando completamente fascinada.

Depois de passarmos por mais alguns lugares, saímos por uma portinha que dava acesso a areia da praia.

— Aqui é onde acontece a soltura de filhotes, para que eles possam voltar ao mar. Ali, quer me ajudar a soltar alguns deles? — perguntou a mulher.

— Sim!

A funcionária colocou cuidadosamente um filhote na mão de Ali, que ficou boquiaberta ao sentir o corpinho do animal se mover suavemente. Ian, como um bom pai babão, tirava fotos a todo momento.

— Ele é tão fofinho. Amo as tartarugas! — Ali disse, usando o dedo para acariciar a cabecinha do bichinho.

— Agora vamos ajudá-lo a encontrar o caminho para o mar — avisou a funcionária.

Ali deu um beijinho no casco da tartaruga e, com um sorriso radiante, colocou o filhote na areia. Observamos o pequeno seguir seu caminho para as ondas, junto com alguns outros filhotes. Ali acenou animadamente enquanto eles desapareciam na água.

— Tchau, tartaruguinhas. Boa viagem! — Ali gritou.

— Você foi uma grande ajudante hoje, Ali. As tartarugas marinhas agradecem! E, antes de você ir embora... — Ela chamou a Íris, que tirou um broche em formato de tartaruga do bolso dianteiro do avental que usava e entregou nas mãos de Alice. — Essa é uma lembrancinha pra você sempre se lembrar das suas amigas marinhas.

— Nós que agradecemos pelo passeio, foi incrível — falei.

— Vou atender o próximo grupo, mas foi um prazer conhecer vocês — a funcionária se despediu. Íris continuou ali, em silêncio, fazendo anotações em uma prancheta.

— Papai, tira uma foto minha com meu presente — Ali pediu.

Estava tão distraída vendo Alice posar para fotos que nem reparei quando um grupo de quatro homens se aproximou de onde estávamos.

— Larinha? É você mesmo? — Reconheci a voz de Theo antes mesmo de me virar.

— Theo! — Fui ao encontro dele e o dei um abraço apertado.

Anos atrás, quando Cora ainda dividia moradia com ele, tivemos um dia juntos que foi bastante divertido. Na época, Theo me deixou surfar em sua prancha, além de me dar várias dicas de como lidar com garotos. Dicas que eu, obviamente, usei para conquistar Ian ainda mais. Depois disso, chegamos a trocar algumas mensagens pelas redes sociais, como amigos. Theo nunca me olhou de outra forma e nem eu a ele.

— Porra, como você cresceu. E tá ainda mais bonita — elogiou. Notei quando Ian, ao meu lado, franziu o cenho ao mesmo tempo em que cruzava os braços em frente ao peito, se aproximando ainda mais de mim. — A Cora me contou que vocês viriam. Estou ansioso pra ver a barriga de grávida dela pessoalmente.

— Não vai me apresentar pra sua amiga, Theo? — um dos outros caras, que, assim como ele, vestia aqueles macacões de surf, perguntou.

Ian bufou tão alto que tenho certeza que eles ouviram. E, como se isso não bastasse, ele usou um dos braços para abraçar minha cintura. Preciso confessar que amei a demonstração de possessividade.

— Sossega, caralho. — Theo disse ao amigo. — Lara, esse aqui é o Vini.

— O melhor médico da ilha, ao seu dispor — Vini completou.

— Há quem discorde — outro deles disse, arrancando uma risada geral. — Eu sou o Cadu. E esse tatuado aqui é o Kaíque.

— Prazer, pessoal. Eu sou a Lara, esse daqui é o meu... — Travei um segundo. O que ele era meu? Não tínhamos conversado sobre isso e, para ser sincera, não sei ainda se estou completamente preparada para nos rotular. — Esse é o Ian, e essa é...

— Vocês são *sereios*? — Ali perguntou para eles. — Eu vi vocês saindo de dentro da praia.

— Essa é a Ali, a maior fã de sereias do momento — completei.

— Nós somos surfistas, gatinhas. Não somos *sereios*. Quer dizer, eu sou surfista e esses manés aqui só pensam que são, mas nunca serão tão bons quanto eu — Theo disse.

— Mas vocês já viram alguma sereia? — a pequena quis saber.

— Nunca vi nenhuma sereia no mar, infelizmente. E eu saberia se existisse alguma aqui, já que sou o prefeito da ilha — Cadu respondeu.

— Pelo menos tem tartarugas. Você já viu as tartarugas? — Ali perguntou.

— Ah, com certeza. Nós temos uma tartaruga de estimação, o nome dele é Ronaldo — Cadu disse.

— Sua tartaruga ainda está viva? — perguntei para Theo.

— É nossa tartaruga, a guarda dele é compartilhada entre os quatro — Theo respondeu. — Mas sim, aquele pestinha não é maluco de morrer tão cedo — brincou.

Um vento forte nos atingiu, nos pegando desprevenidos e fazendo com que os papéis escapassem da prancha da Íris e voassem em nossa direção. Theo jogou a prancha de lado e correu para conseguir pegá-los, entregando a menina.

— Aqui, gatinha — disse ao entregar as folhas para ela, com um sorrisinho no rosto de quem claramente estava flertando. Iris é uma garota bonita e esse era um dos pontos fracos do meu amigo. Iris agradeceu com um sorriso e foi embora antes mesmo dele puxar qualquer outro assunto.

— Acho que você está perdendo o charme, irmão — Vini implicou.

— Eu só não te mando para o lugar que estou pensando porque temos crianças no recinto.

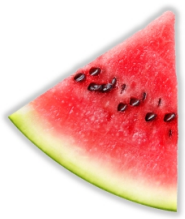
— Papai, podemos lanchar? — Ali quis saber.

— Claro, pequena. Vamos já já — Ian respondeu, mas eu sabia que ele não sairia dali sem que eu estivesse junto.

— Foi ótimo encontrar com você, Theo, e conhecer vocês, rapazes. Mas precisamos ir agora...

— Aproveitem bastante a ilha, pessoal! — Theo respondeu antes de nos despedirmos com um abraço.

Assim que terminamos de nos despedir dos meninos, Ian tirou a mão da minha cintura apenas para entrelaçar seus dedos aos meus. Não me importava se estava fazendo isso para me marcar como seu território ou porque não conseguia mais ficar longe de mim. O sentimento foi de estar em casa e eu queria vivê-lo para sempre.



Capítulo 36.

IAN DINIZ

Ainda sentia um incômodo, um embrulho no estômago, quando pensava na forma como Lara abraçou aquele surfista. O cara parecia gente boa, mas seria uma pessoa melhor ainda com as mãos bem longe da minha garota. Lara e eu podíamos ainda não ter rótulos para definir o que estamos vivendo, mas ela é a minha garota. Sempre foi e eu não precisava de rótulos para saber isso. Era só uma questão de tempo até que ela se sentisse confortável para assumir oficialmente o que éramos.

Depois da visita ao Projeto TartarugAmar, fomos fazer um lanche em um dos quiosques que ficavam à beira-mar. Ali estava encantada com a ilha e não sossegou até que eu a levasse para dar um mergulho na praia. Era a primeira vez da minha pequena conhecendo o mar e ela amou. Eu, por minha vez, amava vê-la feliz.

Voltamos ao nosso chalé para tomar um banho e trocar de roupa para os próximos eventos do dia. Ali ficaria com o tio Pedro e a Tia Sara, enquanto eu iria para a despedida de solteiro de Nick.

Apertei a campainha do chalé dos meus tios e agachei-me para falar com minha filha.

— Se comporte, pequena — disse, a envolvendo em um abraço.

— Eu sou comportada, papai — respondeu no momento em que o tio Pedro abriu a porta.

— Quem vai se divertir muito com o vovô hoje? — ele perguntou.

— A gente pode catar conchinhas na praia, vovô?

— Podemos fazer tudo que você quiser, pequenininha — disse.

— Vocês mimam demais essa garotinha — reclamei.

— É exatamente essa a função dos avós — foi tia Sara quem respondeu.

— Volto pra buscar ela mais tarde — avisei.

— Não se preocupe com isso, Ian. Se divirta, beba, aproveite a noite. Deixa que Ali dorme com a gente hoje — tio Pedro falou.

— Vocês não...

— A gente quer, Ian. Nós amamos ficar com ela — tia Sara disse, me interrompendo. — Aproveita a noite e faça tudo que a gente faria.

— Acho que o ditado é outro — impliquei.

— A minha versão é muito melhor. Aliás, eu lembro na despedida de solteiro do Gui quando o Pepe e eu...

— Por favor, não me traumatize. Não quero ouvir. — Coloquei as mãos no ouvido em um gesto dramático, fazendo a tia Sara rir. — Vejo vocês amanhã.

Como combinado, segui o caminho até a entrada da pousada para encontrar com Nick e Caio. Os dois chegaram exatamente ao mesmo tempo que eu.

— Porra, é a última noite de solteiro do pai... Dá pra acreditar? — Nick comemorou. — Mas vamos curtir com moderação porque amanhã preciso estar bem para casar com a minha Gabizinha.

— Qual é o nome do bar mesmo? — Caio perguntou.

Nick tinha insistido em ser o responsável por reservar o bar onde iríamos comemorar sua despedida. Ele queria ter certeza que era um lugar com bebidas dignas “do seu paladar seleto”, nas palavras dele.

— Ah, caralho... Sobre isso... — Nick coçou a cabeça. — Eu meio que perdi as mensagens e esqueci.

— Porra, Nicolas — Caio bufou.

— Era alguma coisa com *Ouro* no nome. Mas relaxa, eu vi o local no mapa antes de perder a mensagem. Meu cérebro vai lembrar o caminho, porra, confia no pai — Nick disse.

— Você não sabe nem a porra do endereço? Puta merda, Nick — Caio reclamou.

— Eu definitivamente não confio no *pai* — falei.

— Hoje é pra se divertir, parceiros. Vocês vão ver que vai dar tudo certo no final. Agora vamos lá, não quero perder nossa reserva. Foi difícil conseguir uma vaga, o lugar é bombado — disse.

Sem um pingo de certeza de que daria certo, saímos da pousada e seguimos o caminho indicado por Nick. As ruas de Costa dos Corais eram sempre tranquilas, mas durante a noite pareciam ainda mais. A brisa fresca, o som do mar… Parecia um lugar perfeito para relaxar. Eu estava tão distraído que nem percebi que já tínhamos andado um bocado. Após andarmos dois quarteirões, ele disse:

— Essa árvore aqui, eu lembro dela. Precisamos entrar nessa rua.

— Essa porra não vai dar certo — Caio sussurrou para mim.

— Nick, tem um milhão de árvores iguais a essa na ilha — argumentei.

— Confia em mim, porra. É essa daqui a certa, tenho certeza. O bar está nessa rua, só precisamos encontrar algum estabelecimento com a palavra *ouro* no nome.

Foi preciso só alguns passos rua adentro para que a gente avistasse um local com um letreiro chamativo escrito *Adeus de Ouro*.

— Eu disse que era aqui. Minha memória nunca falha — Nick se vangloriou.

— O nome é realmente perfeito para despedida de solteiro — brinquei.

— Vai ser uma noite épica, Ianzão.

Entramos no bar e paramos no balcão da recepcionista, que ficava em uma espécie de antessala. Dava para ouvir a música animada que vinha de dentro do bar.

— Olá, sejam bem-vindos. Vocês têm reserva? — ela perguntou.

— Sim, está no nome de Nicolas Avelar — respondi.

Ela digitou alguma coisa no computador e, em seguida, abriu um sorriso.

— Tudo certinho com sua reserva, senhor Avelar. A festa começou há um tempinho, podem entrar e divirtam-se! — disse.

— Como a festa já começou se a gente acabou de chegar? — questionei enquanto caminhávamos mais à frente.

O lugar era menor do que eu imaginava e estava estranhamente vazio. Algo parecia um pouco errado. Analisei com mais atenção, enquanto meus olhos se acostumavam com a penumbra do espaço. Em vez das mesas habituais e do balcão de bar, havia um palco no centro, com uma barra de pole dance e algumas pessoas em trajes brilhantes praticando movimentos elegantes.

— Mas que caralho... — ouvi Caio dizer.

— Eita porra, esse lugar é foda mesmo! — Nick disse com o olhar vidrado no palco. — Conseguiram uma dançarina igualzinha à Gabi... Como eles sabiam como é a minha noiva? Ih, olha aquela da esquerda, lembra muito a Lara, tem até uma tatuagem parecida.

— Nick... — Caio começou a falar, mas foi interrompido.

— Caralho, tem até uma grávida em homenagem a Cora. Será que eles pesquisam nossa vida quando damos nosso CPF para fazer a reserva? Porra, isso não é meio contra a lei? — Nick continuou.

— Não são garotas parecidas com elas, Nick, são as *nossas* garotas — falei, sem me dar conta de que tinha me referido a Lara como minha. Nicolas nem pareceu se tocar. Caio me lançou um olhar rápido, mas logo se voltou para a minha irmã.

— Ah, meu caralho... — Nick finalmente caiu em si.

As três estavam claramente se divertindo, rindo e tentando acompanhar os movimentos ensinados pela instrutora.

— Acho que nós invadimos a despedida de solteira delas — falei.

Gabi foi a primeira a perceber que estávamos ali, encarando nós três com o semblante confuso e as mãos na cintura.

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntou.

Ao ouvir o questionamento da noiva, as outras meninas viraram em nossa direção. Ignorei a discussão acontecendo e voltei minha atenção para a única garota ali que me interessava: Lara. Ela estava usando um short curtinho e a parte de cima de um biquíni. Com as tatuagens à mostra, Lara ficava ainda mais gostosa. Meu pau, pulsando dentro da calça, concordava com meu cérebro.

— Viemos para minha despedida de solteiro — Nick respondeu.

— Era *Parada de Ouro* o nome do lugar que você deveria ir, Nick — Gabi disse.

— Ah... Mas pelo menos tinha *ouro* no nome, essa parte eu não esqueci — o noivo respondeu, como se fosse o suficiente.

— Eu amo você mesmo quando você é lerdinho — Gabi disse, saindo do palco e indo em direção ao noivo, beijando-o.

— Já estamos todos aqui, então vamos curtir a despedida juntos. O que acham? — Cora sugeriu e todos concordaram.

— Obrigada pela aula incrível, Letícia. Se você morasse em Teresópolis eu ia ser sua aluna e ter aulas sempre. Você iria querer ser minha professora? Eu sou muito divertida.

— Alguém já está animadinha por causa do álcool — Nick brincou, passando a mão pela cintura da futura esposa.

— Com certeza, Gabi, você foi uma aluna incrível. Todas vocês foram. Parabéns pelo casamento e divirtam-se! — disse a professora antes de sair. Pelo olhar no seu rosto, não era sempre que uma despedida de solteira era invadida pelo próprio noivo.

— Uma festa só começa de verdade depois de um brinde. — Nick nem parecia mais se lembrar que nossa festa deveria acontecer em outro local. E

para ser sincero, nem eu e nem Caio nos importamos em estar com as nossas mulheres. Muito pelo contrário. — Vamos para o bar. Não vai ser tão bom quanto os meus drinks, mas…

Caminhamos até o bar em um dos cantos do espaço e, depois que cada um pegou uma taça, fizemos um brinde.

— Um brinde à vida dos noivinhos mais incríveis. Que vocês sejam felizes amanhã e em todos os dias que estão por vir — Cora disse enquanto batíamos nossos copos uns nos outros. A bebida dela, é claro, era um suco de groselha com laranja que tinha sido preparado depois que Caio ficou verificando cada etapa do processo com olhos minuciosos. A barriga da minha irmã estava cada vez maior e eu sabia que em pouco tempo teríamos Celina fazendo parte da família.

Ficamos ali no bar por um tempo, bebendo e conversando sobre qualquer assunto que surgisse em nossas cabeças. Lara sugeriu um jogo em que Nick precisava responder perguntas sobre Gabi e vice-versa. É claro que, em poucos segundos, Nicolas já tinha falado tanta merda que nós já estávamos com a barriga doendo de tanto rir.

— Meus pés de grávida estão doendo. Acho que vou fazer a massagem que está inclusa no nosso pacote — Cora disse. — O que você acha de vir comigo, amor? Podemos fazer uma massagem de casal.

— Prefiro massagear você de outra forma que também vai te deixar relaxada, esquentadinha — Caio respondeu com um olhar malicioso.

— Eca, parem de flertar na nossa frente! — Lara implicou.

— Como você acha que sua sobrinha foi fabricada, pirralha? — rebateu.

— Acho melhor vocês irem logo, por favor — Lara disse.

Cora e Caio saíram em direção a sala disponível para massagem e nenhum de nós seria louco o suficiente para ir junto com eles, já imaginando o que aconteceria por lá. Eu esperava que as paredes desse local fossem grossas o suficiente. Eu não queria relembrar as inúmeras vezes que já ouvi o que não gostaria quando morei na casa do tio Pedro e da tia Sara junto com Cora.

— E você, noivinha, quer fazer uma massagem também? — Nick perguntou à futura esposa.

Gabi colocou a mão em cima da boca.

— Acho que... — Soluço. — bebi um *pouquito* demais, *mi amor*.

— Não sabia que a Gabi virava poliglota depois que bebia — brinquei.

— Mas eu não bebi, eu estou super bem — a noiva se defendeu.

— Acho que está na hora da gente dar uma voltinha, linda — Nick disse, tirando o copo de tequila da sua mão e entregando a ela uma garrafa de água.

— Mas ainda nem comi o bolo — reclamou, fazendo um biquinho.

— Só vamos lá fora tomar um ar fresco e já já voltamos. Prometo.

Nick e Gabi saíram do espaço, me deixando sozinho com Lara pela primeira vez. Não perdi nem um segundo de tempo e logo a puxei para ainda mais perto de mim, envolvendo sua cintura com minhas mãos. Porra, era muito difícil manter as aparências com ela por perto. Não via a hora de poder beijar minha garota na frente de todo mundo.

— Eu estava louco pra te tocar, sabia? Você está gostosa pra caralho com essa roupa, amor — falei antes de dar um beijo no seu pescoço e subir lentamente até sua boca. Quando minha língua começou a explorar a dela, Lara retribuiu na mesma intensidade.

Quando paramos nosso beijo, na intenção de retomar o fôlego antes de continuar com a brincadeira, ela me observou em silêncio por alguns segundos. Dava para perceber as engrenagens do seu cérebro pensando se deveria ou não falar o que estava passando na cabecinha dela.

— O que foi, amor? — perguntei.

— É só que... — Ela mordeu os lábios por um segundo antes de completar. — Quer ver o que eu aprendi na aula de *pole dance*? — perguntou parecendo um tanto insegura.

— Porra, é o que eu mais quero — respondi sem titubear. Meu pau imediatamente pulsou dentro da calça e ficou mais duro do que o caralho do poste de metal.

Lara abriu um sorriso antes de me pegar pela mão e me guiar até o palquinho em que estava a barra.

— Senta aqui. — Apontou para um sofá que ficava bem em frente ao palco. — Mas lembre-se que não sou profissional, então não espere tanto.

— Vou te achar gostosa de qualquer jeito, Lara. — Notei quando suas bochechas ficaram um pouco mais rosadas. Era melhor que ela se acostumasse a ser chamada de gostosa por mim, porque eu iria lembrá-la disso todos os dias das nossas vidas.

Minha garota pegou o celular e trocou a música que tocava no ambiente. Reconheci os primeiros acordes de *Make Up Sex*, do SoMo,

preencherem o lugar. Puta que pariu, meu pau já parecia prestes a explodir dentro da calça e Lara nem tinha começado ainda.

Lara começou a andar, na ponta dos pés, ao redor da barra, segurando-a com uma mão e passando a outra de forma sensual pelo corpo. Eu só conseguia reparar o quanto sua bunda ficava ainda mais gostosa assim. Em seguida, ela segurou o poste com as duas mãos e cruzou as pernas ao redor dele, em uma espécie de giro. Jogou a cabeça para trás, parecendo se divertir com tudo aquilo. Ela girou por um tempo antes de aterrissar no chão, tocando só as pontas dos pés no piso de madeira. Lara me fitou com os olhos enquanto empinava a bunda e subia de uma maneira sexy e lenta.

Gostosa para caralho. E sabia exatamente como me deixar maluco.

Não tentei esconder o quanto o meu pau estava duro dentro da calça, marcado em cada centímetro por detrás do jeans. Percebi o minuto exato em que Lara olhou para a minha ereção e sua boca se entreabriu por alguns centímetros. Centímetros suficientes para que eu imaginasse como ficaria meu pau dentro dela.

Lara mordeu o lábio inferior em uma expressão que eu conhecia bem, tinha visto mais vezes do que poderia contar no rosto da Lara de dezesseis anos. Ela estava prestes a aprontar alguma coisa. Quando caminhou na minha direção, rebolando mais do que o necessário para me provocar, eu sabia que estava fodido.

— O que está passando pela sua cabeça, amor? — perguntei, deslizando minha própria mão para o meu pau, tentando ajustá-lo de uma maneira que parasse de doer com a pressão dentro da cueca.

Minha garota lambeu os próprios lábios, encarando minha virilha sem desviar. Porra, ela ia me matar. Quando Lara parou na minha frente, me encarando de cima, seu sorrisinho safado não deixava dúvidas de que ela tinha planos para mim. Quando a vi se abaixar entre as minhas pernas, precisei controlar cada porra de instinto meu para não gozar nas calças feito um adolescente.

— Isso você também aprendeu na aula de hoje? — questionei, me sentindo desesperado para que ela me tocasse.

Lara inclinou a cabeça para o lado e me ofereceu o pior dos sorrisos. O tipo de sorriso que tinha feito eu me apaixonar por ela.

— Não. — Sua mão tocou meu pau por cima da calça e fechei os olhos com força. Senti seus dedos caminhando até o botão e o abrindo. Lara

aproximou o rosto do meu, sua respiração tão próxima que me causava um arrepio. — Isso aprendi quando você me ensinou.

Ah, caralho.

Abri os olhos a tempo de ver sua mão descer o zíper do meu jeans e afastar a cueca para deixar meu pau saltar para fora. Estava tão duro que bateu no rosto de Lara e fez a garota soltar uma risada divertida. A filha da mãe gostosa gostava de me provocar.

— Gosta do meu pau batendo na sua cara? — Fazia muito tempo que eu não era desbocado e pervertido com alguma mulher. Desde Lara, para ser sincero.

— Prefiro na minha boca, *amor.* — Ela colocou a ponta da língua para fora e lambeu só a cabeça, deixando uma trilha lustrosa de saliva enquanto descia pelo meu comprimento.

Porra, eu não aguentaria muito.

— Então me coloca na boca e me chupa.

Minha garota abriu a boca em um formato circular perfeito e, mais devagar do que eu gostaria, colocou minha glande entre os seus lábios macios.

— Assim? — perguntou se afastando o suficiente só para que eu ouvisse sua provocação.

— Não — respondi, sentindo minha respiração começar a falhar. — Assim. — Enfiei meus dedos entre o seu cabelo longo e empurrei sua cabeça de encontro ao meu pau. Lara nem sequer titubeou antes de acompanhar o movimento, levando todo meu comprimento até a garganta. Bom, o máximo que era possível.

Senti meu pau ser aquecido pela sua língua e porra… Só não era a melhor sensação do mundo, porque sempre perderia para estar dentro de Lara. Continuei ditando o ritmo, forçando meus quadris para cima e inclinando a cabeça dela para baixo. Ela segurou nas minhas pernas, arranhando minha coxa com a ponta das unhas e levando uma das mãos até minhas bolas, acariciando enquanto me sugava com força.

— Caralho, Lara — xinguei.

Larguei sua cabeça, deixando que ela continuasse a me chupar e desci minha mão para o seu peito, afastando a cortininha do biquíni para poder alisar seu mamilo. O bico duro parecia um convite para ser chupado, mas eu não seria maluco de tirar meu pau da boca dela bem agora.

O som do gemido que escapou da sua boca ao redor da ereção, vibrou por toda extensão, me fazendo morder com força minha própria boca e pensar em qualquer coisa maluca para evitar de gozar. Eu sabia que, por mais que o local onde estávamos fosse relativamente privativo, a qualquer momento alguém poderia aparecer, ou os funcionários do lugar ou, pior ainda, Nicolas e Caio. Não acho que ficariam muito satisfeitos em saber que eu estava com meu cacete enterrado na garganta da sua irmãzinha mais nova.

Mas mesmo correndo todos esses riscos, não queria que o momento acabasse. Isso vinha se tornando rotineiro quando se tratava de Lara. Eu sempre queria que tudo durasse. Para sempre, se eu pudesse escolher.

Quando ela abriu os olhos castanhos e os ergueu para cima, como se deixasse claro o quanto estava gostando de chupar o meu pau, sabia que perderia o controle. Lara esfregou os lábios na minha glande, como se usasse como um batom na boca e colocou a língua para fora, batendo meu caralho nela até que um líquido pré-gozo atingisse suas papilas.

— Ainda lembra do meu gosto, amor? — provoquei quando senti minhas bolas pesarem. Ela ameaçou sorrir, ainda com meu pau dentro da boca e, em resposta, o levou mais fundo ainda na garganta. — Vai engolir tudo, não vai?

Lara nem se deu ao trabalho de me responder, muito pelo contrário. Só arrastou os dentes pelo meu comprimento disparando ainda mais adrenalina pelo meu corpo e me fazendo empurrar meu pau na boca dela mais uma vez. Quando sua mão veio para a minha base e ela massageou enquanto sugava a cabeça, senti meu pau pulsar, a corrente sanguínea se acumular e o orgasmo me atingir em cheio. Gemi o nome dela e segurei seu cabelo, sentindo os jatos quentes de porra inundarem sua boca ainda com o meu pau dentro dela.

Lara continuou me olhando, sem nem desviar e esperou até que meu corpo parasse de se mover para arrastar a língua e lamber todo resquício de sêmen que ainda permanecia na minha pele.

— Gostosa pra caralho — repeti.

— Acho que ainda sei uma coisa ou outra sobre você, Ian Diniz — provocou, lambendo a boca.

Eu não conseguia parar de observá-la. Seu rosto angelical misturado com o semblante safado, o corpo que parecia esculpido para me causar

tesão, as tatuagens que pintavam sua pele e pareciam uma obra de arte. *Porra.* Eu amava essa garota.

— Você ainda sabe tudo sobre mim, Lara Avelar.



Capítulo 37.

LARA AVELAR

O dia em Costa dos Corais amanheceu ensolarado. Estava fresco o suficiente para que a gente não derretesse de calor durante o casamento, mas com um lindo céu azul. Era o dia perfeito, da forma como meu irmão e minha cunhada mereciam. Os dois se casariam na praia ao entardecer. Mas, até que a hora do *sim* chegasse, ainda tinha muito a ser feito.

Acordei cedo e fui direto até o local onde aconteceria o casamento para deixar os arranjos que seriam usados na organização com a decoradora. Depois, me encontraria com Cora e Gabi no espaço onde faríamos o Dia de Noiva e Madrinhas. Mas, antes de encontrar com elas, precisava passar em um lugar.

— Oi, tia Lara! — Ali abriu a porta do chalé sorridente.

— Já está com tudo pronto para irmos? — perguntei. Alice seria daminha do casamento e nós a tínhamos convidado para se arrumar com a gente.

— Está tudo aqui! — Ela virou-se e apontou para a mochila com estampa de princesas da Disney presa em suas costas.

— O vestido dela está aqui. — Ian me entregou um daqueles porta-vestidos usados em viagem. — Ela não para de falar sobre isso desde a hora que acordou. Eu só queria dormir até um pouco mais tarde, mas foi impossível. Ela pulou na cama mais do que um milho de pipoca na panela quente — brincou.

— A noite de ontem foi boa? — provoquei baixinho para Alice não ouvir. Ela estava distraída calçando a sandália para sairmos.

— Foi uma das melhores da minha vida — respondeu me olhando tão intensamente, me fazendo sentir aquele frio gostoso no estômago. — E tenho certeza que outras tão boas quanto, ou até melhores, virão.

Era gostoso estar apaixonada por Ian de novo. Ainda que o medo teimasse em surgir às vezes, sentia que a cada dia ele aparecia com menos

intensidade. O tempo, realmente, cura todas as feridas. Às vezes só precisamos estar abertos para isso e termos paciência.

— Estou pronta, tia Lara — Ali avisou. — Tchau, papai.

— Nos vemos mais tarde, Ian — me despedi.

Alice e eu fomos de mãos dadas até o lugar em que Gabi e Cora já nos esperavam.

— Como está o coração, noivinha? — perguntei assim que chegamos.

— Prestes a pular pela minha boca — brincou. — E se tudo der errado? E se chover? E se não vier ninguém? E se o meu vestido não couber em mim? Ou pior... E se eu derramar algo nele antes da cerimônia e arruinar tudo?

— Gabi, você precisa respirar fundo — Cora disse, segurando a amiga pela mão. — Respira fundo e solta o ar pela boca bem devagar.

— Nada vai dar errado, Gabi, mas, se der, estaremos aqui para consertar tudo para você. Hoje você precisa focar em relaxar e ficar bonita, deixe o resto com a gente.

Ali levantou de onde estava e abraçou as pernas de Gabi.

— O papai sempre me abraça quando estou pensando coisas ruins e aí eu fico me sentindo bem de novo — explicou.

— Obrigada, Ali. Já me sinto bem melhor agora — respondeu, se agachando para beijar o topo da cabecinha dela.

Gabi conseguiu se acalmar e não demorou muito para que a equipe de fotógrafos, maquiadores e cabeleireiros chegassem para começar a preparação. O fotógrafo registrava cada momento da nossa tarde, capturando imagens da gente se arrumando, conversando e até comendo hambúrguer com batata frita que pedimos para o lanche. A tarde foi tão divertida que todos os pensamentos ansiosos que antes rondavam a cabeça de Gabi pareciam ter sumido.

A primeira a ficar pronta foi a noiva, é claro. Gabi saiu com os fotógrafos para fazer algumas fotos na área externa do espaço enquanto Cora, Alice e eu terminávamos de nos arrumar.

— Quero fazer uma trança igual da mamãe no meu cabelo — Ali pediu para a cabeleireira.

— Mamãe? — Cora me questionou com as sobrancelhas erguidas e expressão curiosa.

— Às vezes ela me chama assim — contei.

— Acho que o título combina com você — ela disse.

— Eu também — confessei e Cora abriu um sorriso.

Terminamos de nos arrumar um tempo antes da cerimônia começar e fomos direto para a praia onde aconteceria o casamento.

— Gostou do meu vestido, papai? — Ali perguntou assim que encontramos Ian no *lounge* onde os padrinhos, madrinhas e os pais dos noivos aguardariam a cerimônia.

— Você está linda, igual a uma princesa — disse para filha com os olhos brilhando de orgulho.

Quando seu olhar saiu de Alice e passou para mim, o brilho dele também pareceu mudar. O orgulho continuava ali, mas era notável o desejo que tinha se instalado enquanto me analisava de cima a baixo com admiração. Eu ainda achava loucura causar tamanho efeito em Ian Diniz.

— Você está linda também, Lara. Maravilhosa como sempre — elogiou.

— Nossos cabelos estão iguais, papai, você viu? — Ali quis saber.

— É, eu vi. Vocês duas estão lindas.

— Você também está muito bonito, Ian — devolvi o elogio.

Assim como os outros padrinhos, Ian usava uma calça social cinza, blusa social branca e suspensórios da cor da calça.

— Já que estamos todos lindos, que tal tirarmos uma foto? — Ian propôs. Ele tirou o celular do bolso e ativou a câmera. — Você tira a foto — me pediu.

Ele pegou Ali no colo e a posicionou entre nós dois. Me aproximei ainda mais deles, até que nossos rostos estivessem colados, e, assim que os nossos rostos apareceram na tela do celular, capturei a imagem.

— Acho que tenho meu novo papel de parede favorito — Ian disse analisando a foto.

Quanto mais os dias se passavam, mais eu queria Ian e Ali na minha vida. Nos dias bons ou ruins, nos chatos, nos divertidos e até mesmo nos tediosos. Sentia como se minha vida fosse mais completa quando estava junto deles.

— Onde está o noivo? — perguntou Raiane, a cerimonialista.

— Estou aqui — Nick disse. Ele parecia nervoso, sem conseguir parar de balançar as mãos. — Ela não desistiu de casar, né?

— Não se preocupe, Nick, ela não desistiu — Raiane respondeu com um sorrisinho.

— Ufa, ainda bem. Porra, estou nervoso pra caralho — disse.

— É normal, filhão. Também me senti assim quando casei com sua mãe — papai disse.

— Tudo bem, pessoal. Todos estão aqui, certo? — Ela disse olhando ao redor e fazendo uma contagem mental. — Bom, a cerimônia irá começar. Nick, você será o primeiro a entrar, assim que os músicos começarem a tocar.

— Preparado? — mamãe perguntou ao entrelaçar o braço ao do meu irmão.

— Nasci preparado pra isso — disse com firmeza.

Os músicos começaram a tocar e a cerimonialista abriu a porta que ligava o *lounge* a um caminho de madeira que levaria meu irmão até o altar. Depois da entrada dele com a mamãe, foi a vez do papai e da tia Bê.

— Pelo menos uma vez na vida você irá caminhar ao lado de homem gostoso de verdade — meu pai disse para tia Betina, que revirou os olhos.

— Não sei como a Oli aguenta você e o seu ego.

— Faz parte do meu charme — papai respondeu.

— Podem ir — autorizou a cerimonialista.

Em seguida, começou a entrada dos padrinhos: Cora e Caio, tia Mel e o tio Henri, tia Sara e o tio Pedro, Carla e Maurício, amigos do trabalho da Gabi e Fernando, gerente do BarVelar e amigo de Nick, com a namorada, Leandra.

— Vocês são os próximos — disse para Ian e eu.

— Pequena, quando for sua vez de entrar a Raiane vai te avisar, tá bem? — disse a filha.

— Tá bem, papai.

Ian entrelaçou o braço com o meu.

— Ninguém te disse que é errado ficar mais bonita do que a noiva no dia do casamento? — sussurrou no meu ouvido, fazendo as conhecidas borboletas baterem asas no meu estômago.

— Você nem viu a noiva ainda, seu bobo — brinquei.

— Mas vi você e tenho certeza que não tem mulher mais linda do que você nessa ilha, amor — disse.

— Podem ir, pessoal — anunciou Raiane.

Começamos a caminhar até o altar e admirei o entardecer que pintava o céu em tons dourados, laranja e rosa, enquanto o barulho do mar completava a trilha sonora perfeita para o casamento. Cadeiras brancas de madeira, dispostas em fileiras ordenadas, estavam decoradas com fitas de

cetim e arranjos de flores feitos por mim. Um arco adornado com folhas verdes, flores brancas e amarelas, marcava o altar improvisado, onde Nick estava com um sorriso no rosto esperando pela futura esposa. Ian e eu ocupamos nossa posição no altar, um ao lado do outro.

A banda começou a tocar a marcha nupcial e todos os convidados ficaram de pé. Demorou uns dez segundos até que a porta de madeira rústica se abrisse e Gabi, deslumbrante em seu vestido, entrasse em nosso campo de visão. Seu olhar estava fixo no cara esperto que a esperava no altar, com um sorriso de orelha a orelha. De braços dados com o tio Gui, Gabi caminhou em direção ao noivo.

— Cuida da minha tigrinha, Nick — tio Gui disse ao entregar a filha ao meu irmão.

— Vou cuidar pra sempre dela, sogrão — prometeu.

Tio Gui secou as lágrimas que escorriam pelo seu rosto enquanto caminhava para o seu lugar ao lado da tia Bê, igualmente emocionada. Nicolas beijou o topo da cabeça de Gabi e os dois assumiram o lugar de destaque no altar.

— Sejam todos muito bem-vindos para o casamento de Nicolas e Gabriela. — O juiz de paz, um senhor de cabelos grisalhos e sorriso gentil, disse. — Estamos aqui reunidos hoje para celebrar a união de um casal cuja história de amor é tão mágica quanto o cenário que nos cerca. Aliás, se não fosse por uma viagem à Costa dos Corais, Gabi e Nick, como gostam de ser chamados, jamais teriam visto o que estava o tempo todo na frente deles: o amor que sentiam um pelo outro.

O juiz de paz continuou seu discurso, contando um pouco da história do casal e emocionando a todos ali, especialmente o tio Gui, que não parava de chorar. Gabi e Nick trocavam olhares cheios de amor, alegria e cumplicidade durante a cerimônia.

— E foi assim que decidiram que não havia lugar melhor para celebrar essa união do que este paraíso onde tudo começou — ele finalizou.

O juiz sinalizou com a cabeça para os instrumentistas, que começaram a tocar uma nova música para a entrada das alianças. Ali estava linda fazendo o percurso até o altar, com um vestido parecido com o de Gabi e tranças iguais às minhas. A daminha entregou a caixinha com as alianças na mão de Nick e correu para se sentar no colo do pai.

— Agora é o momento de selar esse compromisso com as alianças. Elas representam o amor eterno, a confiança e a promessa de estarem juntos em

todos os momentos.

Nick pegou a primeira aliança e a segurou com cuidado em uma das mãos, enquanto a outra segurava a mão de Gabi.

— Gabizinha, você sabe que sempre gostei de doses: dose de tequila, dose de uísque, dose de rum... — Os convidados soltaram uma risada. — Mas a minha dose preferida, sem dúvidas, foi a dose de mentira que transformou o nosso amor em realidade. Prometo te amar tanto quanto amei fingir que estávamos namorando naquela viagem... A diferença é que agora não estamos mais fingindo, e eu sou a pessoa mais feliz do mundo por isso. Amo você, linda.

Nicolas deslizou o anel pelo dedo da, agora, esposa. Assim que terminou, foi a vez de Gabi pegar a outra aliança.

— Nick, sempre admirei o cara esperto que você é. E, acho que por isso, demorei a perceber que não era só admiração e, sim, amor. Eu amo você. Você é a melodia que procurei durante boa parte da minha vida. Prometo te amar como amo nossa *playlist* favorita e sempre garantir que tenhamos a trilha sonora perfeita para cada momento da nossa vida. Prometo dançar com você sob a luz da geladeira na cozinha, cantar nossas músicas favoritas bem alto no carro e sempre ser a sua melhor amiga. Prometo compor com você a sinfonia das nossas vidas, mesmo que às vezes toquemos notas erradas. Eu te amo, Nick.

Minha amiga, e agora oficialmente cunhada, deslizou a aliança pelo dedo anelar do meu irmão.

— Nicolas e Gabriela, vocês nos mostraram que o amor pode florescer em qualquer lugar, mas que alguns lugares, como essa ilha, têm o poder de torná-lo ainda mais especial. Hoje, vocês estão se unindo oficialmente, rodeados pelas mesmas águas e sob o mesmo céu que testemunharam o início da sua jornada juntos. Que esse momento seja apenas o início de mais uma linda parte da história de vocês. Que a mesma felicidade e amor que os uniu aqui continuem a guiá-los em todas as suas aventuras futuras. E agora, com a bênção de todos os presentes, tenho a honra de declarar vocês, marido e mulher. Podem se beijar.

Os dois se viraram um para o outro, seus olhos brilhando de felicidade, e selaram a união com um beijo. Os convidados gritaram e aplaudiram tão alto que o barulho das ondas do mar ficou em segundo plano.

Eu estava radiante ao ver meu irmão e Gabi encontrando seu felizes para sempre. Uma lágrima de emoção escorreu pelo rosto e senti meu peito

queimar com o desejo de encontrar o meu próprio final feliz e viver esse momento. Quando senti o aperto de Ian em meu braço, em um gesto de carinho, a tranquilidade me atingiu. Eu estava no caminho certo, escrevendo, ou, nesse caso, reescrevendo, uma linda história para mim.



LARA AVELAR

Desde que voltamos da Costa dos Corais, Ian e eu passamos a agir cada vez mais como um casal. Ainda assim, tanto eu quanto ele ainda não tínhamos decidido dar um nome para o nosso relacionamento. Eu não precisava perguntar se éramos exclusivos ou coisa assim porque eu sabia que sim. Conhecia Ian. Mais do que isso, conhecia esse *novo* Ian.

Eu sabia que nomear o que quer que esteja rolando entre nós não seria tão simples quanto para outros casais. Não só tínhamos uma história pregressa como ainda tinha Alice na equação. Eu não sabia como Ian pretendia explicar a ela sobre nós, que papel gostaria que eu ocupasse na vida dela. No fundo, eu sabia qual gostaria de ocupar. Mas não era uma decisão que pertencia a mim.

Ontem, quando saí da Pétala & Flor e os dois me viram atravessando a rua, Ali correu na minha direção e me convidou para jantar. Na verdade, suas palavras exatas estavam mais para *"papai fez a melhor batata de sorriso do mundo inteirinho"*. E cada parte de mim quis aceitar aquele convite. Por Ian. Por Ali. Pelas melhores batatas de sorriso do mundo inteirinho.

Ian fez a pequena ir para a cama no horário combinado, mesmo que ela tenha tentado convencê-lo de que em dia de visita poderia dormir mais tarde. Alice seria uma adolescente bastante persuasiva quando crescesse. Acabamos por encontrar um meio termo e ela aceitou dormir na hora estabelecida desde que eu a colocasse na cama.

— Boa noite, mamãe — a voz sonolenta de Ali soou. Não era a primeira vez que ela me chamava assim e eu sabia que não seria a última. Poderia fingir que não, mas cada vez que a ouvia deixar escapar de forma automática que me via como mãe, sentia meu coração ficar um pedacinho mais completo.

— Sonhe com os anjinhos, Ali — desejei, puxando a coberta até o seu queixo.

Esperei que ela fechasse os olhos antes de me levantar, sabendo que Ian estaria no batente nos observando daquele jeito afetivo que sempre me causava arrepios.

— Ela sempre dorme melhor quando você está aqui — sussurrou quando me aproximei.

— Eu gosto de estar com ela — falei. Ele inclinou a cabeça, sabendo o efeito que causava em mim e deixou seu lábio roçar propositalmente na minha orelha. Cada pelo do meu corpo se arrepiou.

— Também gosta de estar comigo, amor? — Ian envolveu minha cintura me puxando para junto de si. Arregalei os olhos, virando o rosto por cima do ombro para observar Ali, mas ela continuava de olhos fechados e aparentemente em um sono tranquilo.

— Ian, nós estamos no quarto da Ali! — repreendi.

Ele revirou os olhos, mas tinha um sorriso no rosto.

— Foi você quem pediu — pontuou, me deixando totalmente confusa.

— O quê? Do que você… — Mas antes que eu pudesse questionar o que raios estava acontecendo, ele ergueu meu corpo do chão, passando uma mão pelas minhas costas e a outra por baixo dos meus joelhos. Precisei controlar o ímpeto de soltar um grito e coloquei a mão sobre a boca.

Ian tinha um sorriso satisfeito de orelha a orelha no rosto, parecendo se divertir com a minha reação e não dar a mínima para os leves soquinhos que desferia contra seu tórax. Reconheci o caminho que eu já tinha feito outras vezes e o vi me levar até o seu quarto. O idiota me colocou no chão e fechou a porta de madeira com o trinco.

— Você ficou maluco? — protestei, mesmo sem de fato estar chateada. Ele, é claro, nem ligou, só me puxou mais uma vez pela cintura e roçou os lábios nos meus.

— Você reclamou que estávamos no quarto da Ali, então te trouxe pro meu — disse como se fosse óbvio.

Eu sabia que se nós dois começássemos algo, eu não sairia mais daqui. Coloquei as mãos no seu peito, tentando me afastar, mas ele não permitiu.

— Eu não posso ficar, Ian.

— Por que não?

— Porque Ali está no final do corredor. O que ela vai pensar se me encontrar aqui?

— Que o pai dela está completamente apaixonado por você? — Meu coração disparou dentro do peito. Ian era sempre direto. Ele nem titubeava

antes de confessar algo para mim ou dizer como estava se sentindo.

— Eu estou falando sério… — Não sei de onde eu continuava tirando tanta racionalidade enquanto tinha o homem por quem eu estava louca com o tanquinho exposto tentando me convencer a passar a noite com ele.

— E eu também. Sou maluco por você, Lara. — Suas mãos vieram para o meu rosto, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Fica essa noite comigo.

Cogitei dizer que não, mas… No dia seguinte, seria o meu aniversário de 22 anos. Talvez, só por hoje, eu pudesse me permitir deixar a razão de lado e me dar um presente: estar com Ian durante essa noite.

Respirei fundo, subindo minha mão até o seu pescoço e entrando por dentro dos pequenos cachos do seu cabelo.

— Tudo bem, eu fico. — Sem que eu pudesse esperar, Ian me girou contra a parede, prendendo o meu corpo com o dele. Sua mão apertou minha cintura e a outra subiu para o meu pescoço.

— Você é boa gemendo baixinho, amor? — Abri a boca para responder, já sentindo a droga da minha boceta pulsar. Ele parecia sempre dizer as coisas certas, como isso era possível? — Ali está dormindo no final do corredor e não queremos que os gemidos da *mamãe* acordem a ela.

Ah, porra.

Eu me lembrava muito bem das coisas que o Ian de dezenove anos costumava me dizer. Ele adorava falar besteiras no meu ouvido quando ninguém estava prestando atenção, só para me observar depois enquanto pressionava as coxas uma contra a outra na intenção de afastar o tesão. Nunca funcionava.

E agora, o Ian de vinte e cinco parecia ter evoluído ainda mais nesse quesito. Ele era sexy, determinado e cada palavra que deixava sua boca tinha sempre um objetivo. Nesse caso, me fazer derreter.

Fechei os olhos, sentindo seus dedos acariciarem meu pescoço e subirem para a minha mandíbula. Ele brincou com o meu lábio inferior, passando o indicador por entre eles e eu abri a boca, envolvendo seu dedo com a língua e sugando para dentro da minha boca. Dessa vez, foi ele quem não conseguiu evitar gemer.

— Acha que vai conseguir me comer em silêncio, *papai?* — provoquei de volta.

Ian praticamente rosnou em resposta, descendo a mão da minha cintura para a minha bunda e me puxando no colo contra a parede. Eu podia ler

cada microexpressão do seu rosto, cada milímetro que suas pupilas dilatavam.

Quando sua boca avançou na minha e a língua forçou a entrada para se encontrar com a minha, eu já estava mais molhada do que as cachoeiras do Parque Nacional. Ian sabia o efeito que causava em mim e gostava de se aproveitar disso. Senti o vestido que eu usava se enroscar ao redor das minhas pernas e ele cedeu meu corpo para que eu ficasse perfeitamente encaixada sobre a sua calça de flanela.

A ereção roçando na minha calcinha era tentação demais para uma garota como eu. Gemi contra os seus lábios, prendendo o inferior com os dentes e arrastando até se desprender. A mão áspera de Ian apertou minha bunda com força, deslizando até tocar o triângulo da calcinha fio dental e percorrer seu contorno. Ele sempre gostou de fazer isso.

— Já que amanhã é seu aniversário, amor… — insinuou, levando a boca para a minha orelha e mordendo de leve. — Vou antecipar seu presente.

Ele me virou, ainda com meu corpo acoplado ao seu redor, e me carregou até a cama. Se debruçou sobre mim, beijando meu pescoço e descendo até o vão entre os meus peitos. Suas mãos suspenderam o meu vestido e me apoiei nos cotovelos para ajudá-lo a retirar a peça. Ele permaneceu em silêncio por alguns segundos, só me admirando enquanto eu jazia só de calcinha sobre a sua cama.

— Você é perfeita — declarou, fazendo meu coração acelerar.

Eu sabia e reconhecia o desejo que ele sentia por mim, mas me fazia ainda mais realizada perceber que não era só pelo meu corpo ou apesar do meu corpo. Era por tudo. Ian me desejava porque me achava gostosa, porque me achava divertida, porque amava minha personalidade. Ele me via por inteiro.

— Tenho uma coisa pra você.

Por um segundo, achei que tiraria as calças, mas Ian estava falando sério. Caminhou até a mesa de cabeceira e abriu a primeira gaveta, puxando uma caixa quadrada de veludo. Ele trouxe até mim e se abaixou na minha frente, depositando o presente na minha mão.

— Ian, o que é… — questionei, mas ele me interrompeu.

— Abre e você vai descobrir. — Sorriu. Suas mãos continuavam acariciando minha coxa, me deixando meio alheia ao que estava acontecendo.

Puxei a parte de cima da caixa, revelando do lado de dentro um colar delicado em uma corrente dourada fina cujos únicos detalhes eram dois pingentes que fizeram meu coração disparar: uma melancia e uma orquídea. Nossas duas tatuagens. As duas que fizemos um para o outro enquanto ainda estávamos separados. A tatuagem que fiz pensando em Ian mesmo jurando para mim mesma que o odiava.

Alguma parte subterrânea do meu coração continuou acreditando em nós dois mesmo depois de tudo. E essa parte tinha renascido com tanta força que agora dominava todo o meu peito.

— Feliz aniversário, amor. Sei que ainda não é oficialmente seu dia, mas pra mim, todos os dias sempre são seus, Lara.

Eu estava com os peitos de fora, uma calcinha fio dental e olhos marejados. Como vim parar nessa situação? E o pior de tudo, eu estava feliz.

— Ian, você não existe — confessei, ainda sem conseguir desviar os olhos do presente. Ele se debruçou sobre mim, apoiando um braço de cada lado do meu corpo e me prendendo no colchão.

— Não só existo, como pretendo te chupar usando nada além desse colar. — *Ah.*

Meu interior reverberou em antecipação e Ian tomou a caixa das minhas mãos, pegando a corrente e abrindo o fecho.

— Segura o cabelo pra mim, amor. — Nem hesitei para obedecer. O frio da corrente tocou minha pele e arfei, prendendo o ar.

Ele se afastou, demorando o tempo que julgou suficiente para me observar. Naquele momento, nem pensei nas dobras da minha barriga por cima da calcinha ou nas marcas de celulite na minha perna. Tudo que eu conseguia era me sentir desejada por ele.

Ian se debruçou sobre mim, nossos narizes se encostando enquanto sua boca resvalava na minha. Ele sugou meu lábio inferior, a língua percorrendo cada canto da minha boca. Sua barba por fazer desceu arranhando meu pescoço, seguindo até o meu peito enquanto ele me fazia deitar.

Meu cabelo se esparramou pelo colchão no momento exato em que sua boca cobriu meu mamilo. Arqueei a coluna em um reflexo involuntário, sentindo seus lábios me sugarem e suas mãos apertarem minha cintura. Gemi sem conseguir me controlar, lembrando no último segundo que precisava ser silenciosa.

— Shh… — o idiota me provocou, se afastando do meu peito só para sorrir. — Se você não ficar quietinha, vou precisar cobrir sua boca, amor.

Tentei protestar, mas ele não me deu chance. Voltou a sugar meu peito e mordiscar meu mamilo, deixando a mão deslizar para dentro da minha calcinha. Os dedos de Ian tocaram meu clitóris inchado, ficando rapidamente inundados pela minha lubrificação. Ele deixou que escorressem entre os lábios, provocando minha abertura só com a ponta dos dedos e voltando para o clitóris.

— Ian… — gemi de novo. Eu não conseguiria controlar se ele continuasse agindo desse jeito.

Sua mão livre, veio até a minha boca, cobrindo delicadamente enquanto continuava a chupar meu peito e circular meu clitóris. O estímulo de prazer vinha de tantas direções que sentia meu corpo sendo consumido por ele. A mão cobrindo minha boca, os lábios no meu peito, os dedos na minha boceta… Era *demais.*

Senti quando meus pés começaram a formigar de um jeito diferente e abri ainda mais as pernas, em um convite para que continuasse a me tocar. Ian entendeu e deixou que três dedos me invadissem, com as pontas inclinadas para tocar num local dentro de mim que era capaz de me fazer gozar em dois segundos.

Ian colocou a língua para fora, indo até o meu outro mamilo e mordendo com força o suficiente para me fazer soltar um gritinho. Não era de dor, mas uma mistura engraçada de tesão e susto. Rebolei os quadris contra seus dedos, sentindo uma necessidade estranha de intensificar a pressão que eu sentia e aumentar a velocidade. Parecia que o orgasmo estava se aproximando, mas a sensação era diferente.

Ian continuou me provocando por dentro, com os três dedos roçando em uma parte que me causava uma pressão desesperada no baixo ventre. Eu sabia que estava perto de gozar, mas de repente, foi como se uma breve vontade de fazer xixi me atingisse. Em um ímpeto, apertei minha boceta, numa tentativa de controlar a vontade, mas o movimento não foi a melhor escolha, já que só apertei os dedos de Ian dentro de mim com mais força.

E então, senti todo o meu corpo vibrar e se contorcer conforme uma espécie de orgasmo superpotente me consumia. Senti meu gozo escorrer e só depois de dois segundos percebi que estava jorrando. *Literalmente.* Abri os olhos assustada, ainda sentindo a pressão no meu interior e vi Ian observando meu orgasmo com as pupilas dilatadas. Seu braço estava

coberto por mim, o lençol da cama estava molhado e eu… Porra, eu tinha acabado de ter um *squirt.*

— Ian, eu… Isso nunca aconteceu antes — justifiquei, me sentindo insegura por um breve momento. Tão rápido quanto veio, ele desapareceu assim que vi a forma como tirou os dedos de dentro de mim e levou até a própria boca.

— É claro que não — afirmou. — Só eu sei te fazer gozar desse jeito, Lara.

Ian nem sequer ligou para o caos que eu tinha causado na sua cama. Em segundos, tirou a própria calça e ficou completamente nu sobre mim, firmando as mãos nas laterais da minha calcinha e a puxando para baixo. Quando seu corpo tocou o meu, vindo por cima, fui invadida por *flashbacks* da nossa primeira vez. Só que dessa vez, Ian estava mais forte, mais áspero, mais *homem.*

Seus braços vieram para os lados da minha cabeça e eu abri as pernas para que ele se encaixasse entre elas. Seu pau duro deixou um rastro de umidade pela minha barriga e ele nem precisou usar as mãos para se encaixar na minha boceta. Era totalmente impossível que eu ficasse mais molhada do que já estava, então bastou um leve inclinar com o corpo para que seu pau entrasse pela metade em mim.

Fechei os olhos, sentindo minhas paredes internas contraírem com a sensação de alargamento. Ian gemeu algo indiscernível e continuou se enterrando em mim, levando seu pau até a base.

— Será que um dia vou me acostumar com isso? — deixou escapar.

— Com o quê?

Ele puxou quase tudo para fora e voltou a socar dentro de mim de uma vez só.

— Ter você.

Gemi, mais uma vez mais alto do que a cautela pedia.

— Espero que sim — devolvi. — Você tem cinco anos de atraso pra me compensar.

— Que tal começar agora, então?

É claro que ele nem me permitiu responder. Saiu de dentro de mim e me girou na cama, prendendo meu corpo totalmente deitado contra o colchão e puxando só os meus quadris para cima. Senti quando Ian segurou o pau e colocou na minha entrada, empurrando devagar só para me infernizar. Sua

mão veio até o meu cabelo, caído no meio das minhas costas e ele puxou de leve, empurrando o pau com força dentro de mim.

Ian nunca tinha me comido de quatro, mas eu tinha acabado de descobrir uma nova posição favorita. Sua mão apertou a minha bunda e ele segurou cada uma das minhas nádegas, abrindo-as para conseguir observar com mais qualidade cada movimento do seu pau entrando e saindo de mim.

— Puta que me pariu, Lara — xingou, mordendo a própria boca.

Deslizei minha mão para a minha boceta, estimulando meu clitóris enquanto o sentia socar dentro de mim. Eu ainda estava extremamente sensível pelo orgasmo e *squirt* de minutos atrás e, em pouco tempo, voltei a sentir a familiar sensação de pressão no ventre.

Virei o rosto para o lado, observando Ian por cima do ombro e o vendo prestes a gozar bem no mesmo instante. Seus dedos apertaram minha bunda com força, deixando a marca vermelha deles enquanto Ian arremeteu contra mim uma última vez. Foi o suficiente para que eu mordesse a fronha do travesseiro na intenção de abafar meu gemido enquanto gozava e o sentia fazer o mesmo no meu interior.

Demorou vários minutos até que nós dois conseguíssemos nos desgrudar e voltar a respirar normalmente. Ian tirou o pau de dentro de mim, observando sua ejaculação escorrer pelas minhas pernas com um semblante orgulhoso.

— Acho que vou precisar lavar essa roupa de cama com uma certa urgência — brincou. — Parece que nós dois podemos ser bem bagunceiros quando queremos.

Soltei uma risadinha, jogando meu corpo de barriga para cima na cama ao lado do dele.

— Da próxima vez, precisamos tomar mais cuidado.

— Por quê?

— Nós não fomos nada silenciosos, Ian! — repreendi, dando um tapinha no seu braço.

— Eu sempre posso te amordaçar… — Revirei os olhos em resposta. — Se quiser tomar um banho, eu já te encontro. Vou deixar a cama preparada pra gente.

Aceitei sua sugestão, levantando da cama e andando até a suíte no canto do quarto. Ian não demorou muito para se juntar a mim. Demorou menos ainda para que nós dois voltássemos para cama, completamente exaustos e, ainda nus, dormíssemos com as pernas e braços entrelaçados.



A primeira coisa que senti foi um cheiro familiar que sempre tinha sido responsável por fazer meu coração disparar. A segunda, foi o peso de um braço forte bem em cima do meu peito. Abri os olhos devagar, virando meu corpo para encontrar o dono daquele perfume e das batidas descompassadas do meu coração.

Ian já estava acordado, me encarando com olhos sonolentos e um sorriso feliz.

— Bom dia, aniversariante.

Curvei meus lábios para cima, aninhando minha cabeça no seu pescoço.

— Bom dia. Achei que você ainda estaria dormindo.

— Acordei com meu celular vibrando embaixo do travesseiro. — Ele ergueu meu queixo e grudou a boca na minha, deixando um gemido de aprovação escapar. — Você está ainda mais deliciosa com vinte e dois anos.

Soltei uma risadinha, acariciando sua tatuagem de melancia com a ponta dos dedos.

— O que acha da gente tomar um banho juntos? — Ian sugeriu.

— Gosto do seu cheiro em mim — respondi em tom de brincadeira, embora no fundo fosse verdade.

— E eu queria que você saísse assim na rua para que todos soubessem que você é minha — respondeu. Ian se inclinou em minha direção e deu um beijo na minha boca. — Mas, infelizmente, acho que você não vai querer aparecer assim no seu café da manhã surpresa.

— Café da manhã surpresa? — perguntei, me ajeitando na cama.

— Era para ser surpresa, como diz o nome, mas você não está com a cara de quem quer sair dessa cama, então...

— Não quero mesmo — confessei.

Minha vontade era passar o dia inteiro nesse quarto, colada com Ian. Queria que o sabor dele fosse meu café da manhã, almoço e janta. Queria recuperar todas as doses de tempo que perdemos ficando longe um do outro por tantos anos. Ian era meu melhor presente de aniversário, presente que dinheiro nenhum poderia comprar.

— Seus pais organizaram um café da manhã surpresa de aniversário para você, na sua casa. Foi ideia do Léo, na verdade. E aí, quando sua mãe acordou e viu que você não estava lá...

— Ela te mandou mensagem — concluí. — Mamãe é esperta.

— Prometi a ela que guardaria esse segredo de você, mas... — Ele suspirou fundo, entrelaçando nossos dedos. — Acho que já guardei segredos demais. Quero ser sincero com você, até nas coisas mais bobas, Lara. — Abri um sorriso acolhedor. A declaração me atingiu como uma bomba de amor. Era uma sensação boa. — Mas será que você pode fingir surpresa quando chegar lá? — pediu.

— Que tal uma cara assim? — Vesti o meu melhor semblante de surpresa, com boca aberta e olhos arregalados.

— O Nick com certeza vai acreditar — brincou.

Dei mais um beijo em Ian.

— Vamos para esse banho antes que eu mude de ideia e mamãe apareça aqui pessoalmente — falei.

Na metade do caminho para o banheiro, travei.

— E se a Ali acordar? — perguntei. — E se ela invadir o banheiro e encontrar nós dois lá?

— Relaxa, amor... — pediu, colocando as mãos na minha cintura. — Eu sempre fico de olho na babá eletrônica, mas Ali nunca acorda cedo. Mas, mesmo assim, é só trancar a porta do banheiro com a chave.

Entramos no cômodo que ficava dentro da suíte de Ian e, como prometido, ele fechou a porta, apoiando a babá eletrônica na pia. Como já estávamos sem roupa, fomos direto para o box e Ian ligou o chuveiro.

— Essa água está muito gelada — reclamei quando os primeiros pingos me atingiram.

— Ela está morna — rebateu.

— Não, não está. Está geladíssima e...

— Então deixa que eu te esquento, amor.

Ian colocou a mão no meu pescoço, enquanto a outra segurava minha cintura, e me puxou de encontro a ele. Sua língua invadiu minha boca e seus dedos prenderam os meus fios de cabelo com ainda mais força. Eu não estava mais arrepiada do frio e sim da sensação gostosa que ele causava em mim.

Ficamos apenas nos beijando por tempo suficiente para que o vapor começasse a criar um véu suave ao nosso redor. A sensação dos nossos corpos grudados e do som da água pingando, junto com os gemidos baixinhos que deixávamos escapar, já estava sendo um dos meus momentos favoritos do dia de hoje. Mas, como tudo que é bom dura pouco,

precisamos interromper nosso beijo e tomar um banho de verdade, ou então nos atrasaríamos ainda mais para o meu café da manhã supostamente surpresa.

Ian estava terminando de tirar o sabão do corpo quando uma batida soou na porta.

— Papai? — a voz de Alice chamou.

— Puta merda — Ian reclamou baixinho. — Já vou, filha! — disse mais alto.

— O que eu faço? — perguntei num sussurro, sem saber como agir naquela situação.

— Continua seu banho e vem encontrar a gente depois — falou.

— Não vai ser um problema? — quis me certificar.

— Sua presença nas nossas vidas nunca é um problema, Lara — garantiu.

Ian se secou rapidamente e vestiu um short antes de sair do cômodo, tomando cuidado para abrir a porta apenas o suficiente para que seu corpo saísse do ambiente, sem deixar que Alice visse que mais alguém estava ali dentro.

Finalizei meu banho e, na hora de vestir a roupa...

— Ah, droga! — reclamei baixinho.

Minha roupa estava no chão do quarto de Ian e não tinha como eu sair do banheiro pelada. Olhei ao redor, tentando encontrar uma solução, e avistei uma das camisas de Ian pendurada em um gancho. Bom, teria que funcionar. Peguei a peça e a coloquei, ela mais parecia um vestido em mim. Penteei meus cabelos e, finalmente, saí do banheiro.

Ali abriu um sorriso assim que me viu. Ela não parecia surpresa com a minha presença.

— Oi, tia Lara. Que engraçado, o papai tem uma blusa igual a sua — comentou e senti meu rosto esquentar. Caramba, parecia que eu era só uma adolescente que tinha sido pega pela mãe do namoradinho fazendo algo proibido.

— Nós temos gostos parecidos — disse, me agachando para dar um beijo nela.

— O papai disse que seu chuveiro ficou ruim e você veio tomar banho no chuveiro dele — a espertinha contou e tive que me controlar para não soltar uma risada. — Você pode tomar banho no meu chuveiro também, tia Lara — completou.

— Obrigada, Ali. Vou me lembrar disso da próxima vez — respondi.

Ian me fitou com um ar de curiosidade nos olhos e eu entendi seu questionamento silencioso. É claro que teriam várias outras vezes. E nós teríamos que ficar bons em encontrar mentiras para contar para Ali, ou...

— Pequena, você ia gostar se a tia Lara viesse mais vezes aqui na nossa casa para tomar banho? — perguntou, interrompendo meus pensamentos.

— Claro, papai.

— E para tomar café da manhã? — quis saber.

— Também. Eu amo quando você faz bolo pra gente comer, tia Lara vai gostar muito, não vai, tia Lara?

— Vou adorar — falei.

— E para fazer uma festa do pijama com a gente? — ele continuou.

— A gente pode acampar na sala? — Ian assentiu. — Eu vou amar, papai. Queria que ela viesse visitar a gente todos os dias. Ela pode dormir no meu quarto. Eu amo a tia Lara — respondeu.

Ouvir Alice falando que me amava fez meu coração se aquecer de uma forma diferente.

— Eu também amo você, Ali — respondi.

— Pequena, por que você não vai escolher uma roupa pra vestir pra gente ir tomar café da manhã com nossa família?

— Posso levar a Moana comigo? — Moana era a boneca favorita de Ali no momento.

— Pode sim.

— Tá bem. — Ali levantou da cama e foi pulando em direção ao próprio quarto.

— Como você consegue ficar ainda mais gostosa quando está vestida com minhas roupas? — Ian me perguntou.

— Era a única coisa que tinha para vestir, já que as minhas ficaram espalhadas pelo chão daqui — Apontei para onde elas estavam, em um dos cantos do quarto. — E sair do banheiro pelada não era uma opção.

Ali estava distraída no quarto escolhendo o que ela e Moana iriam vestir para festa. Ian aproveitou para me dar mais um beijo, e não demorou muito para suas mãos irem ao encontro da minha bunda por baixo da camisa, apertando-a e me fazendo gemer baixinho.

— Porra, me lembra de esconder suas roupas mais vezes pra poder te ver com minha camisa. Fica muito melhor em você, de qualquer forma. —

Ian me deu selinho e me encarou por um minuto antes de voltar a falar. — Sabe por que fiz todas aquelas perguntas para Ali?

— Não.

— Porque queria saber se minha filha aprova o nosso namoro, Lara. E, pelas respostas dela, diria que a resposta é sim. Não quero te apressar, mas...

— Ian... — interrompi. — O que você acha da gente aproveitar hoje para contar para todo mundo? Quer dizer, minha mãe já sabe, Cora também e Caio provavelmente já imagina o que está rolando. Ali já é fã do nosso relacionamento mesmo sem saber direito o que significa um namoro. — Respirei fundo. — De qualquer forma, não somos mais adolescentes e não há motivo para nenhum deles ir contra o nosso relacionamento.

— Lara, eu lutaria contra um dragão para ter você ao meu lado — disse. — Meu problema nunca foi a opinião ou aprovação deles, amor. Eu estou esperando apenas seu tempo, como prometi fazer.

No fundo, eu sabia que meu medo maior não era não ter a aprovação da nossa família. Conhecendo a todos eles, é claro que iriam amar saber que Ian e eu estávamos juntos. A verdade é que, no fundo, ainda existiam resquícios de medo. Ainda existia uma parte da Lara adolescente, quebrada e fragilizada. Ainda existia uma Lara que se acha descartável, que se acha insuficiente, que se acha um pouco... perdida. Essa parte está comigo há tanto tempo que não sei ao certo quando irei conseguir me livrar dela por inteiro. Aliás, não sei nem sequer se isso é possível.

Mas uma hora eu teria que enfrentar esse medo, certo?

Então, por que não agora? Se eu ficar esperando para sempre o momento certo, pode ser que ele nunca chegue. E eu já perdi tempo demais. Nós já perdemos tempo demais. Ian já me mostrou, mais de uma vez, que não é o mesmo de antes. Eu também não quero ser. Quero ser a mulher que ele merece ter ao lado, assim como ele tem se mostrado ser o homem ideal para mim a cada dia que passa. Ainda que nenhum de nós dois seja perfeito, nós nos completamos mesmo em meio as nossas imperfeições.

— Não quero mais esperar, Ian. Não quero mais ter que esconder.

— Tem certeza disso, amor?

Meu coração acelerou no peito. Eu estava certa, mas ainda tinha uma pitada de insegurança. Mas, hoje, não deixaria esse sentimento vencer.

— Estou certa, Ian. Vamos contar a nossa família — decidi.

— O aniversário é seu, mas sinto que quem ganhou o presente fui eu — ele disse.

— Nós dois ganhamos, amor — declarei.

Antes que a gente pudesse selar nosso namoro oficial com um beijo, Ali gritou que já tinha escolhido a roupa. Ian foi ajudá-la a se trocar enquanto eu fui me vestir, com as mesmas roupas de ontem, para ir até o meu café da manhã surpresa. Com todos já prontos, entramos no carro e seguimos em direção ao prédio em que eu morava, juntamente com meus pais.

— Não esquece da cara de surpresa, por favor — Ian pediu baixinho assim que o elevador chegou no meu andar.

Coloquei a chave na fechadura, destranquei a porta e esperei uns cinco segundos antes de girar a maçaneta.

— Surpresa! — Fui recepcionada pela mistura das vozes de todos que amo: meus pais, meus irmãos, minhas cunhadas e meus tios.

— Ah, Deus! O que está acontecendo aqui? — falei, tentando fazer minha melhor atuação.

— Feliz aniversário, meu amor. A gente te ama muito — papai foi o primeiro a dizer.

Um a um, os membros da minha grande família foram me abraçando para me parabenizar e me dar presentes. Meus pais me deram um vale tatuagem, tia Mel e tio Henri me deram um avental personalizado e um par novo de tênis, tia Bê e tio Gui me deram o álbum novo da banda Pane autografado.

— Você é péssima atriz, gatinha — tia Sara disse no meu ouvido quando chegou a vez dela.

— Parabéns, Larinha — tio Pedro desejou.

— Será que agora podemos finalmente comer? Meu estômago está roncando — Nick disse assim que abri o último presente, dado por ele e por Gabi, que foi o *day use* em um SPA.

— Vamos, por favor. Também estou cheia de fome — falei.

O cheiro de pão fresquinho e de café estava me fazendo salivar desde que cheguei aqui. Meus pais haviam arrumado a mesa com uma toalha branca decorada com várias flores coloridas, pratos de porcelana e talheres dourados, que eles só usavam em ocasiões especiais. No centro, um bolo de aniversário decorado com frutas frescas e chantilly chamava a atenção. Além disso, tinha uma variedade enorme de pães, *croissants*, geleias caseiras, queijos e frutas. Balões coloridos estavam espalhados pelo ambiente, adicionando um toque festivo à nossa casa.

Minha família se reuniu ao redor da mesa para comer e me senti completa ao ver todos que eu amava ali, juntos, comemorando mais um ano de vida meu em meio a risadas e brincadeiras. Talvez esse seja o meu melhor aniversário em anos e eu me sentia repleta de gratidão.

Ver a forma como Ian interagia com meus pais, e como ele tratava a própria filha de maneira muito semelhante à forma como papai sempre me tratou, só fez crescer em mim a certeza de que tínhamos nascido para sermos um só.

Lancei um olhar para Ian em um questionamento silencioso: "*você está preparado?*". Ele, como sempre, parecia capaz de ler meus pensamentos e me respondeu através de um sorriso.

— Aproveitando que todos estão aqui, tenho uma novidade para contar. Eu queria falar que... — A campainha tocou. — Ué, está faltando alguém?

— Todos que convidamos estão aqui — papai disse olhando ao redor.

A campainha tocou mais uma vez, dessa vez um toque mais demorado.

— Não sai leite dessa porra não — Caio gritou, já impaciente.

— Deixa que eu abro — falei.

Assim que abri a porta, soube que o melhor dia da minha vida estava prestes a sofrer uma reviravolta. Porque ali, parado no batente e segurando um buquê de flores, de rosas amarelas para ser mais específica, estava a última pessoa que gostaria de ver. Senti meu estômago embrulhar na mesma hora e minha cabeça ser tomada por pensamentos ansiosos.

— O que você está fazendo aqui, Mauro? — minha voz era firme, mas sentia minhas mãos levemente trêmulas. Talvez eu seja uma atriz melhor do que pareço ser.

— Te reconquistando, gatinha — falou em alto e bom som. — Feliz aniversário, meu amor. O seu melhor presente acaba de chegar.

Ah, droga.

Meu dia perfeito tinha acabado de ir por água abaixo.



Capítulo 39.

IAN DINIZ

Já detestei muitas pessoas ao longo da vida, mas poucas tinham conseguido a proeza do desgraçado brocha parado com um buquê de flores no batente da porta. Cada músculo do meu corpo me implorava para ir até lá e socar o imbecil, mas a parte madura e racional do meu cérebro tentava com muito afinco me lembrar que eu era um cara civilizado.

— Mauro, por favor, vai embora. Eu já te disse várias vezes que… — escutei minha garota dizer, mas o idiota a interrompeu. Fiquei parado a uma distância segura que me impedisse de bater no viciado em bomba, mas também que me permitisse intervir caso fosse necessário.

— Lalá, você não acha que já estamos separados por tempo demais? Eu sinto sua falta, gatinha. — *Mas ela não sente a sua, babaca filho da puta.*

Eu tinha certeza que se qualquer outro ser humano nessa sala estivesse prestando atenção em mim, notaria que eu estava prestes a explodir. Talvez exatamente por isso, tio Pedro tenha se aproximado de mim e colocado uma mão sobre o meu ombro, sussurrando de modo que só eu escutasse.

— Sua filha tá aqui, você precisa ficar calmo. — Mesmo em meio ao meu próprio surto particular, consegui me dar conta de que essa simples frase do meu tio demonstrava com todas as letras que ele tinha algum nível de conhecimento sobre meu relacionamento com Lara.

A movimentação dentro da casa dos Avelar começou a ficar mais intensa, conforme Caio se aproximou da porta onde a irmã estava com os braços cruzados e o semblante de poucos amigos.

— Tem algum problema por aqui? — questionou.

— Não — Lara interrompeu. — O Mauro já está de saída.

Pela aparência nada satisfeita do ex-namorado, ele não tinha ficado muito feliz com a afirmação.

— Não estou não.

Bufei irritado, sabendo que tinha atingido o meu limite. Tio Pedro ainda tentou segurar meu braço, mas andei até a porta.

— Se a Lara falou que você estava de saída, então você está de saída — interrompi. O olhar furioso que recebi poderia ter amedrontado algum outro cara qualquer, mas não a mim.

— Não falei com você — o filho da puta me respondeu, praticamente cuspindo cada palavra. Abri a boca, mas Caio foi mais rápido.

— Quer falar com o meu punho então, caralho? — Ao contrário do que fez comigo, Mauro não retrucou.

— Nick, o que acha de nós dois levarmos a Ali para o parquinho? — escutei Gabi sugerir.

— Agora? Mas vamos cantar parabéns e…

— Sim, agora, Nicolas — a esposa reforçou, chamando atenção dele.

Os dois chamaram minha filha e deram as mãos, passando por mim em um pedido de autorização silencioso.

Lara colocou uma mão no peito do irmão, tentando impedir que algo pior acontecesse.

— Vai embora, cara — tentei intervir, ainda de forma sensata e contendo todos os meus piores instintos.

— Por que não vai você? Não cansa de ficar dando em cima da minha namorada?

Senti meus punhos fecharem rente ao corpo e agradeci aos céus por Gabi e Nick terem levado minha pequena para o parquinho, porque eu estava prestes a bater nesse imbecil brocha e não me arrependeria por nem um mísero segundo.

— Ela não é sua namorada, porra. — Empurrei o desgraçado para trás, nem conseguindo escutar os sons de protesto que vinham da minha família dentro da sala dos Avelar.

— Ian, se acalma, ele quer te desestabilizar e… — Lara se virou para mim, tentando se posicionar entre nós dois.

O tempo pareceu congelar enquanto Mauro olhava de mim para ela, parecendo se dar conta naquele segundo do que estava acontecendo. Seus olhos que, até então, olhavam para minha garota com um semblante falso de carinho, rapidamente se transformaram em repulsa.

— Eu não tô acreditando nisso — falou mais alto do que o esperado, dando um passo à frente. Cora tinha se aproximado e tentava conter o marido embora também olhasse para Mauro com a mesma raiva que todos nós.

— Mauro, nós já conversamos várias vezes e… — Lara tentou voltar a explicar, mas é claro que ele não permitia. Juro por Deus que se ela não estivesse na minha frente, prendendo meu corpo, eu já tinha voado em cima dele.

— Você e ele estão trepando? Pra isso que você terminou comigo? — Seu rosto enojado de repente se transformou em uma máscara de raiva. — Você me traiu com ele, não traiu?

— Se a gente puder conversar, eu te explico o que…

— Conversar é o caralho. Eu fiquei com você esse tempo todo, Lara, e olha que tive oportunidades melhores. — *Como é que é?*

Senti todo o corpo de Lara murchar à minha frente e aproveitei esse minuto para a afastar delicadamente e chegar na frente de Mauro. Ergui meu punho no ar, pouco me fodendo para as complicações que bater nesse imbecil me trariam depois. Ninguém falaria da minha garota assim, especialmente esse filho da puta.

Mas, antes que eu pudesse acertá-lo, vi o corpo de Mauro sendo pego desprevenido e arremessado três passos. A bochecha rapidamente se manchou em um tom de vermelho vivo e levei alguns breves segundos até entender o que caralhos tinha acabado de acontecer.

Olhei para o lado, vendo Caio também longe do agarre de Cora, com o punho erguido em um gesto idêntico ao meu, mas seu rosto confuso me indicava que não tinha sido ele o responsável por ferir o meu rival.

— Ai, caralho, não tenho mais idade pra essas merdas — foi a voz de Leonardo quem soou, pouco atrás de nós. Ele balançava a mão no ar e seu rosto tinha uma expressão de dor. Dona Olívia se aproximou do marido, tentando verificar o dano que tinha sido causado. — Se você falar com a minha filha desse jeito de novo, não vai sair daqui só com um soco.

— Esse filho da puta já não vai sair daqui só com um soco, pai — foi Caio quem interveio, avançando pelo corredor e segurando Mauro pela camisa. Aproveitei a facilidade e fui mais rápido, atingindo com mais um soco o mesmo lugar que Léo tinha acertado.

— Vocês são um bando de malucos descontrolados, porra — o brocha xingou, tentando empurrar Caio. Mas eu conhecia o meu cunhado bem o suficiente para saber que quando ele odiava alguém, seria preciso muito mais do que isso para afastá-lo do seu objetivo.

A mão de Caio foi até a garganta de Mauro e ele apertou com força.

— Você vai sair daqui e nunca mais vai dirigir uma palavra à minha irmã. — O rosto de Mauro começou a se tingir da mesma cor da sua bochecha conforme o ar começava a faltar.

— Caio, deixa ele comigo — pedi, recebendo um olhar enviesado de quem não estava muito a fim de ceder. Por sorte, minha irmã postiça correu até o corredor, puxando-o para trás e o levando para dentro de casa.

Segurei Mauro pelo colarinho da blusa, cerrando meus dentes para deixar cada palavra mais do que clara.

— Escuta o que eu vou te falar, porque só vou dizer uma única vez. — A respiração ofegante do imbecil me deixava ainda mais motivado para destruir a raça dele, mas me contive. — Você é um merda. Um bosta que acha que porque toma um monte de bomba que faz teu pau ficar murcho é melhor do que alguém. — Ele grunhiu em resposta, tentando me afastar, mas o mantive no lugar. — Sai daqui e nunca mais quero você *olhando* na direção da Lara. Está me entendendo?

O olhar de Mauro desviou do meu por um breve instante, focando em algum ponto às minhas costas. Olhei por cima do ombro, vendo Lara se aproximar com o rosto transformado em uma máscara de dor.

— Eu nunca quis te magoar, Mauro — falou, a voz saindo quase em um sussurro. Ela estava machucada e esse filho de uma puta era o responsável por isso.

— Quer saber, Lara? Você me fez um favor. Não sei o que eu estava fazendo com alguém como você. — Nem pensei antes de socar o rosto dele mais uma vez, agora do lado oposto. Pelo menos desse jeito Mauro ficaria com a aparência uniforme.

Ele, pela primeira vez, conseguiu se desgarrar do meu aperto e também tentou me socar. Desviei no último instante, mas seu punho ainda acertou de leve o meu olho. A dor me atingiu imediatamente, no segundo em que vi Lara parada sem reação e parecendo inerte. E então, essa sim se transformou em uma dor muito maior.

— Sai daqui, porra — empurrei Mauro na direção do elevador. Ele jogou as flores que carregava no chão e teve a audácia de andar até a caixa metálica com um semblante de julgamento.

Ainda sentindo minha cabeça latejar, fui até Lara, acariciando seus braços e inclinando meu corpo para baixo para estudar sua expressão.

— Ei, tá tudo bem agora, amor. — Puxei seu corpo para o meu, envolvendo minha garota em uma abraço.

Partiu meu coração perceber que ela não me correspondeu.

Partiu meu coração mais ainda saber que não era por minha causa, mas por ela.

Mauro tinha deixado Lara devastada.

E o pior de tudo? Bem no fundo, eu tinha consciência de que a sua reação também era culpa minha. Culpa das minhas escolhas cinco anos atrás que a transformaram na mulher que é agora. Eu amava a Lara de agora, mais até do que a Lara que conheci no passado. Ela era gentil, mas assertiva. Era engraçada, mas sabia quando precisava ser séria. Era madura, mas sem perder a essência. E, a melhor parte, amava a pessoa mais importante da minha vida. Mas a Lara de agora também era repleta de inseguranças, receios e um medo de ser descartada que a assombrava dia após dia.

— Eu… — tentou falar, a voz fraquejando em um tom choroso. — Quero entrar.

Passei um braço ao seu redor sem ligar para os olhares que recebemos de Leonardo, que parecia o único surpreso com a nossa relação. Dona Olívia veio até Lara, que ainda tinha o olhar perdido em algum ponto do chão.

— Querida, você está bem?

— Filha — a voz de Léo soou e, pela primeira vez desde tudo que Mauro tinha verbalizado, Lara ergueu os olhos, um sentimento diferente parecendo preenchê-los.

— Pai — chamou, se desvencilhando de mim e indo até ele. Seu olhar foi direto até os nós dos dedos machucados pela forma como acertou o rosto de Mauro. — O senhor não devia ter feito isso.

— Relaxa, princesa — brincou, puxando a cabeça de Lara para o seu ombro. — Eu posso estar velho agora, mas não deixaria ninguém falar com você daquele jeito.

Minha garota ficou em silêncio por alguns segundos e, de repente, um choro estrangulado inundou o ambiente.

— Me desculpa.

Meu peito afundou em desespero ao vê-la chorar, e dei um passo na direção dos dois, sendo mais uma vez contido pela mão do tio Pedro no meu braço. Ele balançou a cabeça em negativa, me mandando deixar que Lara tivesse o momento com o pai.

— Você quer ir pro quarto? — Léo sugeriu e ela balançou a cabeça em concordância.

Doeu cada parte de mim ver Lara desaparecendo pelo corredor com o pai e fechando a porta após entrar no quarto. Queria poder confortá-la, queria poder dizer que aquele desgraçado estava errado, queria fazê-la compreender que estava longe de ser descartável, que era a melhor mulher do mundo.

Aos poucos, comecei a sentir os olhares de todos se voltando para mim. Caio, Cora, tio Pedro, tia Sara, Olívia. Porra, se bobear até Celina estava me encarando de dentro da barriga.

— A gente pretendia contar pra vocês — falei de uma vez. Ninguém parecia surpreso.

Cora caminhou até mim, segurando na minha mão e apoiando a cabeça no meu ombro em um gesto de carinho.

— Ela vai ficar bem, maninho — afirmou. — Talvez só precise conversar com o único homem que ela tem certeza que nunca vai machucá-la.

— Eu queria estar com ela.

A culpa me corroeu por dentro, trazendo as lembranças de tudo que eu tinha causado a Lara no passado. A forma como a machuquei com as minhas palavras do mesmo jeito que Mauro tinha feito. Eu até poderia ter boas intenções, mas de que adiantaram se causei dor à mulher que eu amava do mesmo jeito?

Senti mais uma pessoa se aproximar de mim e prendi o ar ao perceber que era Olívia.

— Lara é mais forte do que você imagina, Ian — dona Olívia falou, com um leve sorriso nos lábios. — Sei disso porque ela puxou a mãe — brincou. — Dê um tempo pra ela colocar a cabeça no lugar.

— Desculpa por tudo isso, dona Olívia.

Ela me puxou para um abraço, me pegando desprevenido. Era um conforto de mãe, mesmo que ela própria soubesse o quanto eu tinha machucado sua filha. Talvez fosse algo que corria no sangue das irmãs Vianna, porque a tia Sara me abraçava do mesmo jeito.

— Sei que você cometeu erros, querido, e também sei que está arrependido deles. — Ela se afastou para me olhar. Ela era tão parecida com Lara que me causava um aperto no peito. — Muitas vezes acreditamos que afastar quem amamos é a única opção possível em um momento de

desespero. Você era só um menino e precisou lidar com mais coisa do que a maioria de nós.

Abaixei os olhos, sentindo minha garganta fechar com a vontade de chorar.

Passei muito tempo acreditando que eu não merecia essas pessoas. Não merecia ser parte dessa família. Que toda dor e decepção que eu tinha trazido a eles era um castigo pelo adolescente rebelde que eu tinha sido. E agora… tanto tempo depois, cada um deles me olhava com tanto amor e carinho que eu não sabia como reagir.

— Eu só queria protegê-la — confessei, sentindo meus olhos lacrimejarem.

Escutei os passos de alguém se aproximando e vi dona Olívia sorrir. Quando uma mão tocou meu ombro, virei para encontrar o tio Pedro me olhando em sinal de apoio.

— Eu sei disso. E Lara também. — Dona Olívia pegou minhas mãos, apertando em um gesto de solidariedade. — Não julgue os erros que você cometeu, Ian. Você também precisa se perdoar pelo passado.

— Não sei se consigo — confessei, deixando meu olhar vagar para o corredor por onde Lara tinha ido.

— Talvez aquela garotinha sorridente que está vindo correndo por ali — apontou pela cabeça em direção à porta de entrada, por onde Alice vinha carregando um Nicolas aparentemente exausto. — te ajude nisso. No final das contas, tudo valeu a pena se te transformou nesse ótimo pai.

— Todos nós temos orgulho de você, Ian — foi a tia Sara quem falou, o que fez a lágrima que eu tentava conter finalmente escorrer.

— Eu tenho bons exemplos de pais — declarei, deixando meus olhos vagarem entre meus dois tios, que pareceram se emocionar com o que eu tinha acabado de dizer.

Tio Pedro apertou meu braço e deu um tapa no meu ombro.

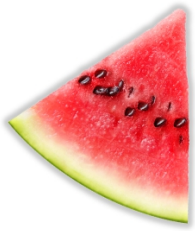
— Anda, pega Alice e vamos lá pra casa. Lara precisa de um tempo com a família.

Ali correu para os meus braços e forcei um sorriso para que não percebesse que algo estava acontecendo.

— Papai, eu fiz o tio Nick brincar de escolinha! Eu era a professora e ele era o aluno que não faz dever de casa!

Pela forma como Nicolas parecia cansado, Ali tinha se divertido nessa brincadeira. E, mesmo depois de toda confusão, consegui soltar uma risada.

Estar com a minha pequena me fazia lembrar o que valia à pena.



Capítulo 40.

LARA AVELAR

Sempre achei que eu fosse uma garota forte. Acho que no fundo todas nós gostamos de acreditar nisso. Quem quer acreditar que é fraca? Que se deixa abalar pelo que alguém diz ou que deseja ser validada pela opinião de outras pessoas?

Quando vi Mauro parado sob o batente da porta eu sabia que as coisas iam por água abaixo. Ele era como um mau agouro cuja presença trazia os piores cenários. Me odiei por, em vários momentos, ter me sentido culpada pelo beijo em Ian enquanto ainda namorávamos. Me odiei por ter sido estúpida o suficiente para estar com esse cara por tanto tempo. Me odiei pelo fato de que, mesmo sabendo de tudo isso, ainda assim deixei que me afetasse.

— Eu só preciso de um tempo sozinha, pai — pedi, assim que papai e eu entramos no meu quarto.

Não conseguia encará-lo, não depois de ter o feito passar pela situação horrível de minutos atrás. Que pai gostaria de escutar um homem me questionando se eu estava *trepando* com outro?

— E você vai ter seu tempo sozinha depois, princesa, mas não agora.

Fiquei parada, olhando para as minhas próprias mãos e sentindo o gosto salgado das lágrimas atingirem a minha boca. Papai deu a volta na minha cama e sentou encostado na cabeceira, batendo com a mão no colchão para me chamar. A mesma mão cujos machucados tinham sido causados por um soco no meu ex-namorado.

Não percebi que um soluço queria escapar da minha garganta até escutar o som encher o quarto. Corri até a cama, me jogando entre os braços do meu pai como se ainda fosse a mesma garotinha que sempre ia até ele quando se machucava. Dessa vez, não tinha sido uma dor física, mas a dor emocional era muito pior do que as outras.

— Pode chorar — falou, beijando o topo da minha cabeça. — Eu ainda vou estar aqui com você quando colocar tudo pra fora, Larinha.

Demorei pelo menos três minutos completos sem conseguir dizer uma só palavra. Tudo que eu conseguia era deixar as lágrimas escorrerem e a sensação terrível de humilhação me varrer. Mauro tinha validado com suas palavras cada uma das inseguranças que moravam dentro de mim há tantos anos, antes mesmo de tudo com Ian acontecer.

Eu sabia que tinha sido cinco anos atrás que minhas questões de autoestima tinham se amplificado, mas não era estúpida de pensar que tinham surgido ali. Mamãe já tinha me sinalizado mais vezes do que o normal que eu me preocupava excessivamente com a minha própria aparência, com o que os meninos pensavam de mim. E meu relacionamento com Mauro… Só agora eu conseguia enxergar todas as bandeiras vermelhas que eram sinalizadas.

— Desculpa te fazer passar por isso, pai — pedi, limpando meus olhos.

— Me fazer passar pelo que, princesa?

— Por tudo isso. Me desculpa ter brigado com você por aquele cara — quase cuspi as palavras, sentindo o ódio por Mauro encher minhas veias. — e por ter escondido de você como me sentia em relação a Ian.

Escutei o papai se mexer no colchão e respirar fundo, acariciando meu cabelo enquanto afagava minhas costas.

— Filha, você não precisa se desculpar pelas suas escolhas — começou. — Sei que fui um pai chato em relação ao seu ex-namorado, mas era só porque me preocupava com você e…

— E você tinha razão. Eu fui uma idiota de não ter visto antes. Queria ter te escutado.

Seu Leonardo soltou uma risadinha rouca.

— Existem certas coisas que precisamos aprender sozinhos, filha. Infelizmente. — Ele suspirou. — Você sabe que se eu pudesse, faria todas as melhores escolhas por você sempre, mas você é a dona da sua vida, Lara, é quem precisa escolher, errar, reverter o erro e então acertar.

— Desde quando o senhor se tornou tão sábio? — brinquei, fungando com o nariz.

— Ser casado com a sua mãe pelos últimos vinte e oito anos me ensinaram uma coisinha ou outra.

Foi a minha vez de deixar uma risada baixa escapar. Me afastei do seu toque só para poder sentar na cama e encará-lo de frente.

— O senhor não está chateado?

— Por só ter dado um soco no rosto daquele idiota? Com certeza. — Ele olhou para a própria mão, inchada no local onde tinha acertado Mauro. — Mas não sou mais o mesmo jovem de antes. Estou ficando velho — reclamou, franzindo o cenho. — Mas ainda sou o velho mais gato de Teresópolis — brincou.

Balancei a cabeça, meus lábios se curvando em um sorriso.

— Por não ter te contado sobre Ian. Ficou chateado? Sei que fomos criados juntos, mas…

Papai colocou a mão sobre a minha, me interrompendo.

— Lara, vi o Ian crescer. Do mesmo jeito que vi você e vi os seus irmãos. Ele pode ter sido um menino que deu trabalho quando era mais jovem, mas eu também fui.

Fiquei em silêncio só escutando tudo que meu pai tinha a dizer.

— Vejo a forma como ele trata a pirralhinha. E também vejo como trata seus tios. — Papai segurou meu queixo, mantendo meu rosto imóvel. Vi seus olhos se encherem de lágrimas. — Mais do que isso, vi a forma como tratou você hoje. Como *sempre* te tratou desde que você era uma menininha. — Ele deixou uma lágrima escorrer. — Ah, porra, não acredito que Henri tinha razão. Estou me tornando um velho chorão.

— Você não é velho, pai — disse, sorrindo. Ele inflou o peito, orgulhoso da minha colocação.

— O que quero dizer, princesa, é que sempre vou apoiar e dar força para o que te faça feliz. Se Ian é a pessoa que você escolheu para isso, então também fico feliz. — Senti minha garganta fechar. — Mas preciso te falar uma coisa.

— O quê?

— Muitos anos atrás, quando eu e sua mãe ainda éramos só namorados, ela me ensinou que, muitas vezes, para podermos ser completamente felizes com alguém, precisamos primeiro ser felizes com nós mesmos. — Papai ergueu meu queixo mais uma vez. — Você acha que está feliz, Larinha?

Eu estava feliz?

Com Ian, certamente sim. Nos meus momentos em família, quando trançava o cabelo de Alice, quando cuidava da Pétala & Flor… Mas quando estava sozinha comigo mesma, sem nada além da minha própria companhia, quais eram os sentimentos que permeavam minha cabeça?

Eu sabia a resposta.

Ainda tinha receio de ser desprezada. Medo de viver uma rejeição tão intensa quanto a que tinha vivido no passado. Pavor de encarar meu reflexo no espelho e escutar a voz de Mauro soar como um alter ego terrível dentro da minha própria mente.

Quem eu tinha me transformado depois de tanto tempo vivendo com base nas minhas experiências ruins?

— Eu… — comecei. — Não sei.

Sua mão me puxou para um abraço, acariciando meu ombro.

— O que acha de tentar descobrir?



Passei as horas seguintes completamente sozinha comigo mesma. E, assim como eu esperava, não foi a melhor coisa do mundo. Papai tinha razão quando sugeriu que eu deveria primeiro me fazer feliz antes de ser feliz com outra pessoa.

Um som de batidas na minha porta me chamou atenção. Ergui os olhos vendo o rosto da mamãe no vão da porta do meu quarto.

— Posso entrar? — Assenti, cedendo espaço na cama para que sentasse do meu lado. — Como você está?

— Mal — confessei. Não havia motivos para mentir para a pessoa que mais me conhecia no mundo inteiro. — Ian foi para casa?

— Foi para casa dos seus tios. Mas já me mandou algumas mensagens perguntando se você estava bem. — O sorriso de dona Olívia não disfarçava o quanto ela apoiava o nosso relacionamento.

— Não atendi as ligações dele. Acho que… Precisei de um tempo pensando.

— Ele se preocupa com você, mas apesar disso, também entende o seu lado.

Ergui uma sobrancelha, franzindo a testa em uma expressão desconfiada.

— Vocês andaram conversando?

Mamãe deu de ombros, fingindo que aquilo não tinha importância.

— Não posso ser amiga do meu futuro genro?

Minhas bochechas esquentaram com a forma como ela se referiu ao homem por quem eu estava apaixonada. Em nenhum momento, apesar de sempre apoiar minhas escolhas, minha mãe havia falado desse mesmo jeito

sobre Mauro. Talvez ela sempre tenha sabido que era o meu destino reencontrar o amor em Ian.

— Acho que… Preciso de um tempo, mãe. — Abaixei os olhos, encarando minhas próprias mãos. — Me sinto perdida, sinto que preciso me relembrar quem eu sou. — Suspirei, deixando o ar sair carregado dos meus pulmões.

— E o que te impede? — perguntou, estudando meu rosto como se pudesse me decifrar.

— Não é justo pedir a Ian por mais tempo. Já esperamos tempo demais e…

— Querida — mamãe me interrompeu. — Ian te esperou por cinco anos. O que é mais uma pequena dose de tempo?

— Eu sei, mas…

— Lembra daquele curso em Milão que você sempre comentou que queria fazer? — Balancei a cabeça, concordando. — Por que não tira a vontade do papel?

Mordi meu lábio, ponderando se o que minha mãe sugeria era uma boa ideia. Eu já vinha namorando a ideia de estudar biotecnologia vegetal há alguns meses, mas nunca parecia ser o momento ideal. Talvez uma jornada de autodescoberta aprendendo sobre um dos meus assuntos favoritos no mundo, não fosse uma ideia tão ruim.

Mamãe levantou da cama, colocando um beijo no topo da minha cabeça e pegando meu celular sobre a mesa de cabeceira. Ela voltou até mim e o apoiou na minha mão.

— Liga pra ele. Você pode se surpreender. — Dona Olívia deu uma piscadinha e saiu pela porta do meu quarto.

Fiquei encarando o celular pelo que pareceram horas mas provavelmente não tinha passado de alguns minutos. Nem parecia que tinha sido ainda hoje que eu tinha acordado na cama de Ian depois de uma noite maravilhosa. Como tudo pode escalonar para a confusão tão rapidamente?

Mamãe tinha razão. Nós precisávamos conversar.

Desbloqueei o aparelho e cliquei na lista de contatos favoritos, selecionando o número de Ian e levando o celular ao ouvido. Escutei a voz dele do outro lado da linha assim que o primeiro toque soou.

— *Lara? Tá tudo bem?* — seu tom lotado de preocupação quase me destruiu.

— Oi, Ian — cumprimentei, sem tentar fingir que estava bem. — Não, mas vai ficar.

— *Posso te buscar? Vem ficar comigo. Posso fazer bombom de melancia e…* — Senti meus olhos lacrimejarem e minha voz embargar. Eu estava triste e feliz ao mesmo tempo. Triste, porque não queria precisar deixá-lo justo quando estávamos tão bem. Mas feliz, por saber que finalmente tinha encontrado o homem da minha vida.

— Ian, me desculpa — interrompi.

— *Você não tem nada para se desculpar. O único culpado é aquele imbecil brocha. Se mais alguém, além dele, te deve desculpas, essa pessoa sou eu.*

— Você? — questionei, confusa.

— *Sei que te machuquei no passado do mesmo modo que ele te machucou hoje.* — Escutei sua respiração forte do outro lado da linha. — *Não sei se um dia vou conseguir me perdoar pelo que te fiz, mas quero que você saiba que tento ser alguém bom o suficiente pra estar com você todo santo dia.*

— Você precisa se perdoar — pedi. — *Eu* já te perdoei. Eu te falei meses atrás e repito: não mudaria nada na nossa história, Ian.

— *Eu te amo, amor. Me deixa ir até você e…*

Engoli em seco, sabendo que era o momento de ser totalmente sincera.

— É sobre isso que eu queria falar… — comecei. O silêncio sepulcral de Ian era o suficiente para que eu soubesse o quanto ele estava nervoso. Desesperado, na verdade. — Sei que é injusto te pedir por isso, especialmente depois de tudo, mas…

— *Você pode me pedir qualquer coisa. Sempre.*

— Eu preciso de um tempo. Eu amo você, Ian, mas, agora, preciso me amar um pouco mais. E, só assim, vou poder te amar da forma como você merece. Da forma como nós dois merecemos.

Ele continuou calado e, por um segundo, cogitei que a ligação tivesse caído.

— Ian? — chamei.

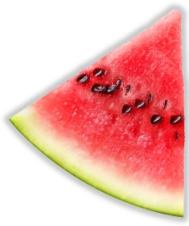
— *Promete que vai voltar pra mim?* — perguntou. Balancei a cabeça, mesmo que ele não pudesse ver, sentindo algumas lágrimas escorrerem pelo meu rosto. — *Para nós?* — Sabia que ele se referia a Ali, o que só me fez chorar ainda mais.

— Prometo.

— Então, faça o que você precisa. Quando você voltar, vou te amar pra compensar cada dia.

E, simples assim, eu sabia que tinha feito a escolha certa.

Ian merecia minha melhor versão, assim como eu receberia a dele.



Capítulo 41.

IAN DINIZ

Na minha lista de palavras mais odiadas, *tempo* estava ocupando o primeiro lugar. *Paciência* levava a medalha de prata e *distância* a de bronze.

Estava há exatas três semanas sem ver Lara, nem que fosse pela porra da janela do meu quarto. Eu entendia todos os motivos que a faziam precisar de tempo, mas estava cansado para caralho de toda essa distância entre a gente. Minha paciência já tinha se esgotado há séculos, para ser sincero, e eu só não ia atrás dela porque, infelizmente, não sabia onde ela estava.

Depois da bagunça que virou o aniversário da minha garota, graças a presença não solicitada de Mauro e a todas as asneiras que ele disse para ela, Lara pareceu entrar em combustão. E, o que era para ser um dia feliz, virou um dia caótico. No fim, Lara decidiu que precisava de um tempo para se reorganizar longe de tudo.

— Eu amo você, Ian, mas, agora, preciso me amar um pouco mais. E, só assim, vou poder te amar da forma como você merece. Da forma como nós dois merecemos — ela disse ao se despedir de mim.

Lara decidiu que precisava de um tempo longe de Teresópolis e resolveu tirar férias. A única pessoa que sabia para onde ela tinha ido era Olívia, e, quando tentei arrancar da minha quase sogra onde a garota estava, levei um puxão de orelha.

— Ela vai voltar, Ian, e vocês vão poder continuar de onde pararam. Mas, agora, a jornada dela precisa ser sozinha. Há muitas coisas na cabeça de Lara que foram colocadas ali sem a autorização dela e nossa garota precisa encontrar uma forma de lidar com isso, seja eliminando esses pensamentos ou os enxergando de uma forma diferente. Ela vai ficar bem, Ian. Vocês dois vão ficar bem. Mas tem algumas batalhas que precisam ser lutadas sozinhas e essa é uma delas — Oli disse.

Tudo que consegui descobrir foi que Lara estava aproveitando o tempo longe para estudar mais sobre botânica, já que uma das suas formas favoritas de relaxar sempre foi em meio às plantas. Não fazia ideia de onde ela estava e menos ainda de quando ela voltaria. Lara estava sem celular e totalmente incomunicável, mas sabia que ela estava bem. Ou, pelo menos, tentando ficar bem. O que me mantinha são era saber que quando minha garota voltasse, ela estaria cem por cento. E, finalmente, poderíamos viver tudo que tínhamos para viver.

— Papai, seu celular está tocando! — Ali disse com a boca cheia do misto quente que comia de café da manhã, me puxando de volta para o presente. — É a vovó Bibi!

Minha mãe e eu, por mais incrível que pareça, estávamos mantendo uma constância de conversa. Há meses ela ligava, toda segunda-feira de manhã, para conversar comigo e com a Ali. Não éramos melhores amigos, e estávamos longe de ser, mas essa aproximação já era um avanço. Porra, ela está mais presente na minha vida agora, mesmo morando do outro lado do oceano, do que quando eu era adolescente e dividíamos a mesma casa. Era um grande avanço, para ser sincero.

— Quer atender? — perguntei.

— Sim! — a pequena respondeu empolgada, já pegando o aparelho da mesa e deslizando o dedo para atender a chamada. Como as crianças aprendem a lidar com tecnologia tão rápido? — Oi, vovó Bibi.

— *Oi, minha netinha. Como você está?* — minha mãe perguntou.

— Eu tô feliz porque sonhei que eu tinha uma amiga *unicórnia* com asas. E ela tinha cauda rosa de glitter e a gente voava lá no céu — Ali começou a contar.

As duas ficaram conversando durante um tempo antes da minha filha passar o telefone para mim e ir para o quarto terminar de arrumar a mochila da escola.

— *E você, filho, como está?*

— Estou bem, mãe — falei.

— *Ian, mesmo através da tela do celular eu consigo ver quando você não está sendo sincero* — falou, analisando com atenção minha imagem, ainda que a distância.

— Eu estou bem, mãe, de verdade. Só me sinto cansado. As coisas estão puxadas lá no bar — menti, colocando no rosto meu melhor sorriso.

A verdade é que eu sentia falta de Lara e isso estava transparecendo em cada pedaço do meu rosto.

— É o que acontece quando você é um chef de cozinha premiado... Todos querem provar da sua comida.

— Como estão as coisas por aí? — perguntei, querendo mudar de assunto.

Minha mãe passou os minutos seguintes me contando sobre as novidades da sua vida e do seu trabalho. Acho que, depois de anos, a dona Beatriz Diniz finalmente conseguiu encontrar o equilíbrio entre ser uma mãe presente, ainda que de longe, e ser uma profissional foda. Estava feliz por ela e, ao mesmo tempo, por mim.

— Semana que vem saberei o dia das minhas férias e aí poderemos marcar aquela visita que vocês estão me devendo — disse.

— A Ali não para de falar que quer viajar de avião para ver a vovó Bibi e ir no parquinho diferente — falei. — Vamos adorar ir te visitar, mãe. Mas, agora, preciso ir. Está na hora de levar a pequena para a escola.

— Tchau, filho. Boa semana para vocês — se despediu.

Conferi se Ali tinha colocado na mochila todo o material necessário para levar à escola e saímos de casa. Chegamos ao portão do prédio e, antes de abri-lo, aproveitei para responder uma mensagem de Cora. Ainda estava distraído olhando a tela do celular quando ouvi a pequena dizer:

— Papai, podemos ir na floricultura? Eu estou com saudades da tia Lara e das florzinhas.

— A tia Lara está viajando, pequena — falei em modo automático. Já tinha respondido essa mesma questão algumas outras vezes ao longo das três semanas que se passaram.

— Quem é aquela moça na loja dela? — Ali perguntou. — Ela usa até uma trança igual da tia Lara.

Desviei meus olhos da tela do celular e os direcionei para o local em que o dedo da minha filha apontava. Eu reconheceria a silhueta de Lara em qualquer lugar, a qualquer distância. Ela não usava o uniforme da floricultura, mas parecia estar reorganizando algumas coisas de lugar dentro da casinha verde. Parecia que ela estava arrumando tudo para a sua volta. Ela parecia feliz, e isso me trouxe uma sensação de alívio.

— Podemos ir falar com ela, papai? — Ali perguntou mais uma vez.

Congelei no lugar por um tempo, tentando decidir o que fazer. Por um momento, considerei atravessar a rua e pegá-la de surpresa. Mas... será que

nosso reencontro acontecer assim seria justo? E por que Lara não tinha me contado que estava de volta?

— Você precisa ir para a escola agora, pequena, ou iremos nos atrasar. Você pode passar lá no final da aula, o que acha? — sugeri.

— Tá bem, papai.

Deixei minha filha na escola e estava pronto para ir até a floricultura falar com Lara quando o meu celular tocou e jogou meus planos para o escanteio.

— *Por onde você está?* — Nick quis saber.

— Acabei de deixar Ali na escola.

— *Ótimo, não saia daí. Já estou chegando e...*

— Eu marquei algo com você? — perguntei. Minha memória estava um pouco bagunçada com tanta coisa acontecendo, então talvez eu tenha esquecido algo importante.

— *Na verdade, não. Mas preciso de uma companhia para ir no galpão do meu fornecedor buscar umas bebidas e você foi o escolhido.*

Ah, porra.

— Nick, eu...

— *Já estou virando a esquina* — avisou ao mesmo tempo em que vi seu carro entrar na rua da escolinha de Ali.

Coloquei o celular no bolso antes de abrir a porta para entrar no carro.

— E se eu tivesse um compromisso mais importante do que esse? — perguntei, puxando o cinto para afivelá-lo.

— O que seria mais importante do que passar uma manhã na minha companhia, parceiro?

Passar a manhã na companhia da outra irmã Avelar, pensei.

E foi assim que, mais uma vez, precisei gerenciar a minha paciência à força.

A manhã passou de forma arrastada, pelo menos para mim. Tudo que eu mais queria era voltar para casa e ver se Lara ainda estava na floricultura, se ela já estava pronta para conversarmos e seguirmos em frente. Mas, assim que voltamos do fornecedor, já estava na hora de buscar Ali na escola.

— Como foi o dia, pequena? — perguntei enquanto caminhávamos até nosso prédio.

— Hoje eu aprendi o que é profissão. Você sabia que é esse o nome que a gente fala quando os adultos vão trabalhar? Sua profissão é fazer comida gostosa, não é, papai?

— É isso mesmo, pequena.

— E o da tia da escola é ensinar a gente — completou.

— Você aprendeu direitinho, espertinha — elogiei e ela abriu um sorriso.

— Papai, vai ter uma feira de profissões na escola e a tia disse que a gente tem que escolher uma pessoa que a gente conhece para falar sobre a profissão dela.

— E você já pensou em quem vai levar? — Já estava me imaginando explicando sobre gastronomia para um monte de pirralhos, até que...

— A tia Lara! — respondeu empolgada. É claro que minha filha não me escolheria. — Ela tem a profissão mais divertida do mundo.

— Tenho certeza que, se ela puder, vai adorar ir na sua escola ensinar sobre isso.

— Podemos ir falar com ela agora, papai?

— Se ela estiver na floricultura, podemos sim — falei.

Eu parecia ficar um pouco mais nervoso a cada passo que dava em direção à Pétala & Flor. Lara e eu não estávamos brigados, muito pelo contrário. Mas, ainda assim, não sabia como seria revê-la depois de três semanas. Estávamos praticamente na porta da floricultura quando Lara viu a gente se aproximando e acenou em nossa direção. Alívio percorreu meu corpo. Era um sinal, certo?

— Oi, tia Lara. — Minha filha correu para abraçá-la. — Eu estava com saudades de você. Você vai viajar de novo?

— Oi, Ali. Não, não vou mais viajar por um bom tempo. E eu também estava com saudade de você. — Ela ergueu os olhos para me fitar. — De vocês dois.

— Como foi a viagem? — perguntei.

— Exatamente o que eu precisava. Desculpa não ter te avisado que cheguei, mas meu celular ficou ruim e não tive tempo de sair daqui de dentro hoje. Tem muita coisa para organizar depois de tanto tempo fora.

Então ela não estava me evitando nem nada do tipo. Essa era uma notícia incrível.

— Não tem problemas, Lara. Mas a gente deveria conversar com mais calma depois, se estiver tudo bem para você.

— A gente com certeza precisa fazer isso. Talvez hoje à noite?

Antes que eu respondesse, Ali entrou na conversa.

— Tia Lara, vai ter uma feira de profissões na escola e eu disse para a tia que ia te convidar pra ir lá. Você vai, né?

— Eu jamais recusaria um convite seu, Ali. Me fala mais sobre essa feira... — Lara pediu e Alice passou vários minutos contando tudo que tinha aprendido na escola hoje.

— E que dia vai ser a feira? — perguntei.

— A tia colocou aviso na agenda, papai — Ali respondeu com um sorrisinho.

Abri a mochila da pequena e peguei a agenda, folheando até achar o dia de hoje.

— A apresentação começa amanhã e vai ser por ordem da chamada. Como Alice começa com A, o dia dela já é amanhã — avisei. — Se ficar muito em cima, eu...

— Não se preocupe, amanhã estarei lá. Preciso fazer alguns ajustes na loja antes de abri-la de novo. — Virando-se para Ali, completou. — O que você acha de eu levar alguns materiais para vocês me ajudarem a plantar flores?

— Vai ser o dia mais legal do mundo — Ali disse.

— Combinado, Ali. Vamos nos divertir amanhã.

— Obrigado, Lara. Você não precisava se esforçar tanto.

— O prazer é todo meu — falou.

Sempre que elogiava Lara, sua bochecha se tingia de vermelho. E, se notei uma mudança desde essa volta dela, é que Lara parecia mais segura. Não só pela forma como falava, mas também pelas reações que o seu corpo dava. Ela não pareceu ficar tímida com meu comentário.

— Posso te ajudar a levar as coisas até a escola — sugeri. Era o mínimo que eu poderia fazer.

— O que você acha de passar aqui a noite e aí podemos separar as coisas e colocar no seu carro? É bom que aproveitamos para conversar um pouco — foi a vez dela sugerir, e aceitei.

Nos despedimos de Lara e fomos para casa almoçar. Depois do almoço, levei a pequena para casa da tia Sara, que ficaria com ela hoje porque as duas tinham combinado de ir ao cinema. Ali estava cada vez mais parecendo uma adolescente, o que me deixava já preocupado em pensar como, de fato, seria sua versão adolescente.

Eu amava meu trabalho, mas hoje, quando meu expediente acabou horas mais tarde, fui a pessoa mais feliz do mundo. E, é claro, que isso tinha

a ver com o fato de que encontraria com Lara. Assim que cheguei na Pétala & Flor, encontrei minha garota sentada na bancada, com a ponta da caneta na boca e os olhos fixos em um papel.

— Estou atrapalhando? — perguntei.

— Claro que não — ela respondeu com um sorriso. — Estava só terminando de planejar umas coisas que aprendi no curso — contou.

— Sua mãe não quis me falar onde você estava — comentei, me aproximando dela e apoiando meus braços no balcão, ficando com o meu rosto na direção do dela.

— Eu pedi para que ela mantivesse segredo porque te conheço, Ian. E sei que, se não fizesse isso, era capaz de você aparecer lá atrás de mim.

— Porra, Lara, eu já te perdi uma vez. Não quero perder de novo — confessei. — Eu iria a pé, se precisasse. E eu nem sei onde caralhos você estava.

— Eu estava na Itália, em Milão, para ser mais exata. Já estava há um tempo namorando um curso que eles oferecem sobre biotecnologia vegetal e, com tudo que aconteceu, achei que era a hora perfeita para tirar esse sonho do papel. — Ela apoiou a caneta na mesa e usou as mãos para segurar as minhas. — Você não me perdeu, Ian. Eu tinha me perdido e precisava me achar. Eu pensei em você todos os dias e senti sua falta mais do que posso explicar, mas eu precisava de um tempinho a sós comigo.

— Você está feliz? — perguntei. — Achou o que procurava?

— Eu me sinto uma nova Lara e, ao mesmo tempo, a Lara que sempre fui. Sei que é confuso, mas... O que quero dizer é que consegui resgatar todas as minhas partes que estavam perdidas. Nada como estar em um país desconhecido, que você nem sequer fala a língua, para conseguir se encontrar. Como dizem, às vezes é preciso se perder para depois se encontrar. — Ela soltou uma risadinha. — Mas é bom estar de volta, é bom te ver de novo. Eu realmente senti sua falta, Ian...

— Eu também senti sua falta, amor.

— Ian, eu sei que você já esperou tempo demais, que nós já esperamos tempo demais. E, se não fosse tão importante para mim, eu não te pediria isso de novo. Me dá mais um pouquinho de tempo? Juro que é só mais pouquinho. Eu só... — Ela respirou fundo. — Preciso encerrar mais um pedaço da minha história para escrever a nossa história juntos da forma como ela merece. Sei que você não aguenta mais esperar e até me sinto mal de pedir isso, mas...

— Não sei se consigo esperar mais, porque eu te quero tanto que chega a doer, mas vou tentar — Peguei um pedaço do seu cabelo que havia se desprendido da trança e o coloquei atrás da orelha. Caralho, como era bom sentir a quentura da sua pele na minha.

— Obrigada, Ian. — O brilho no seu olhar indicava que ela realmente estava grata por ter ouvido seu pedido.

— O que você acha de, agora, a gente começar a preparar as coisas pra colocar no carro? — mudei de assunto, pelo menos por hora.

— Já deixei uma parte separada pra adiantar nosso trabalho — avisou.

Eu até daria mais um tempo para Lara, mas me faria presente em cada um dos seus dias. Até que ficasse insuportável esperar e a gente continuasse de onde paramos.



Na manhã seguinte, estacionei o carro em frente à escola de Alice e, junto com Lara, pegamos os kits com vasinhos, um pouco de terra, sementes e as ferramentas de jardinagem que seriam usadas com as crianças. Felizmente, a turma de Alice era pequena, o que facilitava bastante o nosso trabalho.

Apresentei Lara para a professora de Ali e ela nos levou até a sua sala. As crianças estavam ansiosas pois sabiam que teriam uma visita especial naquele dia. As cadeiras da sala tinham sido afastadas para os cantos e todas as crianças estavam sentadas no chão, formando uma roda. Assim como Lara, todas vestiam um avental. Minha garota sentou-se entre a professora e Alice. Eu fiquei fora da roda, recostado na mesa da professora, mas observando tudo.

— Alice, por que você não apresenta sua convidada para os amiguinhos? — pediu a professora.

— Pessoal, essa é a tia Lara. Ela trabalha plantando flores, a profissão dela é flo... Flo... Como fala mesmo, tia Lara?

— Florista.

— É, isso aí. A tia Lara tem uma casinha verde cheia de flores que ela planta e cuida até elas crescerem e ficarem lindas — Ali continuou explicando.

Uma criança levantou a mão e a professora deu a palavra para ela.

— Quantas flores existem no mundo, tia Lara? — a menina quis saber.

— Não sabemos ao certo quantas flores existem, mas são muitas, milhares. Talvez milhões. Vocês sabem o nome de alguma flor?

As crianças foram respondendo os nomes de flores que sabiam e não demorou muito para começarem a surgir várias novas perguntas para Lara, que respondeu a todos com paciência. Era gostoso ver o brilho no olhar da garota enquanto falava sobre o que mais amava.

— Ser florista é cuidar das flores, arrumar buquês e fazer arranjos bonitos para as pessoas. É como brincar de artista, mas com plantas! O que vocês acham de serem floristas por um dia? — Lara perguntou.

— Sim — responderam as vozes infantis.

— Vamos fazer uma atividade muito divertida. Vamos plantar as nossas próprias flores! Cada um de vocês vai ganhar um vasinho, um pouco de terra e uma sementinha. Meu ajudante, o senhor Diniz, vai distribuir.

Essa era a minha deixa. Fui distribuindo os kits que montamos para as crianças, que tinham olhos brilhando de empolgação tanto quanto Lara. Quando todos já estavam com seus kits, Lara mostrou como encher o vaso com a terra, fazer um buraquinho com a pazinha e colocar a semente dentro.

— Depois é só cobrir com mais um pouquinho de terra e dar água. Com o tempo, a semente vai crescer e virar uma flor linda para enfeitar a casa de vocês — ela completou.

As crianças estavam bastante animadas e concentradas em plantar suas sementes. Lara caminhava entre elas, ajudando aqui e ali, sempre com um sorriso encorajador. Ao final da atividade, cada criança tinha seu próprio vasinho com uma semente plantada.

— Vocês foram floristas incríveis! — elogiou Lara. — E querem saber algo muito legal? Plantar flores é, também, uma maneira de deixar o mundo mais bonito e colorido. Vocês estão ajudando a natureza a crescer e ficar ainda mais linda. Parabéns, pessoal.

— Vamos agradecer a tia Lara por ter vindo? — a professora disse.

— Obrigado, tia Lara — as crianças disseram em voz alta e, logo em seguida, bateram palmas.

Ajudamos a professora e os alunos a limparem a bagunça que tinha ficado para que as aulas das outras matérias pudessem continuar.

— Foi muito divertido passar a manhã com vocês. Espero que cuidem bem das suas plantinhas e que elas cresçam fortes e lindas — Lara disse ao se despedir.

Me despedi de Ali com um abraço apertado e disse que nos veríamos depois, quando eu voltasse para buscá-la no horário da saída.

— Você parecia estar se divertindo tanto quanto as crianças — falei para Lara quando entramos no carro e seguimos em direção à Pétala & Flor.

— Eu amei, Ian. Foi tão divertido poder passar meu conhecimento para as crianças, ensinar a elas um pouquinho do que sei e ver os rostinhos felizes em aprender algo novo — contou.

— Você já pensou em ser professora? Você pode, sei lá, abrir um curso infantil sobre alguma coisa relacionado ao plantio de flores ou algo do tipo. Acho que vai te fazer bem, Lara. Eu já te vi feliz em vários momentos, e o que vi naquela sala... Você definitivamente estava vivendo um dos melhores momentos da sua vida.

Lara ficou pensativa por um tempo.

— Acha mesmo que as pessoas iriam deixar com que eu ensinasse um pouco de jardinagem para os filhos delas? — perguntou.

Antes de responder a ela, estacionei o carro em frente ao meu prédio. Assim, podia olhar em seus olhos enquanto conversávamos.

— Não só acho como serei o primeiro a inscrever minha filha e fazer propaganda do seu curso por aí, Lara. E tenho certeza que vários dos amigos da escola da Ali também vão querer participar.

— Acho que vale a pena tentar — disse.

— É só uma questão de tempo até você ser a professora infantil de jardinagem mais famosa da Região Serrana. — Lara soltou uma risada, como se aquele pensamento fosse quase impossível.

— Obrigada por sempre acreditar em mim, Ian. — Ela soltou o cinto de segurança e virou o corpo em direção ao meu. — E isso vale para todos os aspectos da minha vida. — Eu sabia que ela estava se referindo ao fato de eu acreditar quando ela diz que precisa de um pouco mais de tempo.

— Serei sempre seu fã número 1, Lara. E estarei aqui para te lembrar disso quando você se esquecer.

Para minha surpresa, Lara se inclinou e deu um beijo no meu rosto. Era bom sentir sua boca em contato com a minha pele de novo.

— Nos vemos depois, Ian.

— Até mais, Larinha.



LARA AVELAR

Às vezes é preciso dar alguns passos para trás, respirar fundo, observar o mundo ao nosso redor e, só então, continuar seguindo em frente.

Meu aniversário não terminou exatamente da maneira como eu queria, mas, olhando em retrospecto, sinto que aconteceu exatamente o que eu precisava. Depois da conversa com papai, sabia que precisava me afastar de tudo por um tempo para me curar de uma vez por todas. Se as minhas feridas continuassem abertas, nunca poderia me entregar por completo a Ian, minhas inseguranças sempre iriam assombrar o nosso relacionamento e nenhum de nós dois merecia isso.

Por isso, tomei uma decisão que não foi tão fácil: decidi passar três semanas fora e embarcar numa jornada sozinha de autoconhecimento. O que melhor do que conhecer a si mesma para ajudar a curar onde dói? Já tinha vontade de fazer um curso na Itália e tudo que aconteceu serviu como um pontapé para eu arrumar minhas malas e partir rumo ao desconhecido.

Meu primeiro momento de reflexão veio ainda dentro do avião rumo a Milão, enquanto eu assistia a um filme de romance chamado Comer, Rezar e Amar e ouvi a frase: *"merecemos mais do que ficar juntos por medo de sermos destruídos se nos separarmos"*.

Eu tinha medo de ser descartável. Um medo tão grande que, por meses, me forcei a frequentar a academia para agradar Mauro ou ficava hipervigilante ao que comia pelo mesmo motivo. Por meses, ouvi frases sem noção da boca dele que, por mais que eu rebatesse, continuavam reverberando na minha cabeça e abriam minhas feridas.

Às vezes fico pensando se teria tido coragem de terminar tudo com Mauro se Ian não tivesse voltado para minha vida e reacendido as minhas partes que estavam quase apagadas. Se Ian não tivesse voltado, talvez eu não enxergasse que, na verdade, não amava mais Mauro. Eu o amei durante um tempo, não tenho dúvidas disso. Mas, depois, foi o medo de ser

descartável, e de nunca ser boa o suficiente para alguém, que me fez permanecer tanto tempo com ele.

Como eu realizaria o sonho de construir minha própria família se não fosse boa o suficiente para ninguém?

Desembarquei em Milão decidida não apenas a estudar sobre biotecnologia vegetal, como eu tanto queria, mas também a encontrar meu caminho de volta para mim mesma. Só a mamãe sabia meu real paradeiro. Desativei minhas redes sociais e só vivi, seguindo meu coração e as minhas próprias vontades, sem depender da validação ou opinião de ninguém. No final das três semanas, já estava me sentindo melhor e tinha descoberto mais sobre mim do que imaginei ser possível.

Quando desembarquei no Brasil, eu sabia o que queria. Depois de matar a saudade de dormir na minha cama, fui organizar algumas coisas na Pétala & Flor. Estava morrendo de saudades da minha casinha verde e não via a hora de colocar em prática tudo que havia aprendido na Itália. Mas reorganizar minha floricultura tomou mais tempo do que esperava e, antes que eu pudesse ir atrás de Ian, ele veio atrás de mim. Pedi a ele um pouco mais de tempo, embora não aguentasse mais ficar longe dele. Apesar de ter estado fisicamente longe dele durante esse tempo, Ian sempre estava comigo na correntinha pendurada ao redor do meu pescoço, com os pingentes que representavam as nossas tatuagens. Mas eu precisava finalizar duas coisas antes de prosseguir com a nossa história.

A ida até a escola da Ali ontem fez eu perceber o quanto eu amava ensinar, especialmente às crianças. Amava compartilhar o meu amor pelas flores com outras pessoas e vê-las amando as plantas tanto quanto eu. Depois disso, decidi que colocaria em prática a ideia de abrir uma turma infantil de jardinagem. Ontem mesmo, antes de dormir, fiz uma arte para divulgar meu curso nas redes sociais e hoje levaria alguns panfletos para deixar em algumas escolas. Mas, antes disso, precisava dar fim a uma coisa. Um encerramento de ciclo que, para mim, era muito importante concluir.

Quando estacionei meu carro em frente à academia, não senti meu coração acelerar e nem o frio na barriga. E, isso só foi possível, depois de finalmente entender e aceitar que aquele espaço não combinava comigo. Passei pela porta do lugar que, em várias ocasiões, foi um símbolo de estresse e obrigação para mim e me dirigi até a recepcionista.

— Bom dia, em que posso ajudar? — ela perguntou.

Desde que terminei com Mauro, não havia mais colocado os meus pés ali.

— Eu gostaria de cancelar minha matrícula, por favor — disse com orgulho de mim mesma, especialmente porque não senti nenhum pensamento distorcido me martirizar enquanto fazia isso.

Talvez, em algum outro momento, eu me apaixone por alguma atividade física diferente, mas treinar em uma academia fechada, com cheiro de gente suada e homens gemendo enquanto levantam pesos definitivamente não era para mim.

— Claro, me fale seu nome, por favor — pediu.

— Lara Vianna Avelar — respondi.

A recepcionista digitou meu nome no computador e imprimiu umas páginas para que eu assinasse. O alívio percorreu meu corpo ao, finalmente, encerrar esse ciclo que entrei sem querer. Devolvi as folhas para ela e me despedi com um sorriso.

Enquanto caminhava em direção à porta, senti uma sensação estranha. Um calafrio, como se alguém estivesse me vigiando. Olhei para trás, em um movimento involuntário, e dei de cara com o olhar de Mauro fixo em mim. Não desviei meu olhar do dele enquanto meu ex-namorado largava os pesos de qualquer maneira no chão e andava na minha direção. Eu não iria fugir dele, mas não iria causar uma cena ali, na recepção e na frente de vários alunos. Por isso, saí da academia e o esperei recostada no meu carro.

— Que surpresa te ver por aqui, gatinha. Sentiu saudades de mim? Finalmente você percebeu... — Seu tom era de deboche e me fez ficar com ainda mais raiva.

— Não vim atrás de você, Mauro. Vim trancar minha matrícula porque estou cansada de carregar mais peso do que preciso — falei, o interrompendo. — E não estou falando apenas dos pesos da academia.

— O que você quer dizer com isso, Lara? — Mauro questionou.

E foi toda a deixa que eu precisava para encerrar meu último ciclo.

— Eu fiquei me questionando durante um tempo se deveria falar com você, mas acredito que algumas pessoas precisam saber o quão inconvenientes elas são. E o quanto elas são prejudiciais às outras.

— Que porra você está falando?

— Você me magoou muito, Mauro. Muito mesmo. Eu amei você e, por isso, ignorei todos os alertas vermelhos que meu corpo me enviava quando você fazia um comentário ou outro que ativava os meus piores

pensamentos. Eu quero que você saiba que você me fez mal com as suas palavras. Um namorado deve fazer sua parceira se sentir segura e não a deixar com medo de ser descartável por conta do que ela come ou do estilo de vida dela. Você nunca me priorizou. Essa academia estúpida e seus anabolizantes idiotas sempre foram mais importantes do que o nosso relacionamento e, quando sentiu que iria me perder, ao invés de tentar melhorar, você ficou pior ainda. Você não respeitou nem sequer a minha família! E conseguiu me magoar ainda mais. Não sei se você me amou de verdade, não sei o que te fez ficar comigo para começo de conversa, e isso já não me importa. Porque você não importa mais para mim. Se eu pudesse, apagaria o nosso relacionamento da minha história, mas, como não posso, estou aqui para dar o final que ele merece. A melhor coisa que eu fiz foi me livrar de você. — Todas as vezes que ele abria a boca para tentar argumentar, eu continuava falando. Não queria conversar com ele, queria apenas colocá-lo em seu lugar. — Por várias vezes, você fez com que eu não me sentisse boa o suficiente e quer saber? Eu não sou boa o suficiente para você, Mauro. Na verdade, eu sempre fui boa demais para um cara igual a você.

Sem dizer mais uma palavra sequer, destravei meu carro e entrei nele. Mauro ainda parecia um tanto confuso, perdido e boquiaberto. Ele não esperava ouvir tudo que ouviu e isso me deixava ainda mais feliz. Coloquei a chave na ignição e antes de arrancar com o carro, senti suas mãos baterem na janela, com as palmas abertas.

— Você é maluca, garota, e não sabe o que está perdendo — ouvi ele dizer.

Com um sorriso no rosto, abaixei o vidro porque queria que ele ouvisse, em claro e bom som, a minha resposta.

— Melhor do que isso, eu sei exatamente o que estou ganhando: liberdade. E um namorado decente, que é melhor e maior do que você... — Fiz questão de analisá-lo de cima a baixo. — Em todos os sentidos.

Mauro pareceu mais ofendido com essa última parte do que com todo meu monólogo. Mas isso não me importava mais. Nada referente a ele me importava mais. Ainda com um sorriso no rosto, arranquei com o carro deixando Mauro e todo nosso passado para trás. Estava na hora de fazer as pazes de uma vez por todas com o meu presente e com o futuro que nos aguardava.

Minutos mais tarde, estacionei em frente ao prédio de Ian. Meu coração parecia prestes a sair pela boca. Para que meu plano desse certo, contei com a ajuda de Caio, que arrumou uma desculpa para Ian não ir trabalhar hoje, e Cora, que ficou responsável por cuidar de Alice. Desci do carro e o porteiro, que já me conhecia, abriu um sorriso ao me ver. O tempo pareceu passar em câmera lenta enquanto eu caminhava até o andar dele e apertava a campainha do seu apartamento.

— Oi, Ian — falei assim que ele abriu a porta, parecendo surpreso em me encontrar do outro lado. — Posso entrar pra gente conversar?

— Você pode entrar quando quiser na minha casa, amor — respondeu.

Nos sentamos no sofá, de modo que ficássemos de frente um para o outro.

— Aconteceu alguma coisa? — Ian perguntou parecendo preocupado.

— Aconteceu... Eu não aguento mais ficar longe de você, Ian — confessei.

— Porra, Lara... — disse levando a mão até o peito e parecendo aliviado. — Você me deixou nervoso pra caralho agora. — Soltei uma risadinha.

— Quando te pedi para esperar só um tempinho a mais, eu realmente quis dizer só um tempinho. Eu te amo, Ian. E te amei durante todos os anos que nos separaram, por mais que eu fingisse que não. Amei sua versão adolescente rebelde, mas descobri que amo ainda mais o homem incrível e o pai maravilhoso que você se tornou. Se tudo que passamos foi preciso para que esse momento, aqui e agora, existisse, então tudo bem. Eu amo o nosso aqui e agora e amo as versões que nos tornamos. Amo a mini versão de você que só existe por conta do nosso passado. — Ian me fitava com amor, admiração e devoção. Como se eu fosse um sonho se tornando realidade. Como se ele estivesse ouvindo o melhor discurso já proferido. — O que quero dizer é que, por mais que o passado tenha nos magoado, isso já não importa. Essas feridas já não doem mais. Tudo que importa é o nosso futuro. Toda a história que nós três vamos construir daqui para frente. Não vejo mais a minha vida sem você e sem a Ali. A gente já perdeu tempo demais e não quero passar nem mais um segundo da minha vida longe de você. Obrigada por me dar a dose de tempo que precisei, mas, agora, tudo que eu preciso é você.

Ian ficou por silêncio alguns segundos, como se digerisse cada uma das minhas palavras com a atenção que elas mereciam, enquanto suas mãos

acariciavam as minhas em um gesto de carinho.

— Eu te amo pra caralho, amor. E pensei em você a cada segundo que passamos longe um do outro. Você sempre foi minha, Lara, e eu sempre fui seu. E não pretendo sair do seu lado nunca mais. Eu já experimentei uma vida sem você e odiei. Não vou cometer esse erro de novo. Eu já disse que te amo pra caralho, Lara Avelar?

— Você disse, mas pode repetir quantas vezes quiser — respondi.

— Eu te amo pra caralho, amor. E, talvez, só as palavras não sejam o suficiente para que você entenda isso. Então acho melhor te mostrar — disse com um sorriso sugestivo no rosto que fez tudo em mim queimar.

Tinha sentido falta de cada aspecto de Ian no período que me afastei. Da sua fragrância masculina que sempre parecia estar misturada com algum tempero aromático, das covinhas sutis que ficavam escondidas por baixo da sua barba por fazer, das tatuagens que cobriam parte dos seus braços, daquela em minha homenagem que ocupava seu tórax, do seu corpo sobre o meu, dos sons que deixavam sua boca quando gozava… Ah, droga, eu já estava excitada e nem tínhamos começado.

Ian veio até mim e sorriu examinando meu rosto. Cada pedaço da sua face parecia querer ter certeza de que eu estava ali e finalmente não iria a lugar nenhum. Quando sua boca grudou na minha, foi como se o meu mundo voltasse a encontrar a órbita de onde nunca deveria ter saído. Suas mãos vieram para a minha bunda e ele me ergueu no ar, me colocando ao redor da sua cintura do jeito que sempre gostava de fazer.

Segurei seu pescoço, entrelaçando meus pés para ajudá-lo a me carregar. Não separei nossas bocas, decidida a manter nosso beijo por todo tempo que eu pudesse. O senti caminhar e não seguir para o conhecido corredor que levava até os quartos. Mordisquei seu lábio, me afastando brevemente só para perguntar:

— Para onde estamos indo?

— Para a minha cozinha — declarou. Senti minhas pernas sendo apoiadas na ilha de granito. — Não é justo que o BarVelar seja o único a ter as honras, não é?

Ah, meu Deus.

Ian empurrou meu corpo, me fazendo deitar contra a pedra fria. Se eu não estivesse tão quente por dentro, talvez tivesse reclamado da sensação. Sua mão navegou por baixo do meu vestido, tateando minha pele e incendiando cada pedaço por onde passava. Seus dedos tocaram o tecido da

minha calcinha, brincando o elástico e me deixando na expectativa de ser despida. Mas é claro que com ele nada seria tão simples assim.

— Não estou com pressa, amor — provocou, descalçando meus sapatos e massageando meus pés. Seus dedos subiram pela minha pele em apertões e carícias que me fizeram arquear a coluna. — Esperei por você até agora, é o momento de te saborear.

— Eu estou… — arfei. — com pressa — confessei. Ian soltou uma risadinha e inclinou o corpo, colando os lábios na minha coxa e subindo em uma trilha de beijos.

— O que você quer de mim, Lara Avelar? — perguntou em um tom sugestivo.

Meu peito subia e descia com a respiração ofegante a cada milímetro que ele se aproximava da minha boceta. Abri os olhos por um breve segundo só para encará-lo com o semblante repleto de desejo.

— Eu quero tudo de você, amor. — O apelido carinhoso deixando os meus lábios pareceu levar Ian para um lugar quase celestial.

Suas pupilas dilataram, os olhos brilharam e, em míseros três segundos, me vi sem o vestido e o sutiã.

— Tem uma coisa… — Ian começou me puxando para a beirada da bancada e apertando minhas pernas. — que sempre quis fazer.

— O quê?

Ele esticou a mão para algo que eu não conseguia ver, pegando algum objeto na parte inferior da bancada. Franzi a testa tentando descobrir o que raios ele estava aprontando, mas antes que eu pudesse questionar o vi abrir um pote de calda de melancia com a boca. A cena não só me colocou a ponto de ebulição por imaginar o que ele pretendia fazer, como também foi sexy para caramba por si só. Talvez eu achasse qualquer coisa em Ian sexy para caramba.

— Isso aqui. — Ele virou o pote sobre o meu corpo, lambuzando propositalmente os meus peitos e deixando o líquido açucarado escorrer pela minha barriga.

Fechei os olhos já esperando o que viria a seguir, mas nem mesmo nas minhas melhores fantasias a sensação era igual. Ian cobriu o meu mamilo com a boca, lambendo a calda e, consequentemente, o bico do meu peito. Seus dentes se fecharam de leve, mordendo e arranhando toda a extensão de pele que encontrava disponível.

Meu amor colocou a língua para fora e lambeu o vão entre os meus seios por onde mais um pouco de calda tinha escorrido e seguiu para o outro peito. Suas mãos continuavam me apalpando e minha calcinha entrou na minha boceta, marcando toda a umidade que se encontrava ali.

Conforme sua língua descia pela minha barriga, mais ansiosa eu ficava. Sentia meu clitóris pulsar e a pressão no meu baixo ventre se intensificar. Levei minhas mãos até os cabelos de Ian, sem nem perceber que estava o empurrando para baixo inconscientemente.

— Até que você fica bem gostosa com calda de melancia — provocou, sugando o espaço abaixo do meu umbigo. — Mas tem um sabor que eu ainda prefiro mais.

— Ah, meu Deus — gemi, sentindo sua boca continuar descendo até a minha calcinha.

— Não sou seu Deus, amor, mas sou seu homem. — Se a declaração já não fosse boa o suficiente para me excitar, seus dentes prendendo a lateral da minha calcinha teriam feito isso.

Ian começou a me despir devagar, de um lado com a boca e do outro com a mão, levando a peça até os meus pés e lançando longe. O sorriso safado que estampava seu rosto deixava claro que eu estava fodida e, bom, literalmente. Ele afastou minhas coxas, se encaixando entre elas, e com os lábios molhados depositou beijos na região interna, passeando até chegar no meu clitóris. Quando chegou a boca e sugou meu ponto mais sensível, soltou um gemido alto. *Obrigada, Deus, por Alice não estar aqui.*

— Deliciosa — arfou, sua fala vibrando meu nervo. — Melhor do que qualquer calda de melancia.

Sua mão subiu devagar e, enquanto Ian me chupava, dois dedos abriram passagem na minha abertura. Para variar, deslizaram rapidamente pela minha umidade, entrando e saindo com facilidade. Ian tinha um jeito muito específico de me tocar, como se conhece cada pedacinho meu por dentro. E não era só a minha alma que eu estava me referindo.

Sua língua me sugava, me chupava, me devorava. Cada parte minha já estava pronta para colapsar em mais um dos orgasmos fortes que só ele sabia me oferecer. Quando minhas coxas ameaçaram se fechar ao redor da sua cabeça, Ian parou. Simplesmente *parou.* Tirou a boca da minha boceta e os dedos de dentro de mim, me deixando em abstinência de tesão.

Me apoiei nos cotovelos, encarando-o sem acreditar.

— O que você pensa que está fazendo?

O sorriso de orelha a orelha e suas pupilas dilatadas eram a visão do paraíso.

— Você vai gozar, amor, mas vai só vai gozar com meu pau enterrado em você.

E antes que eu pudesse protestar, Ian puxou minhas pernas, me envolveu ao redor do seu corpo e me beijou, enquanto caminhava comigo na direção do corredor que levava ao quarto. O gosto da minha boceta na sua boca estava misturado com o da calda de melancia, o que foi estranhamente afrodisíaco.

Estava tão imersa no seu sabor, que não o vi abrir e fechar a porta, e só me dei conta de que estávamos no quarto quando meu corpo foi posicionado no colchão. Ian, de pé, puxou a camisa pela cabeça daquele jeito masculino que me levava à loucura. Em seguida, abriu o botão da calça e deixou que escorresse pela sua perna.

Sem cueca. O desgraçado estava sem cueca.

O pau gigante, duro e cheio de veias fez a minha boca salivar. Por um segundo, quase implorei para que ao invés de me comer, eu pudesse chupá-lo. Mas então, Ian deu a volta na cama e se jogou no espaço ao meu lado.

— Vem aqui e monta no meu pau.

Era curioso que, apesar de Ian e eu termos muita bagagem, ainda estávamos descobrindo uma série de coisas juntos. Novas experiências, novas sensações. Eu nunca tinha transado com ele indo por cima, mas estava animada para descobrir como seria.

Rolei pela cama, mas ao contrário do que me pediu, decidi que era hora de também complicar um pouco mais a situação do meu namorado. Ao invés de sentar de frente para ele, virei de costas, pegando seu pau com a mão e o mantendo para cima enquanto encaixava minha boceta. Minha bunda apoiada na sua barriga e os meus cabelos escorrendo pelas costas, era uma visão que eu sabia que Ian apreciava.

— Você é — gemeu. — a porra — gemeu de novo, enquanto eu me esfregava no seu pau e rebolava devagar. — da mulher mais gostosa — Subi e desci, quase saindo totalmente do seu membro e sentando novamente para que me penetrasse. — do planeta.

— Que sorte que sou sua então, amor.

Eu o estava provocando, mas também estava perto de gozar.

Ian segurou minha bunda, se atrevendo a beliscar de leve uma das minhas nádegas em um momento de tesão. Apoiei minhas mãos na frente,

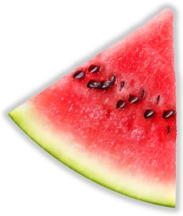
entre as suas pernas e subi e desci tão rápido no seu pau, que nem precisei tocar meu clitóris para conseguir atingir o prazer. Gozei forte ao redor do seu comprimento, sem parar de quicar e o escutando proferir uma série de palavrões que meu cérebro nem processou.

Quando ele segurou meu quadril, me fazendo ficar imóvel e arremeter com o próprio corpo para cima, senti o seu orgasmo chegando. Ian esporrou dentro de mim, metendo com tanta voracidade que achei que gozaria duas vezes.

— Caralho — arfou, com a respiração ofegante e o pau ainda dentro de mim. — Eu amo você, Lara.

Soltei uma risadinha, permitindo que meu corpo caísse para trás, exatamente sobre o dele. Ian me envolveu com os braços, depositando beijos no meu pescoço.

— Eu amo você também, Ian.



Capítulo 43.

LARA AVELAR

O sol já estava se pondo quando Ian saiu para buscar Alice na casa de Cora e Caio. Nossa tarde juntos foi incrível e ficaria ainda melhor quando Ali chegasse para completar nossa família.

Família. Ainda que eu sonhe em casar com Ian um dia, não era necessário assinar nenhum papel no cartório para saber que os dois eram a minha família. Eles eram o meu lar. A parte mais florida dos meus dias.

— Você está pronta para a surpresa? — Ouvi Ian perguntar enquanto abria a porta do apartamento.

— Sim, papai! — Ali respondeu empolgada.

Assim que Alice me viu sentada no sofá, seus olhinhos brilharam e ela veio correndo em minha direção, me dando um abraço apertado. Consegui sentir o cheiro de melancia que vinha da sua cabecinha. Como nós duas podíamos ser tão iguais em tantos aspectos?

— A surpresa é que a tia Lara vai jantar com a gente? — quis saber. — A gente pode brincar de boneca antes do jantar?

— Podemos, sim. Mas, antes disso, seu papai e eu temos uma coisinha para te contar.

Ian sentou ao meu lado no sofá e Ali permaneceu em pé, de frente para nós dois.

— Pequena, lembra quando o papai te explicou que quando os adultos se amam muito, eles namoram? — Ela assentiu. — Você sabe que o papai ama muito a tia Lara, não sabe? E a tia Lara também ama o papai. E, por isso, nós dois estamos namorando.

— Isso significa que, agora, eu vou passar mais tempo com vocês dois — completei. — O que você acha disso, Ali?

— É a coisa mais legal do mundo todinho e do universo! — ela gritou, dando pulinhos e batendo palmas.

— Acho que a Ali aprovou nosso namoro, amor — Ian disse no meu ouvido enquanto a filha comemorava.

— Tia Lara, você vai me colocar para dormir alguns dias? — perguntou.

— Sempre que você quiser, querida.

— E a gente pode pintar as unhas uma da outra?

— Com certeza. Você sabe que eu amo pintar nossas unhas da mesma cor — falei.

— Tia Lara, você vai vir morar na nossa casa?

Ian e eu trocamos um olhar. Nós não conversamos sobre isso, mas a resposta era bem óbvia. Não iria demorar muito para esse momento acontecer. Ian e eu nos conhecemos praticamente a vida inteira e sabemos que queremos estar na vida um do outro para sempre.

— Isso vai acontecer, Ali, mas, enquanto não acontece, você com certeza vai me ver dormindo aqui em alguns dias — falei.

— Agora que você namora o papai, eu posso te chamar de mamãe? — Os olhinhos dela brilhavam de uma forma diferente enquanto esperava ansiosa pela minha resposta.

Sentei mais na beirada do sofá, me aproximando ainda mais dela, e segurei suas mãozinhas.

— Você pode me chamar do que quiser, mas vou ficar muito feliz se você quiser me chamar de mamãe — falei.

— Você é a minha mamãe — ela afirmou e meu coração foi tomado por um sentimento novo. Uma alegria diferente de tudo que já vivenciei. A conexão que eu sentia com essa garotinha era inexplicável e me fazia muito feliz.

— Agora que você é minha mamãe, eu vou ganhar um irmãozinho? — perguntou.

— Essa conversa está indo longe demais — Ian brincou. — Você já me dá muito trabalho, pequena. Imagina duas de você?

— Eu vou ajudar a cuidar do meu irmãozinho, papai, eu prometo — disse fazendo aquela carinha que torna difícil negar qualquer pedido que saia de sua boca.

— Acho que assim vai ser tranquilo ter mais um bebê — falei.

Ian virou-se para mim, e, mais uma vez, senti seu olhar me atingir com ar de adoração. Era gostoso me sentir tão desejada, tão amada. Tão admirada. Era incrível saber que o cara que eu amo não só me ama de volta, mas me ama exatamente do jeito que eu sou. Mesmo com meus defeitos e mesmo nos meus dias ruins.

— Você está falando sério? — Ian perguntou.

— Eu quero tudo com você, Ian. E isso inclui mais filhos para a nossa família, amor.

— Eu amo você, Lara.

— Eu também amo você. — Me inclinei para dar um beijo nele e, quando Alice começou a rir, interrompemos nossa demonstração de afeto, também em meio a risadas. Teríamos todo o tempo do mundo para continuar nos beijando mais tarde.

— Sou o cara mais sortudo do mundo de ter duas garotas incríveis — disse Ian.

Passamos mais algum tempo ali na sala, sentados no sofá, brincando, rindo, conversando e sendo a família feliz que tanto desejei ser com eles. Ian e Alice me completavam de uma forma inexplicável.

Começamos a sentir fome e meu namorado estava prestes a ir para a cozinha preparar o nosso jantar quando recebemos uma mensagem de Cora. Minha cunhada disse que tinha exagerado na quantidade de pizzas que pediu para o jantar e nos convidou para ir comer com eles.

— Vocês querem jantar pizza? — perguntou para nós duas.

— Mas é claro que sim — respondemos juntas.

Ian confirmou nossa presença com Cora e acompanhei Ali até o quarto para tomar um banho rápido e trocar de roupa.

— Quer que eu faça uma trança? — perguntei à garotinha enquanto penteava seus cabelos após o banho.

— Sim, mamãe — respondeu.

Fiz uma trança escama de peixe nas madeixas dela pois sabia que era o seu penteado favorito. Assim que terminei o penteado, Ali encarou seu reflexo no espelho.

— Gostou, filha? — perguntei. Ali abriu um sorriso ao ouvir a forma como a chamei. Ela pode não ter nascido da minha barriga, mas é minha filha. E eu a amo tanto. Amo seu humor engraçadinho, sua esperteza e a forma como compartilha tanta coisa parecida comigo como o amor pelas flores, tranças e essência de melancia.

— Está lindo, mamãe. — Seu olhar encontrou o meu no espelho. — Estou linda igual a você. Eu quero ser como você quando eu ficar *mais grande.*

— E por que você quer ser como eu? — perguntei curiosa.

Ali virou-se em minha direção e me agachei para que ficasse da sua altura.

— Porque você faz a gente rir, é bonita, sabe fazer trança, plantar flores e sempre escolhe as cores mais legais do mundo pra pintar a unha... Você é a pessoa grande mais legal que eu conheço. — Ali me deu um abraço apertado, que eu retribuí. — Eu amo você, mamãe. Você é a melhor mamãe do mundo!

Senti meu coração se aquecer com as palavras doces e tão sinceras. No final das contas, essa era a única aprovação que realmente importava: ser um bom exemplo para a garotinha que eu tinha escolhido criar e amar como filha. E, se Ali me via como uma mulher incrível e se inspirava em mim, então eu sabia que estava no caminho certo.

— Essa é a coisa mais linda que alguém já me disse, Ali — falei com a voz embargada de emoção. — Eu amo muito você, filha. Você também é a melhor filha do mundo.

— Minhas garotas já estão prontas para ir? — Ian perguntou, surgindo na porta do quarto da nossa filha.

— Estamos! — respondi.

Caminhamos de mãos dadas até a casa de Caio, mas foi Nick quem abriu a porta do lugar para nos recepcionar.

— Oi, tio Nick! — Ali cumprimentou meu irmão, que a pegou no colo para um abraço.

— Estava com saudades de você, pirralha. A gente não se vê há muito tempo — Nick disse.

Os dois saíram conversando, deixando Ian e eu sozinhos na porta de entrada. Gabi, Cora e Caio estavam na área externa.

— Vamos contar a eles a novidade? Não aguento mais guardar segredo — falei.

— O que você quiser, amor.

Eu não queria mais esperar. Queria compartilhar minha felicidade, a nossa felicidade, com todos que mais amamos. Ian e eu caminhamos até a área externa e eu já estava pronta para dizer que tinha novidades quando fui interrompida por Nick.

— Ian, sua filha é engraçada pra caralho. Ela me contou que viu você e a Lara se beijando — Nick disse. — De onde a pirralha tira essas ideias?

Cora tentava segurar uma risada e Gabi me encarava com olhos arregalados e um sorriso no rosto.

— Ah, meu Deus. Isso quer dizer que... — Gabi começou a dizer.

— Exatamente — falei com um sorriso e entrelacei minha mão mais uma vez a de Ian. — Eu queria contar a novidade antes, mas alguém estava empolgada demais para compartilhar — brinquei.

— Porra, até que enfim. Todo mundo já esperava essa notícia há um tempo — Caio disse.

— Eu estou tão feliz por vocês — Cora disse, vindo abraçar Ian e eu.

— Eu também. É a melhor notícia que vocês poderiam nos dar, embora não seja uma grande novidade porque era meio óbvio — Gabi comentou.

— Galera, eu estou um pouco perdido aqui... Por que vocês estão falando em código? — Nick perguntou.

— Amor, Lara e Ian estão juntos — Gabi disse.

— Eu vi que eles chegaram juntos, mas por que eles merecem parabéns por isso?

— Caralho, Nicolas, eles estão namorando! Por isso a Ali viu os dois se beijando, idiota — Caio contou.

— Ah... — Nick ainda demorou uns segundos para processar a notícia por inteiro. — Ah, porra! Você está namorando a minha irmãzinha? — Nick perguntou para Ian.

— Pelo menos um de vocês ficou surpreso com a notícia — disse meu namorado.

— Caralho, desde quando vocês estão juntos? Por que ninguém me contou antes? — meu irmão reclamou.

— Amor, era bem óbvio que rolava algo... — Gabi disse em meio a risadas.

— Porra, eu achei só que vocês eram amigos demais — Nick falou.

— Eles são tão amigos quanto você e a Gabi, parceiro — Caio implicou.

— Você é muito melhor que o antigo namorado, se quer minha opinião — Nick disse. — E, se vocês estão felizes, então eu também estou. Pra caralho.

— Nunca estive tão feliz, irmão. Ou devo te chamar de cunhado a partir de agora? — Ian quis saber.

— Pode me chamar do que quiser, mas se você quebrar o coração da Larinha vou te mostrar o poder desses meus parceiros aqui — Nick disse, forçando os braços para os bíceps parecerem maiores.

— Não vai ser necessário, cunhado. — Ian virou-se para mim e completou. — Tudo que eu mais quero é fazer o coração da minha garota feliz.

E ele estava fazendo.



— Eu vou sentir tanta saudades sua, Larinha — papai disse quando saí oficialmente de casa. — Essa casa vai parecer vazia demais sem você.

— Eu estarei apenas a algumas ruas de distância, pai — brinquei.

— Você sabe que essa casa vai ser sempre sua, né? Você pode voltar quando quiser... Mas sei que não vai ser preciso. Você também está em casa ao lado de Ian, não importa em que lugar do planeta vocês estejam. É bom te ver tão feliz, meu amor. Vocês dois merecem — mamãe disse ao me abraçar.

— Obrigada por tudo, mãe. Espero ser uma mãe tão incrível quanto você — falei.

— Você já está sendo, querida — ela garantiu.

Acordei com uma criança empolgada pulando bem no meio da nossa cama.

Na semana passada trouxe a minha última mala com roupas para a casa de Ian que, agora, era oficialmente a nossa casa. Minha mudança aconteceu aos poucos, de forma tão gradual que, quando percebi, já estava morando mais aqui do que na casa dos meus pais.

Mês passado, quando ele quis mudar a cor da parede da sala, fui eu quem escolhi a tinta que iria ser usada. E no mês anterior, quando o sofá precisou ser trocado, eu o acompanhei até a loja para escolher um novo. Ian já me tratava como sua parceira de casa, pedindo minha opinião para tudo. Uma parte do seu guarda-roupa já estava repleto de coisas minhas, assim como as prateleiras do banheiro. Depois de alguns meses namorando oficialmente, esse pareceu um movimento natural. O movimento certo.

— Levanta, papai. Você prometeu que a gente ia fazer bombom de melancia juntos — Ali disse.

— A gente não precisava fazer bombom às sete horas da manhã, pequena — Ian reclamou, ainda sonolento. Não posso culpá-lo, nossa noite ontem foi bem agitada. Nós tínhamos muitos anos separados para recuperar, afinal de contas.

— Mas a tia Sol vai chegar para almoçar com a gente — Ali disse ansiosa.

Sol, a antiga babá de Alice, finalmente viria nos visitar. Eu estava animada para conhecer a senhora de quem Ian fala tão bem e que o ajudou durante tanto tempo com nossa garotinha.

— Ela ainda vai demorar um tempinho para chegar, Ali — entrei na conversa. — Por que a gente não toma um café da manhã e, depois, preparamos tudo para fazer o doce?

Alice aceitou minha sugestão e me levantei da cama para arrumar nosso café da manhã, enquanto Ian descansava mais um pouco. Consegui distrair a nossa garotinha apresentando a ela alguns desenhos que gostava de assistir quando tinha sua idade.

Algum tempo depois Ian levantou, mais descansado, e arrumou tudo na cozinha enquanto eu trançava o cabelo de Ali. Quando meu namorado terminou de separar todos os ingredientes que usaríamos na receita, Ali e eu vestimos nossos aventais iguais de estampa de kiwi e estávamos prontas para colocar a mão na massa.

Na cozinha, o cheiro doce de melancia já enchia o ar.

— Lara, você pode começar picando a melancia em cubos. Enquanto isso, a Ali pode ir espetando esses pedacinhos com os palitos — Ian ordenou naquela voz de *chef* de cozinha sexy que eu amava.

— Amo quando você me dá ordens — me aproximei para sussurrar no ouvido dele.

— Então vou te dar muitas mais tarde, amor — respondeu.

Um tempo depois, Ali e eu já tínhamos terminado a nossa primeira tarefa.

— Muito bem, *sous chefs* Lara e Ali. Esses pedaços vão para o congelador por um tempo, para ficarem bem firmes.

— Deixa que eu coloco lá — falei.

— Enquanto isso, vou preparar o chocolate. — Ele colocou uma tigela com pedaços de barras de chocolate em banho-maria para derreter lentamente. Ali e eu, é claro, aproveitamos para comer uns pedaços da barra que havia sobrado.

Quando o chocolate ficou pronto, Ian me pediu para pegar os pedaços de melancia do congelador. Eles já estavam firmes e prontos para serem mergulhados no chocolate.

— Agora vem a parte divertida. Ali, você pode mergulhar a melancia no chocolate. Eu vou te ajudar — o *chef* Diniz disse.

Alice, com a ajuda do pai, mergulhou os pedaços de melancia no chocolate derretido. Depois disso, colocamos os bombons em uma assadeira com papel manteiga e a levamos para a geladeira, para o chocolate endurecer bem.

— Sol me mandou uma mensagem dizendo que chegou na rodoviária — Ian avisou.

— Pode ir buscá-la, amor. Eu arrumo essa bagunça — falei.

Com a ajuda de Ali, terminei de dar um jeito na cozinha bem no momento que a porta do apartamento se abriu e uma senhora sorridente entrou no espaço, ao lado de Ian.

— Tia Sol! — Alice gritou, indo correndo em direção a mulher.

A primeira vez que ouvi Ali mencionar o nome de Sol, me corroí de ciúmes por dentro. E, na época, Ian estava longe de ser meu namorado. Acho que, apesar de tudo, uma parte de mim sempre soube que encontraríamos o caminho de volta para casa, um para o outro.

— Ali, como você está grande! — Sol disse emocionada, como uma avó vendo a neta depois de um longo tempo longe. — Parece que foi ontem que você era só uma bebezinha que eu amava ninar enquanto cantava cantigas de roda. Eu estava com saudades de você, minha florzinha.

— Eu também estava com saudades, tia Sol.

— Lara, essa é a Sol. Sol, essa é a minha Lara — Ian apresentou.

Eu amava quando ele me chamava de *amor*. Mas amava ainda mais quando ele me chamava de *minha Lara*. Porque eu era dele, sempre tinha sido. E planejava ser pelo resto dos meus dias.

— É um prazer finalmente te conhecer, Sol — falei, abraçando-a.

— O prazer é todo meu, Lara do Ian — Sol implicou. — Você é ainda mais linda pessoalmente. Sabe, querida, já ouvi tanto sobre você que parece que te conheço a vida inteira.

— Espero que a Ali tenha falado coisas boas sobre mim — brinquei.

— Ela com certeza disse, mas eu estava me referindo ao Ian. Desde que ele voltou para Teresópolis, não teve uma ligação em que não mencionou você — contou.

— Pô, Sol, não precisava me entregar assim — Ian falou.

— Eu estava ansiosa para saber quem era a garota que não saía da cabeça dele. Querida, você já estava deixando esse homem maluco. E no

melhor sentido possível — ela disse.

Abri um sorriso vitorioso em direção a Ian.

— Sol, o que você acha da gente sentar um pouquinho aqui no sofá da sala e você me contar tudo que esse carinha te disse sobre mim? Enquanto isso, ele pode preparar o nosso almoço — sugeri.

Sol e eu passamos o resto da manhã conversando, com Alice brincando no tapete da sala e o cheiro da comida que Ian estava preparando completando o ambiente. Durante o almoço, ela contou várias histórias engraçadas sobre a época em que ajudava Ian com Alice. Sol era divertida, carinhosa e muito inteligente. Fiquei feliz em saber que Ian pode contar com a ajuda dela em um momento tão caótico, quando estava longe de todos da família.

Mais tarde, fomos levar Sol para conhecer um pouco da cidade. Ela ficou encantada com Teresópolis e com toda a natureza que cercava a cidade.

— Esse é o famoso Dedo de Deus. É o pico mais famoso da região serrana e tem esse nome porque parece muito uma mão apontando o dedo indicador para o céu — contei, enquanto estávamos parados no Mirante do Soberbo, observando o sol se pôr.

— Jamais teria uma vista dessa em São Paulo — Sol comentou. — É magnífica.

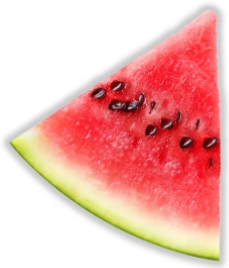
— Você deveria se mudar pra cá, Solzinha. É muito melhor que aquela cidade cinza e cheia de prédios — disse Ian.

Voltamos para casa um tempo mais tarde e, depois do jantar, quando Ian estava dando banho em Alice e a preparando para dormir, servi uma taça de vinho para Sol e para mim.

— Eu nunca os vi tão felizes, Lara. Acho que, desde que conheço Ian, é a primeira vez que o vejo com esse brilho no olhar. Um brilho diferente, de quem é feliz de verdade, de quem sabe que é amado... — Ela deu um gole na sua bebida. — De quem finalmente encontrou o que procurava: um lugar para pertencer.

— Acho que nós dois encontramos o nosso lugar, Sol — falei.

Todos nós estávamos finalmente em casa.



Epílogo.

IAN DINIZ

ALGUNS ANOS DEPOIS

— Quem colocou a lixeira desse lado? — perguntei, ainda que, no fundo, soubesse a resposta.

— Faz muito mais sentido ela ficar do lado direito da pia da cozinha do que no esquerdo — tio Pedro respondeu naquele habitual tom de detentor de todo conhecimento da porra do universo.

— Então coloca assim na sua casa, porra. Aqui em casa, quem manda na cozinha sou eu — argumentei, voltando o objeto para o lugar certo e ganhando um olhar de reprovação. — E não tente mudar o lugar de guardar os talheres de novo ou então irei contar a tia Sara o que aconteceu de verdade com o fuê favorito dela — avisei em tom de ameaça.

— Você não teria coragem! — ele disse.

— Será que não? — provoquei com uma risada. Eu jamais contaria a verdade para a minha tia, mas o tio Pedro não precisava saber disso.

— Você é um cuzão do caralho — reclamou.

Meu tio revirou os olhos, murmurando mais alguns palavrões e falando que eu era um pirralho que ainda tinha muito o que aprender sobre como as coisas funcionam em uma cozinha de verdade. Soltei uma risada. Como se eu não fosse um dos cozinheiros mais famosos e bem-conceituados do Rio de Janeiro. E, se cheguei até aqui, é muito por influência dele. E, só por isso, deixava esse velho ranzinza que eu tanto amava cozinhar na minha nova cozinha planejada, usando meus utensílios novinhos em folha.

Lara e eu finalmente tínhamos nos mudado para nossa casa própria. Demorou até acharmos o lugar dos sonhos, mas, na primeira visita a essa casa, a gente soube que nossa história precisava continuar sendo escrita aqui. A construção de dois andares tinha espaço suficiente para nossa

família que estava prestes a crescer ainda mais. Mas, a melhor parte, era o quintal. Minhas garotas sonhavam com um lugar espaçoso para que elas pudessem plantar o maior número de flores possível e, aqui, espaço era o que não faltava.

. — Vem, vocês precisam ver as dormideiras que eu plantei com a mamãe no jardim — Ali disse para os primos mais novos.

Minha pequena, que já não era tão pequena assim, tinha se tornado uma espécie de líder da gangue dos minis Diniz-Avelar-Werberg. Celina, a filha mais velha de Caio e Cora, era a segunda no comando. Além de Celina, os dois eram os pais das gêmeas recém-nascidas Cléo e Clara. Nick e Gabi também tiveram seus primeiros filhos alguns anos atrás. Os gêmeos Nicole e Gabriel amavam correr atrás das priminhas mais velhas e imitar tudo que elas faziam.

Era gostoso ver como todos se davam bem, apesar de algumas brigas acontecerem às vezes, afinal, eram todos crianças. Mas cinco minutos depois ninguém se lembrava da briga e já estavam se amando de novo. Ver Ali crescer cercada de família, e encontrar neles os seus melhores amigos, foi um dos motivos que me fez voltar para Teresópolis anos atrás.

O outro motivo foi reconquistar Lara.

E, caralho... Eu havia sido bem-sucedido nas duas coisas.

Lara Avelar tinha se tornado, oficialmente e perante a lei, Lara Diniz um ano atrás. A cerimônia aconteceu no *Petite Poirot*, apenas para nossa família e amigos mais próximos. Minha garota fez questão de fazer toda a decoração com suas flores favoritas e eu exigi ser o responsável por fazer o nosso bolo. Cometemos a loucura de convidar Nick para ser o celebrante, o que garantiu risadas de todos os convidados. Mas, quando Alice entrou carregando as alianças, em um vestido que parecia uma versão infantil do de Lara, vários olhos se encheram de lágrimas. Incluindo os meus. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.

Avistei minha esposa finalizando a arrumação da mesa para o almoço. Cada lugar à mesa tinha um nome cuidadosamente escrito em cartões florais elegantes, indicando onde cada membro da família deveria se sentar. Cobrindo os pratos, pequenas cúpulas de prata reluziam, ocultando uma surpresa especial para os nossos convidados.

— Você está muito gostosa com esse vestido — disse ao me aproximar da minha esposa, abraçando-a por trás e usando uma das mãos para girar seu rosto na direção do meu e poder beijá-la na boca. De todos os sabores

do mundo, esse só perdia para o sabor delicioso de quando ela gozava na minha boca.

— Os meus peitos quase não couberam nele — brincou. — Será que vou me acostumar com eles na versão grande?

Virei seu corpo de maneira que ficasse de frente para o meu e depositei um beijo no vão entre seus seios.

— Eu já estou cem por cento acostumado, gostosa — sussurrei em seu ouvido e notei quando arrepios percorreram a pele do seu braço.

— Se você continuar falando comigo assim, amor, teremos que ser deselegantes e subir para o quarto para dar uma rapidinha enquanto os convidados ficam aqui embaixo nos esperando... — sussurrou de volta e, em seguida, usou os dentes para morder meu lábio inferior, me provocando.

— *Provocadorazinha* do caralho — falei enquanto deslizava minhas mãos pela lateral do seu corpo até alcançarem a sua bunda, apertando-a e fazendo Lara soltar um gemido baixinho.

Quando eu estava prestes a puxá-la para o andar de cima e deixar os nossos convidados se perguntando para onde fomos, o som de uma tosse forçada nos interrompeu.

— Ah, desculpa, nem tinha percebido vocês aí — Cora debochou. Como de costume, ela usava um *sling* com minhas duas sobrinhas dentro.

— Porra, Cora, você é muito empata foda — reclamei.

— Primeiro, isso não é hora de foder. Vocês podem transar o quanto quiserem quando formos embora. E, segundo, considere isso uma vingança por todas as vezes que você empatou a minha foda com Caio enquanto morávamos na casa do senhor e senhora Diniz — ela respondeu. Lara nem sequer tentou conter uma risada. — Preciso trocar essas duas garotinhas. Posso usar o quarto?

— A casa é sua, Cora. Não precisa nem perguntar — Lara falou. — Vou lá te ajudar a trocar as fraldas. — Virando-se para mim, completou. — Amor, pode pegar na estufa o arranjo que trouxe ontem da Pétala & Flor e colocar aqui no centro da mesa? Só falta isso para finalizar.

— Deixa comigo, amor — garanti.

Além de um quintal grande suficiente para as meninas terem um jardim, também tínhamos construído uma miniestufa. Lara gostava de, algumas vezes na semana, trabalhar de casa para poder ficar mais tempo com Ali. Além de continuar gerenciando a Pétala & Flor com maestria, Lara também dava aulas de jardinagem infantil em alguns dias. E, por isso, tinha

contratado duas mulheres para ajudá-la na floricultura, que estava cada dia ficando mais famosa.

A campainha da minha casa tocou assim que coloquei o arranjo no centro da mesa.

— Papai, a vovó chegou — Ali veio correndo me avisar, com minha mãe vindo logo atrás dela.

— Desculpa a demora, filho. — Ela me deu um abraço e um beijo no rosto. — O voo atrasou por conta de uma tempestade, mas finalmente chegamos. Perdemos alguma coisa?

— Não, vocês chegaram bem a tempo — falei.

Minha mãe e eu tínhamos encontrado uma forma de fazer nosso relacionamento funcionar, o que é bem mais do que posso dizer do meu pai. Enquanto ele segue apenas me mandando cartões anuais de aniversário e natal, minha mãe faz ligações semanais para saber como as coisas estão. E ela não faz isso apenas por fazer, ela realmente se interessa no que está acontecendo em nossas vidas. É bem mais do que o Ian adolescente sonhou e é exatamente o que o Ian adulto precisa.

— Está gostando do Brasil, Kyle? — perguntei ao novo namorado da mamãe.

— *Sí,* é *mucho* lindo aqui — respondeu em português com um sotaque engraçado.

— O português dele está meio enferrujado, então às vezes mistura com o espanhol — mamãe contou.

Minha mãe tinha se mudado para Polônia logo depois do meu casamento com Lara. E, nos primeiros meses por lá, conheceu Kyle. Ele é escocês, mas, assim como minha mãe, estava morando no país a trabalho. Eu o conhecia apenas por videochamada, mas Kyle parecia ser gente boa e minha mãe parecia feliz.

— Agora que todos já estão aqui, o que acham de começarmos o almoço? — Lara sugeriu. — Procurem seus nomes e sentem nos seus lugares.

Foi uma confusão divertida enquanto minha mãe, Kyle, Henri, Mel, Olívia, Léo, tia Sara, tio Pedro, Gui, Betina, Nick, Gabi, Cora, Caio e as crianças, que nem sequer sabiam ler, procuravam seus lugares. Esperamos até que todos estivessem a postos para continuar nosso discurso.

— Antes de começarmos a comer, gostaríamos de agradecer a todos por estarem aqui e por nos ajudarem a transformar esta casa em um lar — Lara

disse com um sorriso.

— E, além da comida saborosa para comemorar, temos uma pequena surpresa para vocês — continuei. Troquei um olhar com Lara, que assentiu. — Podem levantar a cúpula que cobrem seus pratos.

Meu coração parecia prestes a sair pela boca e, pela expressão no rosto de Lara, o dela parecia ir pelo mesmo caminho. Minha esposa segurou o colar que não tirava do pescoço, o mesmo que dei anos atrás, como sempre fazia quando estava ansiosa.

— Por que caralhos tem um monte de flor azul no meu prato? Você fez aquele tal de PANC de novo, Ian? Pô, parceiro, aí é foda — Nick falou.

— Lê o papel, Nicolas — avisei.

— Ah, Deus! É verdade? — Olívia foi a primeira a perguntar, com os olhos lacrimejando, depois de ler o próprio papel no qual estava escrito "*parabéns, você vai ser vovó*".

— É muito, muito verdade — Lara respondeu.

— No papel está escrito "*parabéns, você vai ser titio*" — Nick continuou. — Não entendi. Como assim vai ser? Eu já sou tio de quatro garotinhas...

— E agora vai ser de um garotinho — falei.

Lara colocou a mão por cima da barriga, a acariciando, e Nicolas finalmente entendeu o que queríamos dizer.

— Você está grávida? — Ela assentiu. Nick sorriu por um minuto e depois fez uma careta. — Ah, não. Porra, você engravidou a minha irmãzinha, parceiro?

— A sua irmãzinha é minha esposa, Nick.

— Você também engravidou a minha tigrinha com um bebê, Nick — tio Gui entrou na conversa.

— Na verdade, foram dois bebês, sogrão. Ao mesmo tempo. Respeita o pai — disse batendo no próprio peito.

— Essa é a novidade que queríamos compartilhar. Na verdade, a gente já sabe disso há um tempinho, mas queríamos contar pessoalmente, quando toda a família estivesse reunida em um só lugar — Lara disse, olhando para minha mãe, que abriu um sorriso de gratidão. — Nós estamos muito, muito felizes.

— Eu vou ganhar um irmãozinho? — Ali perguntou. Nós tínhamos mantido segredo dela porque, assim como Nick, minha primogênita tinha uma boca de sacola.

— Você vai, pequena — respondi.

— Ah, meu Deus. Eu queria muito, muito mesmo um irmão. — Ela levantou e foi correndo abraçar a Lara e, depois, a mim. — Obrigada, mamãe. Obrigada, papai. Esse é o dia mais legal da minha vida. Eu prometo que vou ajudar a trocar a fralda dele e também a dar banho.

— Obrigada, Ali. Tenho certeza que você será a melhor irmã mais velha do mundo todinho e seu irmãozinho já te ama muito — Lara disse.

— Eu também amo muito ele — Ali disse, dando um beijo na barriga de Lara.

— Eu não poderia estar mais feliz por vocês dois — minha mãe disse, levantando para nos abraçar.

Os outros convidados imitaram o gesto, enquanto nos parabenizaram. Os risos se misturaram às lágrimas de felicidade, enquanto abraços e beijos eram trocados por toda parte. Meu garoto nem tinha nascido e já era imensamente amado.

— Se vocês já sabem que é um menino, então, quer dizer que já sabem o nome também? — Mel quis saber.

— Nós já sabemos. — Lara me olhou em busca de aprovação antes de prosseguir e eu sorri em resposta. — O nome dele é Liam.

— Liam. Eu gosto desse nome — senhor Leonardo disse.

Na tarde em que descobrimos que o bebê era um menino, começamos a pensar em nomes. De brincadeira, Lara sugeriu que o nome dele fosse uma junção dos nossos, já que ele era a "junção do nosso amor", nas palavras dela. No começo achamos engraçado, mas, depois de um tempo, chegamos à conclusão que era a melhor ideia que poderíamos ter e o que começou como uma brincadeira virou realidade.

— Será que podemos comer agora? — minha esposa perguntou, enxugando dos olhos as últimas lágrimas de emoção que teimavam em cair. — Estou morrendo de fome e, agora, eu como por dois.

— Espere até você começar a amamentar, cunhadinha — brincou Cora.

— Mal posso esperar para ver você deixar o Ian maluco com os desejos de grávida — foi a vez de Gabi dizer.

— Pô, deu até vontade de comer de novo aquela pizza de sardinha com cobertura de creme de avelã. Aí, parceiro, se você fizer uma dessas pra minha irmã, manda um pedaço pra mim — Nick pediu.

— Como você pode ter saído do mesmo útero que eu, porra? — Caio disse com um olhar julgador.

O almoço prosseguiu com conversas animadas sobre gravidez, o futuro bebê, histórias engraçadas e planos para o que estava por vir. Ali e Lara já estavam tendo ideias para o quarto de Liam e as vovós Bibi, Olívia e Sara já estavam numa disputa de quem mimaria mais o netinho que só chegaria dali alguns meses. Meu coração se sentia tão cheio de amor quanto a nossa mesa estava cheia das pessoas que mais amávamos.

A nossa casa nova era incrível, mas, melhor do que isso, era saber que não importa como seja a construção em que moramos, aquelas pessoas ali, ao redor da nossa mesa, sempre seriam a nossa verdadeira casa. E, não importa quão longa seja a dose de tempo que precisamos para nos recuperar de algo, sempre encontraríamos nossos caminhos de volta para elas. Porque essas pessoas são a nossa verdadeira casa.

Agradecimentos

Será que se a gente se recusar a escrever esse agradecimento isso significa que poderemos morar nesse universo para sempre?

Tudo bem, tudo bem, sabemos que não funciona assim. Mas olha… É difícil dizer encerrar (meio que pela segunda vez) um universo que amamos tanto quanto esse.

Primeiramente, gostaríamos de agradecer às nossas leitoras mais antigas. Cada uma que está com a gente desde o início do universo da Editora Werberg e que viu nos Irmãos Avelar uma chance de voltar para casa junto conosco. Às novas leitoras, que vieram através de Nick, Caio e agora Lara e decidiram ficar e fazer parte da nossa found family.

Às Nathametes, o nosso fã-clube oficial, que surtam toda semana com as pistas, os spoilers, as revelações antecipadas e tudo que conseguem tirar de nós.

Às Ex-Robôs, agora com um nome que não pode ser mencionado aqui, por serem nossas linhas de frente, as pinschers que se falarem mal de Nathami vão atirar primeiro e perguntar depois.

À nossa equipe: Bea, Bibi, Lau, Panda, Zayra, Lule, Bina, Carol e Pry. Obrigada por estarem conosco em cada passo do caminho e por tornarem nosso sonho real dia após dia. Amamos vocês!

Às betas rotativas, Deia, Talita, Let e Lu, por cada surto e comentário quando os capítulos eram disponibilizados.

À nossa revisora e assessora Panda (novamente), por ser nosso braço direito e aquele com quem podemos contar quando queremos xingar algo (ou alguém). Te amamos!

Também queremos agradecer uma à outra por esses cinco anos que escrevemos juntas e por toda a amizade que transcende trabalho, caos e confusão. Nós voltamos mais fortes do que uma trend dos anos 90 e esse é só o começo.

Dessa vez, também queremos agradecer à Mel, Henri, Léo, Olívia, Pedro, Sara, Gui e Betina. Se não fosse por eles, os Irmãos Avelar não

existiriam. Se eles não tivessem nos mostrado como era estar em casa, não teríamos para onde voltar.

É difícil chegar ao fim, mas todo fim também é o início de algo novo. Este não é um adeus, é só um até logo, prometemos.

Vocês nos acompanharam de volta para casa e agora… Bom, gostariam de ir com a gente para a nossa casa de praia?

Esperamos cada uma de vocês conosco quando formos mergulhar de cabeça nas águas cristalinas (e repletas de tartarugas) de Costa dos Corais.

Com amor,

Nathami



Queria começar dizendo que não foi fácil escrever esse livro e não teve nada a ver com a história dele.

A maioria de vocês não sabe, mas meados de junho, enquanto estávamos no ápice da escrita do livro, meu pai teve um infarto. Foram aproximadamente 20 dias de internação no hospital entre o dia do acontecido e a alta para casa. Meu pai precisou passar por uma cirurgia de revascularização do miocárdio no dia 1 de julho e, felizmente, agora está bem e se recuperando.

Pra quem não me conhece tão bem, aí vão algumas informações sobre mim. Sou filha única. Moro com meu marido em Teresópolis, cidade à 1h30 do Rio de Janeiro, onde nasci, cresci e onde meus pais moram até hoje. Quando tudo aconteceu, minha vida se transformou em um caos. Primeiro, porque interrompi absolutamente tudo para poder dar auxílio aos meus pais. Segundo, porque eu estava emocionalmente devastada. Fiquei sem trabalhar, saí da minha casa e fui para a casa dos meus pais, onde cuidei do cachorro deles enquanto meu pai permanecia internado.

Meu pai é uma das pessoas mais importantes da minha vida. Ele é, de longe, o cara mais simpático, gentil, esforçado e bondoso que eu já conheci. Ele é responsável por boa parte de quem pude me tornar. Foram momentos difíceis, mas passamos.

Estou escrevendo isso tudo para vocês, porque queria deixar claro que esse livro não existiria sem algumas pessoas. Primeiramente, Nath, minha parceira e amiga, que carregou boa parte dele enquanto eu estava imersa em toda essa situação. Depois, toda nossa equipe, especialmente Panda e as betas, que foram compreensivas o suficiente para entenderem tudo e o fato de que ficamos praticamente 1 mês sem entregar nenhum capítulo. Um muito obrigada especial à Luana Tôrres, que veio no meu privado pedir notícias quando tudo se acalmou e dar um acalento no meu coração. E por

fim, a minha amiga Dri Satys, que me acompanhou em vários sprints de escrita enquanto eu tentava retomar o ritmo depois de toda essa turbulência.

Então, esse agradecimento é pra vocês, meninas. Por terem estado comigo em um dos momentos mais difíceis da minha vida. Obrigada pelo apoio, pelo suporte e por terem esperado o meu tempo. (Vocês não sabem, mas o lançamento foi adiado duas vezes devido a tudo isso). Amo muito vocês e sou muito feliz por ter cada uma na minha vida.

Com amor,

Tami (50% de Nathami)

PS: Este agradecimento não foi revisado porque a intenção era ser surpresa também para a revisora, então relevem qualquer erro cometido.

ENCONTRE OUTRAS OBRAS DAS AUTORAS

CLICANDO AQUI